



A m i l t o n   C a r d o s o   E l i a s

# O CENTENÁRIO DO HERD-BOOK COLLARES

---



**100**  
ANOS

A m i l t o n   C a r d o s o   E l i a s

# O CENTENÁRIO DO HERD-BOOK COLLARES

---



**100**  
ANOS

Apoio cultural:



Apoio:



Este livro é dedicado à memória de  
José de Almeida Collares.

Copyright© 2006 by Amilton Cardoso Elias

Capa, projeto gráfico e diagramação: Rafael Zart  
Editoração e produção gráfica: Futura.rs Comunicação & Marketing  
Revisão e fotos: ANCHB Collares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Elias, Amilton Cardoso

O Centenário do Herd-Book Collares: 100 anos /

Amilton Cardoso Elias. – Pelotas, RS:

Futura.rs Comunicação & Marketing, 2006.

Bibliografia

1. Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares – Pelotas (RS) – História I. Título.

06–6204

CDD–636.006

Índices para catálogo sistemático:

1. Rio Grande do Sul: Pelotas 636.006
2. Rio Grande do Sul: História 636.006



Rua Anchieta, 2043  
Centro • Pelotas/RS  
CEP: 96015-420  
(53) 3222 4576  
[www.herdbook.org.br](http://www.herdbook.org.br)  
[herdbook@herdbook.org.br](mailto:herdbook@herdbook.org.br)



Rua Barão do Guaíba, 818  
Menino Deus • Porto Alegre/RS  
CEP: 90850-120  
(51) 3231 4900  
[www.futurars.com.br](http://www.futurars.com.br)  
[futurars@futurars.com.br](mailto:futurars@futurars.com.br)



## Agradecimentos

Agradecer é ter a certeza de que se vai cometer uma injustiça . É cometer o pecado de não citar alguém que foi imprescindível na execução de um projeto. Mesmo assim vou assumir os riscos.

Não posso deixar de agradecer à Diretoria do Herd-Book Collares, nas pessoas dos senhores Dr. José Roberto Pires Weber - Presidente, Dr. Joaquim Francisco Borda-gorry Assumpção Mello – Tesoureiro e Dr. Mario Ubirajara Rota Anselmi – Secretário , pela confiança depositada na execução deste trabalho.

A José de Almeida Collares – um Mestre –, pelo eterno empenho em anotar tudo, o que facilitou em muito a árdua tarefa de pesquisar.

A Jean Pierre Martins Machado, pela luxuosa colaboração nas pesquisas referentes às raças e pela benevolência em ceder graciosamente seu acervo fotográfico.

A Carlos Alberto da Silva Barreto, um grande incentivador. Sem seu precioso e oportuno apoio o projeto sequer teria saído da gaveta.

Agradeço indistintamente a todos os colegas de serviço, que se constituíram numa espécie de *equipe de apoio*, quer ajudando na compilação dos dados necessários, quer contribuindo com idéias ou mesmo ajudando a lembrar de fatos e datas importantes.

A todos, o meu eterno reconhecimento.

## Índice

|                              |    |
|------------------------------|----|
| A Palavra do Presidente..... | 16 |
| Prefácio .....               | 17 |
| Diretoria Atual .....        | 20 |

### Capítulo I

|                                                                              |    |
|------------------------------------------------------------------------------|----|
| O início de tudo.....                                                        | 23 |
| Leonardo Brasil Collares.....                                                | 24 |
| Ata de fundação da Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense..... | 31 |
| Homenagens ao idealizador do primeiro Herd-Book brasileiro.....              | 32 |
| José de Almeida Collares.....                                                | 34 |
| Ex-Presidentes .....                                                         | 37 |
| Os cem anos .....                                                            | 41 |

### Capítulo II

|                                                                             |    |
|-----------------------------------------------------------------------------|----|
| As histórias do Registro Genealógico .....                                  | 45 |
| Primórdios.....                                                             | 46 |
| Importações de animais .....                                                | 46 |
| Exposições .....                                                            | 48 |
| Conceito na comercialização de Puros de Origem .....                        | 51 |
| Sucessores de criações iniciadas nos primórdios do Herd-Book Collares ..... | 51 |
| Negócios em tempos difíceis .....                                           | 55 |
| Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense .....                  | 55 |
| Cuidados e precauções .....                                                 | 57 |
| Plantel formado a partir de um só ventre .....                              | 58 |
| Visitas que honraram e honram a entidade .....                              | 59 |
| Publicações.....                                                            | 62 |
| Entidades fundadas sob os auspícios do Herd-Book Collares .....             | 64 |
| Provas de apreço e contribuições .....                                      | 64 |
| Congresso Internacional de Roma.....                                        | 66 |
| Registros que fugiam às normas tradicionais .....                           | 67 |
| O Rio Grande do Sul nas exposições da Argentina e do Uruguai.....           | 68 |
| Um presente valioso .....                                                   | 70 |
| Juízes no exterior .....                                                    | 71 |
| O Hereford número 10.000.....                                               | 71 |
| Exportações para a Europa.....                                              | 72 |
| Datas e fatos importantes .....                                             | 72 |
| Épocas de numerosas importações de bovinos.....                             | 74 |
| Primeiros bovinos importados, por País .....                                | 75 |

|                                                                                               |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Primeiros criadores de outros Estados .....                                                   | 76  |
| Comparações entre as formas de criação .....                                                  | 77  |
| Comemorações do Cinquentenário do Herd-Book Collares .....                                    | 80  |
| Comemorações alusivas ao 65º aniversário .....                                                | 81  |
| Uma importação comentada .....                                                                | 81  |
| Como nasceram as Provas Zootécnicas .....                                                     | 82  |
| Publicações das Provas Zootécnicas .....                                                      | 84  |
| Promebo® – Programa de Melhoramento de Bovinos de Carne .....                                 | 85  |
| Anotações sobre a raça Normanda .....                                                         | 87  |
| Uma empresa de Utilidade Pública .....                                                        | 88  |
| Homenagens prestadas por entidades congêneres .....                                           | 89  |
| Portarias importantes .....                                                                   | 89  |
| Comenda Leonardo Brasil Collares .....                                                        | 90  |
| Prêmio José de Almeida Collares .....                                                         | 92  |
| Representantes do Ministério da Agricultura .....                                             | 93  |
| Registros que iniciaram no Herd-Book Collares e que já não estão<br>mais sob sua guarda ..... | 94  |
| Funcionários e auxiliares .....                                                               | 95  |
| Funcionários atuais, por ordem de ingresso .....                                              | 96  |
| Ex-funcionários .....                                                                         | 97  |
| Internet .....                                                                                | 98  |
| Serviços terceirizados .....                                                                  | 99  |
| Ibagé, atual Brangus .....                                                                    | 99  |
| Blonel .....                                                                                  | 100 |
| Origem e História da Raça .....                                                               | 100 |
| Comprovações técnicas .....                                                                   | 102 |
| A opinião dos pioneiros .....                                                                 | 103 |

### Capítulo III

|                                                         |            |
|---------------------------------------------------------|------------|
| <b>Primeiros animais registrados em cada raça .....</b> | <b>107</b> |
| <b>Registros de Bovinos .....</b>                       | <b>109</b> |
| Shorthorn .....                                         | 109        |
| Aberdeen Angus .....                                    | 122        |
| Artigo sobre <i>Red Angus</i> .....                     | 131        |
| Ayrshire .....                                          | 134        |
| Blonde d'Aquitaine .....                                | 140        |
| Charolês .....                                          | 147        |
| Devon .....                                             | 157        |
| Dinamarquesa Vermelha .....                             | 163        |
| Flamenga .....                                          | 167        |
| Galloway e Belted Galloway .....                        | 171        |
| Belted Galloway .....                                   | 176        |

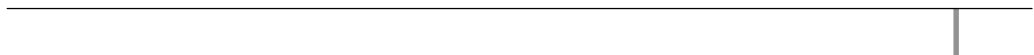
|                                             |            |
|---------------------------------------------|------------|
| Herens .....                                | 179        |
| Hereford .....                              | 183        |
| Polled Hereford .....                       | 194        |
| Lincoln Red .....                           | 195        |
| Maine Anjou .....                           | 199        |
| Normando .....                              | 203        |
| Pinzgauer .....                             | 209        |
| Red Poll .....                              | 214        |
| Salers .....                                | 220        |
| South Devon .....                           | 225        |
| Sussex .....                                | 229        |
| Tarentaise .....                            | 234        |
| Bovinos puros por cruzamento .....          | 237        |
| Cruzamento sob controle de genealogia ..... | 243        |
| Animais de livro aberto .....               | 247        |
| Touros e vacas Top Ten .....                | 248        |
| <b>Registros de Equinos .....</b>           | <b>254</b> |
| Morgan .....                                | 254        |
| Origem e História da Raça .....             | 254        |
| A Raça Morgan Hoje .....                    | 256        |
| A Linhagem Lippitt .....                    | 257        |
| Percheron .....                             | 261        |
| Origem e História da Raça .....             | 262        |
| Características .....                       | 263        |
| Marchador do Tennessee .....                | 265        |
| Origem e História da Raça .....             | 265        |
| Características .....                       | 266        |
| Os Três Passos .....                        | 266        |
| Finalizando .....                           | 268        |
| Lei 4.716 .....                             | 269        |

## **Capítulo IV**

|                                                                          |            |
|--------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>Regulamentos .....</b>                                                | <b>271</b> |
| Regulamento do Serviço de Registro Genealógico de Bovinos .....          | 272        |
| Regulamento do Serviço de Registro Genealógico de Equinos .....          | 308        |
| Regulamento do CDP – Controle de Desenvolvimento Ponderal .....          | 323        |
| Manual do Promebro® – Programa de Melhoramento de Bovinos de Carne ..... | 327        |

*“Os Registros são uma instituição  
de mútua cooperação  
que repousa, exclusivamente,  
na honorabilidade do criador e  
na confiança recíproca  
em que se devem inspirar  
Registro e Criadores.”*

Leonardo Brasil Collares





A comemoração de um centenário é sempre uma data especial e significativa. É difícil alcançar os cem anos de existência, quer uma pessoa, quer uma entidade. Esta, quando alcança um século, sem dúvida que é o resultado do trabalho de muitos. É o que está acontecendo neste ano de 2006, quando a Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares completa seu centenário, fruto da inspiração e

dedicação, especialmente, de dois homens, Leonardo Brasil Collares e José de Almeida Collares, que doaram boa parte de suas vidas para registrar a genética de significativa parte da pecuária do Brasil.

Assim, buscando resgatar a história e destacar a atuação dos que colaboraram para que estejamos comemorando estes 100 anos, esta Diretoria que temos a honra de presidir empenhou-se na publicação deste trabalho. Na verdade, entendemos que tínhamos o dever de compilar o que foi feito, resgatando assim a participação dos que ajudaram esta associação a atravessar este largo espaço de tempo, com certeza, entremeados de inúmeras dificuldades, vencidas com denodo, determinação e trabalho. Nesta obra é resgatada a participação de todos os envolvidos, dirigentes, funcionários e produtores, indispensável e fundamental para que tenha sido completado um século de registro genealógico de raças bovinas e eqüinas. Por outro lado, é importante ser ressaltada nossa responsabilidade, no sentido da continuidade deste trabalho, numa demonstração do reconhecimento e agradecimento aos que nos antecederam e num compromisso e obrigação com os que nos sucederão. Este é o objetivo que vamos perseguir, com entusiasmo e com o apoio dos pecuaristas do nosso país. Resta destacar a disponibilidade, a competência e a dedicação do autor da obra, o engenheiro agrônomo Amilton Cardoso Elias que, além de suas qualidades pessoais, é colaborador da nossa entidade, onde atua há mais de 30 anos, com conhecimento direto do trabalho desenvolvido e afeição pela mesma.

Estamos extremamente felizes em podermos perpetuar nesta publicação os aspectos principais desta centenária entidade, o que servirá para demonstrar a saga do pecuarista brasileiro na preservação e melhoramento da genética do rebanho nacional. Finalmente, agradecemos também aos que viabilizaram esta publicação, em especial à Copesul, na pessoa, do seu presidente, Dr. Luiz Fernando Cirne Lima, à Secretaria Estadual da

Agricultura e Abastecimento do RS, na pessoa do Secretário, Dr. Quintiliano Machado Vieira, e à Emater, na pessoa do seu presidente, Dr. Ricardo Altair Schwarz. Que sirva esta obra como exemplo dos resultados positivos de um trabalho feito com dedicação, entusiasmo e competência.

José Roberto Pires Weber.



# Prefácio

## Instituição Benemerita

Paulo Brossard de Souza Pinto

De uma instituição se pode dizer que é uma idéia que dura. E quando perdura e se prolonga por mais de cem anos, o fato ganha relevo, especialmente quando não são muitas no mesmo meio social, nem de natureza semelhante.

Também é de ser apreciado o momento e as circunstâncias em que o fenômeno veio a ocorrer. No caso, ele começou na primeira década do século passado. No anterior, é de lembrar-se, a sociedade estava em formação, ocupando aos poucos imensos vazios sociais, e não faltavam conflitos a embaraçar iniciativas úteis – o da Cisplatina, o Farroupilha, o das guerras do Prata, a longa e penosa guerra do Paraguai, por fim, a dolorosa revolução federalista. Enfim, muita bravura e muitas cruces.

Cicatrizavam as feridas da guerra civil e não faltavam espaços à espera da ação fecunda do trabalho quando, no seio da Associação Rural de Bagé, então fundada<sup>1</sup>, o engenheiro agrônomo Leonardo Brasil Collares concebeu a criação de um serviço genealógico de bovinos e eqüinos: decorridos dois anos, o mesmo visionário, em Pelotas, concretizou a idéia. Foi em 1906.

Dir-se-ia prematura a iniciativa, pois, a rigor, pouco haveria a nele registrar. A propósito, ao tempo em que a sangrenta revolução chegava a seu termo, iniciativas as negociações entre o general João Nunes da Silva Tavares e o representante do presidente Prudente de Moraes, o general Inocêncio Galvão de Queirós, o médico Ângelo Dourado chegava à margem esquerda do Pirai, na altura do Passo do Viola, e deixava este registro: “fiz o meu acampamento na estância do major Pedro Borba, isto é, na esplêndida, porque no campo não se vê uma rês”.<sup>2</sup> E mais tarde, em 1912, falando no Congresso Rural de Santa Maria, a propósito do reduzido número de bovinos nos campos, Assis Brasil recomendava a criação de ovinos para, em menos tempo e com menor investimento, repovoar os campos.<sup>3</sup> Era natural que esta fosse a paisagem, pois durante a luta ambas as forças se alimentavam de carne assada, temperada com cinza, onde fossem encontrados animais, e da Companhia foi grande a emigração para onde houvesse segurança e condições para o trabalho regular.

Não estranha, em 1906, fossem poucos os primeiros animais a serem inscritos no nascente registro genealógico rio-grandense: não mais que sete machos e seis fêmeas Shorthorn e um macho Aberdeen Angus. No ano seguinte veio a ser inscrito um Hereford, o primeiro de uma raça que se expandiria largamente.

<sup>1</sup> José Otávio Neto Gonçalves e Elida Hernandez Garcia, Rural – Associação e Sindicato de Bagé - 100 anos, 2004, p.29 e 176. O centenário do Herd-Book Collares (ata de 15 novembro de 1921), p 31

<sup>2</sup> Ângelo Dourado, Voluntários do Martírio, 1896 e 1971, p.402

<sup>3</sup> Paulo Brossard, J.F. de Assis Brasil, 2001 2ª ed. P.107

Até 1910, eram 84 os inscritos, 56 machos e 28 fêmeas, sendo 51 Shorthorn, 1 Aberdeen Angus e 32 Hereford.

Não obstante a modéstia das inscrições nos primeiros anos, o Registro Genealógico Sul-rio-grandense se manteve, esperando que a criação crescesse e progredisse. E cresceu e progrediu, como sonhara seu idealizador, mercê da sociedade com que o serviço veio a ser executado, ano após ano, e a conseqüente confiança que, desde cedo, passou a inspirar.

E os rebanhos se expandiram, a zootecnia apurou-se, novas técnicas de manejo se tornaram conhecidas, campanhas saneadoras sistematicamente promovidas, como a vacinação contra a aftosa e o combate à sarna ovina, a fecundidade do processo da inseminação, investimentos crescentes e trabalho incessante, mudaram o mapa rural do Rio Grande. E para que se tenha um resumo do que foi feito, a despeito de incompreensões e preconceitos renovados, segundo os registros da Associação Nacional de Criadores, de 1906 a 30 de junho de 2006, o serviço inscreveu 1.264.744 bovinos e 2.289 eqüinos, num total de 1.267.033 animais. Também avaliou o desempenho de 626.329 bovinos e bubalinos junto ao Promebo® - Programa de melhoramento de Bovinos de Carne e 105.991 no CPD – Controle de Desenvolvimento Ponderal. Com efeito, os plantéis foram se formando e crescendo as importações de bons reprodutores, do Uruguai, Argentina e d'além mar, e o comércio de linhagens de escol das raças preferidas começavam a povoar os campos. Por sua vez, as primeiras associações rurais acabavam de surgir, em Pelotas, Jaguarão, Bagé, a aproximar e estimular os produtores rurais e a vencer sua natural segregação acentuada pelas distâncias entre eles. As exposições feiras também tiveram início e se tornaram mais ou menos regulares, a exhibir o que se produzia no fundo das estâncias e a ensejar seu comércio. Em Montevideo realizava-se a exposição do Prado e em Buenos Aires a de Palermo, e aqui chegavam os ecos de sua importância.

A qualidade e variedade dos rebanhos se aprimoravam, a despeito das crises, como a do início dos anos 20 e depois dos anos 30. E quando se realizou em Porto Alegre a exposição estadual comemorativa do centenário farroupilha, viu-se quanto progredira a indústria rural. E agora, ao ver as notáveis exposições que se sucedem pelo Rio Grande,

particularmente a de Esteio, internacional desde 1972, pergunto-me se elas teriam multiplicidade e pujança crescentes, de ano a ano, não fora o germe fecundante introduzido por um sonhador, que fizera crescer o serviço cuja utilidade talvez ainda não tivesse sido dimensionada e reconhecida. É claro que outros fatores, distintos e autônomos, foram surgindo e se entrelaçando e, reciprocamente, se estimulando e estimulando o produtor esclarecido ou obscuro.

O livro que brotou da identificação funcional à casa em que trabalha o engenheiro agrônomo Amilton Cardoso Elias poderá não haver documentado tudo, mas muito do que se passou no âmbito do registro genealógico, ao longo dos cem anos de atividade, foi relatado de maneira objetiva. Nele se encontra a reconstituição histórica da benemérita instituição que hoje se chama Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares, mas é mais do que o apontamento regular de sua atuação, inverno e verão, é documentário fiel de boa parte das mutações formidáveis da vida do campo no Rio Grande e no país, suas aflições e vitórias. Além de informações valiosas, contém relatos criteriosos das raças aqui desenvolvidas e em vias de desenvolvimento, suas características, padrões, distinções e perspectivas, assim como de sua expressão quantitativa. A moda tem uma dimensão que nem sempre se avalia, mas é um fenômeno poderoso que tudo ou quase tudo envolve, até a zootecnia, e isso aparece claramente em muitos dados inventariados neste livro. Não preciso dizer que, sem prejuízo da objetividade de seus registros, este também é um livro de afetos, a mostrar o ambiente da casa, sua filosofia e estilos, aprimorados com o tempo e o caráter dos que nela trabalharam e trabalham. E já que falei em afetos, observo que o livro do centenário é dedicado à memória de José de Almeida Collares.

Os que o conheceram sabem o que ele foi no seio e no desenvolvimento da entidade, sua fidelidade exemplar, devotamento e exação em tudo que lhe dissesse respeito.

Muitos foram os que deram muito à Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares, mas, pelo que sei, ninguém deu mais do que ele ou quiçá tanto como ele.

Só me resta agradecer a honra com que fui distinguido para escrever esta página.

Seria imperdoável se deixasse de declinar meu desvanecimento e de manifestar minha homenagem pelos serviços prestados ao Rio Grande e ao Brasil, assim como a quantos se dedicarem e se consagram à atividade rural, pela instituição benemérita na passagem de seu primeiro centenário.

## **Diretoria Atual**

A atual Diretoria da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares, eleita e empossada em 12 de janeiro de 2004 , para o triênio 2004/2006 , ficou assim constituída:

Presidente: José Roberto Pires Weber

1º Vice-Presidente: Manoel Antônio de Macedo Linhares

2º Vice-Presidente: Luiz Eduardo Batalha

1º Tesoureiro: Joaquim Francisco Bordagorry Assumpção Mello

2º Tesoureiro: Oscar José Echenique Magalhães

1º Secretário: Mário Ubirajara Rota Anselmi

2º Secretário: André Plastina Gomes

## **Conselho de Representantes**

### **Membros Natos: (\*)**

José Paulo Dornelles Cairolí - *Presidente da Associação Brasileira de Angus*

Rubens Carlos Buschmann - *Presidente da Associação Brasileira de Criadores de Blonde d'Aquitaine*

Jamil Deud Júnior - *Presidente da Associação Brasileira de Criadores de Charolês*

João Vieira de Macedo Neto - *Presidente da Associação Brasileira de Criadores de Devon*

Fernando Lopa da Silva - *Presidente da Associação Brasileira de Criadores de Hereford e Braford*

Marco Aurélio Farias de Vasconcellos - *Presidente da Associação Brasileira de Criadores do Cavalo Morgan.*

Victor Zühlke Falson - *Presidente da Associação Brasileira de Criadores de Normando*

Laura Savi da Silva Schroeder - *Presidente da Associação Brasileira de Criadores de Red Poll*

João Horácio Barreto da Costa - *Presidente da Associação Brasileira de Criadores de Shorthorn*

### **Membros Eleitos:**

Adroaldo Bernardo Pötter  
Caio César Fernandez Vianna  
Carlos Joaquim da Fontoura Rodrigues  
Dirceu Neto Dorneles  
Fernando Dornelles Pons  
José Feijó Garcia  
Lauro Moura Jardim  
Luís Antônio Martins Bastos  
Sérgio Santos Sant'Anna

### **Conselho Deliberativo Técnico**

Fernando Flores Cardoso - *Presidente*  
André Plastina Gomes  
Jean Pierre Martins Machado  
Kátia Huber Ribeiro  
Mercedes Maciel de Echenique  
Milene Bueno de Lima Susana  
Macedo Salvador Mário Luiz  
Picolli  
Luiz Ernani Anadon Cardozo (Representante do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento)

### **Conselho Fiscal**

Titulares  
Alfredo da Silva Tavares  
José Luiz Martins Costa Kessler  
Raul César Cavedon

### **Suplentes**

Ciro Manoel de Andrade Freitas  
Colmar Moreira Gonçalves  
Luiz Paulo G. Dutra

Os Membros Natos do Conselho de Representantes são os Presidentes das Associações promocionais de raças, cujos registros são efetuados pela ANC. O mandato de cada um é extinto no momento em que ele é substituído na presidência da associação que representa. A substituição de seu nome no Conselho se dá automaticamente.

# O Início



## **Leonardo Brasil Collares**

A vida no interior do Rio Grande do Sul, no final dos anos 1800, era tranqüila e pacata para quem habitava os campos da região da Campanha Gaúcha. Os dias transcorriam sem pressa. Aos cálidos verões, sucediam-se invernos rigorosos. Por sorte, entre um e outro sempre houve o resplendor da primavera e os tépidos dias do outono. Foi nesse ambiente que nasceu Leonardo Brasil Collares. A ele estava reservado influir de maneira decisiva na pecuária do Rio Grande e do Brasil. Era o dia 12 de junho de 1876. A sede da Estância Nova, nas Palmas, município de Bagé, estava em festa. Foram seus pais Alexandre José Collares e Silvana Brasil Collares.

O menino cresceu e desenvolveu-se num meio são e progressivo, tradicionalista e consciente do seu valor social e econômico. Passou a infância parte no campo e parte na cidade. Adquiriu, bem cedo, no contato imediato com a natureza, noção do dever permanente em relação ao próximo e ao trabalho. Na fazenda paterna, logo que pôde montar a cavalo, acompanhava contente as lidas campeiras. Participava de rodeios, de marcações, da formação de tropas. Essas atividades tinham, naquela época, um sabor lendário e eram poetizadas pelos costumes ainda primitivos da peonada e pela extensão dos campos abertos, que davam a todos a sensação de limitarem apenas com o infinito. Ali, também, viu em ação o código cavalheiresco dos nossos maiores e conheceu-lhes a nobreza e o vigor.

Nas festas e reuniões típicas da campanha e nos folguedos da cidade, aprendeu a urbanidade do nosso patriciado rural e aquele modo bem nativo de proceder e falar com o coração. O pai do Dr. Collares era um modelo de gaúcho, prudente e moderado, firme nas questões de honra, atento aos interesses morais e materiais da família e fiel aos amigos.

Praticava o bem pelo prazer de o praticar, avaliava os atos alheios segundo o seu mérito e não pela aparência. Pelo exercício constante da virtude, impôs-se à estima dos seus conterrâneos.

A Sr<sup>a</sup>. Silvana representava o padrão gaúcho de esposa e de mãe. Estimulava a todos com a vibração dos seus dotes morais. Animosa, acompanhava os seus nos momentos difíceis e regozijava-se com a ventura do próximo. Tinha sempre um gesto de amparo e uma palavra de conforto aos desvalidos e aos enfermos. O lar era um sítio pacífico e afetuoso, iluminado pela sua presença carinhosa.

O menino conheceu, no lar bem constituído, o valor da honestidade e da constância, enfim, todas as virtudes domésticas que formaram o caráter dos filhos e os prepararam para a cidadania perfeita. Formado por esses exemplos, começou os seus estudos em Bagé. Foi aluno do Colégio Stock. Passou à escola do tenente Júlio Mello, que era professor avisado, enérgico e disciplinador intransigente.

Algo impulsivo em certas ocasiões, embora sempre bem intencionado, o tenente Mello procurava incutir, nos seus alunos, boas noções elementares, firmeza de ânimo e lealdade ao Brasil. Os que lhe ouviram as lições sentiram, quando preciso, a rispidez das repreensões e a severidade dos castigos, porém, proclamavam o que lhe deviam e, sorrindo, narravam os exageros que jamais conseguiam anular a bondade cordial do mestre.

Talvez por influência materna – sua mãe era de origem mineira – o jovem Collares foi morar em Ouro Preto e, na velha cidade mineira, terminou os estudos secundários, onde também começou sua iniciação científica. Pensou, durante algum tempo, na Escola Naval. Por insinuação ou conselho paterno, matriculou-se na Escola de Agronomia Eliseu Maciel, em Pelotas. Aí concluiu o curso de Engenheiro Agrônomo, em 1900, e colou grau aos 15 de abril de 1901. No quadro de formatura, figuram José Vaz Bento e Victor Leivas, diplomados em 1895, Leonardo Brasil Collares, seu companheiro de turma, José Antônio Martins, o Diretor da Escola, Dr. José Cypriano Nunes Vieira e o Dr. Eliseu Antunes Maciel, epônimo do estabelecimento. Em nome da congregação, falou o prof. Dr. José Vaz Bento.

Habilitado para o exercício de sua profissão, o Dr. Collares concentrou logo, como por inclinação incoercível, todos os seus dons e conhecimentos na melhora da nossa pecuária. Examinou minuciosamente o assunto, pesou-lhe os elementos e todas as dificuldades, palestrou com amigos, uns entusiastas, outros indiferentes e organizou o plano, a cuja execução entregou-se.

Foi a necessidade que fez nascer os serviços de registro genealógico, pois era necessário manter com exatidão a crônica genética dos animais de pedigree. Assim, em 1904, apoiado pela Associação Rural de Bagé, o Dr. Collares fundou o Registro Genealógico. Depois de acumular bastante experiência e fazer os retoques necessários, ele organizou o primeiro Herd-Book brasileiro. Esse órgão, que a princípio abrangia *“qualquer das espécies de animais úteis ao homem”*, começou a funcionar aos 12 de agosto de 1906.

Modelado pelo sistema inglês, criterioso na inscrição de animais, com ele iniciou-se a orientação científica, de que provém a grandeza da nossa pecuária.

Alcançados os primeiros resultados promissores, a Associação Rural de Bagé deu ao registro o nome de Herd-Book Collares, antecipando, assim, o reconhecimento da posteridade.

O Dr. Collares teve, então, a suprema e rara ventura de sentir-se perpetuado e de saber que o seu nome estará presente, como benfeitor, nos nossos campos enquanto neles medrarem os rebanhos.



A justa ambição unificadora do fundador do Herd-Book Collares não resistiu à tendência moderna de dividir a tarefa para melhor executá-la. Já faz muito tempo que o Herd-Book Collares destina-se ao registro do gado bovino de corte e misto, exclusivamente para raças de origem européia, em todo o território nacional, juntamente com algumas raças eqüinas.

Para cumprir esta função de importância capital para a economia brasileira, constituiu-se em novembro de 1921, porém com sede em Pelotas, a Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense, da qual participam todos os criadores que inscrevem os produtos dos seus rebanhos no Herd-Book Collares.

As conseqüências da semente, lançada há um século, são palpáveis e chegaram a um ponto em que lhes podemos atribuir o termo extraordinário. De ano para ano, os espécimes exibidos nas nossas exposições têm melhorado, dão maior rendimento, aproximam-se dos seus ascendentes e similares estrangeiros.

Na Exposição Internacional, realizada em Montevideu, em 1955, o Sr. Ignacio C. Zuberbuhler, criador argentino, acatado pela sua autoridade na matéria e juiz único da raça, disse com referência aos nossos Aberdeen Angus: "Confesso que esperei com grande curiosidade a entrada dos primeiros produtos, não isento de alguma preocupação, pois temia encontrar um tipo de Aberdeen Angus muito diferente do conseguido na Argentina, depois de muitos anos de lutas e sacrifícios. Porém, o que eu não esperava era ver dois tipos totalmente distintos e que se enfrentavam em quase todas as categorias".

A exposição era internacional e a ela haviam concorrido os brasileiros, com seus produtos de melhor qualidade, pois faz muitos anos que vêm eles melhorando os seus plantéis com a importação de reprodutores argentinos.

Este juízo acerca de nosso Aberdeen Angus estende-se a todas as outras raças de corte aqui exploradas e confirma o que já sabíamos: que, graças ao Dr. Collares, temos uma posição especial entre os países criadores e uma posição ímpar no Brasil.

Sem reduzir a sua dedicação ao Herd-Book Collares, o Dr. Collares teve ensejo de ocupar, durante um ano, a cadeira de Laticínios na Escola de Agronomia Eliseu Maciel, hoje pertencente à Universidade Federal de Pelotas, onde mais uma vez mostrou a sua competência e o seu espírito positivo. Proferiu conferências, publicou artigos, emitiu pareceres e apresentou teses, trabalhos estes bem recebidos naquela época e, ainda hoje, lidos com proveito.

Foi encarregado de várias missões no Uruguai e na Argentina e em todas elas honrou a sua especialidade.

Para sistematizar a marcação do gado , propôs um expurgo das marcas em duplicata. Não foi o apego sentimental às velhas marcas , respeitado pelo plano do Dr. Collares, e em muitas das quais concentrara o orgulho de criador dos seus usuários , que impediu que se fizesse a reforma, mas outras causas ainda não bem conhecidas opuseram-se a esta melhoria. Como reconhecimento aos méritos do Dr. Collares e como sinal da gratidão dos nossos pecuaristas, inaugurou-se, em 1942, na sala de trabalho e arquivo da Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense, uma placa em bronze com o perfil do benemérito , entre os dizeres:



Discursaram, na ocasião, os Srs. Miguel de Souza Soares, Antônio Cândido Franco, George Wetzell e Geraldo Velloso Nunes Vieira, em nome da Diretoria da Produção Animal , da Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul. Na palavra dos oradores, exprimiu-se a admiração de todos por um esforço tão prolongado e tão profícuo.

Assim, e em vida, recebeu o Dr. Collares mais uma consagração e da categoria das que, na maioria dos casos , chegam tardiamente ou nunca. Este preito não significou apenas uma proclamação solene dos méritos profissionais do homenageado, significou, também, a simpatia dos nossos pecuaristas pelos dotes cívicos e morais do Dr. Collares. E ele mais que o mereceu, quer pela magnitude de sua obra, quer pelo idealismo político, quer pelo valor invulgar do seu caráter.

Nascido no torrão e no tempo de Gaspar da Silveira Martins, o nosso biografado atingiu a maioridade ouvindo o verbo apocalíptico do imenso Tribuno e admitiu logo, como instrumento necessário à salvação da República, o novo programa político.

Quando o Federalismo era somente um capítulo da nossa história e o seu genearca, despido pela morte dos seus impulsos arrebatadores e do seu poder de fascinar, repousava, há muito, no solo natal, o Dr. Collares ingressou no Partido Libertador, que recolhera os remanescentes da República Federalista e os admiradores do chefe extinto.

Como Libertador, foi um defensor estrênuo e cortês do programa do seu partido, sem se intimidar com os doestos dos adversários, nem se impressionar com o número destes. Politicava para o futuro, no qual concentrava a esperança de um Brasil regido por princípios e não por imediatismos.

Ele era bom e se comprazia em abranger no círculo da sua benevolência todos os seus atos públicos e particulares. Por isso, era incapaz de agredir opiniões contrárias às suas e lhe parecia inconcebível criticar acrimoniosamente as idéias alheias. Nunca resistiu à evidência. Reconhecia de bom grado os seus enganos e admitia a verdade apresentada pelo antagonista, entretanto, jamais foi conquistado pela lisonja ou pela truculência. A obediência ao dever norteou as suas atividades e, nestas, ele empregou a sua energia tranqüila e abundante.

Na execução do seu plano, abandonou comodidades e recursos, ufano dos benefícios que distribuía a todos, sem se importar com a frieza de alguns e com a oposição de outros. E quando empobreceu, depois de integral dedicação aos interesses coletivos, ninguém lhe ouviu uma única queixa, nem percebeu nele uma vaga saudade do que perdera. Não confiava coisa nenhuma aos azares da improvisação ou da rotina.

Tudo devia provir da experiência adaptada aos reclamos do momento e melhorada pelas contribuições da ciência ou da técnica. Sua vida foi uma lição, era como uma aula que ele dava, fosse estudando, trabalhando ou expondo o que era preciso para alavancar a qualidade dos nossos rebanhos. E deu-se sem agitação estéril, sem se abater, sem esperar qualquer recompensa.

Adepto de processos simples e de ação sistematizada obteve resultados enormes, difíceis de avaliar pelo seu tamanho, mas atuais e ponderáveis em nossa economia. O sonho, que lhe entusiasmava a mocidade, ele viu realizado na velhice: ninguém mais duvidava da excelência do Herd-Book Collares. O que parecera impossível ou sem préstimo a grande parte de uma geração, a geração seguinte julgava natural e espontâneo e, sobretudo, muito além da mais otimista expectativa.

Quando morreu, era um vitorioso e estava consolado pela euforia da obrigação bem cumprida.

Ao evocar-lhe a personalidade e a obra, no centenário do Herd-Book Collares, podemos resumir o nosso julgamento afirmando que ele foi utilíssimo e modesto, porque a sua vida foi uma longa história de

#### ESFORÇO, TENACIDADE E DESPRENDIMENTO.

Por ocasião das comemorações alusivas ao cinquentenário dos serviços de registro genealógico brasileiros, assim se pronunciou o Dr. José A. Vieira, Diretor do Serviço de Informação Agrícola, órgão da Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul:

*“Não pode haver melhoramento pecuário em bases seguras na ausência de livros de registro das diversas raças e das Associações de Criadores que os mantêm.*

*O Herd-Book Collares constitui, assim, um marco que divide a história da pecuária Sul-rio-grandense, assinalando o início da fase de aperfeiçoamento dos rebanhos de corte no Estado brasileiro que oferece as melhores condições naturais à exploração das raças finas européias.*

*Ao comemorar, agora, o seu cinquentenário, associa-se as recomendações do ministro Ernesto Dornelles às homenagens prestadas à memória do fundador do primeiro Herd-Book brasileiro, editando esta publicação que, além de exaltar a personalidade do Dr. Leonardo Brasil Collares, apresenta um valor documentário evidente pela soma de dados e informações que reúne sobre a origem e o desenvolvimento da sua iniciativa pioneira.*

*Devemos ao engenheiro agrônomo Joaquim Alfredo da Silva Tavares a obtenção dos elementos que possibilitaram ao Serviço de Informação Agrícola organizar o presente folheto.”*

JOSÉ A. VIEIRA  
Diretor do S.I.A.



**Ata de Fundação da Associação do  
Registro Genealógico Sul-rio-grandense**

Dentre os milhares de documentos de inegável importância histórica para a Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares, existem alguns que se destacam dos demais, como a *Acta* que transcrevemos com a grafia da época. Esta Ata é a *certidão de nascimento* da entidade que neste ano, além de comemorar o centenário dos registros genealógicos brasileiros, por ter assumido o Herd-Book criado por Leonardo Brasil Collares, festeja, também, os seus 85 anos de existência.

**ACTA**

**(Fundação da “ASSOCIAÇÃO DO REGISTRO GENEALÓGICO SUL  
RIOGRANDENSE”) Presidência: Dr. Jacintho Luiz Gomes.**

*Aos 15 dias do mez de novembro do anno de 1921, ás 20 horas, reuniram-se na cidade de Bagé, na séde da “Associação Rural”, sita á Avenida 7 de Setembro, os srs. dr. Leonardo Brasil Collares, Conde de São Mamede, dr. Martim Soares, dr. Alfredo da Silva Tavares, Coronel Feliciano Gonçalves Vieira, dr. Jacintho Luiz Gomes, major José Gomes Fernandes, dr. João Maria Collares, Felix Sabino Martins, Manuel Sá, Pedro M. de Britto, Francisco de Assis Collares, Francisco de Paula Sá, Horacio F. de Rezende, Antonio Maria Martins & Filhos, dr. José Antônio Martins, dr. Aluizio de Escobar, Irmãos Barcellos & Alves, Antonio Vasques Magalhães, Eleutherio Brum, Antonio Pimentel Magalhães, Visconde de Ribeiro Magalhães, dr. José Alves Vieira, Viúva dr. Gervasio & Filhos, Balbino de Souza Mascarenhas, Leonidas de Assis Brasil, dr. Alpheu Braga, Coronel Pedro Luiz da Rocha Osório, Arthur Augusto de Assumpção, Ayres Chaves Lopes, João Baptista de Brum, dr. Luiz Gonzaga Gomes de Freitas, Irmãos Almeida, dr. Mario Suñe, Agenor Garcia, Coronel Vicente Lucas de Lima, Thomaz Collares, Ferreira & Irmãos, dr. Basileu Mattos de Azevedo e dr. Alberto Moreira Rosa, que, attendendo ao Convite feito em circular assignada pelos Srs. Leonardo Collares, Conde de São Mamede e Martim Soares, e publicado nos jornaes o Correio do Sul e o Dever, tratariam nêssa assembléa, da fundação da “Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense”, de conformidade com a auctorisação do Congresso das Sociedades Agrícolas filiadas á “Federação das Associações Ruraes do Rio Grande do Sul”, realisado em Bagé aos 7 de Setembro de 1921. – O sr. Martim Soares, assumindo a presidência da sessão declarou-a aberta convidando para presidi-la ao sr. Jacintho Luiz Gomes; este acceitandoa,*

*com applausos da assembléa, convida para secretariar a sessão o sr. Alpheu Braga. Tomando a palavra o sr. Presidente agradece a distincção que acabava de lhe ser feita e concedeu a palavra ao sr. Leonardo Brasil Collares que leu substancioso discurso, historiando a organização dos Registros Genealógicos do Estado, começando pelo que fundará, sob os auspícios da “Associação Rural de Bagé”, em 1905. Após longas e judiciosas condições digo considerações sobre a organização do “Herd-Book Riograndense”, numero de inscripções, direcção, tecnica dos trabalhos e de ter evidenciado com clareza e precisão a vantagem de serem mantidos e levados pelos criadores – unicos interessados no assumpto – ,o sr. Collares terminou sua oração propondo a assembléa a fundação, n’aquelle dia histórico, da “Associação do Registro Genealógico Sul Riograndense”, para manutenção, administração e desenvolvimento do actual Herd-Book Riograndense.*

*– O sr. presidente póz a votos a proposta do sr. Collares que foi unanimemente aprovado e succedida de uma salva de palmas. – Pela ordem pede a palavra o sr. Martim Soares que solicitou, ao sr. presidente, consultasse a casa a localidade em que deveria ser sede da nova Associação; o sr. presidente, antes de ouvir a assembléa, sobre a proposta do sr. Soares, lembrou a cidade de Pelotas, lugar de residência do actual director do Herd-Book; a lembrança do sr. presidente foi ovacionada pelos presentes, - O sr. José Alves Vieira propõe que fosse acclamada uma comissão provisória que se encarregasse da organização dos estatutos e da direcção da Associação até ser eleita a primeira directoria; o sr. Martim Soares propõe os nomes dos srs. Leonardo Collares, Conde de São Mamede e Alfredo Tavares; o sr. Leonidas Assis Brasil indica o sr. José Antonio Martins e o sr. Olavo Brasil de Almeida o sr. Martim Soares. Posta a votos essas indicações são aprovadas, ficando a comissão provisória composta dos nomes propostos. – Não havendo quem quizesse fazer uso da palavra, o sr. presidente depois de enaltecer o objectivo da nova Associação e de formular votos pelo seu completo êxito, ás 23 horas, declarou encerrada a sessão. – E para constar, eu, Alpheu do Amaral Braga, servindo de secretario, lavrei esta acta, aos 16 dias do mez de Novembro de 1921.*

### **Homenagens ao idealizador do primeiro Herd-Book brasileiro**

**E**m 1923, a Sociedade Nacional de Agricultura, com sede na cidade do Rio de Janeiro, então Capital da República, convidou Leonardo Brasil Collares para organizar os serviços de Registro Genealógico no Brasil. Era sua intenção adaptar o sistema então utilizado na Suíça, onde cada Cantão tinha seus livros e uma Federação, com sede em Berna, onde eram arquivados e publicados os serviços de todo o país.

No caso do Brasil, de acordo com a opinião dele, seria uma sociedade em cada Estado, com registros para todas as espécies e raças, filiadas a uma entidade central, na Capital. Sua idéia, infelizmente, não foi compreendida. Assim, não foi possível estender para todo o País o que já vinha sendo feito com pleno êxito no Rio Grande do Sul. A Associação Rural de Bagé, no ano de 1924, deu o nome de Herd-Book Collares ao primeiro registro genealógico de bovinos do país, numa justíssima homenagem ao criador dos serviços. No ano de 1962 o Deputado João Carlos Gastal, então Prefeito da Cidade de Pelotas, através do Decreto Municipal nº 440, deu o nome de Leonardo Brasil Collares a uma das ruas da cidade de Pelotas, justificando o ato como justa homenagem ao organizador do primeiro Herd-Book no Brasil.



*Dr. Leonardo Brasil Collares, à época da criação do Herd-Book*



*“Não se pode falar em registro genealógico sem falar em José Collares, e não se pode falar em José Collares sem falar em registro genealógico.”*

*Paulo Brossard  
Ministro do Supremo Tribunal Federal*

Foi assim que o Ministro Paulo Brossard de Souza Pinto expressou seu reconhecimento pelo trabalho desenvolvido por José de Almeida Collares no comando do Herd-Book Collares, em continuidade à obra de seu pai. José Collares teve uma trajetória luminosa na Direção da empresa, à qual dedicou-se de corpo e alma, por toda uma longa vida. Por causa disso, sua pessoa sempre foi referência para criadores e dirigentes de outras entidades congêneres.

De minha parte, não posso deixar de lembrar a figura excelsa de José Collares, um eterno cavalheiro, profundamente identificado com a pecuária gaúcha, catarinense e, por extensão, a brasileira. Nos vinte e um anos em que trabalhei sob sua chefia, tive o privilégio de compartilhar de seus conhecimentos e a fortuna de seguir-lhe o exemplo. Do homem, ficou-me a saudade, do profissional, a lição, e do cavalheiro, a nobreza de espírito.

De inteligência reconhecidamente superior, era um autodidata. Sempre o admirei, pela capacidade intelectual, por sua discrição e pelo talento para conduzir, por tanto tempo, uma empresa da importância do Herd-Book Collares para a Nação. O Brasil talvez nem saiba o quanto deve a ele.

A semente plantada por seu pai e regada pelo seu carinho há de continuar a florescer e produzir seus frutos, por um tempo, quiçá, inimaginável para nós, seus contemporâneos.

José Almeida Collares nasceu em 09 de janeiro de 1907, na cidade de Pelotas. Foram seus pais Leonardo Brasil Collares e Maria José Almeida Collares. Iniciou-se como funcionário da então Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense, em 1928. Com o falecimento de seu pai, em 1943, assumiu a direção da Entidade.

Em Assembléia de 11 de novembro de 1974 a Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense passou a denominar-se Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares. José Collares assumiu, então, o cargo de Diretor Geral, continuando a emprestar todo o seu apoio, dedicação e conhecimento à nova estrutura da entidade que se formou, fugindo dos tradicionais serviços de registro genealógico para agregar os trabalhos de melhoramento zootécnico.



*José de Almeida Collares*

Foi fundador e Presidente da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos. Em 1979, foi agraciado com o título de Sócio Benemérito daquela associação. Na Sociedade Agrícola de Pelotas, teve participação como Presidente, onde desenvolveu atividade toda especial na infra-estrutura do Parque de Exposições. Foi homenageado com uma placa, expressando os inestimáveis serviços prestados àquela entidade.

Em junho de 1964, numa clara demonstração de amizade, o criador Sebastião Pires de Freitas, proprietário da Cabanha Pedreira, localizada no município de Alegrete, no Estado do Rio Grande do Sul, prestou singular homenagem a José Collares, colocando o nome de *Pedreira Collares 452* em um produto de sua criação, que foi registrado no HBB 81.445 da raça Hereford. Em 1967, por ocasião da Exposição Estadual de Animais, foi homenageado pelo Banco da Província do Rio Grande do Sul com o título de *Destaque do Ruralismo* – 1967.

Na sede da Associação Rural de Lages, no Núcleo de Criadores de Charolês de Santa Catarina, foi distinguido com a colocação de seu nome em uma de suas salas, caracterizando a amizade e admiração dos criadores daquela região.

Em setembro de 1979, a Cooperativa Agropecuária Mista de Caçapava do Sul prestou-lhe significativa homenagem. Recebeu, naquela ocasião, a *Comenda Cypriano Mascarenhas*, ofertada pela Associação Brasileira de Criadores de Charolês. Na mesma oportunidade, foi homenageado pelo Herd-Book Francês.

Foi sócio fundador e primeiro tesoureiro da Associação Nacional de Criadores de Normando, hoje denominada Associação Brasileira de Criadores de Normando. Foi, também, fundador da Associação Brasileira de Criadores de Devon.

Como uma homenagem de reconhecimento a tudo que ele representou e continua a representar para o Herd-Book Collares, foi instituído *in memoriam*, no ano de 2001, o Prêmio José Almeida Collares, que é entregue anualmente aos Campeões da Expinter e aos Destaques do CDP daquele evento.

Esse troféu é a representação de uma figueira, em bronze, como símbolo da perenidade do trabalho que foi desenvolvido por ele, durante toda sua longa vida. Naquele mesmo ano a Associação Rural de Pelotas conferiu a denominação de José de Almeida Collares a uma das ruas do interior do Parque de Exposições, como símbolo de sua reconhecida e inegável dedicação às causas da própria entidade e da pecuária como um todo.

O significado da pessoa de José Almeida Collares para a pecuária, mais especificamente de bovinos de corte de origem européia, é de difícil descrição, porque o seu relevante trabalho, dedicação e esmero, principalmente sua amizade, o caracterizaram como uma pessoa extremamente conhecida e admirada por todos.

## Ex- Presiden tes

Nos seus primeiros anos o Registro Genealógico funcionou de forma particular, sem que se houvesse formado uma associação para dirigi-lo. Foi somente em 1921, quando já se contavam 15 anos da abertura do primeiro Livro de Registro Genealógico, que os criadores se reuniram e criaram aquela que se chamou Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense.

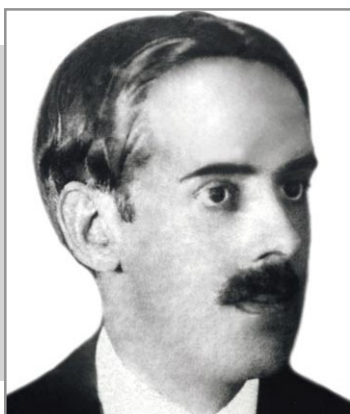
Em novembro de 1974, por decisão da Assembléia Geral, a denominação da entidade mudou para Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares, cujo nome mantém até hoje.

O mandato de cada Diretoria tem e sempre teve a duração de três anos. À exceção da primeira, que era constituída por uma Comissão Diretiva, todas as demais foram dirigidas por um Presidente, juntamente com os demais membros que, de acordo com o Estatuto Social, devem compor a Diretoria.

A Comissão que dirigiu a Associação entre 1921 e 1924 era composta pelo senhores Alfredo da Silva Tavares, José Antônio Martins, Leonardo Brasil Collares, Olavo Brasil de Almeida e Martim Soares, que era o Presidente da Comissão.

A partir de 12 de janeiro de 2004, a ANC conta com a presidência do Dr. José Roberto Pires Weber.

De 1921 a 2003, os Presidentes foram os seguintes:



Martim Soares  
1921 a 1924



Edmundo Berchon des Essarts  
1924 a 1927



**Horácio Francisco de Rezende**  
1927 a 1930



**Miguel de Souza Soares**  
1930 a 1933  
1933 a 1936



**Joaquim Luiz Osório**  
1936 a 1939



**Sátiro Alcides Marques**  
1939 a 1942



**Balbino de Souza Mascarenhas**  
1942 a 1945



**Antônio Dias Soares**  
1945 a 1948



**José Alves Nunes Vieira**  
1948 a 1951  
1951 a 1954



**Octavio Leivas Leite**  
1954 a 1957  
1957 a 1960



**José Cypriano Nunes Vieira**  
1960 a 1963  
1963 a 1966



**Augusto Lauro de Oliveira**  
1966 a 1969  
1969 a 1972  
1972 a 1974



**Fernando Octavio da França  
Mascarenhas**  
1974 a 1977



**Luís Simões Lopes**  
1977 a 1980  
1980 a 1983





Luiz Fernando Cirne Lima  
1983 a 1986



José Júlio Centeno Coutinho  
1986 a 1989



João Vieira de Macedo Neto  
1989 a 1992  
1995 a 1998



João Carlos Patella  
1992 a 1995  
1998 a 2001



Carlos César Silva de Albuquerque  
1995



Manoel Antônio de Macedo Linhares  
2001 a 2004

## Os Cem Anos

A história dos registros genealógicos no Brasil começa na primeira década do século vinte, através do Engenheiro Agrônomo Leonardo Brasil Collares. Formado em 1900, pelo *Lyceu Rio-Grandense de Agronomia e Veterinária*, atual Faculdade de Agronomia “Eliseu Maciel”, da Universidade Federal de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, organizou os serviços em Bagé, onde morava, também no Rio Grande do Sul, inspirado nos já existentes na Argentina e no Uruguai.

Embora as normas e procedimentos estivessem prontos, não houve nenhum registro naquele ano, nem em 1905. Foi somente em 1906 que, efetivamente, foram abertos os primeiros livros.

A primazia coube à raça Shorthorn, que inscreveu o touro “Count Barrington”, no HBB número 1. Importado da Inglaterra e lá registrado sob número HBI 72266, esse “reproductor” (assim se escrevia àquela época), pertencia ao criador bageense Sr. Martim Silveira, que, dessa forma, tornou-se, também, o primeiro registrante de bovinos puros de pedigree no Brasil. A data do registro é 22 de agosto de 1906.

Em 1936, quando se comemorava o 30º aniversário da organização do primeiro livro de registro genealógico no Brasil, a então Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense fez publicar um livreto alusivo à data, em cuja capa foi estampado um triângulo equilátero, onde se lê:





Transcrevemos, respeitada a ortografia da época, o preâmbulo daquela obra, devido à sua evidente importância histórica para os serviços de registro genealógico brasileiros. Diz o autor:

## ASSOCIAÇÃO DO REGISTRO GENEALÓGICO SULRIOGRANDENSE

*Em comemoração ao TRIGESIMO ANNIVERSARIO da organização do primeiro "HERD-BOOK" brasileiro, a 22 de agosto de 1906, na cidade de Bagé, pelo engenheiro-agronomo Leonardo Brasil Collares e como uma homenagem aos criadores de reproductores puros de pedigree, cognominados, acertadamente, "os martyres da pecuaria nacional", publicamos esta condensada resenha enfeixando os nomes daquelles que déram inicio aos diversos livros genealógicos que mantemos actualmente.*

*A Associação do Registro Genealogico Sul Riograndense, com séde em Pelotas, entidade formada de criadores de gado puro, de qualquer das espécies de animais domesticos uteis ao homem, tem a seu cargo o serviço de registro dos reproductores puros de pedigree, pertencentes ás diversas raças criadas no paiz, em estado de pureza.*

*A Associação, plasmada á semelhança das congêneres existentes na Argentina e no Uruguay, enfeixa em uma única organização os livros genealógicos de qualquer raça pura, da qual existam criadores no paiz. As normas adoptadas na elaboração desses livros zootechnicos, são (e não podiam deixar de ser) as mesmas sadias normas adoptadas na Inglaterra, paiz que deu origem ás raças nobres aperfeiçoadas e aos methods moder- nos de criação de animaes.*

*É formada exclusivamente de criadores, os maiores interessados na boa marcha dos serviços e os melhores fiscaes da sua efficiencia e honestidade, indispensaveis predicaes para o seu funcionamento.*

*Para que seja socio da Associação, basta ao criador inscrever nos seus livros genealogicos, reproductores de sua propriedade, o que lhe assegura todos os direitos de interferir com a sua opinião ou com o seu voto na vida da agremiação.*

*Para a sua administração, é eleita uma Diretoria, que a rege por um*

*período de três anos, possuindo, também, um Conselho Technico, que estuda os casos que por ventura surjam, referentemente ao registro e á identidade dos animais.*

*Tem sido comprovado fartamente, durante a ininterrupta existência da Associação, que a sua organização é de resultados extraordinariamente satisfatórios e preenche cabalmente as imprescindíveis necessidades dos cabanheiros, criadores de gado puro de pedigree.*

*Os fluxos e refluxos, que têm afetado entidades similares, decorrentes inevitaveis da instabilidade administrativa e politica a que estão esporadicamente sujeitos os países novos como o nosso, não têm atingido, felizmente, a estabilidade estrutural e funcional da Associação.*

*A Diretoria da Associação do Registro Genealógico Sul Rio Grandense, ao apresentar esta síntese histórica deste dilatado período de sua vida, não se pode furtar ao dever de apontar ao preito coletivo, a figura do seu organizador e fundador.*

*O engenheiro agrônomo Leonardo Brasil Collares, dando existência a este instituto e garantindo-lhe o funcionamento nestes três decennios, prestou um dos mais assignalados serviços á industria pecuária brasileira. E esta instituição, que serve puramente a coletividade, sente-se bem na homenagem que nestas linhas rende ao incansável batalhador pelo seu advento e manutenção.*

# O Início



## **Leonardo Brasil Collares**

A vida no interior do Rio Grande do Sul, no final dos anos 1800, era tranqüila e pacata para quem habitava os campos da região da Campanha Gaúcha. Os dias transcorriam sem pressa. Aos cálidos verões, sucediam-se invernos rigorosos. Por sorte, entre um e outro sempre houve o resplendor da primavera e os tépidos dias do outono. Foi nesse ambiente que nasceu Leonardo Brasil Collares. A ele estava reservado influir de maneira decisiva na pecuária do Rio Grande e do Brasil. Era o dia 12 de junho de 1876. A sede da Estância Nova, nas Palmas, município de Bagé, estava em festa. Foram seus pais Alexandre José Collares e Silvana Brasil Collares.

O menino cresceu e desenvolveu-se num meio sã e progressivo, tradicionalista e consciente do seu valor social e econômico. Passou a infância parte no campo e parte na cidade. Adquiriu, bem cedo, no contato imediato com a natureza, noção do dever permanente em relação ao próximo e ao trabalho. Na fazenda paterna, logo que pôde montar a cavalo, acompanhava contente as lidas campeiras. Participava de rodeios, de marcações, da formação de tropas. Essas atividades tinham, naquela época, um sabor lendário e eram poetizadas pelos costumes ainda primitivos da peonada e pela extensão dos campos abertos, que davam a todos a sensação de limitarem apenas com o infinito. Ali, também, viu em ação o código cavalheiresco dos nossos maiores e conheceu-lhes a nobreza e o vigor.

Nas festas e reuniões típicas da campanha e nos folguedos da cidade, aprendeu a urbanidade do nosso patriciado rural e aquele modo bem nativo de proceder e falar com o coração. O pai do Dr. Collares era um modelo de gaúcho, prudente e moderado, firme nas questões de honra, atento aos interesses morais e materiais da família e fiel aos amigos.

Praticava o bem pelo prazer de o praticar, avaliava os atos alheios segundo o seu mérito e não pela aparência. Pelo exercício constante da virtude, impôs-se à estima dos seus conterrâneos.

A Sr<sup>a</sup>. Silvana representava o padrão gaúcho de esposa e de mãe. Estimulava a todos com a vibração dos seus dotes morais. Animosa, acompanhava os seus nos momentos difíceis e regozijava-se com a ventura do próximo. Tinha sempre um gesto de amparo e uma palavra de conforto aos desvalidos e aos enfermos. O lar era um sítio pacífico e afetuoso, iluminado pela sua presença carinhosa.

O menino conheceu, no lar bem constituído, o valor da honestidade e da constância, enfim, todas as virtudes domésticas que formaram o caráter dos filhos e os prepararam para a cidadania perfeita. Formado por esses exemplos, começou os seus estudos em Bagé. Foi aluno do Colégio Stock. Passou à escola do tenente Júlio Mello, que era professor avisado, enérgico e disciplinador intransigente.

Algo impulsivo em certas ocasiões, embora sempre bem intencionado, o tenente Mello procurava incutir, nos seus alunos, boas noções elementares, firmeza de ânimo e lealdade ao Brasil. Os que lhe ouviram as lições sentiram, quando preciso, a rispidez das repreensões e a severidade dos castigos, porém, proclamavam o que lhe deviam e, sorrindo, narravam os exageros que jamais conseguiam anular a bondade cordial do mestre.

Talvez por influência materna – sua mãe era de origem mineira – o jovem Collares foi morar em Ouro Preto e, na velha cidade mineira, terminou os estudos secundários, onde também começou sua iniciação científica. Pensou, durante algum tempo, na Escola Naval. Por insinuação ou conselho paterno, matriculou-se na Escola de Agronomia Eliseu Maciel, em Pelotas. Aí concluiu o curso de Engenheiro Agrônomo, em 1900, e colou grau aos 15 de abril de 1901. No quadro de formatura, figuram José Vaz Bento e Victor Leivas, diplomados em 1895, Leonardo Brasil Collares, seu companheiro de turma, José Antônio Martins, o Diretor da Escola, Dr. José Cypriano Nunes Vieira e o Dr. Eliseu Antunes Maciel, epônimo do estabelecimento. Em nome da congregação, falou o prof. Dr. José Vaz Bento.

Habilitado para o exercício de sua profissão, o Dr. Collares concentrou logo, como por inclinação incoercível, todos os seus dons e conhecimentos na melhora da nossa pecuária. Examinou minuciosamente o assunto, pesou-lhe os elementos e todas as dificuldades, palestrou com amigos, uns entusiastas, outros indiferentes e organizou o plano, a cuja execução entregou-se.

Foi a necessidade que fez nascer os serviços de registro genealógico, pois era necessário manter com exatidão a crônica genética dos animais de pedigree. Assim, em 1904, apoiado pela Associação Rural de Bagé, o Dr. Collares fundou o Registro Genealógico. Depois de acumular bastante experiência e fazer os retoques necessários, ele organizou o primeiro Herd-Book brasileiro. Esse órgão, que a princípio abrangia *“qualquer das espécies de animais úteis ao homem”*, começou a funcionar aos 12 de agosto de 1906.

Modelado pelo sistema inglês, criterioso na inscrição de animais, com ele iniciou-se a orientação científica, de que provém a grandeza da nossa pecuária.

Alcançados os primeiros resultados promissores, a Associação Rural de Bagé deu ao registro o nome de Herd-Book Collares, antecipando, assim, o reconhecimento da posteridade.

O Dr. Collares teve, então, a suprema e rara ventura de sentir-se perpetuado e de saber que o seu nome estará presente, como benfeitor, nos nossos campos enquanto neles medrarem os rebanhos.

A justa ambição unificadora do fundador do Herd-Book Collares não resistiu à tendência moderna de dividir a tarefa para melhor executá-la. Já faz muito tempo que o Herd-Book Collares destina-se ao registro do gado bovino de corte e misto, exclusivamente para raças de origem européia, em todo o território nacional, juntamente com algumas raças eqüinas.

Para cumprir esta função de importância capital para a economia brasileira, constituiu-se em novembro de 1921, porém com sede em Pelotas, a Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense, da qual participam todos os criadores que inscrevem os produtos dos seus rebanhos no Herd-Book Collares.

As conseqüências da semente, lançada há um século, são palpáveis e chegaram a um ponto em que lhes podemos atribuir o termo extraordinário. De ano para ano, os espécimes exibidos nas nossas exposições têm melhorado, dão maior rendimento, aproximam-se dos seus ascendentes e similares estrangeiros.

Na Exposição Internacional, realizada em Montevideu, em 1955, o Sr. Ignacio C. Zuberbuhler, criador argentino, acatado pela sua autoridade na matéria e juiz único da raça, disse com referência aos nossos Aberdeen Angus: “Confesso que esperei com grande curiosidade a entrada dos primeiros produtos, não isento de alguma preocupação, pois temia encontrar um tipo de Aberdeen Angus muito diferente do conseguido na Argentina, depois de muitos anos de lutas e sacrifícios. Porém, o que eu não esperava era ver dois tipos totalmente distintos e que se enfrentavam em quase todas as categorias”.

A exposição era internacional e a ela haviam concorrido os brasileiros, com seus produtos de melhor qualidade, pois faz muitos anos que vêm eles melhorando os seus plantéis com a importação de reprodutores argentinos.

Este juízo acerca de nosso Aberdeen Angus estende-se a todas as outras raças de corte aqui exploradas e confirma o que já sabíamos: que, graças ao Dr. Collares, temos uma posição especial entre os países criadores e uma posição ímpar no Brasil.

Sem reduzir a sua dedicação ao Herd-Book Collares, o Dr. Collares teve ensejo de ocupar, durante um ano, a cadeira de Lacticínios na Escola de Agronomia Eliseu Maciel, hoje pertencente à Universidade Federal de Pelotas, onde mais uma vez mostrou a sua competência e o seu espírito positivo. Proferiu conferências, publicou artigos, emitiu pareceres e apresentou teses, trabalhos estes bem recebidos naquela época e, ainda hoje, lidos com proveito.

Foi encarregado de várias missões no Uruguai e na Argentina e em todas elas honrou a sua especialidade.

Para sistematizar a marcação do gado , propôs um expurgo das marcas em duplicata. Não foi o apego sentimental às velhas marcas , respeitado pelo plano do Dr. Collares, e em muitas das quais concentrara o orgulho de criador dos seus usuários , que impediu que se fizesse a reforma, mas outras causas ainda não bem conhecidas opuseram-se a esta melhoria. Como reconhecimento aos méritos do Dr. Collares e como sinal da gratidão dos nossos pecuaristas, inaugurou-se, em 1942, na sala de trabalho e arquivo da Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense, uma placa em bronze com o perfil do benemérito , entre os dizeres:



Discursaram, na ocasião, os Srs. Miguel de Souza Soares, Antônio Cândido Franco, George Wetzell e Geraldo Velloso Nunes Vieira, em nome da Diretoria da Produção Animal , da Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul. Na palavra dos oradores, exprimiu-se a admiração de todos por um esforço tão prolongado e tão profícuo.

Assim, e em vida, recebeu o Dr. Collares mais uma consagração e da categoria das que, na maioria dos casos , chegam tardiamente ou nunca. Este preito não significou apenas uma proclamação solene dos méritos profissionais do homenageado, significou, também, a simpatia dos nossos pecuaristas pelos dotes cívicos e morais do Dr. Collares. E ele mais que o mereceu, quer pela magnitude de sua obra, quer pelo idealismo político, quer pelo valor invulgar do seu caráter.

Nascido no torrão e no tempo de Gaspar da Silveira Martins, o nosso biografado atingiu a maioridade ouvindo o verbo apocalíptico do imenso Tribuno e admitiu logo, como instrumento necessário à salvação da República, o novo programa político.

Quando o Federalismo era somente um capítulo da nossa história e o seu genearca, despido pela morte dos seus impulsos arrebatadores e do seu poder de fascinar, repousava, há muito, no solo natal, o Dr. Collares ingressou no Partido Libertador, que recolhera os remanescentes da República Federalista e os admiradores do chefe extinto.

Como Libertador, foi um defensor estrênuo e cortês do programa do seu partido, sem se intimidar com os doestos dos adversários, nem se impressionar com o número destes. Politicava para o futuro, no qual concentrava a esperança de um Brasil regido por princípios e não por imediatismos.

Ele era bom e se comprazia em abranger no círculo da sua benevolência todos os seus atos públicos e particulares. Por isso, era incapaz de agredir opiniões contrárias às suas e lhe parecia inconcebível criticar acrimoniosamente as idéias alheias. Nunca resistiu à evidência. Reconhecia de bom grado os seus enganos e admitia a verdade apresentada pelo antagonista, entretanto, jamais foi conquistado pela lisonja ou pela truculência. A obediência ao dever norteou as suas atividades e, nestas, ele empregou a sua energia tranqüila e abundante.

Na execução do seu plano, abandonou comodidades e recursos, ufano dos benefícios que distribuía a todos, sem se importar com a frieza de alguns e com a oposição de outros. E quando empobreceu, depois de integral dedicação aos interesses coletivos, ninguém lhe ouviu uma única queixa, nem percebeu nele uma vaga saudade do que perdera. Não confiava coisa nenhuma aos azares da improvisação ou da rotina.

Tudo devia provir da experiência adaptada aos reclamos do momento e melhorada pelas contribuições da ciência ou da técnica. Sua vida foi uma lição, era como uma aula que ele dava, fosse estudando, trabalhando ou expondo o que era preciso para alavancar a qualidade dos nossos rebanhos. E deu-se sem agitação estéril, sem se abater, sem esperar qualquer recompensa.

Adepto de processos simples e de ação sistematizada obteve resultados enormes, difíceis de avaliar pelo seu tamanho, mas atuais e ponderáveis em nossa economia. O sonho, que lhe entusiasmava a mocidade, ele viu realizado na velhice: ninguém mais duvidava da excelência do Herd-Book Collares. O que parecera impossível ou sem préstimo a grande parte de uma geração, a geração seguinte julgava natural e espontâneo e, sobretudo, muito além da mais otimista expectativa.



Quando morreu, era um vitorioso e estava consolado pela euforia da obrigação bem cumprida.

Ao evocar-lhe a personalidade e a obra, no centenário do Herd-Book Collares, podemos resumir o nosso julgamento afirmando que ele foi utilíssimo e modesto, porque a sua vida foi uma longa história de

#### ESFORÇO, TENACIDADE E DESPRENDIMENTO.

Por ocasião das comemorações alusivas ao cinquentenário dos serviços de registro genealógico brasileiros, assim se pronunciou o Dr. José A. Vieira, Diretor do Serviço de Informação Agrícola, órgão da Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul:

*“Não pode haver melhoramento pecuário em bases seguras na ausência de livros de registro das diversas raças e das Associações de Criadores que os mantêm.*

*O Herd-Book Collares constitui, assim, um marco que divide a história da pecuária Sul-rio-grandense, assinalando o início da fase de aperfeiçoamento dos rebanhos de corte no Estado brasileiro que oferece as melhores condições naturais à exploração das raças finas européias.*

*Ao comemorar, agora, o seu cinquentenário, associa-se as recomendações do ministro Ernesto Dornelles às homenagens prestadas à memória do fundador do primeiro Herd-Book brasileiro, editando esta publicação que, além de exaltar a personalidade do Dr. Leonardo Brasil Collares, apresenta um valor documentário evidente pela soma de dados e informações que reúne sobre a origem e o desenvolvimento da sua iniciativa pioneira.*

*Devemos ao engenheiro agrônomo Joaquim Alfredo da Silva Tavares a obtenção dos elementos que possibilitaram ao Serviço de Informação Agrícola organizar o presente folheto.”*

JOSÉ A. VIEIRA  
Diretor do S.I.A.



**Ata de Fundação da Associação do  
Registro Genealógico Sul-rio-grandense**

Dentre os milhares de documentos de inegável importância histórica para a Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares, existem alguns que se destacam dos demais, como a *Acta* que transcrevemos com a grafia da época. Esta Ata é a *certidão de nascimento* da entidade que neste ano, além de comemorar o centenário dos registros genealógicos brasileiros, por ter assumido o Herd-Book criado por Leonardo Brasil Collares, festeja, também, os seus 85 anos de existência.

**ACTA**

**(Fundação da “ASSOCIAÇÃO DO REGISTRO GENEALÓGICO SUL  
RIOGRANDENSE”) Presidência: Dr. Jacintho Luiz Gomes.**

*Aos 15 dias do mez de novembro do anno de 1921, ás 20 horas, reuniram-se na cidade de Bagé, na séde da “Associação Rural”, sita á Avenida 7 de Setembro, os srs. dr. Leonardo Brasil Collares, Conde de São Mamede, dr. Martim Soares, dr. Alfredo da Silva Tavares, Coronel Feliciano Gonçalves Vieira, dr. Jacintho Luiz Gomes, major José Gomes Fernandes, dr. João Maria Collares, Felix Sabino Martins, Manuel Sá, Pedro M. de Britto, Francisco de Assis Collares, Francisco de Paula Sá, Horacio F. de Rezende, Antonio Maria Martins & Filhos, dr. José Antônio Martins, dr. Aluizio de Escobar, Irmãos Barcellos & Alves, Antonio Vasques Magalhães, Eleutherio Brum, Antonio Pimentel Magalhães, Visconde de Ribeiro Magalhães, dr. José Alves Vieira, Viúva dr. Gervasio & Filhos, Balbino de Souza Mascarenhas, Leonidas de Assis Brasil, dr. Alpheu Braga, Coronel Pedro Luiz da Rocha Osório, Arthur Augusto de Assumpção, Ayres Chaves Lopes, João Baptista de Brum, dr. Luiz Gonzaga Gomes de Freitas, Irmãos Almeida, dr. Mario Suñe, Agenor Garcia, Coronel Vicente Lucas de Lima, Thomaz Collares, Ferreira & Irmãos, dr. Basileu Mattos de Azevedo e dr. Alberto Moreira Rosa, que, attendendo ao Convite feito em circular assignada pelos Srs. Leonardo Collares, Conde de São Mamede e Martim Soares, e publicado nos jornaes o Correio do Sul e o Dever, tratariam nêssa assembléa, da fundação da “Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense”, de conformidade com a auctorisação do Congresso das Sociedades Agrícolas filiadas á “Federação das Associações Ruraes do Rio Grande do Sul”, realisado em Bagé aos 7 de Setembro de 1921. – O sr. Martim Soares, assumindo a presidência da sessão declarou-a aberta convidando para presidi-la ao sr. Jacintho Luiz Gomes; este acceitandoa,*

*com applausos da assembléa, convida para secretariar a sessão o sr. Alpheu Braga. Tomando a palavra o sr. Presidente agradece a distincção que acabava de lhe ser feita e concedeu a palavra ao sr. Leonardo Brasil Collares que leu substancioso discurso, historiando a organização dos Registros Genealógicos do Estado, começando pelo que fundará, sob os auspícios da “Associação Rural de Bagé”, em 1905. Após longas e judiciosas condições digo considerações sobre a organização do “Herd-Book Riograndense”, numero de inscripções, direcção, tecnica dos trabalhos e de ter evidenciado com clareza e precisão a vantagem de serem mantidos e levados pelos criadores – unicos interessados no assumpto – ,o sr. Collares terminou sua oração propondo a assembléa a fundação, n’aquelle dia histórico, da “Associação do Registro Genealógico Sul Riograndense”, para manutenção, administração e desenvolvimento do actual Herd-Book Riograndense.*

*– O sr. presidente póz a votos a proposta do sr. Collares que foi unanimemente aprovado e succedida de uma salva de palmas. – Pela ordem pede a palavra o sr. Martim Soares que solicitou, ao sr. presidente, consultasse a casa a localidade em que deveria ser sede da nova Associação; o sr. presidente, antes de ouvir a assembléa, sobre a proposta do sr. Soares, lembrou a cidade de Pelotas, lugar de residência do actual director do Herd-Book; a lembrança do sr. presidente foi ovacionada pelos presentes, - O sr. José Alves Vieira propõe que fosse acclamada uma comissão provisória que se encarregasse da organização dos estatutos e da direcção da Associação até ser eleita a primeira directoria; o sr. Martim Soares propõe os nomes dos srs. Leonardo Collares, Conde de São Mamede e Alfredo Tavares; o sr. Leonidas Assis Brasil indica o sr. José Antonio Martins e o sr. Olavo Brasil de Almeida o sr. Martim Soares. Posta a votos essas indicações são aprovadas, ficando a comissão provisória composta dos nomes propostos. – Não havendo quem quizesse fazer uso da palavra, o sr. presidente depois de enaltecer o objectivo da nova Associação e de formular votos pelo seu completo êxito, ás 23 horas, declarou encerrada a sessão. – E para constar, eu, Alpheu do Amaral Braga, servindo de secretario, lavrei esta acta, aos 16 dias do mez de Novembro de 1921.*

### **Homenagens ao idealizador do primeiro Herd-Book brasileiro**

**E**m 1923, a Sociedade Nacional de Agricultura, com sede na cidade do Rio de Janeiro, então Capital da República, convidou Leonardo Brasil Collares para organizar os serviços de Registro Genealógico no Brasil. Era sua intenção adaptar o sistema então utilizado na Suíça, onde cada Cantão tinha seus livros e uma Federação, com sede em Berna, onde eram arquivados e publicados os serviços de todo o país.

No caso do Brasil, de acordo com a opinião dele, seria uma sociedade em cada Estado, com registros para todas as espécies e raças, filiadas a uma entidade central, na Capital. Sua idéia, infelizmente, não foi compreendida. Assim, não foi possível estender para todo o País o que já vinha sendo feito com pleno êxito no Rio Grande do Sul. A Associação Rural de Bagé, no ano de 1924, deu o nome de Herd-Book Collares ao primeiro registro genealógico de bovinos do país, numa justíssima homenagem ao criador dos serviços. No ano de 1962 o Deputado João Carlos Gastal, então Prefeito da Cidade de Pelotas, através do Decreto Municipal nº 440, deu o nome de Leonardo Brasil Collares a uma das ruas da cidade de Pelotas, justificando o ato como justa homenagem ao organizador do primeiro Herd-Book no Brasil.



*Dr. Leonardo Brasil Collares, à época da criação do Herd-Book*

*“Não se pode falar em registro genealógico sem falar em José Collares, e não se pode falar em José Collares sem falar em registro genealógico.”*

*Paulo Brossard  
Ministro do Supremo Tribunal Federal*

Foi assim que o Ministro Paulo Brossard de Souza Pinto expressou seu reconhecimento pelo trabalho desenvolvido por José de Almeida Collares no comando do Herd-Book Collares, em continuidade à obra de seu pai. José Collares teve uma trajetória luminosa na Direção da empresa, à qual dedicou-se de corpo e alma, por toda uma longa vida. Por causa disso, sua pessoa sempre foi referência para criadores e dirigentes de outras entidades congêneres.

De minha parte, não posso deixar de lembrar a figura excelsa de José Collares, um eterno cavalheiro, profundamente identificado com a pecuária gaúcha, catarinense e, por extensão, a brasileira. Nos vinte e um anos em que trabalhei sob sua chefia, tive o privilégio de compartilhar de seus conhecimentos e a fortuna de seguir-lhe o exemplo. Do homem, ficou-me a saudade, do profissional, a lição, e do cavalheiro, a nobreza de espírito.

De inteligência reconhecidamente superior, era um autodidata. Sempre o admirei, pela capacidade intelectual, por sua discrição e pelo talento para conduzir, por tanto tempo, uma empresa da importância do Herd-Book Collares para a Nação. O Brasil talvez nem saiba o quanto deve a ele.

A semente plantada por seu pai e regada pelo seu carinho há de continuar a florescer e produzir seus frutos, por um tempo, quiçá, inimaginável para nós, seus contemporâneos.

José Almeida Collares nasceu em 09 de janeiro de 1907, na cidade de Pelotas. Foram seus pais Leonardo Brasil Collares e Maria José Almeida Collares. Iniciou-se como funcionário da então Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense, em 1928. Com o falecimento de seu pai, em 1943, assumiu a direção da Entidade.

Em Assembléia de 11 de novembro de 1974 a Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense passou a denominar-se Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares. José Collares assumiu, então, o cargo de Diretor Geral, continuando a emprestar todo o seu apoio, dedicação e conhecimento à nova estrutura da entidade que se formou, fugindo dos tradicionais serviços de registro genealógico para agregar os trabalhos de melhoramento zootécnico.



*José de Almeida Collares*

Foi fundador e Presidente da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos. Em 1979, foi agraciado com o título de Sócio Benemérito daquela associação. Na Sociedade Agrícola de Pelotas, teve participação como Presidente, onde desenvolveu atividade toda especial na infra-estrutura do Parque de Exposições. Foi homenageado com uma placa, expressando os inestimáveis serviços prestados àquela entidade.

Em junho de 1964, numa clara demonstração de amizade, o criador Sebastião Pires de Freitas, proprietário da Cabanha Pedreira, localizada no município de Alegrete, no Estado do Rio Grande do Sul, prestou singular homenagem a José Collares, colocando o nome de *Pedreira Collares 452* em um produto de sua criação, que foi registrado no HBB 81.445 da raça Hereford. Em 1967, por ocasião da Exposição Estadual de Animais, foi homenageado pelo Banco da Província do Rio Grande do Sul com o título de *Destaque do Ruralismo* – 1967.

Na sede da Associação Rural de Lages, no Núcleo de Criadores de Charolês de Santa Catarina, foi distinguido com a colocação de seu nome em uma de suas salas, caracterizando a amizade e admiração dos criadores daquela região.

Em setembro de 1979, a Cooperativa Agropecuária Mista de Caçapava do Sul prestou-lhe significativa homenagem. Recebeu, naquela ocasião, a *Comenda Cypriano Mascarenhas*, ofertada pela Associação Brasileira de Criadores de Charolês. Na mesma oportunidade, foi homenageado pelo Herd-Book Francês.

Foi sócio fundador e primeiro tesoureiro da Associação Nacional de Criadores de Normando, hoje denominada Associação Brasileira de Criadores de Normando. Foi, também, fundador da Associação Brasileira de Criadores de Devon.

Como uma homenagem de reconhecimento a tudo que ele representou e continua a representar para o Herd-Book Collares, foi instituído *in memoriam*, no ano de 2001, o Prêmio José Almeida Collares, que é entregue anualmente aos Campeões da Expinter e aos Destaques do CDP daquele evento.

Esse troféu é a representação de uma figueira, em bronze, como símbolo da perenidade do trabalho que foi desenvolvido por ele, durante toda sua longa vida. Naquele mesmo ano a Associação Rural de Pelotas conferiu a denominação de José de Almeida Collares a uma das ruas do interior do Parque de Exposições, como símbolo de sua reconhecida e inegável dedicação às causas da própria entidade e da pecuária como um todo.

O significado da pessoa de José Almeida Collares para a pecuária, mais especificamente de bovinos de corte de origem européia, é de difícil descrição, porque o seu relevante trabalho, dedicação e esmero, principalmente sua amizade, o caracterizaram como uma pessoa extremamente conhecida e admirada por todos.



## **Ex-Presidentes**

Nos seus primeiros anos o Registro Genealógico funcionou de forma particular, sem que se houvesse formado uma associação para dirigi-lo. Foi somente em 1921, quando já se contavam 15 anos da abertura do primeiro Livro de Registro Genealógico, que os criadores se reuniram e criaram aquela que se chamou Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense.

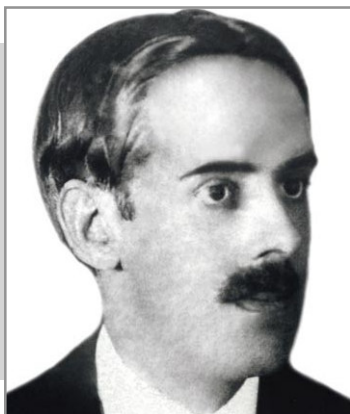
Em novembro de 1974, por decisão da Assembléia Geral, a denominação da entidade mudou para Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares, cujo nome mantém até hoje.

O mandato de cada Diretoria tem e sempre teve a duração de três anos. À exceção da primeira, que era constituída por uma Comissão Diretiva, todas as demais foram dirigidas por um Presidente, juntamente com os demais membros que, de acordo com o Estatuto Social, devem compor a Diretoria.

A Comissão que dirigiu a Associação entre 1921 e 1924 era composta pelo senhores Alfredo da Silva Tavares, José Antônio Martins, Leonardo Brasil Collares, Olavo Brasil de Almeida e Martim Soares, que era o Presidente da Comissão.

A partir de 12 de janeiro de 2004, a ANC conta com a presidência do Dr. José Roberto Pires Weber.

De 1921 a 2003, os Presidentes foram os seguintes:



Martim Soares  
1921 a 1924



Edmundo Berchon des Essarts  
1924 a 1927



**Horácio Francisco de Rezende**  
1927 a 1930



**Miguel de Souza Soares**  
1930 a 1933  
1933 a 1936



**Joaquim Luiz Osório**  
1936 a 1939



**Sátiro Alcides Marques**  
1939 a 1942



**Balbino de Souza Mascarenhas**  
1942 a 1945



**Antônio Dias Soares**  
1945 a 1948



**José Alves Nunes Vieira**  
1948 a 1951  
1951 a 1954



**Octavio Leivas Leite**  
1954 a 1957  
1957 a 1960



**José Cypriano Nunes Vieira**  
1960 a 1963  
1963 a 1966



**Augusto Lauro de Oliveira**  
1966 a 1969  
1969 a 1972  
1972 a 1974



**Fernando Octavio da França  
Mascarenhas**  
1974 a 1977



**Luís Simões Lopes**  
1977 a 1980  
1980 a 1983



Luiz Fernando Cirne Lima  
1983 a 1986



José Júlio Centeno Coutinho  
1986 a 1989



João Vieira de Macedo Neto  
1989 a 1992  
1995 a 1998



João Carlos Patella  
1992 a 1995  
1998 a 2001



Carlos César Silva de Albuquerque  
1995



Manoel Antônio de Macedo Linhares  
2001 a 2004

## Os Cem Anos

A história dos registros genealógicos no Brasil começa na primeira década do século vinte, através do Engenheiro Agrônomo Leonardo Brasil Collares. Formado em 1900, pelo *Lyceu Rio-Grandense de Agronomia e Veterinária*, atual Faculdade de Agronomia “Eliseu Maciel”, da Universidade Federal de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, organizou os serviços em Bagé, onde morava, também no Rio Grande do Sul, inspirado nos já existentes na Argentina e no Uruguai.

Embora as normas e procedimentos estivessem prontos, não houve nenhum registro naquele ano, nem em 1905. Foi somente em 1906 que, efetivamente, foram abertos os primeiros livros.

A primazia coube à raça Shorthorn, que inscreveu o touro “Count Barrington”, no HBB número 1. Importado da Inglaterra e lá registrado sob número HBI 72266, esse “reproductor” (assim se escrevia àquela época), pertencia ao criador bageense Sr. Martin Silveira, que, dessa forma, tornou-se, também, o primeiro registrante de bovinos puros de pedigree no Brasil. A data do registro é 22 de agosto de 1906.

Em 1936, quando se comemorava o 30º aniversário da organização do primeiro livro de registro genealógico no Brasil, a então Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense fez publicar um livreto alusivo à data, em cuja capa foi estampado um triângulo equilátero, onde se lê:



Transcrevemos, respeitada a ortografia da época, o preâmbulo daquela obra, devido à sua evidente importância histórica para os serviços de registro genealógico brasileiros. Diz o autor:

#### *ASSOCIAÇÃO DO REGISTRO GENEALOGICO SUL RIOGRANDENSE*

*Em comemoração ao TRIGESIMO ANNIVERSARIO da organização do primeiro "HERD-BOOK" brasileiro, a 22 de agosto de 1906, na cidade de Bagé, pelo engenheiro-agronomo Leonardo Brasil Collares e como uma homenagem aos criadores de reproductores puros de pedigree, cognominados, acertadamente, "os martyres da pecuaria nacional", publicamos esta condensada resenha enfeixando os nomes daquelles que déram inicio aos diversos livros genealógicos que mantemos actualmente.*

*A Associação do Registro Genealogico Sul Riograndense, com séde em Pelotas, entidade formada de criadores de gado puro, de qualquer das espécies de animais domesticos uteis ao homem, tem a seu cargo o serviço de registro dos reproductores puros de pedigree, pertencentes às diversas raças criadas no paiz, em estado de pureza.*

*A Associação, plasmada á semelhança das congêneres existentes na Argentina e no Uruguay, enfeixa em uma única organização os livros genealógicos de qualquer raça pura, da qual existam criadores no paiz. As normas adoptadas na elaboração desses livros zootechnicos, são (e não podiam deixar de ser) as mesmas sadias normas adoptadas na Inglaterra, paiz que deu origem às raças nobres aperfeiçoadas e aos methods moder- nos de criação de animaes.*

*É formada exclusivamente de criadores, os maiores interessados na boa marcha dos serviços e os melhores fiscaes da sua efficiencia e honestidade, indispensaveis predcados para o seu funcionamento.*

*Para que seja socio da Associação, basta ao criador inscrever nos seus livros genealogicos, reproductores de sua propriedade, o que lhe assegura todos os direitos de interferir com a sua opinião ou com o seu voto na vida da agremiação.*

*Para a sua administração, é eleita uma Diretoria, que a rege por um período de três anos, possuindo, também, um Conselho Technico, que estuda os casos que por ventura surjam, referentemente ao registro e á identidade dos animais.*

*Tem sido comprovado fartamente, durante a ininterrupta existência da Associação, que a sua organização é de resultados extraordinariamente satisfatórios e preenche cabalmente as imprescindíveis necessidades dos cabanheiros, criadores de gado puro de pedigree.*

*Os fluxos e refluxos, que têm afetado entidades similares, decorrentes inevitáveis da instabilidade administrativa e política a que estão esporadicamente sujeitos os países novos como o nosso, não têm atingido, felizmente, a estabilidade estrutural e funcional da Associação.*

*A Diretoria da Associação do Registro Genealógico Sul Rio Grandense, ao apresentar esta síntese histórica deste dilatado período de sua vida, não se pode furtar ao dever de apontar ao preito coletivo, a figura do seu organizador e fundador.*

*O engenheiro agrônomo Leonardo Brasil Collares, dando existência a este instituto e garantindo-lhe o funcionamento nestes três decênios, prestou um dos mais assignalados serviços á industria pecuária brasileira. E esta instituição, que serve puramente a coletividade, sente-se bem na homenagem que nestas linhas rende ao incansável batalhador pelo seu advento e manutenção.*







## Primórdios

A quase totalidade das primeiras criações não visava a comercialização da produção. Os criadores, naqueles tempos, queriam mesmo era produzir touros para seus próprios rebanhos. Tanto era assim, que muitos dos primeiros que registraram seus animais o fizeram mais por consideração ao Dr. Collares – criador do serviço – do que por interesse próprio.

Contava ele que alguns proprietários de animais com *pedigree* relutavam em inscrevê-los no Herd-Book. Um acontecimento por ele relatado ilustra bem este fato. Certa vez, andando pela rua, encontrou-se com dois criadores que caminhavam em sua direção. Posteriormente, veio a saber, por um deles, que quando foi avistado por ambos um sugeriu ao outro que dobrassem a esquina, justificando que “lá vinha o Collares, sempre a insistir que registrasse os animais que ele havia importado”. A resposta do outro foi imediata: *“Você está enganado. Esse moço formado, filho da nossa cidade, somente insiste querendo lhe distinguir. É uma consideração que ele lhe faz ...”*

Por princípio, o Dr. Collares teve como lema que *“a palavra do criador era absoluta”*. Os criadores poderiam orientar os rebanhos segundo seus próprios critérios. Desta forma, puderam registrar animais mochos filhos de pais aspados, assim como de pelagens que fugiam ao *standard* da raça. Segundo esse critério, em parte ainda hoje mantido, foi possível a inscrição dos exemplares de variedades mochas que iam nascendo nos plantéis Rio-grandenses. Vale lembrar que naqueles tempos não havia possibilidade técnica de averiguação de vínculo genético como acontece nos dias de hoje, seja por exame de DNA ou por tipagem sangüínea.

Durante várias décadas nossos criadores preferiam usar touros europeus em seus ventres puros. Mesmo em épocas difíceis e de crise, não poupavam esforços para lograr o melhoramento genético de seus plantéis. Enfrentando todo tipo de entraves burocráticos, além dos custos elevadíssimos inerentes à importação, ainda assim buscavam na Europa os reprodutores que lá se destacavam e que eram considerados melhoradores para o rebanho brasileiro.

### **Importações de animais**

De um modo geral, as importações de animais não eram somente muito trabalhosas. Eram muito mais que isso. Eram caríssimas. As que procediam das repúblicas do Prata – Argentina e Uruguai – embora também dispendiosas, eram mais simples e os animais não sofriam tanto com os problemas de aclimatação. Os brasileiros que eram criadores e proprietários tanto no Rio Grande do Sul como no Uruguai (e não eram poucos os nossos patrícios que tinham estância no vizinho país) sabiam como tratar os animais puros. Na

fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, primeira zona onde foram usadas as raças européias, não havia a incidência de carrapatos e os campos eram de boa qualidade. Já em outras regiões do Estado, os problemas se apresentavam sob as mais diversas formas.

As importações da Europa eram, geralmente, de casais. Do Uruguai e, raramente, da Argentina, vinham pequenos lotes. Na maioria das vezes as vacas eram velhas, só conseguidas com muita dificuldade e por preços bastante elevados.

Quando era importado um touro que despertasse muito a atenção, faziam-se visitas. Na maioria das vezes os interessados, mesmo de outros municípios, que desejavam conhecer o reprodutor faziam a viagem no lombo do cavalo. Este relato foi feito pelos senhores Manoel Martins e Manoel Domingos Mazza, referindo-se a um touro da raça Shorthorn, importado na primeira metade do século passado, para a Estância Alegria, de Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, que pertenceu aos irmãos João e Dinarte Canabarro Cunha.

A pecuária gaúcha sofreu uma das maiores e mais prolongadas crises econômicas de sua história logo após o término da Primeira Grande Guerra. O ano de 1921 veio com grandes dificuldades para os criadores. Muitos proprietários se viram obrigados a liquidar seus plantéis, enquanto diversos outros ficaram em situação econômica muito difícil.

Nos tempos atuais, a moda é importar do Canadá e dos Estados Unidos, principalmente depois da constatação de que a *Encefalopatia Espongiforme Bovina*, o chamado “Mal da Vaca Louca” se manifestou em território europeu. Entretanto, há mais de meio século já se faziam importações de animais norte-americanos, como se pode constatar pelos exemplos que a seguir relatamos.

Em 1920, Antônio Maria Martins & Filhos, da Estância da Taipa, em Bagé, importava dos Estados Unidos o touro da raça Hereford, de nome *Woodford Gaston 2*, de linhagem comprovadamente prepotente e muito *em voga* na época. Lamentavelmente, este reprodutor deixou uma descendência muito pequena. No ano de 1923 ou 1924, foram levados para São Gabriel vários touros filhos de Woodford e de outros reprodutores, todos produzidos na Estância da Taipa. Esses animais seriam utilizados em rodeios da Estância do Céu, também de propriedade de Antônio Maria Martins & Filhos.

Ao chegarem os touros, o Sr. José Antônio Martins, um dos proprietários, solicitou ao Dr. George Wetzel, técnico norte-americano que se radicou no Rio Grande do Sul (Itaqui, Uruguaiana, São Gabriel, Bagé, Pelotas e Porto Alegre – onde veio a falecer), vivendo longos anos ocupado em atividades agropastoris, que apartasse doze touros bons para um dos rodeios daquela estância.

Procurando atender ao proprietário, o Dr. Wetzel retirou do lote apenas oito touros. Perguntado sobre o porquê de ter apartado somente aqueles, ao invés dos doze, conforme lhe havia sido solicitado, respondeu que assim o fizera porque só eles apresentavam as condições previamente estabelecidas. O Sr. Martins observou, então, que os oito animais apartados eram os únicos filhos de Woodford, o que só comprovava a prepotência genética daquele reprodutor.

Logo após a revolução de 1923, como seria natural, houve grande agitação na região da Campanha gaúcha. Mesmo assim, novos núcleos de animais puros foram importados, visando o melhoramento genético dos plantéis existentes.

Por volta de 1925, o britânico Mr. Walter Noble veio para o Rio Grande do Sul na condição de importador de reprodutores. Com o passar do tempo, foi conquistando a confiança dos criadores. Assim, muitos touros pertencentes a linhagens de destaque na época vieram para o criatório gaúcho por seu intermédio.

## Exposições

**A**s exposições pastoris sempre estimularam, de forma bastante decisiva, as criações de animais puros. Embora não seja a pioneira, Bagé é, provavelmente, a localidade com o maior número de certames. Mesmo antes das realizações da Associação Rural, o Sr. Ovídio Candiota já realizava feiras com leilões, ali chamados de “remates”. O primeiro deles foi em 1903, um ano antes da primeira exposição-feira realizada pela Associação Rural de Bagé, entidade que só veio a ser criada em 1904.

Estando, então, o Herd-Book sediado naquela cidade, os certames muito facilitaram o movimento crescente de inscrições nos primeiros anos de registro genealógico. Aqueles eventos pioneiros eram, na verdade, mais feiras do que exposições e a quase totalidade do gado que ali se ofertava era procedente do vizinho Uruguai.

No final dos anos 1800 e no início do século seguinte, os animais, via de regra, vinham do Uruguai, sem qualquer documentação. Com a criação do serviço de registro genealógico no Brasil, as próprias exposições passaram a funcionar como centros de irradiação de animais registrados, autenticando o papel desempenhado pela Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense.

Embora comparecessem àqueles eventos, os animais da criação Rio-grandense eram, sempre, em número bastante reduzido. É interessante notar que esses animais não compareciam ali para serem comercializados. Não que lhes faltasse qualidade, que não despertassem interesse ou que não houvesse compradores. Na verdade, os criadores não queriam vendê-los, pois os reservavam para o melhoramento genético de seus próprios rebanhos. Numa época em que as modernas tecnologias existentes

hoje eram completamente desconhecidas, em que não havia, sequer, a inseminação artificial, os reprodutores representavam um valor enorme e ficavam trabalhando nos rebanhos pelo maior tempo que lhes fosse possível.

Em 1912, a Comissão Organizadora da exposição promovida pela Associação Rural de Bagé era presidida por Anselmo Garrastazú, que deu grande destaque ao evento daquele ano.

Do total de animais ali exibidos sobrou um lote de ventres puros de origem, vindos do Uruguai, que não foi comercializado. O lote foi comprado pela Associação Rural de Bagé e sorteado entre quatro criadores. Os criadores contemplados compareceram às exposições subseqüentes com os produtos descendentes daqueles animais, aumentando em muito a representação nacional.

O ano de 1935 era muito importante para o Rio Grande do Sul, pois marcaria o Centenário da Revolução Farroupilha. Uma Grande Exposição Pecuária, que deveria ser promovida pelo Governo do Estado, fazia parte das comemorações.

A fim de motivar os criadores e despertar o interesse pelo evento, organizaram-se visitas às principais criações gaúchas. Depois de intensa propaganda, orientada pelo Eng. Agrônomo Mário de Oliveira, auxiliado por seus colegas Dario Brossard, Júlio Paixão Côrtes, Manoel Corrêa Soares e Paulo Annes Gonçalves, o certame constituiu-se numa brilhante festa da pecuária Rio-grandense.

Apesar da crise que se fazia sentir na ocasião, a exposição foi realizada em 20 de setembro daquele ano no antigo Parque de Exposições do Menino Deus, onde hoje se localiza a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do RS, na cidade de Porto Alegre. Foi, sem dúvida nenhuma, a maior exposição até então realizada em solo gaúcho. Seu sucesso marcou época e, especialmente, trouxe novo ânimo às cabanhas nacionais, nos anos que se sucederam.

Talvez embalados pela influência desse certame, já no ano seguinte, embora as condições econômicas ainda não fossem consideradas boas, os criadores brasileiros realizaram muitas importações do Uruguai. Foi nessa época que se formaram a maioria das cabanhas de Uruguaiana. Algumas delas ainda hoje continuam com vida ativa e em grande evidência no cenário pecuário nacional.

Em 1937, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, juntamente com a FARSUL – Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, oficializou as exposições, que passaram a se chamar Exposições Estaduais. Daquele ano até 1954 elas foram realizadas oficialmente, em sistema de rodízio, tendo por locais os municípios de Júlio de Castilhos, Sant’Anna do Livramento, Pelotas, Porto Alegre, Santa Maria, São Gabriel e Uruguaiana.

Sem nenhuma dúvida, em alguns desses municípios, os núcleos de animais registrados eram completamente inexpressivos, naquela época. Quase todos os criatórios estavam localizados na fronteira com o Uruguai, que era o berço tradicional de nossas cabanhas. Entretanto, os certames estaduais muito concorreram para o surgimento de novas criações em várias regiões do Estado. Hoje, depois de meio século da oficialização daquelas exposições, existem animais registrados em todas as regiões do Rio Grande do Sul e na maioria dos Estados da Federação.

No ano de 1955, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, juntamente com a FAR-SUL, entenderam por encerrar o ciclo das Exposições Estaduais itinerantes. Assim, a cidade de Porto Alegre passou a ser sede permanente dos certames. As exposições eram realizadas no Parque de Exposições do Menino Deus. Vários fatores contribuíram para a escolha daquele local. Talvez o que mais haja influenciado a favor dessa decisão tenha sido o fato de já existir ali um amplo pavilhão metálico capaz de abrigar toda a mostra.

Esse pavilhão havia sido importado da França em 1912. Naquele ano, o Governo do Estado, então sob a presidência do Dr. Carlos Barbosa Gonçalves, fizera a importação para o fim especial de abrigar as exposições de animais, que vinham sendo sempre realizadas na Capital do Estado, desde 1901, e que tinham abrangência apenas municipal ou regional.

Com a realização anual das Exposições Estaduais no Parque do Menino Deus, vários municípios que até então só apresentavam animais em exposições regionais ou em outros Estados, como Santa Catarina, começaram a comparecer aos certames em Porto Alegre, obtendo, com frequência, prêmios de destaque com os reprodutores ali mostrados.

Até 1969, as Exposições Estaduais se realizaram no Parque do Menino Deus. A partir de 1970, com a criação de um parque na cidade de Esteio, atualmente na Grande Porto Alegre, os eventos foram transferidos para aquele local, que hoje tem o nome de Parque de Exposições “Assis Brasil”, numa justíssima homenagem ao grande político e pecuarista rio-grandense Joaquim Francisco de Assis Brasil.

Criado na gestão do Dr. Luciano Machado, então Secretário da Agricultura e Abastecimento do Rio Grande do Sul, o novo local tem sido sede de grandes certames. Dentre os primeiros ali realizados, merece destaque a 2ª. *Exposição Internacional*, no ano de 1974. Edgar Irio Simm era o Secretário da Agricultura naquele ano e Almir Vieira Gonçalves o Presidente da FARSUL.

A exposição foi realizada em momento de grande euforia da classe rural. Contou com numerosa representação estrangeira, inclusive com raças até então desconhecidas dos criadores brasileiros. Registrou recordes de preço, de inscrições de

animais e de público. Pode-se afirmar, com toda a certeza, que foi a melhor e maior festa do gênero até então realizada no Rio Grande do Sul e no Brasil.

São inúmeras as vezes em que, nas Exposições Internacionais realizadas no Rio Grande do Sul, a partir de 1972, os reprodutores brasileiros têm conquistado os prêmios máximos em competição com Grandes Campeões de outros países, que aqui vêm concorrer, numa demonstração clara e evidente da qualidade genética que nossos animais lograram conquistar, fruto de um trabalho árduo e sério da cabanha nacional.

### **Conceito na comercialização de Puros de Origem**

No início do século passado, entre as primeiras exposições realizadas pela Associação Rural de Bagé, apareciam por lá muitos estrangeiros, criadores brasileiros e corretores, todos tentando vender seus animais. Conta-se que entre estes, houve um que causou muito má impressão pela maneira como tentava negociar seus animais. Naturalmente, a fama que adquiriu lhe trouxe muitas dificuldades para concretizar seus negócios, pois, além disso, era ainda muito moço e havia iniciado sua criação há bem pouco tempo.

Contava-se que, estando ele em uma daquelas exposições e sem comprador para seus produtos puros de origem, teria abordado o Sr. Carlos Alberto Sá Antunes, criador respeitado e já consagrado na atividade, na tentativa de vender a ele seus animais. A insistência fora tanta, que o Sr. Antunes não teve dúvidas e respondeu que *“só comprava pedigree de quem tivesse pedigree”*.

Este episódio bem demonstra duas coisas: primeiro, que o conceito sobre registro de pedigree já era bem entendido naqueles tempos, pois atestava a pureza genética dos animais nele inscritos e, segundo, que ao criador não bastava ter animais de boa qualidade e procedência, tinha, ele mesmo, de ter bom pedigree, isto é, ser homem honrado e de caráter, para que se pudesse confiar não somente nele, mas, também, na seriedade do trabalho que realizava.

### **Sucessores de criações iniciadas nos primórdios do Herd-Book Collares**

Das criações iniciadas na época em que o registro era de propriedade do fundador, existem ainda três plantéis, hoje em mãos dos sucessores, que ainda registram seus animais no Herd-Book Collares. Junto com eles, no entanto, citaremos mais outros dois, que embora já não registrem mais, são merecedores de destaque, devido à importância que atingiram, em suas épocas. As citações estão por ordem cronológica de fundação dos plantéis.

- Em 1904, no município de Dom Pedrito, Horácio Francisco de Rezende inicia uma criação de animais da raça Hereford. Posteriormente, o núcleo é transferido para sua fazenda *Santa Zeferina*, no município de Herval – hoje Pedras Altas –, onde Júlio Ramos Faria, seu genro, continuou a criação naquela mesma propriedade, até seu falecimento. Essa criação obteve sempre bastante destaque nos certames em que inscrevia seus animais.

Um plantel descendente desse núcleo, na mesma *Santa Zeferina*, embora em número bastante mais reduzido, continuou mantido por Júlio Elch Saldanha Silveira, que por sua vez era genro de Júlio Ramos Faria. Importante salientar que, embora não esteja mais sendo registrado, esse plantel passou pela mão de três gerações de proprietários.

– No município de Jaguarão, em 1917, Leonídio & Agenor Garcia deram início a um núcleo de criação de gado da raça Hereford, na *Fazenda União*, que, posteriormente, passou a pertencer unicamente ao Cel. Agenor Garcia.

Com o falecimento do titular, esse plantel passou às mãos de sua filha, Isabel Garcia Tinoco, que, igualmente, continuou registrando seus animais no Herd-Book.

Quando D<sup>a</sup>. Isabel faleceu, o plantel foi dividido e os animais continuaram sendo registrados por José Machado Dias, na *Fazenda União*, e por Luiz Fernando Garcia de Azevedo, no estabelecimento denominado *As Crianças*.

Essa criação teve grande influência sobre a raça, nas zonas sul e leste da fronteira Rio-grandense, tendo dado origem a muitos outros núcleos de Puros de Origem, tanto no Rio Grande do Sul, como em Santa Catarina.

Este foi o primeiro plantel que chegou aos 1000 animais nacionais registrados. Para comemorar esse feito, no ano de 1944, a então Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense ofereceu uma placa comemorativa ao Cel. Agenor Garcia.



– No ano de 1920, Antônio Simões Cantera fundou a Cabanha Santa Heloísa, no município de Bagé, com animais da raça Hereford, importados da Grã-Bretanha. Por muitos anos, esse criatório conquistou os prêmios máximos da raça, nas exposições por onde se apresentava, notadamente naquelas organizadas pela Associação Rural de Bagé.

Com o gado dessa origem, seu genro, Rodolfo C. Moglia Marino iniciou sua criação de Puros de Origem, também em Bagé, hoje município de Aceguá, na Estância do Cerrito. Após seu falecimento, os animais continuaram sendo registrados pela Suc. Rodolfo C. Moglia Marino, no mesmo estabelecimento.

A Estância do Cerrito registra seus animais até os dias de hoje, agora em nome de Suc. Rodolfo C. Moglia Marino – CAP, sob a responsabilidade de Ricardo Cantera Marino.

– Também em 1920 é iniciado um núcleo de criação de Red-Poll, na *Granja Silvana*, de propriedade do Cel. Guilherme Echenique, no município de Arroio Grande.

A *Granja Silvana* continua a registrar seus animais até os dias de hoje, no município de Pedro Osório, também no Rio Grande do Sul, agora em nome de Guilherme Me-deiros Echenique, que é filho do Cel. Guilherme.

– Ainda em 1920, os senhores Alfredo Soares da Silva & Martim Soares, da Estância da Lagoa Branca, no município de Herval, que haviam vendido o campo que tinham no Uruguai e se mudado para o Rio Grande do Sul, trouxeram consigo todo o gado Hereford que lá criavam. Durante algum tempo, os produtos daquele rebanho foram registrados simultaneamente no Brasil e no Uruguai.

Os descendentes do Dr. Martim Soares ainda continuam a registrar seus animais no Herd-Book Collares, sem nunca ter havido solução de continuidade. Sediado no mesmo município de Herval, o Condomínio Dr. Nelson Souza Piegas, administrado pelo Dr. Fernando Soares Piegas – neto do Dr. Martim Soares –, mantém sob sua guarda a criação e o registro dos animais descendentes daqueles que pertenceram a seu avô.

– No ano de 1921, Julião Brossard, criador uruguaio, radicado e casado no Brasil, inicia em sua propriedade *São Pedro*, no município de Bagé, um núcleo de animais da raça Shorthorn, todos Puros de Origem, a partir da criação de Augusto Pereira de Carvalho, de Sant’Anna do Livramento.

Criador na localidade de Coxilha Negra, Augusto Pereira de Carvalho foi o primeiro importador de bovinos europeus para o Brasil. Naquela época – era o ano de 1893 –, via-se obrigado a registrar seus animais importados e os respectivos descendentes no Herd-Book do Uruguai por não haver, ainda, nenhum serviço de registro genealógico no Brasil.



Com o falecimento do titular, passaram as inscrições a ser feitas em nome da Sucessão Julião Brossard. Mais tarde, os animais foram inscritos em nome de Luiz, Pedro, Paulo e Dario Brossard, passando, depois, para Luiz, Pedro e Paulo Brossard.

Atualmente, a criação a que nos estamos referindo pertence ao Dr. Paulo Brossard de Souza Pinto, neto do Sr. Julião Brossard.

Remontando ao ano de 1893, o plantel de Shorthorn do Dr. Paulo Brossard, criado e mantido por ele na *Estância Santa Genoveva*, no município de Bagé, é o núcleo de animais registrados com origem mais antiga, dentre as criações de gado Puro de Pedigree existentes no Rio Grande do Sul e no Brasil, sobre o qual se tem informação.

### **Criações transferidas para o Brasil**

Algumas criações gaúchas, de animais Puros de Origem, foram iniciadas com a transferência de todo o plantel do Uruguai para cá. A primeira delas foi em 1920, pela Estância da Lagoa Branca. Seus proprietários venderam o campo que tinham no país vizinho e se mudaram para o Rio Grande do Sul, trazendo consigo todo o gado Hereford que lá criavam. Esses animais passaram a ser registrados no Brasil em nome de Alfredo Soares da Silva & Martim Soares, no município de Herval. Durante algum tempo, os produtos daquele rebanho foram registrados simultaneamente no Brasil e no Uruguai. Na época era comum os criadores procederem dessa forma. Essa prática não acontecia só no Brasil, tanto que uma consagrada cabanha da Argentina registrava seus animais também na Grã-Bretanha.

Importante destacar que os descendentes do Dr. Martim Soares ainda continuam a registrar seus animais no Herd-Book Collares, sem nunca ter havido solução de continuidade. Sediado no mesmo município de Herval, o Condomínio Dr. Nelson Souza Piegas, administrado pelo Dr. Fernando Soares Piegas – neto do Dr. Martim Soares – mantém sob sua guarda a criação e o registro dos animais descendentes daqueles que pertenceram a seu avô e que com ele vieram do vizinho Uruguai na longínqua década de 1920.

Em 1925, a firma uruguaia S/A Cabañas Y Estancias La Vitoria Ltda., com afamada criação de Hereford no Uruguai, abriu uma filial no município de Bagé, com o nome de Cabanha Cinco Cruzes, local atualmente ocupado pela EMBRAPA – Pecuária Sul (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), onde continuou a criação iniciada naquele país. Em épocas posteriores, outras criações foram transferidas do Uruguai para o Rio Grande do Sul.

## **Negócios em tempos difíceis**

**T**alvez a maior crise enfrentada pela pecuária gaúcha tenha sido a que se estabeleceu no final dos anos 1920 e que se estendeu até o começo da década seguinte. Foi tão avassaladora que até criadores de muito boa condição econômica, com propriedades grandes em dois municípios, viram-se obrigados a se desfazer de seus bens, conseguindo conservar consigo apenas pequenas extensões de campo e os plantéis de gado puro de origem.

A comercialização de animais registrados era difícilíssima naquela época e, por causa, disso, além da já citada crise, os touros abarrotavam os campos. A saída encontrada foi a permuta daqueles reprodutores por *vacas de invernar*, que, em sua maioria, eram animais de raças crioulas.

O saldo positivo dessa crise é que muitos pecuaristas que não criavam animais de Pedigree e talvez nem tivessem condições econômicas de adquirir reprodutores puros dessa categoria, puderam também fazê-lo. Com isso, dois grandes benefícios ficaram logo evidenciados: o primeiro, foi o melhoramento genético dos rebanhos dos compradores e, o segundo, a expansão e o fortalecimento das raças, com a conseqüente abertura de novos mercados.

Posteriormente, essa mesma forma de negociar foi adotada também para os ventres puros. Muitos plantéis foram assim formados, dando origem a animais que conquistaram campeonatos em exposições estaduais e que, ainda hoje, se apresentam com destaque nas exposições de Esteio.

## **Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense**

**A** 15 de novembro de 1921, na sede da Associação Rural de Bagé, foi fundada a Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense. Tinha a nova entidade a finalidade de encampar os trabalhos de registro genealógico, até então levados a termo por seu idealizador e criador, Leonardo Brasil Collares, desde a abertura do primeiro livro em 1906. O Dr. Collares permaneceu à frente dos serviços até o ano de 1943, quando de seu falecimento.

A partir da unificação dos serviços de registro entre os acervos do Governo do Estado do Rio Grande do Sul – de acordo com a Lei Estadual nº 1164, de 30 de outubro de 1950 – e do Herd-Book Collares, os criadores passaram a pagar taxas de inscrição, de transferência e outros emolumentos atinentes aos serviços.

Esta foi uma mudança radical, pois até então as inscrições e transferências eram feitas de forma gratuita.

Nos três primeiros anos de sua existência a nova entidade foi dirigida por uma Comissão. Os membros que a compunham eram os seguintes: Alfredo da Silva Tavares; Conde de São Mamede; José Antônio Martins; Leonardo Brasil Collares; Martim Soares e Olavo Brasil de Almeida. A presidência dessa Comissão coube a Martim Soares, que a exerceu de 1921 até 1924.

A Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense conservou essa denominação até 1974, quando, no dia 11 de novembro, por decisão da Assembléia Geral que se realizava naquele mesmo dia, passou a chamar-se Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares, que permanece até os dias de hoje. Era presidente o Engenheiro Agrônomo Fernando Octavio da França Mascarenhas.

A primeira sede da associação, na cidade de Pelotas, funcionava em uma sala alugada ao Derby Club de Pelotas, à rua General Vitorino, atual rua Padre Anchieta, ou simplesmente Anchieta, como é mais conhecida. Depois, passou a funcionar junto à Sociedade Agrícola de Pelotas, na mesma rua, porém em prédio pertencente ao Clube Comercial. Posteriormente, instalou-se na residência do Dr. Collares, primeiro à rua Félix da Cunha, mais tarde na Voluntários da Pátria e, por último, na Marechal Deodoro.

De 1936 a 1941, esteve estabelecida junto à Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos e da Sociedade Agrícola de Pelotas. Em 1941 alugou um prédio, novamente à rua Voluntários da Pátria e em 1945 transferiu-se para a rua Anchieta, onde permanece até os dias de hoje.

A sede atual foi comprada pela associação, durante a gestão do presidente Balbino de Souza Mascarenhas e sob sua fiança pessoal. Esse prédio sofreu três reformas: a primeira em 1945, para adaptação, a segunda em 1975, para ampliação, e a última, em 2001, para ampliação, adaptação e modernização.

Em 2001, a sede foi totalmente remodelada em seu interior. Tendo como foco principal a conservação das características externas do prédio, a reforma proporcionou a organização da biblioteca e melhor aproveitamento dos espaços destinados aos serviços, além da criação de uma cafeteria.

O projeto, assinado pela arquiteta Francisca Però Osório, teve sua execução capitaneada por Anna Luiza Sampaio Quinto di Camelli, que ocupava uma das vice-presidências naquela gestão da Diretoria.

Naquele mesmo ano, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, foi desfeito o estande da ANC que lá havia, sendo construído outro em seu lugar, com o dobro das dimensões do anterior. O projeto também teve a assinatura de Francisca Però Osório e a construção ficou, igualmente, sob a supervisão de Anna Luiza Sampaio Quinto di Camelli, que também foi a responsável por toda a decoração.

Quando da inauguração da reforma da sede social da entidade, em Pelotas, foi descerrada uma placa em bronze como reconhecimento da dedicação demonstrada pela Sra. Anna Luiza, com os seguintes dizeres:

À SRA. ANNA LUIZA SAMPAIO QUINTO DI CAMELLI  
VICE-PRESIDENTE

*O RECONHECIMENTO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CRIADORES  
HERD-BOOK COLLARES, POR SUA DEDICAÇÃO E DINAMISMO NA  
EXECUÇÃO DA REFORMA DA SEDE SOCIAL, NA PASSAGEM DOS 95  
ANOS DESTA CASA.*

*PELOTAS, 18 DE DEZEMBRO DE 2001*

*MANOEL ANTÔNIO DE MACEDO LINHARES  
PRESIDENTE*

### **Cuidados e precauções**

 Os dois primeiros ventres da raça Charolês registrados no Herd-Book Collares, em nome do Sr. Cypriano de Souza Mascarenhas, do município de Júlio de Castilhos, foram usados como simples incubadoras. Logo após o parto, seus produtos passaram a ser amamentados por amas, com o propósito de poupar as mães, conseguindo com isso lograr o maior número possível de filhos por vaca.

*Fadette*, o ventre número 1 do registro da raça, deixou 17 filhos, sendo, até hoje, a fêmea com o maior número de crias registradas. Todos eles foram gerados pelo processo de monta natural.

Nascida a 25 de fevereiro de 1926, esta vaca foi importada da França, em 1927, onde foi registrada sob o HBF. 23391. Morreu em 11 de janeiro de 1948. Era filha de Belge, HBF 6405, com Cendrillon, HBF 16639 e nasceu na propriedade de Achille Naudin Fils. Foi importada por Cypriano de Souza Mascarenhas, da Estância Santa Gertrudes, no município de Júlio de Castilhos, no Rio Grande do Sul.

*Formose*, o outro ventre que também foi importado por Cypriano S. Mascarenhas, era da mesma procedência e veio na mesma importação. Nascida em 25 de fevereiro de 1926, foi registrada no HBF. 23392 e no Brasil, no HBB 2. Morreu em 30 de março de 1944, tendo deixado 9 filhos registrados. Tanto *Fadette* como *Formose* foram nacionalizadas em abril de 1927.



Fadette, com 1 ano, em foto tirada na França



Fadette, aos 20 anos de idade

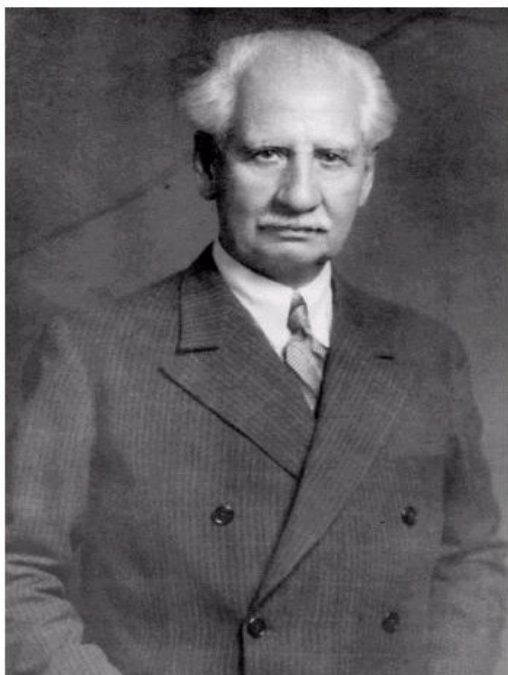
Outro fato interessante e que merece destaque ocorreu em 1928. O Cel. Firmino Vieira Jacques, ao importar da Inglaterra o touro da raça *Sussex*, de nome *Linton Oakover Major*, para seu estabelecimento no município de Lagoa Vermelha, mandou confeccionar um conjunto de botas para calçar no touro, permitindo-lhe passar a pé o vale do Rio das Antas.

Naquela época, a estrada de ferro alcançava somente até Bento Gonçalves e as carretas não podiam transpor as elevações do terreno, levando um animal tão pesado como carga. Os caminhos eram muito pedregosos e as botas tinham como finalidade evitar que o touro ficasse com os cascos estropiados.

#### **Plantel formado a partir de um só ventre**

No ano de 1931, João Moreira Riet, que explorava um campo arrendado no município de Sant'Anna do Livramento, importou do Uruguai um touro e duas vacas da raça Hereford. Ao chegar no Brasil, uma das vacas morreu, a outra, que se chamava *Limadura*, foi inscrita no HBB 2039. Deixou onze filhos registrados: seis machos e cinco fêmeas. Destas, três deixaram descendentes. Esta vaca formou uma linhagem tão grande que, de sua descendência direta, no ano de 1968 – o último em que o Sr. Riet registrou seus animais – contabilizavam-se 106 produtos inscritos, numa época em que ainda nem se pensava em transferência de embrião e, muito menos, em fecundação *in vitro*.

## Visitas que honraram e honram a entidade



*Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil*

**E**m 27 de dezembro de 1930 a Associação recebeu a visita do Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil, então Ministro da Agricultura, que foi recepcionado por diversos membros da Diretoria.

Em 1º de junho de 1942, em sua sede à Rua Voluntários da Pátria, assinala-se a visita do Ministro da Agricultura, Engenheiro Agrônomo Apolônio Sales.

Em 1968, esteve em visita à entidade o Secretário do Herd-Book Hereford e Secretário Geral do Conselho Mundial de Hereford, Mr. J. A. Morrison.

Em outubro de 1970 registrou-se a visita do Sr. René Darsch, Diretor do Herd-Book Normand, da França.

Em 07 de março de 1972, esteve em visita à sede social da entidade o Ministro da Agricultura, Prof. Luiz Fernando Cirne Lima, que foi recebido por grande parte da Diretoria, além dos presidentes das demais entidades rurais sediadas em Pelotas.



*Visita do Ministro da Agricultura, Prof. Luiz Fernando Cirne Lima*

Em 05 de outubro de 1989, recebemos a visita do Ministro da Agricultura, Iris Rezende Machado, acompanhado pelo Dr. Paulo Brossard, Ministro do Supremo Tribunal Federal. As autoridades foram recepcionadas por José Júlio Centeno Coutinho, Presidente da Associação, e José de Almeida Collares, seu Diretor Geral.

Em ato comemorativo a essa visita, foi descerrada uma placa em bronze, na sede da entidade, onde se lê:

*AO EMINENTE MINISTRO DA AGRICULTURA,*

*IRIS REZENDE MACHADO,*

*NOSSA HOMENAGEM PELO SEU TRABALHO PROFÍCUO NA LUTA PELO  
DESENVOLVIMENTO DA PECUÁRIA NACIONAL.*

*ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CRIADORES HERD-BOOK COLLARES, NO SEU  
85º ANIVERSÁRIO.*

*PELOTAS, 05/10/1.989*



*Iris Rezende Machado e José Júlio Coutinho*





**Paulo Brossard, José Collares e Iris Rezende Machado**

Inúmeras autoridades estiveram presentes. Destaca-se o Prefeito de Pelotas, Anselmo Rodrigues, Ary Faria Marimon, Presidente da Farsul, e Luís Simões Lopes, ex-presidente do Herd-Book Collares e que foi seu representante no Congresso Mundial de Roma, sobre registro genealógico, em 1936. Além dos representantes das diversas entidades ruralistas estabelecidas em Pelotas, registrou-se, também, a presença de Ary Lange, que representava a classe empresarial do município.

Discursaram, na oportunidade, além do próprio homenageado, José Rodrigues Gomes Neto, em nome da ANC, e o Ministro Paulo Brossard. Depois de prestar as merecidas homenagens ao Ministro da Agricultura, objeto maior de sua fala, Paulo Brossard enalteceu o trabalho dedicado e profícuo desenvolvido por José Almeida Collares, Diretor Geral da Associação, herdeiro natural do legado de seu pai, Leonardo Brasil Collares, e que tão bem soube dar continuidade à sua obra.

Além dos Ministros anteriormente citados, o Herd-Book Collares teve a honra de receber inúmeros outros ilustres visitantes.

Dentre eles, salientamos, em 1938, o Diretor Geral da Produção Animal do Ministério da Agricultura, Eng.<sup>o</sup> Agrônomo Mário de Oliveira; em 1970, o Diretor do Herd-Book Normand, da França, René Darsch; em 21 dezembro de 2001, o Presidente da FARSUL, médico veterinário Carlos Rivaci Sperotto, e em 30 de outubro de 2002, o Eng.<sup>o</sup> Agrônomo José Amauri Dimarzio, que viria a ser o Secretário Executivo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, já em janeiro de 2003.



## Publicações

No ano de 1931, em que se comemorava o Jubileu de Prata dos serviços de registro genealógico no Brasil, foi publicado um folheto com dados da entidade, de autoria do Dr. Antônio Soares Paiva.

Em 1936, quando se completavam 30 anos, organizou-se uma publicação com a relação dos primeiros animais inscritos e os respectivos nomes dos criadores que registravam seus animais nos livros da entidade.

Por força de contratos assinados com o Ministério da Agricultura, desde o segundo semestre do ano de 1936 até 1947, foram editados dois relatórios anuais, um no final do primeiro semestre e o outro com informações de todo o ano, onde constava a relação das inscrições efetuadas no período. De início, somente figuravam os registros, posteriormente, foram acrescentadas outras informações, tais como históricos de criações, prêmios oferecidos no ano e outras transcrições sobre os serviços de registro genealógico em outros países.

Em 1966, comemorando o 60º aniversário, foi feita outra publicação, contendo o resumo das atividades até então realizadas.

Em 1971 lançou-se um Boletim, editado e distribuído pela ASCAR – Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural, em comemoração aos 65 anos de existência do Herd-Book Collares, em cuja capa foi estampada uma escarapela ostentando as cores vermelha, amarela e verde, da bandeira do Rio Grande do Sul, numa clara homenagem ao Estado onde nascera a Entidade que, naquela época, chamava-se Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense.

A publicação começa com uma fotografia, que ocupa quase toda a página, onde se lê: Dr. Leonardo Brasil Collares, criador do primeiro Herd-Book do Brasil. E, logo abaixo:

*“Os ingleses tiveram seu Coates,  
os americanos seu Allem,  
e os brasileiros têm a fortuna  
de ter o seu Collares”.*

GEORGE  
WETZEL

Fundamentando seu conteúdo, basicamente, em dados estatísticos, essa publicação mostra um apanhado geral das atividades até então desenvolvidas.

Dentre tudo que ali é mostrado não se pode deixar de destacar a opinião de dois técnicos especialistas em registro genealógico, um inglês e um francês, que visitaram a sede do Herd-Book e externaram suas opiniões a respeito do que aqui observaram.

Mr. J. A. Morrison – Secretário do Herd-Book de Hereford e Secretário Geral do Conselho Mundial de Hereford, que em 1968 veio ao Brasil a convite da Federação de Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul. Esta visita estava relacionada com o ingresso do Brasil no Conselho Mundial de Hereford. As despesas decorrentes de sua viagem foram custeadas pela Secretaria da Agricultura, pela Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense e pela FARSUL. Após seu retorno à Grã-Bretanha, assim se referiu ao Herd-Book Collares, conforme nota publicada no informativo *British News Service*:

“No Brasil, o especialista britânico esteve em visita a várias estâncias do Rio Grande do Sul e examinou o sistema brasileiro de registro genealógico. Este sistema de registro foi por ele considerado “altamente satisfatório” <sup>(1)</sup> – e foi inaugurado em 1906.”

Em outubro de 1970, passou por Pelotas, com destino a Montevidéu, no Uruguai, aonde iria julgar a raça Normanda, na Exposição do Prado, o Sr. René Darsch, Diretor do *Herd Book Normand*, com sede em Caen, na França. Ao despedir-se, deixou um folheto relativo àquela cidade, escrevendo suas impressões sobre o que tinha visto. Assim expressou-se então:

*“Com os meus cumprimentos pela realização do Herd-Book Collares. Meus agradecimentos por esse excelente acolhimento e pela descoberta aqui de livros antigos que, na Normandia, foram destruídos pela guerra.”*

René Darsch

## **Entidades fundadas sob os auspícios do Herd-Book Collares**

**E**m 1932, foi fundada, na cidade de Bagé, a Associação dos Criadores de Cavalos Crioulos, que é a atual Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos, com sede na cidade de Pelotas. A Ata original da Assembléia Geral que aprovou a criação daquela Entidade continua nos arquivos Herd-Book Collares, lavrada que foi em seu Livro de Atas, com a seguinte observação: “Esta Ata foi aqui lavrada em virtude de ainda não haver um Livro próprio para a nova Associação que hoje foi criada”. Quando todos os trâmites legais para o funcionamento da nova associação se completaram, foi aberto um Livro de Atas próprio e aquele documento foi ali transcrito.

Em 1947, é fundada, na cidade de Quaraí, como gremial da entidade, a Associação Brasileira dos Criadores de Polled-Hereford. Esta entidade, lamentavelmente, teve vida efêmera. Com o falecimento do Sr. Olympio Guerra, introdutor, difusor e grande entusiasta da variedade mocha em nosso País, foi extinta a associação por ele criada.

Em março de 1976, na sede social do Herd-Book Collares, em Pelotas, foi fundada a Associação Brasileira dos Criadores da Raça Blonde d'Aquitaine.

Em agosto do mesmo ano, no estande do Herd-Book Collares, no *Parque de Exposições Assis Brasil*, em Esteio, foi fundada a Associação Brasileira de Criadores de Maine-Anjou. Esta entidade também foi logo extinta, coincidindo o seu término com o desinteresse pela criação da raça.

### **Provas de apreço e contribuições**

**D**entre as muitas distinções que o Herd-Book Collares tem recebido, destacam-se as seguintes:

Em 1933, o Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil, que fora Ministro da Agricultura, viajou a Londres, chefiando a Missão Especial Econômica. Ao regressar, trouxe consigo uma coleção completa dos volumes do Herd-Book Hereford inglês, composta dos exemplares de números 1 ao 62, contendo os registros genealógicos efetuados pela *The Hereford Herd-Book Society*, entre os anos de 1846 a 1932.

Ao chegar ao Brasil, Assis Brasil ofertou a valiosíssima coleção à Associação. Hoje ela faz parte do acervo da biblioteca, estando completa até o volume de número 106.

Um substancial auxílio financeiro do Governo Federal foi recebido no ano de 1957, no valor de Cr\$ 125.000,00 (cento e vinte e cinco mil cruzeiros), graças aos esforços do Deputado Victor Loureiro Issler.



#### *Sala de trabalho da ANC*

Uma coleção completa do Herd-Book Normand foi ofertada à Associação pelo Dr. Mário de Oliveira, no ano de 1969, compreendendo os volumes 1 a 46, referente ao período de 1884 a 1930.

No ano de 1970, quando de sua visita ao Herd-Book Collares, o Sr. René Darsch, Diretor do Herd-Book Normand, ao escrever suas impressões, mostrou-se agradavelmente surpreso pela descoberta, no Brasil, de livros antigos que, na Normandia, haviam sido destruídos durante a guerra.

A biblioteca da Associação tem recebido doações de muitos volumes valiosos, através de diversos associados e amigos. Pela originalidade da dedicatória, transcreve-

mos o que consta do volume *Farm Live Stock Of Great Britain*, de Robert Wallace, zootecnista escocês de grande renome em seu tempo:

*“Prometi este livro em 1926, mas só recentemente o descobri, de segunda mão, em Londres. – Oferece Walter Noble – 1952.”*

O exemplar é da terceira edição, publicada por Crosby Lockwood & Son, em 1893.

### **Congresso Internacional de Roma**

O ano de 1936 foi de extrema importância para os serviços de registro genealógico do mundo inteiro. Como não poderia deixar de ser, o Herd-Book Collares se fez presente. Foi indicado como representante oficial naquele evento, não só do Herd-Book, mas também do Brasil, o Dr. Luís Simões Lopes, que viria a ser presidente da Fundação Getúlio Vargas, de 1945 a 1992, e do próprio Herd-Book Collares, por duas gestões consecutivas, entre 1977 e 1983.

Representado por ele, o Brasil assinou a Convenção de 14 de outubro de 1936, pela qual cuidava da *Unificação do Registro Genealógico Bovino*, promulgada pelo Decreto 3.457, de 15 de dezembro de 1938.

As decisões tomadas naquele encontro influenciaram e influenciam ainda hoje a legislação sobre os serviços de registro genealógico, em todo o mundo. Os países participantes do Congresso aderiram às normas lá aprovadas. Os que ainda não faziam registro e começaram depois estão obrigados a respeitar aquelas recomendações internacionais, para que tenham seus serviços reconhecidos pelas demais entidades congêneres.



*Dr. Luís Simões Lopes (ao centro)*

## Registros que fugiam às normas tradicionais

**E**m 1938, é registrado o primeiro Aberdeen Angus de pelagem vermelha. Era o terneiro *Duke Raleigh Of Camoaty 317*, nascido em 02 de fevereiro de 1938 e inscrito no HBB 471 filho de *Duke Raleigh of Curamalan* e de *Mirador of Camoaty 103*. Era de criação e propriedade de Fernando C. Riet, da Cabanha Camoaty, de Uruguiana.

Em 1940, é inscrito o primeiro produto nascido mocho, da raça Hereford, filho de pai e mãe aspados. Era a terneira *Victoria 56*, nascida em 23 de setembro de 1940 e registrada no HBB 6675. Filha de *San Juan's Nelson 144* e *Victoria 16*, era de criação e propriedade do Cel. Agenor Garcia, da Fazenda União, de Jaguarão.

Em 28 de agosto de 1958 nasce o terneiro *Better 8 do Planalto*, da raça Aberdeen Angus, filho de *Better La Ilusion of Itapitocay* e *Saint Louis's Tatania 6*. Foi registrado no HBB 6467. De criação do Sr. Aristides de Moraes Gomes, da Estância do Tabor, em Tupanciretã, foi o primeiro produto concebido por inseminação artificial que se registrou no Herd-Book Collares.

Em 1º de setembro de 1959 nasce a terneira *CR Miss Nobleman 8*, da raça Hereford, variedade *Polled*, que foi registrada no HBB 54741. Da criação de Luiz Osório Rechsteiner, da Estância da Várzea, no município de Pelotas, era filha de *L9 Domino 7* e *CR Miss Nobleman 16*. Este foi o primeiro bovino de corte que se registrou, oriundo de inseminação artificial com sêmen importado.

Sempre atenta à constante evolução da pecuária mundial, a Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares regulamentou, em 1974, o registro genealógico entre raças afins, a exemplo do que vinha acontecendo em outros países. Já no ano seguinte, é registrada *Fidalga de Lages*, sob o número de HBB 410. Este foi o primeiro produto, filho de pai Dinamarquês Vermelho (FCB Ongania – HBB 307) em mãe de raça Flamengo (Arca de Lages – HBB 254), de criação da EMBRAPA, de Lages, no Estado de Santa Catarina.

Procedimento análogo ocorreu com a raça Shorthorn, que permitiu a utilização de touros das raças Lincoln Red e Maine Anjou. Em ambos os casos, sempre se teve o aval do Ministério da Agricultura, que, além de aprovar, normatizou o assunto. Essa concessão perdurou por alguns anos, depois o próprio Ministério cancelou sua utilização, chegando a alegar que os animais assim produzidos não poderiam ser considerados Puros de Origem. Essa nova forma de analisar o procedimento levou a enquadrar como produtos de cruzamentos sob controle de genealogia os animais assim produzidos. Então os criadores não mais se utilizaram daquelas raças para produzir animais que tivessem como objetivo o registro genealógico, em nenhuma categoria.

## O Rio Grande do Sul nas exposições da Argentina e do Uruguai

A raça Hereford foi a que primeiro se apresentou em exposições nos chamados Países do Prata. O terneiro *Charrúa Presidente 4*, nascido em 07 de agosto de 1939, registrado sob número de HBB 5891, de criação do Sr. Gaspar Carvalho, da Cabanha Charrua, de Uruguiana, conquistou prêmios destacados na Exposição Internacional de Palermo, na Argentina, no ano de 1940. Este animal era descendente de ventres uruguaios, importados em 1936.

A partir de 1940, nossas criações, em número reduzido mas muito selecionado, passaram a freqüentar os certames máximos do Prata.

Alguns campeonatos conquistados pelas raças Hereford e Aberdeen Angus modificaram, no exterior, o conceito sobre a qualidade do rebanho Rio-grandense. Nessa época, o Rio Grande do Sul também se fez representar nas raças Shorthorn e Charolês, embora não tenha conseguido lograr prêmios importantes com nenhuma delas.

Em 1942, no Certame Internacional do Prado, em Montevideú, no Uruguai, o touro *Eruth Doonholm 8 Of Itapitocai*, da raça Aberdeen Angus, criado e lá exposto por Joal Silva e Hermes Pinto (Silva & Pinto Ltda.), de Uruguiana, conquistou o Grande Campeonato da raça.

É importante lembrar que naquela época o Governo Brasileiro não permitia a venda desses animais. Em assim sendo, todo o sacrifício, somado às enormes despesas decorrentes da preparação, transporte e manutenção dos animais durante a exposição, tinham apenas um único objetivo: elevar, no exterior, o conceito sobre a pecuária brasileira.

Na edição do *Correio do Povo*, de 17 de dezembro de 1976, quando da divulgação dos 70 anos do Herd-Book Collares, já se mencionava a primeira exportação de bovinos brasileiros feita para a Argentina. O vendedor foi a Cabanha Santa Bárbara, localizada no município de São Jerônimo/RS, de propriedade da Sra. Carla Staiger Schneider.

A manchete do Suplemento Rural daquele jornal destacava: “Angus de Santa Bárbara Para Cabanha Argentina”. E logo a seguir, dizia que o “Brasil vende seu primeiro Angus à Argentina”.

A notícia: Pela primeira vez na história da pecuária nacional, um touro Aberdeen Angus é comprado pela Argentina. A Sra. Sandra Staiger Schneider e o Sr. Carlos Staiger foram muito felicitados pelo governador Sinval Guazzelli, pela venda do Campeão de Esteio. Negociado por Cr\$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros), recorde brasileiro para a raça, *Kc High Chaparral* foi adquirido pela Cabanha Tres

Marias, do Eng.<sup>o</sup> Horacio Gutierrez, presidente da Sociedad Argentina de Aberdeen Angus, várias vezes jurado de “mochos negros” em seu país, como no Canadá e nos Estados Unidos.

Na mesma ocasião, outro criador argentino, a cabanha *El Meridiano*, adquiriu três novilhas puras, com serviços de touros norte-americanos, uma das quais pela expressiva soma de Cr\$ 40.000,00. O vendedor era a mesma Cabanha Santa Bárbara.

De lá para cá, raramente exportamos e quando isso foi feito, sempre aconteceu em número bastante reduzido.

No ano de 1975, na exposição de Palermo, na cidade de Buenos Aires, foram apresentados alguns terneiros filhos do touro brasileiro *Santo Ângelo Dammax*, da raça Hereford, que havia sido exportado para a Argentina por Ângelo Martins Bastos, da Cabanha Santo Ângelo, de Uruguaiana. Dentre eles, destacaram-se dois, que lograram conquistar os títulos de Campeão Terneiro e Reservado de Campeão Terneiro.

Na Exposição Internacional de Animais (Expointer), em Esteio, no ano de 1976, foram apresentados pela representação do Uruguai dois reprodutores da raça Charolês, que eram filhos do touro brasileiro *Concorde Pastor*, nascido em 11 de setembro de 1971 e registrado no HBB 7748, da criação de Umberto & Caetano A. Campetti, da Cabanha Pastor, de Vacaria. Esses animais conquistaram o primeiro prêmio em suas respectivas categorias, comprovando a qualidade superior que ostentavam. Há que se destacar que as categorias eram bastante concorridas, pois em cada uma delas a disputa se deu com mais sete produtos.

O ano de 1976 foi muito importante para a pecuária brasileira, em termos de importação e exportação de animais. Naquele ano foram exportados 21 produtos das raças Aberdeen Angus e Hereford, para a Argentina e o Uruguai. É preciso salientar que o mercado brasileiro sempre se caracterizou por ser importador de animais daqueles países. Isso, por si só, nos dá uma idéia do que aquelas vendas representaram. O destaque foi um dos touros vendidos para a Argentina, em dezembro daquele ano, negociado pela bela cifra de U\$ 22.000.



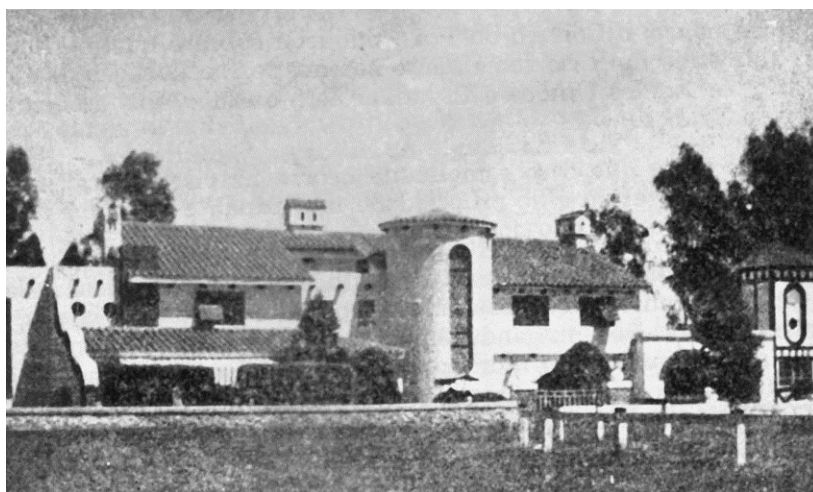
## Um presente valioso

No ano de 1940, Leonardo Pereyra, grande criador de Hereford na Argentina e que fora um dos introdutores da raça naquele país, presenteou a seu amigo, o brasileiro Dr. João Macedo Dornelles – então Presidente da Associação Brasileira de Criadores de Hereford – com um dos terneiros que havia nascido na Cabaña San Juan de Pereyra, pertencente às melhores linhagens do valioso núcleo que possuía.

Era o produto de nome *Quilmes Air Messenger*, que foi nacionalizado sob o número de HBB 6813. Para transportá-lo, o criador mandou confeccionar uma mala especial, em formato de baú, a fim de empreender a viagem de Buenos Aires a Porto Alegre, por avião. Não era uma mala muito pequena, pois embora o terneiro contasse poucos dias de vida, era necessário acomodá-lo de forma confortável, por tratar-se de animal com destacada qualidade genética.

Desembarcando no aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, foi daí transportado por via terrestre até a Cabanha Vasdef, do Dr. Macedo, no município de Quaraí. Possivelmente, este tenha sido o primeiro bovino a chegar ao Brasil por meio de avião.

É lamentável que *Quilmes Air Messenger* não tenha deixado nenhum descendente em nossos rebanhos, uma vez que morreu antes mesmo de chegar à idade reprodutiva. Entretanto, a mala utilizada para a importação ainda pode ser vista na sede da Cabanha Vasdef nos dias de hoje.



## Juizes no exterior

**H**oje, é bastante comum que criadores e técnicos brasileiros atuem como juizes em certames promovidos em outros países. Dentre os primeiros que julgaram bovinos no exterior, salientamos os seguintes criadores, associados ao Herd-Book Collares:



Em 1942, o engenheiro agrônomo José Alves Nunes Vieira, foi o primeiro brasileiro a julgar Bovinos de Corte no exterior. Foi juiz da raça Shorthorn, na Ex- posição do Prado, em Montevideú, no Uruguai.

No ano de 1967, o então professor Luiz Fernando Cirne Lima, da Cabanha da Pedreira, de Dom Pedrito, julgou a raça Devon no Royal Show, a mais tradicional exposição da Grã-Bretanha.



Em 1971, o médico veterinário Flavio Bastos Tel-lechea, da Cabanha Paineiras, de Uruguaiana, foi jurado de Aberdeen Angus na Exposição de Dallas, nos Estados Unidos da América.

## O Hereford número 10.000

**E**m 1943, quando se aproximava o registro número 10.000 no livro genealógico da raça Hereford, um dos Diretores da Associação, o Sr. Olympio Guerra, propôs que a entidade colocasse à venda, pela melhor oferta em carta fechada, o registro naquele número. Segundo sua proposição, o criador que oferecesse a maior soma, indicaria o animal a ser ali registrado, a exemplo do que já havia ocorrido nos Estados Unidos.

De início, a idéia pareceu pouco atrativa, tendo encontrado restrições por parte do Chefe dos Registros, que sempre procurara manter a associação afastada do espíri-

to comercial. Entretanto, depois de muitas trocas de opiniões a respeito do assunto, a Diretoria aprovou a idéia e procedeu conforme a proposição original. Receberam-se ao todo oito cartas com ofertas. A que oferecia o valor mais alto atingiu a cifra de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros). Este valor, na época, correspondia ao preço de registro para trezentos terneiros. A vencedora foi a oferta do próprio Olympio Guerra, que fora o mentor da idéia.

O animal escolhido por ele para ser inscrito no HBB 10.000 foi o terneiro de nome *Presidente Vargas*, nascido a 17 de abril de 1944 e que pertencia à variedade Polled-Hereford. Esse animal foi apresentado na 9<sup>a</sup> Exposição Estadual, realizada em Pelotas, em outubro de 1945, onde obteve o título de Grande Campeão. Levado a leilão, foi adquirido por Amarantho Paiva Coutinho, da Estância do Cordão, de Santa Vitória do Palmar/RS. O valor da venda, Cr\$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros), foi considerado um recorde, na época, para bovinos Rio-grandenses.

### **Exportações para a Europa**

**E**m 1968, por ocasião da *V Feira Internacional do Ribatejo*, em Portugal, pela primeira vez em sua história, o Brasil apresentou na Europa animais das raças Aberdeen Angus, Devon e Hereford, da criação nacional. O escritor português Nuno Simões, através do *Jornal do Comércio*, de Lisboa, assim expressou-se:

*“Quanto ao pavilhão do Brasil, exibiu exemplares da pecuária Rio-grandense, em nada inferiores aos melhores da lavoura inglesa ou norte-americana. Bovinos, equídeos e ovinos presentes neste pavilhão, foram, pela sua grandeza, peso, aspecto e força, prova e glória para o Estado e País, provocando a admiração de quantos o viram.”*

Nessa oportunidade, foram negociados para o criador português João Lopes Fernandes, de Évora, touros das raças Aberdeen Angus e Devon. Lamentavelmente, não puderam ser negociados os representantes da raça Hereford, porque o Brasil não participava do Conselho Mundial da Raça Hereford, o que só foi concretizado depois de minucioso exame, plenamente aprovado, do Herd-Book Collares (condição indispensável) por Mr. J. A. Morrison, Secretário Geral daquele Conselho.

### **Datas e fatos importantes**

**E**m 1915, foi firmado um acordo com o Ministério da Agricultura, através do qual houve o reconhecimento oficial do Herd-Book Rio-grandense por aquele Ministério. O acordo foi intermediado pelo então Deputado Dr. Joaquim Luiz Osório, que posteriormente foi Presidente da Associação do Registro Genealógico Sul Rio-grandense, no período compreendido entre 1936 a 1939.

No ano de 1921, fundou-se em Bagé, mas tendo a cidade de Pelotas por sede, a Associação do Registro Genealógico Sul Rio-grandense, que encampou os *Herd-Books* organizados por Leonardo Brasil Collares. A nova Associação abriu livros para as raças que foram importadas posteriormente, mantendo, porém, os livros existentes, bem assim como a orientação estabelecida pelo fundador.

Em 1928, foi assinado um acordo com o Governo Federal, por intermédio do Ministério da Agricultura, no qual a Associação do Registro Genealógico Sul Rio-grandense seria subvencionada durante três anos, com a obrigação de publicar a relação dos animais inscritos anualmente.

Em 1932, sob seus auspícios, é fundada a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos.

Em 1936, foi assinado convênio com o Ministério da Agricultura, obedecendo à orientação do Congresso Internacional de Roma, para a manutenção no país dos registros das raças de corte, chamadas nobres e que vem sendo renovado continuamente.

Desde o primeiro contrato ficou acordado que o Ministério da Agricultura manteria um representante junto à entidade, que seria um técnico integrante de seu quadro funcional. Naquele ano foi nomeado o Engenheiro Agrônomo Amoacy Mendonça Detroyat, que foi sucedido pelo também Engenheiro Agrônomo Ângelo Pires Terres. O representante atual é o Médico Veterinário Luiz Ernani Anadon Cardozo, que sucede ao Dr. Pires Terres.

Em 1950, pela Lei nº 1.164, do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, foi transferido ao Herd-Book Collares o *Registro Genealógico dos Gados Rio-grandenses*, unificando-se, assim, os serviços criados por Leonardo Brasil Collares, em 1906, e pelo Governo do Estado, em 1908.

Em 1969, foi assinado convênio com a Associação Paulista de Criadores de Charolês, através do qual eram delegados poderes àquela entidade para a realização dos serviços de registro genealógico da raça Charolês, na categoria Puros de Origem, em diversos Estados da União, ou seja: Brasil-Centro, Oeste, Leste, Norte e Nordeste, desde o Estado de São Paulo, conforme facultava o estabelecido no art. 5º do Decreto nº 58.984.

Em 1971, é assinado um contrato com a Associação Brasileira de Criadores de Charolês, de Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul, para a realização dos serviços de registro genealógico daquela raça, em todo o território nacional, na categoria Puros Por Cruzamento.

Em 1978, é assinado um contrato com a Associação Brasileira de Criadores de Hereford e Polled-Hereford, permitindo a ela a realização dos serviços de registro genealógico da raça, na categoria Puros Por Cruzamento, em todo o território nacional.

Em 2005, é assinado um contrato com a Associação Brasileira de Blonel, para que o Herd-Book Collares realize os serviços de registro genealógico daquela raça, em todas as categorias de animais e em todo o território nacional.

### **Épocas de numerosas importações de bovinos**

**A**té a década de 1970, o Uruguai foi nosso mais tradicional fornecedor de matrizes e touros pais. Talvez devido às suas dimensões geográficas relativamente pequenas e à topografia quase plana, que proporciona um clima praticamente uniforme, as crises econômicas que afetavam a pecuária lá se faziam sentir mais rapidamente do que no Brasil. Sempre acompanhando os altos e baixos da economia uruguaia, os criadores brasileiros aproveitavam-se da queda nos preços para buscar genética superior, sem ter de pagar valores tão elevados pelos produtos ofertados.

Três períodos se distinguem por numerosas compras naquele país, pois foi nos anos de 1936, 1962 e 1976 que o Rio Grande pastoril mais importou da cabanha uruguaia.

Somente em 1936 foram importados 1300 bovinos das raças britânicas.

Também nesta época, porém no ano de 1941, ao ser liquidada uma criação de Aberdeen Angus no Uruguai, o Dr. João Vieira de Macedo, da Cabanha Azul, de Quaraí importou, de uma só vez, 160 ventres. Esta é a maior importação, até o momento, de animais puros e registrados, feita por um só criador e de uma só raça.

Nos três anos compreendidos entre 1962 e 1964, são inscritos 3189 bovinos importados, todos de raças britânicas. Em sua grande maioria, pertencentes às raças Hereford e Shorthorn. Nesse período, aconteceu no Uruguai a liquidação de diversas cabanhas, das quais foi adquirido elevado número de produtos, por vários criadores brasileiros.

No ano de 1976 foram importados 2824 animais, destacando-se deste total 605 animais das raças francesas Charolês e Normando. Também nesse ano foi importado um grande número de animais da Argentina, tanto de raças britânicas como francesas, o que não acontecera em anos anteriores.

### **Primeiros bovinos importados, por país**

Alemanha – “*Zigeuner*” – HBB 1509, da raça Shorthorn. Importado em 1936, por Raul Péricles Carneiro de Souza. Criador: Helena Leuben.

Argentina – “*Butterfly Prince 75*” – HBB 3, da raça Shorthorn. Importado em 1906, por Leonardo Brasil Collares. Criador: Ramon J. Carcano.

Áustria – “*Pommer*” – HBRG 42, da raça Simmental-Fleckvieh. Importado pelo Ministério da Agricultura, Bagé. Criador: Stefan Stockler.

Canadá – “*Rocking W. Choice Anxiety 9*” – HBB 60916, da raça Hereford. Importado pelo Dr. Pedro Chaves de Sousa Costa, de Pedro Osório. Criação de R. I. White, inscrito em março de 1961.

Dinamarca – “*Nº 179*” – HBB 1, da raça Dinamarquesa Vermelha. Importado em 1952, pelo Ministério da Agricultura, de Bagé. Criação de Johannes Nielsen.

Estados Unidos – “*Sultan’s Dewdrop*” – HBB 224, da raça Shorthorn. Importado em 1920 por Ovídio Candiota e Nero Silva, de Bagé. Criação de Delbert Spears.

França – “*Renaissance*” – HBB 6, da raça Shorthorn. Importado em 1906 por Honorato Rodrigues. Criação do Comte de Blois.

Grã-Bretanha – “*Count Barrington*” – HBB 1 da raça Shorthorn. Importado em 1906 por Martim Tupi Silveira, de Bagé. Criação de S. A. Prece.

Paraguai – “*Punta Lisa*” – HBB 14074 da raça Charolês. Importada em 1977 por Plantel S/A Comércio Indústria e Representações, de São Paulo. Criação de Ganadera Chaco Boreal.

Suíça – “*Fanny*” – HBB 1, da raça Herens. Importada em 1973 pela Agropecuária Suíço-Brasileira Ltda., de Campinas. Criador: Eugene Pannatier.

Uruguai – “*Brasil*” – HBB 4, da raça Shorthorn. Importado em 1906 por Antônio Maria Martins & Filhos, de São Gabriel. Criação de Antero Cunha.

### **Primeiros criadores de outros Estados**

Alagoas – No ano 2000, Amaro Calheiros Pedrosa, da Fazenda Malvano, do município de Jacuípe, inscreveu vinte e dois animais da raça Blonde d'Aquitaine.

Bahia – A Fazenda Santa Marta do Nordeste S/A, do município de Vitória da Conquista, inscreveu animais da raça Charolês no ano de 1968.

Ceará – O Condomínio Trindad, proprietário da Fazenda Komagome, no município denominado Floresta, registrou sete animais pertencentes à raça Aberdeen Angus, no ano de 2000.

Distrito Federal – Foi com a raça Normanda que o criador Fernando Antônio d'Almeida Ponce, da Cabanha Conquista, de Planaltina, no ano de 1995, inscreveu os dois primeiros animais do Distrito Federal.

Espírito Santo – Em 1992, o criador Élcio Paes de Sá, da Fazenda Ponta da Ribeira, no município de Cachoeiro do Itapemirim, inscreveu um animal da raça Percheron.

Goiás – Com três animais da raça Aberdeen Angus, a Lemma Agropecuária S/C Ltda., proprietária da Fazenda Santa Ana, situada no município de Araguapuz, iniciou os registros no Estado de Goiás, no ano de 1992.

Maranhão – O Sr. Osvaldo Fernandes da Rosa, da Fazenda Querência, no município de Imperatriz, registrou exemplares da raça Charolês no ano de 1977.

Mato Grosso – Em 1983, João Horácio Barreto da Costa, da Cabanha Santa Lúcia, no município Campo Novo dos Parecis, inscreveu dezenove animais da raça Devon.

Mato Grosso do Sul – José Alcelino Ferreira, titular da Fazenda São José, localizada no município de Campo Grande, inscreveu um animal da raça Charolês no ano de 1987.

Minas Gerais – Era o ano de 1964 quando o Dr. Aloysio de Andrade Faria, proprietário da Fazenda Fortaleza, no município de Vespasiano, registrou animais da raça Charolês.

Pará – No ano de 1999 foram registrados quinze animais da raça Aberdeen Angus, pertencentes a Lázaro José Veloso, titular da Fazenda São Luiz, no município de Paraupabas.

Paraná – O Ministério da Agricultura, através da Inspetoria Regional de Ponta Grossa, registrou machos e fêmeas da raça Limousine no ano de 1942.

Pernambuco – Em 1997, foram inscritos cinco animais da raça Blonde d'Aquitaine, por Luiz Carlos Cortizo Urquiza, da Fazenda Galacia, do município de Bezerros.

Rio de Janeiro – O Dr. Mário Mandolfo, de Cachoeira Grande, município de Vassouras, registrou exemplares da raça Charolês em 1963.

Rio Grande do Norte – Em 1976, a empresa Henrique Lage Agro-Pecuária Ltda., da Fazenda Várzea Cercada, no município de Macau, inscreveu produtos da raça Tarentaise, importados da França.

Rondônia – Era o ano de 1999, quando José Edson Nechel, da Fazenda Santa Clara, município de Vilhena, inscreveu dois animais da raça Blonde d'Aquitaine.

Santa Catarina – No ano de 1942 a Fazenda de Criação de Lages, do Ministério da Agricultura, registrou animais da raça Normanda.

São Paulo – Em 1941, a Inspetoria Regional de São Carlos, do município de São Carlos, inscreveu reprodutores da raça Charolês.

Sergipe – O criador Gonçalo Vieira de Mello Prado, proprietário da Fazenda Piedade, município de Riachuelo, registrou dois animais da raça Normanda no ano de 1999.

Tocantins – Em 1998, Alderico Gonçalves Ferreira, da Fazenda Cachoeira, localizada no município denominado Novo Alegre, inscreveu um animal Blonde d'Aquitaine.

### **Comparações entre as formas de criação**

**A**ntigamente os exemplares preparados para as exposições eram chamados de *animais de cabanha*. Isto significava que eram criados a galpão. Posteriormente, nos criatórios de maior evidência, foram feitos galpões fechados, construídos exclusivamente para abrigar os produtos escolhidos para serem apresentados nas exposições. Tempos depois, aquelas construções foram substituídas por estábulos elevados do solo.

Atualmente, há criadores que preparam seus animais para as exposições completamente soltos em pequenos poteiros durante o dia, levando-os ao galpão somente à noite, para dormirem abrigados.

As modificações nos tipos e características de diversas raças e nos detalhes de pelagens, têm-se revestido de maior significado e consideradas bem mais importantes do que nos tipos de estábulos e na maneira de criar os animais.



No regulamento da primeira exposição realizada no Brasil, na cidade de Pelotas, em 21 de abril de 1899, no Artigo III, parágrafo 8, está escrito: “*Os reprodutores não deverão ser apresentados em estado de gordura exagerada, mas apenas em bom estado; o excesso de gordura será considerado como defeito no julgamento*”. Essa advertência dos promotores do evento pelotense, feita já no final do século dezanove, evidencia que o atual movimento que se observa nos certames modernos contra a gordura excessiva e desnecessária já vinha sendo denunciado e combatido naqueles tempos e que nada, ou quase nada, parece ter mudado mesmo depois de transcorrido um século daquela data. Aliás, é bom que se diga que a advertência se justificava plenamente, pois desde que foi criado o Herd-Book Collares os animais sempre se destacaram nas exposições por seu tamanho e gordura muitas vezes exagerados.

Na exposição promovida pela Associação Rural de Bagé, em 1928, o Sr. Prudêncio Ferraz, um pecuarista que não era criador de ventres puros de pedigree – assim eram conhecidos os animais puros de origem – apresentou o touro Hereford, importado do Uruguai, que se chamava *Ivanhoé*, criado por Antonio F. Braga & Filho. Esse animal ostentava excessiva gordura. Foi então muito elogiado por um destacado e já tradicional cabanheiro de um município vizinho, que, entre outras considerações sobre o touro, declarou: “*A gordura é o que pesa na balança. Este touro deve transmitir à sua descendência toda essa capacidade de acumular tanta gordura*”.

Os pesos eram afixados nas baias e os criadores ficavam tanto mais orgulhosos quanto mais pesados eram seus animais. Com o tempo, os pesos assim elevados começaram a ser considerados como uma espécie de *atraso*. Passou-se, então, a buscar melhor qualidade de carne. O porte diminuiu e os animais ficaram menores, mas mostravam boa cobertura de carne e de gordura. Durante os julgamentos de classificação, viam-se juizes apalpando os animais concorrentes, olhando as modulações do corpo e fazendo comparações entre os exemplares, através da utilização freqüente das próprias mãos.

Dava-se, também, importância destacada ao pêlo longo, já que se avaliavam animais de corte, de raças britânicas, que deviam ser bem adaptados aos rigores do inverno gaúcho. Poder-se-ia dizer que mais valiam 100 gramas de pêlo do que 100 quilos de carne. Atualmente, buscam-se animais com o mínimo de gordura de cobertura e pêlos curtos.

Hoje, na Expointer – Exposição Internacional de Animais, realizada todos os anos em Esteio, a ANC desempenha um papel de bastante destaque.

Por meio de um convênio com a Secretaria da Agricultura e do Abastecimento, do Estado do Rio Grande do Sul, todos os animais que ali são apresentados, das raças cujos registros genealógicos e controle ponderal incumbem à entidade, são testados em velocidade de ganho de peso, através do CDP – Controle de Desenvolvimento Ponderal.

Durante a exposição são afixados cartazes nas baias dos animais contendo os pesos ajustados aos 205, 365 e 550 dias, além do peso auferido no julgamento de admissão. Esse serviço é feito a partir dos dados coletados e analisados pelo Herd-Book Collares. Isto acontece desde o ano de 1970, quando foi criado o CDP. Desde aquele ano, esses dados figuram no catálogo oficial da exposição, à exceção dos pesos do julgamento de admissão, por serem tomados durante o evento.

No ano de 1925 a Exposição Internacional de Palermo, na Argentina, foi realizada com pompa toda especial, já que seria inaugurada pelo Príncipe de Gales, que veio a ser coroado como Rei Edward VIII. Nesse certame foi campeão o touro Shorthorn de nome *Faithfull 20*, que ali mesmo foi vendido em leilão, tendo alcançado o recorde mundial de preço à época.

Depois de alguns anos – em 1936 –, foi importado para o Rio Grande do Sul, por José Cândido dos Santos, o touro Shorthorn de nome *Aurelian Anemone Prince Royal*, um neto de *Faithfull 20*, que aqui recebeu o número de registro 1449. Foi muito comentada a possibilidade de melhoramento que esse reprodutor traria ao rebanho brasileiro, por suas excepcionais qualidades.

Passados 70 anos, várias dezenas de reprodutores campeões e detentores de prêmios de honra em seus países têm sido importados da Argentina, França, Grã-Bretanha, Uruguai, Estados Unidos, Canadá, Alemanha etc.

Atualmente, com todas as facilidades de transporte existentes, os criadores interessados em importar animais viajam, acompanhados ou não de técnicos especializados, e eles mesmo escolhem os reprodutores que lhes interessam. Outros há que importam touros já testados e de capacidade genética superior comprovada ou, o que é mais comum, importam sêmen ou embriões congelados.

Antigamente era costume serem apresentados em exposições animais de raças britânicas, portadores de mucosas pretas e, em certas partes do corpo, com tonalidades pretas em raças que não são de pelagem preta. Um técnico brasileiro, em viagem aos Estados Unidos, em 1945, descrevendo um julgamento de Hereford assistido por ele no grande certame de Chicago relatou o seguinte: “*Vêem-se manchas pretas. Em uma categoria de 21 vacas há 8 com focinho manchado de preto, sendo que, em uma delas, as manchas tomam 50% do focinho. A que conquistou o primeiro lugar saiu dentre as 8 acima mencionadas*”.

Já naquela época, portanto, os norte-americanos não atribuíam maior importância a esse tipo de detalhe. Entre nós, no entanto, desde há muitos anos, tem-se procurado pureza racial, pois existem características que, por não serem apreciadas, foram sendo eliminadas pelos próprios criadores. Algumas das raças toleram pequenas manchas, desde que suas dimensões sejam reduzidas e obedeçam a determinadas localizações.

## Comemorações do Cinquentenário do Herd-Book Collares

**E**m 1956, o Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura, por indicação do Eng.<sup>o</sup> Agrônomo Joaquim Alfredo da Silva Tavares, publicou um opúsculo comemorativo ao cinquentenário do Herd-Book Collares, em sua série documentária nº 2.

Os 50 anos do primeiro Herd-Book criado no Brasil foi um acontecimento muito destacado nos Legislativos Federal e Estadual, pela palavra de Senadores e Deputados.

No Senado Federal, o senador Mem de Sá, em seu discurso, destacou o meio século de serviços prestados pela Associação ao melhoramento da pecuária brasileira.

Quem também assinalou o acontecimento, na Câmara Federal, foi o Dr. Joaquim Duval. Por sua vez, na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, o deputado estadual Hypólito Jesus do Amaral Ribeiro congratulou-se com os criadores gaúchos pelo jubileu de ouro completado pela útil instituição fundada por Leonardo Brasil Collares.

Ainda em comemoração ao 50º aniversário, a entidade instituiu o prêmio *O Posteiro*, para ser disputado entre os diversos criadores das raças registradas pelo Herd-Book Collares. O troféu, artístico trabalho original do escultor pelotense Antonio Caringi, foi adjudicado a João Francisco Tellechea, da Cabanha Paineiras, de Uruguaiana, que o conquistou com produtos da raça Aberdeen Angus, em 1957.



*O Posteiro*

## **Comemorações alusivas ao 65º aniversário**

**E**m agosto de 1971, o Engenheiro Agrônomo João Alves Osório, então Deputado Estadual, assinalou a passagem dos 65 anos do Herd-Book Collares, em discurso pronunciado na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul.

Naquele mesmo ano é publicado um livreto comemorativo, com um total de 64 páginas, onde, num trabalho muito bem elaborado, é contada a história dos 65 anos de registro genealógico realizados pelo Herd-Book Colares até então.

É uma obra bastante abrangente que detalha, de forma interessante e bem cuidada, as dificuldades enfrentadas e superadas, principalmente enquanto a entidade não era ainda muito conhecida e, somente por isso, ainda precisava superar as barreiras que são comuns a quem está iniciando qualquer atividade.

Além disso, traçava um histórico dos primeiros registros, relatando algumas exportações, as primeiras estatísticas do Controle de Desenvolvimento Ponderal, o CDP, que havia sido criado no ano anterior. O volume se encerrava com a nominata dos criadores de todas as raças cujos registros eram efetuados pela entidade, que ali estavam relacionados por raça.

## **Uma importação comentada**

**E**mbora sem influência no melhoramento de nossos criatórios, podemos citar um fato que ocorreu nos anos 60, que teve grande repercussão na ocasião. Foi a formação da *Cabanha Chambá*, de propriedade da Agropastoril Chambá S/A, instalada em Viamão.

Em 1964, o Dr. Assis Chateaubriand, ao deixar a embaixada do Brasil na Grã-Bretanha, resolveu montar, no Rio Grande do Sul, uma das mais selecionadas criações, com a raça Hereford.

A escolha dos animais foi acompanhada por técnicos da raça, especialmente indicados pela *Hereford Herd-Book Society*.

O *Hereford Breeder Journal*, em seu volume 3, editado em Janeiro de 1965, referiu-se com grande destaque aos 52 animais vindos para o Brasil.

Infelizmente, o estabelecimento teve vida efêmera. Ao ser liquidado, seus produtos foram adquiridos por diversos criadores gaúchos e aquele destacado material genético foi incorporado aos plantéis dos compradores, sem, no entanto, se fazer sobressair.

### Como nasceram as provas zootécnicas

**E**m outubro de 1969, o Prof. Luiz Fernando Cirne Lima, à época presidente da FARSUL – Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, sugeriu ao Herd-Book Collares a criação do serviço chamado Controle de Desenvolvimento Ponderal – CDP, à semelhança do que já vinha sendo feito por entidades congêneres nos Estados de São Paulo e Minas Gerais.

Depois de alguns estudos e avaliações, contando com o apoio da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Rio Grande do Sul, foi então criado, em 1970, o serviço por ele sugerido. A Secretaria da Agricultura colocou à disposição do novo serviço o médico veterinário José Luiz Abreu Barcellos, hoje Superintendente do Serviço de Registro Genealógico do Herd-Book Collares, a quem o programa está diretamente subordinado.

No quadro abaixo<sup>(1)</sup> estão relacionadas todas as inscrições no CDP, até 31 de dezembro de 2005.

| <i>Raça</i>        | <i>Nº de inscrições</i> | <i>Raça</i>     | <i>Nº de inscrições</i> |
|--------------------|-------------------------|-----------------|-------------------------|
| Aberdeen Angus     | 16203                   | Lincoln Red     | 85                      |
| Blonde d'Aquitaine | 2039                    | Maine Anjou     | 04                      |
| Braford            | 3601                    | Marchigiana     | 180                     |
| Brangus            | 4188                    | Normando        | 5769                    |
| Canchim            | 391                     | Pardo Suíço     | 2001                    |
| Charolês           | 32482                   | Red Poll        | 772                     |
| Chianina           | 561                     | Salers          | 12                      |
| Devon              | 12369                   | Santa Gertrudis | 8603                    |
| Flamenga           | 135                     | Shorthorn       | 1077                    |
| Gelbvieh           | 239                     | Simental        | 2650                    |
| Hereford           | 11567                   | South Devon     | 185                     |
| Limousin           | 878                     | <b>Total</b>    | <b>105.991</b>          |

Os primeiros touros de cada raça que receberam certificados por terem concluído o CDP foram os seguintes:

Aberdeen Angus

“*Erocia 16 of Itapitoca*”, do Condomínio Hermes Pinto, de Uruguaiana.

Charolês

“*Imperador*”, de Ary Palma Velho, de Bom Jesus.

Devon

“*Corticeiras Pretty Girl Lady 31*”, de Danilo José Agostini, de Camaquã.

Hereford

“*Charrua Lancer 2219*”, de Amália Oliveira, de Uruguaiana.

Normanda

“*Itapitocay Mobydick 3*”, de Francisco Martins Bastos, de Uruguaiana.

Shorthorn

“*Minuano Butterfly Leader 31*”, de Cláudio Franco Gonçalves, de Jaguarão.

O Prof. Geraldo Velloso Nunes Vieira, catedrático de Zootecnia na Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre, estimulou a criação, em junho de 1974, de novo programa para a avaliação do desempenho dos animais. Este programa ofereceria ao criador um controle muito mais amplo do próprio produto, além de avaliar pai e mãe, através do desempenho dos filhos.

O projeto inicial apoiou-se em trabalho elaborado pela apresentação de tese em Mestrado, de autoria do Zootecnista Luiz Alberto Fries. Na mesma época, foi apresentado projeto similar pelo Dr. João Vieira de Macedo Neto, da Cabanha Azul, no município de Quaraí/RS, estabelecimento onde já estava sendo testado o trabalho do Dr. Fries. Este foi o projeto aprovado e que, logicamente, foi posto em prática.

Apesar de ser reconhecido, já no começo, como um trabalho de grande interesse e de resultados altamente práticos e rápidos, era impossível à Associação, àquela época, assumir a responsabilidade do serviço, devido à precariedade dos recursos de que dispunha. Poucos dias depois, o Dr. Geraldo Nunes Vieira estabeleceu novo contato, informando que, por intermédio da FARSUL, seria adiantada a importância prevista para o início do serviço.

Efetivamente, através do então Presidente da FARSUL, Dr. Almir Vieira Gonçalves, aquela entidade tornou possível iniciar os serviços que vêm, desde então, testando animais Puros de Origem, Puros Por Cruzamento, Cruzados e até Bubalinos. Por sugestão de José Luiz Abreu Barcellos, então Chefe do CDP, o novo programa tomou o nome de Programa de Melhoramento de Bovinos de Carne, sendo mais conhecido pela sigla PROMEBO. Teve seu início em agosto de 1974, sendo muito bem aceito pela classe rural. Já no primeiro ano de seu lançamento foram diversos os criadores e cabanheiros que dele participaram.

A Associação conseguiu, então, estabelecer os dois programas – CDP e PROMEBO – e tem conseguido levá-los avante, contando, em algumas oportunidades, com recursos oriundos do Ministério da Agricultura, que deles reconhece a real importância.

| <i>Ano</i> | <i>Inscrições</i> | <i>Ano</i> | <i>Inscrições</i> |
|------------|-------------------|------------|-------------------|
| 1974       | 1.779             | 1990       | 14.382            |
| 1975       | 3.937             | 1991       | 21.013            |
| 1976       | 4.893             | 1992       | 22.702            |
| 1977       | 4.631             | 1993       | 23.672            |
| 1978       | 5.254             | 1994       | 29.631            |
| 1979       | 5.148             | 1995       | 35.954            |
| 1980       | 6.210             | 1996       | 35.756            |
| 1981       | 7.732             | 1997       | 32.255            |
| 1982       | 9.043             | 1998       | 29.727            |
| 1983       | 8.761             | 1999       | 30.792            |
| 1984       | 7.982             | 2000       | 39.741            |
| 1985       | 8.311             | 2001       | 38.278            |
| 1986       | 7.620             | 2002       | 41.463            |
| 1987       | 8.984             | 2003       | 39.110            |
| 1988       | 11.146            | 2004       | 43.295            |
| 1989       | 10.909            | 2005       | 36.218            |

### **Publicações das Provas Zootécnicas**

A década de 1970 pode ser considerada como a dos anos dourados para a ANC. Sempre atenta às constantes evoluções que ocorrem na área do melhoramento animal e buscando, com isso, informar e orientar seus associados, fez confeccionar, em dezembro de 1973, um folheto que continha os resultados do Controle de Desenvolvimento Ponderal (CDP), obtidos até então por aqueles animais das diversas raças participantes do programa, cujos controles já haviam sido encerrados.

Dele constavam não somente os ganhos de peso e outras informações referentes àqueles animais. Incluía, também, dados relativos aos touros aprovados nos Testes de Avaliação de Bovinos de Corte, realizados pela Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul.

Apresentando como informações complementares, continha também os dados dos animais premiados na 36<sup>a</sup> Exposição de Esteio, realizada naquele ano. Deles faziam parte, também, os resultados alcançados no CDP.

Como curiosidade, estabelecia um comparativo entre os certames de 1972 e 1973, mostrando, por intermédio de quadros ilustrativos, os desempenhos alcançados pelos animais, através do CDP, não só com os pesos com que se apresentaram naquelas duas exposições, mas, traçando comparativos através dos ganhos médios obtidos por cada um deles.

Essa publicação, cuja capa continha um desenho alusivo, de autoria do associado Ricardo Pereira Duarte, criador de Hereford na Cabanha Touro Passo, de Uruguaiana, foi distribuída gratuitamente aos criadores e aos técnicos interessados.

Em março de 1975, ocorreu nova publicação. Agora denominado Boletim nº 1, continha o programa do *Promebo*®. Em agosto do mesmo ano foram publicados os Boletins nº 2 e 3, também com os dados referentes às inscrições no *Promebo*®. O Boletim nº 3 apresentava os primeiros resultados do *Promebo*®, relativos aos animais testados em 1974.

O Boletim nº 4 teve sua publicação em agosto de 1976. Continha a tradução de um boletim de 1972, sobre Melhoramento das Raças de Corte, de autoria da *Beef Improvement Federation* (Federação Norte-Americana para o Melhoramento de Bovinos de Corte).

Em dezembro de 1976, houve a publicação do Boletim nº 5. Esta edição foi destinada ao relatório das atividades do Departamento de Provas Zootécnicas, relativas àquele ano. Foram apresentados os dados referentes a 14.548 animais testados, distribuídos por 18 raças, que foram inscritos por 308 criadores de 64 municípios, todos do Rio Grande do Sul.

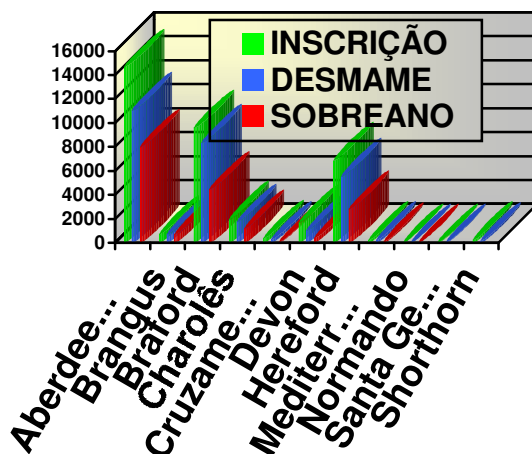
## **PROMEBO® - Programa de Melhoramento de Bovinos de Carne**

Colocado à disposição dos criadores a partir de 1974, o *Promebo*® é um programa de seleção massal de animais, que tem como principal objetivo identificar os indivíduos superiores de uma população ou raça e classificá-los de acordo com seu desempenho em performance.

No quadro a seguir, mostramos os números referentes aos animais inscritos, avaliados ao desmame e ao sobreano, no ano de 2005<sup>(2)</sup>.

| <i>Raças</i>    | <i>Inscrições</i> | <i>Desmame</i> | <i>Sobreano</i> |
|-----------------|-------------------|----------------|-----------------|
| Aberdeen Angus  | 14.633            | 11.016         | 7.948           |
| Brangus         | 718               | 682            | 669             |
| Braford         | 9.554             | 8.343          | 4.417           |
| Charolês        | 1.931             | 1.685          | 1.189           |
| Cruzamentos     | 374               | 244            | 54              |
| Devon           | 1.648             | 1.014          | 373             |
| Hereford        | 6.858             | 5.503          | 2.789           |
| Mediterrâneo    | 215               | 214            | 125             |
| Normando        | 19                | 16             | 6               |
| Santa Gertrudis | 41                | 41             | -x-             |
| Shorthorn       | 227               | 153            | -x-             |
| <b>TOTAL</b>    | <b>36.218</b>     | <b>28.911</b>  | <b>17.570</b>   |





No quadro abaixo estão contabilizadas todas as inscrições dos animais submetidos à avaliação no Promebo®, das mais diversas raças e categorias, desde a criação do programa no ano de 1974 (1).

| Ano  | Inscrições | Ano  | Inscrições | Ano          | Inscrições     |
|------|------------|------|------------|--------------|----------------|
| 1974 | 1.779      | 1985 | 8.311      | 1996         | 35.756         |
| 1975 | 3.937      | 1986 | 7.620      | 1997         | 32.255         |
| 1976 | 4.893      | 1987 | 8.984      | 1998         | 29.727         |
| 1977 | 4.631      | 1988 | 11.146     | 1999         | 30.792         |
| 1978 | 5.254      | 1989 | 10.909     | 2000         | 39.741         |
| 1979 | 5.148      | 1990 | 14.382     | 2001         | 38.278         |
| 1980 | 6.210      | 1991 | 21.013     | 2002         | 41.463         |
| 1981 | 7.732      | 1992 | 22.702     | 2003         | 39.110         |
| 1982 | 9.043      | 1993 | 23.672     | 2004         | 43.295         |
| 1983 | 8.761      | 1994 | 29.631     | 2005         | 36.218         |
| 1984 | 7.982      | 1995 | 35.954     | <b>Total</b> | <b>626.329</b> |

Abaixo estão relacionados os totais de inscrições de bovinos no Promebo®, por raça, desde a instituição do programa(2). As raças estão ordenadas por ordem decrescente do número de animais controlados.

| Raça            | Inscrições | Raça      | Inscrições |
|-----------------|------------|-----------|------------|
| Angus           | 116.795    | Blonde    | 1.653      |
| Braford         | 92.551     | Nelore    | 907        |
| Hereford        | 76.533     | Canchim   | 437        |
| Devon           | 23.399     | Limousine | 387        |
| Cruzamentos     | 15.636     | Normanda  | 190        |
| Brangus         | 13.615     | Red Poll  | 93         |
| Charolês        | 13.599     | Holandês  | 74         |
| Santa Gertrudis | 6.019      | Simental  | 42         |
| Shorthorn       | 3.246      |           |            |

O total de inscrições de bubalinos, desde a criação do Promebo®, mostra a quantidade de animais das duas raças que são avaliadas pelo programa: Mediterrânea e Murrah.

| Raça         | Inscrições |
|--------------|------------|
| Mediterrânea | 1.424      |
| Murrah       | 35         |

### **Anotações sobre a raça Normanda**

Quando em 1970 o senhor *René Darsch*, que era *Diretor do Herd-Book Normand*, na França, esteve em visita à sede do Herd-Book Collares, ficou realmente impressionado com tudo que viu. Chamou-lhe muito à atenção a organização dos serviços de registro, o acervo referente aos animais brasileiros e a biblioteca que existia a respeito do assunto.

Além de haver expressado o que ele chamou de *encantamento* com a qualidade dos serviços, disse também da sua surpresa em encontrar aqui dados referentes aos animais da raça Normanda, que nem na França existiam mais, pois os livros daquele Herd-Book haviam sido queimados durante a Segunda Guerra Mundial.

Um dos resultados de sua visita foi que o Herd-Book Normand enviou um funcionário daquela entidade à cidade de Pelotas com a incumbência de copiar dos livros do Herd-Book Collares os dados genealógicos que interessavam aos franceses.

Esse funcionário, que se chamava Gerome (lamentavelmente o sobrenome é completamente ilegível), permaneceu por vários dias em Pelotas, pesquisando o acervo e fazendo as anotações atinentes à raça Normanda.

Copyright Amilton Cardoso Elias



## Uma Empresa de Utilidade Pública

Como uma prova irrefutável de reconhecimento pelos inestimáveis serviços prestados à pecuária brasileira, a Prefeitura Municipal de Pelotas fez publicar a Lei – Nº 3.059, aprovada pela Câmara Municipal, que declarava de Utilidade Pública a Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares. Era Prefeito Municipal o Sr. José Maria Carvalho da Silva e Secretário de Governo o Dr. Alceu Salamoni. Por sua evidente e inquestionável importância, não se pode deixar de destacá-la.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS

Secretaria Municipal do Governo

LEI – Nº 3.059

DECLARA DE UTILIDADE PÚBLICA

A ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CRIADORES  
HERD-BOOK COLLARES

O PREFEITO MUNICIPAL DE PELOTAS, *Estado do Rio Grande do Sul*,

*Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:*

*Art. 1º - É considerada de Utilidade Pública a ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CRIA- DORES HERD-BOOK COLLARES*

*Art. 2º - Revogadas as disposições em contrário, esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.*

*GABINETE DO PREFEITO DE PELOTAS, EM  
8 DE AGOSTO DE 1.987.*

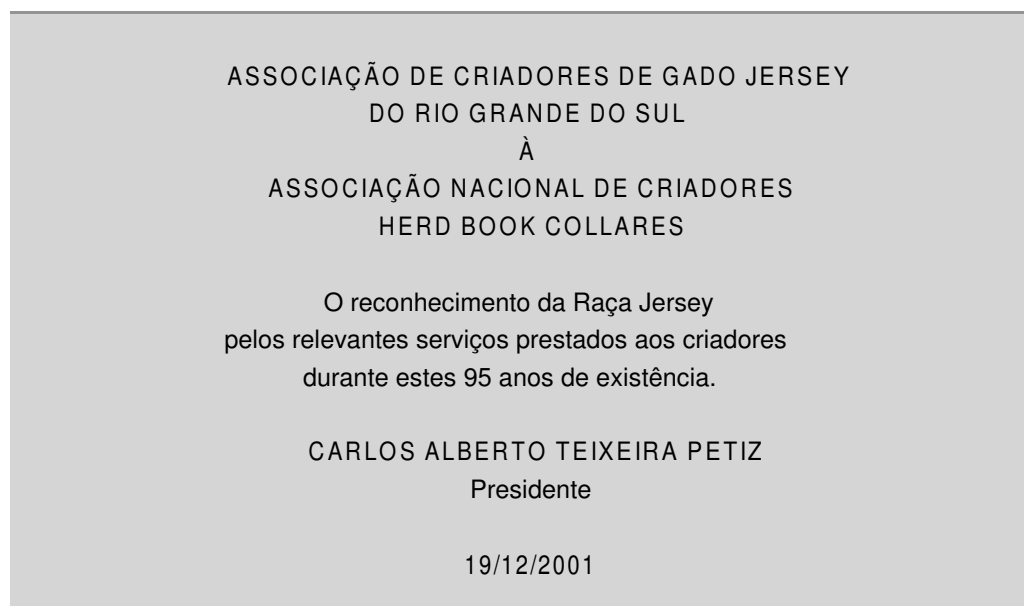
JOSÉ MARIA CARVALHO DA  
SILVA Prefeito

*Registre-se e publique-se*

ALCEU SALAMONI  
Secretário do Governo

### Homenagens prestadas por entidades congêneres

Dentre as inúmeras homenagens que o Herd-Book Collares tem recebido ao longo de sua existência, podemos destacar a que foi prestada pela Associação de Gado Jersey do Rio Grande do Sul, quando das comemorações alusivas aos 95 anos da entidade. É uma placa onde se lê:



### Portarias Importantes

*Portaria nº 1662, de 18 de novembro de 1953.*

*O Ministro de Estado dos Negócios da Agricultura, de acordo com o artº 25 do Regulamento aprovado pelo Decreto nº 19.882, de 24 de outubro de 1945, resolve reconhecer a ASSOCIAÇÃO DO REGISTRO GENEALÓGICO SUL RIOGRANDENSE, com sede em Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, registrada sob nº 26 – série ARE, na Seção de Pesquisas Econômicas e Sociais do Serviço de Economia Rural, outorgando-lhe todos os direitos e prerrogativas estabelecidos no Decreto-lei nº 8.127, de 24 de outubro de 1945, que dispõe sobre a organização da vida rural brasileira.*

*João Cleophas*

-----

*Portaria 476, de 23 de dezembro de 1986*

*Através desta Portaria o Ministro de Estado da Agricultura, concede à Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares autorização para a execução dos serviços de registro genealógico em vinte e uma raças de bovinos e três de eqüinos.*

*O Ministro de Estado da Agricultura, no uso de suas atribuições, tendo em vista o que dispõe o artigo 2º, § 1º, da Lei 4.716, de 20 de junho de 1965, e considerando o que consta do Processo MA-21042-006287/86,*

RESOLVE:

*I – Conceder à “ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CRIADORES Herd-Book Collares, com sede em Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, inscrita neste Ministério sob o nº 12, na série ENTIDADE NACIONAL, autorização para executar os serviços de registro genealógico de bovinos das raças, Aberdeen-Angus, Ayrshire, Shorthorn, Blonde d’Aquitaine, Charolesa, Devon, Hereford, Maine Anjou, Flamengo, Gelbvieh, Limousine, Tarentaise, Normanda, Herens, Lincoln Red, Red Poll, South Devon, Vermelho Dinamarques, Salers, Pinzgauer e Galloway e de eqüinos das raças Percheron, Morgan e Marchador do Tennessee, em todo o Território Nacional, pelo prazo de 05 (cinco) anos, a contar de 24 de dezembro de 1986 e de acordo com a orientação estabelecida pela Secretaria de Produção Animal, da Secretaria Nacional de Produção Agropecuária”.*

*Luiz Manoel Machado*

Das vinte e uma raças relacionadas nesta Portaria, concedendo delegação ao Herd-Book Collares, não estão mais a seu encargo os serviços de registro genealógico referentes à raça Limousine.

#### **Comenda Leonardo Brasil Collares**

Instituída em 2004, a Comenda Leonardo Brasil Collares foi entregue pela primeira vez durante a Expoiner daquele ano. O primeiro distinguido com a homenagem foi o associado e criador de Shorthorn, Dr. Paulo Brossard de Souza Pinto.



*Ministro Paulo Brossard de Souza Pinto  
Comendador 2004*

- Nascido em 23 de outubro de 1924, no município de Bagé – RS.
- Filho de Francisco de Souza Pinto e de Alila Brossard de Souza Pinto.
- Advogado, de 1948 a 1989.
- Professor de Direito Civil, na Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, de 1953 a 1989.
- Professor de Direito Constitucional, em 1965, na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Professor de Direito Constitucional, em 1966, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Deputado Estadual, de 1955 a 1967.
- Secretário de Estado do Interior e Justiça, 1964.
- Deputado Federal, de 1967 a 1971.
- Senador Federal, de 1975 a 1983.
- Consultor Geral da República, 1985 a 1986.
- Ministro da Justiça, de 14.02.1986 a 18.01.1989.
- Ministro do Supremo Tribunal Federal, de 1989 a 1994.
- Ministro do Tribunal Superior Eleitoral.
- Vice-Presidente e Presidente do Tribunal Superior Eleitoral, maio de 1993.
- Vice-Presidente do Supremo Tribunal Federal, maio de 1993 a outubro de 1994.
- Ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal, desde 1994.
- Advogado desde 1995.
- Sócio do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul.
- Sócio do Instituto dos Advogados Brasileiros.
- Sócio e Presidente de Honra do “Instituto Pimenta Bueno – Associação Brasileira de Constitucionalistas”.
- Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
- Sócio Honorário do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.
- Conselheiro da República – eleito pelo Senado Federal em 2004.

Em 2005, também durante a EXPOINTER, foi homenageado com aquela honraria o Dr. Luiz Fernando Cirne Lima.



*Ministro Luiz Fernando Cirne Lima  
Comendador 2005*

- Formado em Agronomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, em 1954.
- Professor de Zootecnia, com curso de Livre Docência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de 1955 a 1969.
- Presidente da FARSUL – Federação de Agricultura do Rio Grande do Sul, de 1968 a 1969.
- Ministro da Agricultura, de 1969 a 1973.
- Membro do Board of Trustees do CIMMYT – Centro Internacional de Melhoramentos de Milho e Trigo, no México, de 1972 a 1978.
- Juiz de Bovinos de corte em Palermo, Buenos Aires, e Prado, Montevideu.
- Juiz de Bovinos e Eqüinos, inúmeras vezes, nas mais importantes exposições do Brasil. Notadamente Esteio/RS, São Paulo e Uberaba/MG.
- Membro do Conselho Superior de Orientação Política e Social da Federação das Indústrias de Estado de São Paulo.
- Membro do Conselho de Administração do Banco Icatú.
- Membro do Conselho de Administração da BRASKEM.
- Diretor-Superintendente da COPESUL, desde dezembro de 1993.
- Empresário Rural.

### **Prêmio José de Almeida Collares**

**N**uma justíssima homenagem a seu saudoso e inesquecível Diretor, José de Almeida Collares e como prova de reconhecimento à sua dedicação, competência e carisma demonstrados ao longo de todo o tempo em que exerceu





a Direção dos trabalhos de registro genealógico na Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares, foi por ela instituído, *in memoriam*, o Prêmio José Collares.

Esse troféu é a representação de uma figueira confeccionada em bronze, como símbolo maior da grandeza de seu trabalho e da perenidade de sua memória.

É entregue anualmente, na Expointer, desde 2001 aos proprietários dos animais que conquistam os Grandes Campeonatos naquelas raças cujos registros genealógicos incumbem ao Herd-Book Collares e aos proprietários dos que, no mesmo evento, se consagram como Destaques do CDP, cujo controle é exercido pela entidade, independentemente de terem o registro sob sua guarda ou que pertença a entidades congêneres.

### **Representantes do Ministério da Agricultura**

**E**mbora desde 1915 o Herd-Book Collares tenha sido reconhecido oficialmente pelo Ministério da Agricultura, somente em 1936 foi nomeado um seu representante junto à entidade. Naquele ano, em atenção às resoluções da Convenção Internacional de Registros Genealógicos, realizada em Roma, na Itália, e assinada pelo Brasil – cuja promulgação ocorreu através do Decreto nº 3457, de 15 de dezembro de 1938 – a Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense, detentora do Herd-Book Collares, assinou com aquele Ministério um acordo para a efetivação dos trabalhos de registro genealógico das raças Hereford, Shorthorn e outras de corte.

Logo após a assinatura, foi nomeado o Engenheiro Agrônomo Amoacy Mendonça Detroyat Júnior como representante oficial do Ministério junto ao Herd-Book Collares.

A partir de então, os serviços da entidade passaram a ser acompanhados e fiscalizados por ele, em toda a sua organização. No início de cada ano eram apresentados ao Ministério relatórios detalhados de todas as atividades desenvolvidas no exercício anterior. Suas funções foram exercidas até 1971, quando deixou o cargo em razão de sua aposentadoria.

Não podemos deixar de destacar sua atuação junto ao Herd-Book Collares. Nos 35 anos em que acompanhou e fiscalizou os trabalhos da Associação, aquele saudoso técnico tornou-se um amigo dedicado, que, por inúmeras vezes, quando se verificava acúmulo de serviço, prestou prestimoso auxílio, trabalhando como se fosse um funcionário da casa. Nunca, no entanto, aceitou receber nada por esses serviços.



Em setembro de 1977, lamentavelmente, ocorreu o seu falecimento. Sua viúva, a senhora Laura Silveira Detroyat, sabedora do imenso carinho que ele dedicava ao Herd-Book Collares, doou à biblioteca da entidade diversos livros que pertenceram a seu saudoso esposo. Quando da aposentadoria do Dr. Amoacy, o Ministério da Agricultura nomeou como seu substituto o também Eng. Agrônomo Ângelo Pires Terres, que passou a atuar com as funções de coordenador.

De saudosa memória, o Dr. Ângelo desempenhou suas funções com zelo extremo, durante vários anos. Da mesma forma que seu antecessor, somente com a chegada da aposentadoria extinguiu seu vínculo com o Herd-Book Collares, no ano de 1983.

A partir daquele ano foi nomeado o Dr. Luiz Ernani Anadon Cardozo. Pela primeira vez um Médico Veterinário, seria o representante do Ministério. O Dr. Luiz Ernani continua no cargo até os dias de hoje. Mesmo residindo na cidade de Porto Alegre, tem desempenhado suas tarefas com raro brilhantismo, tornando-se, também, um amigo dedicado tal como os que o precederam na função. Durante todo esse tempo vem fiscalizando, orientando e contribuindo com valiosas sugestões sobre o andamento dos serviços da entidade, tanto no setor de Registro Genealógico como no de Provas Zootécnicas.

Quando, no ano 2000, o MAPA o chamou para trabalhar em Brasília, nem a distância ainda maior o separou de suas funções. Não foi necessário afastar-se e, de volta a Porto Alegre, algum tempo depois, continuou presente, atuante e prestativo, mas tão fiscalizador quanto antes.

### **Registros que iniciaram no Herd-Book Collares e que já não estão mais sob sua guarda**

Criado com a finalidade de registrar os animais puros de quaisquer espécies de animais domésticos úteis ao homem, o Herd-Book Collares registrou, ao longo de sua existência, bovinos de corte, mistos e de leite, eqüinos, ovinos, caprinos e suínos. Atualmente, são registrados bovinos de corte e mistos, de origem européia. A maioria das raças bovinas é britânica. Algumas são continentais. Das eqüinas, uma é européia continental (França) e as outras duas são norte-americanas.

As raças que já não são mais registradas pelo Herd-Book Collares são as seguintes:

Bovinos – Holandez, Jersey, Schwyz (Pardo-Suíço), Limousine, Gelbvieh e Simental.

Eqüinos – Árabe, Anglo-Árabe, Anglo-Normando e Crioulo.

Ovinos – Romney-Marsh, Lincoln, Ryeland, Texel, Shropshire, Suffolk, Oxford, Southdown, Hampshire e Merino.

Caprinos – Hollandez.

Suínos – Polland China e Wessex Saddleback.

### **Funcionários e auxiliares**



O primeiro funcionário que emprestou seus serviços à Associação foi Boaventura Lulhier Pinto, que trabalhou de outubro de 1921 a maio de 1924. Somente em 1932 começou o serviço de inspeção dos plantéis.

O primeiro estabelecimento onde se revisou os animais foi a Estância São Leonardo, de Francisco de Assis Collares, no município de Bagé.

Daquele ano até 1938, este serviço foi executado pelo próprio quadro funcional da entidade. Em 1939, foram contratados auxiliares para atuarem em zonas de maior concentração de plantéis.

Para a região de Bagé foi nomeado Martin Magalhães Rossel e, para Uruguaiana, Roberto Teixeira Bandeira.

Com a proliferação dos rebanhos Puros de Origem, tanto no Rio Grande do Sul como em outros Estados da Federação, o atendimento a esse serviço deixou algo a desejar, durante alguns anos, talvez por falta de mão-de-obra. A partir da década de 1970, no entanto, o atendimento voltou a ser normalizado, com a frequência necessária e com resultados altamente satisfatórios.

Embora com 100 anos de idade, a Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares teve um número não muito grande de funcionários.

Dentre os fatores que contribuíram para isso, dois podem ser destacados: o primeiro deles é que, embora os serviços tenham tido seu início em 1906, foi somente em 1936 que a admissão de funcionários foi oficializada. O segundo é a pouca rotatividade. Evidentemente, não há uma regra para isso, no entanto, existe o que se poderia chamar de uma equipe de base, que já trabalha há muitos anos na Casa. Geralmente, as substituições têm ocorrido nos mesmos postos, gerando neles a rotatividade a que nos referíamos.

O primeiro funcionário, como não poderia deixar de ser, foi o próprio Dr. Leonardo Brasil Collares.

Trabalhar no Herd-Book é tão prazeroso e gratificante que várias pessoas continuam a se dedicar a ele, por longo tempo, depois de aposentadas. Dentre os inúmeros exemplos, merece grande destaque os casos de José de Almeida Collares e Roberto Lacerda. Os dois dedicaram sua vida inteira às causas do Herd-Book. Nenhum deles trabalhou em outra empresa.

José Collares foi admitido em 1928, logo após cumprir o serviço militar obrigatório. Não há anotação precisa da data. O encerramento do Contrato de Trabalho ocorreu somente em 11 de abril de 1997, quando de seu falecimento. Os inigualáveis e inestimáveis serviços prestados por José Collares se estenderam por quase 70 anos. Nosso reconhecimento a ele e a seu trabalho está plasmado em capítulo especial.

Roberto Lacerda não era da família, mas, igualmente, começou a trabalhar quando deixou o serviço militar. Foi admitido em 1º de outubro de 1937, com 23 anos de idade. A demissão aconteceu em 1º de fevereiro de 2001 atendendo a uma solicitação sua. Foram mais de 60 anos de criterioso serviço. Lacerda adorava o que fazia. Sua dedicação ao trabalho se tornou quase lendária. Era, talvez, uma obsessão. Sábados, domingos e feriados aconteciam para ele como se fossem dias úteis. Por vontade e iniciativa próprias e sem cobrar nada a mais por isso, costumava trabalhar todos os dias da semana. A única compensação que queria era prolongar em duas semanas o período de férias, nos últimos anos em que trabalhou. Isso o comprazia e fazia com que se sentisse gratificado. Ficaram gravadas suas indelévels marcas na memória de todos quantos com ele trabalharam e a maneira inconfundível de tratar as coisas atinentes às suas responsabilidades. Sua saída do serviço deixou uma lacuna verdadeiramente impreenchível e, quando infelizmente faleceu, sua perda foi irreparável.

Dos que ainda se mantém trabalhando, há alguns que já se dedicam ao Herd-Book Collares há 30 anos ou mais. São eles:

Leonardo Antonio Collares Talavera – 53 anos  
José Luiz Abreu Barcellos – 45 anos  
Luiz Carlos Nachtigall Barreto – 44 anos  
Carlos Alberto da Silva Barreto – 34 anos  
Amílton Cardoso Elias – 30 anos.

Há, ainda, Adão de Jesus Nunes, que completará 30 anos de casa ainda no decorrer deste ano.

#### **Funcionários atuais, por ordem de ingresso:**

Leonardo Antonio Collares Talavera – 11/07/1953 (Setor de Registro)  
José Luiz Abreu Barcellos – 10/09/1960 (Superintendente)

Luiz Carlos Nachtigall Barreto – 01/02/1962 (Setor de Registro)  
Carlos Alberto da Silva Barreto – 01/05/1972 (Setor de Registro)  
Amilton Cardoso Elias – 29/03/1976 (Superintendente Substituto)  
Adão de Jesus Nunes – 01/10/1976 (Setor de Registro)  
Leonardo Talavera Campos – 01/05/1982 (Promebo)  
José Roberto Plá da Silva – 01/03/1990 (Setor de Registro)  
Mário Sérgio Fernandes – 01/09/1990 (Promebo)  
Neuza Maria Dutra Leivas – 01/11/1990 (Setor de Limpeza)  
Fernando Luis dos Santos Hansen – 01/04/1997 (Setor de Registro)  
José Neutzling de Pinho – 11/02/1999 (Setor de Registro)  
Eduardo Nobre Medeiros – 09/03/2000 (Setor de Registro)  
Lúcio Rafael Peres Barreto – 01/04/2000 (Setor de Registro)  
Roberto Giusti Radtke – 25/11/2004 (Promebo)

## Ex-funcionários

**T**udo começou com Leonardo Brasil Collares, em 1906, embora não houvesse registro de empregados naquela época. Ele só deixou de exercer suas funções em 04 de outubro de 1943, quando de seu falecimento.

O primeiro empregado, assim considerado à época, foi Boaventura Lluhier Pinto, que trabalhou de 1921 a 1924. Não existem referências a dia e mês de ingresso, nem de dispensa. Os demais, aqui relacionados de acordo com a data de ingresso no trabalho, também emprestaram seus serviços e, principalmente, sua dedicação à Entidade. São eles:

Boaventura Sueli Ferreira – 01/11/1940 a 31/12/1972  
Hélio Fagundes de Oliveira – 15/09/1951 a 31/12/1960  
Silvio Steinmetz – 01/02/1972 a 30/11/1972  
Enio Mendonça Neves - 01/01/1973 a 28/07/2004  
Carlos José Laborda Knorr - 01/07/1975 a  
Adão Dutra Pereira das Neves – 01/10/1975 a 23/12/1986  
Gilberto Miranda Ramalho – 15/02/1976 a 31/10/1979  
Luiz Alberto Fries – 01/10/1976 a 31/12/1976  
Enoemia Nunes Dutra – 01/11/1976 a 31/12/1989  
Paulo Fernando Neutzling – 01/12/1976 a 31/12/1976  
José Maurício de Paiva Ferreira – 01/10/1979 a 27/02/1985  
Léo Alves Bermudes – 01/11/1979 a 06/11/1980  
Mário Vasconcellos de Moura - 01/02/1980 a 30/04/1993  
Paulo Rogério Albernaz Ossanes – 01/07/1980 a 09/07/1986  
Ricardo Rodrigues Machado – 15/04/1987 a 11/09/1990  
Cássio Berg Barcellos - 01/07/1989 a 31/07/1989

José Cláudio Albernaz Ossanes - 01/06/1981 a 30/09/1990  
Sérgio Roberto Albernaz Ossanes - 01/10/1987 a 15/02/1990  
Maria do Carmo Silveira Nunes - 01/09/1989 a 31/10/1990  
Paulo Luiz Bennett Barreto - 01/02/1990 a 10/06/1994  
Prudência Maria da Cunha Luçardo - 01/11/1991 a 31/01/1992  
Viviane da Silva Fagundes - 01/03/1992 a 31/07/1993  
Mário Ribeiro Mesko - 01/05/1993 a 31/10/1994  
Marco Antonio Calderon de Moura - 01/05/1994 a 28/02/1997  
Luiz Eduardo Cunha Almeida - 01/11/1994 a 27/01/1995  
Egídio Souza Berg - 01/03/1995 a 08/03/1996  
Fernando Flores Cardoso – 06/03/1995 a 10/10/1995  
Joana Lacerda Maciel - 01/03/1996 a 30/06/1996  
Alexandre Martins Farias - 01/04/1996 a 30/04/1996  
Josiane Ferreira Lemos – 01/08/1998 a 03/08/2001  
José Rodrigues Gomes Neto – 10/03/2001 a 03/02/2004  
Vinícius da Silva Fagundes – 02/05/2001 a 30/07/2004

## Internet

**D**esde que os serviços de registro foram iniciados, em 1906, e durante as várias décadas que se seguiram, até meados do século passado, os registros dos animais eram feitos em livros próprios para isso, à semelhança dos que eram utilizados para os registros de pessoas e de escrituras de imóveis. Como é óbvio, todas as anotações tinham de ser feitas à caneta. A partir de então tudo passou a ser datilografado. As facilidades que essa mudança acarretou, com certeza, entusiasmaram a todos, uma vez que tudo passou a ser feito com maior rapidez, o que facilitava em muito o bom atendimento ao criador. Quando parecia que o sistema era definitivo e tudo estava funcionando bem, a demanda começou a ser cada vez maior. Então a rapidez no atendimento, que se pensava ter, já não atendia satisfatoriamente às necessidades.

Como já se fazia necessária uma mudança, foi implantado um novo sistema. Agora tudo começava a ser informatizado. Era o ano de 1989 quando os registros começaram a ser feitos por meio eletrônico. A princípio deu muito trabalho, como em toda mudança radical. As dificuldades eram imensas. Foi necessário elaborar programas adequados e treinar mão-de-obra. Como os recursos financeiros exigidos não correspondiam à realidade da entidade, foi preciso ir fazendo as coisas por etapas. Outra grande dificuldade foi digitar o acervo de todas as raças. Muitas delas já tinham arquivos imensos, o que resultou numa tarefa morosa e onerosa.

Apesar de tudo, as dificuldades foram sendo paulatinamente vencidas e o acervo referente à quase totalidade das raças já faz parte do Banco de Dados Central. Na

verdade, não falta muito para que tudo seja digitado e as consultas às genealogias possam ser feitas até o primeiro HBB de cada raça.

Como essa defasagem entre o que está registrado nos livros e o que está digitado não interfere de maneira significativa no bom andamento dos trabalhos, desde dezembro de 2004 a ANC disponibiliza a seus associados e criadores que registram seus animais na condição de não associados a comunicação direta com o Banco de Dados da empresa, via Internet.

A automação do sistema também exigiu um árduo, detalhado e moroso planejamento para assegurar aos usuários um controle completo dos mais diferentes serviços: comunicações de nascimentos, inseminação artificial, monta a campo ou dirigida, relatórios de coleta, congelamento e transferência de embriões, acesso ao banco de sêmen (para controle de estoque), protocolo de recebimento de correspondência e contabilidade (somente faturas em aberto). Tudo isso, mediante o fornecimento de uma senha, que é para uso exclusivo do usuário dos serviços da ANC. Para obtê-la, basta fazer a solicitação pelo e-mail [herdbook@herdbook.org.br](mailto:herdbook@herdbook.org.br). Assim, cada usuário só pode acessar as informações que estão armazenadas em seu nome, no banco de dados.

O serviço está sendo oferecido sem custos para o usuário, com navegação simples e de forma auto-explicativa, de maneira a permitir uma comunicação fácil, sem a necessidade de consultas pelo usuário. A fim de garantir segurança e agilidade na transmissão dos dados, está em funcionamento um sistema independente do Banco de Dados Central. Assim sendo, diariamente são atualizados os arquivos do Banco de Dados na Internet, de modo a permitir o acesso, sem o risco de contaminação por vírus. As informações recebidas são conferidas e processadas todos os dias, permitindo um atendimento mais rápido e totalmente seguro. Com a ajuda dos usuários será possível manter uma atualização de forma contínua, capaz de aperfeiçoar ainda mais os benefícios oferecidos aos interessados.

Além desses serviços, está disponível, na forma de domínio público, a consulta à genealogia de todos os animais que compõem o Banco de Dados Central, inclusive com uma versão adequada à impressão de árvore genealógica com cinco gerações.

### **Serviços terceirizados**

#### ***Ibagé, atual Brangus***

Embora não fosse a detentora da Delegação do Ministério da Agricultura para executar os serviços de registro genealógico da raça, a Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares foi a executora dessa incumbência, durante vários anos, de conformidade com o contrato para terceirização assinado entre ela e a Associação Brasileira de Ibagé, que detinha os direitos legais para efetuar aqueles serviços.

Por essa razão, coube à ANC A honra de ter aberto o primeiro Livro de Registros da raça Ibagé. Essa tarefa continuou a ser executada por ela, mesmo depois, quando a denominação foi alterada para Brangus-Ibagé. Durante todo esse tempo, a Associação de Ibagé funcionava junto à sede da Embrapa Pecuária

Sul, no município de Bagé, no Estado do Rio Grande do Sul, e o responsável por ela era o Dr. Laudo Delduca.

Copyright Lúcio Rafael Barreto



Quando a sede da associação mudou para Campo Grande, no Mato Grosso do Sul e a raça foi novamente renomeada, passando a se chamar somente Brangus, o contrato foi encerrado e a própria Associação Delegada tomou a si a incumbência de levar a cabo os serviços, o que continua a fazer até hoje.

## Blonel

A partir de 2005 está vigorando um contrato celebrado entre a Associação Brasileira de Blonel – detentora da delegação do MAPA – e a Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares para que esta execute os serviços de registro genealógico e provas Zootécnicas da raça sintética Blonel, em todo o território nacional, de forma terceirizada.

### ***Origem e História da Raça***

No final dos anos 90, do século passado, os pecuaristas Eduardo da Rocha Leão e Sérgio Pignatari Malmegrim denominaram Blonel ao bovino de corte sintetizado com o grau sanguíneo de 5/8 Blonde d'Aquitaine e 3/8 Nelore, após uma década dedicada à formação da nova raça. Considerado mentor do projeto, o zootecnista Adriano Rúbio acompanhou o rigoroso programa de seleção, desde o início.

Os primeiros acasalamentos ocorreram no Centro-Oeste do Brasil. Um grupo de 300 fêmeas Nelore PO – Puras de Origem, mochas, do plantel da Anfari Agropecuária, sediada no município de Padre Bernardo, no Estado de Goiás, propriedade de Antônio Fábio Ribeiro, foi inseminado com touros Blonde PO franceses provados, sob a supervisão da equipe do Dr. Luiz Antonio Abadia. Entusiasmados com os resultados, Leão e Malmegrim, também criadores das raças puras Blonde e Nelore, em São Paulo e Minas Gerais, decidiram intensificar os investimentos no projeto Blonel. Iniciaram os anos 2000 unindo forças com o amigo e pecuarista Marcelo Kignel, de quem já eram sócios em diversos animais.

Juntos, adquiriram o plantel de fêmeas 1/4 Blonde e 3/4 Nelore da Anfari e seus primeiros produtos 5/8 Blonde e 3/8 Nelore para somar, após rigoroso aparte, os animais selecionados aos seus criatórios. A unificação dos plantéis de Leão, Malmegrim e Kignel foi registrada como Blonel.com, somando cerca de 1.500 cabeças. Diversas



Copyright Associação Brasileira de Blonel

parcerias, programas de transferência de embriões e novas aquisições reforçam e qualificam o plantel formador, que já conta com outros renomados criatórios por todo o Brasil.

A mais recente, com o novo sócio e pecuarista Luiz Fernando Rebelo, iniciada em Uberaba, Estado de Minas Gerais, começa a se projetar para João Pinheiro, no cerrado mineiro. Além da Anfari, em Goiás, fazem parte animais oriundos da criação das famílias Noletto (Tocantins), Chiaparini (Centro-Oeste Paulista), Cretella (Mato Grosso), Steinbruch (Mato Grosso do Sul e São Paulo), Trombini e Buschmann (Paraná), Assumpção (Noroeste Paulista), Dimarzio (Goiás e São Paulo), Azul e Branco (Pedreira, São Paulo), Bella Mantiqueira (Piracaia, São Paulo), Duquesa (Bragança Paulista), dentre outros.

A idealização do bovino de corte adequado às condições tropicais tornou-se realidade com o nascimento dos primeiros produtos sintéticos obtidos por meio da fusão de qualidades máximas do taurino Blonde e do zebuino Nelore.

Com exuberante musculatura, precocidade sexual e de terminação, facilidade de parto, pelo curto e claro, porém, de pele e cascos escuros (sinônimos de rusticidade), os animais Blonel rapidamente atraíram diversos pecuaristas. Tanto que, no dia 24 de abril de 2003, foi lavrada a Ata de Fundação da Associação Brasileira de Blonel (ABB), com sede na capital de São Paulo. A diretoria eleita para o primeiro mandato tem como presidente Marcelo Kignel e vice-presidente Aluísio da Rocha Leão. O diretor financeiro é Sérgio Malmegrim e o diretor administrativo Eduardo da Rocha Leão. As diretrizes e programas técnicos contam com a colaboração da Central Sersia Brasil, sucessora da Yakult, e também dos veterinários Mara e Luiz Abadia, fundadores da Embriotec, Dr. Amilton Cardoso Elias, da Collares, e Gerome Negre, da Midatest-France.

No dia 7 de junho de 2005 o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) aprovou o *Regulamento para Formação da Raça Blonel*, concedendo a sua execução à ABB, sob registro de nº 18, homologando, assim, a mais nova e promissora raça de corte genuinamente brasileira.



### **Comprovações técnicas**

Merecem destaque as duas mais atuais comprovações dos sucessivos ganhos para quem utiliza esta genética híbrida do Blonde com raças zebuínas. Os trabalhos são independentes, mas se complementam na abordagem que inicia com os custos da concepção, passa pelo abate no frigorífico e pela lucratividade (tanto no rendimento da carcaça como nas peças cortadas), chegando à degustação dos bifes grelhados, no prato do restaurante.

Conforme recente divulgação à imprensa, a família Ortemblad, criadora da consagrada raça zebuína Tabapuã, em consórcio com a Unesp, desenvolveu o projeto denominado Tab 57, visando três objetivos básicos: intensificação do uso do solo, redução de custos e ganho de peso por animal.

Segundo o *Relatório Técnico de Avaliação de Carcaça*, apresentado ao final dos trabalhos pelo professor Pedro de Felício, o lote de novilhos de cruzamento com a raça Blonde em regime de pasto, abatido com 20,5 meses de idade, foi o que atingiu o maior peso líquido: 19,11 arrobas, quase uma arroba a mais do que o 2º colocado.

A superioridade também foi comprovada em outras quatro avaliações:

- Peso, após jejum de 24h, de 503,54 kg, contra 493,54 kg do 2º colocado;
- Peso da carcaça quente de 286,69 kg, contra 273,08 kg do 2º colocado;
- Rendimento de carcaça de 56,94 %, contra 55,33% do 2º colocado;
- Área de olho de lombo de 77,35 cm<sup>2</sup>, contra 71,67 cm<sup>2</sup> do 2º colocado

A conclusão do projeto destaca que o uso de genética superior e manejo adequado mostra ser real a produção de novilhos criados a pasto, com lotação de 2,28 ua/ha (Unidade Animal por hectare) ao longo do período de 31 meses e quatro dias, decorridos desde a concepção até o abate, com o custo de apenas R\$ 22,51 por arroba, quando esta era cotada a R\$ 50,00. Ou seja, lucro superior a 120%.

Em outro importante trabalho técnico, encomendado por um renomado Grupo que desejava testá-los para sua rede de fast food, especializada em carnes grelhadas, todos os resultados foram favoráveis ao produto híbrido Blonde x Nelore, que ao final dos testes recebeu a credencial de *Carne escolhida conforme Padrão*. O relatório descreve que a avaliação considerou as características desejáveis sob os pontos de vista de: produção a pasto; industrialização frigorífica; porcionamento dos cortes nobres e características organolépticas da carne.

Com o objetivo de analisar as diferenças na qualidade de carne e relação entre tipo bovino e produção de carnes nobres, foram abatidos pela Fricarnes Alimentos Indústria e Comércio Ltda., cinco lotes bovinos, todos criados exclusivamente a pasto, com sal mineral comercial e tratamento normal, desde o processo de engorda até o aproveitamento de bifes grelhados.

Os números dos trabalhos técnicos apresentados demonstram a superioridade do híbrido Blonde x Nelore em todos os testes realizados. Além da economia de tempo e custos no ciclo de cria, recria e engorda, foram obtidos ganhos expressivos no processo completo da indústria frigorífica, até sua comercialização final, chegando à mesa do consumidor a carne mais macia e saborosa, conforme o teste de degustação comprovou.

Os resultados indicam o Blonel tanto para o criador de raça pura na produção de matrizes e touros melhoradores, como para seu cruzamento com as raças zebuínas ou taurinas. Outra opção fantástica é a sua utilização sobre os demais produtos de cruzamento, as chamadas F1, com incremento do vigor híbrido e porções eqüitativas de origem indiana e européia no produto final.

#### *Opinião dos pioneiros*

O arquiteto e pecuarista Eduardo da Rocha Leão expõe o seu ponto de vista: “Pertencendo à quarta geração de fazendeiros, pelos dois ramos de minha família, tive oportunidade de ouvir e conviver com muitas aventuras. As felizes, chamavam a atenção para algo em comum: o sucesso do produto híbrido. A receita alterava os ingredientes, mas a fórmula permanecia: conjugar a rusticidade com a máxima produção de qualidade. Foi assim com o café, com o suíno, asinino e muar, milho, frango, com o capim, gado leiteiro, soja e, como não bastasse, também com o gado de corte.

O produto puro de origem possui suas qualificações específicas, determinadas pela seleção que a própria natureza realiza em seu berço genético. Nos meios mais inóspitos, sobrevivem apenas os resistentes, destacando-se pela rusticidade, importante característica para se minimizar o custo de produção. Por outro lado, a alta performance é encontrada onde a seleção obteve precocidade, aliada à rentabilidade com otimizada conversão nutricional e qualidade produtiva.

Na pecuária de corte, a junção de tudo significa um animal que gasta pouco, come menos, cria antes e termina rápido, com grande rendimento de carcaça, tanto no abate como na desossa, produzindo peças de carne macia e saborosa. Este resultado, após inúmeras experiências, foi obtido no cruzamento do *bos indicus* (zebuíno) Nelore com o *bos taurus* (europeu) Blonde. A fusão das complementaridades destas raças fez nascer o produto ideal. Bastava, daí, a fixação genética de todas as virtudes”.

O processo científico de sucessivos cruzamentos entre as duas raças-base, por meio da biotecnologia dos tempos modernos aplicada à pecuária, sempre com a utilização de sêmen de touros provados em testes de progênie, fixou o híbrido no grau sanguíneo de 5/8 Blonde com 3/8 Nelore. Este é o Blonel, indicado para o criador de raça pura, na produção de matrizes e touros melhoradores, ou para seu cruzamento, tanto com as raças zebuínas quanto taurinas.

Outra opção, com resultados também surpreendentes, é a sua utilização sobre os demais produtos de cruzamento, as chamadas F1, com o incremento do vigor híbrido e porções equitativas de origem indiana e européia no produto final.

Abstraindo todo este processo para o campo das artes, seria como o mestre que possui em sua palheta diversos tons de azul e amarelo, mas quer chegar à cor verde. Algumas tonalidades das cores puras, denominadas primárias, se aproximam da idealizada, mas só com a mixagem entre elas ele consegue a desejada e com suas proporções obtêm-se as mais perfeitas nuances.

Muito me gratifica estar no projeto Blonel num país com as dimensões do Brasil e que já caminha para além de suas fronteiras, ao despertar o interesse de outros países, num momento especial de crescimento fantástico das nossas exportações.

Nas palavras de Sérgio Pignatari Malmegrim, engenheiro e pecuarista: “As montanhas, a água farta e o ar puro da Serra da Mantiqueira foram decisivos para o meu retorno à atividade agropecuária, há duas décadas, na mesma região onde nasci. Terra que acolheu meus antepassados, inicialmente *oriundi*, mais tarde fazendeiros.

Após minha formação em engenharia mecânica, parti em busca de especializações no exterior e, passados alguns anos, voltei decidido a *fazer algo tecnicamente diferente* de tudo aquilo que havia conhecido antes. Esta busca pelo aprimoramento técnico foi, sem dúvida, o que me levou inicialmente ao Blonde, raça de excepcionais qualidades na produção de carne e sustentada em seu país de origem, a França, pelo melhor respaldo técnico que tive notícia.

Recentemente, em visita a institutos de pesquisa e cooperativas de produtores de Blonde na França, tive oportunidade de comprovar toda a preocupação em estar na linha de frente tecnológica por meio do Programa Calvigene (com orçamento de 8 milhões de euros), que proporcionará, nos próximos dois anos, a determinação de marcadores genéticos responsáveis por qualidade, maciez e sabor da carne. Em outras palavras, poderemos comprar sêmen de touros aptos a corrigir e produzir bezerros com qualidade de carne superior.

O Blonde, dentre todas as raças especializadas na produção de carne na Europa (*bos taurus*) é a que mais se utiliza na inseminação artificial e não falo de sêmen de touros campeões de pista, mas de touros selecionados em um período de seis anos de testagens de suas progênes e das progênes de suas filhas. Eis que iniciamos os trabalhos para chegar ao Blonel, com estas magníficas ferramentas disponíveis e ao nosso alcance, mas que, durante muitos anos, foram substituídas pela emoção das pistas de julgamento e dos bem produzidos leilões. A cada passo de nossa seleção, fomos confirmando o poder da inseminação artificial com sêmen de touros provados em progênie.

Na linguagem de minha terra: *É macuco no emborná!*. Quando ainda mal se conheciam tais testagens no Brasil, fomos buscar sêmen dos animais da raça Nelore, selecionados por trabalhos do Instituto de Zootecnia de Sertãozinho, naquela época, uma ilha de ideologia amparada pela técnica e não pela aparência. E, cada vez mais, os resultados apareciam, o Blonde e o Nelore (ou Ongole, em sua origem) foram mostrando em seu processo de hibridação um potencial incrível, uma máquina de produzir carne de qualidade em nossas condições tropicais. A busca incansável pela técnica não proporcionou apenas grandes avanços nas máquinas com as quais trabalho, mas também um resultado a *olhos vistos* na seleção do Blonel.

Esta nova raça é o resultado vivo da aplicação das ferramentas da biotecnologia à pecuária brasileira.”

O cirurgião dentista e também pecuarista, Marcelo Kignel é quem diz: – “Faço parte do enorme contingente de profissionais liberais deste país que aderiram à pecuária pela paixão e pelo interesse em criar novas alternativas de rendimento”.

“Como sempre, as histórias se repetem. Entrei na pecuária de corte há dez anos, pois ouvia falar que em pecuária não tem erro, não tem prejuízo e que o lucro é uma consequência natural. Ledo engano! Pecuária realmente é algo apaixonante, mas se não levada com seriedade, estudo, prática e aprendizado com os erros dos colegas e os próprios, o fracasso, sim, será uma consequência natural. Foram anos para se chegar a um animal que realmente fizesse a conta fechar no final do mês. Estar inserido no projeto Blonel permite uma expansão de horizonte neste momento em que o agronegócio se destaca dentro da cadeia produtiva brasileira.

O Blonel é uma realidade a olhos vistos em nossas fazendas. A rusticidade está presente de maneira marcante, produzindo animais de pele e cascos escuros, sinônimos de resistência, e de pêlos claros, finos e curtos, que se adaptam perfeitamente às exigências peculiares dos climas tropicais. O ganho de peso é uma constante, deixando o *efeito sanfona* no passado. A precocidade sexual se impõe no período de monta, agregada à facilidade de parto e aquela satisfação, que tanto almejamos na condução de nosso plantel, vai se tornando uma realidade palpável.

#291\* T. = 1

# Os primeiros animais registrados em cada raça

**Associação do Registro Genealógico SUL-RIOGRANDENSE**  
PELOTAS - BRASIL

**CERTIFICADO DE NASCIMENTO**

Nome: "O M E G A" H. B. Rg. =

Nascido: 26 de outubro de 1943. Data da inscricão: 1

Sexo: feminino. Estuagem: 415 Data da inscricão: Fevereiro d

Local de nascimento: Ministério da Agricultura, Povoamento e Florestas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Proprietário: NORMANDO

Pai: EPINARD (42938) H. B. Rg. -

Mãe: ALBINE (43691) H. B. Rg. -

Avô materno: Bégonia H. B. F. -

Pelotas, 26 de abril de 1943.

*Alino Mascarenha*  
Presidente

*Loz Capare*  
Chefe dos Registros Genealógicos

Observação — Para obter-se o "pedigree" completo, deverá ser apresentado este certificado com o requerimento do proprietário.

Não somente por sua importância histórica para o Brasil, assim como para cada uma das raças envolvidas com o processo de registro genealógico, mas, talvez mais por isso, como uma homenagem àqueles que tiveram a coragem de, enfrentando todo tipo de dificuldades, serem os pioneiros em cada uma delas, relacionamos a seguir, os primeiros animais registrados e o nome daqueles que os inscreveram na História da pecuária nacional.

A ANC – assim é conhecida a Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares – tem atualmente sob sua guarda, por expressa delegação do MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, os serviços de registro e de controle de genealogia de vinte raças bovinas de corte e mistas – todas de origem européia – além de três eqüinas. Em outros tempos já abrigou também os registros de algumas raças eqüinas e de bovinos de leite, ovinos, suínos, caprinos e várias outras de bovinos de corte e de dupla aptidão, que por diversos motivos já não estão mais sob seu encargo.

#### Totais de Registro de Bovinos (Números Apurados em 31 de Dezembro de 2005)

| RAÇA                 | PO            | PC            | CCG          | LA          | IA          | AI-CG     | IA-PA     | IA-AP     |
|----------------------|---------------|---------------|--------------|-------------|-------------|-----------|-----------|-----------|
| Aberdeen Angus       | 108844        | 238265        | 5771         | 4647        | 842         | 01        | ---       | 04        |
| Ayrshire             | 309           | ---           | ---          | ---         | 23          | ---       | ---       | ---       |
| Blonde d'Aquitaine   | 15022         | 1142          | 19196        | ---         | 93          | ---       | ---       | ---       |
| Charolês             | 100493        | 199948        | ---          | ---         | 341         | ---       | 69        | ---       |
| Devon                | 50070         | 63115         | 1585         | 987         | 35          | ---       | ---       | ---       |
| Dinamarquês Vermelho | 989           | ---           | ---          | ---         | ---         | ---       | ---       | ---       |
| Flamenga             | 782           | ---           | ---          | ---         | 17          | ---       | ---       | ---       |
| Galloway             | 53            | 143           | ---          | ---         | 02          | ---       | ---       | ---       |
| Hereford             | 226758        | 147033        | ---          | 4210        | 462         | ---       | ---       | ---       |
| Herens               | 24            | ---           | ---          | ---         | ---         | ---       | ---       | ---       |
| Lincoln Red          | 212           | ---           | ---          | ---         | 08          | ---       | ---       | ---       |
| Maine Anjou          | 59            | ---           | ---          | ---         | ---         | ---       | ---       | ---       |
| Normando             | 14495         | 4292          | 323          | ---         | 101         | ---       | ---       | ---       |
| Pinzgauer            | 1255          | 233           | ---          | ---         | 17          | ---       | ---       | ---       |
| Red Poll             | 3658          | 3398          | ---          | ---         | 20          | ---       | ---       | ---       |
| Salers               | 22            | ---           | 108          | ---         | ---         | ---       | ---       | ---       |
| Shorthorn            | 28439         | 7733          | ---          | ---         | 58          | ---       | ---       | ---       |
| South Devon          | 590           | ---           | ---          | ---         | ---         | ---       | ---       | ---       |
| Sussex               | 20            | ---           | ---          | ---         | ---         | ---       | ---       | ---       |
| Tarentaise           | 128           | ---           | ---          | ---         | ---         | ---       | ---       | ---       |
| <b>TOTAIS</b>        | <b>552222</b> | <b>665302</b> | <b>27183</b> | <b>5197</b> | <b>2019</b> | <b>01</b> | <b>69</b> | <b>04</b> |



A raça Aberdeen Angus apresenta, ainda, o registro de mais outros cinco doadores de sêmen estrangeiro, na categoria CCG, sendo que quatro deles se enquadram no que se convencionou chamar popularmente de Angus Plus, embora não haja essa classificação oficializada pelo MAPA.

## Registro de Bovinos

### Shorthorn



A raça Shorthorn foi a primeira, dentre todas, a ter um produto registrado no Brasil, por isso, nada mais justo do que começar por ela. A primazia coube a Martim Silveira, criador radicado no município de Bagé, no Estado do Rio Grande do Sul. O touro *Count Barrington*, nascido em 03 de abril de 1897 e registrado na Inglaterra sob número de HBI 72266, foi inscrito no HBB 1, em 22 de agosto de 1906. Infelizmente, não existe anotação referente ao nome do criador inglês. No entanto, na parte reservada às observações, consta a seguinte anotação:

*“Importado pelo Sr. Antonio N. Ribeiro Magalhães, que o vendeu ao proprietário em 1900.”*

Em 24 de agosto de 1906 foi inscrita a primeira fêmea. Era *Juanita*, que recebeu o HBB 5. De procedência uruguaia, fora registrada naquele país no HBU 1196. Criada pelo Cel. Anthero Cunha, seus proprietários eram os Srs. Antonio Maria Martins & Filhos. Esses mesmos criadores registraram *Celina*, o primeiro produto nacional, em 14 de novembro daquele ano.

Ainda em 1906, foram registrados mais seis touros importados da Inglaterra, França, Argentina e Uruguai. Os proprietários eram Theodoro Saibro Jardim, de Dom Pedrito, Leonardo Brasil Collares, Antonio Maria Martins & Filhos e Visconde de Ribeiro Magalhães, todos de Bagé, além de João Antonio de Freitas, do município de Pinheiro Machado.

| Ano  | M   | F   | Total | Ano  | M   | F   | Total | Ano          | M            | F            | Total        |
|------|-----|-----|-------|------|-----|-----|-------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| 1906 | 07  | 06  | 13    | 1940 | 126 | 230 | 356   | 1974         | 162          | 183          | 353          |
| 1907 | 01  | --- | 01    | 1941 | 106 | 102 | 208   | 1975         | 106          | 221          | 369          |
| 1908 | 06  | 03  | 09    | 1942 | 101 | 111 | 212   | 1976         | 164          | 191          | 369          |
| 1909 | 05  | --- | 05    | 1943 | 70  | 105 | 175   | 1977         | 139          | 263          | 284          |
| 1910 | 16  | 07  | 23    | 1944 | 108 | 90  | 198   | 1978         | 140          | 205          | 288          |
| 1911 | 08  | 01  | 09    | 1945 | 112 | 94  | 206   | 1979         | 154          | 145          | 301          |
| 1912 | 04  | 04  | 08    | 1946 | 166 | 195 | 361   | 1980         | 120          | 148          | 256          |
| 1913 | 05  | 01  | 06    | 1947 | 128 | 105 | 233   | 1981         | 206          | 147          | 447          |
| 1914 | 07  | 04  | 11    | 1948 | 225 | 234 | 459   | 1982         | 83           | 136          | 160          |
| 1915 | 05  | 06  | 11    | 1949 | 145 | 162 | 307   | 1983         | 156          | 241          | 360          |
| 1916 | 11  | 05  | 16    | 1950 | 94  | 107 | 201   | 1984         | 141          | 179          | 320          |
| 1917 | 09  | 06  | 15    | 1951 | 230 | 324 | 554   | 1985         | 138          | 135          | 273          |
| 1918 | 05  | 03  | 08    | 1952 | 261 | 376 | 637   | 1986         | 88           | 106          | 194          |
| 1919 | 16  | 19  | 35    | 1953 | 305 | 368 | 673   | 1987         | 108          | 133          | 241          |
| 1920 | 43  | 40  | 83    | 1954 | 348 | 320 | 668   | 1988         | 136          | 155          | 291          |
| 1921 | 36  | 25  | 61    | 1955 | 345 | 405 | 750   | 1989         | 94           | 112          | 206          |
| 1922 | 34  | 40  | 74    | 1956 | 376 | 446 | 822   | 1990         | 96           | 100          | 196          |
| 1923 | 22  | 51  | 73    | 1957 | 353 | 499 | 852   | 1991         | 71           | 68           | 139          |
| 1924 | 35  | 32  | 67    | 1958 | 319 | 378 | 697   | 1992         | 106          | 125          | 231          |
| 1925 | 09  | 22  | 31    | 1959 | 387 | 396 | 783   | 1993         | 119          | 119          | 238          |
| 1926 | 33  | 48  | 81    | 1960 | 393 | 353 | 746   | 1994         | 146          | 224          | 370          |
| 1927 | 44  | 29  | 73    | 1961 | 380 | 415 | 795   | 1995         | 149          | 169          | 318          |
| 1928 | 53  | 27  | 80    | 1962 | 401 | 435 | 836   | 1996         | 73           | 87           | 160          |
| 1929 | 50  | 62  | 112   | 1963 | 308 | 428 | 736   | 1997         | 79           | 91           | 170          |
| 1930 | 34  | 37  | 71    | 1964 | 351 | 447 | 798   | 1998         | 112          | 135          | 247          |
| 1931 | 29  | 24  | 53    | 1965 | 245 | 352 | 597   | 1999         | 65           | 96           | 161          |
| 1932 | 49  | 49  | 98    | 1966 | 230 | 389 | 619   | 2000         | 104          | 125          | 229          |
| 1933 | 36  | 50  | 86    | 1967 | 299 | 350 | 649   | 2001         | 95           | 147          | 242          |
| 1934 | 32  | 36  | 68    | 1968 | 230 | 282 | 512   | 2002         | 106          | 175          | 281          |
| 1935 | 43  | 51  | 94    | 1969 | 233 | 288 | 521   | 2003         | 56           | 70           | 126          |
| 1936 | 69  | 144 | 213   | 1970 | 248 | 243 | 591   | 2004         | 36           | 76           | 112          |
| 1937 | 119 | 169 | 288   | 1971 | 206 | 220 | 426   | 2005         | 33           | 60           | 93           |
| 1938 | 118 | 129 | 247   | 1972 | 141 | 183 | 324   | ---          | ---          | ---          | ---          |
| 1939 | 166 | 177 | 343   | 1973 | 202 | 221 | 423   | <b>Total</b> | <b>12912</b> | <b>15527</b> | <b>28439</b> |

Inscrições de Shorthorn PO – Puros de Origem.

Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.



## Origem e História da Raça



A Associação Brasileira de Criadores da Raça Shorthorn é a entidade que promove a raça em nosso País, sendo responsável pela congregação dos criadores. No Brasil, a criação de Shorthorn atingiu o ápice durante as décadas de 60 e 80. Atualmente, alguns criadores ainda mantêm rebanhos de grande tamanho, outros ainda a utilizam para cruzamentos em algumas regiões do Estado do Rio Grande do Sul.

Em meados de 1975, a raça teve seu registro genealógico aberto para a utilização de reprodutores Lincoln Red e Maine Anjou, sendo que o Lincoln Red foi amplamente utilizado em todas as cabanhas brasileiras. Hoje, a quase totalidade dos animais brasileiros tem alguma porcentagem de sangue Lincoln Red, embora esta prática tenha sido extinta há alguns anos, por decisão do Ministério da Agricultura.

O touro *Leave Trasumante 168*, HBB 24.602, importado por Luiz Alves Dutra e com 576 filhos registrados é o que tem o maior número de filhos inscritos no Brasil. As vacas *Biscuit*, HBB 192, de criação da viúva A. Gervásio, e *Qurência 260*, HBB 9.519, de criação dos srs. Luiz Alves Dutra & filhos, ambas com 13 crias registradas, são as recordistas da raça.

O Shorthorn é uma raça landrace, isto é, um tipo de animal doméstico que foi desenvolvido em uma determinada área, não sendo o resultado de um cruzamento deliberado para criar uma raça bovina.

Esses animais sofreram uma combinação de seleção natural e humana para a sua forma final. Relatos afirmam que os bovinos domésticos se originaram do *Bos primigenius* ou Auroque e do *Bos longifrons* ou Celta de Chifres Curtos.

Acredita-se que o Auroque existia apenas em estado selvagem nas Ilhas Britânicas, enquanto que o Shorthorn Celta foi domesticado pelos antigos bretões, no Noroeste da Inglaterra, nos condados de Northumberland, Durham e York, através da união do antigo gado Holderness e do gado Teeswater no fim do século dezoito.

O real desenvolvimento da raça ocorreu no vale do rio Tees, por volta de 1600. O grande tamanho dos bovinos que habitavam aquele fértil vale os tornou conhecidos como bovinos Teeswater.

O Shorthorn é uma das mais antigas raças para corte e a segunda de bovinos a ter suas características fixadas. A English Longhorn foi a primeira a passar por um processo de melhoramento genético, enquanto que a Shorthorn foi a primeira a ter um livro de registro genealógico, o que ocorreu em 1822.

É dito que o gado Shorthorn original, como um tipo britânico, foi criado pelos Duques de Northumberland, no século dezesseis, antes que se consagrasse como um termo geral usado para designar os bovinos de chifres curtos. Os tipos raciais que originaram o gado Shorthorn melhorado evoluíram a partir de antigas populações bovinas do nordeste da Inglaterra, denominadas de Durham, Teeswater, Yorkshire e Holderness. É provável que descendesse, também, de uma mistura de bovinos vermelhos Anglo-Saxões com bovinos vermelho e branco, de origem holandesa: Hollanders e Zeelands.

Este gado Holandês não era assemelhado ao tipo Frísio ou ao atual tipo leiteiro Holstein, mas a um tipo antigo que foi devastado pela praga bovina na Holanda, em 1745.

Os Tynesides Shorthorns eram muito similares ao Ayrshire, em 1790, e igual a este, no final de 1887. Havia uma raça holandesa, o Drenthe, que era exatamente como o Ayrshire deste tempo. O Drenthe, o Hollander e o Zeeland eventualmente desapareceram para o surgimento do Meuse-Rhine-Yssel.

Durante o século dezoito, o bovino local Teeswater encontrado no noroeste da Inglaterra, ao redor de Darlington, assim como os Durhams, era bem reputado por sua conformação e habilidade leiteira e, por causa disso, foi sendo sistematicamente melhorado. As técnicas de seleção usadas tornaram-se projetos para outros criadores e asseguraram que o Shorthorn expulsasse rapidamente a raça Longhorn, que fora selecionada por Bakewell e que desfrutava de grande prestígio até então.

Os mais famosos e influentes criadores de Shorthorn foram os Irmãos Colling na área de Darlington. Charles Colling nasceu no ano de 1751, em Ketton Hall, e Robert Colling nasceu em 1749, em Barmpton.

Os irmãos Colling desenvolveram um tipo de animal mais leiteiro usando, ironicamente, o método de cruzamento fechado por consangüinidade de Bakewell, para fixar as características de seus rebanhos, mas sem usar um excessivo *inbreeding*. Em certa etapa da seleção, Charles Colling introduziu um touro meio sangue Galloway mocho, oriundo de uma vaca Galloway vermelha. Na formação do Shorthorn foram usados, também, animais descendentes do bovino selvagem de pelagem branca, sendo, portanto, os antepassados da atual raça White Park. O cruzamento do gado de pelagem vermelha prevalecia no rio Tees. Ao serem cruzados com os animais brancos, originavam belos animais rosilhos.

Seguindo o exemplo dos Colling, a divergência de tipos foi mantida pela família Booth de Killesby e Wallarby, em Yorkshire, que em 1790 iniciaram a selecionar o Teeswater para carne, continuando esta seleção até 1919. Thomas Bates, de Kirkclenvington, em Yorkshire, nascido em 1775, selecionou seu rebanho para leite. Ambas as famílias fizeram uso total do rebanho dos Colling na primeira metade do século dezanove.

Por volta de 1800, o novo gado Shorthorn era a maior raça britânica em tamanho, sendo que os touros mediam 152 cm na altura das cruces. Um famoso touro Durham, filho de Favourite em uma vaca de raça indefinida, tinha 165 cm de altura e pesava 1375 kg, aos cinco anos de idade, em 1801. Foi, por causa disso, exibido por todo o país, permanecendo como uma estrela até ter deslocado um dos quartos traseiros em 1807, sendo então abatido.

A raça Shorthorn tem por característica racial a presença de três tipos de pelagens: vermelha, branca e rosilha, porém alguns criadores preferem dizer que a raça tem quatro pelagens, incluindo assim o padrão vermelho e branco.

Copyright American Shorthorn Association



A pelagem branca é homozigoto recessiva, não sendo um branco perfeito. Por esta razão, os animais podem apresentar pelos vermelhos nas orelhas e ao redor do focinho. Por causa do fator pelagem, o Shorthorn branco é menos apreciado que o rosilho e estes, por sua vez, têm preferência em escala menor do que os animais vermelhos tapados. Os de pelagem vermelha são os preferidos pelos criadores argentinos, americanos e canadenses, porque do ponto de vista estético, conferem um visual mais bonito aos animais no campo.



Os rosilhos são os que apresentam uma mescla de pêlos vermelhos e brancos. Há casos, também, de animais mouros. Esta cor é uma mescla de pêlos brancos e negros. Isto ocorre quando são oriundos do cruzamento entre Shorthorn branco com Aberdeen Angus negros ou Galloway negros.

A pelagem vermelha e branca é a mistura de pêlos destas duas cores, porém, com manchas definidas ou bragaduras, podendo ocorrer dominância do vermelho em áreas de menor ou maior tamanho. Geralmente são encontradas manchas brancas na linha inferior, atrás das paletas, em frente aos quartos traseiros e na testa.

As cruzas de animais vermelhos X vermelhos e brancos X brancos originam, respectivamente, somente animais vermelhos e brancos. Em rebanhos formados com animais destas pelagens pode ocorrer, ocasionalmente, o surgimento de animais rosilhos ou vermelho e branco.

O rosilho é uma pelagem característica da raça Shorthorn. Para obtê-la, cruzam-se animais brancos X vermelhos. O resultado se deve ao fato de que, em geral, os brancos são descendentes de animais cruza rosilho, apresentando, portanto, este fator de pelagem. O rosilho é o padrão de pelagem heterozigoto entre as pelagens vermelha e branca.

No quadro abaixo são mostradas algumas conclusões finais sobre as cores de pelagens da raça Shorthorn.

| Pelagem                | Vermelha | Rosilha | Branca |
|------------------------|----------|---------|--------|
| ? rosilha X ? vermelha | 92 %     | 5 %     | 3 %    |
| ? vermelha X ? rosilha | 56 %     | 43 %    | 1 %    |
| ? vermelha X ? branca  | 2 %      | 96 %    | 2 %    |
| ? rosilha X ? rosilha  | 27 %     | 53 %    | 20 %   |
| ? rosilha X ? branca   | 3 %      | 68 %    | 29 %   |
| ? branca X ? branca    | 3 %      | 5 %     | 92 %   |

O Shorthorn é chamado de a Raça Mãe por dois motivos básicos: o primeiro, por sua grande habilidade materna e, o segundo, por ter influenciado com seus genes, total, ou parcialmente, a mais de 60 raças em todo o planeta. O outro slogan Grande Melhorador ou *Great Improver*, também se baseia no fato de ter dado origem a uma grande quantidade de raças. Estes dois slogans são usados por criadores de Shorthorn em todo o mundo, mas eles mostram somente um pouco da raça.

As variedades principais, oriundas dos rebanhos originais formados no século dezoito, são: o Shorthorn de carne (Beef Shorthorn ou Scottish Shorthorn), Shorthorn de leite (Dairy Shorthorn, no Reino Unido), Shorthorn Leiteiro (Milking Shorthorn, nos Estados Unidos e Canadá), Northern Dairy Shorthorn, Whitebred Shorthorn, Blue Albion, Blended Red and White Shorthorn, Illawarra Shorthorn e Weebollabolla Shorthorn.

O criador escocês Amos Cruickshank (1805-1895), de Sittyton, em Aberdeenshire, foi um dos que, junto com outros criadores, ajudaram a formar a linhagem de carne criada pelos irmãos Booth, a qual, definitivamente, tornou-se o Beef Shorthorn, tendo encontrado sua principal origem na Escócia.

Muitos Aberdeenians – habitantes do Condado de Aberdeen, na Escócia –, emigraram para o Canadá naquele período, tendo levado consigo o Cruickshank ou Shorthorn Escocês.

Como esta é uma típica raça britânica de corte, talvez por isso mesmo, seus números, no país de origem, sejam, hoje, perigosamente baixos. No ano de 1987 foram lá registradas menos de 450 vacas, quando, pela primeira, vez foi classificada como *rare breed*, ou raça rara, apesar de ter sido a principal raça da indústria de carne escocesa no século dezenove.

Sua capacidade de rápido crescimento e maturidade precoce é ainda apreciada, especialmente no exterior. Existem associações de raça em vários países. Como exemplo, podemos citar os Estados Unidos (que tem o Polled Shorthorn), Canadá,

Argentina, Uruguai, África do Sul, Rússia, Nova Zelândia, Brasil e Austrália. Na África do Sul, a vaca Beef Shorthorn ostenta as mais altas taxas de eficiência, dentre todas as raças do país. O Australian Beef Shorthorn tornou-se naturalmente adaptado às regiões tropicais do norte e, atualmente, sua população é numerosa.

Os rebanhos de Bates e dos Irmãos Colling tornaram-se a base para o Dairy Shorthorn de duplo propósito, resultando num tipo de corpo profundo, com boa conformação para leite e carne marmoreada, porém magra. Foi sempre criada com ênfase nas boas taxas de conversão alimentar. O Milking Shorthorn foi desenvolvido recentemente, nos Estados Unidos, a partir do Dairy Shorthorn inglês, através do melhoramento genético do tipo Bates, com sangue Holandês Vermelho.

Em 1873, foram vendidas 15 vacas Shorthorn inglesas, nos Estados Unidos, pelo preço recorde de 3.679 libras cada uma, sendo que o maior preço pago foi de 8.120 libras. Mais de um século depois, em 1981, um Milking Shorthorn foi vendido por 100.000 dólares.

A variedade Northen Dairy Shorthorn é oficialmente uma raça rara na Grã Bretanha, apesar de, em algumas ocasiões, ter sido incluída sobre a proteção do Dairy Shorthorn. Esta variedade encontra-se registrada no Coates Herd-Book com um código em separado. A utilização desse sistema de código teve como objetivo identificar as linhas de sangue. A formação desses animais está baseada nos bovinos de seis condados de Dales, no norte da Inglaterra, sendo, especificamente, uma raça leiteira, embora também possa apresentar as características atinentes a uma de duplo propósito.

O Whitebred Shorthorn é uma linhagem branca, selecionada a partir do Dairy Shorthorn, criada principalmente na região da fronteira entre a Inglaterra e a Escócia. Os touros são amplamente utilizados para cruzamentos com vacas Galloway pretas, produzindo o popular Blue Grey, do sul da Escócia.

O cruzamento do Whitebred Shorthorn com o Welsh Black é conhecido como Blue Albion. De tempos em tempos, os Blue Albion têm sido classificados como uma raça separada. Sua área tradicional é ao norte de Derbyshire e no distrito de Peak. Sua bela pelagem é leve, sedosa, de comprimento curto a médio e de coloração azul, azul e branca, branca e azul, azul rosilha ou azul rosilha e branca. A tonalidade azul é formada por uma mistura de pêlos negros e brancos. O focinho é escuro; a pele levemente pigmentada; a cabeça ampla, de comprimento médio. Os chifres são brancos ou amarelados, com as pontas negras. Curvam-se para fora e para a frente. O corpo é longo e profundo. O Blue Albion é um tipo de duplo propósito, com boa média leiteira, o que faz supor alguma infusão de sangue Frísio. Tem carne marmoreada e de fina textura. De 1920 a 1957 a raça foi registrada, tendo havido, inclusive um Herd-Book próprio.

A partir de então, sua criação fracassou como raça pura. Atualmente, algumas tentativas estão sendo feitas para refazer a associação de raça.



Mais recentemente, a Shorthorn Society, no Reino Unido, tem adotado um esquema para desenvolver o Dairy Shorthorn através de cruzamentos cuidadosamente controlados com outras raças vermelhas e brancas, como o Holandês Vermelho, Frísio Vermelho, Danish Red, Simental e Meuse Rhine Yssel. O resultado destes cruzamentos foi a formação do Blended Red and White Shorthorn.

O Illawarra Shorthorn foi desenvolvido na Austrália, baseado em importações de Shorthorn britânico, no século dezenove, os quais foram cruzados com Ayrshire e Devon. O Weebollabolla Shorthorn é uma variedade desenvolvida pela família Munro. O rebanho iniciou em 1830 com importações seqüentes desde a Inglaterra.



A raça Shorthorn sempre foi escolhida para ser usada em cruzamentos, seja para formar novas raças ou melhorar as características de outras. compostas estão em alta, mas a maioria delas, compostos tropicais ou subtropicais, formadas ou em formação hoje têm a genética Shorthorn incorporada. Muitas outras raças nativas por todo o mundo, tanto *Bos taurus* como *Bos indicus*, têm sido melhoradas com o sangue da raça Shorthorn.

No Reino Unido, local originário do Shorthorn, a raça entrou na formação do Blue Albion (Whitebred Shorthorn X Welsh Black), do Lincoln Red, do novo Blended Red and White Shorthorn (Dairy Shorthorn X Holandês Vermelho, Frísio Vermelho, Danish Red, Simental e Meuse Rhine Yssel), na fronteira Escócia/Inglaterra o Luing (1/2 ou 3/4 Shorthorn e 1/2 ou 1/4 Highland) sempre foi escolhido por sua rusticidade e qualidade de carne. Além destes, existe o Beevbilde (65% Lincoln Red, 30% Beef Shorthorn, 5% Aberdeen Angus), o Blue Grey (1/2 Whitebred Shorthorn 1/2 Gallo-way), e o Ayrshire, que recebeu infusão de Shorthorn na sua formação.

A Austrália, hoje uma dos maiores exportadores de carne do mundo, tem muitas raças derivadas do Shorthorn, como o Illawarra Shorthorn (Shorthorn X Ayrshire e Devon), Murray Grey (única vaca Shorthorn rosilha X touros Aberdeen Angus), o Mandalong Special (Charolês, Chianina, Polled Shorthorn, British White e Brahman: 58,33% de sangue continental, 25% de sangue britânico e 16,67% de sangue Brahman), Australian Sahiwal (Sahiwal absorvendo vacas Shorthorn, Devon e Jersey, até atingir 7/8 de sangue Sahiwal), Quasah (Sahiwal X Beef Shorthorn), Belmont Red (50% Africânder, 25% Hereford e 25% Shorthorn), e o crescente Droughtmaster, que está sendo usado amplamente naquele país. Compostos comerciais como o Currawee (50% Aberdeen Angus e 50% Shorthorn), Northwest Cattle Company (50% Charolais, 50% Shorthorn), Kholwha (25% Shorthorn, 25% Angus, 25% Limousin e 25% Devon), Coota Park (50% Angus e 50% Shorthorn) e o Billinbah (62,5% Shorthorn, 25% Red Brahman e 12,5% Maine Anjou).

Os Estados Unidos são exportadores de carne e, comercialmente, sempre procuram maximizar a atividade. Berço de muitas raças sintéticas e compostas, usaram o Shorthorn para formar muitas delas: o Beefmaker (50% Charolês e 50% Hereford, Aberdeen Angus, Shorthorn, Pardo Suíço e Brahman); o Hash Cross (Milking Shorthorn, Hereford, Red Angus e Highland); o Ranger (Hash Cross, Simental, Beefmaster, Hereford, Brahman, Highland, Shorthorn); o American Breed, híbrido com  $\frac{1}{2}$  Brahman,  $\frac{1}{4}$  Charolês,  $\frac{1}{8}$  Bisão,  $\frac{1}{16}$  Shorthorn,  $\frac{1}{16}$  Hereford; o famoso e primeiro bovino sintético a ser formado: o Santa Gertrudis ( $\frac{5}{8}$  ou 62,5% Shorthorn e  $\frac{3}{8}$  ou 37,5% Brahman); Beefmaster (50% Brahman, 25% Shorthorn e 25% Hereford); o Barzona (Brahman, Africânder, Hereford, Shorthorn e Aberdeen Angus); os comerciais Brahorn (F1, Shorthorn e Brahman) e Cuprem Híbrido (touro 50% Shorthorn, 25% Charolês e 25% Chianina e vaca 50% Red Angus, 25% Santa Gertrudis e 25% Limousin). Ainda temos o havaiano Makaweli (Shorthorn e Devon) e o novíssimo Red Durham que é 50% Shorthorn e 50% Red Angus.

O Canadá possui o Burwash (50% Charolês, 25% Shorthorn e 25% Hereford). A África do Sul criou o moderno e planejado cientificamente Bonsmara (62,5% Africânder, 18,75% Shorthorn e 18,75% Hereford).

Na Suécia o Swedish Red and White é oriundo de gado Swedish Red Pied com o Ayrshire Sueco. O Red Pied Swedish teve sua origem no uso de touros Ayrshire e Shorthorn em vacas locais das raças Herrgard e Smaland. Na Alemanha temos o German Shorthorn, ou Shorthorn Alemão, cruzamento de Shorthorn com a raça Vermelha Malhada Alemã (German Red Pied). Na Dinamarca ocorre o Danish Red Pied (Shorthorn, Red Pied Alemão e Meuse-Rhine-Yssel). Na Itália a raça Burlina, na Espanha o Blonde da Galícia e na Noruega o Norwegian Red, que é responsável por quase 90% do total do rebanho norueguês, é derivado direto do Shorthorn.

A Bélgica usou amplamente o Shorthorn para melhorar seu gado nativo, no final do



século dezenove e início do século vinte. O campeão de carcaça, conhecido mundialmente por sua super musculatura, o Belgian Blue é oriundo de Shorthorn e Dutch Black Pied que foram usados para melhorar as raças locais de pelagem vermelho e vermelho malhado.

O Belgian Red, que foi formado com Shorthorn, para fazer com que o gado local ganhasse uma constituição mais pesada e forte. Para isso, alguns touros da raça Cassel foram importados da França. No Belgian Red Pied, cruzamento entre o Meuse Rhyne Yssel com uma raça local, sangue Shorthorn foi incluído por volta de 1840. Por fim, o Belgian White e Red, que foi obtido usando-se o Shorthorn e Holandês Preto sobre raça local.

A França usou muito o Shorthorn, formando raças mundialmente conhecidas como o Normando, onde um tipo indígena da costa francesa, com possível origem Viking, foi cruzado com Shorthorn e raças das Ilhas do Canal da Mancha, Jersey, Alderney e Guernsey.

O Armorican, Breton Red Pied e, possivelmente, o Froment du Léon, os quais foram cruzados com o Shorthorn em 1840 e o Maine Anjou, cuja origem vem do cruzamento do Shorthorn com a raça local Mancelle. Além destes, o Salers oriundo de uma raça local, cruzada parcialmente com a raça Devon, teve infusões de Shorthorn e Highlands, no século dezenove. A Limousin, que utilizou o cruzamento com Shorthorn, no século dezoito, para melhorar a produção leiteira da então raça de carne e tração. O Charolês, que experimentou touros Shorthorn no século dezenove, para melhorar as taxas de maturidade da raça.

A Rússia que, por ocasião da Revolução Comunista, criou muitas raças de variadas espécies para auto-eficiência genética e na produção de alimentos, desenvolveu o Bestuzhev, um cruzamento planejado usando raça local com Shorthorn, Frísio e Simental, adicionado sangue Kholmogory e Oldenburg. O Kurgan, que usou touros Shorthorn com fêmeas oriundas do cruzamento de vacas siberianas locais com touros Dutch, Simental, Pardo Suíço, Bestuzhev, Tagil ou Red Steppe. Atualmente estão sendo melhoradas com Milking Shorthorn americano. Ainda tem o Tagil, do centro da Rússia.

A Índia desenvolveu o Taylor, que é um tipo leiteiro, baseado no cruzamento entre touros Shorthorn e touros das Ilhas do Canal da Mancha, importados em 1856, que foram acasalados com um tipo zebu local.

O Japão tem Japanese Black, com muitas raças européias sendo usadas para melhorar o gado Wagyu no desenvolvimento do Japanese Black. Estas incluíam o Pardo Suíço, sendo que o Shorthorn e o Devon são as preferidas. Foram usadas também, porém com menos influência, o Simental, o Ayrshire e o Holandês. O Japanese Shorthorn se baseia em vacas Wagyu cruzadas principalmente com Dairy Shorthorn e Beef Shorthorn, mas, também, com Ayrshire e Devon.

A China tem o Chinese Steppe Red, que é oriundo de vacas Mongóis com touros Shorthorn. Possui também o Sanhe da Mongólia.

Na América Latina, além de ter sido inicialmente usado para cruzamento absorvente sobre vacas crioulas, desenvolveu o Lucerna , cruzamento entre Hárton do Vale de Cauca, Frísio-Holandês e Shorthorn. Na Colômbia, a raça apresenta 30% de Hárton, 40% de Frísio-Holstein e 30% de Shorthorn. Ainda tem o Doran, criado na Costa Rica. A raça tem provado sua adaptabilidade em uma ampla variedade de ambientes e climas, estando apta a tolerar tanto o calor quanto o frio, além de uma grande quantidade de doenças e enfermidades.

O Shorthorn tem características produtivas e reprodutivas que lhe são inerentes. Temperamento dócil, fertilidade, facilidade de parto e habilidade leiteira, caracterizam o Shorthorn como uma raça maternal, capaz de reproduzir eficientemente sobre a maioria dos ambientes.

Em várias partes do mundo testes entre raças são feitos para conhecer as aptidões das raças e suas possíveis utilizações em cruzamentos. O Clay Center, sediado em Nebraska, nos Estados Unidos, é o maior centro de estudos do mundo e está pesquisando o Shorthorn desde 1986. Os resultados têm demonstrando que a raça apresenta 99,9% de facilidade de parto, além de elevada taxa de sobrevivência, alta porcentagem de puberdade expressa em determinado período de tempo, excelente marmoreio na carne, maciez e área de olho de lombo, permanecendo sempre nas primeiras colocações em todos os testes. Estas características são encontradas, também, em estudos feitos pelo CSIRO, da Austrália, e em vários outros centros ao redor do mundo.

Copyright Jean Pierre Martins Machado



A excelente fertilidade da raça é, sem dúvida, a mais importante característica na criação deste gado bovino. A capacidade de crescimento confere aos produtos Shorthorn altas taxas, sem perder a facilidade de engorda. A habilidade materna, que está intimamente ligada à docilidade, fertilidade e eficiência, aliada ao tamanho moderado, faz com que ela produza excelentes terneiros. As cruzas Shorthorn, por sua vez, não exigirão mais das mães puras, porém, produzirão com todas as vantagens do vigor híbrido.

A raça Shorthorn, por excelência, demonstra uma grande eficiência reprodutiva. Os terneiros cruza Shorthorn, avaliados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos foram os únicos, entre onze raças testadas, que tiveram percentagem zero de partos assistidos.

Sua capacidade leiteira, bem como a habilidade em ganhar peso, coloca a raça Shorthorn numa posição estratégica para o pecuarista, servindo tanto como raça base para cruzamentos, quanto para ser usada como raça terminal. Não é à toa que o Shorthorn é conhecido como a raça mãe, pois acredita-se que, depois da raça Holandesa, o Shorthorn é uma das mais cosmopolitas, sendo encontrada no Reino Unido, Canadá, Estados Unidos, Brasil, Uruguai, Argentina, Alemanha, Suécia, África do Sul, Quênia, portanto, nos mais variados ambientes.

A partir de 1980, os criadores ingleses e escoceses têm cruzado seus rebanhos Shorthorn com animais Maine Anjou, logrando ganhar um necessário aumento no tamanho de seus animais.

No Brasil, ainda hoje, a influência da genética argentina é vista em muitos rebanhos. A última importação de animais daquele país ocorreu no ano de 1987, com três touros: Leave Trasumante 168; Inca Orange Blossom Tribune e Cerro Negro X875 Clark 7 e mais duas fêmeas – Leave Gilliver 153 e Leave Orange Blossom 171. Os criadores Hedy e Florindo Torres, do município de Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul, foram os importadores.

Os novilhos Shorthorn têm a habilidade de combinar boa musculatura com adequada cobertura de gordura em idade precoce. A aceitação do Shorthorn como a raça de corte predileta para exportação da Austrália ao mercado japonês, devido à combinação de bom marmoreio, carcaças de alta qualidade, taxas de crescimento desejáveis e correta estrutura, a tem colocado numa invejável posição. Os maiores feedlots por toda a Austrália buscam ativamente por novilhos Shorthorn, muitos destes pagando preços extras para poder tê-los em seus criatórios. Naquele país é possível encontrar confinamentos com mais de 80.000 novilhos exclusivamente Shorthorn.

## Aberdeen Angus

O primeiro reprodutor inscrito nesta raça foi o touro Menelik, em 1º de setembro de 1906. Criado por Felix Buxareo y Oribe, foi importado do Uruguai por Leonardo Collares Sobrinho, de Bagé, no Rio Grande do Sul. Em 19 de março de 1914 foram registradas cinco fêmeas importadas da Inglaterra, em nome do Visconde Ribeiro de Magalhães. Também está registrado em nome dele o primeiro produto nacional. É o macho de nome São Paulo, que foi inscrito no HBB 9. Importado in utero, São Paulo era filho de Equable of Ballindalloch, registrado no HBI 29179 e de Pride of Brookfords, HBI 47210.

| Ano  | M   | F   | Total | Ano  | M    | F    | Total | Ano          | M            | F            | Total         |
|------|-----|-----|-------|------|------|------|-------|--------------|--------------|--------------|---------------|
| 1906 | 01  | --- | 01    | 1940 | 29   | 22   | 51    | 1974         | 817          | 854          | 1671          |
| 1907 | --- | --- | ---   | 1941 | 74   | 75   | 149   | 1975         | 743          | 826          | 1569          |
| 1908 | --- | --- | ---   | 1942 | 19   | 24   | 43    | 1976         | 687          | 824          | 1511          |
| 1909 | --- | --- | ---   | 1943 | 58   | 72   | 130   | 1977         | 736          | 960          | 1696          |
| 1910 | --- | --- | ---   | 1944 | 54   | 48   | 102   | 1978         | 617          | 767          | 1384          |
| 1911 | --- | --- | ---   | 1945 | 71   | 84   | 155   | 1979         | 764          | 909          | 1673          |
| 1912 | --- | --- | ---   | 1946 | 87   | 117  | 204   | 1980         | 802          | 936          | 1738          |
| 1913 | 01  | 01  | 02    | 1947 | 125  | 102  | 227   | 1981         | 780          | 788          | 1568          |
| 1914 | 02  | 05  | 07    | 1948 | 121  | 151  | 272   | 1982         | 837          | 924          | 1761          |
| 1915 | 01  | 02  | 03    | 1949 | 102  | 79   | 181   | 1983         | 696          | 833          | 1529          |
| 1916 | 02  | --- | 02    | 1950 | 129  | 129  | 258   | 1984         | 678          | 816          | 1494          |
| 1917 | 02  | 03  | 05    | 1951 | 155  | 174  | 329   | 1985         | 621          | 656          | 1277          |
| 1918 | 01  | --- | 01    | 1952 | 222  | 235  | 457   | 1986         | 591          | 665          | 1256          |
| 1919 | --- | 01  | 01    | 1953 | 183  | 252  | 435   | 1987         | 708          | 683          | 1391          |
| 1920 | 04  | 04  | 08    | 1954 | 218  | 201  | 419   | 1988         | 659          | 665          | 1324          |
| 1921 | 03  | --- | 03    | 1955 | 209  | 224  | 433   | 1989         | 868          | 947          | 1815          |
| 1922 | 04  | 02  | 06    | 1956 | 239  | 294  | 533   | 1990         | 841          | 949          | 1790          |
| 1923 | --- | --- | ---   | 1957 | 366  | 430  | 796   | 1991         | 1055         | 1061         | 2116          |
| 1924 | --- | 01  | 01    | 1958 | 301  | 373  | 674   | 1992         | 770          | 723          | 1493          |
| 1925 | 02  | --- | 02    | 1959 | 420  | 492  | 912   | 1993         | 1114         | 1137         | 2251          |
| 1926 | 01  | --- | 01    | 1960 | 565  | 712  | 1277  | 1994         | 955          | 1065         | 2020          |
| 1927 | --- | --- | ---   | 1961 | 436  | 426  | 862   | 1995         | 1061         | 1036         | 2097          |
| 1928 | 01  | --- | 01    | 1962 | 654  | 717  | 1371  | 1996         | 1317         | 1399         | 2716          |
| 1929 | --- | --- | ---   | 1963 | 655  | 707  | 1362  | 1997         | 1240         | 1250         | 2490          |
| 1930 | --- | --- | ---   | 1964 | 702  | 712  | 1414  | 1998         | 1359         | 1444         | 2803          |
| 1931 | --- | --- | ---   | 1965 | 658  | 626  | 1284  | 1999         | 1547         | 1639         | 3186          |
| 1932 | --- | --- | ---   | 1966 | 773  | 720  | 1493  | 2000         | 2038         | 2090         | 4128          |
| 1933 | --- | --- | ---   | 1967 | 975  | 963  | 1938  | 2001         | 2165         | 2473         | 4638          |
| 1934 | --- | --- | ---   | 1968 | 787  | 879  | 1666  | 2002         | 3183         | 3225         | 6408          |
| 1935 | --- | --- | ---   | 1969 | 1022 | 1098 | 2120  | 2003         | 2610         | 2784         | 5394          |
| 1936 | 03  | 10  | 13    | 1970 | 969  | 1101 | 2070  | 2004         | 2606         | 2867         | 5473          |
| 1937 | 66  | 240 | 306   | 1971 | 937  | 1122 | 2059  | 2005         | 2620         | 3029         | 5649          |
| 1938 | 61  | 51  | 112   | 1972 | 832  | 867  | 1699  | ---          | ---          | ---          | ---           |
| 1939 | 68  | 72  | 140   | 1973 | 777  | 768  | 1545  | <b>Total</b> | <b>52232</b> | <b>56612</b> | <b>108844</b> |





A raça Aberdeen Angus existe na Escócia há 400 anos. Foi desenvolvida no século dezenove, no nordeste escocês, nos condados de Angus e Aberdeen. Sua origem é muito remota, pois já nas antigas esculturas há a representação de bovinos mochos nesta zona. O gado negro sem chifres é mencionado no século nove e no início do século dezesseis.



A mescla de todos os tipos locais em uma nova raça foi estimulada por dois grandes criadores: Watson e McCombie, respectivamente nos Condados de Aberdeen e Angus. A raça formada por eles e por seus vizinhos originou o Aberdeen Angus. O Red Angus, que é a variedade de pelagem vermelha, tem origem no atavismo de um gene para a coloração que a maioria das raças pretas escocesas carrega.

### **História da Raça**

O moderno Aberdeen Angus é um animal altamente especializado na produção de carne, cujos ancestrais podem ser traçados a várias linhagens mochas do século dezenove na Escócia. Originalmente ambas as linhagens, mochas e aspadas, eram criadas em Aberdeenshire.

Dentre as raças aspadas que a formaram é conhecido o gado Brae ou Glen, que era criado nas partes mais altas de Aberdeenshire. Estes animais eram de pequena estatura e de coloração negra ou parda escura. O gado Aberdeenshire era composto por bovinos de aspas longas, criados nas colinas do Condado. Estes animais sofreram influência dos bovinos Teeswater, que originou a raça Shorthorn e o English Longhorn. Os melhores animais absorvidos por cruzamento destas raças eram encontrados em Fifeshire.

Com o início do envio de gado para engorde na região de Norfolk estes animais se tornaram muito populares, porém, durante a segunda metade do século dezoito o gado mocho tomou seu lugar naquelas tropeadas. Estes animais, que tinham pelagem de coloração negra, parda ou brazina se assemelhavam aos bovinos West Highland, sendo, porém de uma constituição mais pesada e mais precoce. A raça de Forfarshire, também um tipo de West Highland, foi absorvida pelo tipo mocho após 1835. Tinham aspas curtas, costelas profundas e pernas também curtas, sendo, em sua maioria, de pelagem negra, às vezes com pequenas manchas brancas na cabeça e no umbigo. Animais brazinos, vermelhos, pardos e brancos também podiam ser encontrados, mas eram raros.

As linhagens ou raças mochas eram compostas principalmente pelos Buchan Humlies e pelos Angus Doddies. Os Buchan Humlies eram representados por uma linhagem separada do gado Aberdeenshire criada em Buchan. Eram animais pequenos, de membros curtos, mochos ou de chifres curtos, que eram conhecidos por serem bons produtores de carne e leite. A linhagem Polled Aberdeenshire ou Angus Doddies, era composta por animais mochos, grandes e fortes, com peito profundo e corpo longo, pernas fortes, mas com costelas estreitas e quartos traseiros pouco desenvolvidos. A coloração era negra, negra com algumas manchas brancas, vermelha escura, amarelada, parda ou brazina. Estes animais eram conhecidos por seu temperamento calmo. Por serem menos rústicos que o gado Galloway, eram levados para os pastos no verão e mantidos estabulados pelos seis meses de inverno.

Durante a Revolução Industrial estes animais eram estabeulados e engordados em confinamento para os mercados de Edimburgo e Glasgow. Também eram levados para engordar, com o objetivo de serem vendidos ao mercado de Smithfield, em Londres, onde iriam abastecer a Marinha e o Exército ingleses.

Em 1523, eram numerosos os rebanhos do gado negro Humel ou Humble (mocho), em Cutler, distrito de Aberdeenshire. Esses animais foram mantidos em estado puro até então. No geral, o gado de Aberdeenshire, anterior a 1760, era constituído por animais pequenos e que freqüentemente eram aspados. Ostentavam uma pelagem que incluía negro, brasino, prata amarronzado, amarelo, cinza, vermelho, cintados e negros, com as orelhas e a linha dorsal marrons.

Em 1760 e nos anos que se seguiram, foram levados para aqueles Condados touros oriundos da Inglaterra, Países Baixos e do sul da própria Escócia. Com essa medida os criadores buscavam melhorar a qualidade dos rebanhos locais. Foi aí que alguns iniciaram a seleção para certos padrões de pelagem. Os fazendeiros de Buchan preferiam animais negros ou negros com um pouco de branco no úbere, pois acreditavam ser este um sinal de que as vacas fossem boas leiteiras.

O gado Buchanan era conhecido como Buchanan Humlies. Eram animais mochos e foram cruzados com aspados das terras altas de Aberdeen, embora algumas pessoas recusem esta afirmação. Com esses cruzamentos foram produzidos animais aspados, mochos ou scurred, que tinham pelagem de várias cores. Havia muitos vermelhos, brasinos e negros tingidos de marrom. A mistura também incluía os mochos Angus Doddies, de Forfar, que eram animais de pelagem muito longa e abundante, especialmente nas orelhas.

No início do século dezessete, quando a Escócia foi anexada à Inglaterra, produziu-se um ativo comércio de gado entre os dois países. Os animais preferidos no sul da ilha eram os pretos. Essa preferência, naturalmente, induziu os criadores a aumentar as invernadas de mochos, eliminando os animais aspados.

O melhoramento da nova raça aconteceu já no início do século dezenove, quando foram utilizados os métodos de Bakewell e Collings. Entretanto, a precocidade e o marmoreio da carne do rebanho escocês já eram tão destacados e satisfatórios que não necessitaram ser melhorados. Gradualmente, como resultado da seleção, o tipo teve fixado o caráter mocho e a pelagem de cor negra, embora o gene vermelho recessivo tenha permanecido com a raça.

Um Herd-Book foi estabelecido em 1862, inicialmente incluindo o Galloway. Por volta de 1867, a raça foi oficialmente reconhecida como Aberdeen Angus. Neste ano um novilho Aberdeen Angus conquistou a “Silver Cup”, em Smithfield, e a raça ganhou fama rapidamente, primeiro na França e durante os anos de 1870, na América do Nor-

te, Austrália e Nova Zelândia. A raça foi, de fato, exportada para a Austrália por volta de 1820, mas não houve um completo estabelecimento pelos 30 anos seguintes.

Os mais importantes criadores destes bovinos durante os séculos dezoito e dezenove foram William Fullerton , Lord Panmure , Lord Southesk e Alexander Bowie. Touros do rebanho Bowie, da localidade de Kelly , se tornaram os principais reprodutores para a definição da raça Aberdeen Angus. Lord Southesk era conhecido por ter um rebanho descendente do gado mocho de pelagem cinza, o qual se acreditava ser originário dos bovinos Holandeses. Os touros de Bowie foram usados sobre o rebanho Southesk desenvolvendo os Aberdeen Angus iniciais.

O mais importante fundador da raça Aberdeen Angus foi Hugh Watson, cuja família começou a criar Angus desde 1735. Watson iniciou seu rebanho em Keillor no ano de 1808, mantendo-o fechado por 50 anos. O touro mais importante de Keillor foi Old Jock e sua vaca mais famosa foi Old Granny, a qual produziu 29 crias em seus 36 anos de vida. Uma grande porcentagem do rebanho Angus pode ter sua árvore genealógica traçada até estes dois animais.

O touro Black Prince of Tillyfour 77 pode ser chamado de pai do Aberdeen Angus moderno e quase todos os animais da raça Aberdeen Angus tem este touro em sua genealogia. Ele foi criado por Willian McCombie, um dos mais importantes criadores da raça no século dezenove.

Inicialmente a raça era de estatura muito baixa, com pernas curtas e corpo do tipo bloco, porém o melhoramento genético ocasionou um grande incremento na altura e no comprimento, tornando a raça mais longilínea. Esse efeito se fez notar especialmente nos últimos 20 anos, principalmente nos Estados Unidos, Austrália e Nova Zelândia, o que foi alcançado através de um cuidadoso processo de seleção. Depois de se conseguir animais bastante grandes e pesados, o mercado está mudando novamente. Atualmente a busca é por um tipo igualmente equilibrado, mas de estatura mediana, tendendo-se a evitar os extremos.

### **Características Gerais**

Os Angus se destacam entre as raças taurinas por reunir um grande número de características que lhe asseguram um excelente resultado econômico como gado de corte. Graças à sua alta fertilidade, proporciona aos seus criadores um maior rendimento, tanto pelo número de terneiros produzidos, quanto pela quantidade de quilos obtidos por hectare.

A raça Angus apresenta uma precocidade tal que , comparada com outras raças, sob as mesmas condições alimentares , alcança mais cedo a puberdade sexual, tanto em machos como em fêmeas, além de atingir mais rapidamente o ponto de abate . Tem





grande adaptação a condições ambientais adversas , seja em temperaturas extremas – altas ou baixas –, solo seco ou alagadiço, campo alto ou abrigado, pastagens ricas ou pobres. Mesmo em situações adversas, as fêmeas produzem terneiros e os amamentam adequadamente. É uma raça que pode ser criada de maneira econômica, estando perfeitamente apta a engordar com rações de baixo custo e a produzir em pastagens rudes.

É prepotente em cruzamentos. Os touros são ideais para serem acasalados com fêmeas primíparas, pois produzem crias com baixo peso ao nascer e alta capacidade de ganho, tanto à desmama como no pós-desmame. A vaca Angus tem reduzido desgaste na parição, o que abrevia a recuperação no pós-parto e favorece a repetição de crias, diminuindo, conseqüentemente, o intervalo entre os partos.

A facilidade de parto da raça é renomada mundialmente, sendo esta uma característica que recebe alta prioridade em programas de seleção. Os criadores de Angus da África do Sul têm um ditado que traduz bem isto: “Você pode dormir em paz enquanto seus terneiros Angus estão nascendo .” A característica habilidade mater-



na da vaca Angus é mundialmente conhecida, pois ela cuida muito bem de seus filhos, tendo uma produção de leite altamente satisfatória para criá-los.

O fator mocho é reconhecido como de grande importância por parte dos criadores, pois oferece algumas vantagens: maior facilidade no manejo, agressividade menor, transporte menos problemático e com menores índices de traumatismos nas carcaças, além de ocuparem menos espaço no cocho quando arraçoados. As taxas de nascimento de terneiros mochos filhos de touros Angus em vacas cruzas é altíssima pois o caráter mocho é dominante sobre o aspadado.

Devido à sólida pigmentação ao redor dos olhos, não costumam ter problemas com câncer de olho ou outras doenças relacionadas a eles. Em regiões onde há a ocorrência de neve, como no Canadá, Estados Unidos, Suécia e Alemanha, não acontecem problemas com o úbere das vacas, também graças à sua alta pigmentação.

A carne produzida pela raça Aberdeen Angus é considerada como a “melhor carne do mundo”, pois é marmoreada, suculenta e tenra. Este é um dos atributos excepcionais da raça e que lhe garante uma posição de liderança no mercado consumidor. A alta qualidade de sua carne é evidenciada através da opinião de autoridades do setor, sendo confirmada nos mais diferentes concursos realizados nos principais mercados produtores.

A perfeita e uniforme distribuição da gordura no tecido muscular lhe conferem um aspecto muito atraente, marmoreio perfeito e sabor singular. A importância dessa distribuição é exaltada quando da sua preparação: a gordura se derrete parcialmente pela ação do calor, impregnando a parte magra, o que melhora em muito a apa-

Copyright Amilton Cardoso Elias



rência, tornado-a tenra e apetecível. Os mercados mais importantes do mundo, que abastecem os consumidores mais exigentes, alcançam ganhos comerciais superiores, valendo-se do que existe de melhor entre as raças bovinas de corte, ao ofertar e poder afirmar: “Angus Beef is Best!”.

A raça Aberdeen Angus se destaca por sua fertilidade, baixo peso ao nascer, pequena mortalidade de terneiros, precocidade de puberdade, facilidade de parto, habilidade materna e qualidade de carne e carcaça. A raça Aberdeen Angus é estudada no Meat Animal Research Center (MARC), Clay Center, Nebraska -USA, sendo que os principais dados de desempenho da raça estão citados em sua página na internet.

### **Difusão da Raça**

O primeiro reprodutor Aberdeen Angus a entrar no Brasil foi o touro Menelik, em setembro de 1906, vindo do Uruguai e importado por Leonardo Collares Sob<sup>o</sup>, de Bagé, RS. Em março de 1914, o Visconde Ribeiro de Magalhães registrou 5 matrizes vindas da Inglaterra, registrando também o primeiro produto nacional, São Paulo HBB 9, importado no útero.

O touro *Ottono B444 TEI Don Pancho*, HBB 67.758, teve 5.600 filhos registrados enquanto que a vaca *Ottono B349 TEI Heavenly*, HBB 64.639, teve 71 crias inscritas, até 30 de junho de 2006. Ambos os animais são de criação da ABN Agropecuária Ltda.

É uma raça muito popular. Já foi exportada para mais de 60 países, incluindo Argentina (abertura do Herd-Book em 1879 e fundação da associação de raça em 1927); Brasil (Herd-Book em 1906 e associação de raça em 1963); Canadá (Herd-Book em 1885 e associação de raça em 1906); Grécia; Finlândia; Alemanha; México; Japão; África do Sul (Herd-Book em 1906 e associação de raça em 1917); Namíbia; Paraguai; Irlanda, Nova Zelândia e Zimbábue, entre outros.

No continente africano, a demanda por touros a serem exportados para Botswana, Namíbia, e regiões do Oeste e Leste Transvaal, na África do Sul, tem aumentado significativamente em anos mais recentes. Vários outros países também receberam bem a raça, incluindo vários na América do Sul. No Japão, tornou-se a primeira raça exótica a ser importada para aquele país.

É uma das raças de corte mais criadas na Argentina, Brasil, Uruguai, Austrália e África do Sul. Nos Estados Unidos é a primeira raça de corte em número de registros, tendo hoje o dobro do número em relação a segunda raça, o Hereford.

O Aberdeen Angus new type, tem sido reimportado dos Estados Unidos, Nova Zelândia e Austrália por alguns criadores britânicos para melhorar os pesos de carcaça no

Reino Unido, combinando assim o aumento de tamanho e potencial de crescimento com a tradicional qualidade de carne escocesa.

É uma raça de tamanho mediano, sendo que os animais de genética americana e canadense possuem maior frame. A Argentina está direcionando sua seleção para um animal mais compacto, com frame menor, portanto com maior precocidade de terminação e acabamento de carcaça mais rápido.

Atualmente a raça apresenta peso adulto entre 850 e 1100 kg para os machos e 500 e 650 kg para as fêmeas. As fêmeas mediam em média 110 cm por volta de 1960. Hoje, com a grande difusão de animais americanos e canadenses, as vacas medem ao redor de 125 a 127 cm, enquanto que os touros medem entre 135 e 140 cm.



Originalmente, os animais apresentavam uma variada gama de cores. Porém, quando o comércio de gado entre Escócia e Inglaterra se tornou ativo, no século dezoito, os animais de pelagem negra eram os preferidos pelos compradores. Em vista disso, os criadores passaram a selecionar seus animais por este padrão de pelagem. Conforme a crença do povo Celta, os animais de pelagem negra eram os mais rústicos. Por muitas décadas os de pelagem vermelha foram desprezados, não tendo sido inscritos no Herd-Book inglês, o que, no entanto, tem acontecido mais recentemente.

De fato, o Red Angus, ou a variedade de pelagem vermelha do Aberdeen Angus, tem origem no atavismo de um gene para a cor de pelagem, que a maioria das raças pretas escocesas possui. Mesmo em rebanhos que possuem exclusivamente animais negros durante muitos anos, ocasionalmente ocorrem animais de pelagem vermelha.

Como a pelagem vermelha está sendo muito procurada, os animais com esta coloração são, muitas vezes, preferidos aos de pelagem negra, embora os animais negros tenham uma base genética maior e muitas vezes sejam superiores em fenótipo.

Em muitos países o Aberdeen Angus tem sido usado para formar novas raças sintéticas. Nos Estados Unidos entrou na formação do Amerifax (5/8 Angus e 3/8 Frísio) em 1971; do Barzona (25% Africander, 25% Hereford, 20,8% Shorthorn, 16,7% Angus e 12,5% Zebu); Brangus (3/8 Brahman e 5/8 Angus); Hash Cross (Hereford, Angus, Shorthorn e Scottish Highland); Holgus (Holandês X Angus); Regus (Red Angus X Hereford); Okie (Touros Angus ou Shorthorn X vacas Jersey ou Guernsey); RX3 (50% Red Angus, 25% Hereford e 25% Red Holstein); Chiangus (Chianina X Angus); Africangbus (30% Africander X 70% Angus) e os comerciais Better Idea (50% Red Angus, 25% Hereford e 25% Pardo Suíço) e Watson (Hereford, raças leiteiras, Beefmaster, Red Angus, Red Holstein e Pardo Suíço).

No Canadá foram desenvolvidos os híbridos Beef Synthetic (37% Angus, 34% Charolês, 21% Galloway, 5% Pardo Suíço e 3% outras raças) e o Pee Wee (Angus, Charolês, Galloway e Hereford), na Universidade de Alberta.

Na Alemanha existe o German Angus ou Angus Alemão, na Jamaica o Jamaica Black (1/4 a 3/8 Zebu e 3/4 a 5/8 Angus). No Japão o Japanese Poll (Wagyu X Angus) e o Japanese Black. Na Austrália, o Murray Grey (vaca Shorthorn branco X touros Aberdeen Angus) e o Wokalup (Brahman, Charolês, Holandês Frísio, Hereford, Angus) do oeste Australiano. Na Ucrânia foram desenvolvidos os compostos Volynsk (1/4 Aberdeen Angus, 1/4 Limousin, 1/4 Hereford e 1/4 Russian Black Pied) e Znamensk (62,5% Aberdeen Angus, 25% Charolês e 12,5% Simental Russo). O Azerbaijão formou o Azangus através do cruzamento de touros Aberdeen Angus com vacas zebuínas locais.

No Brasil foi formado o Ibagé, na Estação Experimental “Cinco Cruzes”, da Embrapa, no município de Bagé, no Rio Grande do Sul. Algum tempo depois a raça tomou a denominação de Brangus-Ibagé. Atualmente é chamada apenas de Brangus. Esses animais têm em sua composição final 5/8 de Aberdeen Angus e 3/8 de zebu.

### **Artigo sobre Red Angus**

O texto abaixo foi escrito em 1993, por José de Almeida Collares, que era Diretor da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares. Por sua importância e atualidade, não podemos deixar de transcrevê-lo aqui, na íntegra, tal como publicado na ocasião.





*No ano de 1938, pela primeira vez no País, é anotado um terneiro vermelho no plantel preto da firma Fernando C. Riet & Irmãs, Estância Camoaty, em Uruguiana, RS.*

*Em setembro de 1959, escrevi para o Correio do Povo Rural sobre terneiros vermelhos, filhos de pais pretos. Nestes trinta e poucos anos, modificou-se bastante o critério e a orientação na seleção dos plantéis. Até um nome foi generalizado, como se se tratasse de outra raça, ou seja, a Red Angus. Na realidade, o nome da raça é Aberdeen Angus, embora existam criadores de pretos e criadores de vermelhos.*

*Naquela ocasião, relatei o número de produtos vermelhos nascidos em rebanhos pretos. Hoje, entretanto, temos criadores que só se dedicam aos vermelhos. Trabalhos antigos sempre nomeavam a cor preta como obstáculo ao desenvolvimento da raça no Brasil. De fato, por experiência própria, observei que a cor escura atrai bem mais os insetos. Tenho como certo que este fator influenciou no desenvolvimento da raça, pelo menos em nosso país.*

*Sempre tivemos entusiasmados criadores de Aberdeen Angus, com selecionados plantéis, mas, em realidade, menos numerosos que das outras raças, apesar de ser a segunda entre as que criamos a ser inscrita em Registro Genealógico.*

*Quando surgiu a euforia dos cruzamentos com zebuínos os criadores de Aberdeen Angus (não afianço), parece-me, foram os primeiros a fazê-los, inclusive batizando com o nome de NELANGUS, aos produtos oriundos de tais cruzamentos (Nelore x Angus). Tenho a impressão de que o cruzamento contagiou, também, os criadores no Norte, proporcionando, desta maneira, o maior desenvolvimento da cor vermelha entre os Aberdeen Angus.*

*Embora sem maior entusiasmo pela variedade vermelha, já no ano de 1966, o Sr. João Francisco Tellechea, proprietário da Cabanha Paineiras, de Uruguiana, importava da Argentina, um pequeno número de ventres vermelhos que junto com o também pequeno núcleo de vermelhos nascidos do plantel preto, deu início à*

*seleção daquela variedade em seu estabelecimento. No ano de 1968, ele fez nova importação, trazendo destaque ao núcleo já existente na Paineiras e, deste algum tempo, dividido entre os herdeiros do Sr. João Francisco.*

*O caso de Angus pretos produzirem vermelhos é bastante velho. O que tenho lido sobre a raça, fala que, primitivamente, existiam duas cores e que foi selecionada somente a preta. Porém dentre estes, sempre apareciam os vermelhos. Mesmo aqui, na América do Sul, entre os primeiros produtos registrados na Argentina, figura um criador que importou da Grã-Bretanha pequeno número de animais colorados e procurou selecionar os produtos com esta condição. Entretanto, ao que sei, sem maior êxito na comercialização.*

*Os livros genealógicos, em países diversos, sempre foram liberais quanto à cor, fazendo exceção aos Estados Unidos, onde criaram nova entidade para registrar os que não fossem pretos.*

*No ano de 1948, na Exposição Royal (Royal Show), na tradicional Grã-Bretanha, um touro da variedade vermelha com o bonito nome de Red Eagle (Águia Vermelha), sagrou-se Reservado de Grande Campeão.*

*Tenho usado e abusado, citando a expressão vermelha e colorada, mas os produtos considerados com esta coloração, nem sempre exprimem esta cor. Existem animais considerados dentro da variedade, com este carácter que, em nossa terminologia regional, são chamados de osco.*

*Recordo de um fato ocorrido em uma das exposições, ainda no Parque do Menino Deus, em Porto Alegre, quando um criador, simpatizante da raça, criticou um espécime pertencente à variedade em questão, cuja coloração da pelagem não era nem vermelha nem preta. Ainda em um dos últimos certames naquele local, compareceu uma fêmea da raça, de propriedade do Dr. Lauro Dornelles de Macedo, pertencente à variedade, que obteve alta classificação em julgamento e que trazia, já do estabelecimento onde nasceu, o bem posto apelido de Mulata. Na realidade, sua pelagem era uma mistura entre as duas cores da raça.*

*Como está sendo exposto, apesar do núcleo da variedade ainda não ser expressivo, já no ano de 1983, foram exportados para o Paraguai, pequeno número de produtos Aberdeen Angus (vermelhos), pertencentes a criadores diferentes.*

*Ultimamente, com um número já mais significativo de representantes em nossa exposição de Esteio, no ano de 1992 o Grande Campeão da raça foi um touro colorado.*

*José A. Collares - Outubro/93.*

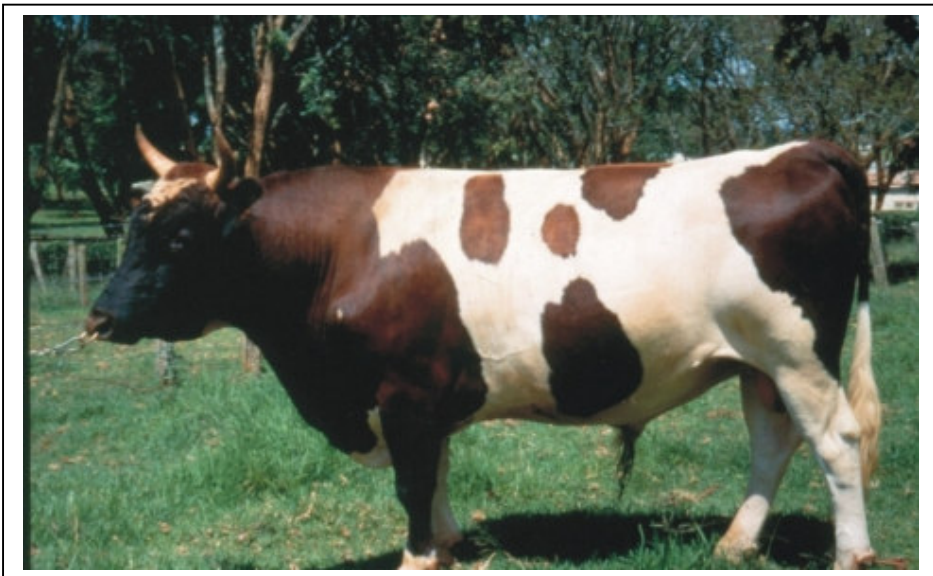


## Ayrshire



registro desta raça iniciou-se em maio de 1937, com a inscrição de quatro animais importados da Inglaterra. Eram três fêmeas e um macho. O HBB número 1 coube à vaca *Cowichan Dandy 2*. Da criação dos Srs. J.R. P. Hedley, R. M. Love e W. B. Drounfield, este animal nasceu em 02 de dezembro de 1933 e foi registrado no HBI 32478. O importador foi João Leite Filho, da Estância São João, no município de Herval, Estado do Rio Grande do Sul.

| Ano  | Machos | Fêmeas | Total | Ano   | Machos | Fêmeas | Total |
|------|--------|--------|-------|-------|--------|--------|-------|
| 1937 | 02     | 04     | 06    | 1967  | 05     | 02     | 07    |
| 1938 | 01     | 01     | 02    | 1968  | 05     | 02     | 07    |
| 1939 | 02     | 01     | 03    | 1969  | 02     | 01     | 03    |
| 1940 | 04     | 01     | 05    | 1970  | 02     | 05     | 07    |
| 1941 | 03     | 01     | 04    | 1971  | 05     | 03     | 08    |
| 1942 | ---    | ---    | ---   | 1972  | 06     | 04     | 10    |
| 1943 | 03     | 03     | 06    | 1973  | 07     | 06     | 13    |
| 1944 | ---    | ---    | ---   | 1974  | 07     | 03     | 10    |
| 1945 | 04     | 04     | 08    | 1975  | 03     | 13     | 16    |
| 1946 | 03     | 02     | 05    | 1976  | 12     | 21     | 33    |
| 1947 | 02     | 03     | 05    | 1977  | 07     | 02     | 09    |
| 1948 | ---    | ---    | ---   | 1978  | 06     | 07     | 13    |
| 1949 | ---    | ---    | ---   | 1979  | 07     | 05     | 12    |
| 1950 | ---    | ---    | ---   | 1980  | 02     | 09     | 11    |
| 1951 | ---    | ---    | ---   | 1981  | 04     | 04     | 08    |
| 1952 | 01     | 06     | 07    | 1982  | 05     | 06     | 11    |
| 1953 | 02     | 02     | 04    | 1983  | 03     | 04     | 07    |
| 1954 | 02     | 01     | 03    | 1984  | 03     | 01     | 04    |
| 1955 | ---    | ---    | ---   | 1985  | ---    | ---    | ---   |
| 1956 | 04     | 01     | 05    | 1986  | 01     | 02     | 03    |
| 1957 | 05     | ---    | 05    | 1987  | ---    | 01     | 01    |
| 1958 | 03     | 02     | 05    | 1988  | ---    | ---    | ---   |
| 1959 | 01     | ---    | 01    | 1989  | ---    | 01     | 01    |
| 1960 | ---    | ---    | ---   | 1990  | ---    | 02     | 02    |
| 1961 | ---    | ---    | ---   | 1991  | 01     | 01     | 02    |
| 1962 | 01     | 04     | 05    | 1992  | ---    | 01     | 01    |
| 1963 | 01     | 02     | 03    | 1993  | 02     | 02     | 04    |
| 1964 | 01     | 06     | 07    | 1994  | 02     | 02     | 04    |
| 1965 | 02     | 03     | 05    | 1995  | 01     | ---    | 01    |
| 1966 | 01     | 04     | 05    | 1996  | 01     | 01     | 02    |
|      |        |        |       | Total | 147    | 162    | 309   |



O primeiro animal nacional inscrito foi a fêmea de nome Centurião Glória, nascida em 20 de dezembro de 1936. O criador era João Leite Filho.

Lamentavelmente, desde 1996 não se registrou mais nenhum animal desta raça. A última inscrição coube a Pelotas Candelária Command, uma fêmea nascida em 15 de novembro de 1989, de tatuagem 180, que recebeu o número de HBB 295. Era de criação do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, na Estação Experimental Zootécnica, do município de Montenegro.

### **Origem e História da Raça**

Embora não existam dados suficientemente claros quanto à origem e história desta raça, sabe-se que a Ayrshire atual descende do gado escocês dos Condados de Ayr e Lanark, cuja seleção é anterior ao ano de 1800.

Parece mais provável e lógico que a origem tenha sido mesmo em Ayr, pois o Condado é dividido em três distritos. São eles: Cunningham, na parte mais ao norte, Kyle, que fica mais ao centro, e Carrick, que forma a parte meridional do Condado. Durante seu desenvolvimento, a raça foi denominada Dunlop, depois Cunningham e, finalmente, Ayrshire.

O ancestral escocês da raça Ayrshire era de constituição pobre e pelagem negra. Em nada lembrava o tipo atual. Embora as anotações mais precisas acerca da história deste gado tenham sido perdidas ao longo do tempo, é sabido que os ancestrais



do Ayrshire foram melhorados , particularmente no período compreendido entre 1750 e 1780, por bovinos originados nas regiões que compreendem a Holanda e os Flandres franceses. Algum tempo depois, já no século dezenove, foram utilizadas as raças West Highland e White Park, além de bovinos das Ilhas do Channel (Guernsey, Jersey, Alderney). A linhagem Swinlees mostrava marcada influência pela raça West Highland.

No livro *Agriculture, Ancient and Modern*, publicado em 1866, Samuel Copland descreve o gado nativo da região como “diminuto em tamanho, magro, e leiteiro”, considerados ruins. Antes de 1800 muitos dos bovinos Ayrshire eram pretos, embora por volta de 1775 animais castanhos (de coloração marrom) e de cores mosqueadas tenham começado a aparecer.

Em 1814, o Ayrshire foi reconhecido como raça, porém, somente em 1877 a associação de criadores foi estabelecida. A abertura do Livro de Registro da raça – o Herd-Book Ayrshire – só foi acontecer no ano seguinte, portanto, em 1878.

O controle oficial da produção de leite se iniciou em 1913 na Escócia, quando a seleção baseada na habilidade produtiva teve maior ênfase. Até então, o que mais contava era o tipo animal, como a forma dos longos chifres em lira, conformação do úbere e tetas curtas, que facilitavam a ordenha manual.

Em resumo, a raça Ayrshire é oriunda do cruzamento do gado nativo da Escócia com indivíduos de raças oriundas da Holanda, das quais herdou a capacidade leiteira; da raça Alderney herdou a beleza da pelagem; a rusticidade veio da raça Kerry, enquanto que a semelhança na disposição dos chifres e a rusticidade foram herdadas da raça West Highland.

O gado Ayrshire é dotado de boa constituição e rusticidade, progredindo bem em terrenos acidentados, de pastagens pobres e clima variável. São animais fortes, rústicos que se adaptam bem a todos os sistemas de manejo, inclusive salas de ordenha. São superiores em conformação de úbere e não estão sujeitos a problemas de aprumos.

São regularmente precoces e as novilhas parem na mesma idade que as novilhas Holandesas e se desenvolvem bem, mesmo durante o aleitamento.

São animais muito prolíferos, sobretudo quando criados a campo. Destacando-se nos climas frios e nos campos dobrados, esses animais são superiores às Holandesas e Jerseys. Quando cruzada com raças de corte produzem mestiços de bom tipo para produção de carne.

A raça não pode ser considerada como de duplo propósito – carne e leite –, mas é bem musculada e, como produtora de carne, aproxima-se da média das raças leiteiras. A habilidade de produzir leite é inferior à de Holandesas, Guernsey e Jersey, porém, a média de sua produção é muito conveniente, sobretudo se considerada a relação de sua rusticidade.

A produção leiteira média no ano de 1993, obtida entre 11.738 vacas lactantes, foi de 5.618 kg, com um teor de 4,08% de gordura e 3,31% de proteína, em lactação de 305 dias. Por ser um leite muito rico em matéria seca, é próprio para a fabricação de queijos, sendo que a raça é considerada como a melhor queijeira inglesa. Os glóbulos graxos são pequenos, sendo difícil desnatar. A manteiga, no entanto, não é muito amarela.

O atual recorde mundial para produção leiteira da raça Ayrshire é da vaca Lette Farm Betty's Ida. Em 305 dias de lactação, ela produziu um total de 16.160 Kg, em duas ordenhas diárias, dos quais 725 eram de gordura.

A Associação Americana de Criadores de Ayrshire não reconhece com oficiais controles que tenham mais de 305 dias de lactação, mas uma vaca Ayrshire produziu mais de 18.600 kg de leite, com 820 kg de gordura, em 365 dias.

As primeiras importações de Ayrshire para os Estados Unidos foram feitas por volta de 1822, para suprir as necessidades dos fazendeiros da Nova Inglaterra. Eles necessitavam de vacas de leite que se alimentassem dos pastos rudes da região

rochosa de suas fazendas e que tolerassem o frio dos freqüentes invernos inóspitos. Durante as décadas de 20 e 30 do século passado, muitos rebanhos de Ayrshire estavam estabelecidos perto de cidades. Algumas destas fazendas engarrafavam e distribuíam o leite produzido por elas. No fim dos anos 30, a Associação Americana de Criadores de Ayrshire estabeleceu o “Approved Ayrshire Milk Program”. O programa servia ao propósito de promover não só a raça, mas, também o leite por ela produzido. Para ser qualificado, um rebanho teria que ser composto inteiramente de Ayrshire, ao passo que o dono do rebanho teria que manter os mais altos padrões sanitários.

Material promocional da época declarava que o leite tinha melhor sabor. Enfatizando a composição única do leite da raça Ayrshire, garantia que tornaria mais saudável a quem o ingerisse, sendo especialmente indicado para crianças e bebês.

Algumas características que a raça apresenta são tidas, hoje, como defeito. Os animais são um tanto quanto indóceis. Às vezes, as vacas são nervosas e de temperamento irrequieto. As tetas nem sempre são suficientemente grandes, de modo que isso dificulta a ordenha.

Por muitos anos, os chifres do Ayrshire eram considerados como uma marca da raça. Alcançavam, freqüentemente, 33 cm ou mais em comprimento. Quando corretamente manejados, eles graciosamente se curvavam para fora e, então, para cima e ligeiramente para trás. Quando polidos para exposições, formavam uma visão espetacular. Infelizmente, como não podia deixar de ser considerado, não eram muito práticos. Por causa disso, atualmente, quase todos os animais são mochados quando ainda jovens, para facilitar o manejo.

A vaca Ayrshire é reconhecida universalmente como uma das mais bonitas raças leiteiras do mundo, mas, muito mais importante do que isso é o fato de que ela foi criada e desenvolvida para ser uma vaca de leite útil e lucrativa. Com alimentação e manejo apropriados, poderá recompensar o seu proprietário com uma econômica e boa produção.

São animais de tamanho mediano, sendo que os machos apresentam peso médio de 38 Kg ao nascer, enquanto que as fêmeas nascem pesando, em média, 35 Kg. O peso médio adulto dos machos é de 600 a 800 kg, medindo uma altura média de 140 cm, enquanto que as fêmeas apresentam peso médio de 550 kg, com altura média de 130 cm.

O Ayrshire tornou-se popular, não apenas na Escócia, espalhando-se por toda a Inglaterra. Em 1920, foram registradas 50.000 vacas no Herd-Book Inglês. A raça teve um aumento nos números de registros, sendo que no ano de 1986 era a segunda mais registrada no Reino Unido. Neste ano, 120.000 vacas e 1.200 touros foram re-

gistrados no Herd-Book da raça, tendo sido superada apenas pelo Holstein-Friesian, que atingiu o expressivo número de 200.000 vacas inscritas. Na Irlanda a raça contava com 1.600 vacas registradas em 60 rebanhos em 1992, porém as estatísticas demonstravam um decréscimo em relação aos anos imediatamente anteriores.

Esses animais têm sido amplamente exportados, com Herd-Books estabelecidos no Canadá, Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, Brasil, Colômbia, Quênia e África do Sul. Grandes quantidades foram exportadas aos países escandinavos, onde ajudou a formar raças como o Ayrshire Finlandês (Finnish Ayrshire), Sueco Vermelho e Branco (Swedish Red and White) e o Norueguês Vermelho (Norwegian Red), contribuindo com seus genes para o Telemark e o Vermelho da Lituânia (Lithuanian Red).

Na República Tcheca está sendo acasalada com o Malhado Tcheco (Czech Pied), obtendo-se ótimos resultados, enquanto que no Kazaquistão está sendo desenvolvida uma nova raça, ali chamada de Alma-Ata, através da utilização de Ayrshire, Jersey e Aulie Ata. No Japão, raças como o Negro Japonês (Japanese Black) e o Shorthorn Japonês (Japanese Shorthorn), possuem porcentagem de sangue Ayrshire. O mesmo ocorre com o Illawarra Sorthorn da Austrália. Finalmente, no Quênia, touros Ayrshire estão sendo cruzados com vacas Boran – um zebuíno local – para melhorar a capacidade leiteira. Os resultados conseguidos têm sido excelentes, principalmente pela admirável tolerância à seca.



## Blonded'Aquitaine

Copyright Canadian Blonde d'Aquitaine Association



Com o touro Intelligent, importado da França e lá inscrito no HBF 6473015168, foi aberto o Livro de Registro desta raça, em novembro de 1974. Nascido em 11 de fevereiro de 1973, pertencia ao criador Henri Lacoste. No Brasil, foi inscrito no HBB 1, tendo deixado poucos descendentes.

| Ano  | Machos | Fêmeas | Total | Ano          | Machos      | Fêmeas      | Total        |
|------|--------|--------|-------|--------------|-------------|-------------|--------------|
| 1974 | 01     | ---    | 01    | 1991         | 44          | 50          | 94           |
| 1975 | 01     | ---    | 01    | 1992         | 48          | 53          | 101          |
| 1976 | 03     | 19     | 22    | 1993         | 58          | 71          | 129          |
| 1977 | 09     | 13     | 22    | 1994         | 40          | 83          | 123          |
| 1978 | 08     | 30     | 38    | 1995         | 105         | 141         | 246          |
| 1979 | 05     | 05     | 10    | 1996         | 170         | 298         | 468          |
| 1980 | 16     | 16     | 32    | 1997         | 264         | 352         | 616          |
| 1981 | 11     | 19     | 30    | 1998         | 439         | 508         | 947          |
| 1982 | 12     | 10     | 22    | 1999         | 690         | 727         | 1417         |
| 1983 | 08     | 19     | 27    | 2000         | 1160        | 1156        | 2316         |
| 1984 | 13     | 21     | 34    | 2001         | 1153        | 1204        | 2357         |
| 1985 | 09     | 12     | 21    | 2002         | 1082        | 1118        | 2200         |
| 1986 | 16     | 18     | 34    | 2003         | 1016        | 1025        | 2041         |
| 1987 | 19     | 29     | 48    | 2004         | 413         | 454         | 867          |
| 1988 | 24     | 23     | 47    | 2005         | 243         | 297         | 540          |
| 1989 | 28     | 34     | 62    | ---          | ---         | ---         | ---          |
| 1990 | 41     | 68     | 109   | <b>Total</b> | <b>7149</b> | <b>7873</b> | <b>15022</b> |

Interessado em difundir a raça no Brasil, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul trouxe este reprodutor, por ser portador de excepcionais qualidades zootécnicas. Em razão disso, ele foi encaminhado à CRIA – Central Gaúcha de Inseminação Artificial, localizada no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, para coleta, congelamento e venda de sêmen.

Um dado realmente curioso é que o primeiro produto brasileiro registrado pela raça Blonde d'Aquitaine foi o macho de nome "Charoles 01". Nascido em 26 de janeiro de 1976, era de criação do Condomínio Pindayassú, pertencente a Pedro e Luiz Genro Surreaux, da Cabanha Pindayassú, de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul.

### Origem da Raça



Selecionada pela natureza através dos tempos, com citações milenares do princípio da era cristã, suas origens podem ser datadas em 600 dC, embora a raça atual tenha sido efetivamente formada através de três outras da região sudoeste da França: Garonnaise, Quercy e Blonde des Pyrenees. Em 1962, elas foram agrupadas em um único registro genealógico, dando início a denominação da moderna raça Blonde d'Aquitaine.

Sua origem geográfica se localiza no sudoeste da França, onde seus ancestrais eram escolhidos para o trabalho de tração, numa topografia com relevos bastante acidentados, de ralas vegetações, fracos e pedregosos solos, com diferenças térmicas variando entre  $-10^{\circ}\text{C}$  até  $+40^{\circ}\text{C}$ .



Nessas rústicas condições forjou-se a raça Blonde d'Aquitaine. Tendo herdado enorme resistência e desenvolvimento corporal, tornou-se uma ótima produtora de carne, com massas musculares abundantes. São animais compridos e de formato arredondado, características consideradas excepcionais para a moderna pecuária de corte. Dentre todas as raças especializadas na produção de carne, no mundo inteiro, a raça Blonde d'Aquitaine ocupa lugar de destaque.

O Blonde d'Aquitaine é uma raça de animais de grande porte, portadora de poderosas massas musculares, esqueleto forte e fino e extraordinário rendimento de carcaça. É o protótipo do moderno bovino produtor de carne.

Na Europa, é a de maior crescimento e desenvolvimento da atualidade.

No Brasil, conforme comprovam os dados oficiais de registro genealógico, divulgados pelo Herd-Book Collares, no ano de 2000 foi a raça registrada pela entidade que teve maior crescimento percentual do número de animais inscritos, em relação ao ano anterior, tendo atingido um acréscimo de 56,88%. No ano de 2001, o número de animais registrados se manteve no mesmo patamar do ano anterior, evidenciando o alto interesse dos criadores brasileiros em relação à raça.

O interesse pelo Blonde no Brasil tem sido tão surpreendente que no começo de dezembro de 2002 já se encontravam registrados aproximadamente 11.500 animais PO, confirmando o enorme potencial de crescimento da raça.



## História da Raça

A raça foi criada em 1962, por uma mistura do Garonnais, de Lot-et-Garonne, com o Quercy, de Tarn-et-Garonne, por serem raças semelhantes, ambas especializadas em produção de carne e tração. As duas tinham os chifres voltados para baixo. Elas eram conhecidas como Garonnais de Plane e Garonnais de Côteau, respectivamente. Em 1922, o Quercy, que tinha sangue Limousin, desde a virada do século, separou-se.

O Garonnais era o tipo dominante no Herd-Book da raça Blonde d'Aquitaine, o qual também inclui algumas vacas Villard de Lans, uma raça mista de pelagem amarelada dos montes Vercors.

O Blonde d'Aquitaine também absorveu o Blonde dos Pirineus francês de Hautes-Pyrénées e Basses-Pyrénées, que era semelhante ao Blonde em pelagem e com mucosas róseas.

O Garonnais ou La Race Garonnaise, no entanto, foi a mais importante. A raça foi desenvolvida de um antigo tipo bovino de pelagem amarelo-avermelhada, que era nativo do sudoeste da França, entre os rios Lot e Garonne. Recebiam a designação de Bos aquitanicus a qual era freqüentemente aplicada a estes bovinos, porém, de maneira errônea, visto que sugere uma possível variedade para o antigo Auroque para estes animais, e isto é incorreto. Existem documentos que evidenciam um considerável número de gado Garonnais vendido para a Inglaterra durante os séculos quatorze e quinze. Isto só mostra que pode ter havido uma certa influência do Garonnais na formação da raça South Devon.

No ano de 1775 estes bovinos foram severamente afligidos pela grande praga bovina que varreu os rebanhos da Europa e os rebanhos foram reconstruídos com Limousin, Salers e Blonde dos Pirineus. No século dezenove, eram encontrados desde Bordeaux até Toulouse, sendo formados por cinco linhagens diferentes: o Garonnaise de Gironde, o Marmandaise de Marmande, o Aganaise das planícies de Agan, o Montaubanaise de Montauban e o Quercy.

O Herd-Book destes animais de tração foi estabelecido em 1892, quando algum sangue Limousin foi introduzido para melhorar as qualidades de corte. O Garonnais foi uma das maiores e mais pesadas raças francesas. Os animais tinham chifres voltados para baixo, pelagem vermelha clara e pele rosada. Eram reconhecidos por sua docilidade. O Garonnaise era o tipo dominante no Herd-Book da raça Blonde d'Aquitaine, o qual também inclui algumas vacas Villard de Lans, uma raça mista de pelagem amarelada dos montes Vercors.

O Quercy foi a segunda raça a ser usada para a formação do Blonde d'Aquitaine. Era também chamada de Garonnaise de Côteau. Originalmente uma raça de montanha

encontrada na região de Côteau, onde ao norte se mescla com o Limousin e ao sul com a raça Garonnaise, sendo classificada como um tipo desta última. Por volta da metade do século dezenove foi cruzada com a raça Durham (Shorthorn). Suas qualidades de carne foram melhoradas, porém sua capacidade de tração piorou muito. Na segunda metade daquele mesmo século, foram usados touros Limousin em larga escala para, novamente, melhorar a capacidade de tração dos animais.

Em 1920, foi estabelecido um Herd-Book separado para o Quercy. Nesse tempo a raça usava o nome Garonnaise de Côteau. Em 1923, esta raça atingiu seu auge, com mais de 105.000 animais. Uma característica importante de então é que tinham um tipo muito semelhante ao Limousin.

A última raça a ser usada foi o Blonde dos Pirineus ou Blonde dês Pyrénées, também conhecida como Race Lavedan, a qual consistia originalmente de três linhagens locais com diversas variedades. Destas muitas variedades, apenas o Lourdaise e o Béarnaise permaneceram.

Por volta de 1943, o Blonde dos Pirineus contava com 269.000 animais. Entretanto, os números populacionais declinaram rapidamente após este ano. Um subtipo chamado Tarboise, situado em Hautes-Pyrénées, o tipo mais ao leste do Blonde dos Pirineus, foi totalmente absorvido, assim como as outras tantas variedades locais.

Por volta de 1960, um pouco antes da união das três raças, o Garonnaise contava com 210.000 animais, o Blonde dos Pirineus com 150.000 e o Quercy com 50.000. Como estes números foram considerados pequenos para possibilitar o melhoramento destas antigas raças de carne e tração, aconteceu a união das três, sob os cuidados auspiciosos do Ministério da Agricultura francês, com o nome de Blonde d'Aquitaine. No início, no entanto, era freqüentemente chamado, com um certo sarcasmo, de Cocktail General de Gaulle, que era o Presidente da França naquele tempo.

Raça de grande porte, portadora de poderosas massas musculares, esqueleto forte e fino e extraordinário rendimento de carcaça. É o protótipo do moderno bovino produtor de carne.

Pela própria origem de animal de tração, o Blonde tem uma ossatura fina, porém, muito forte e correta que, aliada a um couro fino e leve, pequeno volume abdominal em relação ao seu tamanho e corpo muito comprido, justifica o altíssimo rendimento de carcaça. O maior, segundo as últimas pesquisas feitas.

A raça ainda não atingiu uma uniformidade no tipo, entretanto, dentre as raças com hipertrofia muscular, é uma das mais uniformes e transmitem esta característica a sua progênie com grande sucesso.

O Blonde d'Aquitaine é uma raça de corte moderna e por isso tem sido submetida aos mais rigorosos testes franceses e esquemas de avaliação desde a sua formação em 1962. A ênfase recai principalmente sobre seu rápido crescimento, carne magra, alta proporção de carne em relação aos ossos e facilidade de parto.

Por ter tido função de animal de tração em seu passado, o Blonde tem carne magra e corpo muito musculoso, com excepcional rendimento de carcaça. Este elevado rendimento deve-se à ossatura fina, mas muito correta e forte, couro leve e fino, pequeno volume de abdômen e um corpo comprido.

As vacas produzem leite suficiente para alimentar a cria. As tetas são finas, o que facilita a mamada. As crias nascem sem problema, não necessitando de ajuda. Por este motivo, dentre as raças européias de grande porte, é a que apresenta menor problema de distocia. Estatísticas francesas afirmam que 98% dos partos ocorrem sem problemas. O terneiro nasce longo e fino, somente desenvolvendo sua característica musculatura após algumas semanas de vida.

O animal desta raça possui um dos mais elevados índices de ganho de peso, alta capacidade de conversão alimentar e carcaça de excelente conformação frigorífica. Estas características são de grande herdabilidade, sendo transmitidas aos descendentes, mesmo na primeira geração de seus cruzamentos.

Tem um altíssimo rendimento de carcaça, com média de 62 a 66%, embora rendimentos acima de 70% não sejam incomuns em animais de raça pura. Dados franceses mencionam que novilhos com 8 meses pesam ao redor de 300 kg, com 62 a 66% de rendimento de carcaça, e animais com 15 meses de idade atingem pesos entre 500 e 570 kg, com 72% de rendimento de carcaça quando confinados.

A raça apresenta 66% de partos não assistidos e 28% de partos assistidos. 69% das vacas parem pela primeira vez com idades entre 32 a 40 meses e 14% parem com mais de 40 meses. 8% delas continuam parindo depois dos 10 anos e 3% ainda parem quando atingem ou ultrapassam os 12 anos de idade. 72% das vacas apresentam intervalo entre partos com menos de 410 dias e 53% apresentam menos de 380 dias de intervalo.

A raça tem alto potencial para cruzamentos, tanto por sua boa conformação, como pela alta produção de carne magra e grande precocidade. Graças às suas qualidades produtivas, a raça se expandiu pelo mundo, principalmente em cruzamentos com vacas de raças zebuínas ou de origem anglo-saxônica.

As vacas medem em média 150 cm e pesam entre 600 e 900 kg, enquanto que os touros medem em média 160 cm, pesando entre 1.100 e 1.400 kg. O recorde mundial da raça é o touro Condor, que mediu 167 cm e pesou 1.636 kg, em 1992.

A pelagem é curta e de coloração clara, que são adequadas às condições de climas quentes, como o Brasil Central. Por causa disso, é menos suscetível à infestação de ectoparasitas como bernes, moscas e carrapatos. A raça é criada extensivamente naquela região, sendo usada em monta natural e em regime de pastoreio a campo.

Em 1994, existiam ao redor de 350.000 vacas na França, inscritas por mais de 2.000 criadores, que registraram seus animais no Herd-Book da raça. O Blonde d'Aquitaine tem sido exportado para mais de 30 países, com associações de criadores estabelecidas na Dinamarca, Holanda, Bélgica, Irlanda, Canadá, Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, Brasil e Reino Unido. Nas Ilhas Britânicas a raça se tornou muito popular, com mais de 14.000 fêmeas e 2.000 machos registrados no Herd-Book inglês em 1991.

Touros Blonde d'Aquitaine são usados em programas de cruzamentos comerciais na França, formando os sintéticos Coopelso 93 (Blonde d'Aquitaine, Charolês e Limousin) e Inra 95 (Charolês X Blonde d'Aquitaine ou Limousin X Maine Anjou). Na Holanda foi formado o Bovian, que é resultante do cruzamento do Charolês com o Blonde d'Aquitaine, para ser usado em vacas de raças leiteiras.

No Brasil, o Blonde d'Aquitaine está sendo utilizado com Caracu, em sistema de cruzamentos sob controle de genealogia que tem como objetivo o cadastramento e reconhecimento oficial por parte do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de um grupamento com grau de sangue 5/8 de Blonde d'Aquitaine e 3/8 Caracu, destinado a formar a raça Aquitanica.

Atualmente está sendo formado o Blonel, que é um sintético com grau de sangue 5/8 Blonde d'Aquitaine e 3/8 Nelore.

No registro brasileiro, o touro *Fallou*, um francês doador de sêmen, nacionalizado no HBB IA-47, é o recordista em número de filhos, com 1.241 produtos, até 30 de junho de 2006. Dentre as vacas, a campeã é *Diane*, da criação de Wilson Vitorio Dosso, inscrita no HBB 1.845, com 83 filhos registrados até aquela data.

## Charolês



Sr. Cypriano de Souza Mascarenhas, de Júlio de Castilhos, que importou duas terneiras da França, em 18 de abril de 1927, abriu o Herd-Book desta raça. Deste lote constava Fadette, registrada na França sob número 23391, que no Brasil recebeu o HBB 1.

| Ano  | Machos | Fêmeas | Total | Ano          | Machos       | Fêmeas       | Total         |
|------|--------|--------|-------|--------------|--------------|--------------|---------------|
| 1927 | ---    | 02     | 02    | 1967         | 318          | 325          | 643           |
| 1928 | ---    | ---    | ---   | 1968         | 306          | 388          | 694           |
| 1929 | 05     | 01     | 06    | 1969         | 362          | 386          | 748           |
| 1930 | 02     | 02     | 04    | 1970         | 377          | 402          | 779           |
| 1931 | 03     | 03     | 06    | 1971         | 402          | 378          | 780           |
| 1932 | 01     | 02     | 03    | 1972         | 435          | 414          | 849           |
| 1933 | 02     | 02     | 04    | 1973         | 489          | 558          | 1047          |
| 1934 | 05     | 02     | 07    | 1974         | 489          | 600          | 1089          |
| 1935 | 01     | ---    | 01    | 1975         | 697          | 709          | 1404          |
| 1936 | 09     | 16     | 25    | 1976         | 596          | 827          | 1423          |
| 1937 | 05     | 02     | 07    | 1977         | 583          | 705          | 1288          |
| 1938 | 09     | 04     | 13    | 1978         | 682          | 750          | 1432          |
| 1939 | 09     | 12     | 21    | 1979         | 661          | 798          | 1459          |
| 1940 | 05     | 06     | 11    | 1980         | 926          | 1044         | 1970          |
| 1941 | 64     | 149    | 213   | 1981         | 1133         | 1230         | 2363          |
| 1942 | 21     | 14     | 35    | 1982         | 990          | 1097         | 2087          |
| 1943 | 24     | 19     | 43    | 1983         | 1208         | 1359         | 2567          |
| 1944 | 07     | 05     | 12    | 1984         | 1096         | 1131         | 2227          |
| 1945 | 21     | 18     | 39    | 1985         | 1303         | 1383         | 2686          |
| 1946 | 21     | 22     | 43    | 1986         | 1186         | 1307         | 2493          |
| 1947 | 20     | 21     | 41    | 1987         | 1428         | 1641         | 3069          |
| 1948 | 28     | 41     | 69    | 1988         | 1457         | 1633         | 3090          |
| 1949 | 30     | 31     | 61    | 1989         | 1515         | 1526         | 3041          |
| 1950 | 19     | 27     | 46    | 1990         | 1659         | 1779         | 3438          |
| 1951 | 36     | 52     | 88    | 1991         | 1702         | 1715         | 3417          |
| 1952 | 42     | 62     | 104   | 1992         | 1601         | 1604         | 3205          |
| 1953 | 50     | 38     | 88    | 1993         | 1628         | 1724         | 3352          |
| 1954 | 49     | 49     | 97    | 1994         | 1686         | 1806         | 3492          |
| 1955 | 62     | 44     | 106   | 1995         | 1535         | 1535         | 3070          |
| 1956 | 72     | 82     | 154   | 1996         | 1829         | 1971         | 3800          |
| 1957 | 77     | 82     | 173   | 1997         | 1908         | 2008         | 3916          |
| 1958 | 68     | 52     | 120   | 1998         | 1766         | 1733         | 3499          |
| 1959 | 82     | 85     | 167   | 1999         | 1857         | 1780         | 3637          |
| 1960 | 75     | 89     | 164   | 2000         | 2170         | 2205         | 4375          |
| 1961 | 108    | 173    | 281   | 2001         | 2082         | 2130         | 4212          |
| 1962 | 127    | 171    | 298   | 2002         | 2049         | 2167         | 4216          |
| 1963 | 150    | 188    | 338   | 2003         | 1852         | 1943         | 3795          |
| 1964 | 200    | 222    | 422   | 2004         | 1463         | 1405         | 2868          |
| 1965 | 208    | 307    | 515   | 2005         | 1307         | 1310         | 2617          |
| 1966 | 214    | 275    | 489   | <b>Total</b> | <b>48662</b> | <b>51831</b> | <b>100493</b> |





Não houve nenhuma inscrição de animais no ano de 1928. O primeiro produto nascido no Brasil também foi registrado por Cypriano de Souza Mascarenhas, em 1º de dezembro de 1929. Chamava-se Arara e recebeu o número de HBB 5.

### **Origem e História da Raça**

O Charolês é originário da França, mais precisamente do vale de Arconce, em Charollais-Brionnais, no Departamento de Saône-et-Loire, Distrito de Charolles. Desenvolveu-se na França a partir do século dezoito, como excelente animal de tração. Os animais eram enviados para os Departamentos de Chér e Nièvre, onde a raça absorveu o gado local e foi nomeada de Nivernais. Tem evoluído lentamente desde há muito tempo, mas com maior rapidez no século passado, a partir de uma raça antiga de coloração creme que habitava a Comarca de Charollais. Esta forma ancestral provavelmente tinha muitas características comuns com o gado Simental da Suíça e da Alemanha. Os indivíduos que deram início à raça foram cruzados em grau limitado com animais da raça Shorthorn, de pelagem branca, por volta do ano de 1863. Eram comuns animais com as características desta raça britânica na época. Depois desse período, procedeu-se uma seleção para velocidade de crescimento e qualidade de carne.

A cidade de Charolle, localizada a aproximadamente 100 km ao nordeste de Lyon, é a antiga capital da antes chamada Província de Charolais. Na metade do século dezoito, o gado Charolês puro era criado por apenas nove comunidades de fazendeiros progressistas, em uma pequena área com clima e solo muito bons.

É uma das raças francesas mais antigas, sendo, em sua origem, um animal de triplo propósito, fornecendo carne, leite e trabalho, que depois passou a ser selecionada apenas para carne.

O bovino Charolês foi reconhecido em 1770 como uma raça pura distinta na região próxima à localidade de Charolles, de onde a raça deriva seu nome. Entretanto não foi difundido até o ano de 1830, pois apenas a partir desta data a região recebeu estradas melhoradas, tirando a raça do isolamento físico em que era mantida até então.

Quando em 1773 o criador Claude Mathieu moveu seu rebanho desde Charolles, em Saône-et-Loire para Anlesy, em Nièvre, o centro de criação da raça Charolesa foi transferido para aquele Departamento. Em 1815, a raça foi quase extinta pela praga bovina, mas foi reconstruída novamente. Os mais importantes criadores da época foram Boitard, Antoine e Nicolas Gornu, Rour, Paignon e Chamard. Mathieu, juntamente com Louis Massé, que estabeleceu seu rebanho em 1822, são os principais responsáveis pela estabilização e desenvolvimento do moderno Charolês. Ambos atingiram sucesso através de *inbreeding*, descarte severo e otimização do manejo. O Conde de Bouilé estabeleceu um rebanho de Charolês e um rebanho de Durham (Shorthorn), em Billars, no ano de 1826. Durante o período seguinte, especialmente na década que compreende 1830, cruzamentos com Durham foram realizados, mas a progênie foi descartada porque eram animais menos calmos e por engordarem cedo demais.



Por volta de 1850, os cruzamentos com o gado Durham voltaram a ser feitos. Em Nièvre eles ocorreram em larga escala, atingindo muito sucesso. Como resultado, em 1864 o Herd-Book Nivernais-Charolais foi aberto para registrar a ambos, Durham-Charollais e animais puros. Em 1880, o gado Durham caiu em desuso e, por razões patrióticas, uma rigorosa seleção se seguiu para retirar qualquer animal com características desta raça.



Quando o Herd-Book para o Charolês puro foi aberto em 1882, a raça foi chamada de La Race Charolaise Pure e apenas animais puros foram inscritos. Por incentivo da Associação de Agricultura, um segundo Herd-Book foi aberto em Nevers, com a finalidade de registrar animais puros de outras áreas de criação. As negociações para unir a ambos os livros de registro tiveram início em 1912, porém a união só foi acontecer em 1919. No ano seguinte, o registro foi fechado para animais que não tivessem os pais inscritos e, no ano de 1923, um tipo racial definitivo foi apresentado.

Após a Segunda Guerra Mundial, a raça apresentou um crescimento excepcional, tanto na França como em outros países. A popularidade, no entanto, declinou entre as décadas de 1960 e 1980, devido aos muitos problemas de parto que causava. Desde o início da década de 80, a seleção de animais maiores e mais pesados foi deixada de lado, sendo o “index” para facilidade de parto, a qualidade preponderante na seleção a ser seguida. Como resultado, no ano de 1990, dos 107.014 nascimentos, apenas 8% apresentou algum tipo de problema.

A raça apresentava ao redor de quatro milhões de cabeças, das quais um milhão e seiscentas mil eram vacas e, dentre elas, 400.000 eram registradas, constituindo-se, numericamente, na maior raça de carne da França no ano de 1992.

O gado Charolês sempre se manteve primordialmente como uma raça produtora de carne, tanto a pasto quanto estabulado. As novilhas parem pela primeira vez aos três anos, desde que recebam alimentação satisfatória. O peso médio ao nascimento, encontrado na literatura, para os machos é de 45 kg e para as fêmeas é de 42 kg. A raça é conhecida por ter propensão a partos duplos. Também é extremamente versátil em termos de manejo, cruzamentos com outras raças, alimentação e mudanças de clima. Através das avaliações genéticas e do melhoramento da raça, o Charolês atual pode oferecer à indústria de carne bovina, genética para velocidade de crescimento e eficiência alimentar, características bastante procuradas pelos produtores comerciais e pelos confinadores.

A musculosidade é fortemente marcada na progênie dos cruzamentos em que o Charolês é usado, especialmente na idade jovem dos produtos.

A pelagem é também uma característica da raça que é passada à progênie. Raças com animais de pelagem vermelha ou preta, quando cruzadas com Charolês, têm sua cor característica diluída para padrões creme, avermelhados ou lobunos (fumaça).

Suas principais características são: a pelagem branca, grande porte, tanto na altura como no comprimento, destacada estrutura óssea e musculatura, excelente rendimento de carcaça e precocidade nos cruzamentos e nos abates. Animais de frame elevado, corpo longo e profundo, apresentam grandes massas musculares com cobertura de carne abundante, quartos pesados e costelas bem arqueadas e profundas.

Especializada em produzir grande massa muscular, com pequena espessura de capa de gordura, associando sua qualidade à rusticidade e adaptabilidade a uma variedade climática do frio ao subtropical, é a raça indicada para produzir a carne que o mercado atual procura. Quando os frigoríficos passaram a promover uma “corrida” em busca de carnes mais magras, a fim de atender exigências da nova demanda, o Charolês se sobressaiu. Como as raças britânicas eram e continuam sendo especializadas em produzir carne com grande cobertura de gordura, houve a necessidade de se buscar cruzamentos com raças que produzissem carne com menos gordura. O Charolês foi muito usado com esta finalidade, por muitas décadas, porém, o mercado mudou novamente e a procura por animais que produzam gordura na carcaça retornou com força. Em vista disso, o Charolês perdeu espaço, mas suas qualidades continuam incomparáveis quando usado em cruzamentos para melhorar o ganho de peso, peso final e conformação de carcaça.

Canadian Charolais Association



O Charolês é, originalmente, uma raça aspada. Porém, assim como ocorreu com outras, foram selecionados animais de caráter mocho e o Polled Charolês ou Charolês Mocho foi desenvolvido. Alguns criadores ingleses e franceses, ao invés disso, usaram a raça britânica Lincoln Red para a introdução dessa característica. Muitos animais mochos têm esqueleto mais fino que o tipo original aspado.

Sendo bovinos grandes e pesados, bem adaptados para a produção de carne, o Charolês estava entre as primeiras importações feitas a partir da Europa pelos criadores

brasileiros de gado de corte , visando adicionar peso e tamanho a nossos rebanhos. Os primeiros animais desta raça a desembarcarem no Continente Americano foram importados pelo Brasil em 1879 , seguindo-se , então , diversas outras importações para a América do Sul.



Em 1902 , Cypriano de Souza Mascarenhas iniciou sua criação, adquirindo touros importados do Uruguai. Esse rebanho , com o passar do tempo , tornou-se o maior rebanho do mundo para esta raça , chegando a alcançar o número de 10.000 reses. No ano de 1927 foi aberto, no Brasil, o Herd-Book da raça, quando foram registrados os dois primeiros ventres importados da França e, logo em seguida, foram registrados os demais touros importados previamente pelos criadores brasileiros. O primeiro produto puro nascido e registrado no país foi Arara , fêmea nascida em 20 de maio de 1928.

No Brasil, a porta de entrada do Charolês foi o Rio Grande do Sul. De acordo com arquivos da Escola de Agronomia “Elyseu Maciel” (atual Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, UFPel), da cidade de Pelotas, no ano de 1885 chegaram àquela cidade dois reprodutores Charolês, importados da França pelo Governo Imperial. Os dois reprodutores foram confiados a dois estancieiros de renome na época: Heleodoro de Azevedo Souza e Mancio de Oliveira. Da continuidade daquelas criações não se têm notícias. No Rio Grande do Sul, o crescimento da raça foi de tal porte que nele vamos encontrar o maior rebanho de Charolês do mundo. Com adeptos em todos os Estados brasileiros, o Charolês chega também ao Norte e Nordeste. A raça foi introduzida no ano de 1962 na Bahia, através de Vitória da Conquista, expandindo-se também a Sergipe, Ceará, Maranhão e Pará.

O touro *Azzam 733 Fidalgo*, HBB 31.450, de criação dos Srs. Fernando e Júlio Rafael de Souza Mazza, teve 2.108 filhos registrados até 30 de junho de 2006, enquanto que a vaca *Marin Hebe Dollars*, HBB 61.168, da criação de Gerson João Mendes de Abreu e Luiz Carlos M. de Oliveira, teve 47 crias inscritas, no mesmo período.

Atribui-se a importação do Governo Imperial à influência do médico veterinário Mr. Claude Rebourgeon. Este técnico francês foi contratado pelo Governo do Império para estudar a localização de uma escola de Agronomia e Veterinária no Rio Grande do Sul.

Na época, Pelotas concentrava todos os estabelecimentos industrializadores de carne no Estado: as charqueadas. Por este motivo, a região foi a escolhida. Não há dúvidas quanto à influência do veterinário francês na importação. Contam os antigos estancieiros da região que o gado branco ou barroso era denominado de gado Rebourgeon. No fim do século dezenove e nos primeiros anos do seguinte, a Sociedade Agrícola e Pastoril, em Pelotas, editava uma revista que tratava de assuntos agropastoris. Muitas vezes, a revista publicava artigos assinados por Gé de Figueiredo, ou simplesmente Gé. Essa publicação, além de assuntos gerais inerentes à pecuária, costumava fazer referências elogiosas aos cruzamentos com o Charolês, quando, na época, os cruzamentos eram praticados com as raças britânicas Hereford e Durham.

Gé de Figueiredo era o pseudônimo usado por João de Souza Mascarenhas, jovem apaixonado pelos problemas da pecuária, paixão que conservou durante toda a vida. Alguns estancieiros se interessavam pelos comentários de “Gé”, pedindo-lhe endereços de criadores de Charolês. A estes era fornecido o endereço de Aníbal José de Souza, brasileiro radicado no Uruguai, com criação há tanto tempo que já produzia touros puros por cruzamento, no fim do século dezenove.

Em 1901, “Don” Aníbal enviou a seu sobrinho, João de Souza Mascarenhas, cinco exemplares da raça, todos puros por cruzamento. Esse grupo era composto por quatro novilhas e um tourinho. Na época, João Mascarenhas não era criador, mas comerciante de gado na Estância Capão Alto, no município de Bagé. Por isto, cedeu todo o grupo a seu irmão Cypriano de Souza Mascarenhas, estancieiro do município de Júlio de Castilhos, que estava procedendo a cruzamentos do gado comum (criou-lo) ou Franqueiro, com touros Hereford e Durham, importados do Uruguai. Usou o tourinho em vacas crioulas. Os produtos obtidos apresentavam-se muito mais desenvolvidos do que os obtidos com a cruz das raças inglesas. Em vista do bom resultado obtido com este cruzamento experimental, o Sr. Cypriano encomendou a seu tio Aníbal dez touros puros por cruzamento.

A importação ocorreu no ano de 1904. Esta é considerada a data da primeira importação de Charolês para o Estado do Rio Grande do Sul. No ano de 1906, o mesmo Sr. Cypriano adquiriu mais cinquenta touros da mesma procedência. Em 1910, tendo resolvido utilizar somente reprodutores Charolês em sua estância, encomendou

outros cinquenta reprodutores . Neste ano , Don Anibal já não criava mais Charolês.

A propaganda das raças inglesas, promovida no Uruguai pelos frigoríficos, todos de empresas britânicas, desestimulava a utilização de outras raças. Naquela época, buscavam-se bovinos que produzissem carne com grande cobertura de gordura, que era exigência do mercado consumidor europeu. Esta característica a raça Charolês não possuía e não possui. Em vista disto, Cypriano viu-se na contingência de ir buscar reprodutores no país de origem da raça. Para tanto, no ano de 1911, importou dois tourinhos da França. Foi a primeira importação de Charolês promovida por um particular. No ano de 1913, mais dois tourinhos foram importados pelo mesmo criador, da mesma procedência.

Com o advento da Primeira Grande Guerra, as importações tornaram-se impraticáveis. Dois anos depois de terminada a guerra, em 1918, Cypriano reiniciou as importações, sempre com dois reprodutores.

No ano de 1927 foram importadas da França duas novilhas, o que possibilitou a abertura do Herd-Book da raça no Brasil. Em 1922, por ocasião da Grande Exposição Nacional, realizada no Rio de Janeiro, promovida pelo Governo Federal, fazendo parte do Centenário da Independência Nacional, juntamente com outras comemorações, a França apresentou um plantel de 20 exemplares da raça . Concluída a exposição, o mencionado plantel foi doado pelo governo da França ao Governo Brasileiro. O plantel foi conduzido a uma estância que o Ministério da Agricultura possuía no Estado de Goiás, conhecida como Estância Urutaí. Mais tarde, o plantel foi transferido para a Estação Experimental de São Carlos, em São Paulo, também do Ministério da Agricultura. Em 1931, os animais foram transferidos para a Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul, que os concentrou no Posto Zootécnico da Serra, em Tupanciretã, atual Estação Experimental Zootécnica daquela cidade. Os animais somavam 31 ou 32 fêmeas de todas as idades. O plantel continuou na referida estação, constituído por algumas dezenas de exemplares, que prestaram bons serviços à criação do Charolês no Estado.

Depois de 1920, diversos criadores importaram animais da França. Entre os pioneiros estavam: Izidro Kurtz, coronel Quinca de Lima, Carlos Gomes de Abreu. Ao se falar na história do Charolês no Estado, impõe-se mencionar uma cabanha que foi, sem dúvidas, a maior difusora da raça no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, tendo, inclusive, realizado promoções no Uruguai e na Argentina. Trata-se da Cabanha Santa Marta, de Pacífico de Assis Berni, do município de Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul . Fundada em 1954 , a Cabanha Santa Marta promoveu inúmeras importações de exemplares da França , vendendo-os em leilões memoráveis.

Atualmente, o Herd-Book Charolês, na França, já ultrapassou o número de 250.000 animais em seus registros. O Charolês moderno é uma raça produtora de abundante car-

ne magra. Animais de frame elevado, com vacas medindo, em média, 135 cm de altura e pesando entre 600 e 800 kg, os touros medem, em média, 145 cm e pesam ao redor de 1.100 a 1.300 kg. Porém, animais preparados para exposições, podem atingir pesos muito superiores, com fêmeas pesando até os 1.000 kg e touros atingindo até 1.500 kg.

A raça tem sido exportada para mais de 70 países. Livros de registro existem na Finlândia, Noruega, Suécia, Dinamarca, Alemanha, Holanda, Bélgica, Reino Unido, Irlanda, Portugal, Espanha, Hungria, Bielorrússia, Japão, Zimbábue, África do Sul, Canadá, Estados Unidos, México, Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai, Austrália e Nova Zelândia.

Na África, após excelente adaptação, o Charolês tem sido adotado para cruzamentos industriais, principalmente com gado Brahman. Na Península Ibérica os livros especializados destacam seu grande valor e a alta cotação de sua carne no mercado. Na Rússia, o cruzamento com raças autóctones tem entusiasmado os criadores pelos magníficos exemplares obtidos. No Reino Unido, a introdução do Charolês foi considerada pelos técnicos um modelo de estudo para implantação, no país, de quaisquer outras raças. No restante da Europa seu nível de aceitação é também muito grande.

Nas Américas, os Estados Unidos e o Canadá oferecem exemplo de rico e selecionado plantel, com posição de destaque nas diversas exposições oficiais. A raça foi introduzida nestes dois países especialmente através de inseminação artificial, usando como base vacas Aberdeen Angus e Hereford. Pela utilização em cruzamentos com essas duas raças, foram desenvolvidas duas variedades, recentemente, nos Estados Unidos: uma de pelagem vermelha e a outra de pelagem preta.

A Argentina dedicou invulgar atenção à raça e hoje já existe, inclusive, um padrão racial específico. O Uruguai conta com alto índice de valorização deste gado e o seu rebanho é bastante desenvolvido, tendo considerável influência na formação do plantel brasileiro.

A formação da linhagem brasileira, bastante utilizada no Centro-Oeste e Nordeste, para cruzamento industrial com o Zebu, é resultante de três padrões distintos: o Francês (com animais de maior massa muscular), o Inglês (com gado mais alto, mais comprido, mais moderno) e o Argentino (intermediário entre os dois tipos já citados).

A Argentina e o Uruguai criavam Charolês no século passado. Na famosa exposição de Palermo, ainda em 1910, exemplares da raça integraram a mostra. Desta época até 1960, os dois países do Prata deixaram de criá-la. Em 1960, a Argentina e o Uruguai voltaram a criar Charolês, com excelentes plantéis de pedigree, de origem

importada da França. Estão conduzindo muito bem suas criações de puros por cruzamento. É realmente notável o que os dois países vem praticando em cruzamentos industriais.

Em 1955, a Inglaterra importou sêmen de Charolês da França. Esse material foi utilizado experimentalmente em vacas descartadas, que eram de raças leiteiras. Em vista do bom resultado, no ano de 1961, importou mais 26 tourinhos. Atualmente, o país possui excelentes plantéis de pedigree, que podem ser considerados de padrão igual aos melhores da França.

Ao ser exportado para tantos países diferentes, o Charolês veio a originar muitas raças sintéticas e compostas. Nos Estados Unidos foram desenvolvidos o American Breed (1/2 Brahman, 1/4 Charolês, 1/8 Bisão, 1/16 Hereford, 1/16 Shorthorn), o Beefalo (3/8 Bisão, 3/8 Charolês, 1/4 Hereford), o Beefmaker (50% Charolês, 50% Hereford, Aberdeen Angus e Shorthorn e alguma porcentagem de sangue Pardo Suíço e Brahman), o Charbray (5/8 ou 7/8 Charolês e 3/8 ou 1/8 Brahman), o Charford (1/2 Charolês, 3/8 Hereford e 1/8 Brahman) e o CharSwiss (3/4 Charolês e 1/4 Pardo Suíço).

No Canadá foram formados o Burwash (1/2 Charolês, 1/4 Hereford e 1/4 Shorthorn), o Beef Synthetic (37% Aberdeen Angus, 34% Charolês, 21% Galloway, 5% Pardo Suíço e 3% de outras raças), o Fort Cross (1/2 Charolês, 1/4 Lincoln Red e 1/4 Hereford) e o Pee Wee (Charolês, Aberdeen Angus, Galloway e Hereford). A Austrália formou o Mandalong Special (Charolês, Chianina, Polled Shorthorn, British White e Brahman; 58% Continental, 25% Britânico e 17% Brahman) e o Wokalup (Brahman, Charolês, Frísio, Hereford, Angus).

A Rússia e a Ucrânia, ao importarem o Charolês para melhorar as qualidades de suas raças nativas, acabaram por originar o Chernigov (3/4 Charolês, 1/8 Simental Russo e 1/8 Ukranian Grey), o Dnieper (66,7% Chianina, 8,3% Charolês, 16,7% Simental Russo, 8,3% Ukranian Grey), o Southern Ukrainian (1/2 Charolês, 1/4 Hereford, 1/4 Red Steppe), e o Znamensk (62,5% Aberdeen Angus, 25% Charolês e 12,5% Simental).

A França, país natal da raça Charolesa, formou o Charollandais (Charolês X Holandês), o Coopelso 93 (Blonde d'Aquitaine, Charolês e Limousin), o Inra 95 (Charolês X Blonde d'Aquitaine ou Limousin X Maine Anjou) e o Omega 47, que é uma linhagem de duplo músculo, com hipertrofia muscular. Na Holanda foi formado o Bovian, que é resultante do cruzamento de Charolês com o Blonde d'Aquitaine, para ser usado em vacas de raças leiteiras.

O Brasil formou a sua primeira raça sintética, o Canchim, que tem na sua composição 5/8 Charolês e 3/8 Zebu.



## Devon

**E**m 1º de março de 1914, o Visconde Ribeiro de Magalhães, do município de Bagé, Estado do Rio Grande do Sul, apresentou o primeiro lote de reprodutores Puros de Origem desta raça, para registro no Brasil. Eram duas vacas e um touro, todos de procedência inglesa. O touro *Highfield Vanity 8*, foi registrado no HBB 1.

O primeiro registro nacional coube ao terneiro de nome *Bagé*, nascido em 30 de janeiro de 1915, que recebeu o HBB número 4. De propriedade do mesmo criador, *Bagé* era filho de *Highfield Bob*, HBB 3 e *Highfield Vanity 8*, HBB 1.



### Origem e História da Raça

A raça *Devon* é uma das mais antigas do *Reino Unido*. Não há nenhuma dúvida de que se trata de uma raça indígena, originária do sudoeste da Inglaterra. Há uma curiosidade realmente interessante a esse respeito: a primeira referência à raça *Devon* a localiza na região de *Cornwall* e não em *Devonshire*, como era de se supor. Uma importante opinião a considerar é a de *Housman*. Ele garante que a origem da raça na Inglaterra remete à época das expedições *Fenícias* que buscavam estanho na região de *Cornwall*.

O primeiro Livro Genealógico da raça foi publicado em 1850. Pertencia a famílias que, àquela época, já criavam *Devon* há 150 anos, de acordo com informações delas mesmas. Muitos dos animais ainda hoje registrados são descendentes diretos daqueles primeiros, que foram registrados por *Davy* no primeiro livro, embora a raça tenha passado por mudanças consideráveis durante os últimos 100 anos.



| Ano  | M   | F   | Total | Ano  | M   | F   | Total | Ano          | M            | F            | Total        |
|------|-----|-----|-------|------|-----|-----|-------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| 1914 | 01  | 02  | 03    | 1945 | 03  | 04  | 07    | 1976         | 488          | 519          | 1007         |
| 1915 | 01  | --- | 01    | 1946 | 14  | 16  | 30    | 1977         | 436          | 490          | 926          |
| 1916 | --- | 01  | 01    | 1947 | 05  | 04  | 09    | 1978         | 540          | 516          | 1056         |
| 1917 | --- | 01  | 01    | 1948 | 16  | 08  | 24    | 1979         | 468          | 521          | 989          |
| 1918 | --- | 01  | 01    | 1949 | 07  | 10  | 17    | 1980         | 582          | 647          | 1229         |
| 1919 | 01  | 01  | 02    | 1950 | 12  | 16  | 28    | 1981         | 584          | 636          | 1220         |
| 1920 | 09  | --- | 09    | 1951 | 40  | 34  | 74    | 1982         | 588          | 698          | 1286         |
| 1921 | 01  | 01  | 02    | 1952 | 56  | 78  | 134   | 1983         | 484          | 522          | 1006         |
| 1922 | 02  | 01  | 03    | 1953 | 51  | 43  | 94    | 1984         | 625          | 713          | 1338         |
| 1923 | --- | --- | ---   | 1954 | 53  | 59  | 112   | 1985         | 513          | 555          | 1068         |
| 1924 | 02  | 02  | 04    | 1955 | 55  | 63  | 118   | 1986         | 496          | 597          | 1093         |
| 1925 | --- | --- | ---   | 1956 | 65  | 51  | 116   | 1987         | 583          | 638          | 1221         |
| 1926 | 01  | --- | 01    | 1957 | 84  | 120 | 204   | 1988         | 811          | 879          | 1690         |
| 1927 | --- | 02  | 02    | 1958 | 93  | 103 | 196   | 1989         | 618          | 684          | 1302         |
| 1928 | --- | --- | ---   | 1959 | 111 | 110 | 221   | 1990         | 783          | 903          | 1686         |
| 1929 | --- | --- | ---   | 1960 | 102 | 95  | 197   | 1991         | 615          | 672          | 1287         |
| 1930 | 01  | --- | 01    | 1961 | 132 | 161 | 293   | 1992         | 619          | 699          | 1318         |
| 1931 | --- | --- | ---   | 1962 | 146 | 193 | 339   | 1993         | 539          | 609          | 1148         |
| 1932 | --- | --- | ---   | 1963 | 150 | 188 | 338   | 1994         | 577          | 574          | 1151         |
| 1933 | 02  | --- | 02    | 1964 | 210 | 211 | 421   | 1995         | 641          | 702          | 1343         |
| 1934 | --- | --- | ---   | 1965 | 245 | 255 | 500   | 1996         | 580          | 598          | 1178         |
| 1935 | --- | --- | ---   | 1966 | 255 | 302 | 557   | 1997         | 644          | 678          | 1322         |
| 1936 | 03  | 14  | 17    | 1967 | 310 | 352 | 662   | 1998         | 555          | 693          | 1248         |
| 1937 | 06  | 03  | 09    | 1968 | 309 | 344 | 653   | 1999         | 551          | 689          | 1240         |
| 1938 | 02  | 02  | 04    | 1969 | 337 | 371 | 708   | 2000         | 630          | 707          | 1337         |
| 1939 | 05  | 02  | 07    | 1970 | 376 | 362 | 738   | 2001         | 636          | 666          | 1302         |
| 1940 | 03  | 01  | 04    | 1971 | 460 | 524 | 984   | 2002         | 649          | 706          | 1355         |
| 1941 | 05  | 02  | 07    | 1972 | 403 | 415 | 818   | 2003         | 779          | 1116         | 1895         |
| 1942 | 01  | 04  | 05    | 1973 | 416 | 455 | 871   | 2004         | 542          | 915          | 1457         |
| 1943 | 01  | 01  | 02    | 1974 | 539 | 527 | 1066  | 2005         | 794          | 1087         | 1881         |
| 1944 | 03  | 02  | 05    | 1975 | 437 | 432 | 869   | <b>Total</b> | <b>23492</b> | <b>26578</b> | <b>50070</b> |

Quando no século dezoito a raça começou a se expandir do oeste do Reino Unido, *Garrard*, o famoso escultor Inglês de animais domésticos, descreveu o *Devon* como a mais perfeita raça na Grã-Bretanha.

Talvez tenha sido – e é muito provável essa tese – *Thomas William Coke*, de *Holkham Hall*, do Condado de Norfolk, no outro lado da Inglaterra, quem mais tenha contribuído para a introdução do Devon naquele Condado. Esse famoso criador foi quem teve a idéia de unir em uma só as raças *Norfolk* e *Suffolk*, formando o Red Poll.

Influenciado pelo *Duque de Bedford*, levou os pequenos e econômicos Devon para estes Condados.

O Devon foi criteriosamente cruzado com zebus indianos, há um século, para contribuir na formação de raças adaptadas ao clima tropical, como a *Jamaica Red*, *Bravon*, *Makaweli* e o *Santa Gabriela*, esta também sendo usada para melhorar algumas raças bovinas japonesas.

A despeito de sua origem em *Exmoor*, a raça Devon tem provado ser tolerante a climas quentes, sendo hoje criada de forma extensiva nos Estados Unidos, Brasil, Austrália, Nova Zelândia e na Jamaica. Sua habilidade em tolerar bem ao calor tem encorajado alguns pesquisadores a imaginar uma possível relação entre o Devon e o gado indiano trazido ao sudoeste da Inglaterra há muito tempo atrás. Outros, no entanto, preferem relacioná-lo ao *Salers*, da França.

No início do século dezenove, o *Devon* foi exportado para a Tasmânia e para a Austrália, com alguns intervalos durante o século, até que restrições sanitárias colocaram fim às importações. O Devon teve mais de um século para mostrar seu valor em ambientes como *Queensland*, *New South Wales* e no seco e quente noroeste e oeste australiano.

No século dezenove, em *Queensland*, o Devon produziu tanta carne por acre quanto o Hereford ou o Shorthorn. Também produziu uma boa proporção de carne magra quando cruzado com Shorthorn.



Alguns dos rebanhos ingleses eram usados para produzir leite, mas suas antigas características leiteiras foram negligenciadas. Entretanto, o rebanho original que acompanhou a família *Pilgrim*, desde o porto de Plymouth, em Devon, no ano de 1623, para prover leite, queijo e manteiga durante sua viagem para a América, continuou a produzi-los quando eles colonizaram este continente. Ainda existe uma raça chamada *Milking Devon*, em Massachusetts, a qual é muito semelhante ao tipo original do século dezessete, sendo, portanto, um valioso banco genético.

Em 1960 a raça foi exportada para o Canadá e está vivendo em altitudes de 1.400 metros na face leste das Montanhas Rochosas, enfrentando duros invernos e com poucos abrigos à sua disposição. Eles também vivem no Kenya, em uma fazenda a 1.800 metros de altitude, em uma savana úmida, onde são usados para melhorar o gado nativo. A raça Devon foi introduzida no Brasil em 1906, por *Joaquim Francisco de Assis Brasil*, na região de Pedras Altas e, depois, em Alegrete e municípios vizinhos, todos no Estado do Rio Grande do Sul. Em 1914, o *Visconde Ribeiro de Magalhães*, de Bagé, também no Rio Grande do Sul, inscreveu o primeiro lote de reprodutores puros da raça: duas vacas e um touro, que eram de procedência inglesa. O primeiro *Devon* nacional registrado foi *Bagé*, nascido em janeiro de 1915, também de propriedade do Visconde Ribeiro de Magalhães.

O touro *Garupá G144 G195 1852*, HBB 19.714, de criação da Cabanha Azul, tem 1.015 filhos registrados até 30 de junho de 2006, enquanto que as vacas *Rodeio Colorado Jama 310*, HBB 24.502, da criação de Morecy Costa Medeiros e *São Luiz Nataly*, HBB 33.273, da criação de Ivo Tadeu Bianchini, tiveram 16 filhos registrados cada uma.

Existem Herd-Books da raça Devon no Reino Unido (desde 1851), Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Estados Unidos e Brasil, entre outros.

Esta raça antiga e bela mostrou ser um grande negócio. O que ainda pode ser mais valioso que isso, é o fato de que a raça *Devon* é ainda mais apreciada por estrangeiros do que pelos criadores de seu próprio país, sendo especialmente procurado para climas quentes.

Centrado ao redor de Exmoor, ao norte do Condado de Devon, onde o clima é chuvoso e úmido, com invernos frios e rigorosos, este foi o ambiente dominante em que a raça Devon proliferou ao longo de muitos séculos. A pele pigmentada de amarelo alaranjado, assim como a pigmentação escura ao redor dos olhos, são consideráveis recursos para os climas tropicais, onde a pigmentação da pele do úbere também o protege da perigosa radiação solar.

A raça é muito resistente e as fêmeas não apresentam problemas de fertilidade ou parição. Suporta o frio e a umidade, mantendo-se bem nas pastagens fracas e fibrosas de seu habitat. Por isso, é muito apreciada pelos pequenos proprietários. O nome da raça indica sua procedência do oeste, mas a experiência demonstra cabalmente que pode ser ambientada em outras zonas, tanto no Reino Unido como em outros países.

Durante os muitos anos de experiências nas quais os adeptos de outras raças visavam ao aumento do tamanho dos animais, a *Devon* se manteve como gado de porte médio e, agora, com a maior procura pelos animais de fácil adaptabilidade ao sistema de criação extensivo, começa a se espalhar para todo o Brasil.

Ultimamente este gado tem sido muito utilizado para cruzamentos com raças zebuínas, visando a formação da raça sintética *Bravon*, ou mesmo com as européias, apresentando bons resultados em ambos os casos. Isto vem ocorrendo tanto pela grande capacidade de ganho de peso dos touros, mesmo em condições de pastagens, quanto pela lactação das vacas, as quais são consideradas como mães por excelência.

Criado como Puro de Origem ou sendo cruzado com outras raças, o *Devon* apresenta rápido apronte e excelente rendimento de carcaça. Sua capacidade de conversão alimentar e de produção de carne de qualidade estão entre as melhores do mundo, sendo suas características mais marcantes a rusticidade, fertilidade, habilidade materna, precocidade e docilidade, condições que transmite com eficiência nos sistemas de cruzamento.

Os reprodutores se destacam pela rusticidade e eficiência. A alta capacidade de serviço aliada ao grande poder de conversão de pastos em carne de qualidade, confere a ele, grande potencial para cruzamentos em qualquer região do Brasil.

As vacas são rústicas, prolíficas e dotadas de alta capacidade leiteira. Comparadas às raças de corte, são tidas como de grande lactação. Submetidas a controle leiteiro, 61 vacas Devon obtiveram a expressiva média de 2.321 kg de leite, com 4,16% de gordura, embora as vacas desta raça não sejam exploradas para produção leiteira.

Há alguns decênios, o gado Devon era muito utilizado, por sua capacidade de trabalho. Por causa disso, ainda conserva a mansidão até hoje. Responde muito bem a uma boa alimentação. É muito utilizado em confinamentos, para produzir carne de primeira qualidade, a qual tem excelente marmoreio, com fibra fina e de sabor especial nas peças menores.

O animal típico da raça Devon é um bovino com bom desenvolvimento, de estrutura equilibrada e com linhas harmoniosas. Apresenta ótima cobertura de excelente carne-músculo. É um animal, geralmente, dócil e elegante.

Em se tratando de animal da variedade aspada, os machos apresentam chifres em ângulos retos desde a testa, ligeiramente curvados para baixo e de igual tamanho, enquanto que as fêmeas os têm graciosamente em forma de lira. A cor dos chifres, tanto nos machos como nas fêmeas, é a cor de cera, tomando tonalidade castanha nas pontas, mas não a preta.

Enquanto nos touros a cabeça se apresenta com um aspecto bastante masculino, de testa ampla e com boa largura entre os olhos, nas vacas seu aspecto é bastante feminino, moderadamente longa e levemente convexa na testa. As narinas devem ser altas e abertas, com focinho largo e cor de carne, livre de qualquer tonalidade azulada ou preta. Os maxilares, que são um pouco descarnados, nos machos são



largos na região da raiz da língua. Os olhos são proeminentes, vivos e brilhantes. As orelhas, de tamanho e espessura médios, franjadas de cabelos, são finas nas fêmeas. O pescoço deve ser médio no comprimento e musculoso nos machos, que os têm com bom cume, de garganta *limpa* e sem papada exagerada. Deve ser um tanto descarnado nas fêmeas. As cruzes são largas em cima e bem cobertas, sem proeminência nas pontas. O peito é largo e profundo. Leve na região das paletas, com pouca barbela e sem acúmulo de gordura. As costelas nascem horizontais, com boa cobertura de carne e arqueamento. O dorso é reto, longo e nivelado, com lombo largo e cheio. Quadris de mediana largura, bem providos de carne e nivelados com a linha do lombo, sem proeminência dos ossos ilíacos. Animais com garupa e picanha longas, são cheias nos machos e moderadamente carnudas nas fêmeas. Apresentam boa abertura dos ossos ilíacos. A cauda, que tem boa implantação, sendo mais grossa na rabada, pende bem aprumada, alcançando os garrões, tendo, na extremidade, farto cabelo (vassoura), que se torna branco no animal adulto. Os quartos traseiros são bem musculosos e profundos, da mesma forma que as coxas, prolongando-se até os garrões. De ossatura forte, retas e separadas, são musculosas e cheias na parte superior. Os cascos devem ser fortes e sólidos, com ausência de coloração preta. As pernas traseiras são bem aprumadas, retas, com boa ossatura e boa separação de garrões, os quais devem ser bastante fortes, não se cruzando ou desviando ao caminhar. Cascos normais, não crescidos, de maneira a não se arrastarem ao caminhar e sem coloração preta. A pele é moderadamente grossa, flexível, coberta de abundante pêlo de cor rubi, característica da raça. Nos machos é admissível um pouco de pele branca na região escrotal, enquanto que nas fêmeas é permitido na região do úbere. Não é, entretanto, admissível a presença de pele branca em nenhuma outra região do corpo ou dos membros. O úbere não é carnudo, avançando tanto para frente como para trás, em alinhamento com a barriga. As tetas devem estar em esquadro e não ter tamanho grande demais.

## Polled Devon

Para a variedade mocha, o padrão é o mesmo da aspada, salvo no que se refere aos chifres, pois carece deles, e a conformação da nuca, que deve ser proeminente e arredondada.



Copyright Devon Cattle Society Australia

## Dinamarquesa Vermelha

Copyright Beate Milerki



**E**m novembro de 1952, foi aberto o Livro de Registro desta raça. A unidade do Ministério da Agricultura, sediada em Bagé, importou da Dinamarca 08 fêmeas e 02 machos. Um dado curioso é que esses animais, em seu país de origem, foram registrados tendo como identificação apenas os números de tatuagens. Não lhes foram atribuídos nomes. Assim, à vaca “Nº 179”, nascida em 11 de dezembro de 1979, coube o HBB 1.

Os criadores dinamarqueses, que exportaram aqueles 10 animais, foram os seguintes: Johannes Nielsen; Lars Nielsen; Henrik Larsen; J. Kristiansen; Ejnar Narremose; Aksel Nielsen e Erling Nielsen.

O primeiro produto nacional registrado foi a terneira *Tolina*, nascida em 25 de novembro de 1953 e que recebeu o HBB 47. O criador era o Ministério da Agricultura, na Fazenda de Criação, de Bagé.

Desde abril de 1988 não se verifica mais nenhuma inscrição desses animais. O último registro foi da terneira *Flôr da Capetinga*, nascida em 28 de novembro de 1987, de criação do Sr. Reginaldo Rodrigues de Brito, da Fazenda Capetinga, no município de Boa Esperança, Estado de Minas Gerais.

| Ano  | Machos | Fêmeas | Total | Ano          | Machos     | Fêmeas     | Total      |
|------|--------|--------|-------|--------------|------------|------------|------------|
| 1952 | 02     | 08     | 10    | 1971         | 11         | 13         | 24         |
| 1953 | ---    | ---    | ---   | 1972         | 10         | 07         | 17         |
| 1954 | ---    | ---    | ---   | 1973         | 13         | 20         | 33         |
| 1955 | 15     | 46     | 61    | 1974         | 17         | 15         | 32         |
| 1956 | 10     | 08     | 18    | 1975         | 22         | 14         | 36         |
| 1957 | 12     | 10     | 22    | 1976         | 23         | 56         | 79         |
| 1958 | 04     | 15     | 19    | 1977         | 21         | 33         | 54         |
| 1959 | 16     | 17     | 33    | 1978         | 05         | ---        | 05         |
| 1960 | 04     | 04     | 08    | 1979         | 08         | 08         | 16         |
| 1961 | 08     | 07     | 15    | 1980         | 67         | 87         | 154        |
| 1962 | 13     | 15     | 28    | 1981         | 36         | 29         | 65         |
| 1963 | 01     | 02     | 03    | 1982         | 24         | 22         | 46         |
| 1964 | 11     | 12     | 23    | 1983         | 15         | 07         | 22         |
| 1965 | 08     | 11     | 19    | 1984         | 16         | 15         | 31         |
| 1966 | ---    | ---    | ---   | 1985         | ---        | ---        | ---        |
| 1967 | 24     | 13     | 37    | 1986         | ---        | ---        | ---        |
| 1968 | 12     | 6      | 18    | 1987         | 01         | ---        | 01         |
| 1969 | 08     | 01     | 09    | 1988         | 02         | 01         | 03         |
| 1970 | 21     | 27     | 48    | <b>Total</b> | <b>460</b> | <b>529</b> | <b>989</b> |

### Origem e História da Raça

A raça *Dinamarquesa Vermelha* ou *Danish Red* como é chamada ao redor do mundo, com exceção de seu país de origem, a Dinamarca, onde é chamada de *Rødt Dansk Malke race*, foi desenvolvida no período entre 1841 e 1863, por cruzamento do gado local da região de *Seeland*, *Laaland*, *Falstar* e *Fünen*, com bovinos de *Angeln*, *Ballum*, *Tondern* e *Slesvig*.

Em 1864, quando a região de *Angeln* tornou-se território alemão, as populações dinamarquesas e alemãs se separaram. As raças *Angeln* e *Dinamarquesa Vermelha* seguiram caminhos distintos. Por volta de 1878, a raça foi reconhecida oficialmente e no ano de 1885 um Herd-Book foi estabelecido. A raça prosperou, sendo que em 1961 perfaziam 61% do rebanho nacional dinamarquês. Esta proeminente posição se manteve até recentemente, quando animais *Holandeses* foram importados, por apresentarem produção leiteira superior, ocasionando o declínio da popularidade da raça.

Durante a década de 1960, a raça tornou-se consangüínea, sendo necessário o refrescamento de sangue. Após alguns experimentos, em que foram utilizadas várias raças, a partir de 1972, o *Pardo Suíço*, de linhagem americana, foi finalmente



introduzido em 1975, provando ser a única raça que obteve sucesso frente às expectativas dos criadores. Esse procedimento foi reconhecido e aceito no *Herd-Book* da raça, no ano de 1979.

O número de registros, que apresentava declínios sucessivos se

estabeleceu em 1985, representando 13,4% da população bovina dinamarquesa, com um total de 137.230 fêmeas inseminadas no ano de 1988. Em 1992, o número total de fêmeas era de 170.000, das quais 65.000 estavam registradas no *Herd-Book* da raça, juntamente com mais de 400 touros.

Apesar de a raça ainda ter um número alto de animais, pode-se dizer que está em observação, devido à alta taxa de cruzamentos com raças exóticas, o que pode se transformar em risco para o futuro. No ano de 1997 foram detectados no rebanho de *Danish Red*, da *Dinamarca*, 37% de genes de *Pardo Suíço*, 9,4% de *Ayrshire* *Finlandês* e 2,7% de *Swedish Vermelho e Branco*.

Existem aproximadamente 450 touros em banco de sêmen, além de óvulos de 150 vacas que estão conservados criogenicamente. Na *Dinamarca* há cinco centros de coleta de sêmen, onde são testados 250 touros por ano.

A raça contribuiu para o melhoramento e formação de quase todas as raças vermelhas do *Mar Báltico*, como o *Polish Red*, da Polônia, o *Belarus Red*, *Romanian Red*, *Bulgarian Red*, *Red Steppe* e o *Suksun*, da Ucrânia e da Rússia. Além destes países, a Tailândia e a Índia estão usando a Dinamarquesa Vermelha para cruzamentos com raças zebuínas locais.

Em 1961, foram exportados seis touros e 87 vacas para a Inglaterra. Estes animais tiveram por finalidade melhorar as qualidades leiteiras das vacas da raça *Red Poll*, tendo sido intensamente utilizados. No ano de 1980, ao redor de 90% dos animais *Red Poll* tinham genes *Danish Red*, porém, desde 1985 os animais com esta genética não foram mais aceitos no registro genealógico.

A partir de então, a raça *British Dane* ou *Danesa Britânica*, está sendo criada em estado de pureza, tendo sêmen exportado para a Austrália, Nova Zelândia, Jamaica, Argentina, Brasil, Colômbia, Zâmbia, Kenya e África do Sul.



Embora a seleção tenha sido baseada, durante muito tempo, na produção leiteira, mostrando a típica conformação de uma boa produtora de lácteos, atualmente também são levados em conta a velocidade de crescimento e o bom desenvolvimento muscular, reunindo, desta forma, a aptidão leiteira, o bom tipo para a produção de carne. Pode ser considerada como uma raça de duplo propósito.

É grande a influência do *Pardo Suíço* em parte da população, o que resulta em animais mais fortes, com tipo mais acentuado para a produção de carne. A coloração da pelagem tem se tornado mais parda e com a típica auréola clara em redor da boca e do focinho.

Há séculos atrás acreditava-se que a raça *Dinamarquesa Vermelha* necessitasse de abundante alimento e, quando submetida a um manejo adequado, se tornava uma produtora eficiente. Vacas que eram ordenhadas engordavam rapidamente logo depois de encerrarem a lactação.

As principais características da raça são a musculabilidade e os altos percentuais de gordura e de proteína do leite. Destaca-se também pelo ganho de peso, facilidade de parto, pequeno intervalo entre os partos e precocidade sexual. A carne é magra e de fácil digestão.

Hoje a raça é de grande tamanho, sendo que os touros medem por volta de 155 cm e pesam entre 800 e 1.000 kg. As vacas medem em média 137 cm e pesam 650 kg em média.

Melhorada mediante rigorosa seleção funcional, com certo grau de consangüinidade, hoje a raça predomina na *Dinamarca*, perfazendo mais de 61% das raças do país, sendo que 45% delas são submetidas a controle leiteiro.

A média anual da produção leiteira de 65.791 vacas, na Dinamarca, no ano de 1993, foi de 6.791 kg, com 4,24% de gordura e 3,50% de proteína. As vacas “*Top*” de produção chegando a atingir 12.000 kg. Na *Dinamarca*, o tamanho médio dos rebanhos é de 48,9 vacas. A partir do ano de 1986, a taxa de proteína do leite foi incluída no cálculo dos valores de seleção da raça.

No ano de 1952, foi aberto o Herd-Book da raça no Brasil. O primeiro produto puro de origem nascido no país foi uma fêmea, de nome *Tolina*, nascida em novembro de 1953. A partir de 1977, a *Associação Brasileira de Criadores* passou a colaborar na coleta de informações dos núcleos da raça, que estavam, predominantemente, localizados em São Paulo. O último pedido de registro foi feito em 1988. Desde então não houve mais nenhum registro no Herd-Book brasileiro.

## Flamenqa



Livro de Registro desta raça foi aberto em 15 de janeiro de 1945, com a inscrição do touro *Ananás*, nascido em 02 de fevereiro de 1943. Este touro era de procedência Argentina, onde fora registrado sob número 1.040. De criação de Debuchy & Dufour, foi importado pela unidade do Ministério da Agricultura, do município de Bagé, no Estado do Rio Grande do Sul.

Como curiosidade, pode-se observar que o Livro Genealógico da raça foi aberto em 1945, mas só voltou a ter outra inscrição no ano de 1953 e, também, que não houve inscrição de nenhum animal em 2005.

| Ano  | Machos | Fêmeas | Total | Ano          | Machos     | Fêmeas     | Total      |
|------|--------|--------|-------|--------------|------------|------------|------------|
| 1945 | 01     | ---    | 01    | 1976         | 05         | 04         | 09         |
| 1946 | ---    | ---    | ---   | 1977         | 02         | 04         | 06         |
| 1947 | ---    | ---    | ---   | 1978         | 01         | 02         | 03         |
| 1948 | ---    | ---    | ---   | 1979         | 05         | 08         | 13         |
| 1949 | ---    | ---    | ---   | 1980         | ---        | 01         | 01         |
| 1950 | ---    | ---    | ---   | 1981         | 01         | 05         | 06         |
| 1951 | ---    | ---    | ---   | 1982         | 04         | 08         | 12         |
| 1952 | ---    | ---    | ---   | 1983         | 05         | 10         | 15         |
| 1953 | 02     | 12     | 14    | 1984         | 06         | 03         | 09         |
| 1954 | 01     | 01     | 02    | 1985         | 02         | 07         | 09         |
| 1955 | 08     | 07     | 15    | 1986         | 07         | 03         | 10         |
| 1956 | 02     | ---    | 02    | 1987         | 11         | 10         | 21         |
| 1957 | 07     | 07     | 14    | 1988         | 01         | 08         | 09         |
| 1958 | 05     | 01     | 06    | 1989         | 03         | 18         | 21         |
| 1959 | 01     | 03     | 04    | 1990         | 09         | 11         | 20         |
| 1960 | ---    | ---    | ---   | 1991         | 14         | 13         | 27         |
| 1961 | 07     | 08     | 15    | 1992         | 15         | 53         | 68         |
| 1962 | 04     | 04     | 08    | 1993         | 13         | 11         | 24         |
| 1963 | 02     | 06     | 08    | 1994         | 08         | 02         | 10         |
| 1964 | 07     | 12     | 19    | 1995         | 03         | 05         | 08         |
| 1965 | 10     | 15     | 25    | 1996         | 05         | 07         | 12         |
| 1966 | 04     | 04     | 08    | 1997         | 06         | 02         | 08         |
| 1967 | 10     | 10     | 20    | 1998         | 04         | 03         | 07         |
| 1968 | 13     | 13     | 26    | 1999         | 04         | ---        | 04         |
| 1969 | 11     | 12     | 23    | 2000         | 02         | 04         | 06         |
| 1970 | 17     | 20     | 37    | 2001         | 02         | 02         | 04         |
| 1971 | 16     | 26     | 42    | 2002         | 03         | 03         | 06         |
| 1972 | 16     | 17     | 32    | 2003         | 03         | 03         | 06         |
| 1973 | 20     | 19     | 39    | 2004         | 02         | 02         | 04         |
| 1974 | 08     | 12     | 20    | 2005         | ---        | ---        | ---        |
| 1975 | 16     | 25     | 41    | <b>Total</b> | <b>334</b> | <b>445</b> | <b>779</b> |



## Origem e Historia da Raça

A raça Flamenga faz parte do grupo de gado vermelho das planícies do norte da Europa, sendo indígena da região dos Flandres Franceses. Na verdade, pouco se conhece sobre sua origem, pois somente depois de estabelecido o Livro Genealógico, em 1886, na França, é que a criação seletiva conduziu à obtenção da raça Flamenga de cor *caôba* uniforme.

Em 1863, as raças vermelhas das terras baixas representavam a segunda maior população leiteira do norte da França.

A *Flamenga Vermelha* foi desenvolvida a partir de quatro linhagens vermelhas autênticas, da região dos *Flandres* no oeste francês:

- O *Berguenarde*, um tipo misto produtor de carne e leite, com duas variedades: o *Picarde*, que é um tipo intermediário entre a *Flamenga* e a *Normanda*, e o *Guisarde*.
- O *Casseloise*, um tipo leiteiro de grande tamanho, que apresentava pelagem negra e manchas brancas na cabeça. Esta linhagem apresentava duas variedades: o *Artésienne* e o *Saint Poloise*.
- O *Bailleuloise*, com suas duas variedades: o *Boulonnaise* e o *Bournaisienne*.
- O *Maroillaise* ou *Ardennais-Flamande*, originalmente uma raça bovina de pelagem vermelha, encontrada ao longo dos rios *Hespre* e *Sambre*, nos *Departamentos* do

norte da *França*. Influenciada pelo *Durham (Shorthorn)*, contavam ao redor de 25.000 a 30.000 cabeças em 1850, enquanto em 1910 estimava-se ao redor de 35.000 animais, mas durante a *Primeira Guerra Mundial* a raça foi extinta.

Em 1839, a raça *Flamenga* foi inicialmente cruzada com *Durham* importados da Inglaterra. Por ocasião da criação de um *Herd-Book*, em 1886, as quatro linhagens acima citadas foram unidas sob a nomenclatura de uma mesma raça. Após a virada para o século vinte a raça teve seus números em declínio, devido à importação de animais *Frísios*.

Após 1958, foi influenciada pelo *Dinamarquês Vermelho*, com a finalidade de estabelecer um tipo leiteiro melhor, o chamado *tipo laitier*, enquanto que em 1962 touros *Vermelhos Belgas (Belgian Red)* foram usados para produzir um tipo de duplo propósito, os chamados "*tipo mixte*", para o qual foi formado um livro de registro em separado.

Atualmente distinguem-se dois tipos: o leiteiro, que é o mais importante, formado por animais da raça *Flamenga* e os cruzados de *Flamenga x Vermelha da Dinamarca*, e o misto, que engloba os animais procedentes da cruz *Flamenga x Belga Vermelha*. Os animais deste segundo tipo são de maior peso e de melhor conformação, mas produzem menos leite.

A busca de novas origens, assim como a melhora ou a mudança de orientação das explorações, tem induzido muitos criadores desta raça a praticarem o cruzamento com animais *Vermelhos Belgas* ou *Dinamarqueses*.

Em função deste ato, a raça *Flamenga* tem, hoje, efetivos reduzidos, o que determinou o estabelecimento de um programa de reprodução planejado na França. Já em 1968, de um total aproximado de 230 mil reses *Flamengas*, apenas 12 mil estavam inscritas em seu Livro Genealógico, apresentando estes números uma tendência ao declínio.

Em 1977, um programa de conservação foi estabelecido para preservar o tipo original da raça. Em 1988, foram inscritos apenas 674 animais no *Herd-Book* Francês. A raça está em séria observação, devido à sua pequena porcentagem de pureza racial, em função dos cruzamentos com raças exóticas, principalmente a *Dinamarquesa Vermelha* e a *Belgian Red*.

No ano de 1994 a população total da raça pura era de aproximadamente 310 animais, sendo que, destas, 280 estavam inscritas no *Herd-Book* da raça, espalhadas em 50 rebanhos. Pelo menos a metade destas eram animais puros. Em razão disso, foi estabelecido um programa de conservação para a raça, que conta com, pelo menos, 30 touros que estão sendo utilizados em inseminação artificial.

Recentemente a raça tem tido sêmen exportado para o Canadá , Austrália , China e Brasil.

A raça possui boas qualidades criatórias: fertilidade, longevidade e rusticidade. Sua produção leiteira na França se situa em um nível muito interessante, apesar das condições em geral difíceis dos estabelecimentos de criação onde se mantém. Assim, a produção média das vacas controladas é de 6.463 Kg de leite, com 3,94% de gordura e 3,42 de proteína durante 314 dias de lactação. A característica de maior destaque da raça é a facilidade de parto, porém destaca-se também quanto ao ganho de peso, porcentagem de gordura e de proteína no leite, além da precocidade sexual. Apresenta alguns problemas no que se refere à inconsistente média da produção leiteira e à capacidade de ser ordenhada. A produção de leite é usada para o fabrico do queijo *Brie*.

A carne é tida como boa, com rendimento no corte de 60% para novilhos jovens criados em regime de confinamento, na Europa. A raça é recomendável para ser utilizada em cruzamentos com gado comum, onde se pretenda aumentar a produção leiteira, o volume do corpo e, especialmente, o tamanho do quadril. Os mestiços com zebrúinos são pesados e muito bons para corte.

A raça Flamenga apresenta pelagem que vai da vermelha com nuances pardas à vermelha escura. Frequentemente a cabeça é mais escura, quase negra. As vacas pesam entre 600 e 700 kg, medindo entre 135 e 145 cm. Os touros pesam entre 900 e 1.200 kg, medindo em média 148 cm.

O *Livro de Registro* da raça foi aberto, no Brasil, em janeiro de 1945, através de uma importação feita pelo Ministério da Agricultura de animais originários da Argentina. Este núcleo foi estabelecido na região de Lages, Santa Catarina, sendo até hoje mantido pela EPAGRI. O primeiro produto nacional registrado foi uma fêmea de nome *Heliaca de Lages*, de 03 de julho de 1954, HBB.16. A raça vem mantendo registro genealógico atuante, mesmo com poucos animais inscritos a cada ano. Nos últimos anos, têm sido registrados quatro ou seis animais, à exceção de 2005, que não teve registro de nenhum.

Os reprodutores com maior número de filhos registrados são o touro *Dunkerque 597*, HBB 2, com 53 crias registradas, e a vaca *Nevada de lages*, HBB 57 , com 11 crias registradas, ambos de criação da unidade do Ministério da Agricultura de Lages/SC.

## Galloway e Belted Galloway

Copyright Jean Pierre Martins Machado



A empresa Wilson Sons e Co. Ltda., de Porto Alegre, importou o touro *Whittinghame Wrestler*, nascido em 06 de fevereiro de 1949. Registrado na Inglaterra sob número HBI 1529-B, recebeu, no Brasil, o HBB 1. Inscrito em agosto de 1.951, foi transferido no dia 14 daquele mesmo mês para o criador Manoel Macedo Pons, da Estância Pons, de Uruguaiana, no Estado do Rio Grande do Sul.

O primeiro animal brasileiro foi inscrito em julho de 1953, no HBB 4, e recebeu o nome de *CP Brasil*. Era um terneiro, nascido em 03 de maio daquele ano, de criação e propriedade de Manoel Macedo Pons.

### Origem e História da Raça

O Galloway tem sua origem no predominante gado aspado, possivelmente negro em sua maioria, que habitava a Escócia desde a época do povo Celta.

Os bovinos celtas foram a origem das raças West Highland e Galloway, encontradas no sudeste da Escócia. Ambas apresentam como características as pernas curtas e dupla pelagem, o que facilitou sua sobrevivência nos rigores climáticos da região, ao pastarem nas colinas assoladas pelos ventos oriundos do Mar do Norte.



| Ano  | Machos | Fêmeas | Total | Ano          | Machos    | Fêmeas    | Total     |
|------|--------|--------|-------|--------------|-----------|-----------|-----------|
| 1951 | 01     | ---    | 01    | 1975         | ---       | ---       | ---       |
| 1952 | ---    | 02     | 02    | 1976         | ---       | ---       | ---       |
| 1953 | 01     | 01     | 02    | 1977         | ---       | ---       | ---       |
| 1954 | ---    | ---    | ---   | 1978         | ---       | ---       | ---       |
| 1955 | ---    | ---    | ---   | 1979         | ---       | ---       | ---       |
| 1956 | ---    | ---    | ---   | 1980         | ---       | ---       | ---       |
| 1957 | ---    | ---    | ---   | 1981         | ---       | ---       | ---       |
| 1958 | ---    | 01     | 01    | 1982         | ---       | ---       | ---       |
| 1959 | ---    | 02     | 02    | 1983         | 02        | 13        | 15        |
| 1960 | ---    | ---    | ---   | 1984         | 05        | 05        | 10        |
| 1961 | ---    | 03     | 03    | 1985         | ---       | ---       | ---       |
| 1962 | ---    | 03     | 03    | 1986         | ---       | ---       | ---       |
| 1963 | 01     | 04     | 05    | 1987         | ---       | ---       | ---       |
| 1964 | ---    | ---    | ---   | 1988         | ---       | ---       | ---       |
| 1965 | 01     | 04     | 05    | 1989         | ---       | ---       | ---       |
| 1966 | ---    | ---    | ---   | 1990         | ---       | ---       | ---       |
| 1967 | 02     | 01     | 03    | 1991         | ---       | ---       | ---       |
| 1968 | ---    | ---    | ---   | 1992         | ---       | ---       | ---       |
| 1969 | ---    | ---    | ---   | 1993         | ---       | ---       | ---       |
| 1970 | ---    | ---    | ---   | 1994         | ---       | ---       | ---       |
| 1971 | ---    | ---    | ---   | 1995         | ---       | ---       | ---       |
| 1972 | ---    | ---    | ---   | 1996         | 01        | ---       | 01        |
| 1973 | ---    | ---    | ---   | ---          | ---       | ---       | ---       |
| 1974 | ---    | ---    | ---   | <b>Total</b> | <b>14</b> | <b>39</b> | <b>53</b> |

O Galloway está, inquestionavelmente, dentre as mais puras e mais antigas raças melhoradas. Alguns autores são da opinião de que descende do gado mocho indígena da Escócia. Não se tem conhecimento de nenhuma intervenção de sangue estranho na formação e fixação desta raça. Prova irrefutável de sua pureza está na ausência de manchas nos animais puros e na prepotência com que transmitem o caráter mocho aos mestiços, mesmo quando cruzados com animais aspadados.

O gado da região era escuro, mocho, com pêlos ondulados, que apresentavam uma fina pelagem por baixo do pêlo mais grosso. Por alguns séculos não teve nome definido, sendo conhecidos apenas como o *gado negro de Galloway*.

Muito foi escrito sobre a história dos bovinos Britânicos, desde a metade do século dezoito. No período imediatamente anterior não se encontram descrições sobre ela. No entanto, o historiador Hector Boece, já em 1570, escrevendo sobre o Galloway, assim se expressou: “*Nesta região tão distante existe um boi de carnes deliciosas e tenras*”. Ortelius, outro historiador, em 1573, escreveu: “*Em Carrick* (quando ainda



fazia parte de Galloway) *estão bois de grande tamanho, que apresentam carnes tenras doces e suculentas*".

A raça Galloway tornou-se importante durante o período Scottish-Saxão, pois os criadores passaram a exportar queijo e peles. Tempos depois, os animais eram vendidos, em considerável número, aos fazendeiros Ingleses, os quais os vendiam no mercado de Smithfield, após um período de engorda nos pastos de Suffolk.

É fato que a raça Galloway nunca foi cruzada com outras. Não se sabe, entretanto, como adquiriu seu caráter mocho, pois no início muitos destes animais eram aspados. Entretanto, durante a metade final do século dezoito e início do século dezenove, muitos escritores mencionaram o Galloway mocho. Então, os criadores decidiram-se por adotar esta característica. No início, no Distrito de Galloway muitos dos animais eram negros, porém, vermelhos, pardos, brancos e com manchas brancas não eram incomuns.

Em 1851, um incêndio no *Highland Agricultural Museum* em Edinburgh, Escócia, destruiu todos os dados históricos e pedigrees da raça Galloway anteriores àquele período. Onze anos depois (1862), um Herd-Book para animais mochos foi publicado. Deste Herd-Book constavam o Galloway e as raças Aberdeen e Angus, que até então eram duas raças distintas.

William McCombie (criador escocês pioneiro nas raças Angus & Shorthorn) disse certa vez: *"O Galloway, indubitavelmente, tem muitas grandes qualidades. Em terras pobres eles não têm rivais, mesmo os nossos Aberdeens não seriam capazes de sobreviver. Não há outra raça que tenha maior valor por quilo de peso que o Galloway"*.



O Galloway é mocho como os Angus, porém é de menor tamanho, mais resistente e menos exigente quanto à alimentação e manejo. A raça não tem rivais quando criada em regime de pastoreio, pois utiliza os pastos grosseiros que outras raças dispensariam. Além do mais, sua habilidade em produzir carne de alta qualidade diretamente do pasto, não sendo necessário o fornecimento de grãos para sua terminação, é de grande valor econômico. Os novilhos, engordados tanto com pasto como com grãos, podem produzir uma carcaça de peso e qualidade adequados.

É uma raça maternal, pois as vacas têm excelente facilidade de parto, enquanto que os terneiros são rústicos e vigorosos. É longeva, com muitas vacas produzindo regularmente com bem mais de 10 anos de idade.

Sua natureza robusta e rústica, entretanto, nunca foi testada. Embora considerada uma raça de climas frios, o Galloway tem sido encontrado em regiões quentes, mostrando boa aclimação a esse meio ambiente.

A fama de que a carne da raça é tenra, suculenta e saborosa, levou-a, recentemente, a ser testada pelo USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos). Estes testes mostraram que os cruzamentos com Galloway estavam classificados nas primeiras colocações para sabor, maciez e suculência.

Ultimamente, a raça está se tornando muito popular na Escócia, sendo usada para cruzamentos, especialmente com animais das raças Shorthorn e Angus, por produzir animais de grande conformação carnicera.

Afirma-se que a variedade cintada é de maior tamanho e tem maturação mais precoce. Diz-se, também, que as vacas cintadas são melhores produtoras de leite e certamente alimentam melhor suas crias. Os touros são prepotentes e transmitem sua cor e características raciais à progênie, até mesmo nos animais meio sangue. Produzem carcaças excelentes, com carne de alta qualidade.

O vigor de sua constituição os habilita a resistirem a grandes viagens, com privações de toda espécie, sem sofrer muito. A qualidade da carne é superior e muito estimada por seu sabor, devido à perfeita mistura entre a carne e a gordura, além da excelente estrutura das fibras.

A pele de Galloway é muito usada para a confecção de roupas de inverno, em razão do comprimento, fineza e suavidade do pêlo negro.

É uma raça extremamente rústica, que talvez perca nessa característica apenas para a raça West Highland. Sua grande capacidade de adaptação e rusticidade é transmitida em grande percentual à progênie.

Originalmente o Galloway tinha uma ampla variedade de cores, sendo, porém, identificada comumente por sua pelagem negra ou negra cintada, podendo ocorrer outras cores naturais da raça. São elas: *Dun* ou pardo, o vermelho e o branco com orelhas negras. Talvez a pelagem mais lembrada da raça seja a cintada. Os animais apresentam pelagem negra ou amarronzada com uma faixa branca que faz a volta em torno do corpo, por detrás das espáduas e das cruzes, até a garupa. A variedade cintada ocorre freqüentemente com fundo negro, mas animais *dun* e vermelhos estão aparecendo em rebanhos escoceses, canadenses e americanos.

O primeiro Herd-Book permitia apenas o registro dos animais negros. Esta cor apresenta uma nuance pardacenta em alguns casos. Desde 1951, *Dun Galloways* podem ser registrados, visto que a pelagem *Dun* ou parda ocorre espontaneamente entre animais negros. Recentemente os animais vermelhos foram aceitos e registrados em uma secção à parte do livro de registro do *Belted Galloway*, pois hoje é conhecido que todas as raças celtas de pelagem negra apresentam genes atávicos e recessivos para o padrão da pelagem vermelha, como ocorre no Aberdeen Angus.

Os terneiros são leves ao nascer, pesando , em média , 28 a 32 kg . Os machos adultos pesam entre 600 e 900 kg, medindo, em média, 135 cm. As fêmeas pesam entre 450 e 550 kg, medindo ao redor de 120 cm.

O Galloway negro pode ser muito semelhante ao Aberdeen Angus, sendo difícil identificar de qual raça se originaram as crias oriundas deste cruzamento. Esta dificuldade é apresentada até por especialistas. As diferenças entre as raças são:

- Os animais Galloway são menores, devido à região de que se originam ser pobre em pastos e açoitada por ventos fortes.
- O Galloway é mais anguloso que o Angus. A garupa é mais levantada e saliente, parecendo ter uma conformação mais quadrada.
- A parte superior do osso occipital do Galloway é plana e ligeiramente fendida em sua parte média. O Aberdeen Angus apresenta o poll saliente e pontiagudo.
- O Galloway apresenta frente muito ampla e cara curta.
- O pêlo do Galloway é muito mais grosso, comprido e abundante que o Aberdeen Angus.

O Galloway é a única raça a ser exportada para a Islândia nos tempos modernos, formando uma variedade chamada *Icelandic Galloway*. Na Alemanha e Holanda são mantidos em parques naturais, em especial onde existem terrenos frágeis como costas marinhas e pântanos, para manter a vegetação natural destes locais.

Além do Reino Unido, existem criadores organizados em associações e Herd-Books próprios em países como Austrália, Alemanha, Canadá, Estados Unidos, África do Sul, Argentina, Brasil, Nova Zelândia, Suécia, Dinamarca e Suíça.

Quando era engordada no Condado de *Suffolk*, a raça foi usada, possivelmente, para formar o mocho *Suffolk Dun*, o qual veio dar origem ao *Red Poll*.

Uma forma importante de manter a raça pura foi quando, a partir de 1830, consagrou-se sua utilização para gerar animais meio-sangue, com o objetivo de produzir carne. Mais recentemente, também foi muito utilizada para servir de base a cruzamentos com raças continentais especializadas na produção de carne. Exemplo deste tipo de utilização é a raça *Blue Grey*, encontrada na fronteira Escócia-Inglaterra, que até hoje é criada com esse objetivo, sendo muito usada para servir de base em cruzamentos com o *Simental* e o *Charolês*.

### **Belted Galloway**



O *Belted Galloway* é a variedade cintada da raça Galloway negra. Assim como o *Galloway Negro*, a variedade cintada tem sua origem no Condado de Galloway, ao sudoeste da Escócia.

Existem duas diferentes teses para contar a origem da variedade cintada. A mais comum e difundida cita que o *Belted Galloway* é o resultado do cruzamento do Galloway de pelagem negra sólida com bovinos *Lakenvelder*, raça cintada e aspada oriunda dos Países Baixos. A primeira descrição de bovinos Galloway cintados ocorreu no ano de 1790.

A teoria que se formou mais recentemente, com estudos mais aprofundados, indica que o padrão de pelagem cintado ocorre naturalmente, por mutação, tanto em bovinos e caprinos como em suínos.

São muitas as raças ao redor do mundo que ostentam este tipo de padrão de pelagem. Pode-se citar, como exemplo, a raça Pardo Suíço, a qual, mesmo quando criada em rebanhos registrados e fechados, por muitas décadas, esporadicamente, produz animais cintados. Zebus indianos e bovinos selvagens como o *Mithun* apresentam cinta em muitos casos.

O *Belted Galloway* é encontrado no sudoeste da Escócia, embora não sejam muitos os rebanhos existentes. Ainda é possível encontrarem-se criatórios nos condados de *Kircudbrightshire*, *Northumberland* e *Wigtownshire*. Também ocorre em países como *Alemanha*, *Canadá*, *Nova Zelândia*, *Estados Unidos*, *Argentina* e *Brasil*.

Copyright Jean Pierre Martins Machado



A variedade cintada – *Belted Galloway* – tem sido mantida como raça separada desde 1922, tendo um Herd-Book próprio estabelecido na *Escócia*.

São animais mochos, que têm a conformação de uma moderna raça de corte. Sua característica mais importante é produzir carne, de forma econômica, sobre condições variadas de clima.

Os *Belties* são rústicos, resistentes a doenças e consomem qualquer tipo de forragem. Apresentam dupla pelagem, com um *subpêlo* curto, denso e leve. Além da pelagem normal, ainda tem um pêlo ondulado por cima, o qual é geralmente perdido nas estações quentes.

Os criadores da variedade cintada exigem que os animais desta variedade sejam ligeiramente maiores que o Galloway negro.

São indivíduos de temperamento tranquilo.

O *Belted Galloway* é uma raça rara no mundo todo. No Brasil, existem alguns criadores que estão fomentando sua utilização para a produção de animais cruzados. O rebanho brasileiro é todo formado de animais puros por cruzamento absorvente, sendo fácil iniciar um rebanho de *Belties*, pois é uma raça extremamente dominante em seus caracteres genéticos quando seus touros são utilizados em cruzamentos com qualquer raça de vacas.

A maioria dos produtos nasce mocha, de pelagem negra e com a característica cinta branca ao redor do abdômen, seja completa ou parcialmente.

Foram importados para o Brasil no ano de 1949, com um registro se mantendo ativo esporadicamente até o ano de 1967. Novos registros tiveram início no ano de 1982, tendo sido registrados até o ano de 1984. Desde então, *Belted Galloways* eram criados no Estado do Rio Grande do Sul, porém, sem registro ativo.

Atualmente a raça está novamente despertando o interesse e a procura por parte de alguns criadores brasileiros. O registro genealógico é composto de animais Puros por Cruzamento, oriundos da absorção ocorrida sob várias raças. Seguramente, muitos dos animais registrados nesta categoria são descendentes diretos dos rebanhos originais Puros de Origem, que perderam a seqüência de registro, mas conservaram as principais características da raça, advindas dos acasalamentos com touros puros.

Os registros brasileiros ainda se mantêm graças a três criadores: Pedro Paulo Gonçalves, de Rosário do Sul, e Jean Pierre Martins Machado, ambos do Rio Grande do Sul, além da Sra. Sandra Babick, do município de Buri, no estado de São Paulo.

## Herens

Copyright UPRA Herens



Os registros da raça Herens começaram quando a Agropecuária Suíço-Brasileira Ltda., proprietária da Fazenda Sant'Ana, do município de Campinas, no Estado de São Paulo, importou da Suíça, um lote de dez animais. Eram oito fêmeas e dois machos.

No HBB 1 foi inscrita *Fanny*, nascida em 30 de novembro de 1970, adquirida ao criador suíço Eugène Pannatier – Evolène.

No HBB 13 encontra-se o registro de *Bijou*, um macho nascido em 17 de setembro de 1973. Este foi o primeiro produto brasileiro registrado, também pertencia à Agropecuária Suíço-Brasileira Ltda.

Desde março de 1976, não há mais nenhum registro de Herens. A última inscrição foi de *Elizath*, uma fêmea nascida em 06 de fevereiro daquele ano, também de criação da mesma empresa.

Curiosidade: Dos doze animais nascidos no Brasil, oito deles foram adquiridos por Ilson dos Santos Costa e um por Michel Rochat. Dos três outros, um morreu ainda muito jovem e somente dois permaneceram com o criador. Ambos eram machos.



| Ano          | Machos    | Fêmeas    | Total     |
|--------------|-----------|-----------|-----------|
| 1973         | 02        | 10        | 12        |
| 1974         | 02        | 03        | 05        |
| 1975         | 03        | 02        | 05        |
| 1976         | 01        | 01        | 02        |
| <b>Total</b> | <b>08</b> | <b>16</b> | <b>24</b> |

Inscrições de Herens – PO (Puros de Origem). Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

## Origem e História da Raça

Copyright UPRA Herens



O nome desta antiga raça bovina procede de uma comarca da Suíça, situada na região de *Valais*. Pertence ao tipo denominado *Brachyceros*. É a mais antiga do país, à exceção do Pardo Suíço, embora sua origem seja desconhecida.

É uma raça de tipo misto, que, por isso mesmo, pode ser explorada igualmente para a produção de leite ou carne. Tem pernas curtas e aspecto robusto.

O gado *Herens* é nativo do sudeste dos Alpes Suíços, desde o cantão de *Wallis* até *Chamonix*, aos pés do *Monte Blanc* na França.

Animais com a cabeça curta, como do *Herens*, eram mencionados desde a época dos Historiadores Romanos, mas sua existência pode ser traçada até tempos pré-históricos, com a descoberta de crânios em assentamentos da Idade do Bronze (2.000



– 800 a.C.), que floresciam nos distritos dos lagos Suíços. Sua história como raça definida não é mencionada até o final do século dezenove. Em 1860, um Herd-Book foi estabelecido no *Cantão de Wallis*. Em 1885, a raça foi oficialmente reconhecida e suas características foram fixadas durante os 30 anos seguintes.

Após a Segunda Guerra Mundial o número populacional tem diminuído, pois o Herens não estava apto a concorrer com as outras raças Suíças como animal leiteiro. Além disso, naquela mesma época, os fazendeiros deixaram as áreas de alta montanha, local tradicional de criação da raça.

No ano de 1990, ao redor de 12.500 animais foram contados na Suíça, sendo que, destes, 4.700 eram animais registrados em Herd-Book.

Atualmente, a raça encontra-se numericamente estável. Na França, em *Haute Savoie*, outro reduto de criação, aos pés do *Mont Blanc*, onde é chamada de “*la race Alpine Herens*” ou *Valdotaine Chatagnée*, apenas 63 vacas estavam registradas, em 17 fazendas, no ano de 1988. Cinco anos depois, em 1993, havia 120 vacas e 3 touros registrados.

As vacas criadas no campo, que são boas produtoras de leite, embora sejam meigas e amáveis com seus proprietários, revelam um espírito forte e combatente, chegando mesmo a lutar com as outras para conquistar a liderança do rebanho.

Após o tempo de estabulação de inverno, os rebanhos dos vilarejos são agrupados, formando manadas de 100 a 200 vacas, quando são levadas para pastoreio nos Vales Alpinos, em altitudes que variam entre 2.000 e 2.500 metros.

Quando se encontram nestes locais as vacas iniciam a lutar imediatamente e suas performances são atentamente observadas pelos pastores. A vaca que vencer as lutas passará a ser reconhecida como líder do rebanho pelas outras vacas componentes do grupo. Os pastores, então, conferem a ela o título de *Reine d'Alpage* (*Rainha dos Alpes*).

Durante alguns séculos o espírito de luta das vacas foi critério de seleção para a raça. Em função disso, os chifres dos animais jovens são direcionados para crescer da forma mais apropriada para as lutas. Durante os embates os animais são colocados frente a frente, cabeça a cabeça, até que uma se vire e fuja. Esta é a perdedora.

No início do século vinte, estas lutas eram tão comuns e apreciadas que os líderes de aproximadamente 100 rebanhos que pastavam em diferentes áreas dos Alpes promoviam encontros onde era disputado o título de *Reine des Reines* (*Rainha das Rainhas*), entre aquelas que se haviam consagrado como *Reine d'Alpage*.

As disputas eram bem organizadas e tinham regras próprias para os *Combats des Reines* (*Combate das Rainhas*), que ocorriam em Wallis a cada primavera, para depois participarem da final nacional, anualmente disputada em Aproz. Em 1994, apenas um criador francês tinha vacas concorrendo.

A qualidade da carne da raça *Herens* é tida como especial, porém destaca-se, também, por sua porcentagem de proteína no leite, facilidade de parto e a baixa mortalidade de terneiros. O *Herens* apresenta pontos fracos no que se refere à quantidade de leite produzido, ganho de peso diário, porcentagem de gordura do leite e puberdade sexual tardia.

Os animais são usados para abate, fornecendo carne de grande finura e bom paladar. Também são empregados como animais de trabalho. Trata-se, portanto, de uma raça de triplo propósito. Atualmente, e isso se destaca cada vez mais, há certo predomínio da criação destinada à produção de leite.

A média leiteira de 4.900 vacas, no ano de 1990, foi de 3.046 kg, com 3,82% de gordura e 3,3% de proteína. De seu rico e saboroso leite é fabricado o queijo *Valdor*, cujo valor de mercado é elevado. O queijo é fabricado da maneira tradicional por criadores nas montanhas e de forma moderna nas fábricas localizadas nos vales.

São animais muito ativos, resistentes às enfermidades. Seu satisfatório rendimento leiteiro não pode ser comparado com as concorrentes Simental ou Pardo Suíço, em função de terem que viver em condições muito menos favoráveis.

A cor da pelagem varia entre o castanho e o pardo escuro ou o vermelho escuro, que quase se aproxima do negro, com uma coloração levemente mais clara no dorso.

Animais com caudas, jarretes ou linha inferior de coloração branca não são aceitos no Herd-Book. Os bovinos *Herens* são pequenos, como se pode deduzir, observando-se seu habitat natural e modalidade de vida característica das regiões montanhosas, de considerável altitude.

As vacas medem, em média, 118 a 128 cm, com peso variável, desde 470 a 750 kg. Os touros medem 128 cm e pesam ao redor de 780 kg.

# Hereford

Copyright UK

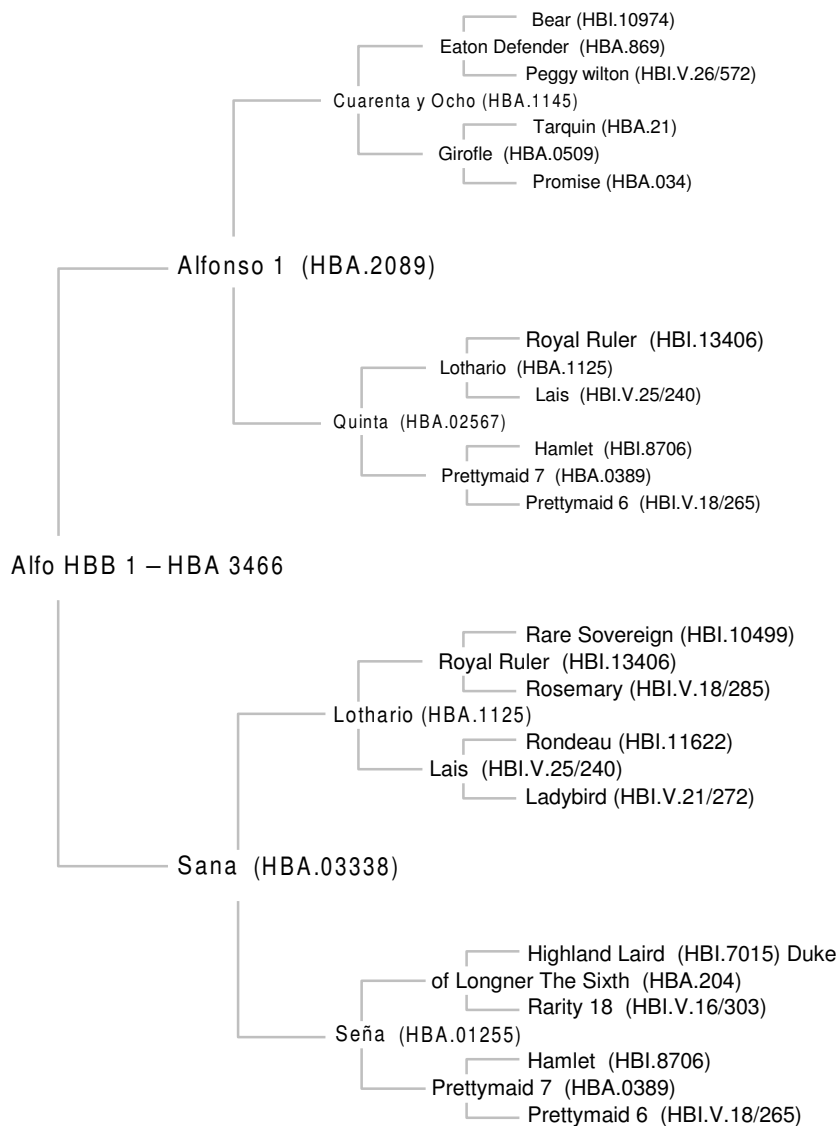


O Livro de Registro desta raça foi aberto com o touro *Alfo*, em 10 de maio de 1907. *Alfo* era argentino, nascido em 14 de setembro de 1905 e lá inscrito no HBA 3466. Foi importado por Laurindo Teixeira Brasil, da Estância do Posto, no município de Bagé, no Estado do Rio Grande do Sul, que o adquiriu de *Celedonio Pereda*, proprietário da *Cabaña Vila María*, no *Departamento de Buenos Aires*.

Os criadores Antonio Costa & Cia, de Bagé, foram os primeiros proprietários de ventres puros de origem que tiveram seus animais registrados. Em 05 de outubro de 1910, foram inscritas em nome deles quatro vacas importadas do Uruguai. O exportador chamava-se C. F. Lahusen, da *Estância Cerros de San Juan*.

Desse lote fazia parte a vaca *New Year's Gift 15*, HBU 3592, que foi a primeira inscrita, recebendo o HBB 16.

O primeiro animal nacional a ser registrado foi *Lofty*, que recebeu o HBB 31. Importada *in útero*, tinha *Broadward Challenger*, HBU 5035, como pai e *New Year's Gift 15*, HBB 16, como mãe.



Legenda:

HBB = Número de registro no Brasil;

HBA = Número de registro na Argentina; HBI

= Número de registro na Inglaterra.

As fêmeas inglesas, por não terem HBI, são identificadas pelo número do volume e da página onde estão registradas.

| Ano  | M   | F   | Total | Ano  | M    | F    | Total | Ano          | M             | F             | Total         |
|------|-----|-----|-------|------|------|------|-------|--------------|---------------|---------------|---------------|
| 1907 | 02  | --- | 02    | 1940 | 388  | 400  | 788   | 1975         | 2261          | 2723          | 4984          |
| 1908 | 02  | --- | 02    | 1941 | 385  | 408  | 793   | 1976         | 2284          | 2891          | 5175          |
| 1909 | 03  | --- | 03    | 1942 | 456  | 540  | 996   | 1977         | 1861          | 2047          | 3908          |
| 1910 | 13  | 12  | 25    | 1943 | 342  | 432  | 774   | 1978         | 2166          | 2492          | 4658          |
| 1911 | 04  | 11  | 15    | 1946 | 702  | 724  | 1426  | 1979         | 2163          | 2474          | 4637          |
| 1912 | 12  | 36  | 48    | 1947 | 536  | 590  | 1126  | 1980         | 1967          | 2232          | 4199          |
| 1913 | 22  | 15  | 37    | 1948 | 770  | 838  | 1608  | 1981         | 2064          | 2351          | 4415          |
| 1914 | 23  | 35  | 58    | 1949 | 641  | 756  | 1397  | 1982         | 1834          | 2127          | 3961          |
| 1915 | 14  | 10  | 24    | 1950 | 547  | 616  | 1163  | 1983         | 1534          | 1801          | 3335          |
| 1916 | 17  | 40  | 57    | 1951 | 1031 | 2093 | 3124  | 1984         | 1277          | 1664          | 2941          |
| 1917 | 17  | 22  | 39    | 1952 | 1549 | 2218 | 3767  | 1985         | 1252          | 1550          | 2802          |
| 1918 | 35  | 20  | 55    | 1953 | 1318 | 1978 | 3296  | 1986         | 996           | 1250          | 2246          |
| 1919 | 47  | 24  | 71    | 1954 | 1816 | 2233 | 4049  | 1987         | 1095          | 1267          | 2362          |
| 1920 | 73  | 70  | 143   | 1955 | 1840 | 2184 | 4024  | 1988         | 1441          | 1734          | 3175          |
| 1921 | 48  | 45  | 93    | 1956 | 2300 | 2700 | 5000  | 1989         | 1096          | 1276          | 2372          |
| 1922 | 72  | 85  | 157   | 1957 | 2092 | 2559 | 4651  | 1990         | 1112          | 1540          | 2652          |
| 1923 | 27  | 31  | 58    | 1958 | 1836 | 2217 | 4053  | 1991         | 1094          | 1256          | 2350          |
| 1924 | 44  | 42  | 86    | 1959 | 2364 | 2595 | 4959  | 1992         | 1330          | 1450          | 2780          |
| 1925 | 60  | 54  | 114   | 1960 | 2466 | 2625 | 5091  | 1993         | 1059          | 1244          | 2303          |
| 1926 | 68  | 99  | 167   | 1961 | 2451 | 2895 | 5346  | 1994         | 953           | 1109          | 2062          |
| 1927 | 79  | 100 | 179   | 1962 | 2878 | 3302 | 6180  | 1995         | 1026          | 1222          | 2248          |
| 1928 | 79  | 101 | 180   | 1963 | 2788 | 3428 | 6216  | 1996         | 964           | 1016          | 1980          |
| 1929 | 101 | 82  | 183   | 1964 | 2828 | 3676 | 6504  | 1997         | 986           | 1112          | 2098          |
| 1930 | 85  | 107 | 192   | 1965 | 2869 | 3791 | 6660  | 1998         | 695           | 802           | 1497          |
| 1931 | 142 | 136 | 278   | 1966 | 2449 | 2961 | 5410  | 1999         | 567           | 723           | 1290          |
| 1932 | 116 | 135 | 251   | 1967 | 3121 | 3513 | 6634  | 2000         | 674           | 746           | 1420          |
| 1933 | 129 | 133 | 262   | 1968 | 2578 | 3090 | 5668  | 2001         | 588           | 660           | 1248          |
| 1934 | 154 | 145 | 299   | 1969 | 2483 | 2978 | 5461  | 2002         | 807           | 990           | 1797          |
| 1935 | 136 | 137 | 273   | 1970 | 2797 | 3372 | 6169  | 2003         | 679           | 813           | 1492          |
| 1936 | 102 | 301 | 403   | 1971 | 2538 | 3073 | 5611  | 2004         | 651           | 729           | 1380          |
| 1937 | 236 | 331 | 567   | 1972 | 2057 | 2586 | 4643  | 2005         | 826           | 969           | 1795          |
| 1938 | 302 | 404 | 706   | 1973 | 2369 | 2635 | 5004  | ---          | ---           | ---           | ---           |
| 1939 | 425 | 554 | 979   | 1974 | 2634 | 3121 | 5755  | <b>Total</b> | <b>102998</b> | <b>123760</b> | <b>226758</b> |

A raça Hereford é originária do condado inglês de mesmo nome, localizado no centro-oeste da *Inglaterra*. Apesar deste ambiente natural, de vales e planícies com solos férteis, a raça se encontra hoje difundida de forma tão ampla por todo o mundo, que resulta de todo impossível definir a topografia e tipos de solo a que ela melhor se adapta.





O primitivo desenvolvimento da raça permanece pouco conhecido. Provavelmente esteja relacionado aos vizinhos *Gloucester*, *Welsh Black* e ao extinto *Glamorgan*, do sul de *Wales*, bem como com origem semelhante ao gado *Devon* e *Sussex*, do sudoeste da Inglaterra.

Baseando-se em escassos dados, conta-se que touros de origem *Holandesa* ou *Flamenga* levados de Dunquerque, na Holanda, para o *Lord Scudamore*, provavelmente conferiram ao Hereford seu tamanho e a cor branca da cara e da região abdominal. Isso põe em evidência a analogia que existe entre o Hereford e a raça *Groningen*.

Um estudo recente, efetuado pelo Departamento de Genética do Trinity College, de Dublin, na Irlanda, que utilizou marcadores genéticos para estudo do DNA, verificou o distanciamento genético de sete raças, entre as quais *Aberdeen Angus*, *Jersey*, *Hereford*, *Charolês*, *Holandês*, *Simental* e *N'Dama*. Verificou-se que a raça Hereford tinha maior afinidade genética com a raça *Holandesa*, do que com as outras duas raças britânicas, mostrando, portanto que a raça Hereford tem um passado em comum com as raças desta região da *Europa*.

Sem sombra de dúvidas, esta raça bovina de cara branca é conhecida desde longa data na Inglaterra. O melhoramento moderno começou com *Benjamim Tomkins* (1714-1789) e seu filho, continuador de sua obra, destacando-se como método seletivo a busca de precocidade de abate, empregando-se consangüinidade estreita.

Os *Tomkins*, como a maior parte dos demais criadores de gado *Hereford* daquela época, não se interessavam, em absoluto, por características de pelagem, consideradas secundárias e menos importantes. No início do século dezanove ocorriam muitos padrões de pelagens, entre os quais, verificavam-se animais vermelhos de cara branca, vermelhos de cara salpicada, cinza claros e pardos. Gradualmente, a pelagem *pampa* característica foi sendo imposta de tal modo que hoje é considerada como *marca de pureza* da raça.

Desde tempos imemoriais, o gado de *Herefordshire* e outras comarcas adjacentes tem sido famoso por seu tamanho, resistência e aptidão cárnica. Esta raça foi fundada a partir de um tipo que predominava em Hereford durante séculos. Já em 1627, mencionava-se a existência desta raça.

Os fazendeiros de *Herefordshire, Inglaterra*, estavam determinados a produzir carne, expandindo o mercado de comida criado pelos britânicos durante a *Revolução Industrial*. Para o sucesso destes primeiros criadores, eles tinham bovinos que poderiam converter a grama nativa em carne e tudo isso em lucro. Nesta época não existiam raças que fornecessem estas necessidades, tanto que os fazendeiros de *Herefordshire* encontraram uma raça de carne que, logicamente, tornou-se conhecida como Hereford. Estes primeiros criadores moldaram seu gado com a idéia em uma raça de alta produção de carne e eficiência produtiva. Assim, firmaram as características que hoje são sua marca registrada.

Apesar da incerteza quanto à sua origem, é certo que a raça já se encontrava estabelecida em 1788, quando se escreveu que “a raça de Hereford era, sem sombra de dúvidas, a primeira raça das Ilhas Britânicas”. Conseqüentemente, é inquestionável que ainda se desconheça sua origem. A moderna raça Hereford descende de animais de mérito indubitável e com uma notável resistência à enfermidades.

Nos últimos 25 anos do século dezoito a cara branca conquistou a preferência no gado Hereford, quando *Benjamin Tomkins*, que havia herdado o rebanho de seu pai em 1769, comprou duas vacas, ambas com estas marcas. As vacas eram *Pigeon* e *Mottle*. Além delas, uma terceira, chamada *Argent* são consideradas as fêmeas fundadoras da raça Hereford. Coincidentemente, *Mottle* significa mosqueado ou manchado e *Argent* sugere cinza ou prateado.

O crédito de *fundador da raça* é atribuído a Benjamin Tomkins. Isto ocorreu 18 anos após *Robert Bakewell* haver iniciado o desenvolvimento de suas teorias sobre cruzamentos de animais. Desde o início, Tomkins tinha como objetivo a economia na alimentação, a aptidão natural para crescer e ganhar peso, seja usando pastos ou a partir de grãos, rusticidade, precocidade e prolificidade, características que ainda são de primeira importância hoje em dia. Outros



criadores pioneiros seguiram a *Tomkins*, adquirindo e estabelecendo o gado de *Herefordshire*, renomado mundialmente, causando sua exportação desde a Inglaterra para qualquer lugar onde cresce pasto e a produção de carne é possível.

Os Tomkins iniciaram um número considerável de cruzamentos usando a consangüinidade como ferramenta de seleção, devido ao fato de que eles mesmos criavam e utilizavam seus touros. Este era o único critério qualitativo que os guiava: a rapidez de apronte e produção de carne.

O touro mais importante produzido por Tomkins foi *Silver Bull*, um neto da vaca *Silver*. Este touro tinha corpo vermelho e cara branca. O gado de *Benjamin Tomkins* era conhecido no fim do século dezoito, por sua constituição pesada e coloração, com corpo vermelho ou rosilho e cara branca ou mosqueada.

A maior parte dos demais criadores de Hereford daquela época não se interessava por características de pelagem, pois as consideravam secundárias e menos importantes. Depois, quando estavam suficientemente estabelecidas as características funcionais, estabeleceu-se uma controvérsia sobre o padrão de pelagem e marcas ideais que a raça deveria adotar como típica. No início do século dezenove as pelagens preferidas eram quatro, então consideradas as básicas: vermelha com a cara branca, vermelha com a cara salpicada, cinza clara e prateada. Gradualmente, os partidários das duas primeiras conseguiram fazer com que elas se impusessem sobre as outras duas. Uma vez adotadas estas combinações, elas foram fixadas por meio de seleção e cruzamentos consangüíneos, até que o vermelho e branco foi considerado como “*marca de pureza da raça Hereford*”.

O gado Hereford da Inglaterra, no final dos anos 1700 e início de 1800, era bem maior do que o de hoje. Muitos animais adultos daqueles dias pesavam 1.350 kg ou mais. *Cotmore*, um touro ganhador de várias exposições e notável padreador da época, pesou 1.960 kg quando foi exposto no *Royal Show* de 1839. Gradativamente, o tipo e a conformação mudaram para um peso e tamanho menos extremos, para que fossem conseguidos mais qualidade e eficiência. Esta mudança é inquestionável quando se compara com o peso de apenas 1.300 kg do campeão desta mesma mostra, 50 anos depois, no ano de 1889.

Em 1876, o *Hereford Herd-Book Society* foi fundado e no ano de 1883 o Herd-Book foi fechado, exceto para os animais cujos pais já se encontravam inscritos.

Por mais de um século o Hereford foi a mais importante raça de carne da Inglaterra. A partir dos anos 1920, o Hereford perdeu espaço para as raças continentais que produziam carne mais magra.

No começo do século dezenove os primeiros Hereford foram exportados para a América do Norte. Com o fim da Guerra Civil Americana, o início da Revolução Industrial e a expansão para o Oeste, o consumo de carne aumentou. Os rancheiros daquela região criavam, até então, o gado *Longhorn* local, originalmente trazido pelos Conquistadores Espanhóis. Porém, foram eles mesmos que levaram o gado Hereford para aquela região. Estes animais tiveram a habilidade de sobreviver, proliferaram e foram levados por trilhas para serem abatidos nos mercados do leste americano. Isto tornou o *Hereford* um grande melhorador. Os animais conseguiram sobreviver às condições rudes dos ranchos e melhoraram a qualidade da carne do rebanho nativo. Por causa disso, a demanda por touros *Hereford* teve um aumento especialmente significativo.

Para satisfazer a crescente demanda do mercado de reprodutores, que eram realmente necessários e muito procurados pelos rancheiros, para atender às necessidades da região oeste, os criadores de Hereford ampliaram seus rebanhos e fizeram grandes importações desde *Herefordshire*. Esse novo mercado era tão promissor que os investimentos se multiplicaram para atendê-lo. Por causa disso, as importações, que já contabilizavam a expressiva soma de 200 cabeças em 1880, saltaram para mais de 3.500 no período entre 1881-1889. A raça estava, então, amplamente distribuída por shows e exposições, recebendo grande aceitação entre os criadores norte-americanos.

O Hereford revolucionou a produção de carne na América. Graças à sua maturidade precoce, conseguia engordar mais cedo, produzindo o chamado *baby beef*. Outras características continuaram sendo consideradas como de grande importância nos programas de seleção, mas sem dúvida, o apronte precoce e a habilidade de engorde foi a grande alavanca que impulsionou a criação, pois o mercado pagava altos preços pelos animais que engordassem bem em regime de pastoreio a campo, além de dar preferência aos animais que demonstrassem a capacidade de engordar em tenra idade.

Para conseguir tal precocidade, os criadores, no fim da década de 30 e 40, selecionaram os animais para uma conformação corporal mais curta, baixa, ampla e profunda, produzindo animais *próximos ao chão*.

O mercado mudou novamente por volta de 1960, causando uma penalização nos preços dos animais deste tipo compacto. Então, novamente houve discriminação para os tipos que não se enquadravam nas necessidades de mercado.

Após a 2ª Guerra Mundial e início da década de 50, os tipos bovinos compactos, pequenos e gordos continuaram sendo favorecidos nas pistas de julgamentos. Entretanto, o mercado de carne estava mudando novamente, sem avisar aos criadores. Os novos conceitos sobre alimentação saudável estavam fazendo

com que o consumo de carne gorda começasse a declinar. Os consumidores já não queriam mais comprar o que consideravam como *excesso de gordura*.

O resultado foi que o mercado passou a pagar menos pelos animais com essa característica. Então um tipo diferente de bovino passou a ser o preferido pela indústria de carne. Os animais tinham de ter um tipo magro, longilíneo e com mais carne vermelha.

A economia conseguida nos custos de produção requeridos para o engorde do novo tipo animal era significativa, pois a conversão alimentar do pasto em músculo repleto de gordura, necessitava de um investimento muito menor. Isto fez com que os animais atingissem um tamanho maior e um estilo diferente de conformação. Então o tipo compacto foi abandonado, em favor de um animal maior e mais magro.

Ter conseguido atingir estes objetivos em um curto espaço de tempo é um tributo aos dedicados criadores de Hereford, à ampla base genética da raça e à habilidade dos produtores em utilizar modernas tecnologias em conjunto com aplicações práticas da arte de selecionar e criar.

Hoje em dia, o tipo animal mediano, que mantenha a precocidade sexual e de acabamento rápido, com boa cobertura de gordura na carcaça é o que o mercado demanda. A raça *Hereford*, mais uma vez se destaca por apresentar animais com tais qualidades, fornecendo aos criadores comerciais touros que estão recuperando as características perdidas.



A pelagem da raça Hereford, originalmente, se caracterizava por ser vermelha de cara branca ou vermelha e cara salpicada. A pelagem *pampa* característica foi se impondo, sendo hoje considerada como *marca de natureza* da raça. A pelagem vermelha, com cara, ventre e extremidades da cauda e partes inferiores das patas totalmente brancas, é chamada de *pampa*. A cara branca é dominante os cruzamentos, permanecendo nos mestiços por várias gerações.

Os criadores estão, cada vez mais, a procura de animais com pelagem vermelha ao redor dos olhos, além e pigmentação escura, que constitui

defesa contra a exposição à forte luz solar, pois acredita-se que isso reduza a formação de vesículas e de câncer nos olhos.

O animal da raça Hereford é bem constituído, com linhas harmônicas, equilibrado, vigoroso e de bom tamanho, devendo-se evitar ambos os extremos.

Desempenho, praticidade e lucratividade combinados, tornam o Hereford – essa magnífica raça de corte – a mais abundante em diversas regiões do mundo, sendo amplamente reconhecida como a raça básica. Fertilidade, rusticidade, eficiência alimentar, longevidade e adaptabilidade, são as características de corte básicas que asseguram que o *gado de cara branca* continuará a desempenhar um papel de destaque na indústria de carne bovina.

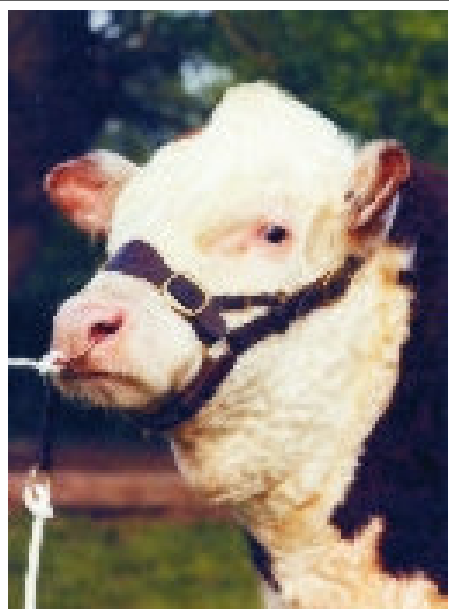
Gado famoso por seu tamanho, resistência e aptidão para a produção de carne, devido à sua conformação e capacidade de engorda, são considerados razoavelmente rústicos e prolíficos. A produção de carne é a sua aptidão principal. O gado é resistente ao extremo, em condições adversas, tanto ou mais que qualquer outra raça européia. São animais bastante eficientes, quando submetidos a regime de pastoreio. Nesse contexto, é capaz de apresentar adequada produção de carcaça, com carne bem marmoreada, como o mercado exige.

Desde as mudanças ocorridas nos pequenos animais do século dezenove, que tinham frame baixo e apresentavam até 15 cm de gordura de cobertura, seguidos pelos gigantes que se sucederam nas mostras de 1840 e 1850, o tipo animal atual é considerado como intermediário. As fêmeas medem, em média, 140 cm e pesam entre 500 e 800 kg, enquanto que os touros medem, em média, 152 cm, pesando entre 900 e 1.200 kg.

O Hereford é uma raça aspada em sua origem. Animais mochos foram desenvolvidos inicialmente nos Estados Unidos e a partir destes, enviados ao mundo todo. A variedade mocha apresenta o mesmo padrão racial do Hereford aspado, salvo no que se refere aos chifres, pois é desprovida deles, fazendo com que a conformação da nuca seja proeminente e arredondada.

A ausência de chifres é proveniente de dois tipos distintos de seleção. A primeira, chamada *Double Standard*, é devida a um gene recessivo. Os primeiros *Polled Hereford* foram desenvolvidos em Iowa, por Warren Gammon, em 1901. Ele utilizou sete vacas e quatro touros, que foram procurados e comprados em todo o território americano, após o envio de cartas a mais de 2.500 criadores.

A segunda forma utilizada para produzir animais mochos foi através de cruzamento com touros *Red Angus*, *Red Poll* e *Polled Shorthorn*, em sucessivos cruzamentos, para restaurar o padrão de pelagem da raça. A receptividade pelos mochos foi tão espetacular que hoje, um século depois, ao redor de 85% da população de *Hereford* mundial é mocha.



No que se refere ao *Polled Hereford*, a variedade mocha da raça, em 1928 foi importado um touro dos Estados Unidos, sendo registrado por seu proprietário, Sr. Félix Guerra, de Quaraí, RS. Em 1934, o mesmo criador importou mais dois touros e duas vacas, da mesma procedência.

A raça Hereford está amplamente difundida no mundo inteiro, sendo encontrada na Argentina, Uruguai, Brasil, Chile, Austrália, Canadá, Estados Unidos, Dinamarca, Irlanda, Nova Zelândia, Portugal, África do Sul, Espanha, Suécia, Zâmbia e Zimbábue.

Muitas raças compostas e sintéticas foram criadas ao redor do mundo, utilizando-se da raça *Hereford*. Nos *Estados Unidos* foram formados o *American Breed* (1/2 Brahman, 1/4 Charolês, 1/8 Bisão, 1/16 Hereford, 1/16 Shorthorn), o *Barzona* (25% Africânder, 25% Hereford, 20,8% Shorthorn, 16,7% Angus e 12,5% Brahman), o *Beefalo* (3/8 Bisão, 3/8 Charolês, 1/4 Hereford), o *Beefmaker* (50% Charolês, 50% Hereford, Aberdeen Angus e Shorthorn e alguma porcentagem de sangue Pardo Suíço e Brahman), o *Beefmaster* (50% Brahman, 25% Hereford e 25% Shorthorn), o *Braford* (5/8 Hereford e 3/8 Brahman), o *Charford* (1/2 Charolês, 3/8 Hereford e 1/8 Brahman), o *Hash Cross* (Hereford, Aberdeen Angus, Shorthorn e Highland), o *Regus* (Red Angus X Hereford), o *Simmallo* (50% Simental, 25% Bisão e 25% Hereford), o *Victoria* (75% Hereford e 25% Brahman), o *Victoria* (3/4 Hereford e 1/4 Brahman), o *RX3* (50% Red Angus, 25% Hereford e 25% Red Holstein), o *Salerford* (Hereford X Salers), o *Burwash* (Hereford X Charolês), o *Chiford* (Chianina e Hereford) e os comerciais *Better Idea* (50% Red Angus, 25% Hereford e 25% Pardo Suíço) e *Watson* (Hereford, raças leiteiras, Beefmaster, Red Angus, Red Holstein e Pardo Suíço), o *Beef Machine* (Red Poll, Hereford, Pardo Suíço, Angus, Frísio e Simental) e *Ranger*.

No Canadá foram desenvolvidos o *Hays Converter* (50% Hereford, 25% Holandês e 25% Pardo Suíço), o *Burwash* (50% Charolês, 25% Hereford e 25% Shorthorn), o *Fort Cross* (50% Charolês, 25% Lincoln Red e 25% Hereford), o *Pee Wee* (Angus, Charolês, Galloway e Hereford).

Outro país com grandes rebanhos Hereford é a Austrália, onde existem o *Simford* (Hereford X Simental), o *Wokalup* (Brahman, Charolês, Frísio, Hereford, Angus), o *Belmont Red* (50% Africânder, 25% Hereford e 25% Shorthorn), o *Sahford* (Hereford X

Sahiwal), *Australian Beefmaker* (75% Hereford e 25% Simental) e o sintético taurino resistente ao calor e carrapatos através de seleção de animais adaptados e cruzamento entre eles, o *Belmont Adaptaur* (50% Hereford e 50% Shorthorn).

Além destes, existem raças compostas com *Hereford* na *África do Sul*, o *Bonsmara* (5/8 Africânder, 3/16 Hereford e 3/16 Shorthorn), o *Hereland* (F1 Hereford X Highland), do *Reino Unido*, o *Nuras* (50% Africânder, 25% Hereford e 25% Simental) da Namíbia, o *Philamin* (1/2 Hereford, 3/8 Nelore e 1/8 Philippine nativo), das *Filipinas*, e os russos *Kazakh Whiteheaded* (Hereford X Kazakh local) da *Rússia*, *South Ukrainian* (50% Charolês, 25% Hereford, 25% Red Steppe), *Znamensk* (62,5% Aberdeen Angus, 25% Charolês e 12,5% Simental Russo).

O Brasil formou o *Santa Clara* ou *Pampiano*, que é composto por 5/8 Hereford X 3/8 Tabapuã e os primeiros cruzamentos ocorreram na *Fazenda Santa Clara*, no município de Rosário do Sul, no Rio Grande do Sul. Tempos depois, o nome da raça mudou para Pampiano-Braford. Essa denominação, no entanto, não durou muitos anos. Por uma questão de mercado e por razões de direito, a raça foi obrigada a adotar o nome americano de *Braford*. Com essa medida acabou excluída a denominação *Pampiano*, que a identificava com sua origem, o *Pampa Gaúcho*, uma referência aos campos da região da Campanha, no Estado do Rio Grande do Sul. Segundo a *American Braford Association*, os animais brasileiros, por apresentarem o mesmo grau de sangue que o *Braford* americano, seriam a mesma raça. Como eles haviam formado o *Braford* anteriormente, em 1937, a designação racial era mais antiga naquele país, portanto o cruzamento gaúcho teria que adotar o nome.



Copyright UK



O touro *WSF PRL Justa Banner*, HBB IA-166, doador de sêmen estrangeiro, de procedência norte-americana, teve 1.781 filhos registrados até 30 de junho de 2006, enquanto que a vaca *CV Discovery F8*, HBB 188.356, da criação de Alfredo William Losco Southall, teve 38 crias inscritas até aquela data.

Copyright Jean Pierre Martins Machado



A variedade mocha da raça Hereford , também conhecida como Polled Hereford , teve a primeira inscrição em setembro de 1934 . Ao touro Royal Ito , nascido em 03 de janeiro de 1929 e registrado na American Polled Hereford Association sob número 66.423 , coube essa distinção . De propriedade do Sr. Olímpio Guerra, do município de Quaraí, no Rio Grande do Sul, foi o primeiro animal dessa variedade a ser registrado no Herd-Book Collares, onde recebeu o número de HBB 1.

Na época em que Royal Ito foi inscrito o Herd-Bokk Collares havia optado por registrar a variedade mocha em Livro separado, a exemplo do que acontecia nos Estados Unidos, o que justifica a existência de outro HBB 1. No entanto, essa prática foi abandonada alguns anos depois, tendo-se adotado um Livro de Registro único para todos os animais Hereford, entendendo, acertadamente, que a raça é uma só, com duas variedades: uma aspada e outra mocha.



## Lincoln Red



s senhores Hedy & Florindo Torres, da Estância São Miguel, do município de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, fizeram, em 1974, uma importação de animais ingleses, totalizando quatro vacas e seis touros. No HBB número 1 foi inscrita *Firsby Northolm 200*, uma vaquilhona nascida em 25 de setembro de 1972, adquirida de J. F. Smith & Son.

Em maio de 1975 foi registrada *Edna 1 de São Miguel*, uma fêmea nascida em 25 de setembro de 1974, que recebeu o HBB 11. Era de criação e propriedade de Hedy & Florindo Torres. Este foi o primeiro animal nascido no Brasil a ser inscrito no registro genealógico.

| Ano  | Machos | Fêmeas | Total | Ano          | Machos    | Fêmeas     | Total      |
|------|--------|--------|-------|--------------|-----------|------------|------------|
| 1974 | 06     | 04     | 10    | 1991         | 03        | ---        | 03         |
| 1975 | ---    | 03     | 03    | 1992         | ---       | 02         | 02         |
| 1976 | 03     | 12     | 15    | 1993         | ---       | 03         | 03         |
| 1977 | 01     | 04     | 05    | 1994         | ---       | 01         | 01         |
| 1978 | 14     | 06     | 20    | 1995         | ---       | ---        | ---        |
| 1979 | 01     | 02     | 03    | 1996         | ---       | ---        | ---        |
| 1980 | 02     | 03     | 05    | 1997         | 04        | 04         | 08         |
| 1981 | 09     | 05     | 14    | 1998         | 01        | 04         | 05         |
| 1982 | 02     | 06     | 08    | 1999         | ---       | 01         | 01         |
| 1983 | 11     | 20     | 31    | 2000         | ---       | ---        | ---        |
| 1984 | 13     | 08     | 21    | 2001         | 02        | 03         | 05         |
| 1985 | 05     | 06     | 11    | 2002         | ---       | ---        | ---        |
| 1986 | ---    | ---    | ---   | 2003         | ---       | ---        | ---        |
| 1987 | 06     | 06     | 12    | 2004         | ---       | ---        | ---        |
| 1988 | 06     | 12     | 18    | 2005         | 02        | ---        | 02         |
| 1989 | 02     | 02     | 04    | ---          | ---       | ---        | ---        |
| 1990 | 01     | 01     | 02    | <b>Total</b> | <b>94</b> | <b>118</b> | <b>212</b> |

Inscrições de Lincoln Red PO – Puros de Origem. - Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

## Origem e História da Raça

A raça Lincoln Red teve sua origem no *Condado de Lincolnshire*, região nordeste da Inglaterra. O gado original de Lincolnshire, em seu estado primitivo e não melhorado, se caracterizava por ser de grande tamanho. No fim do século dezoito e início do século dezanove foram iniciadas as atividades de melhoramento.

Em 1799, estes animais foram descritos como sendo uma raça “*não superada por nenhuma outra deste país, em caracteres de alto valor ou a sua facilidade de engorde em qualquer idade.*” Este antigo tipo local foi, possivelmente, introduzido pelos Vikings no século nove ou dez.



No ano de 1810, *Charles Colling*, ao liquidar seu rebanho de bovinos Shorthorn, teve três de seus touros, todos de pelagem vermelha, levados para *Lincolnshire*. Cada um deles foi sucedido pela introdução de outros animais da raça Shorthorn. Estes animais cruzados com a raça local deram origem ao gado *Lincoln Red Shorthorn*. Os touros Shorthorn foram acasalados com as grandes e rústicas vacas malhadas de *Lincolnshire*. Essas vacas eram mantidas o ano todo a campo nesta região da costa

leste do Condado, o qual era assolado constantemente por ventos vindos do Mar do Norte. Através de consistente seleção, baseado em um grupo de bovinos Shorthorn de pelagem vermelha, criados por Colling e que foram levados para *Lincolnshire* no século dezenove, a característica cor vermelha da raça, bem como suas qualidades produtivas foram fixadas.

Os primeiros registros da raça eram feitos em conjunto com o Herd-Book da raça Shorthorn, no ano de 1822, porém em 1896 o *Lincoln Red* tornou-se uma raça, com seu próprio Herd-Book.

O *Lincoln Red* sempre foi uma raça de grande porte, com animais muito musculosos, que mantiveram este grande frame, mesmo quando outras raças britânicas tornaram-se pequenas, lá por volta de 1940. Em 1946, foi reconhecido como raça de dupla aptidão. Nesse ano seu Herd-Book foi dividido em duas seções, com uma sendo destinada ao registro dos animais selecionados para carne e a outra para os leiteiros.

A Associação de Criadores de *Lincoln Red* do Reino Unido, *Lincoln Red Cattle Society*, sempre foi pioneira em introduzir novas técnicas para melhoramento de raças.

Assim, foi a primeira a introduzir dados referentes à avaliação de carcaças, com a pesagem dos animais em idades específicas, bem como estabelecer pesos mínimos para a raça. Estas técnicas foram desenvolvidas e aplicadas numa época em que a seleção dos animais ainda era feita apenas por características visuais.

Nos anos 1960, apenas as raças escocesas *Aberdeen Angus* e *Galloway* e a irlandesa *Irish Moiled* eram mochas no Reino Unido. Um programa, que levava 25 anos para formar uma variedade mocha na raça, foi iniciado em 1938, quando o criador *Eric Pentecost* (1896-1980) usou touros *Aberdeen Angus* negros e vermelhos em algumas de suas vacas *Lincoln Red*, seguido de seletivos cruzamentos de *backcrossing* por cinco gerações, até que o primeiro *Polled Lincoln Red* pode ser registrado.

*Pentecost* usou, preferencialmente, touros *Red Angus*, pois acreditava que o fator vermelho recessivo na pelagem da raça *Angus* tinha origem na utilização de *Durham* (Shorthorn) vermelhos que haviam sido usados dois séculos antes. O *Polled Lincoln Red* está, hoje, absorvendo o tipo aspado.

Mais recentemente, em 1977, a associação da raça introduziu um controlado esquema para o desenvolvimento de um tipo animal moderno que se enquadrava nos requisitos do mercado consumidor britânico. Foram usadas raças européias para manter o tamanho, melhorar a conformação de carcaça e reduzir a gordura de cobertura, aumentando a quantidade de carne magra na carcaça. Para isso, foram usados animais das raças *Charolesa*, *Maine Anjou*, *Chianina*, *Salers* e *Limousin*.

A raça *Lincoln Red* apresenta peso ao nascer, em média, de 38 kg para os machos e 35 kg para as fêmeas. Os machos adultos chegam a pesar 900 a 1.000 kg, enquanto que as fêmeas pesam entre 600 e 700 kg.

A pelagem é de coloração vermelha cereja intensa, às vezes com nuances de sangue. Os sinais brancos caracterizam um retrocesso na raça e não são admissíveis.

O *Lincoln Red* tem uma excelente história como raça de dupla aptidão. A maioria dos criadores dirigiu seus criatórios para conseguir um tipo de animal de carne, com abundância de leite para a nutrição de suas crias. Nestes rebanhos, a seleção se voltou para melhorar o potencial leiteiro, obtendo-se bons animais deste tipo. Até meados da década de 1970 existiam alguns rebanhos leiteiros. As vacas para isso selecionadas podem produzir médias de até 3.500 kg, parindo regularmente e por vários anos, estando aptas a viver o tempo todo a campo.

Copyright: Jean Pierre Martins Machado



Os reprodutores gozam de boa reputação por sua docilidade e longevidade. Possuem uma marcada capacidade de engorde precoce, econômico e rápido. A carne tem grande aceitação e alta qualidade. São muito usados em programas de cruzamentos para a produção de mestiços, ocupando sempre importante lugar para esta finalidade.

Com o passar do tempo, o rebanho de carne, por sua habilidade de viver sob alimentação modesta e dar altos rendimentos de carcaça em várias idades de abate, suplantou o caráter leiteiro da raça, tornando o Lincoln Red uma raça de corte.

Animais Lincoln Red foram exportados para a África do Sul, com a finalidade de melhorar as raças nativas, onde sua adaptação a uma ampla variedade de climas e ambientes foi excelente. A Hungria recebeu grande número de animais puros, bem como sêmen de reprodutores Lincoln Red para o melhoramento do gado local, pois os criadores húngaros desejavam criar uma raça composta. A nova raça foi reconhecida pelo Governo Húngaro, em 1992, sob o nome de *Szentsi Voros* ou *Pankota Red*. No ano de 1993 foi vendido todo o rebanho de 600 vacas Lincoln Red, bem como os animais oriundos da raça composta. Além destes dois países, o Lincoln Red é encontrado na Austrália, Canadá e Estados Unidos, com menção sobre exportações para a Alemanha, Holanda, Nova Zelândia, Suécia, Cuba, Rússia e Romênia.

O Lincoln Red entrou na formação da raça *Pankota Red* (90% Lincoln Red e 10% Hungarian malhado), da Hungria. No composto canadense *Fort Cross* (1/2 Charolês, 1/4 Lincoln Red e 1/4 Hereford), e *Beevilde* (65% Lincoln Red, 30% Polled Shorthorn e 5% Abdeen Angus), na Inglaterra.

Na América do Sul, a raça foi introduzida na Argentina, segundo relatos, em meados de 1890, porém não há informação sobre o que ocorreu com os animais desde então. Em 1975, aconteceu nova introdução de Lincoln Red naquele país, através da requisição dos criadores de *Shorthorn*. Desde então, a raça está sendo usada em animais Shorthorn, sendo registrados todos em um mesmo registro genealógico e participando de exposições e feiras como uma raça única.

Copyright Jean Pierre Martins Machado





## Maine Anjou

Copyright UPRA Maine Anjou



**E**m 1972, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, através da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, importou um lote de seis vacas e dois touros franceses. O Livro de Registro teve início com a inscrição do touro Cut, nascido em 11 de julho de 1969, que foi adquirido do criador Paul Charbonneau.

| Ano          | Machos    | Fêmeas    | Total     |
|--------------|-----------|-----------|-----------|
| 1972         | 03        | 06        | 09        |
| 1973         | 01        | 01        | 02        |
| 1974         | ---       | 03        | 03        |
| 1975         | ---       | 01        | 01        |
| 1976         | 01        | ---       | 01        |
| 1977         | 04        | 21        | 25        |
| 1978         | 03        | 01        | 04        |
| 1979         | 03        | 04        | 07        |
| 1980         | ---       | ---       | ---       |
| 1981         | 01        | ---       | 01        |
| 1982         | ---       | ---       | ---       |
| 1983         | 03        | 03        | 06        |
| <b>Total</b> | <b>19</b> | <b>40</b> | <b>59</b> |

Inscrições de Maine Anjou PO – Puros de Origem. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

Beau-Gest, um macho nascido em 05 de março de 1973, que recebeu o HBB 10, foi o primeiro animal nacional registrado. Pertencia à Usina da Barra S/A Açúcar e Álcool, proprietária do estabelecimento denominado Usina da Barra, do município de Barra Bonita, no Estado de São Paulo.

O mês de julho de 1983 marca o último registro de Maine Anjou. Pertence a Titane 06 da JF, uma fêmea nascida em 07 de março daquele ano, que recebeu o HBB 59. Era da criação de Juventino Fernandes da Fonseca, da Estância JF, em Vacaria, no Estado do Rio Grande do Sul.



### **Origem e História da Raça**

A raça Maine Anjou é originária do noroeste da França. A partir de 1825, touros Durham (Shorthorn) foram importados para a Britania, uma região francesa, onde foi muito utilizada para cruzamentos, especialmente com a raça nativa Mancelle.

O Conde de Falloux foi o primeiro a iniciar o programa de cruzamentos, ainda em 1839, sendo mencionado como um dos mais proeminentes criadores do gado Durham-Mancelle. Juntamente com outros criadores de Falloux, no período entre 1836 e 1860, Falloux estabeleceu os rebanhos base para a nova raça. Essa denominação perdurou até 1908, quando uma nova associação se formou e a raça passou a ser chamada de Maine Anjou.

Oficialmente reconhecida em 1923, teve seu Herd-book aberto no ano seguinte.

No ano de 1962, para evitar a consangüinidade, os criadores de Maine Anjou, cuja população era numericamente pequena, juntaram-se a seus colegas que criavam a raça Armoricaïne, de mesma origem, para iniciarem uma operação conjunta que tinha como objetivo a mescla de seus rebanhos. Além disto, foram feitas importações de animais das raças Meuse Rhyne Issel (MRY) e Vermelha Malhada Alemã (German Red Pied), que foram também utilizadas, visando o incremento da produção leiteira. No ano de 1970, a cooperação com o Armoricaïne foi finalizada. Nos anos seguintes, a raça que era de duplo propósito, transformou-se num tipo de corte moderno, com corpo longo e musculoso.

O Maine Anjou tem um grande índice de crescimento e acentuada precocidade que o leva a ocupar lugar importante na produção de novilhos precoces, os quais se destacam por apresentarem carne com boa terminação. Além disso, os animais ostentam uma conformação de carcaça bastante apreciada pelos frigoríficos.

Em sua origem, a raça é mista, mas predominantemente carniceira e de grande tamanho, de veloz crescimento, excelente conformação para o corte, rápida maturação da carne e boa aptidão leiteira. Tem grande rusticidade e é capaz de adaptar-se muito bem a diversas condições de exploração em climas temperados.

É dócil e, por isso mesmo, seu temperamento é bastante tranquilo. Destaca-se, também, no que se refere à produção leiteira, facilidade de ordenha, baixa mortalidade dos terneiros e por ter baixo intervalo entre os partos.

A mais especial característica da raça é sua prolificidade, sendo comum o nascimento de gêmeos. É citada por apresentar a maior produção de partos geminados no mundo. A taxa de partos duplos está ao redor de 6 e 8%. O Clay Center, em Nebraska, USA, desenvolveu um composto com altos índices para a produção de gêmeos, chamado MARC Twin, onde faz parte o Maine Anjou, juntamente com o Sueco Vermelho e Branco (Swedish Red and White) e o Vermelho Norueguês (Norwegian Red), devido a esta característica.

A raça Maine Anjou, cujos terneiros pesam em média 50 Kg ao nascer, apresenta, em função disto, altas taxas de distocia. Mais ou menos 53% dos partos necessitam de auxílio.

Apesar de os produtos nascerem com peso elevado, a raça é conhecida por seu rápido crescimento e ganho de peso, que está ao redor de 2 kg por dia nos melhores animais jovens. Em um teste a que foram submetidos na Inglaterra, para avaliar a produção de carne, os animais Maine Anjou classificaram-se em segundo lugar, perdendo apenas para o Charolês. Em vista disso, são usados naquele país,



em muitos rebanhos leiteiros, para produzir animais F1. Na França, touros meio sangue Limousin X Maine Anjou são usados em programas de cruzamentos comerciais com o nome de INTA 95.

O Maine Anjou é uma raça de grande tamanho. As vacas têm, em média, 142 cm de altura, pesando entre 750 e 850 kg, enquanto que os touros alcançam, em média, 155 cm e pesam entre 1.110 e 1.350 kg. O recorde mundial de peso da raça foi o touro “Royal”, mostrado na Exposição de Paris em 1988, quando pesou 1.922 kg.

A vaca Maine Anjou tem excelente aptidão maternal e produção leiteira. Sua disposição para duplo propósito fica clara na produção leiteira, com produção média de 4.200 kg por lactação, com 3.9% de gordura e 3.42% de proteína.

Na França, a raça declinou em número devido ao crescimento da popularidade do Charolês. De 400.000 vacas no ano de 1970, essa cifra caiu para 86.000 em 1988, sendo que apenas 6.000 vacas e 2.000 touros foram registrados no Herd-Book. Entretanto, a raça apresentou novo crescimento em 1994, quando as estatísticas apontavam para, aproximadamente, 100.000 animais.

A raça Maine Anjou foi reconhecida na França em 1923, tendo seu Herd-Book aberto no ano de 1924. Entre os anos de 1962-70, foi reunida com a raça Armoricaine em um mesmo nome “Rouge de l'Ouest”.

No país natal é criada principalmente nos Departamentos do norte e leste, em especial em Pays de la Loire e Poitou-Charante. A partir de 1974, a raça teve exportações para a Argélia, Argentina, Bélgica, Brasil, Canadá, Estados Unidos, Reino Unido, Japão, Nova Zelândia, Rússia e Uruguai.

No Brasil, os touros Maine Anjou foram usados em cruzamentos com o Shorthorn para aumentar o tamanho da raça e melhorar a formação de carcaça. Entretanto, não manteve o interesse por parte dos criadores iniciais.

## Normanda

Copyright UPRA Normande



○ Livro de Registro desta raça foi aberto em agosto de 1923, com a inscrição de quatro vacas e um touro, todos importados da França por José G. Gauer, da Estância Pedra Branca, de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. No HBB 1 foi inscrita *Balançoire*, nascida em 20 de setembro de 1920 e registrada no Herd-Book francês sob número 13365. O exportador foi J. B. Lepaulmier.

Em 31 de dezembro de 1924 foi registrada *Reinette*, no HBB 8. Importada *in utero*, *Reinette* foi o primeiro produto nascido no Brasil, que recebeu registro. Seus pais eram *Rampan*, registrado na França sob número 1710, e *Toute Belle*, lá inscrita sob número 13880 e nacionalizada no HBB 2. O criador era o mesmo, José G. Gauer.

### Origem e História da Raça

O Normando é originário dos Departamentos de *La Manche* e *Calvados*, no sudoeste de *Le Havre*, península do *Contentin*, situada na *Normandia, França*, uma região de clima litorâneo, cujo solo é rico em cálcio.

A raça é bastante antiga, embora seu melhoramento e a criação do Herd-Book sejam relativamente recentes. A associação de raça foi criada em 1883 e reorganizada em 1926.

| Ano  | Machos | Fêmeas | Total | Ano          | Machos      | Fêmeas      | Total        |
|------|--------|--------|-------|--------------|-------------|-------------|--------------|
| 1923 | 03     | 04     | 07    | 1965         | 07          | 10          | 17           |
| 1924 | 01     | 02     | 03    | 1966         | 16          | 31          | 47           |
| 1925 | 01     | 01     | 02    | 1967         | 13          | 20          | 33           |
| 1926 | 02     | 03     | 05    | 1968         | 21          | 20          | 41           |
| 1927 | 01     | ---    | 01    | 1969         | 12          | 19          | 31           |
| 1928 | 05     | 02     | 07    | 1970         | 28          | 28          | 56           |
| 1929 | 02     | 02     | 04    | 1971         | 24          | 31          | 55           |
| 1930 | 01     | ---    | 01    | 1972         | 46          | 80          | 126          |
| 1931 | 02     | 04     | 06    | 1973         | 48          | 50          | 98           |
| 1932 | 01     | 02     | 03    | 1974         | 77          | 98          | 175          |
| 1933 | 08     | 01     | 09    | 1975         | 88          | 120         | 208          |
| 1934 | 03     | 04     | 07    | 1976         | 98          | 146         | 244          |
| 1935 | 07     | 02     | 09    | 1977         | 143         | 196         | 339          |
| 1936 | 04     | 16     | 20    | 1978         | 171         | 222         | 393          |
| 1937 | 18     | 34     | 52    | 1979         | 162         | 199         | 361          |
| 1938 | 08     | 17     | 25    | 1980         | 243         | 289         | 532          |
| 1939 | 19     | 12     | 31    | 1981         | 213         | 246         | 459          |
| 1940 | 16     | 16     | 32    | 1982         | 240         | 262         | 502          |
| 1941 | 21     | 21     | 42    | 1983         | 211         | 232         | 443          |
| 1942 | 13     | 21     | 34    | 1984         | 258         | 277         | 535          |
| 1943 | 44     | 64     | 108   | 1985         | 226         | 291         | 517          |
| 1944 | 12     | 11     | 23    | 1986         | 223         | 251         | 474          |
| 1945 | 35     | 28     | 63    | 1987         | 319         | 374         | 693          |
| 1946 | 23     | 34     | 57    | 1988         | 225         | 244         | 469          |
| 1947 | 12     | 12     | 24    | 1989         | 307         | 355         | 662          |
| 1948 | 12     | 27     | 39    | 1990         | 276         | 312         | 588          |
| 1949 | 23     | 23     | 46    | 1991         | 225         | 262         | 487          |
| 1950 | 27     | 35     | 62    | 1992         | 305         | 339         | 644          |
| 1951 | 20     | 43     | 63    | 1993         | 225         | 249         | 474          |
| 1952 | 14     | 59     | 73    | 1994         | 188         | 263         | 451          |
| 1953 | 12     | 13     | 25    | 1995         | 208         | 232         | 440          |
| 1954 | 09     | 08     | 17    | 1996         | 148         | 233         | 381          |
| 1955 | 14     | 11     | 25    | 1997         | 198         | 206         | 404          |
| 1956 | 16     | 18     | 34    | 1998         | 146         | 189         | 335          |
| 1957 | 16     | 17     | 33    | 1999         | 145         | 160         | 305          |
| 1958 | 12     | 19     | 31    | 2000         | 125         | 147         | 272          |
| 1959 | 21     | 50     | 71    | 2001         | 118         | 115         | 233          |
| 1960 | 09     | 13     | 22    | 2002         | 124         | 155         | 279          |
| 1961 | 35     | 21     | 56    | 2003         | 95          | 132         | 227          |
| 1962 | 23     | 19     | 42    | 2004         | 64          | 77          | 141          |
| 1963 | 11     | 10     | 21    | 2005         | 41          | 40          | 81           |
| 1964 | 04     | 04     | 08    | <b>Total</b> | <b>6590</b> | <b>7905</b> | <b>14495</b> |

Inscrições de Normando PO – Puros de Origem. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares





O gado local da região da *Normandia* pode ter sido influenciado por bovinos de origem escandinava durante os séculos nove e dez, por ocasião da ocupação *Viking*. Durante o século dezessete bovinos da Holanda foram importados e no século dezoito o gado da região já era bem conhecido. Durante a metade do século dezenove bovinos *Durham* (*Shorthorn*) e das Ilhas do Canal da Mancha foram utilizados para melhorar a raça local.

O gado Normando resultou do melhoramento progressivo de diversas populações locais, mas as raças britânicas importadas, especialmente a *Shorthorn*, desempenharam um papel notável no estabelecimento da moderna raça Normanda. A infusão de sangue *Shorthorn* e *Jersey* aconteceu entre os anos de 1845-60.

Dentre os tipos locais que entraram na formação final do *Normando* estão relacionados o *Augeronne*, criado na região de *Calvados* e que se acreditava ser descendente dos bovinos *Holandese*; o *Cauchoise*, uma linhagem pouco conhecida da região de *Pays de Cau*; o *Contentine*, encontrado na região de *La Manche*, raça que tinha duas variedades distintas: uma menor, com sangue *Jersey*, e outra maior, com clara infusão de *Shorthorn*; o *Sarlabot*, uma linhagem mocha que foi desenvolvida com sangue de animais *Red Poll*, importados de *Suffolk*; e, finalmente, o *Ducrot*, rebanho de propriedade do Sr. *Ducrot*, que foi desenvolvido com animais *Pardo Suíço* e *Shorthorn*.

O *Augeronne* e o *Contentine* foram unidos no século dezenove, formando assim a base da raça Normanda. Os mais importantes melhoramentos ocorreram no período entre 1850-80, quando a seleção foi direcionada para melhorar as qualidades leiteiras. Neste tempo a raça era afamada como uma das melhores de duplo propósito do

mundo. Sem dúvida, o *Shorthorn* contribuiu para a precocidade e o melhoramento da qualidade de carcaça, o *Jersey* provavelmente contribuiu para a sua alta taxa de gordura. A cara do Normando é convexa, como a do *Jersey* e, provavelmente, isto se deva à infusão de sangue que a raça teve no século dezanove.

Em 1883, em *Caen*, a associação da raça foi criada. Nesse mesmo ano foi aberto o primeiro Herd-Book. Por volta de 1890, a raça contabilizava ao redor de 1.760.000 animais. Depois disso, a seleção foi direcionada para criar um tipo bovino pesado que produzisse carne e leite. Em 1920, o *Herd-Book* foi reorganizado. A raça se expandiu, ainda que as duas *Grandes Guerras Mundiais* tenham causado muitas vítimas. Em 1960, já somava um quarto do rebanho nacional francês e em 1970 contava com mais de 51 milhões de animais. Desde então, os números têm decaído devido à expansão do *Holandês Francês*. No ano de 1992 eram estimadas apenas 900.000 vacas Normandas na França.

Copyright UPRA Normandie



A raça Normanda é notável por sua produção de carne relativamente magra, de excelente qualidade e leite com alto teor de gordura, com ótimas condições para produção de manteiga e queijo. Constitui-se, portanto, numa verdadeira raça de duplo propósito.

A capacidade leiteira média de 270.118 vacas no ano de 1993 foi de 5.074 kg de leite por lactação, com 4,31% de teor de gordura e 3,49% de proteína. Tradicionalmente o leite do Normando é usado para fabricar o queijo *Camembert* e o menos conhecido *Pont Leveque*.

Quanto à produção de carne, os novilhos apresentam boa qualidade, com carcaças pesadas. Vacas de descarte na França produzem carcaças médias de 350 kg e novilhos de 16 meses produzem carcaças de 360 kg, com 56% de rendimento. Parte da carne bovina consumida na França é produzida pela raça Normanda.

É uma raça de temperamento dócil, sendo indicada para fazendas mistas, em regime de semi-estabulação, nas quais possa receber forragens capazes de satisfazer suas exigências. No Brasil, a raça tem tido bom comportamento produtivo em diversas zonas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Nos últimos anos teve expansão para a região de Brasília e para o Estado do Mato Grosso do Sul.

Copyright Jean Pierre Martins Machado



A raça apresenta como característica especial a capacidade de ser criada em condições extensivas de manejo e se sobressai em musculabilidade, porcentagem de gordura e de proteína no leite, facilidade de manejo, ganho diário, facilidade de parto, baixo intervalo entre partos e precocidade sexual, se comparada com raças especializadas na produção leiteira.

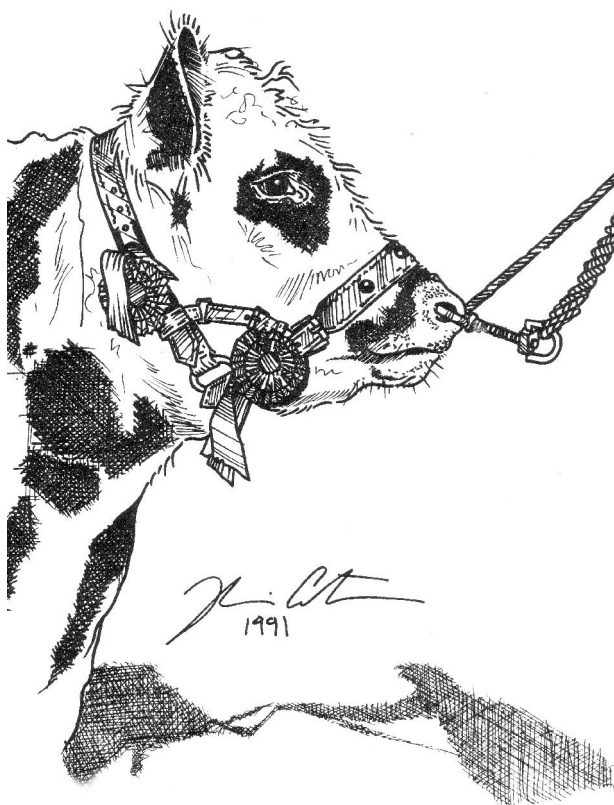
No cruzamento com as raças zebuínas, o gado Normando produz mestiços rústicos de rápido crescimento, pesados e produtores de carne de boa qualidade. Mesmo em cruzamentos com raças britânicas, produz novilhos que agregam ganho de peso e tamanho de carcaça e as novilhas têm boa capacidade leiteira, docilidade e facilidade de parto, servindo como ótima fêmea para ser usada em cruzamentos *tricross* com touros continentais.



A raça *Normanda* tem porte grande. Sua cabeça é curta e muito bonita, sendo esta uma de suas características mais marcantes. Tem um padrão de pelagem que varia desde o quase branco, com pequenas manchas em alguns animais, até quase totalmente colorido. O padrão da raça exige que todo animal tenha, obrigatoriamente, as cores branca, preta e marrom, independentemente da localização e das dimensões das manchas. Em geral apresentam padrão vermelho amarronzado escuro. Animais braziños também ocorrem. Apresentando uma estatura média de 140 cm nas vacas e 150 cm nos touros, são animais pesados, com as vacas pesando em média 750 kg, enquanto que os touros variam de 900 a 1.200 kg.

A raça é encontrada na França, com 90% de seu criatório localizado na região oeste do País. No tempo em que a raça tinha grande popularidade na França, foi exportada para muitos países, em especial para as colônias francesas, situadas no norte da *África* e em *Madagascar*, onde foi acasalado com a raça zebuína local, formando a raça *Rana*.

Nos Estados Unidos, foi inicialmente introduzida em 1885, mas seus descendentes foram absorvidos por outras raças. Nova introdução ocorreu a partir de 1974.



No ano de 1990 contava com uma população de dois milhões de animais na Colômbia. O Uruguai é um grande criador de gado Normando, sendo comum encontrar animais puros e cruzados nos campos do país. Em especial, o cruzamento com a raça Hereford é apreciado, por melhorar a capacidade leiteira das vacas e melhorar a pigmentação em torno dos olhos.

No Brasil, a raça é criada em vários estados e está sendo cruzada com raças zebuínas, para formar o Nor-manzu, com o Guzerá e o Branor, com qualquer das raças zebuínas.

O touro Batailleur, HBB 1.529, da criação do Condomínio Almedorina Osório Duarte, teve 401 até 30 de junho de 2006, enquanto que a vaca Telefonista, HBB 1.355, da criação de Ivo Bianchini, teve 14 crias inscritas até aquela data.



## Pinzgauer

Copyright Jochberger Hummel



**E**m 03 de novembro de 1982, três criadores paranaenses fizeram uma importação conjunta de dez animais, procedentes da Áustria. Era um lote composto por nove fêmeas e um macho. Os importadores foram Ivo Carlos Arnt, de Guarapuava, que adquiriu seis vacas e o touro; Erwin Rainer Von Harbach, de Tijucas do Sul, duas vacas, e Dionísio dal Prá, de Paranaíba, a outra.

O HBB número 1 ficou com a vaca *Stina*, nascida em 08 de novembro de 1971, que, em seu país de origem, fora inscrita sob número AL.F-392873, pelo criador *Zehner Florian*.

O primeiro registro nacional foi da vaca *Iracema*, HBB 11, nascida em 10 de outubro de 1974, também pertencente a Ivo Carlos Arnt, proprietário da Fazenda Cercadinho, no município de Tibagi, Estado do Paraná.

Pode parecer estranho que existam registros de animais nascidos no Brasil em datas anteriores à inscrição dos primeiros importados e que, mesmo assim, tenham sido registrados. Porém, o que aconteceu foi o seguinte: os importadores receberam os animais e a correspondente documentação de importação, mas, embora não tivessem procedido à nacionalização dos animais, procederam os acasalamentos, fazendo todas as anotações pertinentes. Quando tudo foi legalizado, solicitaram, ao mesmo tempo, o registro dos animais que aqui haviam nascido.

| Ano  | Machos | Fêmeas | Total | Ano          | Machos     | Fêmeas     | Total       |
|------|--------|--------|-------|--------------|------------|------------|-------------|
| 1982 | 31     | 43     | 74    | 1995         | 23         | 25         | 48          |
| 1983 | 08     | 07     | 15    | 1996         | 22         | 11         | 33          |
| 1984 | 17     | 10     | 27    | 1997         | 16         | 18         | 34          |
| 1985 | 11     | 14     | 25    | 1998         | 18         | 20         | 38          |
| 1986 | 03     | 14     | 17    | 1999         | 27         | 25         | 52          |
| 1987 | 03     | 03     | 06    | 2000         | 44         | 70         | 114         |
| 1988 | 10     | 21     | 31    | 2001         | 71         | 81         | 152         |
| 1989 | 12     | 15     | 27    | 2002         | 47         | 52         | 99          |
| 1990 | 37     | 32     | 69    | 2003         | 69         | 61         | 130         |
| 1991 | 26     | 15     | 41    | 2004         | 29         | 24         | 53          |
| 1992 | 18     | 15     | 33    | 2005         | 10         | 10         | 20          |
| 1993 | 25     | 50     | 75    | ---          | ---        | ---        | ---         |
| 1994 | 18     | 24     | 42    | <b>Total</b> | <b>595</b> | <b>660</b> | <b>1255</b> |

Inscrições de Pinzgauer PO – Puros de Origem. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

## Origem e História da Raça

A Áustria foi o berço da raça Pinzgauer, mais especificamente o *Vale de Pinzgau*, a quem deve seu nome. *Pinzgau* é um distrito na província de *Salzburg*.

A denominação da raça aparece pela primeira vez em documentos do ano 1600. Originalmente era uma raça antiga do tipo *Brachyceros Célticos*, que foi consolidada através de uma mistura entre muitas raças primitivas que viviam ao redor de *Salzburg* e no leste da *Bavária*, sul do *Tirol* e norte da Eslovênia. Seus ancestrais incluem um tipo *Céltico* castanho escuro que apareceu na região por volta de 450 a.C. tornando-se o tipo racial mais importante da região. A raça Pinzgauer é indígena das regiões alpinas e ainda que sua origem se perca na Antigüidade, algumas autoridades a consideram como resultado de um cruzamento entre bovinos *Celtas* e bovinos malhados (*Fleckvieh*). Entretanto, outros opinam que surgiu do gado malhado da montanha (*Bergscheck*). Pertence a um vasto grupo de bovinos malhados que evoluíram nos lugares colonizados pelo homem nos Alpes. É inquestionável que tem vivido durante séculos em seu atual habitat, sem receber qualquer melhoramento considerável nos últimos 100 anos.



Esta raça começou a ser desenvolvida por volta do ano 500 d.C., quando pastores alpinos que cuidavam de seus pequenos rebanhos nas pastagens das encostas rochosas dos Alpes começaram a desenvolver uma raça bovina vermelha e branca, a partir do gado nativo de pelagem vermelha da Bavária.

Estes primeiros criadores selecionavam animais que estivessem aptos a viver nas duras condições ambientais da região e que ainda produzissem carne e leite. O Pinzgauer é considerado como uma raça genuinamente de dupla aptidão, que foi selecionada para a produção de leite e carne, embora alguns autores a classifiquem como de triplo propósito, incluindo também o uso para trabalho.

Seletivos sistemas de cruzamentos na raça Pinzgauer iniciaram por volta do começo do século dezoito e foram mantidos durante o século dezenove, nos tempos do Império Austro-Húngaro.

A raça é classificada no mesmo grupo de sangue do Tux-Zillertal, Herens e, provavelmente, das raças malhadas vermelhas e brancas, e negras e brancas das terras baixas do noroeste europeu. O rico pêlo castanho escuro do Pinzgauer vem do Tux-Zillertal. É, também, conhecida na Europa como Pinzgau e Jocherg Hummel, que é a variedade mocha.

Em razão de suas excepcionais qualidades, a raça se destaca pela fertilidade, facilidade de parto, produção de leite, boa taxa de ganho de peso e ótima conversão alimentar. Todos esses atributos, somados à sua natureza dócil, tornam este gado prático e útil em diversas áreas e em numerosos tipos de manejo. Adapta-se facilmente a uma grande variedade de climas. Os problemas de olhos são raros. O pêlo crespo e firme, bem como sua pele flexível, são uma prevenção contra carrapatos e outros parasitos de fácil infestação.

São animais muito férteis, rústicos e longevos. Têm cascos muito fortes e resistentes, adaptáveis a uma ampla variedade de climas e terrenos. Sua bonita aparência chama muito a atenção. A beleza de seu tipo, aliada à capacidade de produzir terneiros cruzados, com alto vigor híbrido, tem conquistado novos adeptos a sua criação.

A progênie do Pinzgauer mostra médias altas para peso ao desmame, ganho de peso e conversão alimentar, porém mantendo a facilidade de parto que o criador deseja. Além da facilidade de manejo e baixo intervalo entre partos, produz uma carcaça de ótima qualidade, não só pela gordura de cobertura, como também pela excelente conformação.

O leite é rico em matéria graxa e o rendimento provavelmente poderia ser muito maior se a produção de carne e de trabalho, somada aos caracteres correspondentes, não revertisse em tanta importância econômica.

São animais possuidores de úberes com muito boa conformação e que se mantêm bem sustentados durante toda a lactação. Vacas registradas, submetidas a controles oficiais, produziram 5.100 kg de leite em 305 dias de lactação, com 3,9% de gordura e 4,8% de proteína.

A produção de carne do Pinzgauer é boa. Na Áustria e na Alemanha, animais abatidos com idade média de 18 meses pesam ao redor de 650 kg, com rendimento de carcaça de 57%. O ganho de peso médio diário é de 1,2 kg a 1,55 kg. Relatos de ganhos de peso em confinamentos sul-africanos, com machos castrados, indicam valores de até 2,5 kg.

O interesse pela raça e o número de criadores vem aumentando significativamente em países como Estados Unidos e Canadá, à medida que os produtores cada vez mais procuram uma vaca de corte de porte médio. Nestes países, enquanto algumas raças vêm abusando nas mudanças, visando atender demandas originadas nas exposições de animais, os criadores de *Pinzgauer* vêm selecionando continuamente para obter um animal prático e útil na produção de carne.

A *American Pinzgauer Association* tem um programa de cruzamento que permite a produção de animais *Purebred* (Puros Por Cruzamento), desde que tenham 7/8 de sangue para as fêmeas e 15/16 de sangue para os machos, através da absorção de vacas comerciais ou de qualquer outra raça por touros Pinzgauer. Nos Estados Unidos, no ano 1989, havia mais de 30.000 Pinzgauer, entre Puros de Origem e Puros Por Cruzamento.

A raça está potencialmente em perigo em alguns países, devido ao pequeno número de animais puros e ao alto *incrossing* com outras raças.

Na Áustria, a raça vem perdendo espaço para o *Simental*. Em 1985, eram 3,7% da população bovina, enquanto que em 1995 perfaziam 2,3% do rebanho local, contabilizando-se 53.874 animais.

As primeiras exportações foram para os países do leste europeu, entre 1810 e 1820. Para o sudoeste africano, hoje *Namíbia*, por volta de 1900, devido à colonização germânica naquela época. A raça se estabeleceu na região e permanece no sul do continente africano até hoje. Também é encontrada na Romênia, Checoslováquia e Iugoslávia, entre outros países. No começo do século vinte, foi exportada para a África do Sul, onde atualmente é o 2º maior rebanho puro do mundo.

Entre outros países, existem hoje associações de criadores no Brasil, Canadá, Estados Unidos, Namíbia, África do Sul, Reino Unido, Alemanha, Áustria e Itália.

A raça está dispersa por 22 países, sendo que existem vários *Pinzgauers* nacionais,

isto é, onde a raça tem variedades próprias de cada região. Aqui se pode citar países como Eslováquia, Iugoslávia e Transilvânia, onde é chamado de *Pinzgauer Dorna*, ao Norte da Romênia



Copyright Jochberger Hummel

A Pelagem básica é acastanha gama que varia do pardo claro ao pardo sempre, com uma faixa (franja) branca bem definida mas de largura variável ao longo de toda linha dorso-lombar. Essa faixa branca estende-se também, longo dos quartos, ventre, peito, membros abaixo do joelho. O pelo é suave, com o comprimento variando entre mediano e comprido.

São animais de tamanho médio, mas de conformação bastante robusta e compacta, com grandes pesos, quando comparada a relação peso corporal com o tamanho. Os machos medem entre 145 e 152 cm, pesando entre 1.100 e 1.350 kg. As fêmeas medem entre 136 a 145 cm, pesando entre 620 a 800 kg.

Foi introduzido no Brasil pelo criador Carlos Francisco Alves, de São José do Rio Preto, em São Paulo, no ano de 1968. Em 1973 foi realizada outra importação, que tinha como objetivo o aumento de plantel. Embora se tenha notícia de que esses animais tenham sido importados, eles nunca tiveram sua documentação apresentada para nacionalização.

A raça disseminou-se também para Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, adaptando-se bem aos diferentes tipos de pastagens e climas destas regiões. Hoje, o núcleo brasileiro de criadores está localizado no Estado de Minas Gerais, onde a raça mantém criadores com rebanhos Puros por Cruzamento e Puros de Origem, os quais efetuam esporadicamente importação de sêmen e animais diretamente da Áustria. As últimas importações de animais em pé ocorreram no ano de 1995.

O touro Cacique, HBB 14, da criação de Ivo Carlos Arnt, é o que tem o maior número de filhos registrados no Brasil, com 92 produtos inscritos, enquanto que a vaca SL Sapeca, HBB 592, da empresa São Lourenço Agropecuária Ltda, teve 39 filhos registrados até 30 de junho de 2006.



## Red Poll

Em 15 de novembro de 1920, o Cel. Guilherme Echenique, criador no município de Arroio Grande, registrou o touro *Pine Grove Hooper*, importado dos Estados Unidos da América, onde fora inscrito no HB 36203, a vaca *Molly Teddy*, lá registrada sob número 51348, e *Arethusa*, registro número 58071. Em agosto de 1929, esse mesmo criador inscreveu mais dois touros e duas vacas, igualmente de procedência norte-americana.

Em 1º de outubro de 1930 todo o plantel foi transferido para G. Echenique & Irmão Ltda., de Arroio Grande. Foram eles que, em 15 de dezembro de 1928, registraram *Omega Lux*, no HBB 13. Este foi o primeiro produto nascido no Brasil, que recebeu registro genealógico.

| Ano  | M   | F   | Total | Ano  | M   | F  | Total | Ano          | M           | F           | Total       |
|------|-----|-----|-------|------|-----|----|-------|--------------|-------------|-------------|-------------|
| 1920 | 01  | 02  | 03    | 1949 | 02  | 02 | 04    | 1978         | 09          | 11          | 20          |
| 1921 | --- | --- | ---   | 1950 | 05  | 05 | 10    | 1979         | 47          | 48          | 95          |
| 1922 | --- | --- | ---   | 1951 | 16  | 17 | 33    | 1980         | 25          | 25          | 50          |
| 1923 | --- | --- | ---   | 1952 | 22  | 10 | 32    | 1981         | 43          | 337         | 380         |
| 1924 | --- | --- | ---   | 1953 | 08  | 06 | 14    | 1982         | 66          | 301         | 367         |
| 1925 | --- | --- | ---   | 1954 | 10  | 06 | 16    | 1983         | 41          | 186         | 227         |
| 1926 | --- | --- | ---   | 1955 | 18  | 10 | 28    | 1984         | 19          | 20          | 39          |
| 1927 | --- | --- | ---   | 1956 | 05  | 10 | 15    | 1985         | 24          | 32          | 56          |
| 1928 | --- | 01  | 01    | 1957 | 10  | 08 | 18    | 1986         | 09          | 21          | 30          |
| 1929 | 05  | 02  | 07    | 1958 | 04  | 06 | 10    | 1987         | 44          | 45          | 89          |
| 1930 | 03  | 01  | 04    | 1959 | 07  | 13 | 20    | 1988         | 31          | 49          | 80          |
| 1931 | --- | --- | ---   | 1960 | 04  | 09 | 13    | 1989         | 25          | 37          | 62          |
| 1932 | 01  | 01  | 02    | 1961 | 15  | 17 | 32    | 1990         | 38          | 49          | 87          |
| 1933 | 01  | 01  | 02    | 1962 | 04  | 06 | 10    | 1991         | 61          | 56          | 117         |
| 1934 | 02  | 03  | 05    | 1963 | 14  | 18 | 32    | 1992         | 24          | 30          | 54          |
| 1935 | 03  | 01  | 04    | 1964 | 07  | 19 | 29    | 1993         | 45          | 45          | 90          |
| 1936 | 02  | 09  | 11    | 1965 | 16  | 15 | 31    | 1994         | 25          | 35          | 60          |
| 1937 | 10  | 11  | 21    | 1966 | 07  | 06 | 10    | 1995         | 42          | 65          | 107         |
| 1938 | 05  | --- | 05    | 1967 | 14  | 22 | 36    | 1996         | 54          | 51          | 105         |
| 1939 | 07  | 12  | 19    | 1968 | 11  | 14 | 25    | 1997         | 50          | 38          | 88          |
| 1940 | 03  | 06  | 9     | 1969 | 05  | 05 | 10    | 1998         | 54          | 52          | 106         |
| 1941 | 03  | 08  | 11    | 1970 | 35  | 41 | 76    | 1999         | 27          | 36          | 63          |
| 1942 | --- | --- | ---   | 1971 | --- | 13 | 13    | 2000         | 51          | 37          | 88          |
| 1943 | 11  | 08  | 19    | 1972 | 10  | 16 | 26    | 2001         | 64          | 57          | 121         |
| 1944 | 10  | 05  | 15    | 1973 | 13  | 05 | 18    | 2002         | 50          | 56          | 106         |
| 1945 | 05  | 05  | 10    | 1974 | 17  | 15 | 32    | 2003         | 15          | 20          | 35          |
| 1946 | 06  | 12  | 18    | 1975 | 18  | 18 | 36    | 2004         | 16          | 37          | 53          |
| 1947 | 07  | 02  | 09    | 1976 | 07  | 25 | 32    | 2005         | 04          | 08          | 12          |
| 1948 | 12  | 19  | 31    | 1977 | 06  | 01 | 07    | <b>Total</b> | <b>1410</b> | <b>2248</b> | <b>3658</b> |



## Origem e História da Raça

A origem do Red Poll pode ser traçada até duas raças que outrora eram abundantes em dois Condados no leste da Inglaterra e que por isso recebem seus nomes.

O *Suffolk Dun* era uma raça parda acinzentada, de caráter mocho e de boa produção leiteira. Há motivos para se crer que tenha origem *Danesa*. Outros padrões de pelagem que ocorriam eram o vermelho, vermelho e branco e o brazino. As raças de *Norfolk* eram vermelhas, freqüentemente com cara branca. O caráter mocho foi originado, provavelmente, pela influência do gado *Galloway*, pois desde a união das Coroas da Inglaterra e da Escócia, os animais eram enviados para ser engordados nos ricos pastos de *Suffolk* e *Norfolk*. Uma recente teoria sobre a origem do caráter mocho da raça está associada ao *British White*, suportada recentemente por pesquisas bioquímicas.

Desde o início do século quinze as vacas desta raça tinham reputação de serem boas leiteiras. Os bovinos de maior pureza eram encontrados no centro do *Condado de Suffolk*, durante o século dezenove, mas o aumento dos cruzamentos com o *Norfolk* e o *Shorthorn* resultou em um declínio da população, tornando-os raros na metade do século dezenove.

As vacas lembram os animais escandinavos, com cabeças grandes, pouca musculatura, quartos traseiros de pouca carne e grandes úberes. Ainda hoje existem raças de caráter mocho, nos países escandinavos, com pelagem vermelha e padrão racial





muito semelhante ao Red Poll. Ao longo da fronteira entre *Norfolk* e *Suffolk*, especialmente no distrito de *Bungay*, existiam animais de pelagem pintada que eram chamados de *Earsham Polled*. O *Norfolk Horned* ou *Norfolk Red* é um tipo mais pesado que o *Suffolk Dun*. Os *Norfolk* eram animais pequenos e vermelhos, freqüentemente com manchas brancas na cabeça. Eram conhecidos por sua precocidade de engorde e terminação. No início do século dezenove, devido aos cruzamentos com o *Suffolk Dun*, muitos destes animais já não tinham chifres. A utilização da raça *Devon*, para absorção, teve início nos primeiros anos do século vinte, em especial pelo *Duque de Leicester*.

As raças foram unidas em 1846, depois de ter ocorrido a união das *Associações de Agricultura* dos dois Condados. As distinções originais entre os rebanhos de cada um daqueles Condados, os rebanhos de *Suffolk* para leite e os de *Norfolk* para carne, estavam quase totalmente desaparecidas em 1900. Além disso, os chifres, naquele tempo eram vistos apenas na forma de batiques ou nem isso.

A origem das qualidades leiteiras do *Suffolk* é desconhecida. Afirma-se que há uma relação de origem com gado importado da Holanda entre 1600 e 1700, mas essa teoria não foi comprovada.

No início de 1800, *John Reeves* começou a cruzar as duas raças esperando criar uma nova, de duplo propósito, que iria combinar o tamanho, caráter mocho e habilidade leiteira do *Suffolk Dun* com a maturidade precoce, capacidade para produzir carne e cor da pelagem do *Norfolk Red*. *Reeves* atingiu seu objetivo quando no ano de 1840 a progênie resultante deste cruzamento foi estabelecida e exibida nas exposições inglesas.

O reconhecimento oficial como raça ocorreu em 1846, com a aprovação da *Royal Agriculture Society*. Em 1873, o primeiro volume do Herd-Book foi publicado sob o nome de *Norfolk and Suffolk Polled*. No ano de 1882 a raça foi renomeada como *Red Polled* e no ano de 1888 foi formada a *Red Polled Cattle Society*. Em 1908, o nome foi encurtado para *Red Poll*.

Logo após a Segunda Guerra Mundial, o Red Poll tornou-se uma das mais importantes raças do Reino Unido, de onde foi exportada para muitos países do mundo.

Nos anos 1960, quando as raças de duplo propósito perderam popularidade, a escolha para uma finalidade foi feita, sendo o caráter leiteiro escolhido como opção. Touros Vermelhos da Dinamarca (*Danish Red*) foram importados e usados na raça, para melhorar a produção leiteira, no ano de 1961. Em 1980 apenas 10% da população de Red Poll estavam livres de sangue *Danish Red*. Cinco anos depois, a moda teve fim.

O Rare Breeds Survival Trust, organização inglesa que tem por finalidade salvar guardar as raças nativas do Reino Unido, através de programas de conservação de animais, sêmen e embriões, listou o Red Poll como uma raça em perigo, no ano de 1987. Naquele ano restavam apenas 20 rebanhos sobreviventes a esta fase de cruzamentos. Seguindo-se a esse período de baixa populacional a raça está crescendo novamente, pois tendo partido de um universo onde se contabilizavam 947 vacas e 27 touros registrados em 1988 – quando foi reclassificada com o status de vulnerável –, um ano depois já eram 39 touros e 1.325 vacas em observação.

Outra organização de proteção a raças raras, o *American Minor Breeds Conservation*, dos Estados Unidos, classifica a raça como *em observação*, pois foram registrados 1.472 animais em 1987, o que pode ser considerado como um aumento de rebanho, se comparados os números ao ano de 1985, mas ainda menor do que em 1970, quando foram registrados 1.777 animais.

O Red Poll é hoje uma raça de aptidão dupla, sendo usada para produzir leite e carne. As vacas são excelentes leiteiras, com uma produção que pode chegar a 6.000 kg, com índice de matéria graxa da ordem de 3,9%. Seu leite é usado especialmente na fabricação do queijo *Cheddar*. Às vezes as vacas têm as tetas um pouco grandes. Rebanhos registrados apresentam produção média de 4.101 kg de leite, com 3,43 % de gordura e 3,26 % de proteína.

A produção de carne é muito boa para uma raça de duplo propósito, apresentando rendimentos de até 65%, com boa cobertura de gordura. A carne é de boa qualidade, de textura suave e consistência firme.

A precocidade da raça é satisfatória para justificar o seu valor. As novilhas parem pela primeira vez aos dois anos e meio, tendo, em média, oito lactações em sua vida produtiva. A longevidade faz com que seja diminuída ao mínimo a reposição de ventres. É uma raça de grande rusticidade e prolificidade. As vacas são boas mães e desmamam terneiros pesados.

Os machos são prepotentes nos cruzamentos, passando em grande porcentagem para a sua progênie a cor do pêlo, o caráter mocho e a capacidade leiteira. Geralmente os novinhos são abatidos precocemente, com elevado rendimento de carcaça.

A raça é considerada como tendo boa resistência ao calor, o que é demonstrado por sua expansão em locais de clima tropical.

O Red Poll se caracteriza pela pelagem vermelha escura e uniforme, admitindo-se pêlos brancos na vassoura da cauda. A vassoura branca predomina nos animais apresentados nas recentes exposições e nos melhores plantéis de seleção. Embora seja uma raça com forte aptidão leiteira, em vários países do mundo o caráter para produção de carne está sendo selecionado, com vários prêmios sendo conquistados em concursos de carcaça na Austrália, África do Sul e Nova Zelândia.

No Brasil, o Red Poll está mais direcionado à produção de carne, embora os criadores tenham sempre a preocupação de não se descuidarem com o caráter leiteiro, pois esta é uma característica de grande importância por ser inerente à raça.

No geral, as fêmeas medem de 127 a 132 cm e pesam ao redor de 500 kg. Os machos medem de 140 a 150 cm e pesam entre 700 e 800 kg.

Nos anos compreendidos entre 1873 e 1887 um total de 332 animais foi exportado para a América do Norte, onde desde a década de 1950 está sendo selecionada para carne nos Estados Unidos.

Além dos Estados Unidos, a raça já foi exportada para a África do Sul, Austrália, Brasil, Canadá, Espanha, Colômbia, Nova Zelândia e Zimbábue. Foi introduzida na África do Sul por *Cecil John Rhodes*. A "*Red Poll Cattle Breeders Society*" foi fundada em 1921. Desde então, a associação de criadores e o Red Poll cresceram tanto em número e popularidade que o *South African Stud Book* criou um Herd-Book separado para a raça. Porém, com a chegada das grandes raças continentais à África do Sul, o número de Red Poll começou a declinar rapidamente, até que no ano de 1996 foram registradas apenas umas poucas centenas de animais.

Em vários países e, também, nos rebanhos sul-africanos a raça Red Poll é usada principalmente para a produção de carne e as suas inerentes habilidades leiteiras são usadas para obter terneiros de excelente qualidade. Há, entretanto, muitos rebanhos ao redor do mundo e, particularmente, na Grã Bretanha, onde o Red Poll é usado para produção de leite.

A habilidade da raça em manter altos níveis de produção com baixa quantidade de concentrados, apenas sobre pastagens naturais, especialmente devido às qualidades cárnicas do terneiro, freqüentemente a torna mais valiosa, em muitas regiões, do que as reconhecidamente especializadas na produção de leite.

As qualidades mais amplamente reconhecidas na raça são: primeiramente, o caráter mocho, naturalmente dominante e, segundo, a cor vermelha. Estas

características são combinadas com a natural habilidade materna e leiteira, longevidade, fertilidade, temperamento dócil, facilidade de parto e rápido crescimento dos terneiros. Isto torna o Red Poll um animal ideal para ser utilizado em qualquer programa de cruzamentos. O Red Poll é, verdadeiramente, uma raça de duplo propósito, embora alguns se refiram a ela como sendo de multipropósitos.

Ao ser exportado para tantos países e tendo conservado suas importantes características para a produção de carne e leite, seguramente o Red Poll seria usado, como realmente foi, para melhorar ou formar raças sintéticas e compostas.

Dentre elas, podemos citar o *Beef Machine* criado no México; nos Estados Unidos, também o Red Poll foi usado junto com o Hereford, Pardo Suíço, Angus, Frísio e Simental. No continente australiano o *Droughtmaster* foi formado com parte de Red Poll, que foi aliado ao *Red Brahman*, *Santa Gertrudis*, *Africânder*, *Shorthorn*, *Hereford* e *Devon*.

Na América Latina influenciou a raça colombiana *Romosinuano*, juntamente com a raça Aberdeen Angus, sendo ambas responsáveis por mochar esta raça crioula. A raça *La Velásquez*, também oriunda da Colômbia, tem 50% de sangue Red Poll e o restante dos genes divididos entre *zebu* e *Romosinuano*.

Na região do Caribe, entre os anos de 1910 e 1942, foi formada a *Jamaica Red*, uma raça que foi criada para produzir carne e leite, sendo oriunda do cruzamento entre Red Poll, zebu e uma pequena porção de South Devon. As vacas Jamaica Red pesam entre 450 e 700 kg. e os touros entre 800 e 900 kg.

Atualmente a raça derivada do Red Poll que mais está sendo utilizada é o *Senepol*. Formado nas Ilhas Virgens de Saint Croix, é resultado do cruzamento de Red Poll com a raça africana do tipo *Sanga N'Dama*. As fêmeas pesam em média 550 kg e os machos atingem 750 kg.

No Brasil o Red Poll foi utilizado pelo Frigorífico Anglo, no Estado de São Paulo, para formar uma raça sintética que produzisse carne e leite sob as condições tropicais. A raça se chama *Pitangueiras* e tem 5/8 de sangue Red Poll e 3/8 de sangue Guzerá.

O touro *Lowpark Musketeer*, HBB 857, da criação de Silvio Domingues Alves teve 355 filhos registrados até 30 de junho de 2006, enquanto que a vaca *Avenca Sambuca da São Chico*, HBB 1.245, da criação de Sérgio Tadeu Mendes dos Santos teve 11 filhos inscritos até aquela data.

## Salers

Copyright UPRA Salers



No livro de registro desta raça verifica-se a inscrição do touro de nome Totó, no HBB número 1. Este reprodutor foi importado da França, em 1986, por Danilo J. Agostini & Paulo de Souza Jardim, para o município de Camaquã, no Rio Grande do Sul.

Nascido em 23 de fevereiro de 1982, Totó era de criação de Charles Andrieu e foi inscrito no Herd-Book Francês sob número 15482049628.

Desde 1998 não se verifica mais nenhum registro. O último animal inscrito foi o JCD 014 Salers, um macho, nascido em 25 de janeiro de 1997, que recebeu o HBB de número 22. Era de criação e propriedade de José Carlos Berta Dornelles & Carlos Eduardo Loguércio, do estabelecimento denominado Parada, no município de Alegrete, Estado do Rio Grande do Sul. A data do registro é 21 de setembro de 1998.

| Ano  | Machos | Fêmeas | Total | Ano          | Machos    | Fêmeas    | Total     |
|------|--------|--------|-------|--------------|-----------|-----------|-----------|
| 1986 | 01     | ---    | 01    | 1993         | ---       | 02        | 02        |
| 1987 | ---    | ---    | ---   | 1994         | ---       | ---       | ---       |
| 1988 | ---    | ---    | ---   | 1995         | 01        | 01        | 02        |
| 1989 | ---    | ---    | ---   | 1996         | ---       | ---       | ---       |
| 1990 | ---    | ---    | ---   | 1997         | ---       | ---       | ---       |
| 1991 | --     | ---    | ---   | 1998         | 09        | 08        | 17        |
| 1992 | ---    | ---    | ---   | <b>Total</b> | <b>11</b> | <b>11</b> | <b>22</b> |

Inscrições de Salers PO – Puros de Origem. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Colares.

## Origem e História da Raça

O Salers surgiu na parte sul da França, em uma comarca delimitada, aproximadamente, por Gourdon, Villefranche, Briode, Issoire e Bort-les-Orgues. Foi formada e teve seus atributos desenvolvidos durante séculos de auto-suficiência na região rústica e montanhosa do centro-sul da França. Arqueólogos encontraram pinturas nas cavernas, representando animais deste tipo, datadas de mais de 7.000 anos.

A raça recebeu seu nome de um povoado medieval localizado no coração da área vulcânica do Maciço Central. A partir do século dezenove, a seleção tem sido direcionada para o tipo de pelagem vermelha escura uniforme. É uma raça de triplo propósito: trabalho, leite e carne. Criado nos pobres solos vulcânicos do Maciço Central francês, o Salers é uma raça de origem desconhecida, possivelmente tendo sido originada do gado de chifres longos do Período Neolítico, que foi o primeiro tipo doméstico a alcançar a França, pelo sudeste do Mediterrâneo, através da Península Ibérica. Enquanto a maioria dos bovinos de chifres longos foi suplantada por bovinos de chifres curtos, alguns locais isolados, como na região do Maciço Central, este tipo animal se manteve. Semelhanças externas com a Alentejana, de Portugal, e Retinta, da Espanha, sugerem uma relação histórica com estas raças que, por sua vez, também são históricas.



Copyright UPRA Salers



Touros das raças West Highland, Shorthorn e Devon foram usados, na metade do século dezenove, para cruzamentos absorventes sob o gado Auvergne. O Salers logrou sucesso devido aos esforços de um homem, Tyssander d'Escous, que selecionou e melhorou a raça. Este importante criador esteve envolvido em desenvolver e promover a raça a partir do século dezenove, dando nome à raça. Também foi ele quem organizou a primeira competição de gado Salers, em 1854, onde 360 animais foram expostos.

O Herd-Book somente foi aberto em 1908. Nesta época, o Salers já havia conseguido expandir-se, tendo absorvido parte da raça Ferrandais, da região de Forez. Recentemente, uma variedade local antiga de Salers, chamada Besse ou Bessarde, da região de Artense, em Puy-de-Dôme, teve seu desaparecimento oficializado. Isto aconteceu no período compreendido entre 1970 e 1980.

Os Salers são animais de grande porte. Apesar de raros, era possível encontrar um pequeno número de animais com pelagem preta e/ou mochos, na população local.

Como uma raça de triplo propósito, estes animais estavam restritos ao Maciço Central francês, em altitudes que variam desde 600 até 1.300 metros. Hoje, tem considerável popularidade como uma rústica raça de carne na França, bem como em alguns lugares fora dela.

Originalmente criada para ser utilizada na produção de carne, leite e trabalho, a raça Salers vem sendo explorada, predominantemente, na produção de carne, a partir dos anos 1960. Atualmente tem sido valorizada pelos pecuaristas por suas qualidades maternas, facilidade de parto, produção de leite, boa conformação de úbere, correção de aprumos e tolerância aos extremos climáticos.

A raça tem um grande índice de crescimento e fornece carne de qualidade, que é muito apreciada na França. Produz animais para terminação, tanto em raça pura quanto nos cruzados com o Charolês. São muito solicitados pelos confinadores. A vaca Salers, muito fértil e parindo sem nenhum problema, inclusive em cruzamentos com touros de elevado desenvolvimento muscular, tem, também, uma acentuada aptidão leiteira, o que lhe proporciona a qualidade de ser uma excelente mãe, capaz de amamentar, se necessário, dois terneiros de uma só vez.

O Salers é versátil, oferecendo opções de mercado, visto que pode ser usado em qualquer momento do ciclo produtivo, atraindo uma grande demanda de animais, embora não maximize todas as suas características.

A facilidade de parto apresentada pela raça não está atrelada apenas ao baixo peso do terneiro, mas ao fato de que as vacas têm uma área pélvica de grande tamanho e com boa conformação. Os terneiros nascem com grande vigor, apresentando índices excelentes de sobrevivência.



Mesmo quando as vacas são alimentadas com forragens de baixa qualidade, elas são capazes de transformar o alimento pobre em carne, além de conseguir manter a produção de leite para seus terneiros, que desmamam com altos pesos. As vacas cruzadas não são terminais, podendo ser usadas em outras etapas dos sistemas de cruzamentos devido à sua versatilidade e adaptação, sendo uma grande vantagem a de ser explorada em programas de cruzamento. A excepcional capacidade que têm de desmamar terneiros pesados é elogiável.

Outras características importantes da raça são sua fertilidade e a boa produção de leite. As fêmeas puras ou cruzadas são de grande precocidade, atingindo a puberdade em idade precoce, com bons índices de concepção. Elas apresentam uma característica inata de balancear a produção de leite sem detrimento da fertilidade, o que hoje em dia é pouco observado em outras raças de corte de tamanho elevado.

A grande rusticidade do Salers permite sua adaptação a diferentes tipos de condições. Possui excelentes aprumos, facilitando a caminhada em terrenos acidentados ou úmidos. As mucosas são bem pigmentadas, resistindo às doenças da pele e dos olhos, adaptando-se bem a regiões quentes, com grande incidência solar. Também resiste muito bem ao frio, devido à sua capa de pêlos abundante.

Em 1992, eram 23.977 vacas registradas na França. A raça apresenta 92% de partos não assistidos e 8% de partos assistidos, sendo que 84% das vacas parem pela primeira vez entre os 32 a 40 meses e somente 3% delas parem com idades superiores a essas.

As vacas alimentadas exclusivamente com forrageiras grosseiras produziram 3.000 kg de leite, com 3,8% de matéria graxa e 3,4% de proteína. Ainda existem vacas sendo ordenhadas na França para a produção de produtos lácteos, porém só podem ser ordenhadas em presença da cria. As vacas podem parir sem problemas até os 14 anos, mesmo quando submetidas a touros com pesada musculatura, como Limousin ou Blonde d'Aquitaine.

A produção de carne da raça Salers é muito boa, devido à precocidade na engorda, permitindo obter carcaças bem cobertas a um peso e idade interessantes. O ganho de peso diário dos animais puros varia de 1.000 a 1.100 gramas/dia, obtendo-se um rendimento de carcaça em torno de 62%, aos 24 meses, no sistema europeu de manejo.

A cor e o perfil da carne oferecem um atrativo suplementar às qualidades gustativas, que são reconhecidas por profissionais do ramo, as quais podem ser consideradas como um trunfo em raça pura.

A pelagem é pesada e enovelada para a proteção do animal durante o inverno, mas, nos meses quentes de verão, dá lugar a um pêlo fino e curto.

A coloração padrão da pelagem é vermelha escura, porém existe um gene recessivo que pode dar origem a animais de pelagem negra. A pigmentação escura de sua pele a protege da radiação em climas quentes, diminuindo os problemas de olhos e de úbere. Este fato é atribuído por alguns autores e pesquisadores ao resultado de um vínculo com animais *Bos indicus*. Além da pelagem característica, os chifres em forma de lira são marca da raça.

Para uma raça de montanha, o Salers é grande, com vacas medindo, em média, 140 cm e pesando entre 600 e 800 kg, enquanto os touros medem 150 cm e pesam entre 900 e 1.100 kg. Os terneiros pesam ao nascer, em média, 36 e 38 kg.

Durante os últimos 30 anos a raça tem sido exportada para mais de 25 países. Alguns são vizinhos à França, outros são países africanos. No Zimbábue existe uma população pura da raça. O Salers está sendo usado para absorver a espanhola Retinta e as raças portuguesas Alentejana e Mertolenga.

Atualmente a raça Salers está sendo usada num programa de cruzamento com a raça Devon, na Inglaterra. Um programa de cruzamento com o Texas Longhorn, iniciado em 1983, originou a raça composta Salorn. No Canadá, foi introduzido no ano de 1973. A raça está sendo exportada, também, para a Espanha, Estados Unidos, México e Portugal.

A popularidade da raça está aumentando. Havia 5.000 touros e 163.000 vacas, das quais 40.000 estavam registradas no Herd-Book em 1988. Havia 6.607 inseminações por touros Salers em 1988. Foram 2.500 a mais que no ano anterior. A população francesa da raça em 1992 estava estimada em 190.000 vacas, muitas destas com crias F1, oriundas de cruzamentos com raças especializadas de carne.

## South Devon

Copyright South Devon Society of United Kingdom



O primeiro animal foi registrado em 1948. Era o touro Rydon Forester 151, nascido em 14 de outubro de 1945, que foi importado da Inglaterra por Reinaldo Cherubini, da Fazenda São Valentin, de Nova Prata, Rio Grande do Sul. Do registro não consta o nome do criador inglês. Rainha da Nova Prata foi o primeiro produto nacional inscrito. Era uma fêmea nascida em 1º de janeiro de 1950 e também pertencia a Reinaldo Cherubini.

Os registros de South Devon tiveram duas épocas bem distintas. A primeira foi desde a abertura do Livro Genelógico, em 1948, até 1957. Nesse período só foram inscritos 11 animais. De 1958 até 1973 não houve um registro sequer. Em 1974, começa a segunda fase, que se estende até 1998. Desde então não se registra mais nenhum South Devon. A última inscrição foi de Sheike FM TE, que recebeu o HBB 590. Era um macho nascido em 25 de setembro de 1992, de criação e propriedade de Joaquim Goulart Júnior, da Fazenda Marly, no município de Lages, em Santa Catarina.

### Origem e História da Raça

Há muitas conjecturas, mas poucos dados concretos sobre a origem do gado South Devon. É certo que a raça já existe há muito tempo, ostentando mais ou menos sua forma atual. Os núcleos originais situaram-se no Sudoeste da Inglaterra, limitados à região pouco acidentada dos Condados de Devon e Cornwall, aí vivendo durante séculos.

| Ano  | Machos | Fêmeas | Total | Ano          | Machos     | Fêmeas     | Total      |
|------|--------|--------|-------|--------------|------------|------------|------------|
| 1948 | 01     | ---    | 01    | 1974         | 04         | 08         | 12         |
| 1949 | ---    | ---    | ---   | 1975         | 05         | 24         | 29         |
| 1950 | ---    | 02     | 02    | 1976         | 08         | 04         | 12         |
| 1951 | 02     | 01     | 03    | 1977         | 07         | 07         | 14         |
| 1952 | ---    | 01     | 01    | 1978         | 12         | 11         | 23         |
| 1953 | ---    | 01     | 01    | 1979         | 10         | 25         | 35         |
| 1954 | 01     | ---    | 01    | 1980         | 04         | 08         | 12         |
| 1955 | ---    | ---    | ---   | 1981         | 22         | 40         | 62         |
| 1956 | ---    | 01     | 01    | 1982         | 14         | 17         | 31         |
| 1957 | ---    | 01     | 01    | 1983         | 20         | 22         | 42         |
| 1958 | ---    | ---    | ---   | 1984         | 09         | 15         | 24         |
| 1959 | ---    | ---    | ---   | 1985         | 36         | 29         | 65         |
| 1960 | ---    | ---    | ---   | 1986         | 11         | 06         | 17         |
| 1961 | ---    | ---    | ---   | 1987         | 22         | 18         | 40         |
| 1962 | ---    | ---    | ---   | 1988         | 18         | 14         | 32         |
| 1963 | ---    | ---    | ---   | 1989         | 02         | 01         | 03         |
| 1964 | ---    | ---    | ---   | 1990         | 07         | 09         | 16         |
| 1965 | ---    | ---    | ---   | 1991         | 09         | 17         | 26         |
| 1966 | ---    | ---    | ---   | 1992         | 7          | 07         | 14         |
| 1967 | ---    | ---    | ---   | 1993         | 03         | 03         | 06         |
| 1968 | ---    | ---    | ---   | 1994         | 08         | 12         | 20         |
| 1969 | ---    | ---    | ---   | 1995         | 07         | 08         | 15         |
| 1970 | ---    | ---    | ---   | 1996         | 09         | 08         | 17         |
| 1971 | ---    | ---    | ---   | 1997         | ---        | ---        | ---        |
| 1972 | ---    | ---    | ---   | 1998         | 09         | 03         | 12         |
| 1973 | ---    | ---    | ---   | <b>Total</b> | <b>267</b> | <b>323</b> | <b>590</b> |

Inscrições de South Devon PO – Puros de Origem. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

Pode ter sido influenciada durante os séculos quatorze e quinze pelo Garonnaise, uma das raças francesas que deram origem ao Blonde d'Aquitaine, quando grande número destes bovinos da região de Garonne foi enviado para a Inglaterra. Um ancestral comum com a raça alemã Gelbvieh foi sugerido recentemente, mas esta teoria não teve sustentação. Mesmo que os Saxões tenham invadido o sul da Inglaterra durante o século quinze, o Gelbvieh somente foi desenvolvido no final do século dezenove.

Ainda existe o fato de que a distância genética entre o South Devon e o Gelbvieh, bem como o Pardo Suíço, é menor do que a distância entre o South Devon e o Hereford. É provável que isto se deva ao fato de que o South Devon foi usado no desenvolvimento do Gelbvieh, na formação da qual o Pardo Suíço também teve sua cota de participação.

Embora o South Devon tenha sido originalmente desenvolvido como raça de tração, suas qualidades leiteiras foram melhoradas com a utilização do Guernsey, durante o século dezenove.

Embora conhecida desde o século dezoito, uma associação de criadores foi fundada apenas em 1872 e a abertura do Livro de Registro Genealógico da raça só ocorreu em 1891, a cargo da “South Devon Herd Book Society”. Esta associação tinha como objetivo a seleção dos animais para carne e leite. A raça é conhecida também pelos nomes de Sommerset, South Hams e Hammers. No início da década de 1960, existiam na Inglaterra cerca de 3.000 animais registrados.

A costa sul de Devon , no canal entre Exeter e Plymouth , é uma área conhecida como South Hams, onde o clima é ameno e o solo de coloração vermelha. Este local é a região de origem do South Devon, com sua ampla capacidade de produzir leite rico em gordura, típico de vacas cuja pele é pigmentada de amarelo.

O amarelo que tinge a pelagem vermelha da raça a faz assemelhar-se ao Guernsey. Está provado que o South Devon e as duas raças das Ilhas do Canal da Mancha – Jersey e o Guernsey – têm um tipo de hemoglobina que não é encontrado em outras raças britânicas, nem mesmo na maioria das raças européias. Entretanto esta hemoglobina ocorre em bovinos asiáticos, sendo encontrada também em vários tipos africanos de raças associadas à produção de leite rico em gordura.

O South Devon é uma raça de tamanho grande, sendo, por isso mesmo, conhecida como Grande Vermelho. Foi considerada como de triplo propósito: os bois eram usados para tração, as vacas para a ordenha e os novilhos engordados em áreas das Midlands e no sul de Wales. A carne produzida era de boa qualidade, mas a proporção de esqueleto era alta em comparação com a carne e os ossos eram grossos. Com o decorrer do tempo a raça teve sua seleção voltada para uma diminuição do tamanho, resultando num animal de esqueleto fino e com um úbere muito menor. Se levarmos em consideração o tamanho do úbere, podemos dizer que essa seleção resultou num fracasso, pois o reduziu tanto que o úbere ficou quase plano.



Durante a década de 1920 o potencial leiteiro foi encorajado, em detrimento da produção de carne. Com essa medida, conseguiram fazer com que as vacas voltassem a ter um úbere de tamanho satisfatório. Entretanto, no decorrer da década de 50, os esforços da associação de criadores voltaram-se novamente para a conformação de corte. Então a imagem de uma raça de duplo propósito foi descartada quando o South Devon foi classificado como uma raça de carne, em 1972.

O potencial de crescimento foi mantido e hoje em dia alguns touros ganham peso mais rápido do que algumas das raças européias especializadas na produção de carne. Esta, porém, continua de excelente qualidade.

Estes animais foram selecionados por criadores que estavam interessados em evitar o frequente inconveniente de ter de optar por animais de leite ou de carne. Quanto à produção leiteira, a média das 2.650 vacas submetidas à comprovação de rendimento em 1961/62, na Inglaterra, foi de 2.975 kg, com 4,19% de gordura. O leite das vacas South Devon é famoso pela nata densa e cremosa.

Muitas das reses têm uma conformação típica de animais de carne, apresentando uma elevada percentagem do peso vivo nas carcaças. A carne é bem marmoreada, com fibra fina e bom paladar. Não acumula depósitos excessivos de gordura e os animais ainda continuam crescendo na fase de terminação ou acabamento.

É um gado rústico, de temperamento tranquilo e considerado pelos ingleses como o mais indicado de seu tipo para os climas tropicais. Foi o gado que mais se adaptou às condições forrageiras e climáticas da África do Sul e, por isso, seria indicado para algumas regiões brasileiras. Suporta bem o regime de pastoreio a campo e revela sua preponderância nos cruzamentos.

A raça goza de alguma popularidade no exterior, sobretudo nas antigas colônias inglesas. No Brasil, apesar de algumas introduções efetuadas na metade do século vinte, não obteve sucesso e a raça continua desconhecida no país. Durante as décadas de 1950 e 1960 foi exportada para a Espanha, onde foi utilizada para desenvolver o gado da região da Galícia. Nos Estados Unidos, têm sido cruzados com o Brahman, onde formaram o South Bravon.

Existem associações de criadores na África do Sul (fundada em 1914), Canadá (1974), Estados Unidos (1974), Austrália, Nova Zelândia e em vários países sul-americanos.

É uma das maiores raças britânicas da atualidade. As vacas medem, em média, 138 cm e pesam entre 650 e 700 kg. Os touros atingem, em média, 155 cm e pesam entre 1.000 e 1.250 kg.



## Sussex

Copyright Cesare Musconi



No Brasil, o livro genealógico da raça foi aberto em 1928, com a inscrição do touro Linton Oakover Major, nascido em 16 de maio de 1927 na propriedade do Lord Cornwallis, na Inglaterra, tendo sido importado pelo Cel. Firmino Vieira Jacques, de de Lagoa Vermelha, no Rio Grande do Sul.

Esse foi o único registro até julho de 1950, quando o Sr. Attilio Marcantonio, proprietário da Estância Capão Alto, no município de Bom Jesus, no Estado do Rio Grande do Sul, fez a importação do touro Bolebroke Miller 16 e das vacas Worten Sylph 6 e Worten Success 1, todos procedentes da Inglaterra, os quais foram nacionalizados, respectivamente, nos HBB 2, 3 e 4.

Em julho de 1952 foi registrada Índia, o primeiro animal nascido no Brasil, em 1º de junho daquele mesmo ano. O criador era o mesmo Attilio Marcantonio, que a partir de 1953 passou a registrar os animais em parceria com José Kramer de Almeida, no mesmo estabelecimento.

O Livro de Registro Genealógico que era mantido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul foi aberto com a inscrição do mesmo touro Bolebroke Miller 16, que na Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense havia sido registrado no HBB 2. A data do registro foi 12 de outubro de 1950 e o proprietário, evidentemente, era o Sr. Attilio Marcantonio.



Logo depois os serviços de registro do Governo do Estado foram encerrados, de acordo com a Lei 1164, de 30 de outubro de 1950 e todo o acervo foi repassado à Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense. O termo de encerramento de cada um dos livros está assinado por Fidencio Luiz Bragança, Zootecnista Chefe do Serviço de Registro Genealógico.

A raça já não tem animais registrados no Brasil, desde março de 1962, quando foi inscrito Aimoré, um macho nascido em 12 de outubro de 1961, de criação apenas do Sr. José Kramer de Almeida, então proprietário da Estância Capão Alto, no município de Bom Jesus, no Rio Grande do Sul, a mesma que fora de Attilio Marcantonio.

| Ano  | Macho | Fêmea | Total | Ano  | Macho | Fêmea | Total | Ano          | Macho     | Fêmea     | Total     |
|------|-------|-------|-------|------|-------|-------|-------|--------------|-----------|-----------|-----------|
| 1928 | 01    | ---   | 01    | 1940 | ---   | ---   | --    | 1952         | ---       | 01        | 01        |
| 1929 | ---   | ---   | ---   | 1941 | ---   | ---   | ---   | 1953         | 01        | 01        | 02        |
| 1930 | ---   | ---   | ---   | 1942 | ---   | ---   | ---   | 1954         | ---       | 02        | 02        |
| 1931 | ---   | ---   | ---   | 1943 | ---   | ---   | ---   | 1955         | ---       | ---       | ---       |
| 1932 | ---   | ---   | ---   | 1944 | ---   | ---   | ---   | 1956         | 01        | 01        | 02        |
| 1933 | ---   | ---   | ---   | 1945 | ---   | ---   | ---   | 1957         | ---       | ---       | ---       |
| 1934 | ---   | ---   | ---   | 1946 | ---   | ---   | ---   | 1958         | 02        | 01        | 03        |
| 1935 | ---   | ---   | ---   | 1947 | ---   | ---   | ---   | 1959         | 01        | 03        | 04        |
| 1936 | ---   | ---   | ---   | 1948 | ---   | ---   | ---   | 1960         | ---       | ---       | ---       |
| 1937 | ---   | ---   | ---   | 1949 | ---   | ---   | ---   | 1961         | ---       | ---       | ---       |
| 1938 | ---   | ---   | ---   | 1950 | 01    | 02    | 03    | 1962         | 01        | 01        | 02        |
| 1939 | ---   | ---   | ---   | 1951 | ---   | ---   | ---   | <b>Total</b> | <b>08</b> | <b>12</b> | <b>20</b> |

Inscrições de Sussex PO – Puros de Origem. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

## Origem e História da Raça

A raça Sussex é conhecida desde há muitos séculos. Acredita-se que seja descendente direta do gado vermelho que habitava as florestas densas do sul da Inglaterra, já nos tempos da conquista Normanda.

Bovinos aspados foram vistos pelos romanos no sudeste da Inglaterra. Isto pode confirmar que os ascendentes destes animais foram vistos pelos Normandos no tempo de sua chegada, em 1066. Ainda que registros detalhados destes antigos dias não sejam encontrados, mais referências à raça podem ser encontradas a partir do século dezoito. O livro *A Tour of Great Britain* escrito por Defoe, em 1724, refere-se à raça trabalhando nas florestas e também puxando carruagens, quando as estradas eram impossíveis para os cavalos.

Outra referência à raça é feita por Arthur Young no livro *Agriculture of Sussex*, datado de 1793.

O rebanho de gado Sussex, de Petworth, fundado há mais de 200 anos, produziu em 1984 um vencedor do Royal Agriculture Show of England: o touro Petworth General 26th. Documentos da Sussex Society detalham registros de terneiros Sussex nascidos em 1840. O primeiro Herd-Book oficial registrando os nascimentos do ano de 1840 só foi publicado em 1879.

As rudes condições da terra natal da raça criaram não apenas duras condições de trabalho, mas, também, forneciam pastagens de baixa qualidade. Neste tempo as características de força, rusticidade, habilidade forrageira e qualidade de carcaça foram desenvolvidas.

O maior animal Sussex registrado apresentava os seguintes detalhes: media 168 cm de altura, 305 cm de circunferência abdominal e pesava 1.826 kg.

Inicialmente uma raça de carne de importância somente local, do sudeste da Inglaterra, o Sussex tem sido exportado para muitas regiões tropicais do mundo, devido à sua adaptabilidade ao clima quente e a pastagens pobres.

A raça Sussex foi desenvolvida, no início, para produção de bois de trabalho, os quais, ao atingirem a idade de 7 ou 8 anos, eram engordados para abate. Os bois Sussex daquela época eram de padrão excepcional. Podiam ser vistas equipes de 8 ou 12 animais trabalhando nos campos, até o final do século dezenove.

A seleção para carne teve início quando os cavalos tomaram seu lugar nos campos e um Herd-Book foi estabelecido, em 1874.

A partir de 1950 uma variedade mocha foi desenvolvida, através de cruzamentos com o Red Angus. Uma seção do Herd-Book foi aberta em 1979 para abrigar os registros dos animais resultantes daqueles cruzamentos. Desde o ano de 1980, um outro programa de cruzamentos, agora usando a raça Limousin, tem sido desenvolvido por alguns criadores.

A raça foi melhorada para ser utilizada no trabalho, devido à sua força e a seu andar rápido. As fêmeas não são boas leiteiras, mas o leite é rico em gordura. Os animais apresentam carne de excelente qualidade e o rendimento da carcaça é tão bom quanto o dos bons representantes do Devon.

É estreitamente aparentada com o Devon, portanto muito rústica, em consequência do modo de criação e utilização, porém, nos terrenos pobres e acidentados, não pode concorrer com o Devon.

Por causa das duas grandes guerras mundiais os bovinos britânicos perderam em tamanho, devido à maior demanda do mercado consumidor por cortes de menor

tamanho. No entanto, o Sussex atual ganhou novamente algum tamanho para poder melhor competir nos mercados modernos.

Atualmente, a raça tem um tamanho mediano e, conquanto as raças que competem com o Sussex tenham se tornado grandes, não existe dúvida de que, mesmo no Reino Unido, ainda existe mercado para raças de terminação precoce. Esta característica assegura à raça um lugar único no sistema de produção de carne a pasto.

A segunda característica importante retrocede às condições originais de sobrevivência da raça: sua habilidade de sobreviver em condições pobres de ambiente. O Sussex é uma raça de pastoreio não seletivo, isto é, come todo tipo de plantas que encontra frente ao seu focinho, não escolhendo apenas trevos e outras iguarias forrageiras. Além disto, sua pelagem curta e resistência ao calor demonstram adaptabilidade sob sistemas de pastoreio extensivos em climas quentes.

As vacas são, invariavelmente, boas leiteiras. Este é um fator adicional que resulta em alta fertilidade, tornando-se uma ferramenta a mais da fêmea por sua habilidade materna, seja no Reino Unido ou em áreas de produção em sistemas extensivos, ao redor do mundo.

A habilidade de melhor resistir ao calor, quando comparadas com muitas outras raças britânicas, é devida ao número de suas glândulas sudoríparas, que no Sussex são encontradas em dobro em relação às outras raças.

Os criadores de Sussex têm focado a seleção de seus rebanhos em segmentos definidos do mercado. Onde animais de maturação precoce são requeridos, através da rápida terminação de terneiros, seja a campo seja em confinamentos, onde a ênfase na qualidade de carcaça e eficiência seja o ponto requerido, a raça pode ser usada como cruzamento paterno. Quando uma linha materna de tamanho mediano é requerida, a vaca Sussex, com sua produção leiteira e tolerância ao calor, novamente aparece para cumprir seu papel, seja pura ou fruto de cruzamentos. Além disso, pode ser usada como fêmea base para programas de cruzamentos, devido às suas características maternas muito bem conhecidas, pele pigmentada e pelagem vermelha uniforme.

Os animais da raça Sussex reúnem tantas características funcionais interessantes e de adaptação ao meio ambiente que a tornam uma raça de ampla utilização. A facilidade de parto, a parição regular, o baixo custo de manutenção dos animais, o pastoreio não seletivo e a eficiente conversão de pastagens grosseiras em carne e leite dão a certeza de uma criação economicamente rentável. Outros fatores, como a docilidade secular, a fácil adaptação aos climas quentes, sua baixa suscetibilidade aos carrapatos, além da enorme capacidade de sobreviver a condições extremas, seja resistindo aos ventos vindos do Mar do Norte, seja nas quentes pastagens da

África, asseguram que os criadores podem apostar no sucesso quando se decidem a criar esta raça nas mais diferentes condições ambientais.

Animais com tipo compacto e biótipo adequado à produção de carne, apresentam cabeça média, com a testa larga e o focinho um pouco comprido. Os chifres são grandes, sem ser grosseiros, abertos e recurvados para fora e para cima, no touro, e para diante, na vaca. O corpo é de comprimento longo, com costelas largas e profundas. A pelagem é de uma cor vermelha escura característica, quase preta, com a vassoura da cauda geralmente branca.

São animais medianos e compactos. As fêmeas medem, em média, 140 cm e pesam ao redor dos 600 kg. Os machos medem, em média, 150 cm e pesam entre 950 e 1.100 kg. As crias nascem com 32 a 35 kg, em média. Dados coletados pelo Stud Society of South África indicam pesos médios de 209 kg à desmama, de 280 kg ao ano e de 560 kg ao sobreano, com ganho de peso médio diário de 1,7 kg.

Na África do Sul a raça foi introduzida durante os primeiros anos do século vinte. No decorrer dos vinte primeiros anos, seu desempenho em exposições, bem como a campo, tornaram o Sussex uma das raças mais criadas naquele país.

Atualmente o aumento do interesse pelos métodos de produção orgânicos tem levado os criadores a utilizar o Sussex com maior ênfase. A produção de carne é de fina textura, com um sabor peculiar. Esta é a razão pela qual tem crescido a demanda pelos cortes de alta qualidade, agregando à carne um valor comercial adicional.

A raça tem sido exportada para os Estados Unidos, Nova Zelândia, Zâmbia e, desde o ano de 1903, vem sendo exportada para a África do Sul. Em todos estes locais existem associações de raça. Foi exportada, também, para a Espanha e para vários países sul-americanos. Nos Estados Unidos, uma raça composta, ali chamada Sabre, foi desenvolvida cruzando Sussex com o Brahman.

## Tarentaise

Copyright UPRA Tarentaise



Com seis animais importados da França, sendo quatro vacas e dois touros, a Cia. Docas de Imbituba, do município de Imbituba, no Estado de Santa Catarina, deu início aos registros desta raça no Brasil.

No HBB número 1 encontra-se inscrito Ajjacio, um touro nascido em 04 de abril de 1971, que foi adquirido de Gaimard, Frères.

O primeiro produto nacional só foi registrado em setembro de 1976, no HBB 17. Era o macho de nome Uranium 2, nascido em 09 de novembro de 1972, de criação da empresa EMACOBRA – Empreendimentos Agroindustriais e Comerciais do Brasil, proprietária da Fazenda Henrique Lage, no município de Imbituba, Estado de Santa Catarina.

Em julho de 1988, verificou-se o último registro desta raça. No HBB 128 está inscrita Carmem, uma fêmea nascida em 22 de setembro de 1987, de criação da Agropastoril São João do Penedo Ltda., proprietária do estabelecimento São João do Penedo, no município de Três Rios, no Estado do Rio de Janeiro.

| Ano  | Machos | Fêmeas | Total | Ano          | Machos    | Fêmeas    | Total      |
|------|--------|--------|-------|--------------|-----------|-----------|------------|
| 1972 | 02     | 04     | 06    | 1981         | 01        | 10        | 11         |
| 1973 | ---    | ---    | ---   | 1982         | 02        | 01        | 03         |
| 1974 | ---    | ---    | ---   | 1983         | 01        | 05        | 06         |
| 1975 | ---    | ---    | ---   | 1984         | 04        | 03        | 07         |
| 1976 | 01     | 11     | 12    | 1985         | 07        | 04        | 11         |
| 1977 | 10     | 16     | 26    | 1986         | ---       | ---       | ---        |
| 1978 | 09     | 09     | 18    | 1987         | ---       | ---       | ---        |
| 1979 | 03     | 07     | 10    | 1988         | 04        | 08        | 12         |
| 1980 | 05     | 01     | 06    | <b>Total</b> | <b>49</b> | <b>79</b> | <b>128</b> |

### Origem e História da Raça

Copyright UPRA Tarentaise



O gado Tarentaise tem coloração parda e se origina do vale de Tarentaise, de onde lhe vem o nome, na zona central dos Alpes, onde foi selecionado para produção de leite na montanha. Os animais estão habituados a viver em condições muito difíceis: grandes caminhadas pela montanha, trajetos acidentados e fortes variações de temperatura. Seu tamanho é mediano. Com a denominação atual, a raça foi descrita pela primeira vez em 1859.

O nome Tarentaise se tornou conhecido oficialmente em 1863, sendo que em 1866 os criadores decidiram melhorar este gado nativo da região. Um Herd-Book foi formado em 1888. Após treze anos, havia mais de 3.000 animais registrados e por volta do ano 1940 a raça foi considerada como um tipo valioso e bem estabelecido, com grande número de animais exibidos na Exposição de Paris daquele ano.



Foi promovida uma evacuação total da área do front francês quando começou a Segunda Guerra Mundial, sendo que todo tipo de seleção cessou durante os duros anos da guerra. Em 1947, um novo programa de seleção foi iniciado, com o Herd- Book sendo reaberto dois anos após.

Na França, os animais da raça passam os meses de verão nas pastagens alpinas, em altitudes que variam entre 1.800 e 2.500 metros. São mantidos sem qualquer proteção, vivendo em condições inóspitas, com longas caminhadas pelos terrenos montanhosos e sofrendo variações de temperaturas extremas, onde se alimentam de forragens de baixa qualidade.

O Tarentaise é particularmente conhecido por sua rusticidade de viver em ambientes inóspitos de montanha ou em climas quentes. Esta capacidade é revelada pela baixa taxa de reposição de fêmeas, quando comparadas com outras raças nas mesmas condições ambientais.

Criada na França, originalmente para produção de carne e leite, também é usada para manejo da vegetação nativa alpina. O leite é usado para a fabricação dos queijos Beaufort, Reblochon, Tomme des Bauges, Tomme e Emmental de Savoie.

A raça se destaca principalmente por suas notáveis qualidades de rusticidade e adaptação, seja em pastagens de altitude ou nas difíceis condições de vida, no sentido climático e nutricional, dos países quentes. Tendo em conta seu porte e as condições de exploração, sua produção leiteira é excelente. As aptidões cárnicas são satisfatórias. Os novilhos de ano apresentam ganhos de peso diários de até 1,2 e 1,4 kg, produzindo carcaças de 280 a 300 kg, com rendimento médio de 57%. As vacas secas se recuperam bem, atingindo facilmente um bom estado nutricional. Além disso, a raça apresenta excelentes resultados quando em cruzamento industrial.

A longevidade é uma das características que a enaltecem. Ao redor de 20% das vacas produzem até depois dos 10 anos de idade.

O Tarentaise pode resistir bem a variações diárias de temperaturas que podem atingir até 40°C, indo dos 5°C negativos, pela manhã, a mais de 35°C, na tarde, durante os verões das montanhas. Adaptam-se também muito bem às temperaturas extremas dos invernos canadenses, assim como aos calores infernais da região Mediterrânea do norte africano.

Devido ao declínio da agricultura na região de Savoie, à entrada de animais da raça Abondance na região e ao aumento dos cruzamentos industriais, houve uma diminuição dos números populacionais da raça. Apesar disso, em 1992, contabilizavam-se 40.000 animais criados em altitudes que variavam entre 1.800 e 2.500 metros, nos Departamentos de Savoie e Iseré, bem como na Ilha da Córsega.



## **Bovinos Puros Por Cruzamento**

**A**té a década de 1970, o Herd-Book Collares registrava em seus Livros somente animais pertencentes à categoria PO – Puros de Origem. A partir de então, as raças tradicionais abriram também Livros de Registro para os chamados s PC – Puros Por Cruzamento. Naquele tempo já havia mercado consolidado para esses animais. Além disso, existiam grandes populações de animais com altos percentuais de graus de sangue, o que garantia grande eficiência na seleção e a possibilidade bastante elevada de se lograr uma descendência de alto padrão zootécnico, com significativa pureza racial.

O futuro se afigurava bastante promissor. Passadas três décadas, os resultados estão aí, para comprovação de todas as teses.

A partir de convênios firmados com a Associação Brasileira de Criadores de Charolês, sediada no município de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e com a Associação Brasileira de Hereford e Polled-Hereford, de Bagé, atual Associação Brasileira de Hereford e Braford, foram abertos os Livros de Registro para a inscrição de Puros Por Cruzamento, tanto de Origem Conhecida (PCOC), como de Origem Desconhecida (PCOD).

Conforme ficou estabelecido nos respectivos convênios, assinados em solenidades que contaram com a presença de representantes do Ministério da Agricultura, enviados de Brasília para essa finalidade, cada uma daquelas entidades passou a registrar os animais pertencentes à raça por elas representadas.

Esse trabalho sempre esteve sujeito à orientação uniforme de trabalho de registro genealógico determinada pelo Herd-Book Collares. Por ser de sua responsabilidade perante o MAPA, é reconhecido e oficializado, como não poderia deixar de ser, fazendo com que conste dos relatórios anuais, que são confeccionados no início de cada ano, tendo como base as atividades do exercício anterior. Os registros de PO destas duas raças nunca deixaram de ser feitos diretamente nos Livros de Registro do Herd-Book Collares.

Outras raças seguiram o mesmo exemplo, mas não todas. Das que o fizeram, algumas iniciaram os serviços de seleção e registro dos animais naquela mesma década. Outras há que não demonstraram interesse pelo serviço, assim como algumas outras foram extintas antes mesmo de terem animais com as condições preconizadas para isso.

Os dados estatísticos das que mantêm registros de PPC, cujos serviços são executados pelo próprio Herd-Book Collares, estão relacionados a seguir.

## Aberdeen Angus

Em outubro de 1979, com a vaca Paineiras 1, de pelagem preta, nascida em outubro de 1976, classificada com a marca ad, de propriedade do Sr. João Francisco Tellechea, proprietário da Cabanha Paineiras, no município de Uruguaiana, no Estado do Rio Grande do Sul, foi aberto o Livro de Registro de Aberdeen Angus PPC.

| Ano   | Machos | Fêmeas | Total | Ano   | Machos | Fêmeas | total  |
|-------|--------|--------|-------|-------|--------|--------|--------|
| *1991 | 17471  | 27443  | 44914 | 1999  | 4293   | 9731   | 14024  |
| 1992  | 971    | 4514   | 5485  | 2000  | 6905   | 14492  | 21397  |
| 1993  | 1119   | 6000   | 7119  | 2001  | 6552   | 15214  | 21766  |
| 1994  | 1235   | 4468   | 5703  | 2002  | 8002   | 12538  | 20540  |
| 1995  | 1489   | 6703   | 8192  | 2003  | 7352   | 13049  | 20401  |
| 1996  | 4223   | 9206   | 13429 | 2004  | 7709   | 11746  | 19455  |
| 1997  | 2885   | 6027   | 8912  | 2005  | 6793   | 11126  | 17919  |
| 1998  | 3170   | 5839   | 9009  | Total | 80169  | 158096 | 238265 |

Registros de Aberdeen Angus PPC – Puros Por Cruzamento. Os dados dos anos anteriores estão acumulados em 1991. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

## Blonde d'Aquitaine

O Livro de Registro desta raça foi aberto em 05 de novembro de 1993, com a inscrição do touro de nome Queimada 002, nascido em quatro de outubro de 1990, que recebeu o número de registro HBBPC 1. Este animal tinha como pai o touro Izidore 2-1, registrado no HBB 244 e era de criação do Dr. José Bonifácio Giorgio da Silva, proprietário da Estância Queimada, no município de Uruguaiana, no Estado do Rio Grande do Sul.

| Ano  | Machos | Fêmeas | Totais | Ano   | Machos | Fêmeas | total |
|------|--------|--------|--------|-------|--------|--------|-------|
| 1993 | 163    | 11     | 174    | 2000  | 32     | 53     | 85    |
| 1994 | 45     | 108    | 153    | 2001  | 12     | 21     | 33    |
| 1995 | 1      | 41     | 42     | 2002  | 27     | 39     | 66    |
| 1996 | 45     | 161    | 206    | 2003  | 28     | 67     | 95    |
| 1997 | 25     | 46     | 71     | 2004  | 10     | 13     | 23    |
| 1998 | 51     | 48     | 99     | 2005  | 11     | 36     | 47    |
| 1999 | 29     | 19     | 48     | Total | 479    | 663    | 1142  |

Inscrições de Blonde d'Aquitaine Puros Por Cruzamento – PPC. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

## Charolês

O Livro de Registro de Charolês PPC foi aberto em 1971 pela Associação Brasileira de Criadores de Charolês, que o mantém sob sua guarda, de conformidade com o contrato assinado entre aquela entidade e a ANC.

| Ano  | Machos | Fêmeas | Total  | Ano          | Machos | Fêmeas | Total         |
|------|--------|--------|--------|--------------|--------|--------|---------------|
| 1971 | 59     | 1431   | 1490   | 1989         | 2508   | 8693   | 11.201        |
| 1972 | ---    | ---    | ---    | 1990         | 2288   | 6800   | 9088          |
| 1973 | 63     | 99     | 162    | 1991         | 1955   | 5198   | 7153          |
| 1974 | 466    | 767    | 1233   | 1992         | 1890   | 4756   | 6646          |
| 1975 | *      | *      | 3378   | 1993         | 1958   | 4048   | 6006          |
| 1976 | *      | *      | 4594   | 1994         | 1926   | 3687   | 5613          |
| 1977 | *      | *      | 3335   | 1995         | 2214   | 5099   | 7313          |
| 1978 | *      | *      | 6579   | 1996         | 1603   | 1955   | 3558          |
| 1979 | *      | *      | 9408   | 1997         | 1614   | 2439   | 4053          |
| 1980 | *      | *      | 9422   | 1998         | 1766   | 2154   | 3920          |
| 1981 | *      | *      | 9938   | 1999         | 1425   | 2162   | 3587          |
| 1982 | *      | *      | 10.949 | 2000         | 1302   | 2290   | 3592          |
| 1983 | *      | *      | 9219   | 2001         | 1094   | 1669   | 2763          |
| 1984 | *      | *      | 8797   | 2002         | 1229   | 1456   | 2685          |
| 1985 | *      | *      | 8582   | 2003         | 1069   | 1323   | 2392          |
| 1986 | *      | *      | 11.954 | 2004         | 487    | 520    | 1007          |
| 1987 | *      | *      | 9594   | 2005         | 355    | 581    | 936           |
| 1988 | *      | *      | 9801   | <b>Total</b> | *      | *      | <b>199948</b> |

Inscrições de Charolês PPC – Puros Por Cruzamento. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares, compilados pela Associação Brasileira de Criadores de Charolês.

Os dados estatísticos referentes ao período compreendido entre 1975 e 1988 estão sem o detalhamento de machos e fêmeas. Nos arquivos disponíveis há somente anotações do total de registro de cada ano. Por causa desse detalhe, não há a totalização dos números de registro de machos nem de fêmeas, ao final da tabela.

## Devon

Os registros foram iniciados com a vaca Gruta 01, nascida em outubro de 1975, de criação e propriedade de Antonia de Oliveira Sampaio, da Estância da Gruta, no município de Pelotas, hoje Capão do Leão, depois da emancipação daquele distrito.

| Ano           | Machos       | Fêmeas       | Total        | Ano          | Machos       | Fêmeas       | Total        |
|---------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| <b>1990 *</b> | <b>10855</b> | <b>29350</b> | <b>40205</b> | 1999         | 468          | 825          | 1293         |
| 1991          | 502          | 1355         | 1857         | 2000         | 450          | 1109         | 1559         |
| 1992          | 388          | 1600         | 1988         | 2001         | 511          | 591          | 1102         |
| 1993          | 396          | 958          | 1354         | 2002         | 459          | 748          | 1207         |
| 1994          | 367          | 1164         | 1531         | 2003         | 483          | 1312         | 1795         |
| 1995          | 925          | 2052         | 2977         | 2004         | 359          | 619          | 978          |
| 1996          | 402          | 1265         | 1667         | 2005         | 350          | 668          | 1018         |
| 1997          | 286          | 713          | 999          | ---          | ---          | ---          | ---          |
| 1998          | 671          | 914          | 1585         | <b>Total</b> | <b>17872</b> | <b>45243</b> | <b>63115</b> |

Inscrições de Devon PPC – Puros Por Cruzamento. Os dados anteriores a 1990 estão acumulados com aquele ano. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

## Hereford

Os registros de Hereford, na categoria PPC – Puros Por Cruzamento, iniciaram no ano de 1978, com a inscrição, no HBBPC1, da vaca de tatuagem 1 (não há anotação referente ao nome deste animal), que nasceu em 1974 e era da criação dos senhores Geraldo & Carlos Flávio Pereira de Souza, proprietários da Estância do Bolso, no município de São Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul.

O Livro de Registro de Hereford PPC foi aberto em 1978, pela antiga Associação Brasileira de Criadores de Hereford e Polled-Hereford, atual Associação Brasileira de Criadores de Hereford e Braford, que o mantém sob sua guarda, de acordo com contrato assinado entre aquela entidade e a ANC e aprovado pelo Ministério da Agricultura.

| Ano  | Machos | Fêmeas | Total | Ano          | Machos       | Fêmeas        | Total         |
|------|--------|--------|-------|--------------|--------------|---------------|---------------|
| 1978 | 722    | 9379   | 10101 | 1993         | 1212         | 3202          | 4414          |
| 1979 | 1107   | 4381   | 5488  | 1994         | 290          | 3091          | 3381          |
| 1980 | 948    | 15470  | 16418 | 1995         | 338          | 7097          | 7435          |
| 1981 | 873    | 18875  | 19748 | 1996         | 767          | 5173          | 5940          |
| 1982 | 860    | 7379   | 8239  | 1997         | 534          | 2578          | 3112          |
| 1983 | 766    | 5160   | 5926  | 1998         | 452          | 1388          | 1840          |
| 1984 | 504    | 2816   | 3320  | 1999         | 681          | 3541          | 4222          |
| 1985 | 395    | 2456   | 2851  | 2000         | 527          | 1853          | 2380          |
| 1986 | 465    | 2435   | 2900  | 2001         | 650          | 2635          | 3285          |
| 1987 | 306    | 1981   | 2287  | 2002         | 686          | 2539          | 3225          |
| 1988 | 252    | 1572   | 1824  | 2003         | 1330         | 3890          | 5220          |
| 1989 | 541    | 2979   | 3520  | 2004         | 835          | 2721          | 3556          |
| 1990 | 552    | 3939   | 4491  | 2005         | 1135         | 1178          | 2313          |
| 1991 | 487    | 3553   | 4040  | ---          | ---          | ---           | ---           |
| 1992 | 772    | 2757   | 3529  | <b>Total</b> | <b>18987</b> | <b>128046</b> | <b>147033</b> |

Registros de Hereford PPC – Puros Por Cruzamento. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd Book Collares, compilados pela Associação Brasileira de Hereford e Braford.

## Galloway

O registro genealógico está composto por animais oriundos dos rebanhos antigos, Puros de Origem, que perderam a seqüência de registros. Apresentam variados graus de sangue e grande diversidade genética, devido à absorção ocorrida sob várias raças. O registro está composto exclusivamente por fêmeas, como se pode observar tabela na página seguinte. A abertura do Livro Genealógico ocorreu em 21 de maio de 2002, quando a Sra. Sandra Babick, proprietária da Fazenda Savitú, no município de Buri, Estado de São Paulo, inscreveu Savitú G0165, nascida em 25 de abril de 2001 e que recebeu o HBBPC 1.



| Ano          | Machos | Fêmeas     | Total      |
|--------------|--------|------------|------------|
| 2002         | ---    | 16         | 16         |
| 2003         | ---    | 93         | 93         |
| 2004         | ---    | ---        | ---        |
| 2005         | ---    | 34         | 34         |
| <b>Total</b> | ---    | <b>143</b> | <b>143</b> |

Inscrições de Galloway PPC – Puros Por Cruzamento. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

## Normando

Com o touro Santa Eulália 01/84, de criação e propriedade do Condomínio Santa Eulália, Cabanha Santa Eulália, no município de Sant'Anna do Livramento, no Rio Grande do Sul, sob a responsabilidade do Cel. Carlos Joaquim da Fontoura Rodrigues, foi aberto o Livro de Registro desta raça em 21 de setembro de 1978.

| Ano          | Machos      | Fêmeas      | Total       | Ano          | Machos      | Fêmeas      | Total       |
|--------------|-------------|-------------|-------------|--------------|-------------|-------------|-------------|
| <b>1993*</b> | <b>1007</b> | <b>2959</b> | <b>3966</b> | 2000         | 05          | 18          | 23          |
| 1994         | 13          | 16          | 29          | 2001         | 03          | 04          | 07          |
| 1995         | 11          | 12          | 23          | 2002         | 21          | 18          | 39          |
| 1996         | 26          | 39          | 65          | 2003         | 07          | 05          | 12          |
| 1997         | 32          | 30          | 62          | 2004         | 04          | 02          | 06          |
| 1998         | 04          | 10          | 14          | 2005         | 07          | 12          | 19          |
| 1999         | 13          | 14          | 27          | <b>Total</b> | <b>1153</b> | <b>3139</b> | <b>4292</b> |

Inscrições de Normando PPC – Puros Por Cruzamento. Os dados anteriores encontram-se acumulados em 1993\*. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

## Pinzgauer

Em 15 de agosto de 1985, com a vaca Lady Lú 001, nascida em 15 de outubro de 1980, a Fazenda Lady Lú, de Ivo Carlos Arnt, localizada no município de Tibagi, no Estado do Paraná, foi a primeira a inscrever um lote de animais desta raça. Nos três anos em que houve registro só se verificaram inscrições de fêmeas, como se pode observar na tabela abaixo.

| Ano          | Machos | Fêmeas     | Total      |
|--------------|--------|------------|------------|
| 1986         | ---    | 165        | 165        |
| 1987         | ---    | 38         | 38         |
| 1988         | ---    | 30         | 30         |
| <b>Total</b> | ---    | <b>233</b> | <b>233</b> |

Inscrições de Pinzgauer PPC – Puros Por Cruzamento. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares

## Red Poll

Osvaldo Pioli Guerreiro, da Estância São Luiz, de Vacaria, no Rio Grande do Sul, foi o primeiro a registrar, em outubro de 1978. No HBBPC número 001 encontra-se inscrita a vaca Corruíra, de sua criação e propriedade.

| Ano          | Machos     | Fêmeas      | Total       | Ano          | Machos     | Fêmeas      | Total       |
|--------------|------------|-------------|-------------|--------------|------------|-------------|-------------|
| <b>1992*</b> | <b>555</b> | <b>2428</b> | <b>2983</b> | 2000         | ---        | 33          | 33          |
| 1993         | 16         | 55          | 71          | 2001         | 08         | 27          | 35          |
| 1994         | ---        | 16          | 16          | 2002         | 16         | 11          | 27          |
| 1995         | 16         | 41          | 57          | 2003         | 17         | 25          | 42          |
| 1996         | 06         | ---         | 06          | 2004         | 03         | 09          | 12          |
| 1997         | 03         | 18          | 21          | 2005         | 03         | 02          | 05          |
| 1998         | 15         | 60          | 75          | ---          | ---        | ---         | ---         |
| 1999         | 09         | 06          | 15          | <b>Total</b> | <b>667</b> | <b>2731</b> | <b>3398</b> |

Inscrições de Red Poll PPC – Puros Por Cruzamento. Em 1992, estão acumulados os dados dos anos anteriores. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

## Shorthorn

No dia 21 de setembro de 1978 foi registrado, no HBBPC 1, o touro Tesouro 1. Nascido em 15 de outubro de 1975, era de criação e propriedade do Sr. Cirano Varalo Mazzei, proprietário da Estância Tesouro, no município de Alegrete, no Rio Grande do Sul.

| Ano          | Machos      | Fêmeas      | Total       | Ano          | Machos      | Fêmeas      | Total       |
|--------------|-------------|-------------|-------------|--------------|-------------|-------------|-------------|
| <b>1991*</b> | <b>1424</b> | <b>3892</b> | <b>5316</b> | 1999         | 53          | 114         | 167         |
| 1992         | 96          | 216         | 312         | 2000         | 62          | 64          | 126         |
| 1993         | 53          | 143         | 196         | 2001         | 62          | 73          | 135         |
| 1994         | 18          | 169         | 187         | 2002         | 96          | 107         | 203         |
| 1995         | 55          | 256         | 311         | 2003         | 94          | 76          | 170         |
| 1996         | 68          | 138         | 206         | 2004         | 18          | 22          | 40          |
| 1997         | 32          | 103         | 135         | 2005         | 14          | 19          | 33          |
| 1998         | 83          | 113         | 196         | <b>Total</b> | <b>2228</b> | <b>5505</b> | <b>7733</b> |

Verificando-se o registro de Tesouro 1, constata-se que ele teve como mãe a vaca Tesouro 66 e como pai o touro Moncour Juvex, registrado no HBB IA-6. O pai ter sido Moncour Juvex não teria nada demais, à primeira vista, não pertencesse ele à raça Lincoln Red. Isto pode parecer estranho, mas, naquela época, havia permissão por parte do Ministério da Agricultura para que fossem utilizados touros das raças Lincoln Red e Maine Anjou em ventres da raça Shorthorn, inclusive na categoria PO,

o que explica o procedimento – legal – do criador. Alguns anos depois, o mesmo Ministério, que oficializara a utilização daquelas duas raças, com o objetivo de refrescamento de sangue do Shorthorn, tornou a autorização sem efeito. Desde então somente é permitida a utilização de touros Shorthorn, tanto em ventres PO como PC, para efeito de registro genealógico ou de controle de genealogia.

### **Cruzamentos Sob Controle de Genealogia**

 Os produtos de Cruzamentos Sob Controle de Genealogia das raças cujos controles são de responsabilidade do Herd-Book Collares estão sendo ali cadastrados com o objetivo de formar um grupamento a partir de acasalamentos – em geral com zebuínos – ,de maneira que venham a formar uma raça sintética ou que ascendam à categoria de Puros Por Cruzamento de Origem Conhecida.

A decisão sobre qual das duas opções será adotada fica sob a responsabilidade de cada uma das raças mães envolvidas com o projeto, sob a supervisão e orientação da ANC e mediante a aprovação do MAPA.

Este serviço teve seu início nos anos 90 e está disponível para todas as raças, mas somente algumas se utilizam dele.

### **Aberdeen Angus**

A abertura do Livro de Controle aconteceu em 23 de maio de 2000, com a inscrição da fêmea Vodca Pontal VR7, nascida em 11 de fevereiro daquele mesmo ano. Esse animal, que recebeu o número de controle HBBCG 1, era de criação do Sr. Vicente Rodrigues da Cunha, proprietário da Fazenda Pontal, localizada no município de Carneirinho, Estado de Minas Gerais.

| Ano   | Macho | Fêmea | Total |
|-------|-------|-------|-------|
| 2000  | 09    | 13    | 22    |
| 2001  | 23    | 528   | 551   |
| 2002  | 76    | 1903  | 1979  |
| 2003  | 15    | 697   | 712   |
| 2004  | 609   | 1526  | 2135  |
| 2005  | 105   | 267   | 372   |
| Total | 837   | 4934  | 5771  |

Inscrições de Aberdeen Angus CCG – Cruzamentos Sob Controle de Genealogia, desde a abertura do Livro de Controle. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.



## Blonde d'Aquitaine

*Amélia da Estância Nova 102*, uma vaca nascida em 04 de agosto de 1980, de criação do Dr. José Antonio Bueno, proprietário da Estância Nova, no município de Palmas, no Estado do Paraná, foi o primeiro animal inscrito neste Controle de Genealogia, tendo recebido o número de Controle HBCG 1. A data do cadastro é de agosto de 1985.

| Ano  | Macho | Fêmea | Total | Ano          | Macho       | Fêmea        | Total        |
|------|-------|-------|-------|--------------|-------------|--------------|--------------|
| 1985 | ---   | 32    | 32    | 1996         | 450         | 1583         | 2033         |
| 1986 | ---   | ---   | ---   | 1997         | 782         | 2264         | 3046         |
| 1987 | ---   | 06    | 06    | 1998         | 565         | 802          | 1367         |
| 1988 | 01    | ---   | 01    | 1999         | 763         | 1408         | 2171         |
| 1989 | ---   | 03    | 03    | 2000         | 480         | 912          | 1392         |
| 1990 | ---   | 07    | 07    | 2001         | 606         | 633          | 1239         |
| 1991 | ---   | ---   | ---   | 2002         | 771         | 1351         | 2122         |
| 1992 | ---   | 09    | 09    | 2003         | 649         | 1025         | 1674         |
| 1993 | 29    | 332   | 361   | 2004         | 585         | 697          | 1282         |
| 1994 | 62    | 531   | 593   | 2005         | 437         | 711          | 1148         |
| 1995 | 80    | 630   | 710   | <b>Total</b> | <b>6260</b> | <b>12936</b> | <b>19196</b> |

Inscrições de Blonde d'Aquitaine CCG – Cruzamentos Sob Controle de Genealogia, desde a abertura do Livro de Controle. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

Os produtos de Cruzamentos Sob Controle de Genealogia da raça Blonde d'Aquitaine são cadastrados no Herd-Book Collares com três objetivos bem distintos: um deles visa formar um grupamento a partir de acasalamentos com zebuínos, independentemente da raça destes, para atingir a categoria PCOC – Puros Por Cruzamento de Origem Conhecida; o segundo permite acasalamentos somente com Caracu, de maneira que venham a formar uma raça sintética – atingidos os graus de sangue regulamentares (5/8 Caracu e 3/8 Blonde d'Aquitaine), os animais serão enquadrados como Puros Sintéticos, quando então a nova raça terá o nome de Aquitânica – ; e o terceiro, que permitiu acasaleamentos somente com zebuínos da raça Nelore, também visava à formação de uma raça sintética – este grupamento, quando atingidos os graus de sangue preconizados pelo programa de formação da raça, adotou o nome de Blonel.

O grupamento Aquitânica ainda não teve seu registro genealógico homologado pelo MAPA por estar ainda em formação, ao passo que o Blonel teve sua regulamentação devidamente aprovada e oficializada por aquele Ministério, desde 2005, estando com o Livro de Registro já aberto.

Os criadores de Blonel estão organizados e já fundaram a Associação Brasileira de Blonel, que está registrada no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e em pleno funcionamento também, desde 2005.

## Devon

Os produtos de Cruzamentos Sob Controle de Genealogia da raça Devon são cadastrados no Herd-Book Collares com o objetivo de formar um grupamento a partir de acasalamentos com zebuínos, de maneira que venham a formar uma raça sintética. Atingidos os graus de sangue regulamentares, a nova raça terá o nome de Bravon.

| Ano  | Macho | Fêmea | Total | Ano   | Macho | Fêmea | Total |
|------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| 1994 | 09    | 10    | 19    | 2001  | 29    | 56    | 85    |
| 1995 | 05    | 04    | 09    | 2002  | 73    | 404   | 477   |
| 1996 | 05    | ---   | 05    | 2003  | 60    | 238   | 298   |
| 1997 | 03    | ---   | 03    | 2004  | ---   | ---   | ---   |
| 1998 | 06    | 04    | 10    | 2005  | ---   | ---   | ---   |
| 1999 | 13    | 05    | 18    | ---   | ---   | ---   | ---   |
| 2000 | 43    | 818   | 861   | Total | 246   | 1539  | 1785  |

Inscrições de Devon CCG – Cruzamentos Sob Controle de Genealogia, desde a abertura do Livro de Controle. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

Para obter um tipo de animal mais adequado ao clima tropical, os criadores estão realizando um programa de cruzamentos controlados, que tem como objetivo a obtenção de indivíduos com grau de sangue final 5/8 Devon e 3/8 Zebuino (Nelore, Tabapuã etc.). Atingido esse grau de sangue os animais serão enquadrados como Puros Sintéticos, quando então passarão a ser denominados Bravon.

Por ser um grupamento racial em formação, seu registro genealógico ainda não foi homologado pelo MAPA.

Além da produção de carne macia e marmoreada e da diminuição na idade de abate dos animais cruzados, o Bravon tem um mercado crescente como fêmea F1, para utilização como receptora de embriões devido à sua habilidade materna e à boa produção leiteira.

Nos Estados Unidos, os criadores de Devon tentaram obter um produto mais rústico, por cruzamentos com a raça Brahman, dando surgimento ao Bravon, de conformação robusta e bom caráter leiteiro. Esses animais apresentam pelagem variada devido ao gene de dissociação que as raças zebuínas carregam. As colorações encontradas vão desde a avermelhada clara ou escura à preta. Animais brazinos e oscos, com pelagem mais clara ao redor do focinho e na linha de lombo, são encontrados freqüentemente. São de conformação forte e têm pêlos curtos não encrespados, mas que crescem no inverno, possibilitando a necessária proteção contra o frio.

No Brasil, são admitidos todos os tons de vermelho, assim como os brasinos, brasinos oscos e oscos de fundo vermelho.

## Normando

A raça Normanda teve o livro de Controle aberto em 16 de setembro de 1996, quando Felisberto Rodrigues Chagas & Ana Maria Mendes Chagas, proprietários da Fazenda Santa Maria, no município de Arambaré, no Estado do Rio Grande do Sul, apresentaram para inscrição a fêmea Branor 01 da Santa Maria, de criação e propriedade deles, nascida em 15 de agosto de 1994.

| Ano  | Machos | Fêmeas | Total | Ano   | Machos | Fêmeas | Total |
|------|--------|--------|-------|-------|--------|--------|-------|
| 1996 | 10     | 26     | 36    | 2002  | 28     | 40     | 68    |
| 1997 | 07     | 13     | 20    | 2003  | 23     | 24     | 47    |
| 1998 | 04     | 02     | 06    | 2004  | 06     | 64     | 70    |
| 1999 | 07     | 08     | 15    | 2005  | 01     | 04     | 05    |
| 2000 | 05     | 08     | 13    | ---   | ---    | ---    | ---   |
| 2001 | 21     | 22     | 43    | Total | 112    | 211    | 323   |

Inscrições de Normando CCG – Cruzamentos Sob Controle de Genealogia, desde 1996, quando foi aberto o Livro de Controle. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

Os produtos de Cruzamentos Sob Controle de Genealogia da raça Normanda são cadastrados no Herd-Book Collares com o objetivo de formar um grupamento a partir de acasalamentos com zebuínos, de maneira que venham a formar uma raça sintética. Atingidos os graus de sangue regulamentares, a nova raça terá o nome de Branor.

Os cruzamentos de vacas Brahman com touros Normando tiveram origem nos Estados Unidos, tendo como objetivo um produto de dupla aptidão. O exemplo foi seguido pela maioria dos países que criam Normando e Brahman, pois o produto deste cruzamento resulta em mestiços vigorosos.

O Normando é uma raça de grande porte, com qualidades leiteiras inerentes, de pelagem multicolorida, com animais robustos, que transmitem estas características para o Branor. Os primeiros cruzamentos aconteceram no interior de São Paulo, na década de 1950 a 1960, tendo em vista uma melhoria na produção leiteira das vacas comuns. Os cruzamentos visando à obtenção de animais mais especializados na produção de carne foram iniciados no Rio Grande do Sul, onde se localiza a Associação Brasileira de Criadores de Normando. Como naquela época ainda não existia a raça Brahman no Brasil, os criadores utilizaram as raças Nelore e Tabapuã para formação do Branor brasileiro.

Para obter um tipo de animal mais adequado ao clima tropical, os criadores estão realizando um programa de cruzamentos controlados, que tem como objetivo a obtenção de indivíduos com grau de sangue final 5/8 Devon e 3/8 Zebuino (Nelore, Tabapuã etc.). Atingido esse grau de sangue os animais serão enquadrados como Puros Sintéticos, quando serão então denominados Branor.

Por ser um grupamento racial em formação, seu registro genealógico ainda não foi homologado pelo MAPA.

### Salers

O Livro de Controle desta raça foi aberto em julho de 1987, com a fêmea Corticeiras S.1 VF187, nascida em 24 de outubro de 1986, de criação e propriedade do Dr. Danilo José Agostini, da Estância Cerro Verde, no município de Rosário do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul. Os últimos animais foram inscritos no ano seguinte – 1988 – também em nome daquele criador.

| Ano   | Machos | Fêmeas | Total |
|-------|--------|--------|-------|
| 1987  | ---    | 39     | 39    |
| 1988  | 35     | 34     | 69    |
| Total | 35     | 73     | 108   |

Inscrições de Salers CCG – Cruzamentos Sob Controle de Genealogia. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book

### Animais de Livro Aberto

Neste Livro estão sendo registrados os machos filhos de RM – Reprodutores Múltiplos.

### Aberdeen Angus

| Ano   | Macho | Fêmea | Total |
|-------|-------|-------|-------|
| 1992  | 262   | ---   | 262   |
| 1993  | 159   | ---   | 159   |
| 1994  | 349   | ---   | 349   |
| 1995  | 235   | ---   | 235   |
| 1996  | 764   | ---   | 764   |
| 1997  | 213   | ---   | 213   |
| 1998  | 169   | ---   | 169   |
| 1999  | 22    | ---   | 22    |
| 2000  | 137   | ---   | 137   |
| 2001  | 360   | ---   | 360   |
| 2002  | 603   | ---   | 603   |
| 2003  | 433   | ---   | 433   |
| 2004  | 444   | ---   | 444   |
| 2005  | 497   | ---   | 497   |
| Total | 4647  | ---   | 4647  |

Cadastro de Animais de Livro Aberto da raça Aberdeen Angus, desde a abertura do Livro de Controle, em 1992, até 2005. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

## Devon

| Ano  | Macho | Fêmea | Total | Ano          | Macho      | Fêmea | Total      |
|------|-------|-------|-------|--------------|------------|-------|------------|
| 1992 | 122   | ---   | 122   | 2000         | 03         | ---   | 03         |
| 1993 | 33    | ---   | 33    | 2001         | 19         | ---   | 19         |
| 1994 | 181   | ---   | 181   | 2002         | 49         | ---   | 49         |
| 1995 | 198   | ---   | 198   | 2003         | 68         | ---   | 68         |
| 1996 | 105   | ---   | 105   | 2004         | 119        | ---   | 119        |
| 1997 | 02    | ---   | 02    | 2005         | 48         | ---   | 48         |
| 1998 | 14    | ---   | 14    | ---          | ---        | ---   | ---        |
| 1999 | 26    | ---   | 26    | <b>Total</b> | <b>987</b> |       | <b>987</b> |

Cadastro de Animais de Livro Aberto, da raça Devon, desde a abertura do Livro de Controle, em 1992, até 2005. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

## Touros e vacas Top Ten

**E** stão relacionados os dez touros e as dez vacas com maior número de crias em cada raça, por ordem decrescente do número de filhos. As raças que têm um acervo maior de registro permitiram que fosse feito um levantamento sobre progênie, cujas estatísticas estão listadas a seguir.

| HBB    | Nome                                 | Filhos |
|--------|--------------------------------------|--------|
| 67758  | Ottono B444 TEI Don Pancho           | 5600   |
| 75372  | Don Pancho 53 Bartolomé TE           | 4744   |
| IA-341 | Leachman None Better 9604            | 2286   |
| 73032  | Ottono B600 TE Daddy                 | 1893   |
| 33517  | Ankonian Centennial                  | 1697   |
| IA-281 | Leachman Heavenly 8141               | 1637   |
| 77239  | Reconquista 273 Discutido Copper Rob | 1578   |
| 79710  | Leachman Don Juan 1550J              | 1499   |
| IA-493 | Leachman Ladies Man 1144B            | 1360   |
| IA-395 | Leachman Heavenly 1517C              | 1312   |

## Vacas Top Ten da Raça Aberdeen Angus

| HBB   | Nome                                           | Filhos |
|-------|------------------------------------------------|--------|
| 64693 | Ottono B349 TEI Heavenly                       | 71     |
| 49100 | Miss Franco's 840 de Sanbará                   | 69     |
| 75602 | Red Meadow CK Umpirette 12H                    | 46     |
| 62175 | Admiral Gold Maverick 17 del Paraná            | 42     |
| 70147 | Bela Vista 246 Águia                           | 42     |
| 48656 | São Bibiano Lucky Ida 4416                     | 39     |
| 60841 | Don Pancho 52 Tarzan Harrison                  | 38     |
| 61100 | Aurora da Corticeira A029                      | 36     |
| 70281 | Reconquista 114 Ext Play                       | 36     |
| 70232 | Angélica da Reconquista 100 Mambo Independence | 35     |



### ***Touros Top Ten da Raça Blonde d'Aquitaine***

| HBB   | Nome         | Filhos |
|-------|--------------|--------|
| IA-34 | Crack        | 982    |
| IA-43 | Everest      | 948    |
| IA-47 | Fallou       | 776    |
| IA-61 | Hyalin       | 767    |
| IA-23 | Drop         | 590    |
| IA-47 | Fallou       | 463    |
| IA-71 | Impair       | 424    |
| IA-20 | Ustin        | 404    |
| IA-30 | Hadley Hank  | 299    |
| 1360  | Anton SPA TE | 226    |

### ***Vacas Top Ten da raça Blonde d'Aquitaine***

| HBB  | Nome                | Filhos |
|------|---------------------|--------|
| 1845 | Diane               | 83     |
| 1283 | Milla Jalapa TE     | 79     |
| 488  | Josephine 81        | 67     |
| 993  | Graine              | 62     |
| 1377 | EPB Dicie 404       | 61     |
| 2284 | Miss Neches 464 ET  | 58     |
| 1608 | Sapeca da Tormenta  | 56     |
| 257  | Brigitte de Rosazul | 53     |
| 2564 | Caroline WV TE      | 53     |
| 703  | Isaura de Rosazul   | 52     |

### ***Touros Top Ten da raça Charolês***

| HBB    | Nome                    | Filhos | Criador                                 |
|--------|-------------------------|--------|-----------------------------------------|
| 31450  | Azzam 733 Fidalgo       | 2108   | Fernando e Júlio Rafael de Souza Mazza  |
| 30329  | Misterieux Curieux      | 1398   | Importador: Apomedil Agropecuária Ltda. |
| 36020  | Videz Amadeus           | 997    | Caio César Fernandez Vianna             |
| IA-104 | Fleets Rascal           | 939    | Doador de Sêmen (Estrangeiro)           |
| 38673  | Grandio Dante D1843     | 738    | Importador: Lagoa da Serra              |
| 16536  | Azzam 134 Pandeiro      | 643    | Fernando e Júlio Rafael de Souza Mazza  |
| IA-30  | Excalibur (Econome)     | 600    | Doador de Sêmen (Estrangeiro)           |
| 59714  | Bibelot de Santo Izidro | 572    | Sucessão Ernani Kurtz de Oliveira       |
| 36386  | Quórum de Santo Izidro  | 566    | Lady Kurtz de Oliveira                  |
| 22833  | Labor Bolero            | 561    | Paulo Franco Borges                     |

### ***Vacas Top Ten da Raça Charoles***

| HBB   | Nome                  | Filhos | Criador                                      |
|-------|-----------------------|--------|----------------------------------------------|
| 61168 | Marin Hebe Dollars    | 47     | Gerson M. de Abreu e Luiz Carlos M. Oliveira |
| 55772 | Obsession do Pinhal   | 46     | Irmãos Mascarenhas de Souza                  |
| 67094 | Ímola 40 TE Nobre     | 40     | José Pereira Nobre                           |
| 42764 | Júlia do Pinhal       | 38     | Irmãos Mascarenhas de Souza                  |
| 41129 | Rosée de Santo Izidro | 35     | Sucessão Ernani Kurtz de Oliveira            |
| 52360 | Ênfase 47 do Sombrero | 35     | Motolândia Agropecuária Ltda.                |
| 62929 | Rafa do Pinhal        | 34     | Jesusa da Cunha Souza                        |
| 42754 | Justice do Pinhal     | 32     | Irmãos Mascarenhas de Souza                  |
| 26108 | Tagarela da Glória    | 31     | Dario Cáceres & Filho                        |
| 35660 | Jotabê Cotovia        | 31     | Cond. Agropecuário Estância da Figueira      |



| Touros Top Ten da Raça Devon |                                      |                                |        |
|------------------------------|--------------------------------------|--------------------------------|--------|
| HBB                          | Nome                                 | Criador                        | Filhos |
| 19714                        | Garupá G144 G195 1852                | Lauro Dornelles de Macedo      | 1015   |
| 19712                        | Garupá G144 G282 1850                | Lauro Dornelles de Macedo      | 952    |
| 19913                        | Garupá G644 G1162 1947               | Lauro Dornelles de Macedo      | 850    |
| 26713                        | Garupá 3052 G1441 A3                 | Cabanha Azul Ltda              | 681    |
| 16224                        | Garupá G857 G391 1337                | Lauro Dornelles de Macedo      | 641    |
| 23457                        | Fairington Consort de S.Valentin 627 | Reinoldes Cherubini            | 603    |
| 30846                        | Rodeio Colorado A3 534               | Morecy Costa Medeiros          | 528    |
| 33783                        | Saudade Topázio 1470                 | José Carlos Assis Brasil Senna | 480    |
| 37209                        | Garupá 4920 Bombinha Monumento       | João Vieira de Macedo Neto     | 442    |
| 3598                         | Batalha Braggart 341                 | José Gomes Fº - PAP            | 406    |

| Vacas Top Ten da Raça Devon |                                    |                                                       |        |
|-----------------------------|------------------------------------|-------------------------------------------------------|--------|
| HBB                         | Nome                               | Criador                                               | Filhos |
| 24502                       | Rodeio Colorado Jama 310           | Morecy Costa Medeiros                                 | 16     |
| 33273                       | São Luiz Nataly                    | Ivo Tadeu Bianchini                                   | 16     |
| 833                         | Flash Rufus de Santa Lúcia         | Amantino Barreto da Costa                             | 15     |
| 954                         | Ballyhoo Star de Santa Lúcia       | Amantino Barreto da Costa                             | 15     |
| 9727                        | Corticeiras Juryman Clamptit 95    | Danilo José Agostini                                  | 15     |
| 2561                        | Raposa                             | Hugo R. da Cunha                                      | 14     |
| 2828                        | Guaramen Brightley                 | Importador: Parc. Pec. Israel e Pedro Paulo Gonçalves | 14     |
| 3702                        | Peversstone Dorothy 16             | Importador: Amantino Barreto da Costa                 | 14     |
| 10206                       | Corticeiras Juryman Brightley 107  | Danilo José Agostini                                  | 14     |
| 17788                       | Corticeiras Juryman Whitefield 348 | Danilo José Agostini                                  | 14     |

| Touros Top Ten da Raça Flamenga |                            |                                      |        |
|---------------------------------|----------------------------|--------------------------------------|--------|
| HBB                             | Nome                       | Criador                              | Filhos |
| 2                               | Dunkerque 597              | Ministério da Agricultura - Lages/SC | 53     |
| 45                              | Lirio de Lages             | Ministério da Agricultura - Lages/SC | 50     |
| 181                             | Robuste                    | Governo do Estado de Santa Catarina  | 41     |
| 552                             | Favori do Caraguatá        | Tedesco Agropecuária                 | 39     |
| 380                             | Herói do Rancho Fundo      | Victório Poletto S/A Com. e Ind.     | 28     |
| 162                             | Fidalgo do Rancho Alegre   | Maximiliano Affonso M. Ribeiro       | 27     |
| IA-1                            | Júpiter                    | Estrangeiro                          | 27     |
| 489                             | Guabiju de Lages           | Ministério da Agricultura - Lages/SC | 26     |
| 180                             | Bijou                      | Governo do Estado de Santa Catarina  | 23     |
| 148                             | Esperanto do Rancho Alegre | Maximiliano Affonso M. Ribeiro       | 19     |

| Vacas Top Ten da Raça Flamenga |                   |                                      |        |
|--------------------------------|-------------------|--------------------------------------|--------|
| HBB                            | Nome              | Criador                              | Filhos |
| 57                             | Nevada de Lages   | Ministério da Agricultura - Lages/SC | 11     |
| 42                             | Leoa de Lages     | Ministério da Agricultura - Lages/SC | 9      |
| 62                             | Narceja de Lages  | Ministério da Agricultura - Lages/SC | 9      |
| 10                             | Dunkerque 668     | Ministério da Agricultura - Lages/SC | 8      |
| 24                             | Itapema de Lages  | Ministério da Agricultura - Lages/SC | 8      |
| 50                             | Melancia de Lages | Ministério da Agricultura - Lages/SC | 8      |
| 75                             | Argentina         | Dimas Alcides Ribeiro                | 8      |
| 87                             | Bertioga          | Dimas Alcides Ribeiro                | 8      |
| 304                            | Bibi de Lages     | Ministério da Agricultura - Lages/SC | 8      |
| 457                            | Ágata de Lages    | Ministério da Agricultura - Lages/SC | 8      |

| Touros Top Ten da Raça Hereford |                                  |                                                            |        |
|---------------------------------|----------------------------------|------------------------------------------------------------|--------|
| HBB                             | Nome                             | Criador                                                    | Filhos |
| IA-166                          | WSF PRL Justa Banner             | <i>Estrangeiro</i>                                         | 1.781  |
| IA-165                          | Hawley Enforcer 107H             | <i>Estrangeiro</i>                                         | 1.556  |
| 167802                          | Garupá 123 Justa Banner Big 3689 | Lauro Macedo, Arthur Mascarenhas e João Macedo Linhares    | 1.043  |
| 133208                          | OR Victor K47-R388               | Importador: Antônio Carlos, Caio e Décio Franco Brenner    | 767    |
| IA-15                           | RWJ Rollo 0120-914               | <i>Estrangeiro</i>                                         | 738    |
| 155027                          | CV Advancer 228D-3               | Importador: Antônio Carlos, Caio e Décio Franco Brenner    | 729    |
| 161390                          | ADV 4049 Chief 6198              | João Souza Cavalcante                                      | 691    |
| IA-110                          | RWJ Perfect 849 269              | <i>Estrangeiro</i>                                         | 604    |
| 138757                          | Klondike 23X-226D                | Importador: Roberto B. Tellechea e Sucs. de Rene Ormazabal | 624    |
| IA-223                          | WAT GK Discovery                 | <i>Estrangeiro</i>                                         | 576    |

| Vacas Top Ten da Raça Hereford |                                 |                                           |        |
|--------------------------------|---------------------------------|-------------------------------------------|--------|
| HBB                            | Nome                            | Criador                                   | Filhos |
| 188356                         | CV Discovery F8                 | Cabanha Vacacaí                           | 38     |
| 182772                         | MLM 4750 Wabash OR DOM 77       | João Macedo Linhares e Arthur Mascarenhas | 30     |
| 177739                         | Emegê Ágata 1-051               | Ricardo Macedo Gregory                    | 28     |
| 186614                         | CV Advancer K33                 | Cabanha Vacacaí                           | 27     |
| 200002                         | Las Lilas X7024 Voyageur Charme | Cabanha Vacacaí                           | 22     |
| 189468                         | CV Stick F3                     | Alfredo William Losco Southall            | 21     |
| 190559                         | Azul 5316 Justão Sam 3          | Ilza Macedo Linhares                      | 21     |
| 183430                         | Santo Ângelo Justa J90          | Elza Rosat Bastos                         | 18     |
| 216888                         | VB Banner 82                    | Ismael Zanotto                            | 18     |
| 191891                         | CV Discovery F15                | Alfredo William Losco Southall            | 16     |

| Touros Top Ten da Raça Normando |                       |                                |        |
|---------------------------------|-----------------------|--------------------------------|--------|
| HBB                             | Nome                  | Criador                        | Filhos |
| 1529                            | Batailleur            | Cond. Almedorina Osório Duarte | 401    |
| IA-49                           | Polisson              | <i>Estrangeiro</i>             | 191    |
| 8808                            | Ouro da Cerquinha     | João Joaquim Ferreira          | 161    |
| 1381                            | Solide                | Ivo Bianchini                  | 147    |
| 2594                            | Itapitocai Bilame 63  | Francisco Martins Bastos       | 146    |
| 2517                            | Elegant de Santa Rita | Nei Araújo Bianchini           | 141    |
| 9044                            | VLSO 21               | Agropecuária Dellecolle        | 124    |
| 9221                            | Metanol do Caverá     | Arnol Fernandes Guerra         | 123    |
| IA-27                           | Dermique              | <i>Estrangeiro</i>             | 121    |
| 1891                            | Impressario           | Ary Palma Velho                | 120    |

| Vacas Top Ten da Raça Normando |                                     |                                  |        |
|--------------------------------|-------------------------------------|----------------------------------|--------|
| HBB                            | Nome                                | Criador                          | Filhos |
| 1355                           | Telefonista                         | Ivo Bianchini                    | 14     |
| 4769                           | Purpurina de Vipal                  | Salin George Chidiac             | 13     |
| 1452                           | Clementina Reina 215                | Cond. Almedorina Osório Duarte   | 12     |
| 1713                           | Bataille                            | Ivo Bianchini                    | 12     |
| 2166                           | Irma                                | Agropecuária Abreu Ltda.         | 12     |
| 2268                           | Racha Cencerro                      | Antônio Aderbal Costa dos Santos | 12     |
| 3286                           | Bela do Cântaro                     | Orlando C. da Silva              | 12     |
| 1287                           | Reata                               | Ivo Bianchini                    | 11     |
| 1676                           | J Rosa Batalha de Santa Eulália 258 | Cond. Almedorina Osório Duarte   | 11     |
| 1833                           | Juncal Bafa 314                     | Edgard Esteves Silveira          | 11     |

| Touros Top Ten da Raça Pinzgauer |                     |                                 |        |
|----------------------------------|---------------------|---------------------------------|--------|
| HBB                              | Nome                | Criador                         | Filhos |
| 14                               | Cacique             | Ivo Carlos Arnt                 | 92     |
| IA-13                            | Sam                 | Estrangeiro                     | 83     |
| 100                              | Rayner              | Ivo Carlos Arnt                 | 64     |
| 418                              | SL Wetter           | São Lourenço Agropecuária Ltda. | 59     |
| 208                              | SL Astro            | São Lourenço Agropecuária Ltda. | 51     |
| 727                              | SL Abdala TE        | São Lourenço Agropecuária Ltda. | 49     |
| 7                                | Apache              | Ivo Carlos Arnt                 | 45     |
| 24                               | Caramuru da Lady Lú | Ivo Carlos Arnt                 | 45     |
| 580                              | Woi do Camenguem    | Luciano Resende                 | 44     |
| 15                               | Pagé                | Ivo Carlos Arnt                 | 43     |

| Vacas Top Ten da Raça Pinzgauer |            |                                 |        |
|---------------------------------|------------|---------------------------------|--------|
| HBB                             | Nome       | Criador                         | Filhos |
| 592                             | SL Sapecta | São Lourenço Agropecuária Ltda. | 39     |
| 568                             | SL Gilda   | São Lourenço Agropecuária Ltda. | 27     |
| 155                             | Ronda      | ER Comércio e Indústria         | 18     |
| 151                             | Laura      | ER Comércio e Indústria         | 13     |
| 588                             | SL Enigma  | São Lourenço Agropecuária Ltda. | 13     |
| 4                               | Blanka     | Ivo Carlos Arnt                 | 12     |
| 83                              | Valsa      | Luciano Resende                 | 12     |
| 1                               | Stina      | Ivo Carlos Arnt                 | 10     |
| 445                             | SL Vitória | São Lourenço Agropecuária Ltda. | 10     |
| 630                             | SL Sílvia  | São Lourenço Agropecuária Ltda. | 10     |

| Touros Top Ten da Raça Red Poll |                             |                           |        |
|---------------------------------|-----------------------------|---------------------------|--------|
| HBB                             | Nome                        | Criador                   | Filhos |
| 857                             | Lowpark Musketeer           | Silvio Domingues Alves    | 355    |
| 630                             | Woldsman Dazzler            | Silvio Domingues Alves    | 319    |
| 843                             | Knepp Snob                  | Livio Malzoni             | 204    |
| 754                             | Colorado Woldsman Kirtan    | Silvio Domingues Alves    | 176    |
| 790                             | Colorado Woldsman Duke      | Silvio Domingues Alves    | 146    |
| 554                             | Ômega Knepp Bill            | Guilherme Echenique Filho | 141    |
| IA-17                           | Pinpur Magnitude            | Estrangeiro               | 126    |
| 1787                            | Physis Red Expert Magnitude | Pedro H. Osório           | 123    |
| IA-18                           | Willow Western Nomad        | Estrangeiro               | 101    |
| 760                             | Ômega Majestic              | Guilherme Echenique Filho | 98     |

| Vacas Top Ten da Raça Red Poll |                             |                                |        |
|--------------------------------|-----------------------------|--------------------------------|--------|
| HBB                            | Nome                        | Criador                        | Filhos |
| 1245                           | Avenca Sambuca da São Chico | Sérgio Tadeu Mendes dos Santos | 11     |
| 14                             | Ômega Star                  | Guilherme Echenique Filho      | 10     |
| 956                            | Colorado Rosse 020          | Silvio Domingues Alves         | 10     |
| 378                            | Ômega Starlight             | Guilherme Echenique Filho      | 9      |
| 381                            | Ômega Destino's Lady        | Guilherme Echenique Filho      | 9      |
| 665                            | Tio Juan 199 Pak Rossette   | Silvio Domingues Alves         | 9      |
| 810                            | Colorado Rosselaine         | Silvio Domingues Alves         | 9      |
| 924                            | Passarela 2 do Tio Ivo      | Ivo Barbosa Fernandes          | 9      |
| 1034                           | Bugra do Tio Ivo            | Ivo Barbosa Fernandes          | 9      |
| 1246                           | Paloma Sambuca da São Chico | Sérgio Tadeu Mendes dos Santos | 9      |

| Touros Top Ten da Raça Shorthorn |                        |                                                 |        |
|----------------------------------|------------------------|-------------------------------------------------|--------|
| HBB                              | Nome                   | Criador                                         | Filhos |
| 24602                            | Leave Trasumante 168   | Importador: Luiz Alves Dutra                    | 576    |
| IA-8                             | Acthorpe Pegasus       | Estrangeiro                                     | 546    |
| B.9 (LIR)                        | Anwick Isidore         | Hélio da Cunha Dutra                            | 305    |
| 22303                            | Inca Union 2           | Importador: Luiz Alves Dutra                    | 300    |
| 4886                             | Strathallan Rob Roy    | Ministério da Agricultura - Bagé/RS             | 245    |
| 8007                             | El Gruñido 159         | Importador: Torquato Arleo Petrarca             | 243    |
| IA-32                            | RPS Tribune 82         | Estrangeiro                                     | 224    |
| 3419                             | Santa Ângela Neville 7 | Ministério da Agricultura - Bagé/RS             | 218    |
| IA-36                            | HS Instant Enticer     | Estrangeiro                                     | 212    |
| 2900                             | Scotston Air Warden    | Importador: Ministério da Agricultura - Bagé/RS | 209    |

| Vacas Top Ten da Raça Shorthorn |                           |                                      |        |
|---------------------------------|---------------------------|--------------------------------------|--------|
| HBB                             | Nome                      | Criador                              | Filhos |
| 192                             | Biscuit                   | Viúva A. Gervásio                    | 13     |
| 9519                            | Querência 260             | Importador: Luiz Alves Dutra e Filho | 13     |
| 845                             | Tigris Kaiserina          | Viúva A. Gervásio                    | 12     |
| 6481                            | Vitória View Pride 4      | Amarantho Paiva Coutinho             | 12     |
| 22636                           | Quero-Quero Stewart 233   | Agropecuária Silva Ltda.             | 12     |
| 911                             | Tigris Kamakura           | Viúva A. Gervásio                    | 11     |
| 1495                            | Nonpareil 51              | Gaspar Carvalho                      | 11     |
| 1635                            | Vênus Roan Charm          | Alcides Marques                      | 11     |
| 3758                            | Índia 56                  | Archanjo Arleo Petrarca              | 11     |
| 24438                           | Quero-Quero Zook Zook 465 | Agropecuária Silva Ltda.             | 11     |

## Registro de Eqüinos

Os Livros de Registro Genealógico das raças eqüinas para as quais o Herd- Book Collares detém a delegação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento para a execução desse serviço foram abertos na década de 30. Os registros de Morgan tiveram início em 1934, enquanto que o Livro de Percheron teve sua abertura concretizada em 1936. A raça Marchador do Tennessee ainda não teve nenhum animal registrado no Brasil , embora a ANC detenha a autorização do MAPA para isso.

Curiosidade: os registros do cavalo Árabe também começaram no Herd-Book Collares. Há algumas décadas o acervo foi entregue à Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Árabe.

Na tabela abaixo estão relacionados todos os registros efetuados, classificados por raça e categoria de registro.

| Raça                   | PO  | PA  | MM  | EB  |
|------------------------|-----|-----|-----|-----|
| Morgan                 | 102 | 292 | 107 | 73  |
| Percheron              | 711 | 122 | 531 | 920 |
| Marchador do Tennessee | --- | --- | --- | --- |
| Total                  | 813 | 414 | 638 | 993 |

Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

### Morgan

Em janeiro de 1934 foi aberto o Livro de Registro desta raça, de origem norte-americana, com a inscrição de dois casais importados dos Estados Unidos da América pelo Dr. Fernando Luís Osório, proprietário da Estância da Paschoa, no município de Pelotas (hoje município de Capão do Leão) e pelo Dr. Manoel Luís Osório , do município de Arroio Grande, ambos do Estado do Rio Grande do Sul.

Coube a Aleck G, um garanhão de propriedade do Dr. Fernando Luís Osório, a inscrição no SBB 1. Também de sua propriedade era Dragão, um macho nascido em 08 de outubro de 1928, que foi inscrito no SBB 5. Este foi o primeiro produto nacional registrado.

### Origem e História da Raça

Justin Morgan era um professor norte-americano, além de escritor, homem de negócios e um cavaleiro que se mudou para Randolph, em Vermont, vindo de Springfield, no Estado de Massachusetts, no ano de 1788.

| Ano                                             | Machos | Fêmeas | Total | Anos         | Machos    | Fêmeas    | Total      |
|-------------------------------------------------|--------|--------|-------|--------------|-----------|-----------|------------|
| 1934                                            | 04     | 02     | 06    | 1994         | 01        | 03        | 04         |
| 1935                                            | ---    | 02     | 02    | 1995         | 03        | ---       | 03         |
| <i>Não houve nenhum registro neste período.</i> |        |        |       | 1996         | 02        | 02        | 04         |
| 1984                                            | 01     | 02     | 03    | 1997         | 08        | 12        | 20         |
| 1985                                            | ---    | ---    | ---   | 1998         | 01        | ---       | 01         |
| 1986                                            | 01     | ---    | 01    | 1999         | 03        | 02        | 05         |
| 1987                                            | 01     | ---    | 01    | 2000         | 05        | 03        | 08         |
| 1988                                            | ---    | 02     | 02    | 2001         | 03        | 05        | 08         |
| 1989                                            | 01     | 01     | 02    | 2002         | 04        | 04        | 08         |
| 1990                                            | 02     | ---    | 02    | 2003         | 01        | 02        | 03         |
| 1991                                            | ---    | 02     | 02    | 2004         | 06        | 06        | 12         |
| 1992                                            | 01     | 01     | 02    | 2005         | ---       | ---       | ---        |
| 1993                                            | 02     | 01     | 03    | <b>Total</b> | <b>50</b> | <b>52</b> | <b>102</b> |

Registros de Morgan PO – Puros de Origem. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

Ele adquiriu um potro baio – há uma versão da história que diz que ele ganhou esse potro –, nascido em 1789, que foi chamado de Figure, que veio a ser o fundador da raça Morgan.

Conquanto sua verdadeira origem permaneça oculta na história, acredita-se que Figure tenha sido um dos filhos de True Briton, um cavalo muito respeitado na época, por sua excelência. True Briton era reconhecido como um cavalo que produzia potros de excelente qualidade.

A mãe de Figure era de uma raça selvagem, de tamanho mediano, com um peito forte, de coloração baia clara, com crina e cola abundantes. O pêlo era longo e liso. Destacava-se pelo andar gracioso e muito elegante. O pai dela era Diamond; um filho de Church's Wildair, por Wildair (Delancey's), acasalado com uma égua de propriedade de Samuel Burt chamada Wildair.

Figure cresceu. O corpo se tornou musculado e compacto e seu andar, com movimentos graciosos, impressionaram muitos dos fazendeiros e colonos da época. Assim, histórias de sua beleza, força, velocidade, rusticidade, resistência e gentil temperamento, logo se espalharam entre as pequenas cidades da Nova Inglaterra. Sua habilidade em sobrepujar o passo, o trote, a corrida e o salto de outros cavalos, tornou-se legendária naquela época.

Os serviços de acasalamento de Figure foram oferecidos por todo o Vale do Rio Connecticut e em várias localidades de Vermont, ao longo de toda a sua vida. Seu mais valioso bem, entretanto, foi a sua habilidade de transmitir suas distintas características, não apenas à sua progênie, mas, também, para todas as várias gerações seguintes.





Após a morte de Justin Morgan, Figure foi vendido a outros proprietários e terminou sua vida trabalhando nas fazendas, puxando carroças e como montaria nas paradas militares. No exercício de seus dias, ele se tornou conhecido por fazer seu próprio nome e como o cavalo de Justin Morgan.

Figure passou sua vida trabalhando e morreu em 1821, aos 32 anos, vitimado por um coice que recebeu de outro cavalo. Seus três mais famosos filhos - Sherman, Bulrush e Woodbury – transmitiram seu legado para as gerações seguintes dos cavalos Morgan.

### **A Raça Morgan Hoje**

Na atualidade, a raça Morgan pode ser encontrada em todos os 50 estados norte-americanos e em mais de 20 países.

Os animais têm coloração que varia desde o baio, negro, lobuno, castanho, cinza, palomino e creme, até o gateado.

O Morgan tem permanecido uma montaria elegante, com uma conformação que contribui para sua utilização numa vasta gama de disciplinas. Sua versatilidade é amplamente reconhecida. A sensatez dos cavalos Morgan, bem como sua força, agilidade e resistência tornam a raça uma escolha de muitos criadores. Esses animais participam de um grande número de competições em Driving Combinado e em eventos com carruagens.

Uma distinção que o Morgan ostenta é a de ter sido a primeira raça americana a representar os Estados Unidos no World Paris Driving.

Os Morgan são excelentes em muitas outras modalidades, incluindo Park Saddle e Harness, English e Classic Pleasure Saddle e Driving, Western, Hunter, Jumper, Eventing, Dressage, Reining, Cutting, Endurance e Competitive Trail. Eles têm uma grande demanda como cavalos para terapia eqüina. São, igualmente, muito conhecidos por sua disposição amigável e afável. Aqueles que compram um Morgan, freqüentemente, dizem que não compraram apenas um cavalo, mas adquiriram um novo membro para a família.

### **A Linhagem Lippitt**

O Lippitt é descendente direto de um garanhão Cornerstone, chamado Ethan Allen 2d #406, nascido em 1877 e criado pela família Peters, de Bradford, em Vermont. Todos os Lippitt mostram numerosos cruzamentos que levam a este grande garanhão. Ethan Allen 2d, de fato, tem a mesma relação ao Lippitt como Figure tem para toda a raça Morgan.

Ethan Allen 2d permanece um símbolo dos preceitos fundamentais de criação da raça Morgan para o Lippitt Club, traçando um pedigree com ascendência direta a Figure. Esta linha direta foi perdida, por várias ocasiões, mas finalmente acabou sendo preservada, como um tributo ao próprio Figure.

O início dos anos 1900 foram os anos negros para o cavalo Morgan. Com a chegada do automóvel, a necessidade por cavalos de tração de coches e carruagens desapareceu. Apenas a U.S. Government Farm, com seu programa de cruzamentos com Morgan e uns poucos dedicados criadores mantiveram a raça, evitando sua extinção. Quando Mr. A. Fullerton Phillips foi a Vermont, no início de 1900, com a intenção de criar Morgan, ele teve dificuldade em encontrar animais com sangue puro da raça. Apenas no leste de Vermont ele encontrou indivíduos com o pedigree e o tipo que ele desejava, representando os primeiros Morgan. Seu programa produziu um magnífico rebanho, incluindo o legendário Ashbrook, o qual foi admirado e respeitado por muitos de seus contemporâneos. Após 10 anos de programa, um trágico raio matou 12 de suas preciosas éguas. Embora muitos outros sobrevivessem, diz-se que ele morreu de um ataque cardíaco três anos depois, devido àquele acidente.

Em 1921, Mr. Robert L. Knight, de Rhode Island, comprou a Green Mountain Stock Farm, em Randolph, Vermont. Seis anos depois, ele comprou as terras de Mr. Phillips. Os cavalos poderiam ter sido perdidos para sempre se não fosse um entregador de comida, sem nome conhecido, que persuadiu Mr. Knight a salvar o programa de cruzamentos de Phillips. Aqueles cavalos, bem como os Morgans trazidos naquele

mesmo ano, de outros lugares, foram o início do programa de acasalamentos que criou a linhagem Lippitt.

O Clube Lippitt recebeu seu nome do prefixo de Mr. Knight's , no início dos anos 1970. O nome Lippitt era ainda intimamente identificado como um tipo antigo. Isto é também um tributo apropriado a Mr. Knight por sua maior tarefa: salvar o tradicional Morgan, de Vermont, da extinção.

O Clube Lippitt reconhece muitos cavalos das antigas linhas de sangue, entretanto, eles não carregam, necessariamente, o prefixo Lippitt. Outras linhas de sangue, entre elas Sealect, Ethan Eldon e John A. Darling, mostram a mesma origem e são considerados Lippitts pelo Lippitt Club. Por outro lado, Mr. Knight, ocasionalmente, fazia cruzamentos com Morgans de outras linhagens. O Lippitt Club não considera os produtos destes acasalamentos como sendo "Full Lippitt", apesar de eles carregarem o prefixo Lippitt.

Robert L. Knight's estabeleceu o programa de cruzamentos com um excelente rebanho, com alta concentração de sangue puro Morgan, por 40 anos. Como resultado disso, hoje os Lippitts tendem a ter a aparência e as características do legendário Figure.

O animal da raça Morgan deve ter boa conformação para sela. Em geral, deve ser compacto, de comprimento médio, ter boa musculatura e ser elegante na aparência. O desenvolvimento deve ser bom, de acordo com a idade . A altura pode variar entre 1,43 a 1,54 m, com discretas oscilações individuais, para mais ou para menos. O peso pode variar entre 400 a 500 Kg.

O cavalo Morgan tem de ser enxuto, com ossatura forte, tendões e articulações bem delineadas, pele e pêlo lisos. Deve ser tratável e dócil, mas ativo e vigoroso. Todas as pelagens são permitidas, exceto a branca, a tobianana ou animais com manchas acima dos joelhos e jarretes. São comuns as pequenas manchas na cabeça, como estrela, cordão, frente aberta e outras.

Os filhos e filhas de Justin Morgan cresceram com uma jovem nação que estava construindo seu futuro por conta própria, com trabalho e determinação. Os cavalos Morgans trabalharam ao lado de seus proprietários, ajudando a limpar campos e florestas. Quando as tarefas da semana haviam terminado, eles providenciavam transporte para o mercado, aos sábados, e para a igreja, aos domingos.

Adicionalmente, eles puxavam carruagens por toda a Nova Inglaterra. Em 1840, vários criadores em Vermont e oeste de New Hampshire começaram esforços para concentrar linhagens de sangue Morgan. Localizando a segunda, terceira e quarta geração de descendentes do cavalo Morgan original, eles estabeleceram as funda-

ções da raça. Por volta da metade de 1850, Morgans eram vendidos por altas somas e já estavam amplamente distribuídos por todos os Estados Unidos.

Os animais Morgans obtinham recordes em world-trotting, quando as corridas de harness ainda estavam surgindo. Black Hawk e seu filho Ethan Allen eram famosos nacionalmente e eram nomes familiares a todos. A maioria dos Morgans, entretanto, executava seu trabalho diário com grande eficiência e boa disposição. Eles eram altamente requisitados como cavalos de vários propósitos, capazes de atuar em uma ampla variedade de tarefas.

Durante a Guerra Civil Americana, os Morgans serviram na cavalaria e na artilharia. Um soldado só era um bom cavaleiro se montasse um Morgan. É mencionado em muitos artigos da época o quanto o Morgan era um cavalo altamente procurado durante a Guerra Civil. O Coronel Sheridan cavalgou um Morgan. A 1ª Cavalaria de Vermont era composta inteiramente de Morgans. Eles tinham uma enorme reputação por serem uma unidade guerreira e corajosa. De mais de 1.200 cavalos, apenas 200 sobreviveram à guerra.

A resistência e o espírito do Morgan, combinado com sua constituição e elegante cavalgar, contribuíram muito para a formação de outras raças americanas de cavalos. Estas raças incluem o Standardbred, Quarto de Milha, Tennessee Walking Horse e American Saddle Horse. O primeiro registro da raça Morgan foi publicado em 1894. Desde seu estabelecimento, o registro conta com mais de 147.000 Morgans, com criadores localizados em todos os 50 estados americanos e em vários países do mundo como Brasil, Austrália e Grã Bretanha.

No Brasil, onde o registro de PO existe desde 1934, foram inscritos 50 machos e 52 fêmeas, desde aquele ano até 2005, perfazendo um total de 102 animais registrados. Uma curiosidade a respeito é que o Livro de Registro Genealógico foi aberto em 1934, quando foram registrados quatro machos e duas fêmeas e, no ano seguinte, foram registradas apenas duas fêmeas. A partir daí, o registro esteve desativado até 1984, quando o Dr. Paulo Crespo Ribeiro importou um garanhão e duas éguas, diretamente dos Estados Unidos. Desde então as inscrições têm-se mantido normais.

Em 28 de março de 1988, foi aberto um livro de registro para animais Puros Por Cruzamento Absorvente. O primeiro animal inscrito foi a égua Mutuca das Cinzas, de pelagem tostada queimada, nascida em 10 de outubro de 1976 e que recebeu o número de registro SBBPA.1. Este animal era de criação do Dr. Paulo Crespo Ribeiro, proprietário da Estância Capão das Cinzas, localizada no município de Camaquã, Estado do Rio Grande do Sul. Desde então, foram registrados 292 animais naquele livro, sendo que 126 são machos e 166 são fêmeas.

Há, também, um livro de Controle de Genealogia, onde são cadastrados os animais

mestiços. Este controle também está aberto desde 1988, quando no dia 15 de dezembro daquele ano, foi inscrita Acácia, uma égua de pelagem tostada, que nasceu em 15 de outubro de 1984 e era de criação do Condomínio Agropecuária São Carlos, do município de Capão do Leão, no Rio Grande do Sul. Este é o cadastro de número SBBMM.1. Ao todo, foram controlados 107 animais, sendo 12 machos e 95 fêmeas.

Ao longo deste período foram cadastradas, também, 73 éguas que serviram como base para a obtenção de animais meio-sangue.

Nas tabelas a seguir, os registros e os controles de Morgan, em suas categorias PA e MM:

#### Morgan PA

| Ano  | Machos | Fêmeas | Total | Ano          | Machos     | Fêmeas     | Total      |
|------|--------|--------|-------|--------------|------------|------------|------------|
| 1988 | 07     | 20     | 27    | 1998         | 04         | 09         | 13         |
| 1989 | ---    | ---    | ---   | 1999         | 06         | 09         | 15         |
| 1990 | 14     | 13     | 27    | 2000         | 09         | 12         | 21         |
| 1991 | 04     | 02     | 06    | 2001         | 07         | 12         | 19         |
| 1992 | 07     | 02     | 09    | 2002         | 05         | 15         | 20         |
| 1993 | 06     | 14     | 20    | 2003         | 13         | 07         | 20         |
| 1994 | 06     | 02     | 08    | 2004         | 05         | 10         | 15         |
| 1995 | 08     | 11     | 19    | 2005         | 06         | 02         | 08         |
| 1996 | 06     | 08     | 14    | ---          | ---        | ---        | ---        |
| 1997 | 13     | 18     | 31    | <b>Total</b> | <b>126</b> | <b>166</b> | <b>292</b> |

Inscrições de Morgan PA – Puros Por Cruzamento Absorvente. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares

#### Morgan MM

| Ano  | Machos | Fêmeas | Total | Ano          | Machos    | Fêmeas    | Total      |
|------|--------|--------|-------|--------------|-----------|-----------|------------|
| 1988 | ---    | 03     | 03    | 1998         | ---       | 05        | 05         |
| 1989 | ---    | ---    | ---   | 1999         | 01        | 09        | 10         |
| 1990 | ---    | 04     | 04    | 2000         | 05        | 10        | 15         |
| 1991 | ---    | 03     | 03    | 2001         | 05        | 09        | 14         |
| 1992 | ---    | 04     | 04    | 2002         | ---       | 05        | 05         |
| 1993 | ---    | 02     | 02    | 2003         | ---       | 02        | 02         |
| 1994 | 01     | 03     | 04    | 2004         | ---       | 06        | 06         |
| 1995 | ---    | 07     | 07    | 2005         | ---       | 04        | 04         |
| 1996 | ---    | 05     | 05    | ---          | ---       | ---       | ---        |
| 1997 | ---    | 14     | 14    | <b>Total</b> | <b>12</b> | <b>95</b> | <b>107</b> |

Inscrições de Morgan Mestiços – MM, no Livro de Controle de Genealogia. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares



## Percheron

Coube ao Ministério da Agricultura o início dos registros de Percheron, com a inscrição de um lote de garanhões importados da Argentina, em fevereiro de 1936. No SBB 1 encontra-se registrado o garanhão de nome *Campagnard*, nascido em 29 de fevereiro de 1932. De procedência argentina, fora lá inscrito sob número 4769. Os criadores eram as Estâncias y Colônias E. de Sá Pereira y Hijos.

| Ano  | Macho | Fêmea | Total | Ano          | Macho      | Fêmea      | Total      |
|------|-------|-------|-------|--------------|------------|------------|------------|
| 1936 | 03    | ---   | 03    | 1972         | ---        | 01         | 01         |
| 1938 | 03    | 07    | 10    | 1973         | ---        | ---        | ---        |
| 1939 | ---   | 04    | 04    | 1974         | 01         | 01         | 02         |
| 1940 | 02    | 04    | 06    | 1975         | 02         | ---        | 02         |
| 1941 | 01    | ---   | 01    | 1976         | 01         | 01         | 02         |
| 1942 | 10    | 11    | 21    | 1977         | 05         | 04         | 09         |
| 1943 | 01    | ---   | 01    | 1978         | ---        | 07         | 07         |
| 1944 | 01    | ---   | 01    | 1979         | ---        | ---        | ---        |
| 1945 | 05    | 05    | 10    | 1980         | 02         | 01         | 03         |
| 1946 | 04    | 04    | 08    | 1981         | 03         | 03         | 06         |
| 1947 | 04    | 01    | 05    | 1982         | 06         | 04         | 10         |
| 1948 | 07    | 02    | 09    | 1983         | 05         | 07         | 12         |
| 1949 | 04    | 05    | 09    | 1984         | 09         | 04         | 13         |
| 1950 | 05    | 10    | 15    | 1985         | 28         | 12         | 40         |
| 1951 | 01    | 10    | 11    | 1986         | 06         | 06         | 12         |
| 1952 | ---   | ---   | ---   | 1987         | 31         | 07         | 38         |
| 1953 | 04    | 02    | 06    | 1988         | 08         | 08         | 16         |
| 1954 | ---   | ---   | ---   | 1989         | 07         | 04         | 11         |
| 1955 | ---   | ---   | ---   | 1990         | 16         | 59         | 75         |
| 1956 | ---   | ---   | ---   | 1991         | 03         | 12         | 15         |
| 1957 | 02    | 04    | 06    | 1992         | 34         | 25         | 59         |
| 1958 | ---   | ---   | ---   | 1993         | 09         | 09         | 18         |
| 1959 | ---   | ---   | ---   | 1994         | 10         | 09         | 19         |
| 1960 | ---   | ---   | ---   | 1995         | ---        | 01         | 01         |
| 1961 | ---   | ---   | ---   | 1996         | 14         | 12         | 26         |
| 1962 | ---   | ---   | ---   | 1997         | 43         | 25         | 68         |
| 1963 | ---   | ---   | ---   | 1998         | 03         | 01         | 04         |
| 1964 | ---   | ---   | ---   | 1999         | 03         | 04         | 07         |
| 1965 | 01    | 01    | 02    | 2000         | 09         | 06         | 15         |
| 1966 | 01    | 04    | 05    | 2001         | 10         | 14         | 24         |
| 1967 | ---   | ---   | ---   | 2002         | 06         | 07         | 13         |
| 1968 | ---   | 01    | 01    | 2003         | 07         | 15         | 22         |
| 1969 | --    | ---   | ---   | 2004         | 09         | 04         | 13         |
| 1970 | 02    | ---   | 02    | 2005         | 04         | 07         | 11         |
| 1971 | ---   | 01    | 01    | <b>Total</b> | <b>355</b> | <b>356</b> | <b>711</b> |



## Origem e História da Raça

A exata origem da raça Percheron está perdida através dos tempos. Alguns acreditam que eles são descendentes dos primitivos cavalos encontrados na França, durante a idade do gelo. Outros afirmam que eles estão intimamente relacionados aos cavalos Boulonnais que foram usados na invasão da Bretanha pelos Romanos. Outros, ainda, acreditam que a raça é oriunda do garanhão da raça Árabe, Abd el Rahman's, ou parte dos cavalos usados pelos Mouros na batalha dos Poitiers, os quais foram depois divididos entre as forças francesas vitoriosas.

Independentemente destes antigos conceitos quanto à sua origem, afirmam hipólogos e estudiosos que, realmente, houve infusão de sangue Árabe na raça. Segundo eles, as éguas nativas da região de Le Perche, perto da Normandia, na França, foram acasaladas com garanhões



Árabes, primeiro durante o século oito e, depois, durante a Idade Média. O resultado foi que, desde aquela época, os animais já eram vigorosos e com belo estilo. No tempo das cruzadas o Percheron era reconhecido amplamente como um cavalo superior, devido à sua calma e sensatez, bem como por sua característica beleza e pelo tipo.

Nos séculos dezessete e dezoito, os cavalos produzidos em Le Perche haviam atraído a maior notoriedade e tinham demanda para diversas funções. O Percheron desta época tinha menos harmonia, era mais leve e, provavelmente, mais ativo. Media entre 150 e 160 cm. de altura. Era cavalo de tração, de sela, de carruagem e também de caça.

No século dezenove o governo da França estabeleceu uma coudelaria oficial em Le Pin, que tinha a finalidade de desenvolver a cavalaria oficial do país e fomentar os sistemas de reprodução e seleção de eqüinos, para que, entre outras coisas, servissem de montaria ao exército. Em 1823 ou 1824, não se sabe bem a data certa, nasceu nesta coudelaria um cavalo que foi chamado de Jean-Le-Blanc. À medida que foi sendo empregado na reprodução, este animal se transformou num dos mais famosos garanhões da raça, contribuindo de forma significativa para o estabelecimento do padrão Percheron. Todas as linhagens de sangue de hoje podem ser traçadas diretamente até este cavalo.

Ainda no século dezenove a raça foi introduzida nos Estados Unidos, por volta de 1839. As importações continuaram nas décadas seguintes e em 1876 os america-

nos abriram o seu Stud-Book, dando à raça o nome de Norman. Posteriormente, adotaram o nome próprio de Percheron. Os franceses publicaram o registro de seus animais depois dos americanos, só em 1885.

A década de 80 do século dezenove foi o auge do Percheron nos Estados Unidos, com o desenvolvimento seletivo da raça e o aparecimento das primeiras linhagens americanas. Afora isso, a década de 90 daquele século inaugurava a fase de depressão americana. As restrições à importação atingiram severamente os criadores, que se viram dependentes da tração animal do próprio país. Algumas criações começaram a se desfazer e os plantéis se espalharam pelo país inteiro.

O raiar do século vinte trouxe novas esperanças e a economia voltou a crescer. O campo passou a necessitar mais do que nunca de bons animais para a lavoura e o número de Percherons, que era de 1.500 cabeças na década de 1890 a 1900, passou para quase 32.000 entre 1900 e 1910. Foi aí que o Percheron, mais do que nunca, subiu na cotação geral e o programa de cruzamentos começou a colher resultados extraordinários. Surgiram, nesta época, alguns garanhões que formariam as mais respeitadas linhagens do Percheron americano: Calypso, Carnot, Dragon, Laet, Lagos, Hesitation, Don Degas e muitos outros.

O Percheron rapidamente transformou-se na raça favorita dos fazendeiros americanos, tornando-se tão popular naquele país que, em 1930, um censo do governo mostrou que ela tinha três vezes mais registros do que quatro outras raças de cavalos de tração somadas.

Após a Segunda Guerra Mundial, o invento de modernos tratores quase levou a raça à extinção, fazendo com que tenha caído no quase total esquecimento. Entretanto, alguns fazendeiros, incluindo muitos Amish, dedicaram-se à sua preservação. Na década de 60 houve um renascimento dos cavalos de tração nos Estados Unidos, com os americanos redescobrimo a utilidade desses animais. Os Percherons estão retornando para as pequenas fazendas e trabalhando nas florestas, onde são utilizados para tração de implementos agrícolas e de carroças. Antigamente, em tempos de guerra, tracionavam a artilharia pesada dos exércitos.

Por serem extermamente versáteis, é comum vê-los nas ruas das grandes cidades americanas puxando carruagens, sendo usados para recreação e em desfiles, mas é no trabalho do campo que realmente persiste sua função maior.

### **Características**

Os Percherons são notáveis por causa da pesada musculatura das coxas, um dos fatores responsáveis pelo vigor e pela potência dos animais. São cavalos fortes e compactos, de altura e comprimento médios a grandes, pesados e com musculatura

poderosa. Sua constituição é robusta, com ossatura forte, de tendões e articulações bem delineadas, com pele e pêlos lisos. A pelagem é preta ou tordilha.

O cavalo ideal deve ser robusto, apresentar uma boa profundidade torácica, um bom arqueamento de costelas com longa, larga e musculosa anca. É uma raça conhecida por ter a cabeça bem feita, de tamanho proporcional ao corpo, com um pescoço musculoso, bem típico do cavalo de tração. As éguas mostram um maior refinamento, o que confere a elas certo grau de feminilidade. São animais tratáveis e dóceis, mas, ao mesmo tempo, ativos e vigorosos.

O desenvolvimento corporal é bom, de acordo com a idade. A altura média do animal adulto é de 1,66 m, sendo que a mínima permitida é de 1,58 m e a máxima é de 1,72 m, tanto para machos como para fêmeas. O peso médio é de 900 Kg.

No Brasil, desde a abertura do Livro de Registro Genealógico, em 1936, até 31 de dezembro de 2005, foram registrados 711 animais Puros de Origem e 122 Puros por Cruzamento Absorvente. Foram, também, controlados 531 Mestiços e cadastradas 920 éguas para servirem de Base nos cruzamentos.

| Ano  | Machos | Fêmeas | Total | Ano          | Machos    | Fêmeas    | Total      |
|------|--------|--------|-------|--------------|-----------|-----------|------------|
| 1989 | ---    | 07     | 07    | 1998         | 02        | 04        | 06         |
| 1990 | 05     | 15     | 20    | 1999         | ---       | 01        | 01         |
| 1991 | 01     | 02     | 03    | 2000         | 02        | 04        | 06         |
| 1992 | 02     | 01     | 03    | 2001         | 03        | 05        | 08         |
| 1993 | ---    | ---    | ---   | 2002         | ---       | 01        | 01         |
| 1994 | 03     | 09     | 12    | 2003         | 04        | 04        | 08         |
| 1995 | 01     | ---    | 01    | 2004         | 03        | 03        | 06         |
| 1996 | 02     | 02     | 04    | 2005         | 03        | 05        | 08         |
| 1997 | 14     | 14     | 28    | <b>Total</b> | <b>45</b> | <b>77</b> | <b>122</b> |

Inscrições de Percheron PA – Puros Por Cruzamento Absorvente. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares.

| Ano  | Machos | Fêmeas | Total | Ano          | Machos     | Fêmeas     | Total      |
|------|--------|--------|-------|--------------|------------|------------|------------|
| 1988 | ---    | 36     | 36    | 1998         | 81         | 137        | 218        |
| 1989 | ---    | 16     | 16    | 1999         | 01         | 03         | 04         |
| 1990 | 15     | 21     | 36    | 2000         | 01         | 05         | 06         |
| 1991 | 04     | 05     | 09    | 2001         | 01         | 10         | 11         |
| 1992 | 09     | 11     | 20    | 2002         | ---        | 02         | 02         |
| 1993 | 01     | ---    | 01    | 2003         | 03         | 04         | 07         |
| 1994 | ---    | ---    | ---   | 2004         | 02         | 34         | 36         |
| 1995 | ---    | ---    | ---   | 2005         | 05         | 02         | 07         |
| 1996 | 09     | 12     | 21    | ---          | ---        | ---        | ---        |
| 1997 | 20     | 81     | 101   | <b>Total</b> | <b>152</b> | <b>379</b> | <b>531</b> |

Inscrições de Percheron MM – Mestiços, no Livro de Controle de Genealogia. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares

## Marchador do Tennessee

Copyright Tennessee Walking Horse Association



Herd-Book Collares é o detentor da delegação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento para o registro desta raça de origem norte-americana, em todo o território nacional.

Embora no Estado de São Paulo existam alguns núcleos de animais, legalmente importados dos Estados Unidos da América, não houve nenhum registro no Stud-Book brasileiro, até a presente data.

### Origem e História da Raça

O Marchador do Tennessee, uma raça de cavalos leves da família eqüina, não é um cavalo misterioso, não há nada de mágico ou de difícil para entender sobre a sua origem.

É uma raça composta que teve seu desenvolvimento a partir do Cavalo de Passo Naragansett, Canadian, Morgan, Standardbred, Thoroughbred (Puro Sangue Inglês) e American Saddlebred. Estes sangues foram juntados em um animal, na região do Médio Tennessee, gerando um cavalo de lazer, show e enduro. O resultado, após muitos anos, foi o Marchador do Tennessee (Tennessee Walking Horse) – a primeira raça de cavalos a receber o nome de um estado americano.

Em 1885, um cruzamento entre um garanhão chamado Allendorf, oriundo da família de trotadores Hambletonian, e uma égua Morgan chamada Maggie Marshall, produziu um potro negro com uma marca branca, de nome Black Allan, nascido em 1886. Ele foi escolhido pela Tennessee Walking Horse Breeders' Association como o garanhão fundador da raça Tennessee Walking Horse e designado como Allan F-1. Enquanto as linhagens Gray Johns, Copperbottoms, Slashers, Hals, Brooks e Bullett produziram um tipo conhecido como Passo do Tennessee (Tennessee Pacer) anterior à chegada de Allan F-1 no Médio Tennessee, foi um cruzamento entre Allan e o Tennessee Pacer que produziu a raça hoje conhecida por Tennessee Walking Horse.

O Tennessee Walking Horse havia impressionado a nação americana com seu temperamento e maneiras gentis e continua a ser uma das raças eqüinas mais versáteis dos Estados Unidos.

O temperamento dócil tem levado a uma demanda para todos os estados norte-americanos e para vários países do mundo.

Desde a fundação da Tennessee Walking Horse Breeders' Association em 1935, aproximadamente 300.000 cavalos já foram registrados.

### **Características**

Em geral, pesa entre 400 e 500 kg. O moderno Marchador do Tennessee possui uma bela cabeça, com orelhas pequenas e bem inseridas. A garupa é moderadamente curta. Tem os quartos traseiros longos e escorridos, da mesma forma que as ancas. Os ligamentos são fortes. A linha inferior é mais longa que a linha superior.

O Marchador do Tennessee admite todas as cores e variedades de padrões. A escolha de diversas cores assegura prazer para qualquer entusiasta por cavalos. Diferentes cores não são discriminadas para registro. As pelagens mais comuns são: baia, negra, tobiana, palomina, rosilha, moura e alazã.

A raça se caracteriza por apresentar três passos distintos: o flat foot, o running e o canter. Estes tipos de passos são famosos na raça, com o running walk sendo uma qualidade natural única a esta raça.

### **Os Três Passos**

O flat foot walk é um passo rápido. Neste passo um animal pode percorrer de 6 a 12 Km em uma hora. Nele o cavalo coloca cada pata no solo separadamente, em intervalos regulares. A pata traseira será colocada em cima da pegada da pata dianteira (pata traseira esquerda sobre pata dianteira esquerda, pata traseira direita sobre pata dianteira direita). O ato de sobrepor a pata traseira sobre a pegada da

pata dianteira é conhecido como sobrepasso (overstride). O sobrepasso é único na raça. O jarrete deve fazer apenas um movimento para frente. Movimentos verticais de jarrete são altamente indesejáveis. Um cavalo Marchador do Tennessee inclinará a cabeça em ritmo cadenciado com suas patas. Este movimento cadenciado da cabeça, juntamente com o sobrepasso, são duas características únicas do cavalo Marchador do Tennessee.

O running walk é o passo pelo qual o cavalo Marchador é mais conhecido! Este passo é basicamente o mesmo flat walk, com o marcado aumento na velocidade do passo sendo a única diferença. Os animais podem viajar de 16 a 32 km/hora neste passo. Como a velocidade aumenta, o cavalo coloca o sobrepasso da pata traseira sobre a dianteira, aumentando a distância. O cavalo com o passo mais largo – stride – é considerado o de melhor passo – Walker –. Isto dá ao cavaleiro a idéia de que está deslizando no ar como se estivesse sendo impulsionado por alguma força. Os cavalos relaxam certos músculos enquanto estão se movendo. Alguns cadenciam suas cabeças ritmicamente, balançando as orelhas em perfeito movimento sincronizado, sendo que alguns até mesmo mordem os dentes. O running walk é um leve e gracioso passo para cavalo e cavaleiro. Existem diferenças a serem observadas na velocidade entre o flat walk e o running walk, mas um bom running walk nunca permitiria que sua adequada maneira de andar fosse sacrificada pela excessiva velocidade. Um verdadeiro Marchador do Tennessee continuará com seus movimentos cadenciados enquanto executa o running walk.

O terceiro passo é o canter, que é um galope. O canter é executado da mesma maneira que as outras raças o fazem, mas o cavalo Marchador executa este passo de uma maneira mais relaxada. O canter é o movimento feito de uma maneira diagonal para a esquerda ou para a direita. No lado direito, o cavalo inicia o passo nesta ordem: dianteira esquerda, dianteira direita e traseira esquerda seguida pela traseira direita. No lado esquerdo, a ordem para a sequência é: dianteira direita, dianteira esquerda e traseira direita, traseira esquerda. Quando executa o canter em uma arena, o animal mostra a sequência de seu canter com a perna traseira para o interior da arena. No canter o cavalo executa tranqüilos saltos ritmados, com um adequado subir e descer do animal, que deixa entusiasmado o cavaleiro que está sentado na sela. O canter tem um movimento que levanta e desce tranqüilamente o anterior do animal e termina por ocasionar um movimento que é semelhante a uma cadeira de balanço. Por isso é freqüentemente chamado de rocking-chair-gait – o passo da cadeira de balanço.



## **Finalizando**

**P**ode-se observar que durante toda a vida do Herd-Book Collares houve muito trabalho e devoção de todos quantos a ele se dedicaram. Dentro do possível, procurou-se sempre acompanhar a evolução apresentada por entidades congêneres.

De maneira geral, a Associação contou, ao longo de sua existência, com grandes e valiosos amigos, mesmo fora de seu quadro associativo. O conceito que a entidade desfruta deve-se ao critério básico imprimido por seu fundador, ao apoio que sempre emprestou à causa dos criadores, às diretorias que por ela passaram e aos funcionários, todos convergindo esforços em benefício da eficiência e do renome do Herd-Book Collares.

Dentre tantos fatos ocorridos durante este primeiro século de existência, alguns podem até ser considerados como de menor relevância e de fácil solução. Outros, porém, tiveram importância fundamental, pois se não houvessem sido resolvidos satisfatoriamente, teriam abalado seriamente a entidade.

O primeiro deles surgiu em 1940, quando a Sociedad Rural Argentina não aceitou um documento de registro emitido pelo Herd-Book Collares, então sob a presidência do Dr. Sátiro Alcides Marques. O documento em questão era relativo a um animal exportado do Rio Grande do Sul para o vizinho país.

Depois da troca de esclarecedora correspondência, foi o assunto satisfatoriamente resolvido com telegrama final do presidente daquela entidade, que, por sua evidente importância, transcrevemos na íntegra:

“Contesto nota informandole que toro “Vasdef Stevens Moican” es increíble en nuestro registro e puede concurrir a exposicion. Errores de información que no son por cierto a ustedes imputables me impidieron tener presente oportunamente los antecedentes necesarios. Le pido disculpas y lo saludo cordialmente. Presidente Sociedad Rural Argentina – Dr. Adolfo Bioy”.

O segundo incidente ocorreu em 1964, quando um grupo de criadores de outro Estado procurou desmembrar, retirando da entidade, o Herd-Book de uma determinada raça. Naquela oportunidade a Associação recebeu manifestação de apoio dos criadores do Rio Grande do Sul e de outros Estados, incluindo aí criadores da raça em questão. Para também demonstrar seu apoio, aconteceram vários protestos das Assembléias Legislativas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, das Câmaras de Vereadores de vários municípios, da quase totalidade das associações especializadas, bem como da imprensa gaúcha.

O assunto acabou no Congresso Nacional, onde o Herd-Book Collares teve o apoio total dos Deputados e Senadores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Ficou, então, sem efeito o pretendido desmembramento daquele serviço, que vinha sendo executado pela entidade desde 1927.

Como resultado prático dessa contenda e em razão dos entendimentos havidos, surgiram a Lei nº 4.716, de 29 de junho de 1965, e o Decreto nº 58.984, de 03 de agosto de 1966, que regulamentam os serviços de registro genealógico no País. Transcrevemos a seguir o artigo 2º e o § primeiro dessa Lei, onde se pode observar a resolução do Executivo Nacional sobre o assunto:

#### **Lei nº 4.716**

*Art. 2º – Os trabalhos de registro genealógico permanecerão cometidos a entidades privadas, já existentes no País, sob fiscalização do Ministério da Agricultura, respeitados os direitos das instituições que mantêm acordo, contrato, convênio ou ajuste com o Ministério, para a execução dos serviços nesta Lei.*

*§ 1º – O Ministro de Estado dos Negócios da Agricultura poderá conceder autorização para efetuar trabalhos de registro genealógico às entidades privadas que se organizarem para tal fim, desde que visem às raças de animais domésticos que ainda não possuam esses serviços.*

O terceiro fato, de natureza semelhante ao anterior, ocorreu no final dos anos 1980, começo da década de 90. O pretendido desmembramento do serviço de registro genealógico de outra raça teve longo trâmite. Depois de passar por todas as instâncias, a disputa acabou sendo julgada pelo Supremo Tribunal Federal que, em decisão unânime, prolatado em maio de 1994, consagrou a tese defendida pela Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares. Foi relator do acordo o Ministro Paulo Brossard. Seu voto examinou exaustivamente a espécie. Aliás, ele é profundo conhecedor da entidade. Seu avô, Julião Brossard, durante 40 anos, de 1921 a 1961, registrou seus produtos Shorthorn PO e o próprio Ministro Paulo Brossard, continuador do plantel fundado por seu avô, continua a registrar os Shorthorn de sua criação, também PO, faz outros 40 anos.



# Reglamentos

# REGULAMENTO DO SERVIÇO DE REGISTRO GENEALÓGICO DE BOVINOS

*Aprovado pelo MAPA em 06.08.1999*

## CAPÍTULO I

Da origem e dos fins

Art. 1º - A Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares, doravante denominada ANCHBC, com sede e foro jurídico na cidade de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, por expressa delegação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA, de acordo com a Lei n.º 4716 de 29/06/1965 e sua regulamentação estabelecida pelo Decreto n.º 58984 de 03/08/1966 e a Portaria SNAP n.º 47, de 15/10/1987, executará, em todo o território nacional, os registros genealógicos de todas as espécies bovinas a ela conferidos, na forma estabelecida neste Regulamento.

Art. 2º - Toda a organização, livros ou fichas de registros e arquivos do Serviço de Registro Genealógico - SRG, ficarão a cargo da ANCHBC, que responderá pela exatidão dos registros que efetuar e das certidões que expedir.

Parágrafo Único-Toda a execução dos trabalhos poderá ser efetuada utilizando-se os recursos eletrônicos, resguardada a segurança das informações.

Art. 3º - São objetivos do SRG da ANCHBC:

- a) Executar os serviços de Registro Genealógico e de Controle de Genealogia, de conformidade com o presente Regulamento, aprovado pelo MAPA;
- b) habilitar e credenciar Técnicos, encarregando-os dos serviços de identificação e inspeção dos animais registrados ou controlados.
- c) promover a guarda dos documentos do Registro Genealógico;
- d) supervisionar os rebanhos de animais registrados ou controlados, objetivando a verificação do cumprimento de dispositivos regulamentares;
- e) orientar o criador nos programas de Cruzamentos Sob Controle de Genealogia, com o objetivo de elevar as diversas composições raciais, até a obtenção de animais Puros Por Cruzamento e, destes, aos Puros Por Avaliação;
- f) prestar informações, a quem de direito, sobre o Registro Genealógico das raças, garantindo a fidedignidade destas informações;
- g) prestar ao MAPA, através de seus órgãos competentes, as informações exigidas por força de Legislação ou de Contrato, dentro dos prazos estabelecidos;
- h) colaborar com os Poderes Públicos em todos os problemas nacionais atinentes à pecuária.

Art. 4º - Para cumprimento dos objetivos definidos no artigo anterior, o Serviço de Registro Genealógico exercerá o controle de padreação, de gestação, de nascimento, de identificação e de filiação; promoverá a inscrição de animais que satisfaçam as exigências regulamentares e procederá a expedição,

com base em seus assentamentos, de Certificados de Registro, de Controle de Genealogia, de Identidade e de Propriedade, bem como qualquer outra documentação ligada às finalidades do próprio Registro.

Art. 5º - Os trabalhos de Registro Genealógico serão custeados:

- a) Pelos emolumentos cobrados de acordo com a tabela em vigor no SRG da ANCHBC, homologadas pela Assembléia e aprovados pelo MAPA
- b) pelos recursos oriundos de doações ou outros cobrados pela entidade;
- c) pelos recursos oficiais oriundos do MAPA.

## CAPÍTULO II

### Da estrutura

Art. 6º - O SRG de Bovinos da ANCHBC contará, em sua estrutura, com:

- a) Superintendência do Registro Genealógico - SRG;
- b) Conselho Deliberativo Técnico - CDT;
- c) Seção Técnica Administrativa - STA:
  - c.1 - Comunicação;
  - c.2 - Processamento de dados;
  - c.3 - Análise de documento;
  - c.4 - Expedição do Registro;
  - c.5 - Arquivamento;

- d) Escritórios Técnicos Regionais - ETRs.

### Da Superintendência do Registro Genealógico - SRG

Art. 7º - Os trabalhos de Registro Genealógico serão dirigidos por um Superintendente, obrigatoriamente Médico Veterinário, Engenheiro Agrônomo ou Zootecnista.

Parágrafo 1º - O Superintendente do Serviço de Registro Genealógico, bem como seu substituto, serão indicados pela Diretoria da ANCHBC e credenciados pelo MAPA.

Parágrafo 2º - Além do Superintendente do SRG e seu substituto, serão credenciados os Superintendentes Adjuntos, obrigatoriamente habilitados em Engenharia Agrônoma, Medicina Veterinária ou Zootecnia, que irão auxiliar na execução dos trabalhos do Serviço de Registro Genealógico.

Art. 8º - Compete ao Superintendente do Serviço de Registro Genealógico:

- a) Dirigir a Superintendência do SRG;
- b) executar os serviços de Registros Genealógicos e Provas Zootécnicas, de conformidade com o regulamento da entidade, aprovado pelo MAPA;
- c) supervisionar os trabalhos do SRG executados diretamente pela ANCHBC, por suas Filiadas e pelos Escritórios Técnicos Regionais;
- d) indicar os nomes do Superintendente do Serviço de Registro Genealógico - SRG e do substituto, das entidades Filiadas, visando posterior credenciamento pelo MAPA;
- e) sugerir à Diretoria da ANCHBC, as Entidades em condições de receber subdelegações para execução dos trabalhos do SRG;
- f) credenciar os nomes dos técnicos responsáveis pela chefia dos Escritórios Técnicos Regionais;



- g) participar das reuniões da Diretoria da ANCHBC, quando convocado;
- h) subscrever e apresentar à Diretoria da ANCHBC, na primeira quinzena do mês de fevereiro de cada ano, um relatório dos trabalhos executados pela Superintendência, no ano anterior e um relatório geral no fim de seu mandato;
- i) apresentar à Diretoria da ANCHBC, para conhecimento e ao MAPA em cumprimento à legislação vigente, o relatório anual das atividades do SRG;
- j) encaminhar ao Conselho Deliberativo Técnico e este ao MAPA, as denúncias de fraudes ou quaisquer irregularidades relacionadas com o SRG da ANCHBC;
- l) credenciar técnico habilitado para efetuar avaliação de animais, para efeito de registros genealógicos, provas zootécnicas e laudos zootécnicos;
- m) receber e julgar os recursos dos criadores;
- n) assinar os certificados de registros genealógicos, transferências e outros documentos pertinentes, de próprio punho, ou através de chancela mecânica e eletrônica;
- o) redigir o regulamento do SRG da ANCHBC, procurando manter a uniformidade de critérios para os registros genealógicos de todas as raças cujas delegações são de sua competência, de conformidade com as decisões do Conselho Deliberativo Técnico, devidamente aprovadas pelo MAPA;
- p) indicar, para aprovação do MAPA, seu substituto;
- q) ter sob sua organização e responsabilidade os trabalhos especializados dos Técnicos que prestam serviços ao SRG da ANCHBC;
- r) promover, em conjunto com a Presidência da ANCHBC, a organização e a publicação dos dados do Herd-Book.

Art. 9º - Compete aos Superintendentes Adjuntos:

- a) Coordenar e supervisionar os trabalhos dos Escritórios Técnicos Regionais (ETRs);
- b) auxiliar e assessorar o Superintendente do SRG da ANCHBC na supervisão dos trabalhos a ele afetos;
- c) desde que devidamente credenciados pelo Superintendente do SRG da ANCHBC, assinar as fichas, certificados de registro genealógico, transferências e outros documentos;
- d) apresentar ao Superintendente do SRG da ANCHBC, relatórios de funcionamento do Departamento e das atividades sob sua responsabilidade, quando solicitado.
- e) Designar o técnico qualificado ou Comissão de Técnicos para execução dos serviços de registros e provas zootécnicas, quando solicitado pelo Superintendente do SRG da ANCHBC.

Do Conselho Deliberativo Técnico - CDT

Art. 10º - O Conselho Deliberativo Técnico - (CDT), órgão de deliberação superior, integrante do Serviço de Registro Genealógico será composto por, no mínimo, cinco (05) membros, associados ou não, sendo que a metade mais um (01), deverá ter formação profissional em Medicina Veterinária, Engenharia Agrônoma ou Zootecnia e presidido por um dos referidos profissionais, eleito entre seus pares.

Parágrafo Primeiro - O Presidente do CDT escolherá, entre os membros do próprio Conselho, o seu Secretário.

Parágrafo Segundo - O CDT contará, obrigatoriamente, com um Médico Veterinário, Engenheiro Agrônomo ou Zootecnista designado pelo MAPA, pertencente ao seu quadro de pessoal, não podendo ser Presidente do CDT.

Parágrafo Terceiro - O Superintendente do SRG da ANCHBC participa do CDT, não podendo, porém, a exemplo do representante do MAPA, ser seu Presidente.

Art. 11º - O CDT, além de orientar o Superintendente de Registro Genealógico no estudo e soluções de ques-

tões técnicas relativas ao Registro Genealógico e critérios seletivos de animais, tem como finalidades principais:

- a) Deliberar sobre ocorrências relativas ao Registro Genealógico não previstas neste Regulamento;
- b) julgar recursos interpostos por criadores contra atos do Superintendente;
- c) propor à Diretoria quaisquer alterações neste Regulamento, quando necessárias, que as submeterá, se aprovadas, à apreciação do MAPA;
- d) proporcionar o respaldo técnico ao Serviço de Registro Genealógico;
- e) atuar, como órgão de deliberação e orientação, sobre todos os assuntos de natureza técnica e estabelecer diretrizes visando ao desenvolvimento e melhoria das raças registradas;
- f) estabelecer as normas e métodos de seleção para os animais candidatos a registro, em todas as categorias previstas pelo MAPA, com a devida aprovação por esse órgão.

Art. 12º - Somente para escolha de seu Presidente, a primeira reunião do CDT será convocada, organizada e conduzida pelo Superintendente do SRG. Ao término da reunião será feita a escolha do presidente efetivo, que terá o mandato coincidente com o da Diretoria da ANCHBC.

Art. 13º - O CDT reunir-se-á sempre que for necessário, por convocação do seu Presidente, por solicitação Superintendente ou de dois (2) de seus membros, sempre com uma antecedência mínima de sete (7) dias.

Art. 14º - Nas reuniões do CDT, as decisões serão tomadas por maioria de votos, cabendo ao Presidente apenas o voto de desempate.

Art. 15º - Os assuntos relacionados com o SRG serão levados à Diretoria, para conhecimento e, a seguir, submetidos ao MAPA, para aprovação. Somente após essa decisão é que serão incorporados ao Regulamento do SRG da ANCHBC.

Art. 16º - O Conselho Deliberativo Técnico reger-se-á por seu Regimento Interno.

Art. 17º - Das decisões do CDT cabe recurso ao órgão competente do MAPA, no prazo de quarenta e cinco (45) dias, contados da notificação das mesmas.

Art. 18º - Compete ao conselheiro:

- a) Propugnar pelo bom funcionamento do SRG da ANCHBC em todo o território nacional;
- b) exercer o seu mandato observando o Regulamento do SRG e o Regimento Interno do Conselho Deliberativo Técnico;
- c) cumprir e fazer cumprir o Regulamento do SRG da ANCHBC.

Da Seção Técnica Administrativa - STA

Art. 19º - A Seção Técnica Administrativa (STA) será chefiada por um dos Técnicos qualificados do SRG da ANCHBC designado pelo Superintendente.

Art. 20º - Ao Chefe da STA da ANCHBC compete:

- a) Executar ou mandar executar todas as determinações do Superintendente sobre serviços normais do SRG da ANCHBC;
- b) organizar e dirigir os trabalhos da Seção, de comum acordo, no que disser respeito à parte técnica, com o Superintendente do Registro Genealógico;
- c) contratar ou admitir os serviços de empregados necessários à boa execução dos trabalhos do

SRG da ANCHBC;

d) observar o cumprimento das disposições regulamentares por parte dos criadores, levando ao conhecimento do Superintendente, os casos que julgar contrários às normas estabelecidas; e,  
e) autorizar a realização de despesas ordinárias e outras especificamente determinadas pelo Superintendente.

Art. 21º - Toda e qualquer comunicação do criador deverá ser submetida ao conhecimento do Chefe da STA para as providências cabíveis ou necessárias.

Art. 22º - O Chefe da STA terá sob sua responsabilidade direta a análise de toda a documentação relacionada com o SRG da ANCHBC, seja ela recebida ou expedida.

Art. 23º - O SRG da ANCHBC contará com um banco de dados, que ficará à disposição dos segmentos interessados, para consulta dos dados armazenados.

Art. 24º - Ao SRG da ANCHBC compete a emissão de Certificados de Registro ou de Controle de Genealogia, individuais, conforme a categoria dos animais a serem registrados.

Art. 25º - Depois de processados os registros e emitidos os respectivos Certificados ou Controles de Genealogia, os documentos originais enviados pelo criador ao SRG da ANCHBC, para aquelas finalidades, serão devidamente arquivados em local adequado podendo, ainda, servir como fonte de consulta para dirimir possíveis dúvidas que venham a ocorrer a qualquer tempo.

Art. 26º - O SRG da ANCHBC manterá Livros de Registro, ou de Controle Genealógico, individual, para cada uma das raças e categorias para as quais tenha a expressa autorização do MAPA.

#### Dos Escritórios Técnicos Regionais

Art. 27º- Os ETRs serão os representantes da ANCHBC na região de atuação previamente estabelecida.

Parágrafo 1º- Os ETRs poderão funcionar em parceria com outras Associações ou entidades afins, visando um melhor desempenho do serviço de registro e do atendimento aos criadores;

Parágrafo 2º- Nos casos em que se estabeleça parceria com outra entidade para funcionamento de um ETR, deverá ser estabelecido em contrato específico para essa finalidade;

Parágrafo 3º- A responsabilidade técnica dos ETRs será do Superintendente Adjunto, cujas atribuições estão previstas no Art. 9º deste.

### CAPÍTULO III

#### Dos criadores e suas obrigações

Art. 28º - A todos os criadores ou proprietários é permitida a inscrição de seus animais no SRG da ANCHBC, de conformidade com a legislação e normas vigentes.

Parágrafo Único - Os criadores que inscreverem seus animais no SRG da ANCHBC submeter-se-ão a este regulamento e às decisões e normas dos órgãos diretores.

Art. 29º - Entende-se por criador de um animal, a pessoa que comunicou o seu nascimento ao SRG da ANCHBC e foi constatado ser ela a proprietária da mãe do mesmo.

Parágrafo Único - No caso de embriões a propriedade do animal deverá ser amparada pela Nota Fiscal.

Art. 30º - Qualquer informação que dependa de exames ou vistorias nos arquivos do SRG da ANCHBC, somente será fornecida mediante requerimento do proprietário ou seu procurador.

Parágrafo 1º - Não serão atendidas solicitações partidas de terceiros, associados ou não, que não seja o proprietário do animal ou seu preposto antecipadamente indicado.

Parágrafo 2º - A autorização do fornecimento de informações será dada pelo Superintendente do SRG da ANCHBC ou poderá ser requerida judicialmente.

Art. 31º - Os criadores e os proprietários são responsáveis pela correta identificação dos seus animais e exatidão dos documentos que apresentarem ao SRG da ANCHBC.

Art. 32º - São obrigações dos criadores:

- a) Desde que o rebanho esteja inscrito nos registros genealógicos, o criador ou proprietário fica obrigado a manter um Registro Particular onde devem figurar dados genealógicos do animal, produções, resultados de provas zootécnicas, anotações de mérito zootécnico e outras julgadas necessárias e de interesse. O SRG da ANCHBC fornecerá livros ou modelos para que o interessado os mande confeccionar;
- b) manter livro ou fichário destinado às anotações das cobrições;
- c) comunicar ao SRG da ANCHBC os serviços de cobrições e inseminações, conforme determina o Capítulo VII deste Regulamento;
- d) aceitar as inspeções determinadas pelo SRG da ANCHBC;
- e) comunicar regularmente as mortes ocorridas, enviando os Certificados (originais), para a necessária baixa;
- f) comunicar, dentro do prazo máximo de sessenta (60) dias, as vendas realizadas, remetendo, junto, os Certificados (originais), para que sejam transferidos;
- g) manter em dia sua conta corrente, conforme determina o Estatuto da ANCHBC, podendo, a juízo da Diretoria, serem suspensos temporariamente, até regularização da situação, os serviços para aqueles que deixarem atrasar seus pagamentos;
- h) responder prontamente às consultas ou solicitações de esclarecimentos feitas pelo SRG da ANCHBC, sob pena de não aceitação dos Pedidos de Registro ou de Controle de Genealogia que não se encontrem em ordem; e,
- i) facilitar ao Inspetor Técnico que proceder a inspeção em sua propriedade, o desempenho de sua missão.

Art. 33º - Quando for constatada adulteração em documento ou a existência de fraude em marcas de identificação de um animal, seu registro será cancelado, sem prejuízo das sanções cíveis e penais cabíveis e o autor da fraude estará sujeito às seguintes penalidades:

- a) Advertência formal;
- b) multa de até dez (10) vezes o valor do emolumento objeto da fraude;
- c) suspensão temporária da utilização do SRG da ANCHBC.

## CAPÍTULO IV

Das raças e de suas classificações para fins de registro e controle de genealogia

Art. 34º - As raças a serem registradas são aquelas para as quais o MAPA delegou autorização expressa à ANCHBC. São elas: Aberdeen-Angus, Ayrshire, Blonde d'Aquitaine, Charolês, Devon, Dinamarquesa Vermelha, Flamenga, Galloway, Herens, Hereford, Lincoln Red, Maine Anjou, Normanda, Pinzgauer, Red Poll, Salers, Shorthorn, South Devon e Tarentaise.

Art. 35º - As categorias de animais a serem registrados ou controlados serão as seguintes: PO (Puros de Origem – importados e nacionais), PA (Puros Por Avaliação), PC (Puros Por Cruzamento) –, PCOC (Puros Por Cruzamento de Origem Conhecida), PCOD (Puros Por Cruzamento de Origem Desconhecida), LA (Livro Aberto) e CCG (Produtos de Cruzamentos Sob Controle de Genealogia).

## CAPÍTULO V

Dos padrões raciais

Art. 36º - Os padrões raciais das diversas raças bovinas registráveis no SRG da ANCHBC, serão aqueles descritos no final do regulamento específico da raça.

## CAPÍTULO VI

Do registro em geral

Art. 37º - O Serviço de Registro Genealógico será constituído de livros de escrituração, podendo-se utilizar os recursos eletrônicos, resguardada a segurança das informações, conforme o parágrafo único do Art. 2º deste.

Art. 38º - O SRG da ANCHBC utilizará, para fins de registro genealógico, livros por raça, a seguir relacionados:

|                    |                                                          |
|--------------------|----------------------------------------------------------|
| ABERDEEN ANGUS     | (PO) Puros de Origem                                     |
|                    | (PA) Puros Por Avaliação                                 |
|                    | (PC) Puros Por Cruzamento<br>(LA) Livro Aberto           |
|                    | (CCG) Produtos de Cruzamentos Sob Controle de Genealogia |
| AYRSHIRE           | (PO) Puros de Origem                                     |
|                    | (PC) Puros Por Cruzamento                                |
| BLONDE D'AQUITAINE | (PA) Puros Por Avaliação                                 |
|                    | (PC) Puros Por Cruzamento                                |

|                        |                                                                                                    |
|------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                        | (CCG) Produtos de Cruzamentos Sob Controle de Genealogia                                           |
| CHAROLÊS               | (PO) Puros de Origem (PA)<br>Puros Por Avaliação (PC)<br>Puros Por Cruzamento                      |
| DEVON                  | (PO) Puros de Origem (PA)<br>Puros Por Avaliação (PC)<br>Puros Por Cruzamento<br>(LA) Livro Aberto |
|                        | (CCG) Produtos de Cruzamentos Sob Controle de Genealogia                                           |
| DINAMARQUESA VER-MELHA | (PO) Puros de Origem                                                                               |
| FLAMENGA               | (PO) Puros de Origem                                                                               |
| GALLOWAY               | (PO) Puros de Origem<br>(PC) Puros Por cruzamento                                                  |
| HERENS                 | (PO) Puros de Origem                                                                               |
| HEREFORD               | (PO) Puros de Origem (PA)<br>Puros Por Avaliação (PC)<br>Puros Por Cruzamento<br>(LA) Livro Aberto |
| LINCOLN RED            | (PO) Puros de Origem                                                                               |
| MAINE ANJOU            | (PO) Puros de Origem                                                                               |
| NORMANDA               | (PO) Puros de Origem (PA)<br>Puros Por Avaliação (PC)<br>Puros Por Cruzamento                      |
|                        | CCG Produtos de Cruzamentos Sob Controle de Genealogia                                             |
| PINZGAUER              | (PO) Puros de Origem                                                                               |
| RED POLL               | (PO) Puros de Origem (PA)<br>Puros Por Avaliação (PC)<br>Puros Por Cruzamento                      |
|                        | (CCG) Produtos de Cruzamentos Sob Controle de Genealogia                                           |
| SALERS                 | (PO) Puros de Origem<br>(CCG) Produtos de Cruzamentos Sob Controle de Genealogia                   |
| SHORTHON               | (PO) Puros de Origem (PA)<br>Puros Por Avaliação (PC)<br>Puros Por Cruzamento                      |
| SOUTH DEVON            | (PO) Puros de Origem                                                                               |
| TARENDAISE             | (PO) Puros de Origem                                                                               |

Art. 39º - Serão inscritos no livro PO os produtos de acasalamentos entre animais Puros de Origem, devidamente inscritos, nascidos ou não no Brasil, portadores de documentos que assegurem a sua origem e cujas inscrições tenham sido solicitadas de acordo com as determinações deste Regulamento, obedecidas as exigências da Legislação Federal que regulamenta a matéria.

Art. 40º - Serão inscritos como Puros por Avaliação PA, os animais com composição racial mínima 63/64 de

sangue da raça a que se destinam registrar.

Art. 41º - Os animais ou seu material de multiplicação (embriões ou sêmen), importados, pertencentes à categoria *PUREBRED*, em seu país de origem e que apresentem informações de performance com índices positivos, serão nacionalizados na categoria PA.

Art. 42º - O registro de PA iniciar-se-á com o controle de vacas Puras Por Cruzamento (Composição racial 31/32), Marca Simples, envolvidas em programa de avaliação genética com reconhecimento oficial e seguirá com ventres PA, com registro definitivo.

Art. 43º - O touro pai do rebanho PA deve ser Puro de Origem – PO, Puro por Avaliação - PA ou de Livro Aberto - LA dupla marca.

Art. 44º - O produto de composição racial mínima de 63/64, filho de pais enquadrados nos Artigos 42 e 43 deste, poderá ser registrado provisoriamente e ingressará no registro definitivo de PA, desde que:

- a) Esteja entre as 40% superiores (DECAS 1 a 4), no Relatório de Recursos Genéticos, expressando a avaliação final (410 dias), baseado na média da raça, ou esteja entre os animais aprovados em Teste de Avaliação (prova de ganho de peso) oficializado;
- b) seja aprovado em inspeção zootécnica.

Art. 45º - O produto filho de ventre PO com touro PA, poderá ser registrado provisoriamente na categoria PA, passando a definitivo depois de aprovado em performance e em inspeção zootécnica.

Art. 46º - Os animais PA, que forem marcados com a *Dupla Marca* da raça, poderão passar ao livro de animais PO, naquela raça cuja solicitação seja aprovada em Assembléia e apreciada pelo CDT com posterior aprovação do MAPA.

Art. 47º - Serão inscritos como Puros por Cruzamento - PC os animais portadores de caracterização racial definida, que compreendem:

- a) Puros por Cruzamento de Origem Conhecida - PCOC, os animais, machos e fêmeas com pais registrados e com grau de sangue mínimo 31/32, filhos de touros PO, PA ou PCOC.

a.1) Para que um criador possa registrar seus animais na categoria de Puros Por Cruzamento de Origem Conhecida, deverá fazer comunicação de nascimento dos terneiros à Associação e esta fará o registro provisório.

- b) Serão inscritos como Puros Por Cruzamento de Origem Desconhecida - PCOD, somente as fêmeas não registradas, porém portadoras de características raciais comprovadas através de avaliação fenotípica e cuja classificação será adjudicada pelo Inspetor Técnico da raça.

Art. 48º - Serão inscritos no Livro Aberto - LA, os machos de origem paterna Reprodutores Múltiplos - RM (desde que a mãe seja registrada como PC, PA ou PO), que apresentem caracterização racial definida e grau de sangue mínimo 31/32, atribuído, em inspeção, pelo Inspetor Técnico da raça.

- a) O Inspetor Técnico deverá marcar os touros selecionados, utilizando, para isso, a marca L, ou outra, aprovada especificamente para a raça;
- b) os touros registrados no livro LA, com a marca simples L, somente poderão servir como pais de rebanhos LA ou gado geral, enquanto que os de dupla marca (LL), de conformidade com o Capítulo XIV, poderão servir, além dos rebanhos LA, nos PA, PCOC, PCOD e CCG.



## Dos Reprodutores Múltiplos

Art. 49º - Para a inscrição dos produtos no SRG da ANCHBC admite-se cobrições através da monta natural feitas por Reprodutores Múltiplos - RM, que consiste em colocar mais de um touro em um mesmo lote de matrizes.

Art. 50º - Cada grupo de reprodutores múltiplos deverá ser identificado por uma numeração seqüencial, por criador e raça, que vai de RM 1 a RM 9999.

Parágrafo 1º - A identificação dos touros que compõem o grupo RM deverá ser informada no corpo da comunicação de cobrição, citando o nome e o número de registro definitivo de cada um deles.

Parágrafo 2º - Caso o mesmo lote de touros venha a ser mantido no ano seguinte, deverá permanecer o mesmo número de RM.

Art. 51º - Para que os produtos oriundos de acasalamentos com reprodutores múltiplos possam ser inscritos no SRG da ANCHBC devem ser observados os seguintes critérios:

- a) Todos os touros e matrizes que compõem um RM deverão ser portadores de Registro Definitivo;
- b) o grupo RM poderá ser composto por, no máximo, cinco (05) touros; .
- c) a comunicação de cobrição, obrigatoriamente, deverá informar a data inicial e final de formação do lote, sendo que o prazo máximo admitido é de um ano;
- d) os produtos serão inscritos no SRG da ANCHBC da categoria Livro Aberto - LA, qualquer que seja a categoria dos pais;
- e) a identificação dos animais seguirá a mesma seqüência dos produtos oriundos de outros sistemas de acasalamentos;
- f) no preenchimento da comunicação de nascimento deverá ser anotada, no lugar de identificação do número de registro definitivo do pai do produto, a sigla RM com seu respectivo número;
- g) caso o grupo RM possua algum touro aguardando transferência, todos os produtos do lote ficarão aguardando sua inscrição no SRG da ANCHBC, até que se regularize sua situação.

Art. 52º - O criador poderá recuperar a informação de paternidade de produtos de touros RM, mediante Tipagem Sangüínea ou outro sistema oficialmente reconhecido, desde que sejam testados o produto e a mãe, comparados com todos os touros componentes do grupo.

Parágrafo Único - A tipagem sangüínea dos touros e matrizes que compõem um RM é de total responsabilidade do proprietário dos animais, sendo que, nos casos previstos neste Artigo, com total isenção do SRG da ANCHBC quanto a responsabilidade pela não recuperação das informações de paternidade.

Art. 53º - Os produtos oriundos de RM, tanto machos como fêmeas, poderão receber registro definitivo, de acordo com as determinações deste regulamento.

Art. 54º - Serão inscritos no Livro CCG, como Produtos de Cruzamento Para Fins de Controle de Genealogia, tanto os produtos machos como fêmeas, devidamente identificados, nascidos de acasalamentos entre vacas-base (ou suas descendentes), com touros Puros de Origem, Puros Por Avaliação, Puros Por Cruzamento de Origem Conhecida ou de Livro Aberto (Dupla Marca), possuidores de Registro Definitivo fornecido pelo SRG da ANCHBC.

Parágrafo 1º - Os criadores deverão mencionar, nos formulários correspondentes, a raça ou grau de sangue das vacas-base e do touro.

Parágrafo 2º - No caso de cruzamento entre duas raças definidas, o criador poderá optar em qual dos livros registrar os produtos obtidos.

Art. 55º - Para as inscrições iniciais, a adjudicação de grau de sangue será feita em inspeção, pelo Inspetor Técnico credenciado, mediante informações ou documentação que o interessado apresentar, obedecendo à classificação inicial de 1/2, 3/4 e 7/8 de composição racial, correspondendo às gerações F1, F2 e F3, respectivamente.

Art. 56º - A eleição das vacas-base será de responsabilidade do criador, podendo, a critério deste, contar ou não com a presença de Inspetor Técnico credenciado pelo SRG da ANCHBC.

Art. 57º - Por ocasião da inspeção do produto, preferencialmente ao pé-da-mãe, fica o Inspetor Técnico encarregado de entregar ao criador um Laudo de Inspeção, relatando o serviço feito. O criador deverá, então, remeter uma cópia desse Laudo ao SRG da ANCHBC, juntamente com os Certificados de Registro Provisório originais, para a substituição pelos Certificados de Registro Definitivos.

Parágrafo Único - Com base no Laudo de Inspeção, o SRG da ANCHBC poderá efetuar as eventuais retificações que se fizerem necessárias nos certificados de registro, tais como troca de sexo do animal, pelagem, paternidade, mocho/aspado etc.

Art. 58º - Os animais da variedade mocha, ou os descendentes de mochos, serão inscritos no Livro de Registro ou de Controle de Genealogia da raça a que pertencem. Serão distinguidos, entretanto, com os sinais:

\* - os aspados filhos de mocho(s) ou com ascendência mocha; M -

para os animais mochos.

Parágrafo Único - Os Certificados de Registro e de Controle de Genealogia serão expedidos com a designação *MOCHO* para os animais mochos e com o sinal \* para os aspados filhos de mocho, figurando, ainda, na ascendência, os sinais (M) ou (\*), respectivamente, nos mochos e nos aspados filhos de mocho(s).

Art. 59º- Todo criador que mochar seus animais, deverá comunicar ao SRG da ANCHBC, para que em seus respectivos Certificados seja anotada a designação *MOCHADO*.

Art. 60º- Os animais nacionais inscritos receberão o Certificado de Registro ou de Controle de Genealogia (PO, PA, PC, LA ou CCG), conforme a modalidade:

- PROVISÓRIO
- DEFINITIVO

Parágrafo 1º - O Certificado Provisório terá validade para as raças mais precoces até os 24 meses e para os menos precoces até os 36 meses.

Parágrafo 2º - Em qualquer raça, o animal que atingir peso compatível para seleção, a partir dos 12 meses, poderá ser aprovado pelo técnico e passar a definitivo.

Art. 61º - Os animais de Controle de Genealogia que atingirem o grau de sangue 31/32, poderão ingressar no registro de PCOC, desde que sejam aprovados em inspeção zootécnica.

## CAPÍTULO VII

### Das cobrições e inseminações

Art. 62º - As cobrições e inseminações serão regidas pelas normas estabelecidas neste Regulamento e pela legislação oficial que regulamenta a matéria, podendo ser realizadas em qualquer época do ano.

Art. 63º - As cobrições caracterizam-se por três maneiras, a saber:

a) Dirigida: quando a fêmea em cio é acasalada em dia(s) determinado(s). b) A Campo: quando o reprodutor é solto com as fêmeas, podendo ser:

- b.1 - Em caráter permanente.
- b.2 - Por período.

c) Inseminação Artificial - Para os casos deste item, o criador deverá proceder de acordo com o que determinam os Artigos 59º a 70º do presente Regulamento.

Parágrafo Único - O criador não poderá mudar de reprodutor macho antes de decorridos vinte e cinco (25) dias da data de retirada do que se encontrava em serviço.

Art. 64º - O criador deverá comunicar as cobrições e inseminações das vacas, tanto de sua propriedade como de terceiros, desde que estejam sob sua responsabilidade.

Art. 65º - Os serviços de inseminação, cobrições dirigidas ou a campo, ocorridos no período primavera/verão, deverão ser comunicados até 31 de maio e os ocorridos no período outono/inverno, até 30 de novembro.

Parágrafo Único - Os comunicados de serviços a que se refere este Artigo deverão ser feitos através de formulário, em modelo recomendado pelo SRG da ANCHBC.

Art. 66º - Quando for efetuada a venda de uma fêmea servida, o vendedor fica obrigado a juntar à autorização de transferência o comunicado de cobrição ou inseminação, informando os dados de registro do touro, datas das cobrições ou período em que permaneceu em serviço de monta no plantel.

Parágrafo Primeiro - Não sendo observado o que determina este Artigo, a fêmea será considerada como não servida, perdendo o novo proprietário o direito de registrar o produto que venha a nascer.

Parágrafo Segundo- Mediante a comunicação de serviço, o SRG da ANCHBC fornecerá ao novo proprietário, o Atestado de Cobrição.

Art. 67º - Quando os pais de um produto forem de proprietários diferentes, compete ao dono da vaca a comunicação da cobrição, fazendo-se acompanhar de declaração do empréstimo do touro, pelo proprietário deste.

Art. 68º - O criador que desejar fazer uso da inseminação artificial em animais do seu rebanho somente terá seus produtos inscritos no registro genealógico de nascimento se comprovar a aquisição

do sêmen, através da remessa ao SRG da ANCHBC de via da Nota Fiscal emitida pelo estabelecimento produtor ou comercializador de sêmen, devidamente registrado no órgão competente do MAPA, contendo o seu nome completo, a data da aquisição, o número da partida e de dose vendidas, além da identificação do touro com o nome, número de RGD, raça e categoria a que pertence.

Parágrafo Único - É permitida a transação de doses de sêmen, como a venda, doação e cessão, desde que seja apresentado ao SRG da ANCHBC o documento legal comprovando a transação ; e que a origem seja comprovadamente de estabelecimento produtor de sêmen devidamente registrado no MAPA, ou importado nos termos da legislação vigente.

Art. 69º - O Médico Veterinário que congelar sêmen em uma propriedade, para uso exclusivo em fêmeas da mesma, deverá enviar ao SRG da ANCHBC o Certificado de Produção de Sêmen, identificando o reprodutor e o número de doses produzidas, devendo constar do referido documento o local, a data, o nome e o número de inscrição no Conselho de Medicina Veterinária.

Parágrafo Único - O SRG da ANCHBC manterá um controle de estoque de sêmen, mediante a apresentação, por parte do criador, dos documentos mencionados nos artigos 68º e 69º deste Regulamento.

Art. 70º - Quando se tratar de sêmen importado, o importador deverá enviar à ANCHBC cópia da liberação do MAPA para a entrada do material no País, Nota da Fatura Comercial e Guia de Importação, mediante o que serão efetuados os registros genealógicos dos doadores.

Art. 71º - No processo de Inseminação Artificial, a troca de doador só será permitida, para efeito de Registro Genealógico, depois de decorridos, no mínimo, vinte e cinco (25) dias depois da última inseminação de cada ventre.

## CAPÍTULO VIII

### Das transferências de embriões

Art. 72º - Considera-se Doadora a fêmea que fornecer embriões resultantes de cobertura natural ou inseminação artificial e Receptora aquela que, por transferência, receber o embrião da Doadora.

Art. 73º - O criador que desejar inscrever no SRG da ANCHBC os produtos oriundos da técnica de Transferência de Embrião - TE deverá comprovar a aquisição do embrião através da remessa de uma cópia da Nota Fiscal emitida pelo estabelecimento produtor ou comercializador de embriões, devidamente registrado no órgão competente do MAPA, contendo o seu nome completo, a data da aquisição e o número de embriões vendidos, além da identificação da matriz doadora e do reprodutor utilizado, com o nome, número de registro, raça e categoria a que pertencem, bem como a identificação da matriz receptora, caso o embrião tenha sido implantado.

Art. 74º - É permitida a transação de embriões transferidos, como a venda, doação e cessão, desde que seja apresentado ao SRG da ANCHBC o documento legal comprovando a transação. Para os casos de embriões congelados, além das exigências anteriores, é necessário que a origem seja comprovadamente de estabelecimento produtor de embriões, devidamente registrado no MAPA, ou importado nos termos da legislação vigente.

Parágrafo 1º - No caso de liquidação total do rebanho, ou de sucessão por herança, é permitida a passagem dos estoques de embriões de um criador para outro, mediante a autorização de transferência fornecida pelo ex-proprietário ou através do formal de partilha.

Parágrafo 2º - No caso de pessoa física passar a jurídica, ou vice-versa, é permitida a reversibilidade de estoques de embriões existentes em nome de qualquer das pessoas físicas que integram a jurídica ou da jurídica para qualquer das pessoas que a compunham desde que o pedido seja acompanhado da respectiva autorização de transferência e obedecido as demais determinações deste regulamento.

Art. 75º - O criador que fizer colheita de embriões envolvendo touros ou sêmen e matrizes doadoras de sua propriedade, para seu uso exclusivo, deverá comunicar mensalmente ao SRG da ANCHBC todas as colheitas efetuadas, identificando a matriz doadora e o reprodutor utilizado, com nome, número de HBB, raça e categoria de registro a que pertence.

Parágrafo Único - No caso específico do criador fazer colheita de embriões em matrizes de sua propriedade, para seu uso exclusivo, não é permitida a comercialização, doação ou cessão de embriões para fins de registro genealógico dos produtos.

Art. 76º - Para que o produto oriundo da Transferência de Embriões -TE possa ser inscrito no SRG da ANCHBC, devem ser observados os seguintes critérios:

a) A matriz doadora e o reprodutor utilizado para fecundá-la, através de monta natural ou inseminação artificial, devem ser portadores de Registro Genealógico Definitivo, sendo identificados pela Tipagem Sangüínea ou teste de DNA;

b) os exames de Tipagem Sangüínea deverão ser realizados de acordo com as normas vigentes, somente em Laboratórios de Imunogenética devidamente credenciados pelo MAPA. Cópias dos resultados das análises efetuadas deverão ser encaminhadas diretamente ao SRG da ANCHBC;

c) deve ser feita a comunicação da cobrição, da colheita dos embriões e implante dos mesmos, através de formulários próprios fornecidos pelo SRG da ANCHBC;

d) deve ser feita a Comunicação de Nascimento, em impresso próprio fornecido pelo SRG da ANCHBC, identificando a matriz receptora;

e) deve ser feita a Tipagem Sangüínea ou teste de DNA, a partir da idade mínima estipulada pelo Laboratório de Imunogenética. Somente após a qualificação apresentada em laudo, é que poderá ser concedido o registro do produto.

Parágrafo Único - No caso de o criador utilizar sêmen de dois (2) touros para a mesma inseminação, é necessário observar que os referidos touros não podem ser consangüíneos.

Art. 77º - O SRG da ANCHBC, sempre que julgar necessário, poderá exigir novos exames de Tipagem Sangüínea ou Teste de DNA da matriz doadora, do reprodutor utilizado e do produto, às expensas dos respectivos proprietários. Caso as dúvidas suscitadas não possam ser solucionadas, o registro do produto será recusado.

Art. 78º - A receptora deverá ser perfeitamente identificada, através de tatuagem e, preferencialmente, deverá pertencer a uma raça diferente da raça da doadora.

Art. 79º - Os períodos normais de gestação, envolvendo transferência de embriões, serão de, no mínimo, duzentos e sessenta e oito (268) dias e, no máximo, de duzentos e noventa e oito (298) dias, divididos em duas etapas distintas:

a) A primeira etapa é contada na matriz doadora, a partir da data de cobrição até a colheita dos embriões.

b) a segunda etapa é contada da receptora, a partir da data de implante do embrião até a data do parto, independentemente do intervalo existente entre a primeira e a segunda etapa.

Art. 80º - Caso ocorra parto duplo ou múltiplo, independentemente do número de embriões transferidos, o fato deverá ser notificado.

Parágrafo Único - No caso de nascimentos múltiplos oriundos de um único embrião implantado, o parto será considerado gemelar e constará do certificado de registro do animal.

Art. 81º - O produto obtido através de TE será identificado de acordo com a regulamentação, devendo constar de seu nome a sigla TE, independentemente de qualquer outro utilizado pelo criador.

Art. 82º - Mediante comunicações específicas e/ou impressos padronizados, produtos oriundos das técnicas de micromanipulação de embriões ou da *fecundação In Vitro* poderão ser inscritos no SRG da ANCHBC, desde que seja cumprida a legislação vigente.

Art. 83º - A título precário, é permitida a utilização de sêmen de touros mortos antes de terem sido submetidos à Tipagem Sangüínea, desde que esses reprodutores estejam inscritos de acordo com as normas legais da época e anteriores à Portaria n.º 196, de 04/08/1983.

Art. 84º - As firmas que se propuserem a produzir e/ou comercializar embriões, para efeito de registro genealógico, deverão estar previamente registradas no órgão competente do MAPA.

Art. 85º - A produção de embriões para comercialização, visando o registro genealógico dos produtos, poderá ser feita somente mediante contrato entre o proprietário da matriz doadora e da firma.

Art. 86º - A colheita, a industrialização e a comercialização de embriões, bem como o seu uso, obedecerão à legislação vigente.

## CAPÍTULO IX

### Dos nascimentos

Art. 87º - Os pedidos de registro dos produtos nacionais serão aceitos, mediante solicitação do criador, em formulários apropriados para esse fim. O SRG da ANCHBC fornecerá aos interessados, talões com esses formulários, nos quais constarão espaços destinados aos dados necessários.

Parágrafo 1º - Será permitido ao criador mandar confeccionar formulários para pedidos de registro, desde que obedeam ao mesmo formato e contenham os dados em idêntica disposição ao formulário da ANCHBC.

Parágrafo 2º - No caso de partos múltiplos, o criador deverá fazer constar essa ocorrência nos pedidos de registro.

Parágrafo 3º - O prazo para as comunicações de nascimento será até o final do mês subsequente ao nascimento dos produtos, permitindo-se, porém, uma tolerância, mediante pagamento de multa estabelecida pela Superintendência do SRG.

Art. 88º - Os produtos serão registrados como de criação do proprietário da vaca, na data do nascimento.

Art. 89º - Não serão aceitos registros:

- a) Dos produtos cujos pais não estejam inscritos;
- b) dos produtos nascidos de vacas cujas padreações não tenham sido comunicadas antecipadamente;
- c) dos produtos que venham a nascer com inobservância do período de gestação inferior a duzentos e sessenta e oito (268) dias e superior a duzentos e noventa e oito (298) dias. Neste caso, o SRG da ANCHBC reserva-se o direito de exigir tipificação sangüínea para comprovação de paternidade, com a finalidade de efetuar o registro do produto.

## CAPÍTULO X

Da identificação, dos nomes, tatuagens e afixos

Art. 90º - O criador que registrar seus produtos no SRG da ANCHBC, poderá usar um *afixo* no nome de seus animais, o qual deverá ser utilizado como *prefixo* ou *sufixo*.

Parágrafo 1º - Uma vez registrado um Afixo, seu uso passará a ser de exclusiva propriedade de quem o inscreveu.

Parágrafo 2º - Será permitida a troca, ou transferência de afixo entre criadores, desde que haja autorização dos respectivos proprietários.

Art. 91º - Quando o criador registrar um Afixo, este passará a fazer parte do nome de seus animais. O nome deverá, então, ser formado pelo Afixo, acompanhado de nome(s) e/ou número(s) que identifiquem o animal.

Art. 92º- Não será permitido o uso de nomes que contenham mais de quatro (04) palavras, ou que ultrapassem o limite de quarenta (40) caracteres.

Art. 93º- Não será permitida a mudança de nome do animal após a expedição do Certificado de Registro, sendo somente aceitável nos casos previstos no Artigo 98º deste.

Art. 94º- A tatuagem dos animais deverá ser realizada pelo criador num período não superior a noventa (90) dias a contar da data de nascimento dos produtos.

Critérios a serem utilizados para a numeração dos animais:

- a) Puros de Origem - ( PO)

### 1 - Na orelha direita

1.a - Parte Mediana ou Superior : o criador deve tatuar com números , obedecendo à ordem cronológica e crescente, de maneira a que o número mais baixo corresponda ao animal mais velho.

1.b - Parte Inferior: será destinada para a tatuagem com o símbolo *CDP*, para os animais participantes do programa *Controle de Desenvolvimento Ponderal*. A aplicação do referido símbolo será de competência do Inspetor Técnico credenciado para o serviço.



## 2 - Na orelha esquerda:

2.a - Parte Mediana ou Superior: conduta igual à da identificação da orelha direita.

2.b - Parte Inferior: será utilizada pelo Inspetor Técnico do SRG da ANCHBC, quando da revisão do animal para confirmação de Registro, tatuando-o com o símbolo HBC.

Parágrafo Único - O código de rebanho do criador será destinado pelo SRG da ANCHBC, através de letras ou combinação de letras e números.

b) Puros por Avaliação (PA) e Puros Por Cruzamento (PCOC e PCOD)

## 1 - Na orelha direita

1.a - Parte Superior: será tatuado o símbolo idêntico à marca a fogo aplicada pelo Inspetor Técnico.

1.b-Parte Mediana: será tatuado o número de ordem crescente, acompanhado ou não de letra(s) indicativa(s) do ano de nascimento do animal.

1.c-Parte Inferior: será tatuada a identificação do rebanho do criador cadastrado no SRG da AN- CHBC, através de código numeral.

## 2 - Na orelha esquerda

2.a - Parte Superior: será utilizada pelo Inspetor Técnico credenciado, para a tatuagem do símbolo ou sigla do SRG da ANCHBC, como revisão e confirmação do terneiro ao pé da mãe.

2.b - Parte Mediana: conduta igual à identificação da orelha direita.

2.c-Parte Inferior: será de livre utilização do criador, podendo aplicar a tatuagem e/ou brinco de identificação.

c) Produtos de Cruzamento para fins de Controle de Genealogia (CCG)

## 1 - Na orelha direita

1.a - Na parte central deverá ser tatuado o número de ordem cronológica e crescente de identificação.

## 2 - Na orelha esquerda

2.a - Parte Superior: será tatuada a codificação de controle de gerações: F1 (1/2 sangue), F2 (3/4 de sangue), F3 (7/8 de sangue) e F4 (15/16 de sangue).

2.b - Parte Central: será repetido o número (tatuagem) de identificação, igual ao da orelha direita.

2.c - Parte Inferior: será tatuado o código numeral de rebanho que lhe foi destinado pelo SRG da ANCHBC, identificando a origem do animal.

## CAPÍTULO XI

Dos certificados de registro genealógico e de controle de genealogia

Art. 95º - Para cada produto registrado ou controlado o SRG da ANCHBC emitirá, em nome do respectivo criador, um Certificado de Registro ou de Controle de Genealogia. Caso seja solicitado, poderá, ainda, emitir um Certificado de Pedigree Completo.

Parágrafo 1º - Tanto o Certificado de Registro, como o de Controle de Genealogia, serão considerados como *provisório*, até a inspeção zootécnica do animal.

Parágrafo Segundo- Após a inspeção, sendo o animal considerado zootecnicamente aprovado, o certificado *provisório* passará a *certificado definitivo*.

Parágrafo Terceiro - Receberá o *certificado com performance* todo animal que cumprir o estabelecido no Art. 108º deste regulamento.

Art. 96º - No caso dos animais oriundos de Transferência de Embrião, o procedimento adotado será, no que lhes disser respeito, de acordo com o Capítulo VI deste Regulamento.

Art. 97º - As segundas-vias de Certificados de Registro, Certificados de Controle de Genealogia ou Duplicatas de Pedigree Completo, devem ser solicitadas por escrito pelo interessado.

Parágrafo Único- As segundas-vias só serão extraídas em caso de extravio e/ou inutilização do documento original, passando este último a perder todos os efeitos legais.

Art. 98º - Somente serão aceitas as seguintes retificações de Registro, de Controle e de Certificados:

- a) Quando plenamente justificadas pelo criador, em casos de enganos ao preencher o formulário de pedido de registro ou de Controle;
- b) quando por troca involuntária de numeração ao proceder as tatuagens;
- c) quando, por ocasião de inspeção, for verificada troca de sexo ou pelagem, além de variedade (mocha ou aspada).

## CAPÍTULO XII

Da propriedade e de sua transferência

Art. 99º - Será considerado de propriedade de um criador aquele animal que estiver registrado em seu nome ou com a devida transferência homologada pelo SRG da ANCHBC.

Art. 100º - Compete ao vendedor comunicar por escrito, em formulário apropriado, dentro de um prazo máximo de sessenta (60) dias, as vendas que haja efetuado, enviando os respectivos Certificados de Registro ou de Controle (originais), conforme o caso, para ser anotada a transferência.

Parágrafo Único - No caso em que o comprador ou favorecido venha a solicitar a transferência, deverão ser apresentadas a devida autorização do vendedor, juntamente com o Certificado de Registro ou de Controle, o qual será devolvido ao remetente, após a transferência.

Art. 101º - As despesas relativas às transferências serão de responsabilidade do vendedor do animal, podendo ser quitadas pelo comprador quando este assim o determinar.

Art. 102º - Enquanto não forem realizadas as transferências, não será permitido ao novo proprietário registrar os descendentes dos animais adquiridos.

Art. 103º - Quando for efetuada a venda de uma fêmea servida, o vendedor fica obrigado a fazer constar essa ocorrência na comunicação de venda, comunicando, também, os dados de identificação do touro (tatuagem e número de registro ou de controle).

Art. 104º - No caso de sucessão legal ou dissolução de sociedade, ao representante devidamente autorizado compete requerer as transferências dos animais registrados para quem de direito, mediante a apresentação dos documentos indispensáveis (certidão de partilha, contrato de dissolução de sociedade etc.).

## CAPÍTULO XIII

### Da morte

Art. 105º - É obrigatória a comunicação das mortes, por escrito, até o último dia do mês subsequente ao ocorrido, para a devida baixa no respectivo Livro de Registro ou de Controle.

## CAPÍTULO XIV

### Das marcas e do registro seletivo

Art. 106º - Serão considerados para efeito de Registro Seletivo os animais Puros de Origem, Puros por Avaliação, Puros Por Cruzamento e os de Livro Aberto que, selecionados pelo Inspetor Técnico credenciado, se enquadrem em uma das categorias a seguir relacionadas:

a) Categoria I: animais de *dupla marca*, com seleção fenotípica e resultado positivo em Prova Zootécnica oficializada pelo MAPA, que alcancem resultado positivo preconizado para a raça a que pertençam.

b) Categoria II: animais de *marca simples*, com seleção apenas fenotípica; e,

c) Categoria III: somente para fêmeas, com seleção fenotípica, a serem usadas como base para o registro de Puros Por Cruzamento.

Parágrafo 1º- Nos animais da categoria PO a marca será aplicada na região da omoplata (paleta), enquanto que nas demais categorias o serão na região da picanha direita.

Parágrafo 2º -Cada raça poderá criar letras ou símbolos especiais, desde que se enquadrem nas categorias mencionadas neste artigo.

## CAPÍTULO XV

### Dos registros especiais

Art. 107º - Serão considerados como de Registro Especial aqueles animais, machos ou fêmeas, com registro definitivo que, tendo participado de provas zootécnicas oficiais, atingiram os índices positivos preconizados para a raça e cujos resultados finais serão agregados ao seu cadastro no SRG da ANCHBC.

Art. 108º - Para os animais que cumprirem as exigências do artigo anterior o SRG da ANCHBC emitirá um *Pedigree com Performance*, onde constarão os dados finais da avaliação, bem como os prêmios conseguidos pelo animal nas exposições oficiais para esse fim ranqueadas.

## CAPÍTULO XVI

### Dos emolumentos

Art. 109º - Serão cobrados emolumentos por todos e quaisquer serviços prestados pelo SRG da ANCHBC. Esses emolumentos serão estabelecidos em Assembléia Geral pela ANCHBC e aprovados pelo MAPA.

Parágrafo Único - Os governos da União, dos Estados, dos Territórios e do Distrito Federal, ficam isentos do pagamento de quaisquer emolumentos, de conformidade com a Portaria SNAP número 47, de 15 de outubro de 1987.

## CAPÍTULO XVI

### Das inspeções

Art. 110º - As inspeções poderão ser:

- a) Ordinárias - Para identificar os produtos inscritos, tatuando-os com o símbolo específico para sua categoria de registro, precedido de letras ou números que identifiquem o criador, retatuar os que estiverem com a numeração pouco visível e verificar as possíveis alterações; e,
- b) Extraordinárias - A juízo do CDT, do Superintendente do Serviço de Registro Genealógico ou do MA.

Art. 111º - O criador deve solicitar ao SRG da ANCHBC a presença do Inspetor Técnico credenciado, para efetuar a revisão dos animais registrados em caráter provisório. Caso isso não ocorra, a revisão para confirmação de registro será feita anualmente, independente da solicitação.

Parágrafo Único - Os animais confirmados pelo Inspetor Técnico terão os seus Certificados alterados da condição de Provisório para Definitivo, enquanto que os animais não confirmados terão seus Certificados recolhidos pelo referido Inspetor, que os remeterá ao SRG da ANCHBC para a devida baixa.

Art. 112º - As fêmeas gêmeas com macho (Free-Martin) deverão estar com prenhez comprovada por Médico-Veterinário ou, então, com cria ao pé, para possível confirmação de registro e emissão do respectivo Certificado Definitivo (de Registro ou de Controle), conforme o caso.

Art. 113º - As normas para os trabalhos de inspeção serão disciplinadas pelo CDT da ANCHBC, podendo, sempre que necessário, serem alteradas, a fim de melhor disciplinar o serviço.

Art. 114º - Os trabalhos de inspeção obedecerão às seguintes condições:

- a) Condições exigidas: Para que um animal receba a confirmação de registro, será necessário que apresente características raciais definidas e não possua defeitos com a possibilidade de transmissão ou que venham a prejudicar a sua função, além de confirmar os dados constantes do registro provisório.

b) Condições Desclassificadoras:

- que esteja fora das características raciais
- prognatismo
- nanismo
- síndrome e paralisia espástica
- dupla musculatura (Culard)
- hermafroditismo
- hiper e hipotricose
- anormalidades do aparelho reprodutor :
  - monorquidismo
  - criptorquidismo
  - hipoplasia testicular
  - infantilismo genital

- Free-Martin: enquanto não comprovada a fertilidade através de parto, ou diagnóstico de gestação, com-  
provando prenhez.
- outros defeitos que prejudiquem a função.

## CAPÍTULO XVII

### Das importações e exportações de animais e de sêmen

Art. 115º - Os animais importados serão inscritos mediante apresentação dos Certificados de Registro ou de Exportação, fornecidos de acordo com o Regulamento do SRG do Herd-Book congênere, do país de procedência, devidamente transferidos ao comprador, obedecidas as disposições legais de importações, desde que aprovados como melhoradores, em inspeção zootécnica, procedida pelo SRG da ANCHBC ou por delegação desta.

Parágrafo 1º - Para a inscrição do animal ou doador de sêmen importado, deverá o animal ou o doador do sêmen ter seus ancestrais oriundos de Registro com, no mínimo, três (3) gerações completas.

Parágrafo 2º - Os animais importados, *Purebred* no país de origem, serão registrados como PA e seus produtos, oriundos de acasalamentos com PA ou PC, LA ou CCG, serão registrados na categoria respectiva.

Art. 116º - Não serão inscritos os animais cujas pelagens e sinais característicos, idade, número e marcas (se houverem), não estejam perfeitamente de acordo com o Certificado de Importação ou Exportação, ou quando estes não tenham sido expedidos em perfeita concordância com os Regulamentos de Registro Genealógico dos países de procedência, ou com as leis de importações que regem o assunto.

Art. 117º - Em se tratando de fêmeas importadas, com serviço de cobrição ou inseminação artificial, é necessário que o SRG do Herd-Book do país de procedência forneça o Atestado de Cobrição, devidamente autenticado por ele.

## CAPÍTULO XVIII

### Das disposições gerais

Art. 118º - O criador que deixar de cumprir quaisquer das disposições deste Regulamento, no devido tempo, terá rejeitada ou anulada a inscrição de seus animais nos livros de registro, ou de controle, da ANCHBC.

Art. 119º - As sugestões para alterações do presente Regulamento deverão ser encaminhadas ao CDT, por escrito.

Art. 120º - As dúvidas ou casos omissos ao presente regulamento, serão dirimidos ou resolvidos pelo Superintendente do SRG em primeira instância pelo Conselho Deliberativo Técnico, quando houver recurso contra o ato do Superintendente, e pelo MAPA, quando interposto recurso contra a decisão do CDT.

Art. 121º - O presente Regulamento entrará em vigor após sua aprovação pelo MAPA.

#### PADRÃO DA RAÇA ABERDEEN

##### ANGUS A) - Características Gerais

Clássico biótipo de raça produtora de carne. Animais volumosos, compridos, de moderadamente altos para altos, de profundidade mediana de acordo com a idade e tamanho do animal; de contornos arredondados e musculosos; de linhas superiores e laterais retas; de linha baixa reta, limpa, sem excesso de peito e pele; de boa cobertura de carne, de toque firme e uniforme em todo o corpo, sem acumulações expressivas de gordura abaixo da pele. De cabeça mediana, com pescoço de comprimento médio e musculoso nos machos, com caracteres de masculinidade. Nas fêmeas, cabeça um pouco alongada, com orelhas maiores e de pescoço mais fino. Nelas deve-se observar as características femininas, próprias de uma boa mãe, ou seja, bom desenvolvimento e amplitude dos ossos coxais e sacro como, também, do úbere e tetas. O esqueleto deve ser um pouco mais leve e a expressão feminina, o que as diferencia dos reprodutores machos. Os terneiros devem ser longilíneos e altos, em seus primeiros anos de vida, com maior comprimento das extremidades do que profundidade de tórax. É muito importante que, em sua primeira idade, mantenham o aspecto juvenil, sem excessivo desenvolvimento de pescoço e cabeça e com pouca deposição de gordura.

##### B) - Características Zootécnicas

1 - *Cabeça* - De tamanho médio, medianamente alongada, de perfil entre ligeiramente côncavo a reto. "Poll" bem definido, especialmente nas fêmeas. Cara mediana, com narinas amplas, boca grande e lábios bem desenvolvidos. Olhos amplos, bem separados. Orelhas de tamanho médio nos machos e grandes nas fêmeas, ligeiramente eretas e bem cobertas de pelos. A presença, ou vestígios, de chifres ou botões é objeto de desclassificação.

2 - *Pescoço* - De comprimento médio, com musculatura firme, bem inserido no corpo. Mais fino e comprido nas fêmeas. Garganta de contornos bem definidos, sem papada ou excesso de pele.

3 - *Corpo* - Comprido, de profundidade média, com costelas bem arqueadas e separadas, cobertas em toda sua extensão por uma manta de carne abundante, firme e sem acúmulo de gordura.

4 - *Dorso e Lombo* - Amplos e compridos, num mesmo nível desde as cruzes até a base da cola. Cobertos com espessa camada de músculos, de toque firme, sem depósito de gordura debaixo da pele.

5 - *Cadeiras e Quadrís* - São uma continuação uniforme da linha dorso-lombar. Musculosos, com boa separação dos ossos coxais e bom comprimento até a cola. Base da cola lisa, em linha com o corpo e sem estreitamentos.

6 - *Peito* - Limpo, amplo, nada proeminente sobre a linha baixa, pouca gordura, sem pele solta nem enrugada.

7 - *Quartos* - Muito amplos, de contornos arredondados, com musculatura bem definida. Entrepernas limpo, sem excesso de pele ou gordura.

8 - *Pernas* - Amplas, grossas e cheias, com massas musculares fortes e definidas.

9 - *Garrões* - Fortes, separados, seguindo a linha geral de aprumos. São indesejáveis os garrões demasiadamente retos ou sentados.

10 - *Patas* - De medianamente compridas para compridas, com ossos fortes e contornos bem definidos. Bem aprumadas e separadas, revelando a amplitude e musculatura do animal.

11 - *Paletas* - Paralelas entre si, bem cobertas de músculos até sua parte superior. Cruzes estreitas e pontiagudas são indesejáveis.

- 12 – *Antebraços* - Fortes, compridos, amplos, com musculatura abundante e bem evidenciada.
- 13 - *Mãos* - De medianamente compridas para compridas, com ossos fortes bem aprumados e separados. São indesejáveis mãos com desvio para dentro ou para fora.
- 14 - *Cor* - Preta ou vermelha. Os pelos brancos, com pele clara, só são admitidos do umbigo para trás, nas fêmeas e na área escrotal nos machos. A cor branca só pode se encontrar no corpo do escroto, não devendo ultrapassar a virilha em direção à lateral do corpo. O úbere pode ter manchas brancas, desde que abranjam parcialmente sua superfície. Os lunares mouros, com base de pele preta, são aceitáveis em qualquer parte do corpo. Podem ser aceitos alguns pelos brancos na cola. As mucosas são de cor cinza ou preta.
- 15 - *Pele* - De espessura fina a média, agradável ao toque, com pelos finos, curtos e densos.

#### C) Análise global de conjunto (visto lateralmente)

Bom volume, alto e de aspecto alongado, medianamente profundo, de formas ligeiramente arredondadas. Musculoso, com linha superior reta e inferior ligeiramente levantada na virilha. Muito limpo e livre de gordura em toda a linha baixa. Quartos cheios, com massas musculares sobressalentes, que evidenciam um perfil algo convexo. Paleta firme e bem musculosa. Antebraços e pernas fortes, compridos e bem musculosos. Esqueleto forte e aprumos corretos.

### PADRÃO DA RAÇA AYRSHIRE

#### A - Características Gerais

Os animais da raça Ayrshire são rústicos, bem constituídos e naturalmente resistentes às enfermidades. Apresentam esqueleto fino. Alcançam peso vivo médio de 800 Kg nos machos e 530 Kg nas fêmeas.

A altura, nas cruzes, é de 144 cm nos machos e 129 cm nas fêmeas, com um perímetro torácico de 244 cm para os machos e 203 cm para as fêmeas. A média de idade ao primeiro parto é de 30 meses e o peso médio dos terneiros, ao nascer, é de 34 Kg. para os machos e 31 Kg para as fêmeas. A principal característica funcional da raça é sua capacidade de produção leiteira. Quanto à produção de carne, aproximam-se muito da média das outras raças leiteiras. O cruzamento de vacas Ayrshire com touros de raças de carne é excelente para a obtenção de raças comerciais de meio-sangue para a produção de carne.

#### B - Características Físicas

1 - *Cabeça* - A cabeça é de comprimento mediano e perfil retilíneo, algo côncavo entre os olhos, regularmente larga, com cara fina e nariz largo. Mandíbulas fortes, limpas e proeminentes. Olhos vivos, orelhas de tamanho mediano. Chifres finos, com a típica característica de lira, que crescem para fora e para frente, voltando depois para trás, pelas pontas que são escuras. Nos touros são mais pesados que nas vacas.

2 - *Pelagem* - A pelagem é a vermelha de qualquer tonalidade, castanha ou branca, sendo cada uma delas nitidamente diferenciáveis. A combinação da branca com a preta é muito comum, mas não goza de muita aceitação. A mais popular é a de cor castanha escura e branca, no corpo, com manchas de cor vermelha na cabeça. Em algumas linhagens predomina a cor branca, enquanto que em outras as manchas de outras cores ocupam a maior parte da capa.

3 - *Pele* - A pele é de espessura média, flexível e ligeiramente pigmentada, com pelos curtos e sedosos.

4 - *Corpo* - O corpo não é comprido, mas as vacas apresentam a típica forma de cunha do gado leiteiro, quando vistas de lado e de trás. Pescoço medianamente comprido, com a borda superior ligeiramente côncava e a inferior livre de papada. Peito relativamente largo, mas profundo e alto, com costelas bem separadas. Paletas com boa inclinação, formando uma “cruz” não muito angulosa. O terço médio é grande, com ventre volumoso, costelas bem arqueadas e boa profundidade torácica. As cadeiras separadas, não ultrapassando o nível das paletas e não muito cobertas de carne. O úbere é volumoso e característico, com abundância de tecido glandular, bom diâmetro antero-posterior e apresentando tetas geometricamente colocadas, bem separadas, perpendiculares, de tamanho uniforme, com fortes ligamentos de sustentação, bem desenvolvido para frente e alto nos quartos traseiros.



5 - *Dorso e Lombo* - Dorso, lombo e garupa estão na mesma linha (horizontal), com apófises marcadas e algo musculosos.

6 - *Aprumos* - Os aprumos são de comprimento mediano, boa constituição, fortes e bem separados, com os garrões nem demasiadamente retos nem demasiadamente sentados. Canelas finas, terminando em cascos de tamanho mediano.

#### PADRÃO DA RAÇA BLONDE D'AQUITAINE

##### A) - Características Gerais

Raça de grande porte, portadora de poderosas massas musculares. Esqueleto forte e fino. Extraordinário rendimento de carcaça. É o protótipo do moderno bovino produtor de carne.

##### B) - Características Zootécnicas

1 - *Cabeça* - Forte, sólida. Perfil retilíneo ou levemente convexo devido à ocorrência de bossas frontais. Chanfro longo e espesso. Frontal amplo. Marrafa muito tipicamente saliente, provida de tufos de pelos. Processos cornuais finos, curtos, de cor creme, podendo apresentar coloração mais escura nas extremidades; corte transversal elíptico. Espelho amplo, com pigmentação bege-alaranjada. Olhos vivos, brilhantes e bem distanciados. Orelhas grandes, carnudas, com fartas pendorelhas e movimentação horizontal ágil.

2 - *Pescoço* - Longo e fortemente musculoso no macho. A musculatura cervical forma um admirável cupim. Nas fêmeas, o pescoço é longo, porém fino, suave, delicado, sem projeção muscular.

3 - *Tronco* - Caracteristicamente longo e cilíndrico, destituído de dilatação ventral. Linha raquidiana íntegra, sem qualquer espécie de desvio. Musculatura superficial em relevo, indicando pouca gordura de cobertura. Glúteo médio bem projetado. Eixo diretivo anterior normal, sem desvio para fora da articulação escápulo-umeral. Peito amplo e destituído de acúmulo de gordura. Inserção de cola alta e marcada, determinando a linha mediana entre protuberâncias isquiáticas bem separadas. As massas musculares são abundantes no posterior.

4 - *Aprumos* - Membros anteriores e posteriores bem separados, indicando amplidão de peito e de quarto posterior. A linha de aprumo deve ser a mais correta possível, evitando problemas de locomoção e/ou cópula.

5 - *Cascos* - Fortes, principalmente os dos membros posteriores. A pigmentação dos mesmos deve ser alaranjada, não sendo permitidas estrias negras.

6 - *Pelagem* - Cor de fromento característica, podendo variar para mais claro ou mais escuro. As extremidades dos membros, focinho, região periocular e linha perineal mais claras. A vassoura da cauda mantém a cor do corpo. A presença de manchas brancas é permitida na região umbílico-escrotal para machos ou umbílico-mamária para as fêmeas. Em outras partes do corpo, as manchas brancas são sinais indicativos de miscigenações inter-raciais. Manchas pretas não são aceitas em nenhum caso. Eventualmente pode ocorrer o aparecimento atávico de animais oveiros, os quais não são aceitos a fim de registro.

7 - *Pêlo* - O corpo é coberto de pêlo fino no verão, denso e farto no inverno. A tendência bioclimática natural, porém, é selecioná-la buscando um pêlo fino e curto, o que é mais condizente com a climatologia brasileira.

8 - *Pele* - A pele é fina, elástica e farta. Deve apresentar corrugações múltiplas, principalmente na região cervical lateral e nas axilas. A barbeta é longa e farta (toalha) desde a região submandibular à esternal. Os quartos são cheios, com as massas musculares sobressalentes que evidenciam um perfil algo convexo. Paleta firme e bem musculosa.

#### PADRÃO DA RAÇA CHAROLÊS

##### A) - Características Gerais

O charolês é um bovino de cor branca (creme), grande peso, desenvolvimento muscular pronunciado

e sem acúmulo de gordura, precoce e especializado em carne, destacando-se pelo grande rendimento de carcaça. Seu esqueleto é muito desenvolvido, tendo ossatura pronunciada. Em seu conjunto, é um animal volumoso, com esqueleto e musculatura destacada, excelente tamanho (altura, comprimento), com diâmetros transversais moderadamente amplos e plano superior e inferior retos.

#### B) - Características Zootécnicas

1 - *Cabeça* - Harmônica, com expressão máscula nos machos e delicada nas fêmeas. Frente ampla, nuca reta, orelhas de bom tamanho (em forma de palmatória), olhos grandes e tranqüilos. Focinho largo e destacado, narinas distantes e bem separadas, boca ampla. Na variedade mocha, a nuca apresenta-se arredondada.

2 - *Pescoço* - Longilíneo e musculoso, bem implantado no tórax, papada reduzida.

3 - *Chifres* - Medianos, curvados para frente, sua base não pode ter diâmetro excessivo. Cor branca ou marfim, sendo que na sua base admite-se coloração mais escura, mormente em animais mais velhos. A variedade mocha pode apresentar rudimentos desde que completamente soltos (batoques).

4 - *Corpo* - Amplo e cilíndrico, lombo reto, largo e musculoso, rins largos. Garupa ampla e retangular, bem coberta de carne. Tórax amplo e profundo, com costelas separadas, sem depressão atrás das espáduas. Posterior (quartos) com musculatura pronunciada e perfil convexo, massas musculares baixando até o jarrete, este forte e com grande diâmetro. Cola larga na base, bem inserida na garupa.

5 - *Membros* - Fortes, bem aprumados, com cascos na cor marrom muito claro, sem listras ou manchas.

6 - *Mucosas* - Rosadas, sem pigmentação, às vezes com algumas "sardas".

7 - *Manchas Escuras* - Somente nas pontas dos tetos e, eventualmente, na vagina e escrotas (tipo malha), o que não é desejável.

8 - *Pele* - De boa espessura, suave e flexível, de cor rosada, sendo encontradas eventualmente malhas de cor mais escura, o que não é desejável.

9 - *Pêlos* - Normalmente curtos, brilhantes e de cor branca ou creme. Não se admitem malhas escuras na pelagem.

10- *Andar* - Ágil e elegante, adequado a movimentar-se em grandes áreas à procura de alimento.

#### PADRÃO DA RAÇA DEVON

##### A) - Características Gerais

O animal típico da raça Devon é um bovino com bom desenvolvimento, de estrutura equilibrada e com linhas harmoniosas. Apresenta ótima cobertura de excelente carne-músculo. É um animal, geralmente, dócil e elegante.

##### B) - Características Zootécnicas

1 - *Cabeça* - Enquanto nos touros ela se apresenta com um aspecto bastante masculino, de testa ampla e com boa largura entre os olhos, nas vacas seu aspecto é bastante feminino, moderadamente longa e levemente convexa na testa. As narinas devem ser altas e abertas, com focinho largo e cor de carne, livre de qualquer tonalidade azulada ou preta. Os maxilares, que são um tanto descarnados, nos machos, são largos na região da raiz da língua. Os olhos são proeminentes, vivos e brilhantes. As orelhas, de espessura e tamanho médios, franjadas de cabelos, são finas nas fêmeas. Em se tratando de animal da variedade aspada, os machos apresentam chifres em ângulos retos desde a testa, ligeiramente curvados para baixo e de igual tamanho, enquanto que as fêmeas os têm graciosamente em forma de lira. A cor dos chifres, tanto nos machos como nas fêmeas, é a cor da cera, tomando tonalidade castanha nas pontas, mas não a preta.

2 - *Pescoço* - Médio no comprimento. Musculoso nos machos, com bom cume, de garganta *limpa*, sem papada exagerada nos machos e um tanto descarnada nas fêmeas.

3 - *Cruzes* - Larga em cima e bem coberta, sem proeminência nas pontas.

4 - *Peito* - Largo e profundo. Leve na região das paletas, com pouca barbela e sem acúmulo de gordura.

5 - *Costelas* - Nascendo horizontais, devem ter boa cobertura de carne e bom arqueamento.

6 - *Dorso* - Reto, longo, nivelado com lombo largo e cheio. Quadris de mediana largura, bem providos de carne e nivelados com a linha do lombo, sem proeminência dos ossos ilíacos.

7 - *Garupa ou Picanha* - Longa. Cheia nos machos e moderadamente carnuda nas fêmeas. Apresenta boa abertura dos ossos ilíacos.

8 - *Cauda* - Com boa implantação, mais grossa na rabada, pende aprumada alcançando os garrões, tendo na extremidade farto cabelo (vassoura), que se torna branco no animal adulto.

9 - *Quarto* - Bem musculoso e profundo, da mesma forma que a coxa, prolongando-se até o garrão.

10 - *Linha inferior* - Tanto quanto possível, paralela à dorsal.

11 - *Pernas dianteiras* - De ossatura forte, retas e separadas, são musculosas e cheias na parte superior. Os cascos devem ser fortes e sólidos, com ausência de coloração preta.

12 - *Pernas traseiras* - Bem aprumadas, retas, com boa ossatura e boa separação de garrões, os quais devem ser bastante fortes, não se cruzando ou desviando ao caminhar. Cascos normais, não crescidos, de maneira a não se arrastarem ao caminhar e sem coloração preta.

13 - *Pele* - Moderadamente grossa, flexível, coberta de abundante pêlo de cor rubi, característica da raça. Nos machos é admissível um pouco de pele branca na região escrotal, enquanto que, nas fêmeas, é permitido na região do úbere. Não é, entretanto, admissível a presença de pele branca em nenhuma outra região do corpo ou dos membros.

14 - *Úbere* - Não carnudo, avançando tanto para frente como para trás, em alinhamento com a barriga. As tetas devem estar em esquadro e não ter tamanho grande demais.

#### POLLED DEVON

Para a variedade mocha, o padrão é o mesmo da aspada, salvo no que se refere aos chifres, pois carece deles, e a conformação da nuca, que deve ser proeminente e arredondada.

#### PADRÃO DA RAÇA DINAMARQUESA VERMELHA

##### A - Características Gerais

A raça Dinamarquesa Vermelha desenvolveu-se na última parte do século dezenove, a partir do gado nativo das ilhas Dinamarquesas, melhorado mediante a importação de vacas do sul da Península de Jutlândia e do Slesvig Sul, onde o gado "Angel" e "Slesvig Marsh" prevalecia naquela época. Suas características leiteiras são marcantes e se originaram, principalmente, do gado nativo e do gado "Angel".

A cor e a estrutura corporal provém do gado mais pesado e carnudo do pantanal. A alta produção e a elevada porcentagem de gordura no leite sempre foram o principal objetivo na seleção da raça, mas o alto índice de crescimento e o bom desenvolvimento de musculatura também foram observados. Hoje, podemos classificar a raça como de dupla finalidade, isto é, leite e carne. As vacas adultas são fortes, de estrutura robusta, com corpo bem desenvolvido. O período normal de gestação é de 283 dias. O peso dos terneiros, ao nascer, é de 41 Kg para os machos e de 39 kg para as fêmeas. Os touros atingem pesos de 1.000 a 1.300 Kg e podem começar sua vida reprodutiva aos 10 meses de idade, enquanto as vacas adultas pesam de 600 a 650 Kg e parem pela primeira vez aos 29 meses.

##### B - Características Físicas

1 - *Cabeça* - A cabeça é moderadamente comprida e os chifres nascem dirigindo-se para a frente e para baixo. A mucosa da ponta do nariz é de coloração preta.

2 - *Pelagem* - A pelagem é vermelha retinta, sendo que os touros são mais escuros que as vacas. Pequenas manchas brancas somente são toleradas nas regiões inguinais e esternal. O pêlo é suave, curto e liso.

3 - *Pele* - A pele é solta e delgada, com uma pigmentação bastante escura.

4 - *Corpo* - O corpo apresenta boa profundidade torácica e com costelas bem arqueadas.

5 - *Dorso e lombo* - A linha dorso-lombar é retilínea.

6 - *Posteriores* - Os membros posteriores estão constituídos por aprumos de boa conformação, com uma garupa comprida e nascimento da cauda sobressalente. O úbere é de bom tamanho, bem equilibrado e com ligamentos fortes.

## PADRÃO DA RAÇA FLAMENGA

### A - Características Gerais

Ainda que a raça Flamengo não seja propriamente do tipo carne, possui propriedades de engorde bastante boas, quando os animais são estabulados. A carcaça apresenta abundante musculatura no dorso e pouca nas coxas. As novilhas parem pela primeira vez com idade aproximada de dois anos a dois anos e meio. Os terneiros machos pesam 47 Kg ao nascer e as fêmeas 43 Kg. Os touros entram em serviço à idade aproximada de um ano, podendo permanecer ativos como reprodutores até os oito anos. À idade adulta, os touros atingem peso aproximado de 900 a 1.000 Kg e as vacas 700 a 800 Kg.

### B - Características Físicas

1 - *Cabeça* - Na vaca é menor, feminina, alongada e de perfil fronto-nasal sub-côncavo; cara alongada e triangular; olhos grandes e salientes; boca ampla; órbitas dilatadas; orelhas de dimensões medianas, bastante móveis e cobertas interiormente por pêlos finos. Com frequência, a cabeça apresenta coloração mais escura que o restante do corpo. A mucosa da ponta do nariz, de coloração preta, enquanto que os chifres são brancos com pontas pretas e de comprimento mediano. Nos touros a cabeça deve ter expressão masculina.

2 - *Pelagem* - A pelagem é de coloração vermelho-caju escuro. Embora a tonalidade possa variar entre vermelho e castanho, nunca pode ser da cor do vinho. Os touros costumam ser mais escuros que as fêmeas. Os animais devem estar isentos de lunares brancos na cabeça, paletas, ventre e úbere. A vassoura da cola e o prepúcio são também de coloração mais escura.

3 - *Pele* - A pele é fina, solta, elástica e pigmentada, enquanto que os orifícios naturais são negros.

4 - *Corpo* - De linhas harmoniosas e esqueleto fino; pescoço delgado e comprido, com papada pouco desenvolvida. As cruzes são largas e protuberantes; o tórax é profundo, com as costelas bem arqueadas e o ventre bem desenvolvido, o que lhes proporciona uma grande capacidade abdominal. O peito não muito largo. A garupa é longa, com cadeiras marcadas e nádegas retas, não muito musculosas.

5 - *Dorso e lombo* - A linha dorso-lombar é retilínea, de largura mediana e, até o nascimento da cola, sem nenhuma saliência.

6 - *Posteriores* - Bem apumados e de tamanho mediano. Finos, com pesunhas de cor escura e muito resistentes. As ancas são largas, com as coxas fortes, tendendo à forma de fuso. O úbere é bem desenvolvido, com abundante tecido glandular, coberto de pêlos finos, com irrigação abundante e veias mamárias sinuosas. Tetas grandes e fortes, de coloração preta. Apresentam uma conformação óssea grande, com pouca musculatura e conformação leiteira bem pronunciada.

## PADRÃO DA RAÇA GALLOWAY

### A - Características Gerais

Os animais da raça Galloway são notáveis por sua capacidade de converter em carne as pastagens mais pobres. Podem consumir pastos fibrosos ou de escasso valor nutritivo. Suportam bem as condições adversas do inverno, desde que contem com um mínimo de abrigo e recebam feno ou palha de aveia, podendo viver em terras onde outras raças apenas sobreviveriam. São animais de grande rusticidade, produtores de carne de muito boa qualidade, porém, de maturidade sexual tardia. O peso médio dos touros pode alcançar os 600 Kg aos três anos de idade, enquanto que as vacas adultas podem atingir os 450 Kg.

### B - Características Físicas

1 - *Cabeça* - A raça é mocha. A cabeça é curta e ampla, de testa pouco proeminente e com amplas fossas nasais. Olhos grandes e proeminentes. Orelhas de comprimento mediano, largas e com pelos compridos.

2 - *Pelagem* - A pelagem normal é a preta, podendo-se admitir animais de coloração pardacenta. Entretanto, no inverno, a pelagem pode adquirir uma tonalidade castanha ou avermelhada, retornando à coloração normal com a chegada da primavera. Os pêlos são suaves e compridos, com uma subcamada de pêlos curtos (subcapa felpuda). São tolerados pêlos brancos apenas na região inguinal (no úbere ou na base dos testículos).

3 - *Pele* - A pele é escura, suave e moderadamente grossa.

4 - *Corpo* - O corpo é compacto, profundo e harmonioso. Pescoço de comprimento mediano, bem implantado entre as paletas; nas fêmeas, a parte superior deve estar em linha com o lombo e, nos machos, algo arqueado, conforme a idade. Quartos dianteiros bem colocados e cobertos de carne, moderadamente largos na parte superior. Paletas bem colocadas e separadas à altura das cruzes (fechadas ou altas são suscetíveis de objeção). Costelas compridas e bem arqueadas. Peito profundo e amplo.

5 - *Dorso e lombo* - O dorso e o lombo são retilíneos.

6 - *Posteriores* - Os posteriores são compridos, moderadamente largos e bem desenvolvidos, com a musculatura chegando até os jarretes (nádegas redondas são passíveis de objeção).

## GALLOWAY (VARIEDADE CINTADA)

Esta variedade tem as mesmas características da variedade de capa uniforme, diferindo-se, porém, quanto à pelagem, que é preta, às vezes com um matiz castanho ou lobuno, apresentando uma faixa branca em torno do corpo, atrás das paletas. A combinação ideal de cores é uma faixa de largura regular e perfeitamente definida, que se estenda em torno do corpo, desde atrás das paletas até as ancas. Neste caso, a metade anterior do úbere será também branca. Infelizmente, a largura e localização da faixa não podem ser padronizadas, razão pela qual estão sujeitas a muitas variáveis.

## PADRÃO DA RAÇA HEREFORD E POLLED

### HEREFORD A - Características Gerais

A raça Hereford, originária da Inglaterra e introduzida no Brasil no início do século vinte, através dos países do Prata pelo estado do Rio Grande do Sul, apresenta em nosso meio um biótipo variante, em resposta à necessidade de adaptação à realidade climática subtropical brasileira.

A raça Hereford é prolífera e dócil, é precoce e composta de animais produtores de carne, destacando-se por bom rendimento de corte e sabor característico da presença do marmoreio em sua estrutura muscular. Os animais apresentam facilidade à terminação, em resposta ao pastoreio extensivo ou intensivo e ao arração. A excelência é conquistada pela qualidade de seus cortes, apresentando na marmorização da carne um produto final de sabor peculiar. A sua formação de gordura, em complementação ao desenvolvimento da musculatura apresenta depósitos graxos junto à carcaça, como em qualquer animal em processo de engorde, que são visualizados facilmente no retalho e percebidos sob o couro. No entanto, a raça Hereford é, reconhecidamente, produtora de carnes “magras”, ou seja, não excessivamente produtora de gorduras que se possam perceber como adiposidades no animal vivo. Devido à sua capacidade de metabolizar o caroteno dos alimentos ingeridos, transformando-os em vitamina A, a gordura dos indivíduos Hereford é de coloração branca, sendo, esta, outra característica que a qualifica entre os melhores animais produtores de carne.

### B - Características Físicas

1 - *Aspecto Geral* - O Hereford deve apresentar vivacidade, com bom tônus muscular e facilidade de movimentos; nobreza no porte, tanto em equilíbrio, como ao caminhar; olhar vivo, mas dócil, com boa aceitação do trato humano.

1.1- *Físico*: Porte médio a grande, segundo o tipo biológico buscado, em correlação com o meio criatório; de aparência forte, com boa massa muscular e equilíbrio entre os quartos traseiro e dianteiro.

1.2 - *Esqueleto*: Ossatura forte, sem excessos e bem coberta pela musculatura.

1.3 - Exterior:

1.3.1 - *Cor*: Classicamente, o gado Hereford é conhecido pela cor vermelha, com a cabeça, extremidades e baixo ventre brancos. No biótipo brasileiro busca-se a predominância do vermelho claro - ressalvadas nos machos as variações de tons mais escuros do pescoço, paletas e costilhares, designativos de masculinidade - com menor percentagem de áreas brancas que o original inglês; à exceção da cabeça, o branco, preferencialmente, deve limitar-se à linha inferior do corpo, podendo apresentar ausência deste nas cruzes. Com a cor branca nas extremidades, os animais apresentam os cascos naturalmente brancos. Não são descartados, porém, animais com escassas áreas brancas nos aprumos, desde que isso não represente perda total da característica, ou indivíduos sem o branco em sua totalidade, não excedendo a mais de um membro com essa coloração. Nesses casos, os cascos poderão ter coloração vermelha.

1.3.2 - *Mucosa*: Preferencialmente pigmentada. Na área periférica dos olhos e da boca, no nariz, úbere e testículos, será dada a preferência aos animais que apresentarem pigmentação, com vantagem para aqueles que tiverem mancha vermelha em cobertura aos olhos, desde que a cabeça permaneça com sua característica cor branca em superfície não inferior a 70%.

1.3.3 - *Pêlo*: Discreto, com facilidade de pelechar muito cedo na primavera, apresentando-o, quando pelechado, liso, brilhante e sentado no couro; exceção feita aos pelos característicos (púbis, vassoura da cauda, orelhas) e dos diferenciais masculinos (pescoço e cogote).

1.3.4 - *Couro*: Fino e solto nas regiões carnudas, mas aderido na cabeça e nas extremidades. Desde abaixo do queixo, para trás, apresenta pouca barba; no pescoço a pele deve aderir, caindo naturalmente em direção ao peito, apresentando mínimas sobras nas axilas; ligado sob o tórax, até chegar ao prepúcio que não deve ser muito despregado. A equivalência do prepúcio dos machos é, nas fêmeas, o umbigo, que tampouco deve ser muito dilatado. A virilha deve ter um desenho anguloso, desprezando-se as formas suaves e cheias.

(\*) Em qualquer caso, inexistente a possibilidade de cor preta nos animais da raça Hereford, no couro, pelo, mucosa, cascos ou chifres.

2 - *Morfologia*: A raça Hereford apresenta indivíduos de físico equilibrado, com boa distribuição de marcadas massas musculares, de forma contínua, num corpo retangular, de linhas definidas por um lombo reto e nivelado e patas aprumadas.

2.1 - *Cabeça*: Forte e expressiva nos machos; descarnada e leve nas fêmeas; chanfro de comprimento médio, plano, ou côncavo.

2.1.1 - *Orelhas*: De tamanho médio, providas de pelos internos de proteção, firmes, atentas e com boa mobilidade.

2.1.2 - *Olhos*: Olhar vivo, mas dócil.

2.1.3 - *Chifres*: Na variedade aspada, os chifres são simétricos e dirigidos em curva, para a frente e para baixo.

2.2 - *Pescoço*: De aspecto cilíndrico nas fêmeas, com a pele ligada; forte nos machos, cheio no cupim, coberto este pôr pelos diferenciais masculinos, mantendo economia de carnes no plano inferior e ligando-se, harmônico, às omoplatas.

2.3 - *Dianteiro*: Omoplatas harmonicamente desenvolvidas, em volume proporcional ao posterior, sem excessos musculares que as destaquem excessivamente do pescoço e do tórax, evitando-se excessiva abertura destas em sua visualização anterior.

2.4 - *Tórax*: Alongado e forte, com linha superior paralela ao solo; o bastante despregado do chão como para permitir, através dos membros, uma boa mobilidade do animal.

2.4.1 - *Peito*: Discreto volume nas fêmeas e pouco profundo nos machos, não ultrapassando a meia distância do comprimento do braço.

2.4.2 - *Costelas*: Longas e arqueadas, dando volume ao tórax para abrigar os órgãos internos e

um bom volume do aparelho digestivo; cobertas por musculatura definida, evitando-se cintura entre costelas e omoplatas. Matambre pouco profundo junto às virilhas.

2.4.3 - *Lombo*: Longo, nivelado e firme.

2.5 - *Posterior*: Quartos traseiros volumosos, com musculatura naturalmente alongada cobrindo os ossos longos, prevenindo-se contra a formação do *músculo duplo*.

2.5.1 - *Quadris*: Idealiza-se o animal que, visto lateralmente, tenha bom comprimento do osso ilíaco, emprestando comprimento aos quartos; visto pela retaguarda, o animal deve mostrar sua maior largura de quartos a meio da musculatura, entre o garrão e a anca; a junção intermédia dos quartos será alta, a nível pouco abaixo dessa maior largura; visto de cima, os ossos das cadeiras devem mostrar tendência a ter a mesma largura, tanto em sua porção anterior como posterior, embora não devam ser largos em demasia, pois deve aparecer mais o músculo do que o osso.

2.5.2 - *Inserção de cauda*: A cauda cai, desde a sua inserção nos quartos, naturalmente perpendicular ao dorso e a porção posterior do osso da bacia pélvica deve ser de nível inferior ao mesmo em sua porção anterior.

2.6 - *Aprumos*: Patas medianamente longas, de ossatura forte, com boa postura sobre o solo, emprestando segurança à sua sustentação e à sua aparência nobre; devem estacionar sobre o terreno em marcação retangular, perpendiculares ao corpo, sem serem excessivamente separadas ou demasiadamente juntas. O ângulo dos garrões, por isso, não pode ser acentuado, desprezando-se no entanto os animais de garrão com ângulo raso.

## PADRÃO DA RAÇA

### HERENS A - Características

#### Gerais

A raça Herens é de pequeno porte, de esqueleto delicado, mas resistente. Embora de tripla aptidão, é utilizada atualmente para produção de leite e carne. A criação está mais dirigida para a produção leiteira, porém a carne é bastante apreciada por suas qualidades de textura e sabor. São animais muito ativos e resistentes às enfermidades. O peso dos touros adultos está ao redor dos 600 Kg e das vacas em torno de 450 Kg.

#### B - Características Físicas

1 - *Cabeça* - A cabeça é curta e larga. Os chifres, que se dirigem para fora, para frente e para cima, são claros com as pontas pretas.

2 - *Pelagem* - O pêlo é curto e de espessura média. A pelagem varia entre castanha e parda escura ou vermelha escura, que se aproxima muito da preta. Ao longo da linha dorsal e na ponta do nariz a pelagem é de tonalidade mais amarelada. Nas fêmeas são permitidas, apenas no úbere, pequenas manchas circunscritas de tonalidades claras ou brancas. Nos machos, entretanto, não se toleram manchas brancas.

3 - *Pele* - A pele é flexível. A ponta do nariz e os orifícios naturais são pretos ou de cor escura, porém, nunca rosados ou de cor clara.

4 - *Corpo* - O corpo é compacto, com um peito profundo.

5 - *Dorso e Lombo* - A linha dorso-lombar é quase retilínea.

6 - *Posteriores* - Os quartos traseiros, embora bastante compridos, são ligeiramente mais leves que os dianteiros. A musculatura apresenta escasso tecido adiposo. Nas vacas o úbere não é grande.

## PADRÃO DA RAÇA LINCOLN RED

### A - Características Gerais

Os animais da raça Lincoln Red caracterizam-se por sua capacidade de dupla aptidão. São excelentes produtores de carne e as vacas produzem leite em abundância, com um moderado teor de gordura



(em torno de 3,7%), suficiente não só para a nutrição das crias, como para exploração em escala comercial. São dóceis, longevos e de grande regularidade como reprodutores. Possuem uma extraordinária capacidade de engordar, precoce, econômica e rapidamente. Um terneiro bem alimentado desde seu nascimento, pode atingir 400 Kg ao alcançar um ano de idade. Existem duas variedades: uma aspada e outra mocha.

#### B - Características Físicas

1 - *Cabeça* - Curta e larga. A variedade aspada apresenta chifres curtos, que crescem para fora, para frente e para baixo. A mocha, com o alto da cabeça amarelado.

2 - *Pelagem* - Os animais da raça Lincoln Red são de pelagem vermelho-cereja, de tonalidade forte e uniforme, admitindo-se pequenas manchas brancas apenas na região abdominal. Os pelos são de espessura média e, freqüentemente, de comprimento também médio.

3 - *Pele* - A pele é de pigmentação clara.

4 - *Corpo* - O corpo é comprido, com peito profundo e costelas bem arqueadas.

5 - *Dorso e Lombo* - O dorso e o lombo são retos.

6 - *Posteriores* - Os quartos são compridos, com garupa horizontal, músculos fortes e bem desenvolvidos.

Nos tipos de aptidão leiteira o úbere é muito bem conformado e bem localizado.

7 - *Aprumos* - Os aprumos são de ossamenta vigorosa, porém, curta. Nem demasiadamente retos, nem demasiadamente curvos.

### PADRÃO DA RAÇA MAINE ANJOU

#### A - Características Gerais

A raça Maine Anjou evoluiu no leste da Bretanha, nos departamentos de Mayenne, Maine-et-Loire e Sarthe. Os animais existentes nesta zona, antes da metade do século XIX, cruzaram-se posteriormente com reses Shorthorn importadas, originando a raça atual. Sua rapidez de crescimento é elevada e sua carne é de primeira qualidade. As novilhas parem pela primeira vez aos três anos de idade, repetindo crias todos os anos, durante 8 ou 10 anos. Ao nascer, os machos pesam, em média, 45 Kg e as fêmeas 40 kg. Na idade adulta, os machos podem atingir 1.250 Kg de peso e as vacas 900 kg. Os touros entram em serviço aos 15 meses de idade e são utilizados para a reprodução durante 5 ou 7 anos. São animais rústicos, de crescimento rápido e de muita precocidade.

#### B - Características Físicas

1 - *Cabeça* - A cabeça é curta, com fronte larga, bochechas fortes e focinho claro. Os chifres são de tamanho mediano e de cor clara, sendo arqueados para fora e para frente. Pelagem da cabeça com predominância do vermelho e, obrigatoriamente, olhos em vermelho.

2 - *Pelagem* - As cores são vermelha, vermelha com pontos e manchas brancas, ou ruano, embora a pelagem predileta seja a vermelha predominante.

3 - *Pele* - A pele deve ser flexível, de espessura média e com pêlos espessos.

4 - *Corpo* - Amplo e longo, com abundante musculatura, apresentando a típica conformação dos animais produtores de carne. Peito profundo e largo. Paletas não muito proeminentes, bem musculosas, compactas e largas na parte de cima. Costelas bem arqueadas. Ausência de sebo.

5 - *Dorso e Lombo* - Linha dorso-lombar reta, paralela à inferior. Flancos salientes. Lombo muito largo e espesso.

6 - *Posteriores* - Quadris amplos, bem desenvolvidos, porém, pouco salientes. Garupa longa. Coxas grossas, que se prolongam até o jarrete. Cauda grossa e com boa inserção. As patas estão bem proporcionadas, com ossamenta bem desenvolvida. Úbere bem situado e com as tetas bem colocadas.

### PADRÃO DA RAÇA NORMANDA

#### A) - Características Gerais

A raça Normanda é de grande porte, rústica, fecunda e longeva. São animais notáveis por sua produção de carne relativamente magra, de excelente qualidade, e leite de alto teor de gordura. Sua pelagem deve ter necessariamente as três cores: vermelho ou ruivo (Blond), castanho escuro ou pardo (Bringe) e o branco (Caille), cuja predominância e localização variam conforme o indivíduo. Os animais com pelagem rosilha são desclassificados, tolerando-se os salinos.

#### B) - Características Zootécnicas

1 - *Cabeça* - Branca, de perfil côncavo, com manchas escuras ao redor dos olhos (óculos) e focinho.

A mucosa ocular tem que ser, necessariamente, pigmentada, enquanto que nos *óculos*, podem ser aceitos animais que apresentem, no mínimo, 75% de pêlos escuros ao redor dos olhos. Testa larga e com depressão entre os olhos (Coup de Poing); olhos vivos e um pouco saltados; boca grande; focinho largo, recoberto por mucosa escura (manchas de despigmentação são toleradas, desde que o animal não tenha todo o focinho branco). As orelhas devem ser escuras, porém, devem ser “separadas” na inserção com a cabeça, por pelagem de cor branca. Na variedade aspada, os chifres são brancos ou amarelados, finos, encurvados para frente, em forma de meia-lua. Na variedade mocha, o cume da cabeça é arredondado.

2 - *Pescoço* - O pescoço é de tamanho médio, musculoso, bem inserido e continuado até as paletas, harmonicamente.

3 - *Corpo* - O corpo é sólido, com um peito largo e profundo; as cruzes são largas e planas, com paletas longas e musculosas, inseridas harmonicamente ao pescoço e ao tórax. O tórax e o ventre são bastante amplos, profundos, bem arqueados, sem estreitamentos, o que lhes dá uma Conformação Cilíndrica.

4 - *Dorso e Lombo* - São longos, largos, musculosos e retilíneos.

5 - *Cadeiras e Quadris* - A bacia é comprida, larga e cheia, sem grande diferença entre a largura das cadeiras e os trocanteres, com uma boa separação entre os ísquions. Os quadris são amplos e cheios.

6 - *Peito* - O peito é largo e profundo, sem acúmulos de gordura.

7 - *Quartos* - Bem desenvolvidos e musculosos, ligeiramente curvos externamente, com boa separação entre si, proporcionando nádegas cheias e bem continuadas até o garrão.

8 - *Aprumos* - Os aprumos são bem separados, regulares e fortes, com curvilhões largos, carnudos e harmonicamente situados, indicando andar flexível e resistência a longas caminhadas.

9 - *Garrões* - Seguindo a linha geral dos aprumos, devem ser fortes e bem separados. São indesejáveis os garrões demasiadamente retos ou sentados. Garrões de pelagem totalmente branca são desclassificatórios, assim como os animais de cascos brancos (tanto nas patas quanto nas mãos).

10 - *Pele* - A pele é de espessura média, suave e flexível.

11 - *Úbere* - O úbere é desenvolvido, encoberto de pele macia, flácido, bem sustentado, espalhando-se sob o ventre e prolongando-se para trás, muito alto entre os quartos. As tetas são de grossura média, implantadas verticalmente e espaçadas entre si. Os ligamentos suspensos devem ser bem marcados, para assegurar a longevidade do aparelho mamário.

#### NORMANDO MOCHO

Para a variedade mocha o padrão é o mesmo da aspada, salvo no que se refere aos chifres, pois carece deles e a conformação da nuca, que deve ser proeminente e arredondada.

#### PADRÃO DA RAÇA PINZGAUER

##### A - Características Gerais

A raça Pinzgauer é originária das regiões alpinas da Baviera (Alemanha). Algumas autoridades a consideram como o resultado do cruzamento entre bovinos Celtas e o gado manchado (Fleckvieh), enquanto outras opinam que surgiu do gado Manchado de montanha (Bergscheck). O certo é que pertencem a um vasto grupo de tipos bovinos Manchados que tem evoluído nos lugares colonizados pelo homem nos Alpes. O gado Pinzgauer é um gado forte e robusto. O peso médio vivo das vacas é de 500 a 600 Kg e dos touros é de 900 Kg. Tem um tecido muscular bem desenvolvido, de fibras finamente marmorizadas, que lhe confere uma elevada qualidade de carne. A idade média da primeira

parição é em torno dos 30 meses, com intervalos regulares de um terneiro a cada ano, com pesos ao nascer de 45 Kg. para os machos e 42 Kg. para as fêmeas. Os machos têm uma vida reprodutiva ativa dos 3 aos 8 anos.

#### B - Características Físicas

1- *Cabeça* - A cabeça é relativamente grande, em harmonia com as proporções do corpo do animal. Os chifres se desenvolvem lateralmente nos machos, mas, nas fêmeas, apresentam uma tendência maior a encurvar-se para frente e para cima.

2 - *Pelagem* - A pelagem básica é a castanha, com uma gama que varia do pardo claro ao pardo escuro e, sempre, com uma faixa (franja) branca bem definida, de largura variável, ao longo da linha dorso-lombar. Essa faixa branca continua ao longo dos quartos, no ventre, no peito e nos membros anteriores, sendo que neles, se localiza na região abaixo do cotovelo. O pêlo é suave, de tamanho mediano a comprido.

3 - *Pele* - A pele é solta, elástica e pigmentada sob toda a região dos pelos coloridos.

4 - *Corpo* - O corpo é largo, de constituição robusta, com pescoço e papada bem formados e de tórax profundo.

5 - *Dorso e Lombo* - A linha dorso-lombar é horizontal.

6 - *Posteriores* - Os quartos traseiros são “quadrados”, cheios e bem musculosos até, os jarretes. As patas são formadas por ossamenta forte, com cascos escuros e muito duros.

### PADRÃO DA RAÇA RED POLL

#### A - Características Gerais

A raça Red Poll é a resultante do cruzamento entre as raças Norfolk e Suffolk. A primeira, no final do século dezoito, constituía uma edição reduzida da Hereford, de pelagem vermelho-sangue, com a cara branca ou salpicada de branco e com chifres de tamanho médio. Era de esqueleto pequeno, terço médio arredondado, patas curtas e musculatura delgada. Existiam, também, alguns animais mochos.

A raça Suffolk, em troca, já era mocha e sua capa era vermelha, baia ou jaspeada. As vacas davam um bom rendimento de leite, rico em matéria graxa e são notáveis pela qualidade da manteiga que com ela se fabricava. No começo do século XIX as duas raças foram cruzadas para combinara resistência e qualidades cárnicas da Norfolk com a aptidão leiteira da Suffolk, o que conduziu à formação da atual raça Red Poll, de dupla aptidão. As novilhas parem pela primeira vez com a idade de dois anos e meio, mais ou menos. O número médio de crias de oito por vaca, mas muitas deixam uma descendência muito mais numerosa. Os touros jovens podem ser utilizados para serviço aos 18 meses de idade. O peso médio, dos terneiros ao nascer é de 38 Kg para os machos e 30 Kg para as fêmeas. São animais dóceis, rústicos, de esqueleto relativamente fino e com bom desenvolvimento muscular.

#### B - Características Físicas

1 - *Cabeça* - A cabeça é de comprimento médio, com frente ampla e subcôncava; boca ampla, olhos salientes, órbitas dilatadas; nariz largo, com mucosas de cor vermelha. Todos os animais são mochos.

2 - *Pelagem* - A pelagem é vermelha, preferindo-se o vermelho cereja. Admitem-se, entretanto, todas as variações de vermelho. Toleram-se algo de branco na região do úbere e do escroto. É também normal que a vassoura da cauda seja branca. Em outras partes do corpo, os pelos de cor amarelada ou branca, são motivo de desclassificação.

3 - *Pele* - A pele é fina e suave ao tato. As mucosas devem ser de cor rosada.

4 - *Corpo* - O corpo é bem constituído, apresentando um esqueleto com ossos salientes, sobretudo nas regiões do encontro, cadeiras, nádegas etc., sem estar excessivamente coberto de gordura. Pescoço não muito comprido nas vacas e ligeiramente arqueado e musculoso nos touros. Carece de papada. Vistos de perfil, devem ter uma moderada forma de cunha, com a linha superior reta; tórax profundo e medianamente largo, com as espáduas bem ligadas ao mesmo; a garupa comprida e quadrada;

o nascimento da cauda bem implantado, nádegas de desenvolvimento mediano, com os quartos algo

musculosos.

5 - *Dorso e Lombo* - O dorso e o lombo são compridos e horizontais.

6 - *Posteriores* - Os quartos traseiros são compridos, bem cheios desde a garupa, sem depósitos adiposos em redor da cauda, com nádegas volumosas, chegando a musculatura até os jarretes.

7 - *Aprumos* - As patas são direitas, de comprimento mediano, sendo preferíveis as curtas; pesunhas pequenas de coloração amarelada.

8 - *Úbere* - O úbere é largo e profundo, mas não *pendurado*, nem carnosos. Deve estar firmemente ligado, bem desenvolvido para frente e para cima por detrás, com tecido elástico e predomínio do glandular. Os quatro quartos devem ser o mais semelhante possível; boa irrigação sangüínea com veias mamárias sinuosas e bem desenvolvidas. Tetas grandes.

## PADRÃO DA RAÇA

### SALERS A - Características

#### Gerais

Os animais da raça Salers eram criados, antigamente, para tripla aptidão. Hoje o são, apenas, para carne e leite. Sua utilização para tração foi abandonada. Entretanto, esta característica lhes confere a capacidade de caminhar longas distâncias e solos difíceis à procura de água. São animais rústicos que suportam muito bem as altas diferenças de temperatura. A vaca Salers é muito fecunda, produzindo regularmente um terneiro a cada ano, com partos muito fáceis, que não necessitam de assistência. Os tourinhos com idades entre 13 a 15 meses alcançam peso vivo em torno de 550 Kg, com rendimento de carcaça entre 55 a 60% e velocidade de crescimento de 1.200 a 1.300 g por dia. As vacas adultas pesam entre 700 a 850 Kg e os touros pesam 1.100 a 1.300 Kg aos 4 anos de idade.

#### B - Características Físicas

1 - *Cabeça* - A cabeça é robusta, triangular vista pela frente e convexa nos machos. A frente é larga, de cara curta e chifres finos, com seção transversal elíptica, que se encurvam para fora e para frente, com as pontas para cima e para trás. Sua cor, pardacenta nos terneiros, porém, vai tomando uma cor de marfim à medida que o animal envelhece.

2 - *Pelagem* - A pelagem é de cor vermelho-caju, uniforme, com pelos medianos a longos e, com freqüência, ligeiramente crespos.

3 - *Pele* - A pele é grossa. Todas as porções não pilosas do corpo são de coloração rosada, mas, nunca preta.

4 - *Corpo* - O corpo é grande, com uma forte armação esquelética e peito profundo.

5 - *Dorso e Lombo* - Em vista lateral, dão a impressão de que a linha dorso-lombar e ventral são, aproximadamente, paralelas.

6 - *Posteriores* - Os aprumos são sólidos, as patas fortes e as pesunhas duras. Os quartos traseiros são ligeiramente inclinados em direção à inserção da cauda, com musculatura forte e abundante, chegando até os jarretes, que são sólidos e profundos.

7 - *Úbere* - O úbere não é bem desenvolvido, exceto nas vacas selecionadas, mas as tetas são volumosas.

## PADRÃO DA RAÇA SHORTHORN

### A) - Características Gerais

É uma raça típica de carne, com elevada aptidão leiteira. Os machos devem ser volumosos, altos, compridos, musculosos, com linha de dorso reta, sem excesso de gordura. A fêmea deve possuir úbere grande, tetas pequenas e bem separadas, com veias visíveis. Os terneiros são de fácil posição, longilíneos, com membros longos. Devem ser bem ativos.

B) - Características Zootécnicas

1 - *Cabeça* - De mediana a mediana alongada, naqueles animais com infusão de sangue Dairy ou Milking Shorthorn e perfil reto. Aspados no Shorthorn e mocho no Polled Shorthorn. Admitem-se os botões (scurred), sendo os animais considerados mochos desde que sejam curtos e não haja aderência nos ossos da cabeça. Narinas e boca amplas, lábios grandes, de cor rosada, admitindo-se pequenos pontos ou, até, manchas marrons. Olhos grandes vivos e bem separados. Orelhas longas e eretas.

2 - *Pescoço* - Longo, de musculatura firme e harmonicamente inserido no corpo. Mais fino e comprido nas fêmeas. Garganta limpa e sem papada.

3 - *Corpo* - Longilíneo, cilíndrico, profundo, costelas bem arqueadas e separadas, coberta em toda a extensão por espessa camada muscular, bem firme e sem gordura.

4 - *Dorso e Lombo* - Devem ser amplos e longos, numa linha reta das cruzes até a inserção da cauda. Devem evidenciar músculos e nunca gordura abaixo da pele.

5 - *Cadeiras e Quadris* - Largos, com grande abertura pélvica que, nas fêmeas, proporciona um parto fácil. As vértebras sacrais e primeiras caudais devem manter a mesma linha reta, desde a região dorso-lombar. Devem ser evitados os depósitos de gordura ao redor da inserção da cauda.

6 - *Peito* - Limpo, magro, não proeminente sobre a linha baixa, sem pele solta ou enrugada.

7 - *Quartos* - Grandes, cheios, desenvolvidos, evidenciando grandes massas musculares (desclassificar as *ancas de potro*). Entrepernas limpo, sem excesso de gordura ou pele. Os machos devem mostrar testículos grandes e simétricos. As fêmeas devem ter úberes grandes, limpos, simétricos e bem implantados.

8 - *Pernas* - Grossas, cheias, com músculos bem definidos, evidenciando ossos fortes.

9 - *Garrões* - Fortes, bem separados, simétricos, respeitando a linha dos aprumos. São indesejáveis os garrões muito retos (pouca angulação) ou muito sentados (muita angulação).

10 - *Patras* - Compridas, ossos e músculos de contornos definidos. Bem aprumadas e separadas. Cascos bem implantados e simétricos. São indesejáveis quaisquer desvios para dentro ou para fora.

11 - *Paletas* - Visto o animal de frente, devem ser paralelas, bem abertas, evidenciando um peito limpo, forte e magro. Devem ser evitadas as cruzes estreitas, pontiagudas na parte superior, pois indicam pouco desenvolvimento muscular.

12 - *Antebraços* - Vistos de frente, devem ser bem separados um do outro, com simetria e correta linha de aprumos. Músculos e ossos bem definidos. Cascos largos, grandes, bem simétricos, sendo indesejável qualquer desvio para dentro ou para fora.

13 - *Cor* - Vermelha, branca, vermelha pouco branca, vermelha e branca e rosilha. Os vermelhos podem ser tapados ou apresentar partes brancas, especialmente na linha de baixo (peito, barriga e virilha), vassoura da cauda e estrela na testa. Naqueles animais com infusão de sangue leiteiro (Milking ou Dairy Shorthorn) ou irlandês, admitem-se animais bragados, desde que a maior parte do corpo seja vermelha. Os animais com sangue Maine Anjou também apresentam-se bragados. Os brancos devem apresentar couro branco ou róseo (desclassificar os amarelados), pelos vermelhos ao redor dos olhos, boca, narinas e orelhas.

14 - *Vista Lateral* - Visto de lado, um touro Shorthorn deve evidenciar grandes massas musculares, linha de lombo reta, testículos grandes e pendurados, quartos cheios, firmes ao toque, com a musculatura descendo até próximo ao garrão. Ar viril, sem ser agressivo. A fêmea deve mostrar úbere grande e produtivo.

15 - *Vista de Frente* - Cabeça grande, com ou sem aspas, orelhas eretas, olhos e narinas grandes, bem separadas, membros retos e simétricos, peito limpo e mais alto do que os ossos do corpo.

16 - *Vista de Trás* - Testículos ou úbere grande. Em ambos os casos, devem ser simétricos. O úbere não deve ter excesso nem falta de tetas. Os membros devem ser retos, paralelos e bem separados entre si.

18 - Características Indesejáveis:

Pouca musculatura.

Lombo muito arqueado

"Anca de Potro".

“Peito de Pomba” Prepúcio

grande e solto.

Depósito de gordura no peito e ao redor da inserção da cauda.

Testículos e úberes pequenos e assimétricos.

Manchas pretas no couro ou no pêlo.

#### PADRÃO DA RAÇA SOUTH DEVON

##### A - Características Gerais

É uma raça de dupla aptidão que se distingue por sua uniformidade de tipo, pela precocidade, pela capacidade de ganhar peso de forma apreciável e econômica e de produzir, ao mesmo tempo, leite de grande valor nutritivo, com um teor de gordura de 4,2%. São animais bastante rústicos, capazes de alimentar-se em pastagens pobres, com pastos grosseiros de inverno, convertendo-os eficientemente. Apresentam uma grande resistência às enfermidades, são vigorosos, longevos e muito dóceis. O peso médio das vacas está em torno de 650 Kg e os touros jovens, criados para carne, podem chegar aos 700 Kg aos dois anos. A carne é bem marmorizada, de fibra fina e de bom paladar. Não acumulam depósitos de gordura e proporcionam um excelente rendimento de carcaça.

##### B - Características Físicas

1 - *Cabeça* - A cabeça é comprida e bastante larga, com chifres curtos que nascem na testa, horizontalmente, curvando-se depois para frente, com frequência para baixo e, às vezes, também, para cima. São aceitos, também, animais mochos. A pigmentação do focinho é de cor branco-amarelada.

2 - *Pelagem* - A pelagem é vermelha não muito intensa, ou amarelada. Os pêlos são de espessura média, tamanho médio a comprido, com tendência a encrespar-se

3 - *Pele* - A pele é de coloração branco-amarelada.

4 - *Corpo* - O corpo apresenta um esqueleto fino, com peito profundo e costelas bem arqueadas.

5 - *Dorso e Lombo* - O dorso e o lombo são retilíneos.

6 - *Posteriores* - Os quartos traseiros são amplos e compridos, de musculatura abundante e cheia até os jarretes.

7 - *Úbere* - O úbere é relativamente bem desenvolvido e coberto por uma pele fina, de textura aceitável e duradoura.

#### PADRÃO DA RAÇA TARENDAISE

##### A - Características Gerais

É uma raça mista que pode, também, ser utilizada para tração. Embora não sejam animais de grande porte, são fortes, de boa qualidade e de temperamento tranqüilo para todo tipo de trabalho. As vacas são fecundas e muito boas leiteiras. Produzem leite rico em gordura e proteínas. Parem pela primeira vez com idade média de 30 meses, à razão de um terneiro por ano. São animais rústicos, que se adaptam bem a grandes variações climáticas. Os touros adultos alcançam pesos de 800 a 900 Kg e as vacas de 500 a 600 Kg.

##### B - Características Físicas

1 - *Cabeça* - A cabeça é relativamente curta, porém, ampla na frente. A ponta do nariz é larga, com mucosa de cor preta e os chifres são brancos, em forma de lira, com as pontas pretas e ligeiramente curvadas.

2 - *Pelagem* - A pelagem normal é a castanha, mais escura nos machos que nas fêmeas, podendo-se encontrar alguns animais baio-acinzentados, que, embora não desclassificados, são indesejáveis. Pêlos pretos são normais nas orelhas, na testa e na cola.

3 - *Pele* - A coloração da pele, nos orifícios naturais, é a preta.

4 - *Corpo* - O corpo é sólido, com um peito forte, porém não muito profundo. As cruzes são planas,

com paletas curtas e musculosas.

5 - *Dorso e Lombo* - A linha dorso-lombar é reta, paralela à ventral.

6 - *Posteriores* - Os posteriores, embora não sejam volumosos, são fortes e bem proporcionados, com os garrões em boa angulação.

## REGULAMENTO DO SERVIÇO DE REGISTRO GENEALÓGICO DE EQÜINOS

Aprovado pelo MAPA em 06.08.1999

### CAPÍTULO I

Da origem e dos fins

Art. 1º - A Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares, doravante denominada ANCHBC, com sede e foro jurídico na cidade de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, por expressa delegação do Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento – MAPA, de acordo com a Lei número 4.716, de 29/06/1965, executará, em todo o território nacional, os registros genealógicos de todas as espécies eqüinas a ela conferidos, na forma estabelecida neste Regulamento.

Art. 2º - Toda a organização, livros ou fichas de registros e arquivos do Serviço de Registro Genealógico - SRG, ficarão a cargo da ANCHBC, que responderá pela exatidão dos registros que efetuar e das certidões que expedir.

Parágrafo Único - Toda a execução dos trabalhos poderá ser efetuada utilizando-se os recursos eletrônicos, resguardada a segurança das informações.

Art. 3º - São objetivos do SRG da ANC:

- a) Executar os serviços de Registro Genealógico e de Controle de Genealogia, de conformidade com o presente Regulamento, aprovado pelo MAPA;
- b) habilitar e credenciar Técnicos, encarregando-os dos serviços de identificação e inspeção dos animais registrados ou controlados;
- c) promover a guarda dos documentos do Registro Genealógico;
- d) supervisionar os plantéis de animais registrados ou controlados, objetivando a verificação do cumprimento de dispositivos regulamentares;
- e) orientar o criador nos programas de Cruzamentos Sob Controle de Genealogia, para a obtenção dos diversos graus de sangue dos animais Mestiços - MM, com o objetivo de elevar as diversas composições raciais, até a obtenção de animais Puros Por Cruzamento Absorvente - PA;
- f) prestar informações, a quem de direito, sobre o Registro Genealógico das raças, garantindo a fidedignidade destas informações;
- g) prestar ao MAPA, através de seus órgãos competentes, as informações exigidas por força de Legislação ou de Contrato, dentro dos prazos estabelecidos.
- h) colaborar com os Poderes Públicos em todos os problemas nacionais atinentes à pecuária.

Art. 4º - Para cumprimento dos objetivos definidos no artigo anterior, o Serviço de Registro Genealógico exercerá o controle de padreação, de gestação, de nascimento, de identificação e de filiação; promoverá a inscrição de animais que satisfaçam as exigências regulamentares e procederá a expedição, com base em seus assentamentos, de Certificados de Registro, de Controle de Genealogia, de Identidade e de Propriedade, bem como qualquer outra documentação ligada às finalidades do próprio Registro.

Art. 5º - Os trabalhos de Registro Genealógico serão custeados:



- a) Pelos emolumentos cobrados de acordo com a tabela em vigor no SRG da ANCHBC, aprovada pela Assembléia;
- b) pelos recursos oriundos de doações ou outros cobrados pela entidade;
- c) pelos recursos oficiais oriundos do MAPA.

## CAPÍTULO II

### Da estrutura

Art. 6º - O SRG de Eqüinos da ANCHBC contará, em sua estrutura, com:

- a) Superintendência do Registro Genealógico - SRG;
- b) Conselho Deliberativo Técnico - CDT;
- c) Seção Técnica Administrativa - STA:
  - c.1 - Comunicação;
  - c.2 - Processamento de dados;
  - c.3 - Análise de documento;
  - c.4 - Expedição do Registro;
  - c.5 - Arquivamento;
- d) Escritórios Técnicos Regionais - ETRs.

### Da Superintendência do Registro Genealógico - SRG

Art. 7º - Os Trabalhos de Registro Genealógico serão dirigidos por um Superintendente, obrigatoriamente Médico Veterinário, Engenheiro Agrônomo ou Zootecnista.

Parágrafo 1º - O Superintendente do Serviço de Registro Genealógico, bem como seu substituto, serão nomeados pela Diretoria da ANCHBC e credenciados pelo MAPA.

Parágrafo 2º - Além do Superintendente do SRG e seu substituto, serão nomeados Superintendentes Adjuntos, obrigatoriamente habilitados em Engenharia Agrônoma, Medicina Veterinária ou Zootecnia, que irão auxiliar na execução dos trabalhos do Serviço de Registro Genealógico.

Art. 8º - Compete ao Superintendente do Serviço de Registro Genealógico:

- a) Dirigir a Superintendência do SRG;
- b) executar os serviços de Registros Genealógicos e Provas Zootécnicas, de conformidade com o Regulamento da entidade, aprovado pelo MAPA;
- c) supervisionar os trabalhos do SRG executados diretamente pela ANCHBC, por suas Filiadas e pelos Escritórios Técnicos Regionais;
- d) aprovar os nomes do Superintendente do Serviço de Registro Genealógico - SRG e do substituto das entidades Filiadas, visando posterior credenciamento pelo MAPA;
- e) sugerir à Diretoria da ANCHBC as Entidades em condições de receber subdelegações para execução dos trabalhos do SRG;
- f) sugerir à Diretoria da ANCHBC os nomes dos técnicos responsáveis pela chefia dos Escritórios Técnicos Regionais;
- g) sugerir à Diretoria da ANCHBC, para homologação, os nomes dos componentes do Conselho Deliberativo Técnico;
- h) participar das reuniões da Diretoria da ANCHBC, quando convocado;
- i) subscrever e apresentar à Diretoria da ANCHBC, na primeira quinzena do mês de fevereiro de cada ano, um relatório dos trabalhos executados pela Superintendência, no ano anterior e um relatório geral no fim de seu mandato;
- j) apresentar à Diretoria da ANCHBC, para conhecimento e ao MAPA em cumprimento à legislação vigente, o relatório anual das atividades do SRG.
- l) informar ao Conselho Deliberativo Técnico e ao MAPA, as denúncias de fraudes ou quaisquer

irregularidades relacionadas com o SRG da ANCHBC;

m) credenciar técnico habilitado para efetuar avaliação de animais, para efeito de registros genealógicos, provas zootécnicas e laudos zootécnicos;

n) receber e julgar os recursos dos criadores;

o) assinar os certificados de registros genealógicos, transferências e outros documentos pertinentes, de próprio punho, através de chancela mecânica, ou credenciar técnicos habilitados, conforme prevê o Artigo 8º deste Regulamento;

p) redigir o regulamento do SRG da ANCHBC, procurando manter a uniformidade de critérios para os registros genealógicos de todas as raças cujas delegações são de sua competência, de conformidade com as decisões do Conselho Deliberativo Técnico, aprovadas pelo MAPA;

q) indicar, para aprovação do MAPA, seu substituto.

r) ter sob sua organização e responsabilidade os trabalhos especializados dos Técnicos que prestam serviços ao SRG da ANCHBC;

s) promover, em conjunto com a Presidência da ANCHBC, a organização e a publicação dos dados do Stud Book.

Art. 9º - Compete aos Superintendentes Adjuntos:

a) Coordenar e supervisionar os trabalhos dos Escritórios Técnicos Regionais (ETRs);

b) auxiliar e assessorar o Superintendente do SRG da ANCHBC na supervisão dos trabalhos a ele afetos;

c) desde que devidamente credenciados pelo Superintendente do SRG da ANCHBC, assinar as fichas, certificados de registro genealógico, transferências e outros documentos;

d) apresentar ao Superintendente do SRG da ANCHBC, relatórios de funcionamento do Departamento e das atividades sob sua responsabilidade, quando solicitado.

e) designar o técnico qualificado ou Comissão de Técnicos para execução dos serviços de registros e provas zootécnicas, quando solicitado pelo Superintendente do SRG da ANCHBC.

#### Do Conselho Deliberativo Técnico - CDT

Art. 10º - O Conselho Deliberativo Técnico - (CDT), órgão de deliberação superior, integrante do Serviço de Registro Genealógico será composto por, no mínimo, cinco (05) membros, associados ou não, sendo que a metade mais um (01), com formação profissional em Medicina Veterinária, Engenharia Agrônoma ou Zootecnia e presidido por um dos referidos profissionais, eleito entre seus pares.

Parágrafo 1º - O Presidente do CDT escolherá, entre os membros do próprio Conselho, o seu Secretário. Parágrafo

2º - O CDT contará, obrigatoriamente, com um Médico Veterinário, Engenheiro Agrônomo ou Zootecnista designado pelo MA, pertencente ao seu quadro de pessoal, não podendo ser Presidente do CDT.

Parágrafo 3º - O Superintendente do SRG da ANCHBC é membro do CDT, não podendo, porém, a exemplo do representante do MAPA, ser seu Presidente.

Art. 11º - O CDT, além de orientar o Superintendente de Registro Genealógico no estudo e soluções de questões técnicas relativas ao Registro Genealógico e critérios seletivos de animais, tem como finalidades principais:

a) Deliberar sobre ocorrências relativas ao Registro Genealógico que não estejam previstas neste Regulamento;

b) julgar recursos interpostos por criadores contra atos do Superintendente;

c) propor à Diretoria quaisquer alterações neste Regulamento, quando necessárias, que as submeterá, se aprovadas, à apreciação e homologação do MAPA.

d) proporcionar o respaldo técnico ao Serviço de Registro Genealógico;

e) atuar, como órgão de deliberação e orientação, sobre todos os assuntos de natureza técnica e estabelecer diretrizes visando ao desenvolvimento e melhoria das raças registradas;

f) estabelecer as normas e métodos de seleção para os animais candidatos a registro em todas as categorias previstas pelo MAPA, com a devida aprovação por esse órgão.

Art. 12º - Somente para escolha de seu Presidente, a primeira reunião do CDT será convocada, organizada e conduzida pelo Superintendente do SRG. Ao término da reunião será feita a escolha do presidente efetivo, que terá o mandato coincidente com o da Diretoria da ANCHBC.

Art. 13º - O CDT reunir-se-á sempre que for necessário, por convocação do seu Presidente, por solicitação do Superintendente ou de dois (02) de seus membros, sempre com uma antecedência mínima de sete (07) dias.

Art. 14º - Nas reuniões do CDT, as decisões serão tomadas por maioria de votos, cabendo ao Presidente apenas o voto de desempate.

Art. 15º - Os assuntos relacionados com o SRG serão levados à Diretoria, para conhecimento e, a seguir, submetidos ao MAPA, para aprovação. Somente após essa aprovação é que serão incorporados ao Regulamento do SRG da ANCHBC.

Art. 16º - O Conselho Deliberativo Técnico reger-se-á por seu Regimento Interno.

Art. 17º - Das decisões do CDT cabe recurso ao órgão competente do MAPA, no prazo de quarenta e cinco (45) dias, contados da notificação das mesmas.

Art. 18º - Compete ao conselheiro:

- a) Propugnar pelo bom funcionamento do SRG da ANCHBC em todo o território nacional;
- b) exercer o seu mandato observando o Regulamento do SRG e o Regimento Interno do Conselho Deliberativo Técnico;
- c) cumprir e fazer cumprir o Regulamento do SRG da ANCHBC.

#### Da Seção Técnica Administrativa - STA

Art. 19º - A Seção Técnica Administrativa (STA) será chefiada por um dos Técnicos do SRG da ANCHBC designado pelo Superintendente.

Art. 20º - Ao Chefe da STA da ANCHBC compete:

- a) Executar ou mandar executar todas as determinações do Superintendente sobre serviços normais do SRG da ANCHBC;
- b) organizar e dirigir os trabalhos da Seção, de comum acordo, no que disser respeito à parte técnica, com o Superintendente do Registro Genealógico;
- c) contratar ou admitir os serviços de empregados necessários à boa execução dos trabalhos do SRG da ANCHBC;
- d) observar o cumprimento das disposições regulamentares por parte dos criadores, levando ao conhecimento do Superintendente, os casos que julgar contrários às normas estabelecidas; e,
- e) autorizar a realização de despesas ordinárias e outras especificamente determinadas pelo Superintendente.

Art. 21º - Toda e qualquer comunicação do criador deverá ser submetida ao conhecimento do Chefe da STA para as providências cabíveis ou necessárias.

Art. 22º - O Chefe da STA terá sob sua responsabilidade direta a análise de toda a documentação relacionada com o SRG da ANCHBC, seja ela recebida ou expedida.

Art. 23º - O SRG da ANCHBC contará com um banco de dados, que ficará à disposição dos segmentos interessados, para consulta dos dados armazenados, a juízo do SRG.

Art. 24º - Ao SRG da ANCHBC compete a emissão de Certificados de Registro ou de Controle de Genealogia, individuais, conforme a categoria dos animais a serem registrados.

Art. 25º - Depois de processados os registros e emitidos os respectivos Certificados ou Controles de Genealogia, os documentos originais enviados pelo criador ao SRG da ANCHBC, para aquelas finalidades, serão devidamente arquivados em local adequado podendo, ainda, servir como fonte de consulta para dirimir possíveis dúvidas que venham a ocorrer a qualquer tempo.

Art. 26º - O SRG da ANCHBC manterá Livros de Registro, ou de Controle Genealógico, individuais, para cada uma das raças e categorias para as quais tenha a expressa autorização do MAPA.

#### Dos Escritórios Técnicos Regionais

Art. 27º - Os ETRs serão os representantes da ANCHBC na região de atuação previamente estabelecida.

Parágrafo 1º - Os ETRs poderão funcionar em parceria com outras Associações ou entidades afins, visando um melhor desempenho do serviço de registro e do atendimento aos criadores.

Parágrafo 2º - Nos casos em que se estabeleça parceria com outra entidade para funcionamento de um ETR, deverá ser estabelecido em contrato específico para essa finalidade.

Parágrafo 3º - A responsabilidade técnica dos ETRs será do Superintendente Adjunto, cujas atribuições estão previstas no Art. 9º deste.

### CAPÍTULO III

#### Dos criadores e suas obrigações

Art.28º- A todos os criadores ou proprietários é permitida a inscrição de seus animais no SRG da ANCHBC, de conformidade com a legislação e normas vigentes.

Parágrafo Único - Os criadores que inscreverem seus animais no SRG da ANCHBC submeter-se-ão a este Regulamento e às decisões e normas dos órgãos diretores.

Art. 29º - Entende-se por criador de um animal, a pessoa que comunicou o seu nascimento ao SRG da ANCHBC e foi constatado ser ela a proprietária da mãe do mesmo.

Parágrafo Único - No caso de embriões a propriedade do animal deverá ser amparada pela Nota Fiscal.

Art. 30º - Qualquer informação que dependa de exames ou vistorias nos arquivos do SRG da ANCHBC, somente será fornecida mediante requerimento do proprietário ou seu procurador.

Parágrafo 1º - Não serão atendidas solicitações partidas de terceiros, associados ou não, que não seja o proprietário do animal ou seu preposto antecipadamente indicado.

Parágrafo 2º - A autorização do fornecimento de informações será dada pelo Superintendente do SRG da ANCHBC ou poderá ser requerida judicialmente.

Art. 31º - Os criadores e os proprietários são responsáveis pela correta identificação dos seus animais e exatidão dos documentos que apresentarem ao SRG da ANCHBC.

Art. 32º - São obrigações dos criadores:

- a) Desde que o plantel esteja inscrito nos registros genealógicos, o criador ou proprietário fica obrigado a manter um Registro Particular onde devem figurar dados genealógicos do animal, produções e outras julgadas necessárias e interessantes. O SRG da ANCHBC fornecerá pelo preço de custo, livros ou modelos para que o interessado os mande confeccionar;
- b) manter livro ou fichário destinado às anotações das cobrições;
- c) comunicar ao SRG da ANCHBC os serviços de cobrições e inseminações das éguas, conforme determina o Capítulo VII deste Regulamento;
- d) aceitar as inspeções determinadas pelo SRG da ANCHBC;
- e) comunicar regularmente as mortes ocorridas, enviando os Certificados (originais), para a necessária baixa;
- f) comunicar, dentro do prazo máximo de sessenta (60) dias, as vendas realizadas, remetendo, junto, os Certificados (originais), para que sejam transferidos;
- g) manter em dia sua conta corrente, conforme determina o Estatuto da ANCHBC, podendo, a juízo da Diretoria, serem suspensos temporariamente, até regularização da situação, os serviços para aqueles que deixarem atrasar seus pagamentos;
- h) responder prontamente às consultas ou solicitações de esclarecimentos feitas pelo SRG da ANCHBC, sob pena de não aceitação dos Pedidos de Registro ou de Controle de Genealogia que não se encontrem em ordem; e,
- i) facilitar ao Inspetor Técnico que proceder a inspeção em sua propriedade, o desempenho de sua missão.

Art. 33º - Quando for constatada adulteração em documento ou a existência de fraude em marcas de identificação de um animal, seu registro será cancelado, sem prejuízo das sanções cíveis e penais cabíveis e o autor da fraude estará sujeito às seguintes penalidades:

- a) Advertência formal;
- b) multa de até dez (10) vezes o valor do emolumento objeto da fraude;
- c) suspensão temporária da utilização do SRG da ANCHBC.

## CAPÍTULO IV

Das raças e de suas classificações para fins de registro e controle de genealogia

Art. 34º - As raças a serem registradas são aquelas para as quais o MAPA delegou autorização expressa à ANCHBC. São elas: Marchador do Tennessee, Morgan e Percheron.

Art. 35º - As categorias de animais serão as seguintes:

- a) Animais puros de origem, importados;
- b) animais puros de origem, nacionais;
- c) éguas-base;
- d) animais mestiços; e,
- e) animais puros por cruzamento absorvente.

## CAPÍTULO V

### Dos padrões raciais

Art. 36º - Os padrões das raças eqüinas, para fins de registro, serão aqueles aprovados pelo MAPA, os quais encontram-se descritos no final do Regulamento específico de cada raça.

## CAPÍTULO VI

### Do registro em geral

Art. 37º - O Serviço de Registro Genealógico será constituído de livros de escrituração, podendo-se utilizar os recursos eletrônicos, resguardada a segurança das informações, conforme o parágrafo único do Art. 2º deste.

Art. 38º - O SRG da ANC utilizará, para fins de registro genealógico, os livros a seguir relacionados:

- a) PO - um livro para animais Puros de Origem;
- b) EB - um livro para Éguas-Base;
- c) MM - um livro para animais Mestiços;
- d) PA - um livro para animais Puros Por Cruzamento Absorvente;
- e) M - um livro para registro de Mérito Zootécnico.

Parágrafo 1º - Serão inscritos no Livro PO os produtos descendentes de animais Puros de Origem, nascidos ou não no Brasil, portadores de documentos que assegurem a sua origem.

Parágrafo 2º - Serão inscritos no Livro EB éguas com idade superior a vinte e quatro (24) meses que, após inspeção zootécnica específica, tenham sido aprovadas para receber a marca relativa a seu registro.

Parágrafo 3º - Serão inscritos no Livro MM os mestiços (animais de Cruzamentos sob Controle de Genealogia), assim considerados os produtos filhos de garanhão Puro de Origem ou Puro Por Cruzamento Absorvente, com fêmeas inscritas como ÉGUA-BASE, obtidos mediante cruzamento absorvente, para a obtenção de produtos  $\frac{1}{2}$  (um meio),  $\frac{3}{4}$  (três quartos),  $\frac{7}{8}$  (sete oitavos) e  $\frac{15}{16}$  (quinze dezesseis avos) de sangue puro.

Parágrafo 4º - Serão inscritos no Livro PA os animais Puros Por Cruzamento Absorvente, assim considerados os que tenham atingido grau de sangue de, no mínimo,  $\frac{31}{32}$  (trinta e um trinta e dois avos), filhos de garanhão PO ou PA, com Registro Definitivo.

Parágrafo 5º - Quando da primeira inspeção em uma propriedade, os animais avaliados poderão ser enquadrados nas categorias de Mestiços ou Puros Por Cruzamento Absorvente (com Origem Desconhecida), tendo como base as informações ou documentações que o interessado apresentar.

Parágrafo 6º - Para registro no *LIVRO DE MÉRITO*, os critérios serão determinados através de Normas Complementares, elaboradas pelo CDT da ANC e aprovadas pelo MAPA, podendo ser inscritos tanto os machos como as fêmeas. A pedido do criador, essa distinção será anotada, com relevo, no Certificado de Origem do animal agraciado.

## CAPÍTULO VII

### Das padreações

Art. 39º - As padreações poderão ser realizadas em qualquer época do ano.

Parágrafo Único - Inseminações Artificiais e Transferências de Embriões serão aceitas desde que obedecida a Legislação vigente.

Art. 40º - O criador deverá comunicar a monta controlada das éguas, até o último dia de cada mês subsequente ao semestre em que foi efetuada a padreação, devendo ser comunicados: dia, mês e ano, tanto para padreação dirigida como para inseminação artificial.

Parágrafo Único - Para as padreações a campo, o limite máximo é de quarenta (40) éguas por garanhão, sendo que o criador deverá comunicar as datas de entrada e saída do garanhão no lote.

Art. 41º - A padreação não terá validade para efeito de Registro Genealógico, quando a égua for padreada por dois (02) garanhões diferentes, sem que tenha sido observado um prazo mínimo de cinquenta (50) dias entre o último salto do primeiro e o primeiro salto do segundo garanhão.

Art. 42º - O criador que comunicar a padreação da égua inscrita no Registro Provisório, ou que tenha usado reprodutor nessa condição, só terá a inscrição dos produtos que venham a nascer, após o Registro Definitivo dos pais.

Art. 43º - Sempre que o proprietário da égua não for, também, o do reprodutor, o formulário de padreação deverá ser, igualmente, assinado pelo proprietário deste.

Art. 44º - A fêmea de origem desconhecida, registrável no Livro EB, poderá ter a padreação anotada, desde que constem da comunicação o nome e a resenha do animal.

Parágrafo Único - Se essa fêmea vier a ser aprovada para registro, o produto nascido poderá ser inscrito no Registro Provisório.

## CAPÍTULO VIII

### Dos nascimentos

Art. 45º - A comunicação de nascimento dos produtos deverá ser feita num prazo máximo de cento e vinte (120) dias, a contar da data de nascimento.

Parágrafo Único - Decorrido o prazo previsto neste artigo, a comunicação poderá ser feita, mediante o pagamento de multa de valor estipulado em tabela em vigor.

Art. 46º - Na resenha dos produtos, deverão ser descritos, com exatidão e clareza, os sinais particulares e a pelagem, sendo que, no diagrama do formulário serão reproduzidas as particularidades especiais e pelagens observadas, de forma que, a qualquer tempo, possibilite a perfeita identificação do animal.



Art. 47º - Não serão inscritos no Serviço de Registro Genealógico da ANC:

- a) Os produtos cujos pais não estejam inscritos;
- b) os produtos nascidos de éguas cujas padreações não tenham sido comunicadas no prazo regulamentar;
- c) os produtos que venham a nascer com inobservância do período de gestação : inferior a trezentos e dez (310) ou superior a trezentos e sessenta e cinco (365) dias; e, d) os produtos cuja comunicação de nascimento não tenha sido feita nos prazos previstos no Art. 30º e seu parágrafo único.

## CAPÍTULO IX

Da identificação, das marcas, tatuagens, nomes e afixos

Art. 48º - Constitui marca a fogo, de uso privativo da ANC, a letra P, nas dimensões de sete (07) centímetros de altura, por cinco (05) centímetros de largura, para indicar o Registro Definitivo de animais Puros de Origem e que será, após o julgamento, posta pelo técnico na linha da virilha direita do animal.

Art. 49º - Serão, ainda, utilizadas mais três (03) marcas auxiliares: a marca B, a marca M e a marca a, cada uma delas medindo sete (07) centímetros de altura por cinco (05) centímetros de largura, as quais serão postas pelo Inspetor Técnico, na altura da virilha direita do animal, depois da aprovação por inspeção zootécnica, para indicar a qual das categorias pertence o animal em questão.

Parágrafo 1º - A marca B será utilizada para indicar que esse animal é Égua-Base, conforme Art. 38º, par. 2º deste Regulamento.

Parágrafo 2º- A marca M, que será sempre acompanhada de um ordinal, por cuja composição o animal será identificado em seu grau de sangue, isto é: os animais  $\frac{1}{2}$  sangue receberão a marca M1; os animais  $\frac{3}{4}$  de sangue receberão a marca M2; os animais  $\frac{7}{8}$  de sangue receberão a marca M3, enquanto que os animais  $\frac{15}{16}$  de sangue receberão a marca M4.

Parágrafo 3º - A marca A indicará que o animal é Puro Por Cruzamento Absorvente, conforme Art.38º, par. 5º deste Regulamento.

Art. 50º - Cada raça poderá utilizar marcas a fogo diferentes das mencionadas no Art. 49 e seus parágrafos, cadastrando-as no SRG da ANCHBC.

Art. 51º - É terminantemente proibido ao criador apor qualquer marca, sobremarca ou numeração no local reservado às marcas da ANC.

Art. 52º - Os animais serão marcados a fogo com, no máximo, um (01) ano de idade, sendo numerados em ordem progressiva, de acordo com a idade, de maneira a corresponder o número mais baixo ao animal mais velho, até atingir o número novecentos e noventa e nove (999), quando voltar-se-á ao número um (01).

Parágrafo Único - Quando da realização do desmame, o produto já deverá estar numerado, na nádega, de cima para baixo.

Art. 53º - Cada animal deverá ter um nome, para fins de Registro, o qual deverá ser acompanhado de um *AFIXO*, que poderá ser usado como *PREFIXO* ou *SUFFIXO*.

Parágrafo Único - É terminantemente proibido ao criador usar nomes com mais de três (03) palavras, ou que contenham mais de quarenta (40) caracteres.

## CAPÍTULO X

Dos certificados de registro genealógico

Art. 54º - Para cada produto registrado, haverá emissão, em nome do respectivo criador, de um *CERTIFICADO DE REGISTRO* (individual), ou caso seja solicitado, um *CERTIFICADO DE PEDIGREE COMPLETO*, os quais serão emitidos pelo Serviço de Registro Genealógico da ANC.

Parágrafo 1º - O Certificado de Registro será considerado como *PROVISÓRIO*, até a *INSPEÇÃO ZOOTÉCNICA* definitiva do animal, quando este tiver alcançado a idade mínima de 24 (vinte e quatro) meses.

Parágrafo 2º - Os animais da categoria PO, após a inspeção e sendo considerados zootecnicamente aprovados, receberão a respectiva marca, quando seu Certificado Provisório será substituído pelo *DEFINITIVO*.

Parágrafo 3º - Os animais das categoria PA e MM, após a inspeção e sendo considerados zootecnicamente aprovados, receberão a respectiva marca e o Certificado Provisório passará a *DEFINITIVO*, após ser carimbado com o símbolo HBC.

Art. 55º - As segundas vias de Certificado de Registro, ou Duplicatas de Pedigrees Completos, devem ser solicitadas por escrito pelo interessado.

Parágrafo Único - As segundas vias somente serão extraídas em caso de extravio ou inutilização do documento original, passando este último a perder todos os efeitos legais.

Art. 56º - Somente serão permitidas as seguintes retificações de Registros e Certificados:

- a) Quando plenamente justificadas pelo criador, em casos de engano ao preencher o formulário de pedido de registro;
- b) quando por troca involuntária de numeração ao proceder a marcação do RP do animal; e,
- c) quando, por ocasião de inspeção, for verificada troca de sexo ou pelagem.

## CAPÍTULO XI

Da propriedade e de sua transferência

Art. 57º - Será considerado de propriedade de um criador, aquele animal que estiver registrado em seu nome ou com a devida transferência homologada pelo Serviço de Registro Genealógico da ANC.

Art. 58º - Compete ao vendedor comunicar por escrito, em formulário próprio, dentro do prazo máximo de trinta (30) dias, as vendas que haja efetuado, enviando os respectivos Certificados de Registro (originais) para ser anotada a transferência.

Parágrafo 1º - No caso em que o comprador ou favorecido venha a solicitar a transferência, deverá ser apresentada a autorização do vendedor, juntamente com o respectivo Certificado de Registro (original).

Parágrafo 2º - O Certificado de Registro, após a transferência, será devolvido ao remetente.

Art. 59º - As despesas relativas às transferências serão sempre de responsabilidade do vendedor do animal, exceto nos casos em que o comprador, por escrito, se responsabilizar pelo pagamento.

## CAPÍTULO XII

Da morte

Art. 60º - É obrigatória, anualmente, a comunicação por escrito, das mortes ocorridas, para a devida baixa nos respectivos livros de registro.

Parágrafo Único - Quando da comunicação das mortes, o criador deverá fazê-la acompanhar-se dos Certificados de Registro (originais).

## CAPÍTULO XIII

Do registro seletivo

Art. 61º - Serão considerados do Registro Seletivo: as Éguas-Base, os animais Mestiços e os animais Puros Por Cruzamento Absorvente, conforme Art. 38º, alíneas *c*, *d* e *e* deste Regulamento.

## CAPÍTULO XIV

Dos registros especiais

Art. 62º - Serão considerados dos Registros Especiais os animais Puros de Origem, importados ou nacionais, conforme Art. 38º, alíneas *a* e *b* deste Regulamento.

## CAPÍTULO XV

Dos emolumentos

Art. 63º - Os usuários dos serviços de Registro Genealógico da ANC ficam sujeitos ao pagamento dos emolumentos estipulados pela Diretoria, devidamente aprovados pelo MAPA.

Parágrafo 1º - Os governos da União, dos Estados, dos Territórios e do Distrito Federal ficam isentos do pagamento de quaisquer emolumentos.

Parágrafo 2º - As Transferências de Registro por motivo de sucessão legal ou dissolução de sociedade, custarão um terço (1/3) do valor vigente.

## CAPÍTULO XVI

### Das penalidades

Art. 64º - Além de ser cancelado o registro do respectivo animal bem como de seus descendentes, quando for o caso, a ANC poderá representar criminalmente, independente de qualquer aviso ou notificação, contra o criador ou Haras que:

- a) Inscrever animal(is) utilizando documentos falsos ou declarações comprovadamente inverídicas;
- b) alterar, rasurar ou viciar qualquer documento expedido pela Entidade, especialmente o que servir para identificação do animal;
- c) apresentar para identificação, animal que não seja o próprio;
- d) utilizar indevidamente a(s) marca(s) de uso exclusivo do SRG da ANC.

Parágrafo 1º - Nos casos previstos neste artigo, o associado será excluído do quadro social da Entidade, ou de suas subdelegadas, após a ação penal transitar em julgado, na hipótese de o criador ser condenado.

Parágrafo 2º - O disposto neste artigo não constitui impedimento para transferência de propriedade de animais do criador envolvido, que tenham sido regularmente inscritos no Serviço de Registro Genealógico da ANC, as quais serão autorizadas na forma do que dispõe o presente Regulamento.

## CAPÍTULO XVII

### Das filiadas

Art. 65º - Para melhor desempenho dos trabalhos de Registro Genealógico, poderá ser delegada competência às entidades Filiadas, mediante acordo ou ajuste.

## CAPÍTULO XVIII

### Dos animais importados e exportados

Art. 66º - Os animais importados serão inscritos mediante a apresentação dos Certificados de Registro ou de Exportação, fornecidos de acordo com os Regulamentos do Stud Book congênere do país de procedência, devidamente transferidos ao comprador, obedecendo as disposições legais de importação.

Art. 67º - Não serão inscritos os animais cujas pelagens e sinais característicos, idade, número e marcas não estejam perfeitamente de acordo com o Certificado de Exportação, ou quando este não tenha sido expedido em perfeita concordância com os Regulamentos dos Registros Genealógicos dos países de procedência, ou com as leis de importação que regem o assunto.

Art. 68º - Para o registro de animais importados *in útero*, será exigido o atestado de padreação fornecido pelo Stud Book congênere do país de origem.

## CAPÍTULO XIX

### Das disposições gerais

Art. 69º - Não será permitido ao criador fazer anotações no Certificado de Registro, a não ser as referentes a morte, reconhecimento de firmas e pedidos de Pedigree Completo.

Art. 70º - A falta de cumprimento, no devido tempo, de quaisquer das disposições deste Regulamento, será motivo bastante para ser rejeitada ou anulada a inscrição dos animais nos Livros de Registro da ANC.

Art. 71º - As sugestões para alterações do presente Regulamento deverão ser encaminhadas à Superintendência da ANC, por escrito, com o parecer do Chefe da STA e, posteriormente, submetidas à apreciação do CDT e só serão aceitas após aprovação do MAPA.

Art. 72º - As dúvidas e casos omissos ao presente Regulamento serão resolvidos pelo CDT, ouvido previamente o Superintendente de Registro Genealógico da ANC.

Art. 73º - São considerados válidos para todos os efeitos e fins de direito, os registros, as anotações, os Certificados e quaisquer outros documentos e atos emitidos pelo Serviço de Registro Genealógico da ANC, na vigência da regulamentação anterior, bem como quaisquer decisões ou providências que tenham sido proferidas e adotadas no mesmo período.

Art. 74º - O presente Regulamento entrará em vigor na data de sua publicação, quando será encaminhado ao MAPA, para homologação, cabendo à ANC dar-lhe a mais ampla divulgação no meio criatório de equinos das raças submetidas ao seu Registro Genealógico.

### PADRÃO DA RAÇA

#### PERCHERON I - Aparência geral

- 1) *Estado Geral*: Boa conformação para tração. Em geral, o cavalo Percheron precisa ser compacto, de comprimento médio a grande e ter boa musculatura.
- 2) *Porte*: O desenvolvimento deve ser bom, de acordo com a idade. A altura média do animal adulto é de 1,66m sendo que a mínima permitida é de 1,58 m e a máxima é de 1,72 m, tanto para machos como para fêmeas. O peso médio é de 900 Kg.
- 3) *Constituição, Ossatura e Musculatura*: O cavalo Percheron necessita ser de constituição robusta, ossatura forte, de tendões e articulações bem delineadas, musculatura poderosa, pele e pelos lisos.
- 4) *Temperamento*: Tratável e dócil, mas, ao mesmo tempo, ativo e vigoroso.
- 5) *Pelagem*: As pelagens são a preta e a tordilha.

#### II - Cabeça

- 1) *Forma*: Fina e quadrada.
- 2) *Perfil*: Retilíneo.
- 3) *Olhos*: Vivos e salientes, com as órbitas bem pronunciadas.
- 4) *Orelhas*: Pequenas, sempre alertas, com pontas finas e atesouradas.
- 5) *Chanfro*: Reto a ligeiramente acarneirado.
- 6) *Focinho*: Pequeno, com narinas bem abertas.
- 7) *Boca*: De abertura média, lábios finos, firmes e móveis.
- 8) *Ganachas*: Bastante retraídas.
- 9) *Garganta*: Fina, não bem delineada.

### III - Pescoço

Grande no comprimento, de linhas definidas, musculatura bem proporcionada, rodado, formando uma suave curva na linha superior e de crinas abundantes.

### IV - Tronco

- 1) *Cernelha*: Precisa ser proeminente, ligeiramente mais alta que a ponta da anca.
- 2) *Peito*: Largo, profundo e arqueado, com o esterno bastante saliente.
- 3) *Paleta*: Inclínada.
- 4) *Dorso*: Reto e curto.
- 5) *Lombo*: Reto e curto.
- 6) *Garupa*: Quase horizontal, ligeiramente fendida, com musculatura abundante nas regiões lombar e da garupa propriamente dita. As ancas devem ser largas, suaves, com as nádegas descendentes.
- 7) *Costelas*: Tanto as anteriores como as posteriores deverão ser bem arqueadas, sendo que as posteriores devem ser particularmente profundas.
- 8) *Cilhadoiro*: Bastante descendente.
- 9) *Cauda*: De inserção alta e localizada no prolongamento do lombo.
- 10) *Órgãos Genitais*: Devem ser perfeitos.

### V - Membros

- 1) *No conjunto*, fortes, bem aprumados e com articulações poderosas.
- 2) *Espáduas*: Poderosas, pequenas e direitas.
- 3) *Antebraço*: Bem pronunciado, forte, com os músculos poderosos e bem desenvolvidos.
- 4) *Braço*: Curto, porém, potente.
- 5) *Joelho*: Robusto, quadrado. No prolongamento da linha da espádua, com articulações fortes e largas.
- 6) *Canelas*: Amplas, chatas e curtas.
- 7) *Jarretes*: Bem aprumados, largos, fortes e com patas altas.
- 8) *Coxas*: Profundas, cheias e musculosas.
- 9) *Boletos*: Fortes, porém, não bem delineados.
- 10) *Quartelas*: Claras e fortes, de coroa não demasiado grande.
- 11) *Patas*: Altas, grandes e fortes nos talões.
- 12) *Cascos*: De tamanho grande, arredondados, sólidos e com sola côncava.

### VI - Andamento

Os andamentos naturais são: passo, trote e galope curto, sendo que, para um animal de seu porte, o cavalo Percheron apresenta um andamento ágil e leve.

### Pontos de Desclassificação

- 1) *Despigmentação*: Pele e pelos brancos (Albino), íris clara (Albinóide).
- 2) *Temperamento*: Vícios considerados graves e transmissíveis.
- 3) *Orelhas*: Mal dirigidas (acabanadas)
- 4) *Perfil da Fronte*: Não retilíneo.
- 5) *Perfil do Chanfro*: não acarneirado.
- 6) *Lábios*: Com relaxamento das comissuras (Belfo).
- 7) *Assimetria da arcada dentária* (Prognatismo).
- 8) *Pescoço*: Cangado, invertido (de cervo).
- 9) *Linha Dorso-Lombar*: Cifose (de carpa), lordose (selado) e escoliose (desvio lateral da coluna).
- 10) *Membros*: Com taras ósseas e defeitos graves de aprumos.
- 11) *Toda e qualquer anomalia do aparelho genital*.
- 12) *Doenças congênicas hereditárias*.
- 13) *Altura*: Inferior a 1,58 m e superior a 1,72m.

## PADRÃO DA RAÇA MORGAN

### I - Aparência Geral

- 1) Boa conformação para sela. Em geral, o cavalo Morgan deve ser compacto, de comprimento médio, ter boa musculatura e ser elegante na aparência.
- 2) *Porte*: O desenvolvimento deve ser bom, de acordo com a idade. Altura: entre 1,43 a 1,54 m., com discretas variações individuais, para mais ou para menos. Peso: 400 a 500 Kg.
- 3) *Constituição, Ossatura e Musculatura*: O cavalo Morgan necessita ser enxuto, com ossatura forte, tendões e articulações bem delineadas, pele e pelos lisos.
- 4) *Temperamento*: Deve ser tratável e dócil, mas ativo e vigoroso.
- 5) *Pelagem*: Exceto a branca, a tobiana ou animais com manchas acima dos joelhos e jarretes, todas as pelagens são permitidas. São comuns as pequenas manchas na cabeça, como estrela, cordão, frente aberta e outras.

### II - Cabeça

- 1) *Forma*: Quadrada, de tamanho médio, seca e de frente larga.
- 2) *Perfil*: Retilíneo ou subcôncavo.
- 3) *Olhos*: Bem separados, proeminentes, brilhantes e límpidos.
- 4) *Orelhas*: Pequenas, sempre alertas, com pontas finas e atesouradas.
- 5) *Focinho*: Pequeno, com narinas grandes.
- 6) *Boca*: De abertura média, lábios firmes, finos e móveis.
- 7) *Ganachas*: Bem separadas e proeminentes.
- 8) *Garganta*: Larga e bem definida.

### III - Pescoço

Médio no comprimento, crina abundante, de linhas definidas, musculatura bem proporcionada, arqueado, formando suave curva (cisne), na linha superior. A junção com a face inferior da cabeça é bem delineada seca e insere-se harmoniosamente no tronco.

### IV - Tronco

- 1) *Cernelha*: Deve ser ligeiramente mais alta do que a ponta da anca.
- 2) *Peito*: Profundo e largo.
- 3) *Dorso-lombo*: Curtos, largos, musculados, proporcionais e harmoniosamente ligados à garupa.
- 4) *Garupa*: De comprimento médio, proporcional, bem implantada, musculada e, tanto quanto possível, horizontal.
- 5) *Costelas*: Bem arqueadas e longas.
- 6) *Cauda*: Longa, bem cheia, graciosa e com implantação alta.
- 7) *Órgãos Genitais*: Devem ser perfeitos.

### V - Membros

- 1) *No conjunto*: Fortes, com articulações salientes e abem aprumados.
- 2) *Espáduas*: Longas, com boa angulação e musculosas.
- 3) *Braço*: Largo, chato e musculoso.
- 4) *Joelho*: Largo e chato.
- 5) *Coxas*: Cheias e musculosas. Pernas longas, aprumadas e musculosas.
- 6) *Jarretes*: Secos, lisos e bem aprumados.
- 7) *Canelas*: Relativamente médias, secas, com bons tendões e ossos definidos.
- 8) *Boletos*: De preferência, largos e arredondados.
- 9) *Quartelas*: Limpas e fortes, de comprimento médio, com inclinação relativa e, no membro anterior, com a mesma inclinação que a espádua.
- 10) *Cascos*: De tamanho médio, arredondados, sólidos, sola côncava e rasilha elástica.



## VI - Andamento

Os andamentos naturais do cavalo Morgan são: Passo, trote e galope, sendo o trote o andamento mais comum. Devem ter passadas elegantes, levemente alçadas, rápidas e enérgicas.

### Pontos de desclassificação

- 1) *Despigmentação*: Pele e pelo branco (Albinismo). Íris clara (Albinóide).
- 2) *Temperamento*: Vícios considerados graves e transmissíveis.
- 3) *Orelhas*: Mal dirigidas (acabanadas).
- 4) *Perfil da Fronte*: Convexilíneo.
- 5) *Perfil do Chanfro*: Convexilíneo.
- 6) *Lábios*: Com relaxamento das comissuras (Belfo).
- 7) *Assimetria da Arcada Dentária* (Prognatismo).
- 8) *Pescoço*: Cangado, invertido (de cervo).
- 9) *Linha dorso-lombar*: Cifose (de carpa), lordose (selado) e escoliose (desvio lateral da coluna).
- 10) *Garupa*: Derreada (muito inclinada).
- 11) *Membros*: Com taras ósseas e defeitos graves de aprumos.
- 12) *Toda e qualquer anomalia do aparelho genital*.
- 13) *Doenças Congênitas hereditárias*.

## REGULAMENTO DO CONTROLE DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL - CDP

### CAPÍTULO I

#### Das finalidades

Art. 1º - O CDP tem por finalidade:

- a) Efetuar e registrar as pesagens dos bovinos das raças de corte e mistas para as quais a ANC mantém convênio com o Ministério da Agricultura e do Abastecimento para a manutenção de seus Registros Genealógicos, ou por delegação de entidade mantenedora dos registros de outras raças, bem como analisar os dados colhidos, fornecendo aos criadores ou proprietários, subsídios para efeito de melhoramento de seus rebanhos;
- b) Identificar nos rebanhos inscritos os indivíduos, linhagens e famílias de maior velocidade de ganho de peso, a fim de orientar os trabalhos de seleção; e,
- c) Evidenciar o comportamento médio das raças de corte e mistas mencionadas, quanto ao desenvolvimento ponderal até aos 18 (dezoito) meses de idade.

### CAPÍTULO II

#### Da direção do controle

Art. 2º— O CDP será dirigido pelo Superintendente do Serviço de Registro Genealógico da “ANC”, apoiado pela Diretoria e pelo Conselho Deliberativo Técnico.

Parágrafo Único – A título de colaboradores poderão participar representantes das Associações Promocionais (Especializadas) de raças, das quais a ANC é mantenedora do Registro Genealógico.

Art. 3º— Ao Conselho Deliberativo Técnico compete:

- a) Verificar o cumprimento do presente Regulamento;

- b) Proceder a atualização deste Regulamento, com posterior aprovação pela Diretoria;
- c) Homologar os resultados obtidos; e,
- d) Discutir os casos de aplicação de penalidades.

Art. 4º— A Direção do Controle organizará normas próprias para a orientação de seu trabalho.

Art. 5º— A Direção do Controle convocará reuniões quando julgar necessário, ou por solicitação da Diretoria ou do Conselho Deliberativo Técnico.

Art. 6º— O *CDP* será mantido, financeiramente, pelos emolumentos que cobrar dos criadores que por ele controlam seus animais e doações recebidas dos poderes públicos.

### CAPÍTULO III

#### Do pedido de controle

Art. 7º— Os criadores que tiverem interesse em controlar seus animais pelo *CDP* deverão encaminhar o pedido de controle por inscrito à ANC.

Parágrafo Único – Fica estabelecido que o interessado, ao solicitar o controle está, por isso, plenamente de acordo com as disposições do presente Regulamento.

Art. 8º— Poderão ser controlados pelo *CDP* animais de ambos os sexos das raças de corte e mistas de que trata o Art. 1º deste, registrados no Herd-Book Brasileiro.

Art. 9º— A solicitação de que trata o Art. 7º deverá ser feita em formulário próprio constando todos os dados necessários ao serviço.

Parágrafo Único – Quando se tratar de produtos ainda não registrados no Herd-Book, é obrigatório a remessa, na mesma oportunidade, do pedido de inscrição.

Art. 10º— Os pedidos de controle deverão ser encaminhados, no máximo, até dois (2) meses após o nascimento dos produtos.

Parágrafo Único – A aceitação dos pedidos fora do prazo acima, poderá ser confirmada pela Direção do *CDP* e, se necessário, aprovada pelo Conselho Deliberativo Técnico.

### CAPÍTULO IV

#### Da execução do serviço

Art. 11º— Tratando-se de serviço a ser executado em animais registrados, servirá de identificação individual a tatuagem de ordem usada pelo criador e com a qual o produto está inscrito no Herd Book.

Parágrafo Único – O animal controlado pelo serviço será tatuado na orelha direita com o símbolo *CDP* na primeira pesagem realizada pelo Técnico credenciado.

Art. 12º— As pesagens serão efetuadas, quatro (4) vezes ao ano.

Art. 13º— A pesagem ao nascer ficará a cargo dos criadores, que devem estar aparelhados para este fim. Na falta do peso ao nascer, ou havendo dúvida quanto a forma como foi obtido, a Direção do *CDP* poderá não aceitá-lo, adotando em seu lugar pesos médios calculados para a raça e sexo.

Art. 14º— Os Técnicos que executarão as pesagens serão credenciados pela Direção do *CDP*. Art. 15º

— Todos os animais deverão ter água à disposição antes do início das pesagens.

Art. 16º— Os animais controlados serão classificados em dois (2) grupos, a saber:

*Regime alimentar I* — animais em regime de pasto (*P*)

*Regime alimentar II* — animais racionados, animais que receberam ração suplementar em qualquer período de controle (*R*).

Art. 17º— Os resultados das pesagens serão anotados em fichas de controle.

Parágrafo Único — Nessa ficha deverá constar a tatuagem, data de nascimento, data da pesagem, pesos obtidos, horário, sistema alimentar e demais observações que se fizerem necessárias.

Art. 18º— Os resultados das pesagens de cada animal serão ajustados sempre aos seguintes períodos padrões:

- a) aos 205 dias, como indicativo da desmama;
- b) aos 365 dias, como indicativo de um (1) ano; e, c)
- aos 550 dias, como indicativo de sobreano.

Art. 19º— São elementos básicos para os cálculos padrões, os resultados obtidos das pesagens nos seguintes períodos de idade:

- a) Pesagem ao nascer. Na falta desta proceder-se-á de acordo com o Art. 13º; —
- b) Por ocasião do que trata o Art. 10º o criador é obrigado a anexar uma pesagem realizada dentro daquele período, além da pesagem ao nascer, quando realizada;
- c) Para cálculo de 205 dias — pesagens entre 140 e 300 dias de idade;
- d) Para cálculo de 365 dias — pesagens entre 306 e 430 dias de idade; e, e) Para cálculo de 550 dias — pesagens entre 485 e 670 dias de idade.

Parágrafo Único — Os animais que, por motivos especiais, tiverem suas pesagens interrompidas, terão seus pesos padrões correspondentes à última pesagem.

Art. 20º— Todo produto nascido entre uma pesagem realizada pelo Técnico credenciado e a pesagem seguinte, deverá ser apresentado para o controle inicial.

Parágrafo 1º— A não apresentação do produto estará sujeito a não aceitação do mesmo no controle. Parágrafo 2º

— Quando o produto for apresentado e pesado antes da emissão do pedido de controle, o criador ficará dispensado do que trata a letra “b” do Art. 19º, mencionando no período o peso obtido pelo Técnico credenciado.

Art. 21º— O *CDP* emitirá boletim, ao criador que o solicitar, dando-lhe conhecimento dos resultados obtidos.

Art. 22º— Semestralmente, o *CDP* emitirá *Relatórios de Resultados*, que enviará diretamente ao

criador, apresentando o resultado de determinada produção com a avaliação dos 205 dias e dos 550 dias, se já completados.

## CAPÍTULO V

### Dos emolumentos

Art. 23º — Todo criador que realizar o controle estará sujeito ao pagamento de emolumentos, cujos valores serão estabelecidos pela Diretoria da ANC.

## CAPÍTULO VI

### Disposições gerais

Art. 24º — Animais aprovados em Teste de Avaliação poderão ter continuidade de controle no *CDP* desde que haja, logo após o término do Teste, a manifestação por parte do interessado.

Art. 25º — Animais adquiridos, já devidamente inscritos, poderão ter continuidade no controle, desde que para isso haja solicitação por parte do novo proprietário, imediatamente após a aquisição.

Art. 26º — Para a continuidade de controle de que tratam os Artigos 24º e 25º, é obrigatória a apresentação dos animais quando da visita do controlador credenciado para a realização das pesagens.

Art. 27º — Qualquer animal inscrito no controle, não apresentado por ocasião das pesagens, poderá ter seu controle cancelado.

Art. 28º — O não cumprimento das disposições deste Regulamento, poderá acarretar ao criador a aplicação de penalidades conforme preceitua o Art. 3º, letra “d”. –

Art. 29º — Os casos omissos ao presente Regulamento serão resolvidos pelo Conselho Deliberativo Técnico da ANC, com posterior aprovação da Diretoria.

Art. 30º — O presente Regulamento entrará em vigor logo após sua publicação.

*“Maravilhoso período de investigação e invenção, em que explode no vigor inigualável de um novo começo o eterno tentar da vida! Tudo o que era acessível pareceu ter sido experimentado nessa época extraordinária. Seleção e melhoramento... dos frutos, dos cereais e dos rebanhos.”*

THEILHARD DE CHARDIN  
O Fenômeno Humano

### Sumário Executivo:

Leonardo Talavera Campos - MsC

O PROMEBO® - Programa de Melhoramento de Bovinos de Carne consiste em um sistema moderno, simples e econômico para o melhoramento através da seleção dentro e entre rebanhos de gado de corte de todo o Brasil. É aberto para animais puros de origem, puros controlados e cruzamentos.

| Ano  | Inscrições | Ano  | Inscrições | Ano          | Inscrições     |
|------|------------|------|------------|--------------|----------------|
| 1974 | 1.779      | 1985 | 8.311      | 1996         | 35.756         |
| 1975 | 3.937      | 1986 | 7.620      | 1997         | 32.255         |
| 1976 | 4.893      | 1987 | 8.984      | 1998         | 29.727         |
| 1977 | 4.631      | 1988 | 11.146     | 1999         | 30.792         |
| 1978 | 5.254      | 1989 | 10.909     | 2000         | 39.741         |
| 1979 | 5.148      | 1990 | 14.382     | 2001         | 38.278         |
| 1980 | 6.210      | 1991 | 21.013     | 2002         | 41.463         |
| 1981 | 7.732      | 1992 | 22.702     | 2003         | 39.110         |
| 1982 | 9.043      | 1993 | 23.672     | 2004         | 43.295         |
| 1983 | 8.761      | 1994 | 29.631     | 2005         | 36.218         |
| 1984 | 7.982      | 1995 | 35.954     | <b>Total</b> | <b>626.329</b> |

Animais inscritos e submetidos à avaliação no Promebo®, das mais diversas raças e categorias. Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares

### Inscrições de Bovinos

| Raça            | Inscrições | Raça      | Inscrições |
|-----------------|------------|-----------|------------|
| Angus           | 116.795    | Blonde    | 1.653      |
| Braford         | 92.551     | Nelore    | 907        |
| Hereford        | 76.533     | Canchim   | 437        |
| Devon           | 23.399     | Limousine | 387        |
| Cruzamentos     | 15.636     | Normanda  | 190        |
| Brangus         | 13.615     | Red Poll  | 93         |
| Charolês        | 13.599     | Holandês  | 74         |
| Santa Gertrudis | 6.019      | Simental  | 42         |
| Shorthorn       | 3.246      |           |            |

| Raça         | Inscrições |
|--------------|------------|
| Mediterrânea | 1.424      |
| Murrah       | 35         |

Fonte: Arquivos da Associação Nacional de Criadores Herd-Book Colares

O programa é de execução extremamente simples, sendo realizadas apenas duas pesagens e classificações - uma a desmama e outra na fase pós-desmama, em geral ao sobreano.

Outras características, além das ponderais, também podem ser avaliadas através de:

- *escores visuais*, como conformação, precocidade, musculosidade e tamanho;
- *medidas de características reprodutivas*, como perímetro escrotal em machos e idade ao primeiro parto em novilhas;
- *características de carcaça* através de medidas de ultra-som, como área de olho de lombo, espessura de gordura de cobertura e marmoreio.

Nas avaliações genéticas entre rebanhos, o *Promebo*<sup>®</sup> oportuniza comparações válidas e adequadas entre toda uma população ou raça, fornecendo a chamada *Diferença Esperada na Progenie*, ou DEP da Raça. Esta DEP é obtida a partir de uma base de dados única e centralizada, englobando somente os rebanhos conectados das raças registradas e controladas pelo programa na ANC.

Como produtos destas avaliações genéticas, a ANC disponibiliza:

- o *Sumário de Touros* da Raça, um relatório contendo as DEPs dos principais touros pais em utilização nos rebanhos da raça;
- o *Relatório de Recursos Genéticos*, destacando reprodutores jovens na raça - machos e fêmeas de 2 anos - considerados como superiores quanto ao índice de seleção final, servindo como suporte ao trabalho de seleção para Dupla Marca e abertura da categoria de registro Puro com Avaliação (PA);
- Fornecimento de DEPs da raça, atualizadas para Catálogos de Remate, disponibilizando também *Selo de Chancela para Catálogos - Rebanho Conectado*.

O melhoramento de uma raça só se consegue com uma coleta de dados criteriosa e consistente e com um trabalho de seleção efetivo, dentro de cada um de seus rebanhos componentes. Assim, nas Avaliações Genéticas Intra-Rebanho, os usuários recebem relatórios, a cada produção controlada, incluindo DEPs, índices e decas de todos os produtos e touros pais utilizados. Já, para as vacas em produção, em adição às DEPs, o índice maternal permite uma seleção conjunta para habilidade materna e eficiência reprodutiva.

Para participar do *Promebo*<sup>®</sup>, o usuário apenas deverá, além de possuir uma balança apropriada para a pesagem dos seus terneiros ou bezerros, adotar um sistema eficaz de identificação dos animais (vacas e produtos) e efetuar o controle de nascimentos.

#### I - Introdução

É um programa aberto para bovinos de qualquer raça de corte: Puros de Origem, Puros Controlados, Cruzamentos ou Gado Geral.

O *Promebo*<sup>®</sup> visa aumentar a *precisão de seleção* dentro e entre rebanhos, para características herdáveis e de importância econômica, tais como *Peso ao Nascer*, *Capacidade de Ganho de Peso do Nascimento ao Desmame*, *Capacidade de Ganho de Peso Pós-Desmame*, *Reprodução Regular*, *Habilidade Materna* e *Conformação Superior*.

Através da Metodologia dos Modelos Mistos, os animais são comparados dentro de cada rebanho

e, adicionalmente, são feitas avaliações de raça, onde todos os animais de rebanhos da mesma raça são comparados entre si.

Laços genéticos entre rebanhos, determinados pelo uso de touros em comum, através da inseminação artificial, é que permitem a comparação direta de indivíduos de diferentes rebanhos.

A DEP - Diferença Esperada na Progenie é a forma de apresentação do mérito genético, sendo diretamente comparável entre todos os animais presentes na análise, touros pais, ventres e produtos ainda sem progenie.

- Características importantes:

- a) Todos os animais do rebanho em controle participam (*não há pré-seleção*);
- b) os animais são criados e avaliados nas condições normais de cada estabelecimento;
- c) todos os animais de mesmo sexo e código ou regime alimentar recebem oportunidades iguais (*manejo e alimentação uniformes*); e,
- d) O programa apesar de usar uma metodologia avançada de análise, é bastante SIMPLES para o criador, podendo, em rebanhos com uma única estação de produção (primavera), envolver somente um manejo de mangueira por ano.

- Critérios do Promebo®:

(\*) Peso ao Nascer.

(\*) Peso ao Desmame ajustado aos 205 dias e à idade da mãe. (\*)

Peso ajustado ao Ano (12 meses) ou Sobreano (18 meses).

(\*) Escores Visuais, para estimar a composição do ganho de peso dos animais, onde:

C = Conformação

P = Precocidade

M = Musculatura

T = Tamanho

(\*) Índice de Seleção: Os dados são reunidos num índice, com uma ponderação de no mínimo 50% para características ponderais (ganhos de peso).

(\*) Circunferência Escrotal.

(\*) Tipo e tamanho de Prepúcio ou Umbigo (não participa do Índice de Seleção). (\*) O programa estima ainda:

- *para ventres*: a Habilidade de Produção Esperada (HPE), também chamada habilidade maternal, e o Índice Materno do Promebo (IMP), que leva em conta a HPE e intervalo médio entre partos das vacas;

- *para touros pais*: mérito genético dos touros que o criador esteja utilizando na reprodução para cada uma das características avaliadas.

- Resultados Práticos

Seleção:

- a) Candidatos a touro;
- b) Melhores novilhas para a reposição através da performance da mãe e da sua própria performance;
- c) Melhores touros pais em utilização, através da performance de suas progênies; e,
- d) Vacas de melhor eficiência reprodutiva e maior capacidade em desmamar terneiros pesados.

- Exigências para o criador



- a) Balança apropriada (individual e com bom nível de precisão), eletrônica ou mecânica;
- b) Rebanho Controlado: animais identificados, com controle de nascimentos, pais conhecidos e avaliações em momentos estratégicos (desmame e pós-desmame).

- Taxas de investimento no Promebo®:

= R\$ 3,30 (três reais e trinta centavos) por produto avaliado ao desmame.

Já incluídas neste valor as avaliações para *peso ao nascer* e *avaliação final* destes animais, *avaliação de ventres e touros pais* utilizados no rebanho. Ainda, avaliações de raça como *Sumário de Touros*, *DEP da raça para catálogos de remate* e qualquer outra publicação que o programa venha a fazer em nível de raça.

Taxa mínima para rebanhos com menos de 100 produtos por safra: R\$ 330,00 (trezentos e trinta reais).

*Taxa de Manutenção (anual): R\$ 120,00 (cento e vinte reais)*

Obs.: Faixas de desconto por número de animais inscritos no programa e para dados em disquete ou via internet no "lay-out" do PROMEBO.

*Lembre-se: PROMEBO® é investimento!*

- Implementação do Promebo®:

Como *ingredientes principais* de um programa bem estruturado, podem-se citar:

- Definição de uma estação de reprodução e de parição controlada.
- Seleção e uso de touros superiores nas características importantes para o sistema.
- Seleção das fêmeas de reposição.
- Descarte de vacas de cria com base na reprodução e produção no rebanho.

Na implementação de um programa de controle de produção como o Promebo® é fundamental analisar os seguintes aspectos, os quais interagem entre si:

- 1 - Tamanho do rebanho a ser controlado.
- 2 - Capacidade de manejo do estabelecimento.
- 3 - Conjunto de objetivos de seleção ou de melhoramento do rebanho.

Assim, o primeiro passo para participar do programa consiste em um levantamento, com definição e quantificação dos ventres que formarão o núcleo sob controle. Este núcleo pode ser, por exemplo, todo o rebanho de uma propriedade, ou apenas uma categoria de registro, ou mais precisamente, um número específico de ventres que possa ser trabalhado com eficiência pelo pessoal de campo disponível. Esta decisão vai depender, fundamentalmente, dos objetivos de produção e de seleção a curto e a longo prazo.

A maior abrangência ou quantidade de dados coletados é fundamental para melhorar as predições de mérito genético dos reprodutores e a exatidão das avaliações efetuadas. Pode-se dizer que a seleção de genética qualificada depende, em grande parte, da quantidade de dados disponíveis. Partindo de uma ampla base genética, quanto maior for a base de dados, tanto melhor. Da mesma forma, quanto maior a pressão ou intensidade da seleção exercida no rebanho, maior será o progresso ou ganho genético obtido.

Um aspecto importante a destacar é que não pode existir pré-seleção dos animais a serem controlados a cada produção. Depois de formado o núcleo de ventres em controle, todos os eventos de nascimento e de desmama, pelo menos, devem ser relatados sistematicamente para todos os animais a serem testados pelo programa de seleção.

## II - Controle de produção visando o melhoramento genético

### 1. - Identificação dos animais:

A identificação deve ser *única, permanente e insubstituível*.

É impossível para o Promebo® controlar dois animais com a mesma identificação, que deve ser única, pelo menos para animais de um mesmo ano de nascimento e sexo.

A tatuagem deve ser sempre realizada, sendo recomendável que seja complementada por brincos e / ou numeração a fogo.

Tatuar os animais - vacas e produtos-na parte central das duas orelhas, seguindo uma numeração crescente.

#### - Sistemas de Identificação:

(a). Números correlativos: cada animal recebe um número em escala crescente, em geral, acompanhando a ordem cronológica de nascimentos.

(b). Sistema em Base Anual: utiliza-se uma letra para cada ano de nascimento, começando a numeração do número um (01) novamente.

#### - Tipos de Identificação:

(a). *Tatuagem*: manutenção de uma identificação permanente dos animais. Tatuar os animais na parte central das duas orelhas. Para agilizar o processo de leitura a campo é conveniente complementar o sistema com brincos e/ou marcação à fogo (ou a frio, com nitrogênio líquido), usando preferentemente o mesmo número da tatuagem.

(b). *Brincos*: tipo de identificação simples e rápido, mas que apresenta significativa taxa de perda. Por este motivo, jamais deve ser usado como único método de identificação. O problema pode ser um pouco minimizado com o uso de brincos duplos.

(c). *Marca a Fogo ou a Frio*: método recomendado para os ventres. Usar números de 10 cm de diâmetro. Apesar de os métodos anteriores serem suficientes, o brinco pode ser perdido e a tatuagem ser de difícil, senão impossível, leitura a campo.

### 1.1. - Identificação de ventres:

A correta identificação de cada uma das vacas do rebanho é muito importante em um sistema de controle de produção. A “chave” para identificação dos ventres consiste de sua tatuagem mais o ano de nascimento. Estes dados devem ser sempre os mesmos em todas as produções de uma determinada vaca.

- *Idade da Mãe*: uma vez que ocorre um ajuste à idade da mãe, para peso ao nascer e ao desmame, sua correta determinação é extremamente. Não sendo conhecida a data exata ou o ano de nascimento, a idade pode ser atribuída através de exame da arcada dentária, quando esse animal ingressa no sistema.

### 1.2. - Identificação de produtos:

Um animal tatuado quando terneiro jamais poderá ter seu número trocado.

Animais nascidos fora da estação de produção deverão ser comunicados, mesmo que não sejam avaliados, bem como os produtos nascidos de parições anormais, para que a performance da vaca não fique prejudicada, principalmente, quanto ao intervalo entre partos.

#### - Convenções para as Parições Anormais: AB

= Aborto

AT = Atracado ao nascer

N+ = Natimorto

+ = Morte

CR = Cria roubada

## 2. - Controle reprodutivo:

Consiste no acompanhamento de toda a estação reprodutiva, partindo desde o controle das coberturas, até finalizar com o diagnóstico de gestação.

– Controle de Coberturas:

O Promebo® aceita 4 tipos de coberturas:

(a). Inseminação Artificial

(b). Monta Controlada

(c). Monta a Campo com Reprodutor Único : somente um reprodutor por potreiro (aproximadamente 30-40 vacas).

(d). Monta a Campo com Reprodutores Múltiplos: vários touros são colocados com um determinado número de vacas.

Informar a categoria dos touros pais utilizados (PO ou PC), disponibilizando o número de registro ou número de controle para o sêmen importado (IA).

No caso dos Reprodutores Múltiplos é conveniente representá-los com a sigla RM, indicando a safra de uso e o número de registro de seus componentes. Quando mais de um time de touros múltiplos for usado por safra, diferenciar estes grupos.

## 3. - Padronização da produção de terneiros:

O criador deve definir estações de monta e nascimento. Estas estações não devem exceder a três meses, principalmente para que as comparações entre animais sejam justas, pois todos nascem na mesma estação, sofrendo influências ambientais similares. Outra vantagem é a possibilidade de desmamar todo o lote numa só data, com diferenças em idade de, no máximo, 90 dias. Quanto menor esta amplitude de idade, mais precisas tendem a ser as comparações entre os animais da mesma produção.

## 4. - Controle de nascimentos:

É necessário que os produtos tenham seus dados de nascimento anotados - *número da mãe* e *data de nascimento* - e sejam identificados o mais cedo possível. Este controle consiste na coleta também do peso ao nascer.

A Associação Nacional de Criadores possui Cadernetas de Campo, próprias para o Controle de Nascimentos, que são fornecidas aos interessados.

### 4.1. - Dia do Nascimento:

É necessário que os produtos tenham seus dados de nascimento anotados e sejam identificados o mais cedo possível. Registrar o dia exato de nascimento é essencial, uma vez que a idade do próprio animal é a fonte de maior efeito na variação dos pesos no momento da desmama, ou até mesmo aos 18 meses. A recomendação é uma recorrida diária nos poteiros com gado de cria. Nesta operação se identifica o terneiro com seu respectivo brinco, anotando na caderneta de campo a data de nascimento, seu peso (se for coletada esta informação) e o número da mãe.

#### 4.2. - Peso ao Nascer:

Esta pesagem inicial é opcional. Tendo em conta a importância econômica da facilidade de parto nos sistemas de criação do gado de corte, é fundamental poder prever o peso ao nascer dos terneiros de diferentes pais, possibilitando a tomada de decisões de seleção relacionadas com as características das vaquilonas e vacas integrantes do rebanho de cria. A pesagem deve ser efetuada nas primeiras 48 horas de vida do animal. O momento desta pesagem também é adequado para efetuar outras tarefas como tatuagem, descorna e desinfecção do umbigo.

#### 4.3. - Preenchimento do boletim de nascimentos:

O criador deve solicitar o Boletim de Nascimentos à ANC. No verso da 1ª via constam instruções para preenchê-lo. Utilizar distintamente formulários para o comunicado de terneiros PO, PC e, em cruzamentos, para os diferentes graus de sangue.

- Dados a serem informados:

(Com base nas anotações da Caderneta de Campo)

a) *Identificação do produto*: até seis dígitos, números e ou letras. Exemplo: 601, D70, AB01, N+6, etc.

b) *Identificação do touro*: até seis dígitos. No caso de touros PO e PPC, informar o número de registro (HBB), ou o IA (número de controle) para touros utilizados através de sêmen importado. No caso de Reprodutores Múltiplos, representá-los com RM.

c) *Identificação da vaca*: até seis dígitos. Alertamos que a vaca, controlada quando produto pelo Promebo®, deve ter sempre a mesma identificação de terneira.

d) *Ano de nascimento da vaca*: os últimos dois algarismos do ano em que a vaca nasceu. É um dado imprescindível e deve ser sempre o mesmo em todas as produções da vaca. Serve para ajustar o peso ao desmame do terneiro em relação à idade da mãe.

e) *Sexo do terneiro*: códigos para sexo usado no Promebo®:

1 = Macho

2 = Fêmea

3 = Macho cadastro

4 = Fêmea nascida gêmea de macho

f) *Data de nascimento*: dia, mês e ano.

g) *Peso ao nascer*: opcional. A pesagem deve ser realizada nas primeiras 48 horas de vida.

- Interfaces: Criadores que possuem Controle de Produção informatizado podem enviar os dados de seus animais em formulários próprios, desde que tenham as mesmas informações do Boletim de Nascimentos. Preferencialmente, devem incluir nos seus programas uma "interface" direta com o Promebo®. Através dela, os dados poderão ser enviados em um arquivo magnético (via Internet ou disquete), já no formato utilizado pelo programa (ASCII). Para isto, basta o criador entrar em contato com os técnicos na ANC que fornecerão o "lay-out" do arquivo a ser gerado e as instruções necessárias para tal.

#### 5. - Formação dos grupos contemporâneos (GC):

Grande parte dos erros e problemas nos programas de avaliação genética atuais tem como origem a inadequada formação dos GC. A identificação correta e adequada do grupo contemporâneo em que um animal foi criado é de importância básica para que sua avaliação e a de seus pais sejam acuradas. A avaliação de performance através da DEP (Diferença Esperada na Progenie), está baseada na comparação entre animais que recebem o mesmo tratamento, mesmo manejo, do nascimento até a data da avaliação, seja ao desmame ou ao sobreano. Só depois, através dos laços genéticos, são feitas as comparações entre grupos do mesmo rebanho ou de rebanhos diferentes. Para que as comparações sejam justas e para que as avaliações tenham grande exatidão, é necessária uma formação criteriosa desses grupos contemporâneos.

Embora o uso de grupos contemporâneos não leve em consideração efeitos ambientais específicos para um indivíduo, representa o melhor instrumento disponível para reduzir a influência de efeitos

ambientais comuns a todo um grupo de animais. Esta tarefa – agrupar adequadamente os animais contemporâneos – compete ao próprio produtor. Este deve, portanto, estar atento ao conceito de GC: consistem agrupar os animais que receberam exatamente as mesmas oportunidades de desempenho.

#### 5.1. - Definição de GC:

Como efeitos componentes de um GC têm-se – *Fazenda / Raça / Rebanho / Ano / Estação / Sexo à Desmama / Grupo de Manejo à Desmama / Data da Desmama / Sexo Final / Grupo de Manejo Pós-desmama / Data da Avaliação Final.*

Um GC consiste, portanto, de um grupo de animais de uma determinada fazenda, de uma mesma raça e rebanho, nascidos na mesma estação – não mais do que 90 dias de diferenças nas datas de nascimento –, do mesmo sexo e manejados da mesma forma desde o nascimento até o momento da medição, recebendo idênticos cuidados sanitários e suprimento alimentar.

Desde que o ambiente pré-desmama normalmente afeta a performance pós-desmama, animais contemporâneos na fase pós-desmama devem não somente receber o mesmo tratamento depois de desmamados, como, também, devem pertencer ao mesmo grupo até a desmama.

#### 5.2. – Grupos de manejo:

Para que as comparações sejam justas e as avaliações tenham maior exatidão é necessária uma formação criteriosa dos grupos de manejo. Através da codificação de todas as diferenças de manejo existentes entre grupos de animais, este é o momento do criador diferenciar as oportunidades que tiveram os produtos para a expressão de seus potenciais genéticos.

Cada produto pesado, obrigatoriamente, precisa ter um código de manejo e/ou alimentação, indicativo de sua condição de criação. Recomenda-se usar dois dígitos numéricos nesta codificação (indo, portanto, desde 01 até 99). Abaixo, apresentam-se, como sugestão, alguns códigos que podem ser utilizados no processo.

##### (a) - Código de Criação (fase de desmama):

- 1 = Campo nativo
- 2 = Irregulares: “guachos”, doentes
- 3 = Pastagem cultivada
- 4 = Preparo para exposição (“cabanha”)
- 5 = Racionado (pasto e ração)
- 6 = Creep Feeding (suplementação a campo)
- 7 e 8 = abertos
- 9 = Gêmeos criados pela mãe
- 10 = Desmama precoce
- 20 = Ama leiteira
- 21 = Receptora (TE)

##### (b) - Código de Manejo Pós-desmama:

- 1 = Campo nativo
- 2 = Irregulares: doentes
- 3 = Pastagem cultivada
- 4 = Preparo para exposição (“cabanha”)
- 5 = Racionado
- 6 = Suplementação a campo
- 7 e 8 = abertos
- 10 a 98 = abertos
- 99 = animais com excesso de preparo ou peso fora do limite superior

Sempre que ocorrer significativa variação na qualidade e disponibilidade alimentar nos poteiros, ainda que estes tenham o mesmo tipo de pasto, os animais devem ser separados em grupos de manejo distintos, através do uso de outros códigos em aberto disponíveis.

- Tamanho do GC:

O conceito de GC introduz a idéia da relatividade. O importante não é mais o desempenho em termos de valores absolutos, mas o quanto cada animal se diferencia em relação ao desempenho médio do seu GC. Precisa-se de uma estimativa razoável desta média. Com grupos grandes isto raramente é um problema. Como regra geral, se possível, cada GC deveria conter, respeitado o princípio de oportunidades iguais, no mínimo 8 a 10 animais. Quanto maior o grupo comparado e menor a variação de idade dentro do mesmo, maior será a confiabilidade dos resultados obtidos. Numa definição mais restrita, entretanto, um GC poderia ser formado por, no mínimo, dois produtos do mesmo sexo.

- Re-manejo:

Toda mudança intermediária de código ou grupo de manejo que ocorrer antes dos momentos da coleta de dados – desmama e pós-desmama – deve ser anotada e relatada. Recomenda-se bastante cautela com estas mudanças intermediárias de regime, as quais, se não adequadamente codificadas, podem ter um grande efeito sobre as predições de valor genético dos reprodutores.

- Tratamento Diferenciado:

Como exemplo, pode-se citar as vaquilhonas de primeira cria, em que é fornecido, muitas vezes, um tratamento especial ou manejo diferenciado para este grupo, em relação a todos os demais ventres do rebanho. Devem, neste caso, formar um grupo contemporâneo à parte, recebendo outro código para grupo de manejo.

- Recomendações Finais:

É importante que os animais sejam agrupados da melhor maneira possível, logo após o nascimento, procurando grupos de manejo uniformes e em grande número (quanto maior o grupo, maior a confiabilidade das DEPs obtidas).

Outras recomendações no que se refere à formação do GC são apresentadas a seguir:

- (a) como o efeito sexo está incluso no conceito de GC (machos e fêmeas formam, de modo automático, outro GC, mesmo que sejam do mesmo grupo de manejo), caso seja necessário, separar machos e fêmeas logo após o nascimento, formando grupos de manejo por sexo;
- (b) deve-se procurar pesar e avaliar os animais de um mesmo grupo num único dia;
- (c) animais de um mesmo grupo devem ter diferenças de idade mínimas – no máximo 90 dias;
- (d) não pulverizar, na fase pós-desmama, os grupos formados até a desmama. Recomenda-se que os lotes manejados e avaliados de modo conjunto até a desmama não sejam separados no manejo pós-desmama, para não prejudicar a avaliação final, em função de uma diminuição do número de animais diretamente comparáveis.

6. - Pesagens e avaliações:

Os animais são pesados e avaliados pelo *criador* e pelo *técnico*.

Pode-se trabalhar, em média, 200 a 300 animais num dia de serviço normal.

6.1. - Considerações sobre as pesagens:

O ganho de peso tem uma influência de 50% no Índice de Seleção para o Desmame e para o Final (Desmame + Pós-Desmame) no Promebo®.

Deve-se pesar os animais individualmente e os pesos coletados devem ser expressos em Kg.

O criador deverá submeter seus animais a um *jejum total*, de pelo menos 12-14 horas, antes do início das pesagens:

Pela manhã deve-se pesar os terneiros encerrados na véspera, à tardinha.

Evitar líquidos. Este é justamente o componente de erro mais importante. Os bebedouros devem ser esvaziados ou tampados.

As condições de pesagem devem ser as mesmas para todos os animais de um grupo a ser comparado.

Ao *desmame*, se for do interesse do criador, coletar os dados sobre o peso das vacas (opcional).

Práticas de manejo estressantes que afetam a tomada de dados como, por exemplo, castração, vacinação, marcação ou assinalamento, devem ser deixadas para outro momento.

Outras recomendações gerais sobre as pesagens são:

- (a) usar uma balança pequena, com limite de peso até 1500 Kg;
- (b) a balança deve estar colocada na mangueira em sequência ao brete;
- (c) a pessoa que identifica os animais deve ser sempre a mesma, sendo a leitura feita nas duas orelhas, e devendo a informação ser repassada diretamente, sem intermediários;
- (d) a pessoa que pesa os animais deve ser sempre a mesma.

Com relação à tomada de dados é importante ainda salientar: (a)

jamais “estimar” os pesos informados;

(b) pesar a totalidade da produção, especialmente na desmama, realizando o descarte somente após esta tarefa;

(c) ao não informar os dados de animais descartados, pode-se dizer que o criador está melhorando o pior, castigando os animais de melhor desempenho e produzindo um viés na tendência genética.

#### 6.2. – Avaliações por escores visuais

Tem influência de 50% no Índice de Seleção ao Desmame e Final, contribuindo, em geral, cada um destes Escores Visuais (Conformação, Precocidade, Musculatura e Tamanho) para sua composição. Atualmente estão sendo desenvolvidos índices mais específicos para cada raça.

Antes de iniciar os procedimentos de avaliação visual, *separar*:

- machos de fêmeas; e
- cruzados de não cruzados.

No processo de avaliação da CPMT, os animais *sempre* são avaliados comparativamente aos animais do seu Grupo de Manejo (GM). É importante olhar atentamente o grupo de animais, no seu conjunto, formando uma idéia dos animais médios, dos superiores e dos inferiores.

A *escala* de Escores Visuais para avaliar as características CPMT varia de 1 a 5, onde 1 é o menor e 5 é o maior grau. Não são atribuídas notas com sinal positivo ou negativo. Como dito acima, esta escala é sempre relativa ao padrão zootécnico do Grupo Contemporâneo, mais especificamente do grupo de manejo que está sendo avaliado. Portanto, em todos os grupos os animais deverão receber notas de 1 a 5, independente de qualquer comparação absoluta com outro grupo ou rebanho da mesma raça. Podemos resumir a escala de escores da seguinte maneira, sendo estes escores relativos a média do grupo contemporâneo:



| Escore | Mérito do animal para a Característica |
|--------|----------------------------------------|
| 5      | Ótimo; animal superior                 |
| 4      | Um pouco acima da média                |
| 3      | Animal médio;                          |
| 2      | Um pouco abaixo da média               |
| 1      | Animal inferior                        |

#### 6.2.1. – Conformação = C

Na apreciação da conformação são importantes as características : presença de massas musculares e quantidade total estimada de carne na carcaça (dadas pelo seu grau de musculosidade) . Envolve também aspectos de estrutura física boa e forte e tamanho corporal, principalmente o comprimento. Outro aspecto a considerar ao avaliar a conformação é olhar para o animal vivo, mas procurando visualizar ou imaginar sua carcaça depois de abatido, já no frigorífico.

#### 6.2.2. – Precocidade de terminação = P

Ao contrário do proposto por LONG (1973), no Sistema de Avaliação Ankony original, através da característica Ausência de Gordura Excessiva, avalia-se, como Precocidade de Terminação, a capacidade ou grau de deposição precoce de gordura. Assim, atualmente, o que se busca, são animais que atinjam a terminação (acabamento para o abate) mais cedo. Avalia-se a capacidade do animal chegar a um grau de acabamento mínimo aceitável de carcaça, com um peso não elevado.

É analisado também o biótipo do animal. O tipo longilíneo, representado por um animal alto, esguio, com pouca profundidade de costelas e enxuto, caracteriza um animal “new type”, mais tardio, e, por- tanto, menos precoce. Enquanto o animal de estatura média, mais “troncudo”, com boa profundidade de costelas, boas massas musculares, virilha preenchida - desde que aliada a um bom desenvolvimento corporal - define o animal mais precoce, recebendo notas mais altas para esta característica.

Recomenda-se observar a ponta das paletas, sobre as últimas costelas e sobre a linha média do dorso, onde qualquer cobertura tecidual é deposição de gordura.

#### 6.2.3. – Musculatura = M

Avalia-se o desenvolvimento da massa muscular como um todo, observando-se pontos como o antebraço, a perna, a paleta, o lombo, a garupa e principalmente, a largura e profundidade dos quartos traseiros.

Analisando-se os animais parados, nota-se que os de musculatura mais desenvolvida apresentam os membros afastados, tanto de frente como de trás. Quando o animal se desloca, observa-se o movimento dos músculos, que se contraem e aumentam de volume ritmicamente, delineando sua forma. Isto os diferencia da gordura, que “sacode” sem apresentar formato definido.

O animal de musculatura forte tem o peito amplo e é mais largo na parte inferior do corpo. Já o animal de musculatura débil ou fraca, tem o peito fechado e é mais largo na parte superior do corpo.

#### 6.2.4. - Tamanho do esqueleto = T

Compreende o comprimento e, principalmente, a altura do animal, considerando sua idade ou data de nascimento.

Outras características avaliadas pelo PROMEBO, que não participam do Índice de Seleção, são:

#### 6.2.5. - Circunferência escrotal (CE)

A importância da medição desta característica em touros jovens, em um programa de melhoramento, é que ela é um excelente indicador da fertilidade e precocidade sexual da progênie destes touros.

O tamanho testicular apresenta uma alta correlação com o volume e qualidade de sêmen produzido, associando-se ainda favoravelmente com a idade à puberdade em vaquilha. A alta herdabilidade desta característica permite a obtenção de uma boa resposta seletiva.

Recomenda-se coletar esta informação junto com a pesagem pós-desmama (ou final) dos animais.

Se coletada em outra oportunidade, anotar além da CE e data da medição, o peso e o grupo de manejo dos touros em questão. Ao tomar a medida da CE, usar uma escala em centímetros, com uma casa

decimal (por exemplo, 32,7 cm).

#### 6.2.6. - Tamanho do Umbigo/ Prepúcio = U

É uma característica funcional. Avalia-se o tamanho e o formato do prepúcio e/ou umbigo.

No processo de avaliação do “U”, os animais sempre são analisados em relação a um tamanho e formato de prepúcio/umbigo ideal. São dadas notas maiores para prepúcio e/ou umbigo maiores e notas menores para prepúcio e/ou umbigo menores.

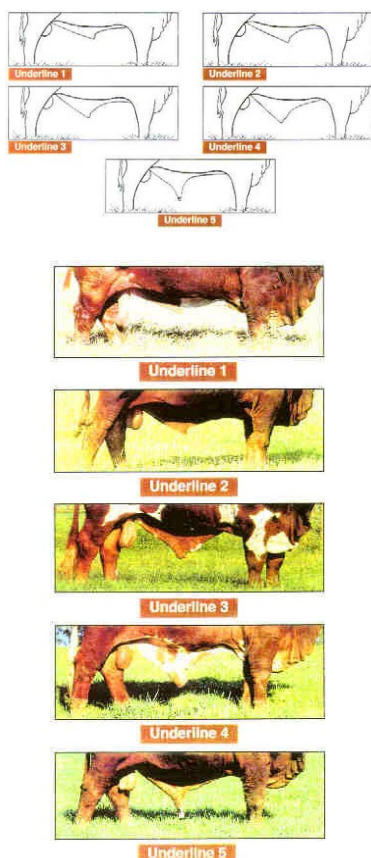
O Umbigo/ Prepúcio é avaliado, em raças sintéticas, através de escores visuais, conforme a seguinte escala:

| Escore | Tamanho do Umbigo    |
|--------|----------------------|
| 5      | Grande, intolerável  |
| 4      | Grande mas tolerável |
| 3      | Médio, ideal         |
| 2      | Pequeno              |
| 1      | Tipo europeu         |

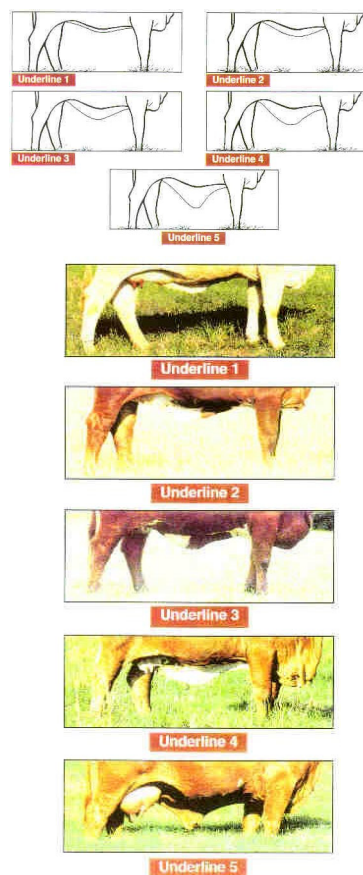
Apresenta-se, abaixo, ilustrações para orientar os produtores na coleta desta informação. (Convenção: onde se lê “underline”, leia-se escore)

(a)- Touros:

#### 6.2.7. - Condição corporal



(b)- Fêmeas:



A Condição ou Estado Corporal é um fator importante para auxiliar no manejo do rebanho. Não é um critério de seleção.

Serve também para compreender mudanças na avaliação nas duas etapas - desmame e pós-desmame - e indica em que condição estavam os animais quando foram avaliados.

Os escores são anotados conforme a tabela a seguir:

| Escore | Condição Corporal                           |
|--------|---------------------------------------------|
| 5      | Excelente (por ex., animal de cabanha)      |
| 4      | Bom estado (por ex., em pastagem cultivada) |
| 3      | Médio, normal (sem gordura)                 |
| 2      | Fraco, magro (um pouco descarnado)          |
| 1      | Raquítico                                   |

#### 6.2.8. - Pigmentação ocular ou da pálpebra:

É uma característica importante para as raças suscetíveis ao carcinoma ocular. Mesmo apresentando herdabilidade média, o descarte direto dos animais com o problema de carcinoma ocular é ineficiente em termos de melhoramento, pois as lesões aparecem relativamente tarde na vida do animal. Assim, a seleção por pigmentação é mais prática e eficiente, além de auxiliar no controle da conjuntivite.

A pigmentação nas pálpebras possui herdabilidade alta (entre 40 e 60%) e, portanto, responde à seleção. A pigmentação da pálpebra e do globo ocular (esta última de mais difícil avaliação e desenvolvimento mais tardio) parecem ser correlacionadas e, assim, a seleção por uma resulta em mudança favorável na outra. A seleção contra o carcinoma ocular deve ser precedida por seleção por pigmentação da pálpebra.

Códigos a usar na coleta de dados de pigmentação ocular (ou mais precisamente, da pálpebra):

- 1 = sem pigmentação
- 2 = um olho parcialmente pigmentado
- 3 = um olho totalmente pigmentado
- 4 = dois olhos parcialmente pigmentados
- 5 = dois olhos totalmente pigmentados

#### 6.3. - Momentos estratégicos na coleta de dados:

Cada animal sofre duas pesagens e classificações em momentos estratégicos: a primeira à DESMAMA e, a segunda, correspondente ao PERÍODO PÓS-DESMAMA, a qual é, de preferência, realizada no outono, quando o rebanho é manejado em condições extensivas de criação.

- *Peso à Desmama*: trabalha-se com o peso à desmama ou o ganho pré-desmama com o objetivo de avaliar o crescimento dos produtos até a desmama, em conjunto com a habilidade materna (produção de leite dos ventres). Representa efeitos diretos (sobre o peso à desmama propriamente dito) e efeitos indiretos (habilidade materna), isto significando que este peso é afetado pelos genes do terneiro para crescimento, como também pelo potencial genético da mãe quanto à habilidade leiteira.

A coleta dos dados de desmama deve ser realizada quando os animais tiverem, em média, entre 6-7 meses de idade (205 dias, mais precisamente), de modo a que tenham entre 160 e 250 dias de vida. Quando ocorrer desmama antecipada ou precoce esta informação deve ser relatada ao programa, evitando erros nos procedimentos de ajustes utilizados.

*Desmama Simulada*: é recomendável que a pesagem e classificação seja realizada no momento de desmama efetiva dos produtos da safra, acompanhando esta prática de manejo no estabelecimento. Entretanto, se isto não for possível, o criador pode coletar estas informações de forma antecipada, juntando os produtos com suas mães até que possa efetivamente desmamá-los através do aparte de suas mães.

- *Peso Final*: serve para avaliar o crescimento pós-desmama e/ou o ganho final. Através desta medição é possível identificar reprodutores com potencial para melhorar o ganho diário pós-desmama, obtendo-se animais mais precoces e pesados, capazes de produzir mais Kg de carne por hectare. O peso final representa um só valor resultante da combinação do peso à desmama com o crescimento pós-desmama. Esta variável consiste em um indicativo da aptidão que um determinado reprodutor apresenta em transmitir à sua progênie capacidade de crescimento pós-desmama até a idade de abate.

O período pós-desmama deve iniciar na data em que forem coletados os pesos à desmama (o peso real à desmama é utilizado como peso inicial do teste pós-desmama). O período entre o peso à desmama e o peso final deve ser de pelo menos 160 dias. A idade média dos animais nesta pesagem final é variável, indo desde os 365 até 550 dias de vida, em função do manejo e condição alimentar do rebanho durante esta fase.

Em sistemas de criação extensivos, com estação de monta e parição definidas, na prática, as produções podem ser divididas em duas etapas: *primavera* e *outono*.

- Produção de *primavera*: pesagem e avaliação ao SOBREANO, ou aproximadamente 18 meses.
- Produção de *outono*: pesagem e avaliação ao ANO, ou 12 meses.

Resumindo:

| PRODUÇÃO  | Desmama   | Pós-Desmama | CATEGORIA |
|-----------|-----------|-------------|-----------|
| Primavera | Outono    | Outono      | Sobreano  |
| Outono    | Primavera | Outono      | Ano       |

O criador que tenha somente produção de Primavera movimenta com o gado *só uma vez por ano*, em função do *Promebo*<sup>□</sup>.

Sistemas de criação semi-extensivos, caracterizados por uma pecuária de ciclo curto – Sistema Um Ano - temos a seguinte situação:

| PRODUÇÃO  | Desmama | Pós-Desmama | CATEGORIA |
|-----------|---------|-------------|-----------|
| Primavera | Outono  | Verão       | 410 Dias  |

Já nos sistemas de criação extensivos, sem definição de estação de monta, pode-se sugerir o seguinte calendário ou cronograma de coletas:

| PRODUÇÃO  | Meses       | Desmama | Pós-Desmama    | CATEGORIA |
|-----------|-------------|---------|----------------|-----------|
| Primavera | 08/09/10/11 | Mar/Abr | Outono         | Sobreano  |
| Verão     | 12/01/02    | Jul/Ago | Outono         | 410 Dias  |
| Outono    | 03/04/05    | Out/Nov | Início Inverno | 410 Dias  |
| Inverno   | 06/07       | Dez/Jan | Início Inverno | Ano       |

Nos sistemas de criação mais intensivos, sob regime alimentar racionado ou em confinamento, característico de animais em preparo para exposições (“cabanha”), recomenda-se o cronograma a seguir especificado:

| <b>PRODUÇÃO</b> | <b>Meses</b> | <b>Desmama</b> | <b>Pós-Desmama</b> | <b>CATEGORIA</b> |
|-----------------|--------------|----------------|--------------------|------------------|
| Primavera       | 08/09/10/11  | Março          | Dezembro           | 410 Dias         |
| Verão           | 12/01/02     | Julho          | Dezembro           | Ano              |
| Outono          | 03/04/05     | Outubro        | Junho              | 410 Dias         |
| Inverno         | 06/07        | Janeiro        | Junho              | Ano              |

Muitas propriedades pesam mensalmente seus animais sob esse regime de cabanha. Recomenda-se informar ao programa estes dados de pesagem. Entretanto, é importante alertar sobre a necessidade de adotar os seguintes procedimentos no momento das coletas de Desmama e Pós-Desmama indicados na tabela acima:

- 1 - Estas pesagens devem ser precedidas de jejum total de 12-14 horas;
- 2 - Proceder a classificação dos animais através dos escores visuais: C/P/M.

#### 6.4. - Preenchimento dos procoletas

*Procoleta* é o formulário que se utiliza no campo para as anotações de pesagem e avaliação dos animais. É emitido em duas vias.

Na fase de desmame, junto com o Procoleta é emitida a Listagem de Vacas a serem Pesadas.

- Preenchimento:

- a) Peso da vaca: passar para o procoleta os pesos que foram anotados na listagem de vacas a serem pesadas.
- b) Sexo do produto: verificar se a anotação está de acordo com a que foi informada. Utilizar sempre a codificação recomendada:

- 1 = Macho
- 2 = Fêmea
- 3 = Macho cadastro
- 4 = Fêmea nascida gêmea de macho

- c) Código ou grupo de manejo: Este dado é imprescindível. Na sua ausência o animal não será avaliado. Alguns códigos recomendados são:

- a) Código de Criação (fase de desmama):

- 1 = Campo nativo
- 2 = Irregulares: "guachos", doentes
- 3 = Pastagem cultivada
- 4 = Preparo para exposição ("cabanha")
- 5 = Racionado (pasto e ração)
- 6 = Creep Feeding (suplementação a campo)
- 7 e 8 = abertos
- 9 = Gêmeos criados pela mãe
- 10 = Desmama precoce
- 20 = Ama leiteira
- 21 = Receptora (TE)

- b) Código de Manejo Pós-desmama:

- 1 = Campo nativo
- 2 = Irregulares: doentes
- 3 = Pastagem cultivada
- 4 = Preparo para exposição ("cabanha")
- 5 = Racionado
- 6 = Suplementação à campo
- 7 e 8 = abertos
- 10 a 98 = abertos
- 99 = animais com excesso de preparo ou peso fora do limite superior

Importante este é o momento de o criador diferenciar as oportunidades que os animais tiveram para expressar seu potencial genético, a fim de que as comparações entre eles sejam justas. Todas as diferenças de manejo existentes entre grupos de animais (Grupos de Manejo), devem ser anotadas através do código ou grupo de manejo alimentar. Além dos códigos sugeridos, o criador pode utilizar os que estão em aberto, ou qualquer outro, até dois dígitos. Sempre que houver significativa variação na qualidade e disponibilidade alimentar nos poteiros, mesmo que estes tenham o mesmo tipo de pasto, os animais devem ser separados em grupos de manejos distintos, através do código usado.

- c) Data do desmame: escrevê-la sempre com seis algarismos.
- d) Peso real ao desmame: deve ser tomado após 12-14 horas de jejum total.
- e) Escores de conformação: preencher esta coluna com o escore de Conformação (ver página 4), na escala de 1 a 5, sem sinal positivo ou negativo.
- f) Condição:
- g) Sistema Ankony: utilizar a coluna:
  - G - para anotar Precocidade,
  - M - para Musculatura,
  - T - para Tamanho e,
  - A - para Tamanho do Umbigo, nas raças sintéticas.

Para a *fase pós-desmame* as instruções são as mesmas.

No espaço "*sexo do animal*" este deve ser anotado, pois no caso dos machos, alguns podem ter sido castrados após o desmame.

O animal que não foi pesado no Desmame JAMAIS poderá ser avaliado no Pós-Desmame. Observação: também estes dados podem ser enviados em disquete ou via Internet através de uma Interface entre o Programa de Controle de Produção do Criador e o PROMEBO.

#### 7. - Algumas considerações gerais:

Os ganhos genéticos, possíveis de se obter com a utilização do programa, conduzem para um sistema estável a cada etapa e sempre cumulativo, de maior produtividade e rentabilidade, pois nenhum outro investimento é necessário, como por exemplo, melhorar o ambiente, a infra-estrutura de trabalho e as condições de criação.

Para obter maior benefício com o PROMEBO, o criador deverá incluir todos os animais de cada produção do rebanho em melhoramento, mantendo-os em condições de manejo e alimentação uniformes. De nada adianta inscrever, a cada ano, alguns animais escolhidos ou apartados ao acaso.

### III - Metodologia, DEP e relatórios do Promebo®

#### Metodologia

##### ☐ Introdução:

Para estimar o mérito genético dos animais no PROMEBO®, é utilizada a *Metodologia dos Modelos Mistos - MMM*. Este método é constituído de um conjunto de modelos estatísticos, onde se destaca o modelo para avaliação nacional de touros e o modelo animal. Um modelo misto consiste num modelo linear contendo variáveis fixas (por ex. grupo contemporâneo) e variáveis aleatórias ou genéticas (touros pais e vacas) cujos efeitos são estimados simultaneamente, o que permite predições genéticas mais precisas. Foi desenvolvida por pesquisadores da América do Norte e adaptada para o uso em microcomputadores e para as condições gaúchas, por Luiz A. Fries.

##### ☐ Vantagens da Metodologia dos Modelos Mistos:

(\*) Leva em consideração os acasalamentos dirigidos, ao incluir a vaca mãe no modelo;

(\*) Considera a distribuição dos filhos dos touros nos diferentes grupos contemporâneos e não somente o número de filhos;

- (\*) Leva em conta diferenças genéticas entre grupos e, por conseguinte, considera o nível de competição entre touros e vacas presentes em cada grupo contemporâneo;
- (\*) As estimativas de valor genético (as chamadas Diferenças Esperadas na Progenie - DEPs) dos touros pais, vacas e produtos são diretamente comparáveis;
- (\*) Usa todas as informações disponíveis, inclusive parentes, sendo as análises efetuadas com dados acumulados de todas as produções; e, (\*) Permite estimar o ganho genético e ambiental.

#### □ Modelo Animal:

A principal característica do Modelo Animal é fornecimento de estimativas de valor genético, mesmo para touros jovens, sem filhos ainda, não incrementando tanto o intervalo entre gerações, como ocorre no teste exclusivamente pela progênie. A seleção de reprodutores pela performance própria é de extrema importância no melhoramento de gado de corte, onde as características, em geral, podem ser medidas no próprio indivíduo e tem herdabilidade de média a alta (com exceção das características reprodutivas). O Modelo Animal leva em consideração na estimativa de valores genéticos, além dos efeitos de touros pais e vacas, informações sobre a performance própria do indivíduo, o que permite que touros jovens, ainda sem progênie, sejam comparados com touros mais velhos. Isto resulta em um aumento na utilização de animais mais jovens e num progresso mais rápido por geração.

A forma de apresentação do mérito genético estimado dos animais, avaliados através da MMM, é a diferença esperada na progênie - DEP

Diferença Esperada na Progenie - DEP

#### □ Introdução:

A DEP é o principal critério utilizado em programas de avaliação genética, para ordenar os animais pelo seu mérito genético estimado. É um instrumento poderoso para direcionar a seleção em características de performance economicamente importantes, satisfazendo aos variados objetivos de seleção dos criadores de gado de corte.

#### □ Conceito:

A DEP é uma estimativa do desempenho médio esperado dos futuros filhos de um determinado reprodutor (touro pai, vaca ou produto) para uma determinada característica, em relação ao desempenho médio de qualquer outro reprodutor presente na análise, desde que os acasalamentos sejam entre animais comparáveis.

#### □ Apresentação:

Os valores de DEP são relatados como desvios positivos (+) ou negativos (-) de um ponto base que é zerado. Normalmente é apresentada na mesma unidade de medida da característica que está sendo considerada. Alternativamente pode ser apresentada de forma padronizada, ou seja, em unidades de desvio padrão da característica.

A DEP é uma medida comparativa, que não deve ser encarada isolada ou absolutamente. É muito importante estar ciente da base à qual uma determinada DEP se refere.

#### □ Base:

É o ponto zero, ou seja, o ponto em que as DEPs são zeradas. A base adotada pode ser FIXA (a DEP de um determinado touro ou grupo de touros ou vacas é fixada como zero, não se alterando mais em avaliações futuras), ou pode ser móvel (quando as DEPs da totalidade dos touros ou vacas somam a zero, alterando-se a base a cada avaliação efetuada). É importante salientar que as diferenças entre reprodutores (o que está sendo estimado de fato) não se alteram ou independem da base adotada.

Nas avaliações dentro de rebanho do *Promebo*® a base é móvel, onde a média das DEPs dos touros pais e ventres do rebanho é igualada a zero.

Já nas avaliações de raça, como o Sumário de Touros, a base é fixa e as DEPs são relatadas em relação a DEP média dos touros pais nascidos até 1980. Esta base não se altera em avaliações subsequentes e facilita a estimação do ganho genético.



□ Abrangência:

a) **DEP Rebanho**: análise estatística para estimação das DEPs inclui apenas dados de um rebanho. Neste caso, somente são válidas comparações entre os reprodutores do rebanho específico.

b) **DEP Raça**: análise estatística para estimação das DEPs inclui os dados de diversos rebanhos de uma raça. Com a *DEP Raça* fornecida pelo *Promebo*® pode-se fazer comparações válidas entre todos os reprodutores de uma raça, presentes nos rebanhos conectados.

□ Estimação:

Inicialmente o programa obtém uma Solução simultânea para Grupo Contemporâneo, Touros e Vacas. As DEPs dos touros e vacas com progênie são estimadas a partir de diferenças observadas entre meio-irmãos maternos ou paternos. No caso de terneiros, de ambos os sexos, que ainda não produziram filhos, suas DEPs são estimadas de uma forma diferente, característica do Modelo Animal. Neste caso, a DEP de um produto (sem progênie), é composta por metade da DEP de seu pai, mais metade da DEP da mãe e uma terceira parte advém do componente chamado de segregação mendeliana (SM), explicada pelas diferenças observadas entre irmãos inteiros.

A segregação mendeliana é obtida de forma indireta, por diferença, através do desvio do produto em relação aos seus contemporâneos, ponderado pela herdabilidade, após subtrairmos os efeitos de touro, vaca e do próprio grupo.

$$SM = h^2 * (y - GC - t - v)$$

$$DEP_i = \frac{1}{2} (DEP_t + DEP_v) + \frac{1}{2} SM$$

□ Exemplo:

A tabela abaixo mostra o ganho de peso médio do nascimento ao desmame dos filhos de dois touros, usados em dois rebanhos com diferentes médias para a característica.

| <i>TOURO</i>     | <i>DEP<br/>GND</i> | <i>Rebanho 1<br/>(Média 150 Kg)</i> | <i>Rebanho 2<br/>(Média 200 Kg)</i> |
|------------------|--------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|
| <b>A</b>         | +15                | 165                                 | 215                                 |
| <b>B</b>         | +5                 | 155                                 | 205                                 |
| <b>Diferença</b> | 10                 | 10                                  | 10                                  |

- O importante é avaliar a diferença entre resultados e não o valor absoluto das DEPs, quando se está escolhendo reprodutores, pois como se nota, esta diferença permanece inalterada, independentemente do padrão zootécnico e do nível de melhoramento ambiental do rebanho onde seus filhos irão produzir.

□ Tipos de DEP:

a) DEP: estimada a partir dos dados dos filhos;

b) DEP INTERIM: estimada para animais jovens, sem filhos ainda. Além das informações do pai e da mãe do animal, usa também a Segregação Mendeliana (avaliação do desempenho do animal em relação a seus contemporâneos); e,

c) DEP pelo Pedigree: metade da DEP do pai mais metade da DEP da mãe. No caso de não ser possível avaliar a segregação mendeliana.

□ Acurácia:

Representa a possibilidade de alteração que pode ocorrer na DEP estimada, de uma avaliação

para a outra. Indica o nível de exatidão, a confiabilidade que se pode ter na DEP a qual esta acurácia está associada. Os valores variam de 0,0 a 1,0. Quanto mais próximos de 1,0 maior é a confiança na estimativa.

#### Relatórios de Avaliação Genética

##### □ Introdução:

Existem no *Promebo*® dois grandes grupos de relatórios, conforme a sua abrangência: os relatórios dentro de rebanho e os entre rebanhos ou de raça.

##### □ Relatórios de Avaliação Genética dentro de Rebanho:

São relatórios emitidos imediatamente após o recebimento dos dados do criador. Contêm dados somente do rebanho em questão e se destina à seleção intra-rebanho. Têm como característica a agilidade no processamento para que o criador disponha da informação em tempo hábil, para a seleção massal no seu rebanho.

Os relatórios contêm informações do mérito genético dos animais para as diversas características avaliadas, entretanto, é o criador que deve determinar seus objetivos e direcionar a seleção naquelas características que julga mais importantes ou que merecem mais atenção no seu rebanho.

O Índice de Seleção do *Promebo*® é uma alternativa de selecionar, combinando em uma única informação todas as características avaliadas.

Estes relatórios são o relatório de desmame, final, ventres, e touros pais.

##### □ Relatório de Desmame:

Este relatório apresenta os animais avaliados na fase de desmama. Para que um produto tenha sua DEP relatada, deve ter seu peso a desmama e outras informações indispensáveis coletadas e consistenciadas. Nesta consistência os registros que estiverem fora de limites arbitrariamente definidos para as diversas variáveis como, por exemplo, idade da mãe, data de nascimento na estação, etc..., são eliminados da análise.

Os produtos avaliados são relatados em duas ordenações: uma por ordem de número do animal e outra por ordem decrescente de DEP para ganho do nascimento a desmama, separada por sexo.

Figuram no relatórios as seguintes informações:

- 1) Animal: neste item aparece a identificação ou tatuagem do animal.
- 2) SX: sexo do animal.
- 3) CA ou GM: código de alimentação ou grupo de manejo ao qual o animal pertence.
- 4) Touro: em geral, relata-se neste campo o número de registro (HBB) do touro pai o terneiro. No caso de produto que não foi possível localizar o número de registro do pai, relaciona-se provisoriamente a tatuagem ou apelido do progenitor.
- 5) Vaca/ANV: tatuagem do ventre e o seu ano de nascimento.
- 6) DEP PES NAS: diferença esperada na progênie para peso ao nascer. Dada em Kg.
- 7) DEP GND 205: diferença esperada na progênie para ganho do nascimento a desmama ajustado para os efeitos de idade da mãe, data de nascimento e idade a desmama, padronizando o ganho para uma idade padrão de 205 dias. Dada em Kg.
- 8) DEP Conf, Prec, Musc, Tamn Padr: diferenças esperadas na progênie para os escores visuais: conformação, precocidade, musculatura e tamanho, na fase de desmama. São apresentadas na forma padronizada, ou seja, em unidades de desvio padrão da característica. Independente da escala adotada na avaliação (recomenda-se de 1 a 5), as DEPs são comparáveis, pois os valores são convertidos para uma escala padrão e ainda, o que realmente importa para o método de estimação são as diferenças dentro de grupo. Os animais de um mesmo grupo devem obrigatoriamente ser avaliados numa mesma escala.

- 9) Índice: este índice combina as características GND 205 e C P M T, num único valor, fornecendo 50% de influência para ganho de peso e 12,5% para cada um dos escores visuais. Na ausência de uma ou algumas características, a influência das que foram avaliadas aumenta proporcionalmente, mantendo os 100% do índice.
- 10) Decas: os produtos são classificados em grupos de 10% de acordo com a distribuição normal esperada, isto é, DECA 1 é o grupo de animais 10% superior quanto aos seus índices, DECA 2 entre 10 e 20% e assim por diante, até o DECA 10, que são os animais 10% inferiores da produção.

#### □ Relatório Final:

Este relatório apresenta os animais avaliados na fase de pós-desmama. Para que um produto tenha sua DEP relatada, deve ter seu peso a desmama, peso ao ano ou sobreano e outras informações indispensáveis coletadas e consistenciadas. Nesta consistência os registros que estiverem fora de limites arbitrariamente definidos são eliminados da análise. Com isso procura-se evitar que erros de cadastro afetem as estimativas obtidas.

Os produtos avaliados são relatados em duas ordenações: uma por ordem de número do animal e outra por ordem decrescente de DEP para ganho até 410 dias, separada por sexo.

Figuram no relatórios as seguintes informações:

- 1) Animal: neste item aparece a identificação ou tatuagem do animal.
- 2) SX: sexo do animal.
- 3) CA ou GM: código de alimentação ou grupo de manejo ao qual o animal pertence.
- 4) Touro: em geral, relata-se neste campo o número de registro (HBB) do touro pai o terneiro. No caso de produto que não foi possível localizar o número de registro do pai, relaciona-se provisoriamente a tatuagem ou apelido do progenitor.
- 5) Vaca/ANV: tatuagem do ventre e o seu ano de nascimento.
- 6) DEP PES NAS: diferença esperada na progênie para peso ao nascer. Dada em Kg.
- 7) DEP GND 205: diferença esperada na progênie para ganho do nascimento a desmama ajustado para os efeitos de idade da mãe, data de nascimento e idade a desmama, padronizando o ganho para uma idade padrão de 205 dias. Dada em Kg.
- 8) DEP Final 410; diferença esperada na progênie para ganho até os 410 dias de idade. Resulta da soma da DEP 205 mais a DEP para ganho no período pós-desmama. Trabalhar com a DEP 410 é uma forma de atenuar os efeitos negativos da pré-seleção a desmama. É relatada em Kg.  
A DEP pós-desmama, que compõe a DEP 410, é calculada a partir do ganho de peso neste período (peso final menos peso à desmama), sendo o ganho ajustado para os efeitos ambientais de idade da mãe (efeito compensatório), data de nascimento (e/ou idade à desmama) e para um período pós desmama padrão de 205 dias.
- 9) DEP Conf, Prec, Musc, Tamn Padr: diferenças esperadas na progênie para os escores visuais: conformação, precocidade, musculatura e tamanho, na fase de pós-desmama. Apresentadas na forma padronizada, ou seja, em unidades de desvio padrão da característica.
- 10) Índice: este índice combina as características GND 410 e C P M T, num único valor, fornecendo 50% de influência para ganho de peso e 12,5% para cada um dos escores visuais. Na ausência de uma ou algumas características, a influência das que foram avaliadas aumenta proporcionalmente, mantendo os 100% do índice.
- 11) DECAS: os produtos são classificados em grupos de 10% de acordo com a distribuição normal esperada, isto é, DECA 1 é o grupo de animais 10% superior quanto aos seus índices, DECA 2 entre 10 e 20% e assim por diante, até o DECA 10, que são os animais 10% mais inferiores da produção.

#### □ Resultado dos Grupos Contemporâneos:

Este relatório acompanha os de Desmama e Final, contendo informações sobre o efeito dos grupos contemporâneos que estão presente na produção que está sendo avaliada.

A primeira informação que aparece neste relatório é o desvio padrão médio da produção, primeiro para ganho de peso e na linha seguinte para CPMT.

Os grupos contemporâneos são formados pelo código do criador + raça + rebanho + ano de produção + estação + sexo + código de alimentação ou grupo de manejo + data juliana da pesagem (contada em dias a partir de 1º de janeiro). A seguir encontra-se o número de animais avaliados em cada grupo contemporâneo.

Finalmente o relatório expressa a DEP média (efeito) e o desvio padrão de cada grupo contido no relatório, para as características ganho de peso (205 ou 410) e para CPMT.

□ Distribuição de DECAS:

Ainda, em adição aos relatórios de desmama e final, é apresentada uma distribuição dos grupos Decas, dentre de cada sexo, informando o número de animais em cada grupo, a DEP média para cada característica, dentro do grupo e, também, o índice médio.

A última informação que consta neste relatório é o índice médio do total de animais presente no relatório e o desvio padrão do índice.

□ Relatório de Ventres:

O relatório de ventres do PROMEBO relaciona as vacas que produziram terneiros nos últimos dois anos (vacas ativas), em duas listagens:

- 1) Por ordem de número ou tatuagem da vaca; e,
- 2) Por ordem de índice materno.

Informações:

Vaca: identificação (tatuagem) da vaca;

ANV: ano de nascimento da vaca;

NF: número total de filhos produzidos pela vaca;

IDAD PRIM PART: idade ao primeiro parto (em meses);

EFIC PESO METB: peso corrigido à desmama dos terneiros da vaca, dividido pelo peso metabólico desta (em Kg). É uma medida de eficiência da vaca, relacionando necessidades de manutenção com capacidade de produção;

Habilidade de Produção Esperada: medida semelhante a Habilidade Maternal Mais Provável (HMMP), porém, dada em Kg; entre parênteses figura o número de filhos avaliados à desmama pelo PROMEBO. Combina a habilidade materna (produção de leite) e o mérito genético da vaca na transmissão de crescimento do nascimento a desmama;

DEP EC DESM: diferença esperada na progênie para conformação a desmama;

DEP GANHO PÓS-DES: dada em Kg.; número de filhos avaliados entre parênteses; DEP

EC FIN: diferença esperada na progênie para conformação final;

INTERMÉDIO PARTO: intervalo médio entre parto da vaca, em dias;

ÍNDICE MATERNO PROMEBO (IMP): é dado em percentagem, sendo calculado por:  $IMP$

$= (HPE * 365) / IMEP$ , onde

$IMP$  = índice materno PROMEBO

HPE = habilidade de produção esperada, transformada em %

IMEP = intervalo médio entre partos.

O Índice Materno do *Promebo*® combina a capacidade da vaca em desmamar terneiros pesados (HPE) com a reprodução regular (IMEP), sendo a melhor informação para escolher ventres superiores, como por exemplo doadoras de embriões ou de outra maneira para descartar ventres do núcleo controlado ou elite.

A HPE deve ser usada para descartar ventres de baixa produção leiteira, que estejam desmamando terneiros muito leves, abaixo dos objetivos de produção mínimos para o rebanho.

□ Resultado dos Touros pais dentro do rebanho:

É uma listagem fornecida para o criador, dentro de cada rebanho ou em análise conjunta de seus rebanhos da mesma raça (por ex. PO e PC), contendo a identificação, as DEPs e número de filhos avaliados, de cada touro pais utilizado no rebanho, para todas as características avaliadas.

O desempenho dos reprodutores é medido no ambiente do criador e as informações contidas são úteis para decisões dentro de rebanho.

Comparações com resultados com base na raça (Sumário de Touros) devem ser feitas com cautela, pois o ambiente médio a que a progênie de cada touro foi submetida e o nível de competição entre touros é diferente. Ainda, as avaliações de raça possuem um nível de consistência e um número de informações maior, o que as torna muito mais confiáveis.

#### □ Relatórios de Avaliação Genética Entre Rebanhos:

São relatórios provenientes de análises estatísticas contendo todos os animais dos diferentes rebanhos de uma mesma raça.

Para que um determinado rebanho participe das avaliações de raça, este precisa ter laços genéticos com o grande grupo da raça (rebanhos conectados). Os laços genéticos são determinados pelo uso de touros em comum, através da Inseminação Artificial, e são eles que permitem a comparação direta de animais de diferentes rebanhos.

As avaliações de raça do PROMEBO® são a parcela mais importante de todo programa, para o progresso genético de cada raça. Ao levar em conta o valor genético de cada rebanho em específico e considerar

a raça toda como um único grande rebanho, o programa de raça permite que os animais selecionados provenham de uma base muito maior. Com isto aumenta-se a precisão de seleção, eliminando-se o risco de se selecionar animais, em rebanhos geneticamente inferiores, como melhoradores da raça.

O programa de raça possibilita a publicação de sumários de reprodutores, pesquisas de ventres superiores, estimação de tendências genéticas de cada raça, pesquisa de produtos superiores (por ex. Decas 1 e 2 para receberem dupla tatuagem na seleção de puros por cruzamento), DEPs da raça para comercialização de reprodutores (catálogos de remates) e, futuramente, possibilitarão, a critério do criador, a seleção dentro de rebanho.

#### □ Sumário de Touros da ANC:

O Sumário de Touros da ANC é uma avaliação nacional de reprodutores das raças taurinas controladas pela Associação. É uma publicação anual ou semestral e tem por finalidade orientar os criadores na escolha de reprodutores para serem utilizados através da Inseminação Artificial nos rebanhos.

No Sumário são listados todos os reprodutores que possuem filhos avaliados nos rebanhos controlados pelo PROMEBO®, desde que atinjam um número mínimo de filhos e de acurácia (exatidão) na informação gerada. Critérios de publicação são determinados arbitrariamente para cada edição e para cada raça.

Os touros são listados pelo nome, em ordem alfabética. Para cada touro é informada a distribuição da sua progênie nos rebanhos, as DEPs e a suas acurácias para todas as características avaliadas e ainda as Decas nas quais os touros se encontram classificados.

#### □ DEP da Raça para Comercialização de Produtos:

É possível para o criador dispor das DEPs de seus produtos, ainda sem progênie, com base na raça. Recomenda-se que estes dados sejam utilizados na comercialização dos produtos, tanto em remates como vendas diretas, dando desta maneira a segurança ao comprador de estar adquirindo uma mercadoria selecionada e comparada com a raça como um todo.

Para obter as estimativas de DEPs com base na raça o criador deve enviar ao PROMEBO® uma lista dos produtos que serão comercializados, solicitando a resultados de avaliação a nível de raça destes animais.

#### □ PROCESSAMENTO DOS DADOS

Equipamentos computacionais de alta performance, métodos de pesquisa e de avaliação genética modernos e sofisticados de nada servem se a abrangência e a qualidade dos dados analisados deixam a desejar. Informações de qualidade derivam de uma coleta de dados de campo cuidadosa, por parte de usuários e técnicos ligados ao programa, no que se refere à reprodução, identificação, nascimentos e pesagens. Os cuidados devem ser extremos também na alimentação do sistema, ou seja, na entrada dos dados vindos do campo para a base de dados do programa, ao passar pelos processos de digitação, conferência, atualização e consistência.

- Estrutura (Conectabilidade):

Um dos objetivos dos programas de melhoramento que usam a metodologia de modelos mistos é o de obter condições de tratar os diferentes rebanhos de uma raça como um rebanho único. Nas comparações entre animais de diferentes rebanhos, exige-se uma base de dados bem estruturada, obtida pelos laços diretos e indiretos existentes entre estes rebanhos, formados através de touros pais usados em comum, em mais de um rebanho.

Na verdade, existe uma sinergia entre a metodologia de modelos mistos e a inseminação artificial (IA). Quanto mais intenso for o uso da IA na população, melhor é a conectabilidade no conjunto de dados e mais preciso é o método nas predições de valor genético dos reprodutores. Os Sumários de Touros, que devem ser editados com uma periodicidade no mínimo anual para cada raça, se constituem em verdadeiros guias, orientando quanto ao uso de touros formadores de laços genéticos, visando aumentar a conexão entre os diferentes rebanhos.

Algumas recomendações importantes no que se refere ao uso de touros são:

- (a) a totalidade ou maioria dos grupos contemporâneos de um rebanho deveria ter um determinado número de filhos (proporcional ao tamanho do grupo), de pelo menos um (preferencialmente, dois ou mais) dos touros formadores de laços (touros listados nos Sumários, com razoável número de filhos, distribuídos por, no mínimo, mais de dois rebanhos);
- (b) sempre utilizar mais de um touro na estação reprodutiva; se possível, no mínimo 25% dos terneiros produzidos devem ser produtos de IA.
- (c) visando formar laços entre anos e estações, jamais trocar todo o grupo de touros usados, de uma estação reprodutiva para outra;
- (d) se possível, a progênie de touros utilizados em monta coletiva (reprodutores múltiplos ou RM) não deve ultrapassar os 50 % do total de produtos nascidos (quanto maior o número de filhos com pai conhecido, melhor tende a ser a estruturação do conjunto de dados);
- (e) não formar grupos de manejo somente com filhos de RM; e
- (f) não usar somente RM sobre as novilhas de primeira cria; se possível, usar a inseminação artificial em pelo menos, uma percentagem das vaquilhaças disponíveis.

Referências:

BEEF IMPROVEMENT FEDERATION, 1972. Guidelines for uniform improvement programs. Washington, USDA, 72p.

LONG, R. A. 1973. El Sistema de Evaluación de Ankon y su aplicación en la mejora del ganado. Grand Junction, Colorado, ANKONY CORPORATION, 21p.

SEVERO, J. L. P. 1994. Manejo e Controle de Produção para Implantação de um Programa de Melhoramento Genético de Bovinos de Corte. Anais do Simpósio Bovinos de Corte: Seleção e Cruzamentos. Porto Alegre, RS.

## **Referências Bibliográficas**

*Carlos Roberto Martins Brasil in Pioneiros Açorianos – Notas Históricas e Genealógicas, Editora e Distribuidora Gaúcha Ltda, 2005 páginas 88, 91, 1450, 152, 167, 168, 171.*

*Associação Brasileira de Criadores de Charolês in A Formação da Raça Charolêsa, Livraria Editora Pallotti.*

*Associação do Registro Genealógico Sul-rio-grandense in Herd-Book Collares – 65 Anos, Ascar – Serviço de Produção de Material*

*Educativo. Rute Vieira Araújo in Cavalos de*

*Tração, Editora três.*

*M. H. French em colaboración com I. Johansson, N.R. Joshi y E. A. McLaughlin in Razas Europeas de Ganado Bovino, Stabilimento Tipolitografico Fausto Failli – Roma.*



## Autor

**A**milton Cardoso Elias nasceu aos 17 de janeiro de 1950, em Canguçu, no Estado do Rio Grande do Sul. Iniciou seus estudos na Escola Municipal São Jorge, no interior daquele município, tendo sido alfabetizado pela professora Hilza Cardoso Elias, que era sua mãe. Concluiu o Curso Primário na Escola Rural Bruno Blaas, também localizada no Interior daquele município. Para continuar os estudos, mudou-se para Pelotas, onde concluiu os cursos Ginásio Agrícola e Técnico Agrícola, no Colégio Agrícola Visconde da Graça. Ainda na mesma cidade, ingressou no curso de Engenharia Agrônômica, da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, pertencente à Universidade Federal de Pelotas, onde foi Monitor na disciplina Introdução à Zootecnia durante os dois últimos anos do Curso. Formou-se em Agronomia no final do ano de 1975 e já no início de 1976 começou a trabalhar para a Associação Nacional de Criadores Herd-Book Collares, ocupando o cargo de Inspetor Zootécnico. Atuando na condição de autônomo durante os Dois primeiros anos, foi admitido como funcionário efetivo a partir de então. Em 1989, foi nomeado Superintendente Substituto do Serviço de Registro Genealógico, cargo que ocupa até hoje, sem ter abandonado a função de Inspetor Zootécnico.

